



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

BRENO RODRIGO DE OLIVEIRA ALENCAR

Noivado e ritos pré-nupciais

Um estudo sobre significados, experiências e codificações de uma unidade cultural

BELÉM, PARÁ

2019

BRENO RODRIGO DE OLIVEIRA ALENCAR

Noivado e ritos pré-nupciais

Um estudo sobre significados, experiências e codificações de uma unidade cultural

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Orientador: Profa. Dra. Carmem Izabel Rodrigues

BELÉM, PARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

A368n Alencar, Breno
Noivado e ritos pré-nupciais : um estudo sobre
significados, experiências e codificações de uma unidade
cultural / Breno Alencar. — 2019.
476 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Carmem Izabel Rodrigues
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. noivado. 2. ritual. 3. experiência. 4. codificação. I.
Título.

CDD 301

BRENO RODRIGO DE OLIVEIRA ALENCAR

Noivado e ritos pré-nupciais

Um estudo sobre significados, experiências e codificações de uma unidade cultural

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Profa. Dra. Carmem Izabel Rodrigues, como requisito parcial para a qualificação no Curso de Doutorado em Antropologia

Data da Avaliação: 24 / 05 / 2019

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Carmem Izabel Rodrigues – PPGSA/UFPA (Presidente)

Profa. Dra. Maria Angélica Motta-Maués – PPGSA/UFPA (Examinadora Interna)

Profa. Dra. Edna Ferreira Alencar – PPGSA/UFPA (Examinadora Interna)

Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante – PPGS/UFPI (Examinadora Externa)

Profa. Dra. Cristina Donza Cancela – PPHIST/UFPA (Examinadora Externa)

Profa. Dra. Telma Amaral Gonçalves – IFCH/UFPA (Examinadora Externa)

Profa. Dra. Ana Paula Palheta Santana – SCH/UFPA (Examinadora Suplente)

Teodoro, eu comecei este trabalho quando você era um sonho e termino ele te buscando na escola. Dedico o mesmo a você, na esperança de que compreendas e contemple o quão profundo é o meu amor por ti.

AGRADECIMENTOS

Esta tese representa o final de um ciclo de experiências e aprendizados. Sua realização, contudo, só fora possível devido a compreensão e a generosa acolhida de minhas ideias por diferentes personagens, entre eles professores, amigos, familiares e interlocutores. A eles toda minha gratidão.

Em especial à Carmem Izabel Rodrigues, minha orientadora. Carmem, obrigado por ter me aceito como seu orientando no mestrado e no doutorado nessa parceria que já dura mais de uma década. Sua admirável lucidez analítica somada ao rigor com o qual você me submete quando das leituras e revisão bibliográfica, interpretação dos dados e escrita do texto não só foram de fundamental importância para que a pesquisa se desenvolvesse como expressam seu cuidado e atenção com minha formação intelectual ao longo de todos esses anos.

Agradeço às professoras Angélica Motta-Maués e Edna Ferreira Alencar por terem desempenhado um importante papel no desenvolvimento da pesquisa, seja como professoras durante o curso ou durante a qualificação, oportunidade na qual pude revisar a metodologia e os rumos da investigação. Reitero minha especial gratidão por terem aceito o convite para minha defesa e estendo este agradecimento às professoras Francisca Verônica, por seu incentivo ao estudo das emoções e sua generosa acolhida como aluno especial na Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Antropologia da Universidade Federal do Piauí; Cristina Donza Cancela, por abrir as portas da pesquisa acadêmica quando do convite para uma bolsa de iniciação científica durante minha graduação em Ciências Sociais; e Telma Amaral Gonçalves, pela atenção com que acolheu minhas dúvidas e pela delicadeza com a qual compartilhou suas experiências e reflexões sobre o amor e o casamento no curso desta investigação.

Na esteira destes agradecimentos gostaria de enaltecer a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras com quem tive o privilégio de compartilhar os resultados parciais da pesquisa através da participação em congressos e do intercâmbio acadêmico, a exemplo de Baptiste-Coulmont, João Miguel Manzolillo Sautchuk, Andrea de Souza Lobo, Michele Escoura, Marina Blank, Cristina Teixeira Marins, Érika Pinho e Yoliliztli Pérez Hernández, cujas críticas e sugestões também foram de importante valia para o delineamento teórico e metodológico do trabalho. Aproveito para

agradecer ainda a María Liliana Arellanos Mares, cuja amizade e parceria intelectual ao longo da pesquisa resultou na publicação do livro “Etnografias do afeto”.

Agradeço também aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, em especial à Edileuza Paes, Rosângela dos Santos Borges e Paulo Roberto de Araújo Pinto (*in memoriam*), pela generosa maneira com que sempre lidaram com minhas demandas acadêmicas, seja auxiliando-me em meus requerimentos, ofícios ou dúvidas, indispensáveis ao exercício da atividade discente.

Agradeço ainda ao Instituto Federal do Pará e aos seus servidores pelo atendimento ao meu pleito de afastamento para a dedicação integral ao doutoramento e em especial à professora e amiga de todas as horas Ana Paula Palheta, cuja nobreza de espírito é farol para minha atuação, como pessoa e educador.

Sou grato a todos os interlocutores da pesquisa – cujos verdadeiros nomes tomei o cuidado de preservar –, sobretudo aos noivos e noivas porque me abriram as portas de suas casas e de suas vidas para que eu conhecesse um pouco melhor as ideias, sonhos e angústias que cercam a experiência nupcial e aos membros da pastoral familiar, em especial seus coordenadores, que tanto na paróquia da Santíssima Trindade em Belém como em Nossa Senhora de Fátima em Teresina acolheram não só a proposta e metodologia de investigação como minha própria família em suas atividades, demonstrando carinho, respeito e um genuíno interesse em colaborar com a realização do trabalho.

Devo um agradecimento especial a Hélio Azevedo e sua esposa Ermita, por dispor da documentação relativa à pastoral familiar da paróquia da Santíssima Trindade em Belém e mediar o encontro com os fundadores do Curso de Noivos, entre eles Monsenhor Geraldo Menezes, fonte de luz e sabedoria, mas que infelizmente nos deixou no curso da pesquisa.

Rendo agradecimentos também a amigos e familiares, entre eles Thalita Ximenes, Margareth Dias, Diucele Furtado, Daniel Gomes, José Wilson Júnior, Patrícia Lia pela indicação de interlocutores e aos casais Rui Hugalde e Luana França e Liane Ferreira e William Ferreira por terem dedicado parte de seu tempo colaborando para o aperfeiçoamento das técnicas de coleta de dados empregadas no curso da pesquisa. Devo um agradecimento especial ao casal Fabiana e Marcus Alencar e ao amigo Amílcar Martins, por terem confiado a mim o relato de suas experiências nupciais.

Agradeço ainda à minha sogra, Sara Maria, ao meu cunhado Máximo Filipe e a minha tia Zena Alencar por oferecerem o aconchego dos seus lares durante meu intercâmbio acadêmico nas cidades de Teresina e Brasília.

Agradeço também ao meu irmão Wilkins Oliveira (“Kinho”) e à Maria Zilda, sua “quase-noiva”, pela ajuda na transcrição e análise dos dados documentais.

Por fim, sou eternamente grato a minha esposa, Alice Maria. Sem o seu apoio, afeto e compreensão eu não teria a coragem e a criatividade necessárias para enfrentar as renúncias e os desafios que a vida acadêmica impõe a quem se ama como nós.

[...] o estudo dos rituais [é] uma maneira de estudar como os elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário. [...] O mundo ritual é, então, uma esfera de oposições e junções, de destacamentos e integrações, de saliências e inibições de elementos. [...] Em uma palavra, o universo do ritual é o mundo do efetivamente arbitrário e do puramente ideológico. [...] Minha posição é a de que o rito, como o mito, consegue colocar em *close up* as coisas do mundo. Um dedo é apenas um dedo integrado a uma mão, e essa mão a um braço, e esse braço a um corpo. Mas, no momento em que se coloca no dedo um anel que marcará o status matrimonial de uma pessoa, esse dedo muda de posição. Continua a ser um dedo, mas é ao mesmo tempo muito mais que isso. De fato, esse dedo é agora algo que pode ser destotalizado e visto como um elemento independente, associado a um anel e uma posição social. Colocou-se, assim, o dedo em *close up*. E provocou-se, conforme acentuam Ramos e Peirano (1973), uma transposição de elementos de um cotidiano para outro. O dedo, que é um elemento cotidianamente visto como uma parte integrante de um universo biológico e individual, passa a ser um símbolo de um conjunto de relações sociais (DAMATTA, 1990, p. 77).

RESUMO

Esta tese tem como objetivo compreender o lugar do noivado e dos ritos pré-nupciais na teoria antropológica. Adotando como escopo o conceito de unidade cultural, a mesma analisa o modo como as crenças e os comportamentos nupciais são formulados, estimulados ou reprimidos tendo como interface a decomposição dos códigos que fazem deste ritual a principal expressão do processo de aliança em segmentos urbanos. Chamando atenção para a revisão bibliográfica, a primeira parte do trabalho enfatiza a pluralidade de recortes interpretativos e a relevância do noivado como categoria de análise, seja no âmbito dos rituais contemporâneos, seja para a interpretação da aliança nos estudos do parentesco. Esta parte da tese também se dedica a identificar os valores, processos e símbolos que regulam a escolha do noivado como um tipo de relacionamento no mundo urbano, adotando, como fonte de reflexão, as contribuições de Thales de Azevedo e o vocabulário que permeia seus significados nas redes sociais, na imprensa e no cinema. A segunda parte da tese enfatiza a interlocução com os sujeitos, tendo a mesma se dado a partir de entrevistas realizadas como noivos e noivas nas cidades de Belém, Teresina e Brasília. Seu principal objetivo é descrever o processo através do qual os códigos nupciais são incorporados à biografia e socialização dos interlocutores, levando-se em conta o papel dos mesmos como agentes e intérpretes desta experiência. A terceira parte, por fim, explora a mediação protagonizada pelo mercado e a igreja católica que, atuando como instituições codificadoras, disciplinam, respectivamente, os símbolos em torno da ritualização nupcial e os valores e significados relativos à identidade conjugal. Esta abordagem se pauta em pesquisa etnográfica realizada em Feiras de Noivas e Encontros de Preparação para o Casamento ("cursos de noivos") nas cidades de Belém e Teresina.

Palavras-chave: noivado; ritual; experiência; codificação.

ABSTRACT

This thesis aims to identify the place of engagement and prenuptial rites in anthropological theory. Based on the concept of cultural unity, it analyzes the way in which bridal beliefs and behaviors are formulated, stimulated or repressed having as an interface the decomposition of the codes that make this ritual the main expression of the alliance process in urban segments. Drawing attention to the literature review, the first part of the work emphasizes the plurality of interpretive cut-outs and the relevance of engagement as a category of analysis, whether within contemporary rituals or the interpretation of the alliance in kinship studies. This part of the thesis is also dedicated to identifying the values, processes and symbols that regulate the choice of engagement as a type of relationship in the urban world, adopting, as a source of reflection, the contributions of Thales de Azevedo and the vocabulary that permeates their meanings in social networks, press and cinema. The second part of the thesis emphasizes the interlocution with the subjects, having the same occurred from interviews conducted as bride and groom in the city of Belém, Teresina and Brasília. Its purpose is to describe the process by which bridal codes are incorporated into the biography and socialization of the interlocutors, taking into account their role as agents and interpreters of this experience. The third part, finally, explores the mediation carried out by the market and the Catholic Church, which, acting as codifying institutions, discipline, respectively, the symbols around the nuptial ritualization and the values and meanings related to the conjugal identity. This approach is based on ethnographic research conducted at Bridal Fairs and Marriage Preparation Meetings ("engagement courses") in the cities of Belém and Teresina.

Key-words: betrothal; ritual; experience; codification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 – “The betrothal”. Otto Friedman, 1871. (In. The Aldine, Vol. 7, n. 23 [Nov., 1875], pp. 448, 450-451).	48
Imagem 2 – “L’union chrétienne”.	56
Imagem 3 – Anúncios do ateliê para noivas “Maison Emile” em endereços nas cidades de Paris e Londres.....	57
Imagem 4 – Anúncio de noivado em jornal	113
Imagem 5 – Anúncio de noivado em jornal	114
Imagem 6 – Anúncio de enxoval de noivado em jornal	123
Imagem 7 – Anúncio de produtos para noivado em jornal	123
Imagem 8 – Pedido de casamento realizado por Liam Cooper a Amy Smith (junho/2015). 138	
Imagem 9 – Pedido de casamento de Erian Santos a sua noiva Elane Almeida.....	141
Imagem 10 – Pedido de casamento de Ashley Everett, bailarina da cantora norte-americana Beyoncé, pelo namorado John Silver em show nos Estados Unidos (setembro/2016).	143
Imagem 11 – Noivo He Zi comemora em frente a noiva, Quin Kai, o aceite de seu pedido de casamento durante cerimônia de premiação dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (agosto/2016).....	145
Imagem 12 – Os noivos Luanna Alysse e Thiago Pinotti posando para fotografia em frente a uma barraca de brownies no Museu da Universidade Federal do Pará.	152
Imagem 13 – “O sagrado”. Manequim trajando vestido de noiva assinado pela estilista Dilu Fiuza de Mello e portando coroa com véu e missal durante em desfile realizado na feira de noivas “Casando”. Belém, 20/08/2015. (Fonte: Arquivo do autor).	284
Imagem 14 – Folder com logomarca, expositores e promotores do evento "semana de Noivas"	290
Imagem 15 – Exposição de bolos de casamento. “Semana de Noivas”, Shopping Pátio Belém, 17 de maio de 2015.	291
Imagem 16 – Visão geral do evento. “Semana de Noivas”, Shopping Pátio Belém, 17 de maio de 2015.....	291
Imagem 17 – Capa do Caderno Mulher na semana que antecedeu a realização do evento “Casando 2015”.	297
Imagem 18 – Modelo em seu vestido de noiva. Estande de empresa de decoração e fornecimento de vestido de noivas. Casando 2015, 20 de agosto de 2015.....	299
Imagem 19 – Estante com itens de decoração. Estande de empresa de decoração e fornecimento de vestido de noivas. Casando 2015, 18 de agosto de 2015.....	300

Imagem 20 – Maquiador Junior Fiel e manequim antes de sua passagem pelo desfile “Sagrado”. Evento “Casando” (20/08/2015).	303
Imagem 21 – Manequim posando durante o desfile “Sagrado”. Evento “Casando” (Belém, 20/08/2015).	304
Imagem 22 – Manequim em pose para foto durante o desfile "Sagrado". Evento “Casando” (Belém, 20/08/2015).	305
Imagem 23 – Capa da Revista Noivas Piauienses. Edição n. 8, outubro de 2018.	307
Imagem 24 – “Detalhes de um sonho”. Foto-matéria sobre “histórias reais” de casamento.	308
Imagem 25 – Manequim em desfile com traje de noiva durante o evento “Conversa entre noivas”. Teresina, 20 de março de 2016.	311
Imagem 26 – Manequim em desfile de lingerie durante o evento “Conversa entre noivas”. Teresina, 20 de março de 2016.	312
Imagem 27 – O “caldo”. Reunião da pastoral familiar da Santíssima Trindade após o 305º Encontro (21/11/2015).	337
Imagem 28 – Reunião de espiritualidade da pastoral familiar da paróquia de Nossa Senhora de Fátima na residência de um dos casais (30/03/2017).	339
Imagem 29 – Vista do auditório onde é realizado o curso de noivos da Santíssima Trindade partir do Minimercado (Belém, 26.04.2015).	344
Imagem 30 – Representações da mulher na família tradicional e na família moderna.	380
Imagem 31 – Texto redigido pelo filho de Tadeu e digitalizado para exibição durante a palestra Testemunho do Casal Cristão.	386
Imagem 32 – Noivos de posse das rosas recebendo instruções antes de iniciar a atividade “namoro a dois”. Encontro de Preparação para o Matrimônio, Paróquia de Fátima (Teresina, 25/08/2016).	392
Imagem 33 – Casais selecionados para a dinâmica realizada durante o 302º encontro (Belém, 22.08.2015).	396
Imagem 34 – Pedido de casamento durante dinâmica realizada no 306º encontro (Belém, 12.12.2015).	396

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média de idade ao casar nos países selecionados, por período (1970-2010)....	37
Gráfico 2 – Ocorrência do termo "noivado" em jornais, periódicos e revista brasileiras digitalizadas (1820-2009).....	81

QUADROS

Quadro 1 – Média de visualizações por mês dos filmes com conteúdo sobre o noivado listados pelos cinco principais sites que tratam da preparação do casamento mais acessados da internet.....	154
Quadro 2 – Dados dos filmes com conteúdo sobre o noivado listados pelos cinco principais sites que tratam da preparação do casamento mais acessados da internet.	156
Quadro 3 – Identificação dos interlocutores, do período, local e tempo das entrevistas realizadas.	178
Quadro 4 – Atributos de gênero no relacionamento conjugal abordados na palestra “Diálogo e conhecimento de si mesmo e do outro”.	378

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição percentual e variação da população por status conjugal nos países selecionados, por período (1970-2010). Valores relativos.	37
Tabela 2 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade unidas, por natureza da união. Brasil, 1960-2000. Valores relativos.	127
Tabela 3 – Distribuição percentual e variação da população por status conjugal (Brasil, 1970-2010). Valores relativos.	128
Tabela 4 – Média absoluta, em milhares, e variação relativa das taxas de casamento, separação e divórcios ocorridos no Brasil entre 1974-2019, por período.	129
Tabela 5 – Faixa etária dos noivos ao iniciar o relacionamento e ao noivar. Valores relativos.	188
Tabela 6 – Escolaridade dos interlocutores ao iniciar o relacionamento e ao noivar. Valores relativos.	189
Tabela 7 – Ocupação/Atividade dos interlocutores ao iniciar a relação e ao noivar. Valores relativos.	189
Tabela 8 – Renda salarial mensal dos interlocutores. Valores relativos.	189
Tabela 9 – Período entre as diferentes etapas do relacionamento. Valores relativos.	203
Tabela 10 – Preferência dos noivos pelo tipo de cerimônia de casamento. Valores relativos.	235
Tabela 11 – Filiação religiosa dos interlocutores. Valores relativos.	237
Tabela 12 – Motivação dos interlocutores para geração de filhos. Valores relativos.	256
Tabela 13 – Planejamento do casamento segundo o item e a relação dos interlocutores com os outros atores. Valores relativos.	257
Tabela 14 – Preferência dos interlocutores pelo tipo de residência após o casamento. Valores relativos.	274
Tabela 15 – Tempo de relacionamento, de namoro e de noivado dos noivos matriculados no curso de noivos na paróquia da Santíssima Trindade entre fevereiro de 2015 e fevereiro de 2016. Valores relativos.	361

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
Os rituais e suas linhagens.....	20
O que é o noivado? Ainda existe?	35
Pressupostos metodológicos	40
Perspectivas e desdobramentos: a tese.....	44
PARTE I - NOIVADO E SOCIEDADE.....	48
CAPÍTULO 1 - DO RITUAL AO PARENTESCO: A INVENÇÃO DO NOIVADO COMO UNIDADE CULTURAL.....	51
Noivado e moralidade	53
Plasticidade ritual.....	62
Maleabilidade histórica	69
Parentesco e ritos nupciais.....	85
CAPÍTULO 2 - TRADIÇÃO E ATUALIDADE DOS RITOS PRÉ-NUPCIAIS.....	105
As transformações dos ritos nupciais brasileiros	108
Individualismo e suas implicações	112
Honra, promessa e reputação	119
Uma nova tradição?	121
Mudanças demográficas: o casamento individualizado	126
Ritual e inspiração: o noivado no imaginário contemporâneo.....	134
Pedido de casamento e redes sociais	136
Sonho e desencanto: o mercado do casamento na imprensa	146
Cinema e imaginário nupcial	153
PARTE II - A EXPERIÊNCIA NUPCIAL.....	163
CAPÍTULO 3 - E O NOIVADO, COMO VAI? AS ESTRATÉGIAS DE INTERLOCUÇÃO COM OS SUJEITOS.....	166
Estabelecendo recortes	166
Aperfeiçoando as técnicas de interlocução.....	170
No meio do caminho... as contingências	174
Recrutando os interlocutores	176
CAPÍTULO 4 - O SUJEITO RITUAL.....	186
Identidade e estilo de vida	186
Gênero: diferenças e negociações	194
“Deu certo”: química e afinidade.....	201
Sentimentos e significados	210
CAPÍTULO 5 - “LEVANDO A SÉRIO”: OS SIGNIFICADOS DA RITUALIZAÇÃO NUPCIAL.....	223
Pedido e consentimento	225
O empatar.....	231
Os significados do casamento	233

Casar, no civil ou no religioso?.....	235
Casamento como evento: entre bênçãos e despesas	239
Casamento como relacionamento: valor, intuição e o teste drive	245
CAPÍTULO 6 - “FAZENDO TUDO CERTINHO”: FAMÍLIA, MORADIA E REPRODUÇÃO SOCIAL.....	252
Família e significados	252
Modelos de relacionamento conjugal	257
O valor da intimidade	265
“Quem casa quer...”	271
PARTE III - COMO AS INSTITUIÇÕES AGEM.....	284
CAPÍTULO 7 - A INDÚSTRIA DO CASAMENTO.....	287
Semana de Noivas	289
Casando, 2015	296
Conversa entre noivas	306
CAPÍTULO 8 - O NOIVADO E O SAGRADO: ETNOGRAFIA EM PASTORAIS FAMILIARES.....	315
Antecedentes pessoais e os resultados de uma pesquisa exploratória.....	320
As pastorais familiares ou “Como me tornei um nativo”	329
Trindade, Belém.....	329
Fátima, Teresina	338
Estrutura, conduta e controle: as relações no interior das pastorais familiares ...	342
CAPÍTULO 9 - CURSOS DE NOIVOS E A CODIFICAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL CATÓLICA: EM BUSCA DA HIEROFANIA NUPCIAL.....	349
Palestras e testemunhos: o sentido da preparação.....	350
No curso de noivos	356
A codificação da conjugalidade	364
Casamento e amor conjugal	365
Sexualidade e divisão dos papéis	373
Família e religiosidade	378
O significado do sacramento	387
A hierofania nupcial	390
CONCLUSÃO: O NOIVADO COMO UNIDADE CULTURAL.....	398
REFERÊNCIAS.....	405
APÊNDICES.....	422
ANEXOS.....	472

INTRODUÇÃO

Durante o desfile, um momento inusitado: Edmilson Campos, presidente do bloco, pediu a sua companheira, Amaranta Mendes, em casamento. *Eles estão juntos há uma década*. “São dez anos e 15 foras”, brincou ele. O pedido de casamento feito por Edmilson, que foi *aceito*, animou mais ainda os foliões. (Pedido de casamento no carnaval de Curuçá. 08/02/2016. Fonte: <http://www.ormnews.com.br/noticia/bloco-reune-17-mil-folios>. Grifo meu)

No começo do nosso namoro, pensamos que não daria nada certo, hoje *graças a Deus* estamos aí “NOIVOS E COM CASAMENTO MARCADO”, e não conseguimos viver sem o outro. FELIZ E FELIZ.... E nosso noivado foi no dia 15 desse mês. (Relato de noiva. Site Finalmente Noivas. 19/11/2012. Grifo meu)

Nos autos consta que o autor do fato Y. D. P., por volta das 17:00 horas do dia 20/05/2010, perturbou a tranquilidade da vítima M. M. V. B., sua ex-noiva. Diz a vítima que foi noiva do autor do fato há dois meses, porém por sentir que o mesmo *não tinha confiança em sua pessoa*, resolveu terminar o noivado, e este está perturbando sua tranquilidade. (Autos do Processo Judicial 2010.2.042259-3. Fonte: Tribunal de Justiça do Pará, Diário da Justiça – Edição nº 4601/2010 – Sexta-Feira, 02/07/2010. Grifo meu)

Esta é uma tese de doutoramento que fora escrita com o objetivo de problematizar o noivado e seus desdobramentos como constructo social. Para desenvolvê-la recorri ao conceito de unidade cultural, recorte analítico por meio do qual procurei explorar os significados, experiências e codificações que, conforme demonstram os excertos acima, definem sua prática social¹.

Evocando os cuidados que se deve ter na interpretação do vocabulário que define nosso objeto de pesquisa, dediquei-me, portanto, a compreender o lugar que o

¹ Para facilitar a compreensão dos termos empregados ao longo do texto esclareço o leitor que farei uso da expressão “noivado” considerando sua plasticidade semântica. A definição perseguida ao longo do trabalho é de caráter ritual e relacional, mas também ressalto a nomenclatura que define o noivado como o período entre o pedido de casamento e o ato que oficializa a aliança, podendo se estender ainda aos casais que coabitam mas enfatizam o desejo em oficializar o vínculo, assim como se aplica também a quem está em processo de socialização conjugal. Também utilizarei com recorrência a expressão “experiência nupcial” referindo-me ao conjunto de atos e práticas relativas ao período do noivado e que são responsáveis por internalizar as disposições (crenças, significados, valores, ideologias e práticas) que cercam a identidade conjugal; aos “ritos nupciais” atos relacionados a experiência nupcial; e ao “ritos pré-nupciais”, isto é, os atos que antecedem a formação da parceria conjugal, o que pode se dar com um ato solene ou com a coabitação. Por fim, me refiro à “noivo” ou “noiva” como uma identidade atribuída aos indivíduos solidariamente comprometidos com a formação de uma nova unidade conjugal.

noivado e os ritos pré-nupciais ocupam no imaginário social e na própria teoria antropológica. Disto resultou um estudo que se preocupa em reconhecer neste objeto um importante recurso para a interpretação das relações de aliança no mundo contemporâneo. Contudo, isso só foi possível porque, na contramão da tese de que o noivado se destina apenas a preparar os sujeitos para o casamento e a vida conjugal, conforme o costume e a própria literatura antropológica sugerem, adotei como foco a interpretação do noivado como um tipo de relacionamento. Com base nessa perspectiva dediquei-me a compreender o protagonismo das crenças, dos comportamentos e dos estímulos que atualizam sua eficácia como rito social, situando sua análise no contexto da produção bibliográfica sobre o tema e do pensamento social contemporâneo, das experiências de interlocutores pertencentes às camadas médias urbanas e da atuação desempenhada pelo mercado de casamentos e pela igreja católica em três cidades brasileiras: Belém, capital do Pará, Teresina, capital do Piauí, e Brasília, no Distrito Federal.

Dentre as razões que justificam a escolha por este tema está o compromisso em articular um conjunto de propostas investigativas que, muito recentemente, adotaram as relações nupciais como objeto de análise, entre elas destacaria as de Coulmont (1999; 2001; 2002; 2003), Arsenault e Roberge (2006), Marins (2016), Pinho (2017), Rault (2018) e Escoura (2016; 2017; 2019). De igual maneira, procuro aperfeiçoar a interpretação do fenômeno nupcial iniciada em minha dissertação (ALENCAR, 2011), quando me detive na identificação dos padrões que participam do processo de escolha do cônjuge, e posteriormente desenvolvida em artigos e eventos acadêmicos (ALENCAR, 2013; 2014; ALENCAR e RODRIGUES, 2014). Dedicando-me agora ao debate sobre o caráter multifacetário que a ritualização nupcial desempenha na formação de casais heterossexuais, pretendo reunir as informações que no decorrer de minha trajetória de pesquisa permitem demonstrar que esses padrões se configuram em marcadores de socialização, cuja subjetivação através de códigos de conduta, conforme salientado por Schneider (2016), institucionalizam o casamento e a conjugalidade como etos socialmente difuso.

Contudo, se o desafio é problematizar o noivado e os ritos pré-nupciais como unidade cultural devo, obrigatoriamente, esclarecer que as questões teórico-metodológicas que orientam esta pesquisa se deram no campo dos rituais, ou melhor dizendo, das linhagens – parafraseando Peirano (1995), em um sentido especial dado por esta

autora ao termo² – que dão forma e conteúdo a pluralidade de estratégias às quais recorri para desenvolver o tema, isto é, a) no campo dos conceitos e significados, por meio da revisão bibliográfica e de sua identificação no imaginário social; b) no campo da intersubjetividade, retratando a interpretação dada por interlocutores pertencentes às camadas médias às suas experiências nupciais; e c) no campo das instituições, expondo o papel desempenhado pelo mercado e pela religião no estímulo e reprodução de crenças e comportamentos junto aos noivos.

Os rituais e suas linhagens

Segundo Benveniste, o rito – da palavra latina *ritus*, “ordem prescrita” – está associado a formas gregas como *artus* (prescrição), *ararisko* (harmonizar, adaptar), *arthmos* (elo, junção). Por sua vez, a raiz *ar-* deriva do indo-europeu védico (*rta*, *arta*) e remete à ordem do cosmo, à ordem das relações entre os deuses e os homens e à ordem dos homens entre si (BENVENISTE, 1969, p. 100). Sua sistematização como objeto de interesse antropológico é um desdobramento das teorias sobre a magia e a religião. A primeira delas foi realizada por Edward Tylor que, por meio de suas especulações sobre o desenvolvimento dos rituais de sacrifício e purificação, a partir da filosofia animista, descreveu os ritos simpáticos. Estes ritos também receberam a atenção de Wilhelm Mannhardt, Sir James Frazer e Robertson Smith, responsáveis pela catalogação e análise dos ritos de contágio³. Aproveitando-se disso, Émile Durkheim estudou os ritos religiosos, enquanto Arnold Van Gennep se notabilizou por descrever os ritos de passagem, no qual incluiu o noivado como um caso típico.

Esse enquadramento tem muito a ver com o fato de Van Gennep ser o primeiro autor a dar atenção sistemática a interpretação dos ritos, reconhecendo nele um método de trabalho por meio do qual se analisa sociologicamente a dinâmica social. Sua originalidade é resultado da oposição às especulações de caráter fisiológico e mentalista de Spencer, Frazer e Tylor, segundo a qual o ciclo biológico humano é descontínuo e universal, sendo o ritual o responsável por ordenar, segundo um encadeamento prescrito, cada uma das sequências de ato que o caracterizam.

² Refiro-me à tendência que nós, antropólogos, temos de nos filiar a uma determinada “linhagem disciplinar” incorporando práticas e refinando conceitos através das sucessivas gerações de pesquisadores.

³ Frazer foi o precursor da teoria sobre magia e sua principal obra, *The Golden Bough*, é responsável pela descrição dos ritos imitativos e contagiosos.

Esta tomada de posição, que é fundamentalmente epistêmica e metodológica, reflete ainda o alinhamento de Van Gennep com a mudança de paradigma hermenêutico enfrentada pelas ciências sociais no contexto de sua obra, assim como as tensões existentes entre ele e Durkheim que, a despeito de serem protagonistas desse movimento, divergiram teórica e ideologicamente a respeito do entendimento sobre a sociedade e a interpretação dos rituais⁴, o que resultará na formulação de verdadeiras linhagens de abordagem do assunto⁵.

Uma dessas linhagens resulta da concepção sobre os ritos como expressão da dinâmica social, o que em Van Gennep é a razão para ele postular o conceito de rito de passagem de sua concepção sobre a sociedade. Para ele uma sociedade é dividida em sociedades, isto é, grupos aos quais o pertencimento do indivíduo é marcado por mudanças em seu estado e forma, uma mudança que implica sempre em mudança de espaço ao longo do seu desenvolvimento biológico. Tais mudanças são regidas pelas fases de separação, margem ou liminaridade e reagregação. Segundo Roberto DaMatta, cuja apresentação à edição brasileira do livro *Os Ritos de passagem* seja, ao lado de Gluckman (1966), talvez represente a melhor análise das contribuições deste alemão para a antropologia moderna, a grande descoberta de sua obra é que os ritos possuem fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar⁶. Sua perspectiva é, portanto, dinâmica e estrutural, fundada em princípios combinatórios, dos quais a necessidade de incorporar valores dados pela comparação, contraste e contradição o levam a interpretar o rito como “uma espécie de costura simbólica entre esses domínios diferenciados da sociedade” (CAVALCANTI, 1998, p. 61).

Dentre os pesquisadores que se alinharam a esta visão, o mais importante foi Victor Turner, que dedicou grande parte de sua obra às formulações herdadas da ideia de passagem em Van Gennep, sobretudo no que se refere ao conceito de liminaridade e à relação que ele estabelece entre estrutura, ritual e símbolo.

⁴ Essas divergências se deram originalmente por meio de resenhas e críticas recíprocas, mas foram progressivamente se acentuando à medida que Van Gennep se afastava dos princípios estabelecidos na *L'Année Sociologique*, da qual Durkheim era fundador e editor. Segundo Zumwalt (1982), essa divergência também envolveu Mauss no debate sobre o totemismo e repercutiria no isolamento com que a obra de van Gennep seria tratada na França.

⁵ Para facilitar a visualização destas linhagens elaborei um diagrama que está disponível para consulta no APÊNDICE A.

⁶ Este ponto de vista foi destacado por DaMatta em sua apresentação da obra de Van Gennep (VAN GENNEP, 2011, p. 15-6).

Sobre estrutura, Turner esclarece em seu *Processo ritual* que se trata de um conjunto de instituições especializadas e mútuo dependentes, cuja organização é dada pela localização de estados e posições dos atores, enquanto o ritual corresponde à “reavaliação periódica dos termos em que os homens de uma cultura particular devem interagir para que haja qualquer tipo de vida social coerente” (TURNER, 1981) como uma manifestação religiosa ligada a certo grau de sacralização – no sentido amplo do termo –, cujo comportamento está associado às transições sociais e à reelaboração e relativização do espaço e do tempo (TURNER, 2005). Nessa configuração, a perspectiva turneriana da sociedade é a de uma "estrutura de posições" onde o período de margem ou "liminaridade" deve ser encarado como uma situação interestrutural cujo atributo é a transição entre condições (identidades) relativamente fixas e estáveis, conforme descritas por Van Gennep a respeito da fase de margem nos ritos de passagem, e pelo próprio Turner em seus estudos sobre os Ndembu (TURNER, 1967)⁷.

Os ritos de passagem formam a base de sua concepção de ritual, o que, segundo DaMatta (2000), torna Turner responsável por discernir duas de suas tendências: 1) como uma resposta adaptativa obrigatória quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema; e 2) como uma dramatização de valores, axiomas, conflitos e contradições sociais cuja “licença ritual” se opõe às normas e prescrições legais ordinárias (DAMATTA, 2000, p. 12). Segmentado em "fases" ou "estágios", o ritual compreende ainda uma série de unidades dramáticas, às quais Turner chama de símbolos rituais⁸. Sua expressão por meio de "episódios", "ações" e

⁷ Neste estudo, cuja pesquisa de campo ocorrera entre 1950 e 1954, Turner demonstra estar mais diretamente preocupado com o mecanismo real dos rituais de iniciação a luz da liminaridade, razão pela qual analisa em detalhes o "significado" contido no *isoma*, uma forma de culto de cura que serve para reestabelecer a fertilidade de uma mulher em débito com seus antepassados femininos, no *wubwang'u*, realizado para fortalecer a mulher que espera ter ou já teve filhos gêmeos. Em ambos os rituais se observa a existência de um conjunto de objetos e qualidades simbólicas chave (as cores, por exemplo) que consistentemente se repetem em atos e cenários rituais. Cada objeto ou qualidade simbólica possui um amplo leque de significados que vão desde os referentes fisiológicos e psicológicos aos referentes sociais e abstratos. Esta também é a ocasião em que esclarece que apesar de existirem em todas as sociedades, os rituais tendem a alcançar a sua expressão máxima nas sociedades de pequena escala, onde a mudança está em estreita correlação com os ciclos naturais e ritmos biológicos, muito mais do que com as inovações tecnológicas presentes em sociedades mais complexas.

⁸ A concepção de símbolos em Turner é derivada da simbolização onírica presente em Freud. Contemporâneo de Leach, ele acredita que os símbolos condensam informações unindo-as em um único campo cognitivo e afetivo além de serem responsáveis pelos processos que envolvem mudança nas relações sociais. Em *Symbolic Studies* ele aproveita também para afirmar que os símbolos são multivocais, manipuláveis e ambíguos precisamente porque estão inicialmente localizados em sistemas e são classificados ou organizados de forma regular e ordenada (TURNER, 1975).

"gestos" estilizados é acompanhada de comportamentos verbais como orações, palavras de consagração, bênçãos ou advertências. Considerados por Turner como a menor unidade do ritual, estes símbolos se constituem em códigos, isto é, numa força ativa dentro do contexto de um campo de ações sociais (1981)⁹.

Para compreender o ritual é necessário, portanto, decompor estes símbolos, uma vez que eles são responsáveis pela expressão dos significados contidos na ação (TURNER, 2008, p. 49). Turner recomenda que essa decomposição se dê distinguindo o símbolo em três níveis ou campos de significado: 1) o nível de interpretação nativa (significado exegético), dado pelos próprios informantes a partir de perguntas feitas pelo observador; 2) o significado operacional, dado pela observação sobre o que os agentes fazem com eles e não apenas o que dizem sobre eles; e 3) o significado posicional, dado pela sua relação com outros símbolos em uma totalidade, cujos elementos adquirem seu significado do sistema como um todo.

A principal crítica às concepções de Van Gennep e Turner é protagonizada por Bourdieu (2008) que, em defesa do conceito de “ritos de instituição”, questiona a ênfase temporal presente nos trabalhos desses autores argumentando que isto dissimula a separação que existe entre aqueles que já passaram pelo rito, daqueles que ainda não o fizeram, instituindo, assim, uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados. Falar em instituição é, neste sentido, indicar que os ritos tendem a consagrar ou legitimar um limite arbitrário, isto é, como ato de magia social ele é capaz de criar diferenças *ex nihilo* notificando os sujeitos de sua identidade. Para Bourdieu, a fórmula “torne-se o que você é” subtende a magia performativa de todos os atos de instituição.

Durkheim, por sua vez, é responsável por uma linha de pensamento que considera a sociedade um sistema coercitivo onde a solidariedade existente entre seus membros é dada pela conduta em relação a uma divisão interna entre o sagrado e o profano. N’*As formas elementares da vida religiosa* (1996 [1912]) ele recorre ao conceito de rito para explicar essa concepção afirmando que a religião se constitui em um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, enquanto os ritos são regras de conduta que prescrevem como as pessoas devem se comportar

⁹ Turner ressalta que os símbolos rituais de cada sociedade constituem um código único e cada sociedade fornece um sistema de explicação (chave ou molho de chaves) para interpretá-lo. Esses sistemas incluem: teologia, dogma, doutrina, mitologia, cosmologia, alegoria, parábolas, história ou pseudo-história e exegese (ou hermenêutica) (TURNER, 1981).

diante das mesmas¹⁰. Isto demonstra que a noção de sagrado é central em sua compreensão do rito e também da sociedade.

O sagrado para Durkheim deve sua existência às substâncias que as pessoas ingerem, aos objetos materiais (incluindo as coisas vivas) que eles veneram, à maneira como as pessoas marcam os espaços especiais e às coisas que eles fazem com seus corpos. A verdadeira "coisa" contida nas ações sagradas estaria assim, no modo como ela desempenha sua função para uma determinada coletividade. Durkheim entende essas ações sagradas como rituais, diferenciando como ritos "positivos" a celebração ou veneração de um objeto sagrado e ritos "negativos" como sua proteção da impureza¹¹. Os numerosos exemplos que ele dá destes seguem uma estrutura comum. Um grupo seletivo de pessoas (geralmente excluindo mulheres e crianças) vai para um lugar especial (às vezes secreto), para realizar um conjunto definido de ações em relação a um objeto sagrado. A experiência coletiva gerada por tais rituais é tão poderosa que dá aos participantes uma profunda sensação de conexão uns com os outros e uma profunda vitalidade moral que transforma o modo como eles se sentem sobre si mesmos e sobre seu mundo¹².

Observados em sua prática, os ritos, portanto, expressam a *efervescência da solidariedade social*, o que faz deles responsáveis também pela reafirmação e fortalecimento do sentimento de pertencimento, conforme reiterado por Radcliffe-Brown em uma de suas críticas a tese de Durkheim quanto à função social dos ritos totêmicos:

[Para Durkheim] o ritual religioso é uma expressão da unidade da sociedade e sua função é "recriar" a sociedade ou a ordem social pela reafirmação e fortalecimento dos sentimentos de que depende a solidariedade social e, portanto, a própria ordem social (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 150)

¹⁰ Durkheim lembra, contudo, que a ocorrência do rito no domínio religioso não se confunde com as práticas prescritas pela moral e os costumes. Segundo ele, assim como o pensamento está separado do movimento sua natureza é condicionada a existência de crenças correspondentes – o que é a razão para Durkheim afirmar que o rito só pode ser definido após se ter definido a crença.

¹¹ Essa distinção é explorada por Douglas em seu livro *Pureza e perigo* (DOUGLAS, 1991).

¹² Existem, é claro, vários problemas práticos com essa compreensão do ritual. A mais evidente é que não há garantia de que as pessoas realmente experimentam os rituais da mesma maneira, que isto signifique uma experiência vazia, sem graça e estereotipada. O mais importante, talvez, é que essa noção de ritual estabelece muitos limites sobre os tipos de ação que poderíamos pensar como tendo significado sagrado hoje. Se pensarmos apenas em termos dos rituais distintos e altamente estruturados que Durkheim descreveu, nossa atenção será naturalmente atraída para eventos como coroações, funerais e outras cerimônias públicas. Mas a ação pública que evoca o sagrado hoje assume uma variedade muito maior de formas.

Pensar a prática ritual em Durkheim, neste sentido, é considerar o peso do controle exercido pela força social, reconhecendo que a sociedade não pode deixar os indivíduos seguirem sua marcha ao sabor dos próprios interesses, uma vez que ela “intervém ativamente de modo a regular essa marcha de acordo com suas necessidades” (DURKHEIM, 1996, p. 400). Diferentemente de Van Gennep, portanto, Durkheim não se atém às margens ou a posição relativa num sistema de categorias, e mesmo que se refira à passagem como *metamorfose* (DURKHEIM, 1996, p. 22), ele está preocupado em teorizar a partir de um horizonte (eu também pensaria em um roteiro) de seqüências duais e eixos polares que fazem do ritual um chamamento à ordem, uma transformação *totius substantiae* do indivíduo em direção ao sagrado. Por essa razão, ele também não se dedica a abordar o noivado como objeto de sua interpretação dos ritos¹³, mas depreende-se de seus trabalhos que em razão da importância – e de certo culto – atribuída ao casamento em todas as organizações sociais, os rituais que precedem a aliança são responsáveis por prescrever aos indivíduos e coletividades comportamentos visando sua consagração.

Esta interpretação, que encontra seu respaldo na educação familiar, nas clivagens sociais e na intervenção religiosa, pode ser encontrada ainda nos escritos de Mauss e Radcliffe-Brown, que talvez sejam os principais herdeiros da perspectiva durkheimiana de análise dos rituais.

Assim como Durkheim, Mauss dedicou parte de sua obra ao estudo de fenômenos religiosos, como o sacrifício (MAUSS, 1899) e o totemismo (MAUSS, 1903), o que explica, tanto sua adesão à ideia de que “o estado do indivíduo é sempre condicionado pelo estado da sociedade” (MAUSS, 2003, p. 64), como sua definição dos ritos enquanto “atos tradicionais eficazes que versam sobre coisas ditas sagradas” (MAUSS, 2005 [1909], p. 269), mas também demonstra um desvio importante em sua análise deste objeto.

Embora reconheça no sagrado um papel especial na compreensão dos ritos religiosos, Mauss não concentra atenção em sua polarização com o profano, muito menos na ideia de que a crença nesta dicotomia é a “força” mobilizadora e fonte da eficácia dos ritos. Na verdade, desde seu ensaio sobre o sacrifício – que talvez seja o

¹³ De fato, Durkheim não foi um entusiasta deste tema e ao se reportar à família e à conjugalidade, seu interesse estava centralizado, conforme argumenta Maior (2005), na metodologia de análise das instituições e no debate sobre moralidade e as relações entre a sociologia e a história.

mais durkheimiano de seus textos sobre o ritual – Mauss se preocupa em demonstrar que o poder do rito está na experiência ritual e não na expectativa de consagração que ele enseja:

[...] ao contrário do que acredita [Robertson] Smith, a vítima não chega necessariamente ao sacrifício com uma natureza religiosa, acabada e definida; é o próprio sacrifício que lhe confere. [...] O rito põe em movimento o conjunto das coisas sagradas às quais se dirige (MAUSS, 2005, p. 223-4).

Para exprimir essa concepção, no entanto, Mauss amplia seu entendimento do sagrado recorrendo à noção de *mana* (expressão de origem melanésia) que em textos posteriores será sua ferramenta de explicação do fenômeno mágico, mas que também lhe serve para exprimir sua centralidade como poder imanente, uma espécie de “virtude espiritual”, da ação simbólica, cuja linguagem misteriosa, dirá Lévi-Strauss, o conhecimento científico não consegue explicar¹⁴.

Recorrendo as lições tomadas do artigo sobre "as formas primitivas de classificação" (2005 [1903]), escrito em parceria com Durkheim, Mauss observa que diferentemente do que ocorre na religião, na magia os ritos são capazes de produzir “algo mais” do que convenções. Por sua natureza criadora, o poder contido neles é, portanto, da mesma ordem do sagrado: uma espécie de categoria do pensamento coletivo que funda seus juízos, que impõe uma classificação das coisas, separando umas, unindo outras, estabelecendo linhas de influência ou limites de isolamento da realidade ordinária. Sua diferença, contudo, está na inerência do valor que imprime, seja como qualidade, atividade ou estado. Em outras palavras, *mana* é a potência contida nas pessoas, coisas e ideias, sejam elas sagradas ou profanas, mas que dependem de um agente dotado de competência para colocá-la em curso – o que pode ser feito pelo próprio sujeito ou por terceiros –, de um meio capaz de transmitir seu significado (códigos de fala e ação) e de uma finalidade (consciência do fim a ser atingido para que

¹⁴ Em seu estudo sobre a prece Mauss se refere a esse poder para classificar o tipo de eficácia contido na oração, ao passo que no Ensaio sobre a dádiva este poder (um “poder espiritual”) é responsável pelo sistema de prestações que cercam as transações econômicas e jurídicas, especialmente nos ritos matrimoniais. Ao escrever sobre "A expressão obrigatória dos sentimentos" ele identifica os elementos que asseguram sua expressão. Contudo, é em sua Teoria geral da magia que a compreensão deste fenômeno se torna mais esclarecedora.

a ação produza sua eficácia). Ela é a “força do rito” e o que permite a ele transformar seu *paciente* (MAUSS, 2003, p. 145)¹⁵.

Assim como Mauss, Radcliffe-Brown achou mais proveitoso estudar os ritos como expressões simbólicas, procurando descobrir seus significados, não a partir da origem de costumes ou instituições, mas por meio de leis ou princípios gerais cuja contínua ação teriam resultado nas formas de sociedades passadas e presentes (MELATTI, 1995, p. 19). Herda, assim, uma boa parte da base teórica presente em Durkheim sem que isso signifique adesão completa à sua interpretação dos ritos.

Amparado em sua definição de “estrutura (social)” como rede de relações sociais¹⁶ (de pessoa a pessoa) e no interesse pelo estudo dos “processos da vida social” (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 12-13), ele entende os ritos como sistemas simbólicos cuja linguagem é responsável por “refrear, manter e transmitir, de uma geração a outra, sentimentos dos quais a constituição da sociedade depende” (op. cit., p. 143). Radcliffe-Brown chega a essa conclusão por meio do estudo do totemismo, indicando que há relação ritual sempre que o valor atribuído a um objeto leva a sociedade a impor a seus membros certa atitude para com ele, “atitude esta que implica certo grau de respeito expresso no modo tradicional de comportamento” (op. cit., p. 113)¹⁷. Ele também lembra que o “homem primitivo” é governado pelo que chama de lei moral ou ritual e não por leis naturais como se pensava até então.

¹⁵ Não é de todo irrazoável considerar que o espírito deste pensamento é caro às ciências sociais. Basta lembrar que, por analogia, a teoria da mais-valia é também uma teoria do ritual da acumulação capitalista (ainda que Marx a tenha chamado de “Lei Geral”). Isto porque, como fonte da mais-valia, a força de trabalho é da mesma ordem de significação que o mana, o que em uma fórmula simplificada (e inspirada no cálculo marxista da taxa de mais-valia) resultaria em $s - r - s'$, onde s é o sujeito original (ou paciente do rito antes do rito), r corresponde a experiência ritual e s' o sujeito final, isto é, o sujeito acrescido dos poderes *emanados* da experiência ritual. (Para compreender melhor essa analogia sugiro a leitura e comparação das sequências contidas na decomposição do capital empregadas por Marx no Capítulo VII do Capital, com as sequências cerimoniais do kula descritas por Malinowski, e do potlatch descrito pelo próprio Mauss. Também chamaria atenção para o ensaio crítico de Monteiro (2017) sobre o texto “A origem dos poderes mágicos” no qual a autora discute a relação entre sistema ritual e poder mágico).

¹⁶ O conceito de relação social é indispensável a concepção de ritual em Radcliffe-Brown. Segundo ele, trata-se da “mais elementar forma de solidariedade social” (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 178), pois consiste no interesse comum de duas pessoas em produzir certo resultado e cooperar para este fim. Quando o objeto deste interesse implica em sentimentos e comportamentos socialmente compartilhados reconhece-se nele um valor social.

¹⁷ Essa concepção se desdobra no que o autor chama de “lei geral da expressão ritual dos valores sociais”, onde “todo objeto ou fato que tenha efeitos importantes no bem-estar (material ou espiritual) de uma sociedade, ou tudo que signifique ou represente quaisquer desses objetos ou fatos, tende a tornar-se objeto de comportamento ritual” (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 118).

Contudo, embora o totemismo tenha grande relevância em sua interpretação do ritual, foi a experiência etnográfica nas ilhas Andaman, onde se dedicou a examinar o significado e função dos ritos e mitos no comportamento social local, bem como produzir uma teoria da lógica social e simbólica, que teve mais impacto em sua interpretação do fenômeno¹⁸. Em sua monografia, Radcliffe-Brown trabalhou em grande parte com os rituais de "crises de vida" – entre eles o noivado¹⁹ – cujas sequências cerimoniais e a dinâmica dos ritos de passagem estavam ligadas, de forma orgânica, às relações sociais e à estrutura dos grupos de linhagem.

O impacto deste trabalho pode ser sentido principalmente na sua interpretação dos sistemas africanos de parentesco e casamento, estudo no qual o autor procura demonstrar que a estrutura de uma sociedade pode mudar com o tempo, mas os mecanismos básicos em que se assentam os seus rituais podem permanecer constantes por um breve ou longo período, o que para Gluckman é indicativo do seu alinhamento com Van Gennep²⁰ – ainda que ele não o mencione em seus trabalhos²¹. Radcliffe-

¹⁸ Esta perspectiva é mais flagrante no capítulo V de sua monografia, na qual Radcliffe-Brown se preocupa em mostrar a correspondência entre os costumes e crenças com o sistema de sentimentos local, o que segundo ele afeta a maneira pela qual a sociedade andamanesa é constituída. Em suas próprias palavras “É uma tentativa de descobrir conexões necessárias entre os diferentes personagens de uma sociedade como eles existem no presente” (RADCLIFFE-BROWN, op. cit. p. 236, tradução minha).

¹⁹ Em sua etnografia, Radcliffe-Brown nota que as principais expressões do sentimento andamanês são o choro e o abraço. Durante os ritos nupciais, por exemplo, o choro é a expressão do sentimento de perda por parte dos parentes dos noivos enquanto o abraço é sua principal expressão cerimonial: “A principal característica [do noivado] é que os noivos são obrigados a se abraçar publicamente. Em Andaman do Norte, o abraço é feito gradualmente, por etapas, cada estágio sendo mais íntimo do que o anterior. No início, os dois sentam-se lado a lado, depois os braços são colocados um em volta do outro e, finalmente, o noivo é levado a sentar-se no colo da noiva” (RADCLIFFE-BROWN, 1922, p. 236, tradução minha).

²⁰ Este alinhamento deve ser visto com cuidado, uma vez que Melatti (1995) lembra o quanto é notória a afinidade teórica entre Radcliffe-Brown e Durkheim. Contudo quando se trata da análise dos rituais sabe-se que tanto Durkheim quanto os próprios mentores de Radcliffe-Brown se preocupavam em desenvolver suas análises com base nas “tendências subjacentes” e “necessidades sociais” em vez de identificar o mecanismo pelo qual eles se davam. Durkheim, por exemplo, ressaltava que os ritos religiosos dependiam do gregarismo periódico dos indivíduos em sua relação com o sagrado, ao passo que para Radcliffe-Brown as relações sociais só são observadas e só poderiam ser descritas em relação à conduta recíproca das pessoas em jogo. A forma de uma estrutura social, portanto, só poderia ser analisada em razão dos padrões de conduta seguidos pelos indivíduos e grupos no trato mútuo. Nesse aspecto sua visão assemelha-se a de Van Gennep, para quem a sociedade é formada de várias sociedades e a passagem do indivíduo de uma para outra depende de sua subordinação à dinâmica permanente entre os grupos. Gluckman adverte, no entanto, que Radcliffe-Brown foi mais feliz em sua descrição dos mecanismos que Van Gennep, pois este não tinha uma teoria elaborada da sociedade em termos da qual pudesse desenvolver a relação dos ritos de passagem com as mudanças de status social.

²¹ Radcliffe-Brown realizou seu estudo de campo dos habitantes de Andaman entre 1906 e 1908 e começou a escrever seu livro entre 1908 e 1909, portanto antes de *Les Rites de Passage* ser publicado. A publicação do livro, contudo, foi adiada em decorrência da Primeira Guerra Mundial, mas Gluckman também lembra que ele adiou a publicação em razão do desacordo com Haddon e Rivers que lhe

Brown sugere ainda três modos de encarar o estudo do ritual: 1) considerar seus propósitos ou razões; 2) identificar seu significado; e 3) considerar os efeitos dos ritos (op. cit. pp. 129-30).

A despeito da importância que se possa dar à influência teórica e metodológica exercida por Van Gennep e Durkheim e seus herdeiros intelectuais sobre a teoria dos rituais e a própria antropologia, uma terceira linhagem de pesquisadores deve sua reflexão a forma original com que Malinowski retratou o tema. Refiro-me, mais precisamente à Edmund Leach, Stanley Tambiah, Martine Segalen e Mariza Peirano.

A visão de Malinowski sobre o ritual é debitária de sua interpretação da magia a qual ele se refere em *Magic, science and religion* (1948) como o poder psicofisiológico nascido da crença na eficiência prática e positiva de imagens, palavras e atos de comportamento às incertezas ou ameaças da natureza que produzem fortes experiências emocionais. Mas sua contribuição mais original sobre o assunto está em *Coral Gardens*, onde estão esboçadas, tanto sua teoria etnográfica da linguagem, como a linguagem ritual da magia.

Considerando a linguagem como “instrumento de” ou “estímulo à ação” (1935), Malinowski estuda a dinâmica das palavras mágicas mostrando que seu uso é moldado pela ação ritual que, por sua vez, influencia os comportamentos, o vocabulário e as relações sociais. Esse dinamismo se expressa de dois modos. No primeiro deles Malinowski chama atenção para o poder criativo das palavras quando usos sagrados ou fórmulas mágicas põem em movimento poderes sobrenaturais e invocam sanções sociais, a exemplo do que ocorre em pronunciamentos de um líder político, nas palavras do padre durante a eucaristia ou nos votos do casamento. Em sua etnografia essa qualidade é responsável por consolidar a autoridade moral dos jardineiros do coral. O segundo modo reflete os efeitos pragmáticos diretos (“eficácia pragmática”) ao qual Malinowski se refere para indicar que as palavras usadas em um ritual modificam o curso dos acontecimentos quando vinculam os sujeitos à sua elocução. Como toda forma de linguagem, portanto, as palavras usadas na magia devem ser entendidas como “atos verbais”, tendo por função produzir efeitos rituais práticos.

Malinowski chega a essa conclusão acreditando que a linguagem dava ao homem um senso de poder sobre o seu ambiente. O verdadeiro fato linguístico, portanto,

pediram para separar a descrição com comentários crus sobre os dados de sua análise. Contrariando seus mentores, ele apresentou uma descrição com análise teórica (GLUCKMAN, 1962, p. 13 -14).

é a fala em seu contexto, entendido em um sentido amplo, isto é, como experiência ativa da realidade a qual o discurso pertence e como resposta cultural produzida pelo treinamento ou educação. Isso implica não apenas tomar nota das palavras, mas também das atividades corporais, expressões faciais e gestuais, das relações entre os interlocutores presentes e do próprio ambiente no qual elas foram proferidas a fim de compreender sua finalidade.

Malinowski, contudo, não fazia distinção entre "langue" e "parole" e por isso confundia o contexto da situação com outros níveis da análise linguística. Ele também via na linguagem mágica um produto das limitações do pensamento cuja racionalidade pragmática não passava de uma simples resposta às emoções humanas. Além disso, a tradução, palavra por palavra, impediu que ele as compreendesse em seu próprio termo levando a acreditar que a linguagem mágica funcionava diferentemente da fala comum.

A visão de Malinowski fora retomada por Leach que, ao escrever sobre os rituais (LEACH, 1996 [1954])²² e os tipos de comportamentos que poderiam ser chamados de simbólicos (LEACH, 1983 [1958]) foi elogiado por Turner em seu artigo sobre ritualização (1966), ressaltando que sua análise acertava, ao chamar atenção para os símbolos como fonte de armazenamento e transmissão de informações:

Esta é uma maneira proveitosa de abordar os dados, e há muito tempo considero que os símbolos do ritual são, por assim dizer, 'unidades de armazenamento', nas quais estão reunidas a quantidade máxima de informações (TURNER, 1981, p. 2).

A simpatia com o texto deriva da decomposição do símbolo que Leach, de fato, havia realizado retomando ideias originalmente propostas por Malinowski (1935), mas também se aproveitando do embate com etologistas e antropólogos "ortodoxos" para ressaltar o que já havia afirmado em sua monografia sobre os kachins: "o ritual em seu contexto cultural é um modelo de símbolos" (LEACH, 1996, p. 78), logo, sua prática, conforme Leach apontou em texto posterior, "ressalta a ação ordenada pela cultura através dos antepassados mitológicos – uma expressão mais analítica para tradição ou costume – a fim de transmitirmos a nós mesmos mensagens coletivas"

²² Na introdução de seu livro sobre os sistemas políticos Kachin Leach define ritual como expressão dos status do indivíduo enquanto pessoa social no sistema estrutural em que ele se encontra temporariamente (LEACH, 1996, p. 74)

(LEACH, 1989, p. 62). Isso significa dizer, que nenhuma ação, mesmo a mais episódica na ótica do observador, estaria isenta de simbolismo ritual, uma vez que todas elas são padronizadas de acordo com as convenções do grupo.

Contudo, se na Birmânia Leach havia se dedicado a compreender a estrutura social nativa, neste artigo ele se preocupa em demonstrar que o ritual é um sistema comunicativo cujas partes verbal e comportamental não são separáveis e que a linguagem do mesmo é altamente condensada e redundante – o que exige do pesquisador um conhecimento detalhado do contexto cultural em que o mesmo se desenvolve. Ele chega a essa conclusão explorando o modo pelo qual os rituais seriam responsáveis pela transmissão, entre nativos, de seu elaborado corpo de informações, mesmo na ausência de documentos escritos ou de educação formal. Contrariando a ideia de que o ritual estava associado exclusivamente ao comportamento mágico²³, conforme a tipologia existente até então²⁴, ele postula a tese de que entre esses povos o ritual é um complexo de palavras e ações cujas sequências devem ser analisadas e interpretadas de modo análogo a da gramática em relação ao texto em prosa²⁵. Segundo Leach, diferentemente do que ocorre nas sociedades modernas, a linguagem primitiva condensa informação em poucos objetos estabelecendo identidades e

²³ Leach lembra que embora o ritual seja um conceito muito proeminente no discurso antropológico não há consenso quanto ao seu significado preciso. Ainda assim, ele ressalta a ideia de que se trata de um comportamento habitual, quase uma forma de discurso, que faz declarações sobre as relações hierárquicas entre membros específicos de uma única cultura (ver também BELL, 2009, p. 178).

²⁴ Leach nota que os antropólogos de sua geração e da geração anterior dividiam as ações sociais em duas grandes classes, a saber: ritos religiosos como atos sagrados e atos técnicos que são profanos. Como consequência reconheciam três tipos de comportamentos derivados: (1) racional-técnico, direcionado para fins específicos e cujos resultados são observáveis de uma maneira estritamente mecânica, como cortar uma árvore; (2) comunicativo, comportamento que faz parte de um sistema de sinalização e que visa comunicar informação a partir de códigos culturalmente definidos, como o aperto de mãos; e (3) mágico, potente em si mesmo e direcionado para evocar a potência de poderes ocultos, a exemplo (indivíduo fazendo juramento). Nesta tipologia apenas o comportamento mágico era tido como ritual, enquanto os comportamentos racional-técnico e comunicativo era tratado como “etiqueta-cerimonial”. Doze anos antes, porém, em seu artigo sobre o “*Cabelo mágico*” (LEACH, 1983), onde ele critica a psicanálise por considerar que o simbólico estaria oculto no comportamento, Leach já havia assinalado que os comportamentos poderiam ser divididos em privados, quando, em razão de seu poder psicológico, são capazes de despertar emoções alterando estado do indivíduo, e públicos, quando ele é um meio de comunicação onde ator e observador compartilham de uma mesma linguagem ou cultura. Finalmente em *Cultura e comunicação* ele classifica os comportamentos em 1) atividades biológicas naturais do corpo, 2) ações técnicas, uma vez que alteram o estado físico do mundo exterior e 3) ações expressivas (sinais, signos e símbolos), que simplesmente dizem algo sobre o estado do mundo tal como existe, ou pretendem alterá-lo por meios metafísicos, ressaltando que passamos a maior parte do nosso tempo interpretando os resultados das ações deste último tipo (LEACH, 1989, p. 13).

²⁵ Para Leach a expressão verbal é tão ritual quanto os próprios rituais. Nela as palavras se sucedem temporalmente em cadeias sintagmáticas de elementos portadores de mensagens sincrônicas as quais, tal como qualquer comportamento, estão sujeitas à tradução.

classes apenas para aqueles que lhes são significativos. A finalidade disso seria favorecer sua incorporação nas histórias e rituais que são familiares para a geração viva que assim poderão transmiti-las para as gerações seguintes.

Lançando as bases para a interpretação do ritual como um aspecto do comportamento relacionado ao seu valor simbólico e não à sua utilidade prática²⁶, *Ritualization in man* é, neste sentido, um texto seminal na teoria do ritual, pois é através dele que Leach questiona a visão do ritual como uma categoria de comportamento e permite que posteriormente, sobretudo em *Cultura e comunicação* (1989 [1976]), ele explore o simbolismo e a relacionalidade do ritual acentuando sua prática como forma de expressar a identidade cultural particular ou valores do ator como pessoa em um sistema de relações “próprias” e socialmente aprovadas, de modo que ele próprio tenha uma dimensão simbólica ou ritual. O ritual, sob esta ótica, além de “fazer coisas” também transforma os indivíduos em pessoas²⁷.

Esta concepção também é compartilhada por Tambiah que à luz da teoria dos atos de fala de Austin (1962) e de sua reanálise de “Coral Gardens” critica a visão de Malinowski, mostrando que o erro em sua interpretação da magia trobriandesa resultava de sua insistência em ignorar o uso de metáforas e metonímias por parte dos interlocutores o que fez ele acreditar que sua linguagem se reduzia a “expressão espontânea de emoção com nenhum conteúdo intelectual” (TAMBIAH, 2018, p. 61). Tambiah sugere que seus rituais fossem na verdade tratados como um sistema que combina palavra e ato, linguagem e ação, cuja compreensão se dá tomando nota tanto de sua “estrutura interna” ou a “semântica do ritual” – isto é, a técnica de transferência, a construção dos encantamentos, a lógica da escolha das substâncias usados e o modo de sincronização dos dispositivos linguísticos com aqueles da ação não verbal em uma sequência estruturada –, como de sua “estrutura externa” ou “pragmática”, na qual os indivíduos ou grupos participam em busca de seus objetivos institucionais²⁸.

²⁶ Segundo DaMatta em sua introdução a obra de Leach (1983) este posicionamento corresponde a afinidade do autor com a noção de “valor ritual” em Radcliffe Brown em contrapartida a concepção utilitarista presente no pensamento de Malinowski.

²⁷ Leach recorre a Malinowski para afirmar que o princípio da reciprocidade impregna toda a conduta social, logo manifesta uma comunicação (1989).

²⁸ Esta perspectiva foi chamada por Malinowski de “contexto da situação” e se aplica a investigação sobre a relação do ritual com outras atividades, em que contexto e situação ele é praticado e que consequências ele pode trazer para os vários diferentes segmentos do grupo

A teoria do ritual em Tambiah, no entanto, é mais conhecida por sua abordagem performativa, segundo a qual a linguagem empregada “faz coisas”, a multiplicidade de meios em que ele é repetido e encenado implica diversas modalidades sensoriais por meio das quais ele é vivido e os valores que representam são capazes de transferir prestígio, legitimidade, autoridade, poder e outras formas de capital simbólico para os sujeitos. Segundo Peirano esta abordagem permitiu que Tambiah transformasse o ritual de um assunto empírico clássico em uma ferramenta analítica que não só ajuda a compreender o velho enigma da eficácia dos atos sociais, mas oferece a possibilidade de obter insights sobre teorias etnográficas reais (como uma "teoria da democracia do sul da Ásia", ou uma "teoria tailandesa do Estado") (PEIRANO, 2013).

O emprego da performance, contudo, se destina a dar conta da eficácia da ação ritual. Para isso Tambiah reconhece nos rituais sistemas de comunicação simbólica construídos culturalmente por meio de sequências e arranjos de palavras e de atos ordenados segundo padrões de formalidade (convencionalidade), estereotipagem (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição), tais como fórmulas mágicas, regras de etiqueta e jogos de futebol. Contudo, ainda que seja rigidamente prescrito o ritual está sempre ligado às reivindicações de status e aos interesses dos participantes e, logo, sempre aberto aos significados contextuais.

Em sua reflexão Tambiah reconhece que esta flexibilidade é responsável pela confusão na identificação do ritual, que para ele se distingue dos eventos cotidianos pela intencionalidade, isto é, por “uma ordem ou procedimento que os estrutura, um senso de encenação coletiva ou comunal que é intencional (dedicado à conquista de um objetivo em particular)[...]" (TAMBAIAH, 2018, p. 137) e por ter suas regras processuais e as sequências dos eventos definidas de antemão. Ele também se posiciona ao lado da semiótica como escola de pensamento para afirmar que os rituais são uma elaboração cultural do simbólico sendo responsáveis por incorporar e encenar as cosmologias da sociedade bem como perpetuar princípios e concepções orientadores que refletem sua crença no sagrado. Enquanto comportamento estereotipado, ritualizado e convencionalizado, o ritual é construído, portanto, para expressar e comunicar, e é publicamente interpretado como expressando e comunicando certas atitudes compatíveis com uma expectativa institucionalizada contínua.

Nesta mesma linha interpretativa, Peirano (2000) e Segalen (2002) classificam os ritos como dramas sociais fixos, formalizados, expressivos e rotinizados, cuja

dimensão simbólica se constitui de tipos especiais (emblemáticos) de eventos, mais formalizados e estereotipados, mais estáveis e, portanto, mais suscetíveis à análise da ação social, cuja codificação em termos nativos, seja por meio da linguagem ou comportamentos específicos, constitui-se como bem comum de um grupo. Possuem, assim, “uma certa ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, uma eficácia *sui generis*, e uma percepção de que são diferentes” (PEIRANO, 2002, p. 8) e devem ser considerados “como um conjunto de condutas individuais e coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas” (SEGALLEN, 2002, p. 32).

O rito, sob esta perspectiva, é um fenômeno plástico, polissêmico, capaz de acomodar-se à mudança social nos termos de uma “economia da prática”, isto é, sistemas de ação (coletivos) regulados, codificados e significativos, desenvolvidos através do seu acionamento repetido por comunidades específicas e associados às suas condições de existência. O seu caráter performativo, gerado pelo envolvimento de diferentes agentes no seu progressivo aperfeiçoamento (possível pela incorporação de uma parte das suas normas e procedimentos), confere-lhes uma “lógica interna” que escapa parcialmente à consciência dos atores e que vai moldando, segundo sistemas de disposições, o significado das ações sociais.

Ainda que tardia (e por mais episódico que isso possa parecer), a perspectiva aberta com esta visão dos rituais é a que mais tem impulsionado o desenvolvimento de trabalhos que só muito recentemente fizeram dos ritos pré-nupciais um objeto de interesse antropológico. O fato desta “linhagem interpretativa” estar aberta aos interesses dos participantes e se preocupar com “teorias etnográficas reais” e os significados contextuais, conforme demonstrando por Peirano e Tambiah, levanta a suspeita de que este impulso resulte da eficiência que esta interpretação proporciona ao lidar com a complexidade dos símbolos que formam o sistema cultural em sociedades complexas, onde a agenda individualista permite que as pessoas recorram aos ritos para expressar sua identidade. Da mesma forma, permite que as ações sociais sejam distinguidas em razão do simbolismo que expressam, o que coloca em dúvida tanto a fórmula de transição entre status sugerida por Van Gennep, uma vez que em face do casamento ter deixado de ser a única via obrigatória ou a mais adequada para se alcançar o mundo dos adultos, o noivado pode ter sua eficácia dirigida a outros fins,

quanto a ideia de que os indivíduos se deixam atrair pelo poder das instituições de consagrar sua existência social. Conforme procurarei demonstrar ao longo desta tese, o noivado expressa, portanto, uma atitude diante do mundo, uma fórmula encontrada para lidar com expectativas, valores e crenças socialmente difusas, cuja assimilação pode se dar, dentre outras formas, relacional e institucionalmente.

O que é o noivado? Ainda existe?

Os estudos sobre os ritos pré-nupciais datam do final século XIX e início do XX, mas por saírem das mãos de juristas e teólogos como Glasson (1866), Jeaffreson (1872), Escard (1901), Smet (1912) e Corbett (1930), eram dotados de um estatuto historiográfico e reformista. Os trabalhos de Westermarck (1922 [1891]), Howard (1904) e Van Gennep (2011 [1909]), por sua vez, oferecem uma valiosa contribuição para este debate no âmbito antropológico, pois discutem, a partir da ênfase sobre a organização social dos povos não-ocidentais, o significado dos arranjos matrimoniais no processo de reprodução social. Esses trabalhos foram posteriormente revisados em pesquisas como as de Malinowski (1982 [1922]), Margaret Mead (2009 [1935]), Evans-Pritchard (1978 [1936]) e Raymond Firth (1998 [1936]) cuja metodologia etnográfica analisou o caráter de “rito de passagem” enfatizado por Van Gennep.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as pesquisas sobre o tema ganharam novo ânimo, face a necessidade de avaliar e compreender os arranjos familiares após as alterações demográficas protagonizadas por aquele armistício. Claire Leplae, socióloga belga, por exemplo, conduziu uma pesquisa no seio da burguesia parisiense sobre o problema da escolha matrimonial entre 1945 e 1947 (LEPLAE, 1947). O Instituto Nacional de Estatística e Demografia da França (INED), por sua vez, financiou pesquisas sobre o tema, como as de Alain Girard (1964) e Louis Henry (1966, 1968, 1969).

Nas Américas, as pesquisas sobre estes ritos são escassas e os poucos trabalhos existentes em contextos urbanos permitem definir o noivado como um rito de passagem do estado de solteiro para o de casado com marcante participação dos parentes e da igreja, o que confere à sua experiência um processo de solenizações e festividades. A sociologia brasileira, no entanto, se destaca neste cenário por ter dedicado alguma atenção ao assunto, como nas pesquisas de Willems (1947), Cândido (2017 [1964]) e Wagley (1957), cujo caráter de “estudos de comunidade” tiveram o

mérito de descrever as práticas rituais de comunidades rurais ou em pequenos vilarejos no interior do Brasil. O trabalho do antropólogo Thales de Azevedo intitulado “As regras do namoro à antiga” (1986), por sua vez, oferece uma enorme contribuição à análise do tema, pois seu principal objetivo fora avaliar os impactos que a globalização, a urbanização e o individualismo exerceram sobre nossos costumes afetivos e sexuais. Contemporâneos deste trabalho, Laraia e Mello (1978) chamaram atenção para os efeitos desse processo apontando, através de um estudo sobre as transformações do “chá-de-panela” em Brasília, que o ritual do casamento havia perdido “muito de sua antiga importância” (LARAIA e MELLO, 1978, p. 142).

Maillochon (2008) nota que essa “perda” é uma sensação comum no meio urbano em países desenvolvidos e que tem sido singularmente favorecida pela decisão unilateral dos sujeitos – e não mais as suas famílias ou a comunidade – em escolher seus cônjuges assim como pela oficialização ou não da aliança (ver também BOZON e HÉRAN, 1987; 1988). Neste sentido, ele representaria uma das principais consequências do individualismo contemporâneo, indicando conforme demonstra Maués (1995), a ocorrência de uma contemporização das tradições, que sob a influência de tal etos, passaria progressivamente a promover a “profanação” de certas instituições, sendo o casamento e a família, os mais afetados ao longo do último século (PUGEAULT, 2010). Segundo esta visão, o noivado teria se informalizado ou “amolecido” (COULMONT, 2003) ocultando a centralidade religiosa e o caráter pedagógico exercido pela família e deixando de ser visto como uma tradição que exigia ampla exposição social, por meio de solenidades e manchetes em jornais locais (CANCELA, 2006; CAMPOS, 2010). Onde noivos deveriam encontrar o elo entre homem, comunidade e um projeto divino – a *communitas* familiar –, identifica-se na atualidade o estabelecimento de vínculos emocionais em que o compromisso nupcial é mais uma entre tantas alternativas para a realização de um projeto pessoal²⁹.

Dados estatísticos também podem ajudar a entender melhor esse processo, pois comparando o caso brasileiro com o de países centrais, como França, Estados

²⁹ Segalen também lembra que apesar desse movimento, não podemos recusar um detalhe paradoxal: ainda que opondo-se às tradições ou modelos “antiquados”, essas práticas não são indiferentes a ritualização chegando até mesmo a emprestar daquelas suas “originalidades”, isto é, sobrevivem práticas como a troca de aliança, a festa de noivado, o chá de panela e a despedida de solteiro. Nessa perspectiva, a maior parte dos estudos convergem para a ideia de que “não existe um rito matrimonial, mas ritos” (SEGALLEN, 1995, p. 65).

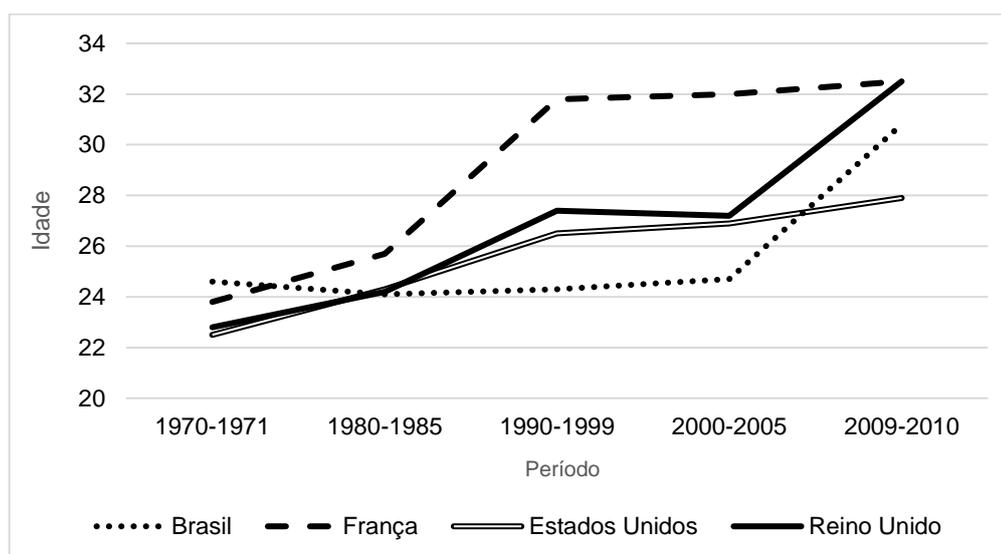
Unidos e Reino Unido observa-se padrões demográficos muito semelhante no que se refere ao registro civil:

Tabela 1 – Distribuição percentual e variação da população por status conjugal nos países selecionados, por período (1970-2010). Valores relativos.

Status conjugal/ País	Período					Variação (1970-2010)
	1970- 1971	1980- 1985	1990- 1999	2000- 2005	2009- 2010	
Solteiros						
Brasil	27,9	29,6	33,2	39,0	44,2	+49,06
França	23,3	26,1	37,3	39,6	42,2	+67,66
Estados Unidos	19,0	21,5	29,1	30,8	33,7	+63,76
Reino Unido	22,3	23,6	28,0	27,9	39,7	+66,41
Casados						
Brasil	59,6	59,4	55,4	50,3	43,4	-29,99
França	67,2	63,4	51,5	48,8	45,9	-35,61
Estados Unidos	68,5	63,0	54,4	52,6	50,9	-28,22
Reino Unido	70,2	66,9	60,0	59,5	47,2	-36,52
Separados/Divorciados						
Brasil	3,3	3,0	4,1	4,1	6,4	+83,67
França	2,5	4,2	6,6	7,2	7,7	+141,18
Estados Unidos	5,7	9,4	10,2	11,1	11,6	+86,75
Reino Unido	1,3	3,7	6,5	8,0	9,3	+299,62

Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2013. (Adaptado).

Gráfico 1 – Média de idade ao casar nos países selecionados, por período (1970-2010)



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2013. (Adaptado).

Na Tabela 1 pode-se notar a redução generalizada da proporção de indivíduos casados nos países selecionados, ao passo que aumentou a proporção de solteiros e

separados ou divorciados no mesmo período³⁰. O Gráfico 1, por sua vez, registra o adiamento progressivo da idade ao casar em todos os países selecionados. Refletindo as mudanças que acompanham o desenvolvimento das sociedades ocidentais, a redução na proporção de indivíduos casados sugere um enfraquecimento do casamento como instituição social e das normas que regulam sua prática como “estilo de vida”³¹. Esta mudança permite inferir também que estamos testemunhando um processo de desritualização do casamento, que cada vez mais cede lugar para outras modalidades de arranjo familiar e novas formas de existência social.

Este fenômeno, no entanto, contraria os dados colhidos por pesquisadores como Marins (2016), que observa o aparecimento e a expansão, nas últimas décadas, do que passou a ser descrito como a “indústria do casamento”. De acordo com fontes especializadas, apesar da crise que vem assolando as principais economias mundiais na última década, o mercado de casamento é uma das poucas frações dessa mesma economia que tem crescido nos últimos anos, tornando-se uma indústria global responsável por movimentar cifras bilionárias.

Diante destes dados e do diálogo com a teoria dos rituais o que este estudo procura fazer é problematizar as transformações que envolvem o processo de aliança no mundo contemporâneo, indagando se o noivado e os ritos pré-nupciais oferecem aportes para pensar tal questão.

Neste sentido, cabe perguntar o que é o noivado? O que são os ritos pré-nupciais? De que modo a literatura e as mudanças apontadas pela demografia permitem retratar sua existência e relevância para a compreensão do mundo atual?

Estas questões tem caráter geral, mas encontram apelo em uma questão ainda mais flagrante: a que ordem de fatos ou fenômenos se está a debruçar quando se aborda o noivado ou os ritos pré-nupciais como objeto de análise?

Van Genep, conforme apontei acima, definiu o noivado como uma “união socializada”, onde a passagem para o casamento envolve os interesses econômicos de dois grupos. Diferentes autores concordam com essa perspectiva, afirmando que “os noivos vivem na liminaridade, pois não são mais o que eram, namorados, e ainda não

³⁰ Vale observar que os dados foram sistematizados considerando a nova metodologia empregada pelas Nações Unidas que consideram que os indivíduos em uniões livre ou casamento consensuais são considerados solteiros, o que oculta a proporção de alianças “não-oficiais” ou não ritualizadas.

³¹ Por estilo de vida me refiro a um conjunto de experiências estereotipadas, cujas condutas são reguladas por condições de existência relacionadas às diferenciadas posições dos agentes no tecido social.

são o que deverão tornar-se, casados” (SOUZA, 2012, p. 136). Acreditando que isso explique uma imprecisa, mas radical, “mudança de valores” ou de visões de mundo, essa visão do tema sugere que, para além do status, a experiência nupcial é responsável por uma alteração nas ideologias, convicções e crenças individuais. Mas que mudanças de fato o noivado provoca? Ou melhor: é precisa e exclusivamente no domínio dos rituais e, principalmente, no dos ritos de passagem que se encontra a “matéria” de seu significado?

A experiência demonstra que o noivado é também um relacionamento e por isso merece atenção do ponto de vista do vocabulário e dos significados que cercam sua interpretação nessa direção. A questão que se coloca, no entanto, é saber como se deve proceder metodologicamente para alcançar este objetivo considerando a reduzida atração que essa discussão desempenhou no estudo do tema.

Por outro lado, seja como ritual, seja como relacionamento, o noivado e os ritos pré-nupciais não são fenômenos exclusivamente contemporâneos. Assim como os demais fenômenos sociais, eles também são fenômenos históricos e, portanto, estão atravessados por crenças, símbolos, ideologias e mesmo condutas cuja existência resulta da articulação progressiva com processos sociais mais amplos. Neste sentido, é pertinente que se questione o lugar do noivado como fenômeno histórico, pois a experiência e a bibliografia demonstram que o mesmo tem se tornado cada vez mais uma prática difusa, “plástica” e que, por isso, estaria “em desuso” ou “extinção”.

Reconhecer o noivado como unidade cultural, no sentido atribuído por Schneider (2016) a este termo, também exige que o pesquisador seja capaz de decompor os códigos que lhe dão as mais variadas formas e significados. Pela ótica da ritualização, isto significa saber como as pessoas interpretam sua prática e a adotam como modo de ser no mundo. Em outras palavras: o que as motiva a noivar? Quais variáveis determinam a sua escolha? Em que contexto o noivado se dá? E, o mais importante: quem são as pessoas que escolhem este ritual?

Por fim, é de se imaginar que mesmo resultando de uma escolha que aparenta ser espontânea, o noivado e os ritos pré-nupciais não estão fora do alcance exercido pelas instituições sociais. Se não, como explicar o interesse dos institutos de pesquisa estatal pelos dados sobre nupcialidade, a expansão de setores da economia que buscam os noivos como público e das próprias igrejas, que nas últimas décadas tem se dedicado a “preparar” os noivos para o casamento. Assim, é imperioso que se

questione o papel das instituições junto ao noivado. De que modo elas operam seus significados? Elas contribuem para sua reprodução como prática social?

De modo geral, estas questões não pretendem esgotar a totalidade do tema, mas decompor o mais satisfatoriamente possível os recortes escolhidos para compreender o noivado como unidade cultural³². Nesse processo, a ênfase se encontra na relação entre as implicações que as terminologias empregadas para caracterizá-lo imprimem no imaginário contemporâneo, a experiência nupcial tendo em vista os códigos sociais que orientam a subjetividade e performance dos sujeitos nas diferentes etapas que compõem sua ritualização e os papéis desempenhados por atores e instituições sociais na prescrição desses códigos, ressaltando a observação, a descrição e a interpretação da atuação exercida pelos meios de comunicação, a indústria cultural, o mercado e a religiosidade na construção e reprodução dos significados atribuídos ao casamento e à conjugalidade.

Pressupostos metodológicos

[...] a cultura não pode ser considerada nem simplesmente justaposta nem simplesmente superposta à vida. Em certo sentido substitui-se à vida, e em outro sentido utiliza-a e a transforma para realizar uma síntese de nova ordem (LÉVI-STRAUSS, 2008 [1967], p. 42).

Realizar esta pesquisa me levou a notar que a forma mais eficaz que um antropólogo pode encontrar para explicar o que faz para um leigo é dizer que ele persegue o que Cardoso de Oliveira (2007) chama de “evidências simbólicas” ou, como quer Geertz (2008), os significados de uma “piscadela”. Entre nossos pares isto significa que exercemos nossa atividade partindo, ao mesmo tempo, de um princípio empírico, pois estudamos “nas aldeias”, e outro dedutivo, pois na tentativa de explicar as evidências com as quais nos deparamos em campo tentamos traduzir para os nossos interlocutores o significado do que encontramos em tais aldeias. Chegamos assim, à conclusão de que um estudo antropológico é quase sempre uma experiência reflexivo-

³² Considero necessário esclarecer que dentre os recortes aventados em meu projeto de pesquisa estiveram presentes a possibilidade de diálogo com imagens e documentos, a exemplo da fotografia, das cartas trocadas entre noivos, de processos judiciais e do noticiário presente na imprensa, da literatura de romance, e uma maior ênfase nas relações dos interlocutores com seus parentes. Contingências pessoais e os próprios resultados alcançados com a metodologia aplicada à pesquisa, no entanto, alteraram o curso da investigação impedindo ou limitando o alcance que estes recortes exerceram na escrita final.

indutiva sobre a realidade de um grupo que, ao menos ideologicamente, se vê como tal e compartilha das mesmas interpretações sobre o significado dessas evidências – o que ao fim e ao cabo parece ser sua cultura, conforme pensa Lévi-Strauss.

Mas o que nós, como antropólogos, podemos fazer quando reconhecemos que uma prática é suficientemente difusa para afirmar que a abundância das evidências que a caracterizam impede sua particularização? Devemos nos situar ao lado dos universalistas e afirmar que ela reflete uma suposta unidade psíquica? Ou, convergimos para o relativismo hipersensível e procuramos nas diferenças a explicação para uma possível originalidade das práticas humanas? Para ficar mais claro... Eu devo considerar que o meu objeto de pesquisa, o noivado, é um assunto que possui sua historicidade própria e argumentar que ele é praticado por diferentes povos em diferentes épocas e lugares ou reunir argumentos para justificar que sua prática em determinado grupo ou população é suficientemente particular e original para merecer minha total atenção?

Acredito que o trabalho do cientista social (e não só do antropólogo) é tornar familiar o que está oculto sob as impressões da percepção, isto é, daquilo que o costume nos convida a pensar como óbvio ou natural. Concordo com Roberto DaMatta (1978) e Gilberto Velho (1999) que isso implica em nosso constante desafio em tornar o exótico familiar e o familiar em exótico, mesmo que isso resulte, por um lado, no risco de relativizar *ad nauseam*, e, por outro, comprometa a ideia que temos de nós mesmos. Uma vez que procuro elucidar uma experiência que é vivida simbólica e pensada como transitória, considero que a função deste trabalho é desconstruir seus estereótipos (sejam eles familiares ou exóticos!), isto é, desnaturalizar essa experiência refletindo sobre a plêiade de representações que lhe dão importância social.

Neste sentido, a primeira estratégia para desvendar as evidências que formam o conjunto cognoscível em torno dos ritos nupciais passa pelo exercício de interpretação do conjunto de ideias que constituem o seu vocabulário. Em vista disso, e apoiando-me novamente em Durkheim, ressalto que é preciso desconfiar de nossa própria linguagem, afinal de contas é sobre ela que construímos nosso castelo de convicções sobre o mundo. Isto significa, que minha primeira atitude foi problematizar o noivado como expressão significativa, lembrando que sua etimologia e utilização na linguagem corrente e no meio acadêmico podem ser tão imprecisas quanto dinâmicas.

A tarefa de sistematizar esse significado se deu pela revisão bibliográfica. Primeiro recorrendo aos conceitos e descrições do fenômeno distribuídos entre estudos jurídicos, tratados teológicos, manuais de aconselhamento e pesquisas socioantropológicas, desde a passagem do século XIX para o XX, até a metade do século XX e início do XXI mostrando que em contraste com o caráter reformista e prescritivo dos primeiros escritos, estes exploram a plasticidade e variabilidade do ritual. Neste processo, analisei sua relação com o fenômeno do parentesco retratando sua abordagem em etnografias na primeira metade do século XX e procurei refletir sobre os significados do noivado no contexto da religião e da religiosidade.

Em um segundo momento procurei identificar os códigos que permeiam os significados e práticas do noivado como unidade cultural no contexto sociocultural brasileiro. Para esse fim, encontrei na revisão da obra de Thales de Azevedo uma importante fonte para avaliar o modo pelo qual tais códigos se expressam, permitindo que sua decomposição revelasse, não só a recorrência dos mesmos no tempo, como avaliar sua mudança face as transformações pelas quais o conjunto da sociedade brasileira passou em função da urbanização e da ascensão do individualismo como estilo de vida. A fim de avaliar a pertinência dos resultados obtidos com essa revisão em relação ao imaginário e às disposições que fazem do noivado um símbolo no tempo presente, recorri à seleção de publicações nas redes sociais relacionadas ao pedido de casamento, de matérias veiculadas na imprensa sobre o estatuto da categoria “sonho” e às listas de filmes indicadas por sites e revistas especializadas na preparação do casamento.

A necessidade de avaliar o modo como essas disposições se expressavam entre sujeitos concretos, que entendo ser a evidência do papel exercido pelo simbolismo do ritual na construção da identidade conjugal, me levou ao contato com 44 (quarenta e quatro) noivos e noivas por meio da aplicação de formulários de pesquisa e o posterior emprego de entrevistas diretas e semiestruturadas como técnica de registro de suas experiências. A interpretação dos dados obtidos se deu por meio da análise de conteúdo.

A escolha dos interlocutores nesta fase da pesquisa levou em conta o interesse e a disponibilidade dos mesmos em permitir que eu acompanhasse suas trajetórias nupciais, o que se dava no período entre o pedido de noivado e os meses seguintes à cerimônia de casamento ou, quando era o caso, nas semanas após o rompimento

do compromisso. A pesquisa deu preferência também a noivos ou casais que manifestassem seu objetivo de oficializar a união, seja no civil ou no religioso, e que não eram coabitantes ou haviam frequentado feiras de noivas e cursos de noivos.

O segmento social escolhido para o emprego dessas técnicas foram noivos e noivas heterossexuais pertencentes às camadas médias urbanas das cidades de Belém, Teresina e Brasília. A opção por esse recorte se deve, em primeiro lugar, ao acesso que me foi oportunizado pela mediação de amigos, parentes e colegas de trabalho, cujo pertencimento social favoreceu o contato com os interlocutores selecionados; e, em segundo lugar, a facilidade oferecida pela própria abundância de pesquisas nesta área, com especial atenção para a relevância das contribuições de Gilberto Velho (1989; 1994; 1999) e Tânia Salém³³. Por fim, a realização da pesquisa nestas cidades teve como razão contingências pessoais, mas também o interesse em avaliar, por meio da comparação, a relevância do espaço social como fonte de interpretação dos rituais em sociedades individualistas.

Se por um lado as entrevistas me ajudaram a compreender o noivado “do ponto de vista dos nativos” (GEERTZ, 1997), também persequi a compreensão do papel exercido pelas instituições sociais, mais especificamente reunindo dados sobre a atuação de agentes econômicos e religiosos na formulação de crenças, valores e significados a respeito do casamento e da conjugalidade e de seu disciplinamento exercido por meio de eventos destinados a esse fim. Para isso realizei pesquisa de campo baseada na incursão, direta e semidireta, às feiras de noivas “Semana das Noivas” e “Casando 2015”, ambas ocorridas em Belém em maio e agosto de 2015, respectivamente, e “Conversa Entre Noivas”, realizada em Teresina em março de 2016.

Paralelamente a isso realizei registros em diário de campo, entrevistas e análise documental junto aos cursos de preparação para a vida matrimonial, também

³³ O protagonismo destes autores se deve à atuação de Gilberto Velho no Museu Nacional, que na virada para os anos de 1970 deu início à série de pesquisas que resultaram na publicação de “Utopia Urbana” (VELHO, 1989 [1973]). Diversos autores, entre eles Salém (1980), deram continuidade a esta “tradição” realizando pesquisas no contexto das relações familiares com o a finalidade de apreender o modo de operação ou a lógica que informa os diferentes códigos culturais em contextos urbanos. Estes estudos, no entanto, tem como características predominantes a atenção para o ethos psicanalítico e individualista como dimensão simbólica da experiência de classe, a inclinação para “experiências sintetizadoras” desses ethos e a identificação das redes como unidade de análise das conexões entre indivíduos (SALEM, 1986). Saliento ainda que, apesar deste trabalho ter se restrito a noivos e noivas heterossexuais, a literatura e observação permitem constatar a ocorrência do noivado em segmentos homoafetivos, de instituições que atuam na oferta de produtos e serviços para os mesmos e de pesquisas semelhantes neste domínio, a exemplo de Mello (2005).

conhecidos como “cursos de noivos”, oferecidos pelas pastorais familiares das Igrejas da Santíssima Trindade, em Belém, e Nossa Senhora de Fátima, em Teresina. Durante o período em que realizei esta etapa da pesquisa de atenção, principalmente, a organização e funcionamento destes cursos, como meio indispensável para compreender a codificação dos significados atribuídos aos sentimentos, à sexualidade, à divisão dos papéis, à família e à religiosidade. Meu objetivo com isso foi decompor a estratégia disciplinadora destas pastorais que por meio da formulação e reprodução do modelo de casamento católico procura transformar o noivado em uma experiência de socialização com vistas a consagração conjugal.

Desenvolvi esta metodologia partindo dos ensinamentos de Cardoso de Oliveira, que vê na etnografia uma estratégia que realça a importância da dialogia “por meio da qual o antropólogo precisa estabelecer uma conexão com a visão do grupo estudado ou com o ponto de vista nativo, produzindo assim uma fusão de horizontes, para conseguir dar sentido ao que está sendo observado” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2007, p. 8). Nesse sentido, tive o cuidado de, por meio da máxima imersão, dar atenção constante a intencionalidade dos atores e ao senso de encenação coletiva buscando compreender o significado contextual dos eventos observados.

O modo como cada uma das técnicas foram metodologicamente empregadas, contudo, são detalhadas nas três partes que compõem o trabalho, uma vez que elas se aplicam às diferentes maneiras de interpretar o noivado como fenômeno sociocultural.

Perspectivas e desdobramentos: a tese

Com o desafio de compreender os significados que cercam a interpretação do noivado como fenômeno sociocultural, este estudo se desdobra em três perspectivas, que também coincidem com a sua divisão nas seguintes partes e capítulos.

Na primeira parte, intitulada “Noivado e Sociedade”, exploro os resultados da revisão bibliográfica no intuito de situar o leitor quanto ao lugar do noivado e das práticas rituais que o caracterizam, tanto na literatura especializada, como no imaginário social. O capítulo 1, cujo título é “Do ritual ao parentesco: a invenção do noivado como unidade cultural”, contrasta a ideia de extinção do noivado como prática social face a recorrência de estudos que registram sua adaptação ao mundo contemporâneo. Para isso analisa o significado moralizador do noivado em escritos jurídicos, teológicos e

manuais de aconselhamento, destaca a visão do mesmo como um rito polissêmico e de fácil acomodação às transformações sociais, além de sua maleabilidade histórica, levando-se em conta a ambiguidade de sua ritualização, a disputa pelo monopólio do consentimento e a própria etimologia do termo. Por fim, o capítulo problematiza a concepção de noivado no âmbito do parentesco chamando atenção para as três principais formas descritas nos estudos etnográficos: por livre iniciativa dos interessados (forma livre), por acordos familiares (forma arranjada) e pelo rapto ou roubo da noiva.

Situando-se nas fronteiras do que se convencionou chamar de tradição, e modernidade, o capítulo 2, nomeado “Tradição e atualidade dos ritos pré-nupciais”, realiza um inventário das recorrências e variações do noivado como ritual, no decorrer do tempo e sua assimilação, através do imaginário, como um símbolo cultural. Para isso, recorro a abordagem sócio-histórica por meio da bibliografia e fontes documentais demonstrando que as razões que tornaram o noivado uma prática cultural difusa e polissêmica decorrem, por um lado, das transformações protagonizadas pela ascensão do individualismo como estilo de vida e suas implicações nas relações afetivas e familiares em contextos urbanos – com especial atenção para os segmentos de classe média – e, por outro, dos estímulos culturais que o imaginário em torno do noivado produz em termos de socialização. Enfatizo com isso as contribuições de Thales de Azevedo sobre a constituição dos vínculos que permeiam o processo de socialização conjugal e a institucionalização do noivado na sociedade e cultura brasileira, e os efeitos deste inventário histórico-social identificando permanências e desvios bem como a emergência de novos significados no imaginário social recorrendo a interpretação do pedido de casamento em redes sociais, do uso da categoria “sonho” pela imprensa e das listas de filmes sobre o noivado indicadas por sites e revistas especializadas na preparação do casamento.

A segunda parte do trabalho, identificada como “A experiência nupcial”, enfatiza a interlocução com os sujeitos. Seu principal objetivo é aferir, no domínio da experiência, a maneira pela qual os significados e códigos de conduta descritos a partir da revisão bibliográfica e do estudo sobre o imaginário social alcançam as práticas e representações dos noivos levando-se em conta o papel dos mesmos como agentes e intérpretes do ritual. Nela, o capítulo 3, nomeado “E o noivado, como vai? As estratégias de interlocução com os sujeitos”, exerce a função de narrar os procedimentos metodológicos adotados para a consecução desta etapa da pesquisa.

Intitulado “O sujeito ritual”, o capítulo 4 chama atenção para os símbolos que definem uma pessoa como noivo ou noiva. processo de socialização dos interlocutores buscando compreender o papel do noivado na construção da identidade de cônjuge. Para isso, interpreta a divisão-negociação dos papéis de gênero, as disposições que cercam o relacionamento e o significado dos sentimentos.

O capítulo 5, identificado como “Levando a sério: os significados da ritualização nupcial”, analisa a ritualização propriamente dita decompondo as práticas e representações que tornam eficazes as ações dos interlocutores, como a performance do pedido e as questões envolvendo o consentimento e os significados do casamento como evento e relacionamento.

Para concluir esta parte do trabalho o capítulo 6, ao qual atribui o título “Fazendo tudo certinho: família, moradia e reprodução social”, interpreta os significados atribuídos pelos interlocutores à família e o papel que os parentes exercem em sua representação da conjugalidade. O capítulo se preocupa ainda em refletir sobre a moradia como um marcador da ritualização, destacando seu papel na construção da intimidade como símbolo do novo casal.

A última parte do trabalho apresenta e discute os dados obtidos por meio da pesquisa de campo nas feiras de noivas e nos cursos de noivos dão corpo a Parte III, intitulada “Como as instituições agem”. Por meio dela descrevo e interpreto o papel destes eventos na formulação e reprodução dos imaginários que cercam a ritualização nupcial.

Refletindo sobre “A indústria do casamento”, no capítulo 7 narro minhas incursões em feiras de noivas nas cidades de Belém e Teresina abordando. Destacando o “sonho” como uma categoria de análise, descrevo o papel dos agentes que compõem esse mercado, sobretudo vendedores e cerimonialistas, com atenção especial para os valores, crenças e significados postos em circulação com a oferta de produtos e serviços associadas a cerimônia de casamento.

O capítulo 8, denominado “O noivado e o sagrado: etnografia em pastorais familiares” se dedica, por sua vez, a descrever minha interlocução com os membros das pastorais familiares responsáveis pela organização e realização dos cursos de noivos. Por meio dele retrato as crenças e ideologias que movem os seus membros na adoção de estratégias na defesa e reprodução do modelo conjugal católico disciplinando sua crença como modo eficaz de relacionamento.

Concluo o desenvolvimento do trabalho refletindo sobre os “Cursos de noivos e a codificação da identidade conjugal católica: em busca da hierofania nupcial”, título do capítulo 9, onde me dedico a analisar o sentido de preparação e a codificação do modelo conjugal católico protagonizado pelos membros do curso de noivos no curso de sua realização. O intuito do mesmo é retratar a intenção da igreja católica em estimular os noivos a crer que a assimilação dos conteúdos apresentados por meio de palestras e testemunhos leva o casal a um encontro com o sagrado, experiência que favorece um relacionamento conjugal duradouro e bem-sucedido.

PARTE I
NOIVADO E SOCIEDADE



Imagem 1 – “The betrothal”. Otto Friedman, 1871. (In. *The Aldine*, Vol. 7, n. 23 [Nov., 1875], pp. 448, 450-451).

Cada cientista começa a partir do trabalho de seus predecessores, encontra problemas que acredita significativos, e pela observação e raciocínio esforça-se em dar alguma contribuição para o crescimento da teoria (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 169).

A imagem acima se refere às solenidades que cercavam o casamento no final do século XIX. Descrita como uma ilustração da "vida continental europeia" ela mostra a "felicidade futura de todos que dela tomam parte", neste caso, o noivo, a noiva e sua mãe, que na cena parece atuar como espécie de mediadora. Como representação dos costumes europeus, porém, ela não passa de uma evidência arquetípica do estatuto do noivado para aquele período.

Segundo Macfarlane “a história e a mudança do status legal do noivado é um assunto complexo que mereceria um tratamento em maior profundidade” (MACFARLANE, 1990, p. 305). Ele chega a essa conclusão ressaltando que se até um passado recente o mesmo tinha grande peso na organização social, constituindo-se na parte principal do contrato de casamento, no último século tornou-se cada vez mais um assunto pessoal e intimista. Essa visão é ratificada por Coulmont (2002), para quem o noivado é visto como um costume tradicional e antigo, mas que vem sofrendo alterações profundas em virtude de sua fácil adaptação ao mundo moderno.

No Brasil, o noivado por livre iniciativa dos interessados é o rito pré-nupcial predominante³⁴. Intercala-se entre o namoro, quando a conveniência e a oportunidade favorecem um pedido de casamento seguido de consentimento, e a coabitação, que pode ou não ser precedida de uma cerimônia de casamento civil ou religiosa. Embora esteja situado no âmbito da teoria sobre os rituais contemporâneos (PEIRANO, 2000; SEGALLEN, 2002), o noivado também oferece uma importante contribuição para a compreensão da aliança como sistema cultural em sociedades individualistas, cujos estudos até agora produzidos³⁵ revelam se

³⁴ Considero predominante porque ao lado dele, conforme retratarei ao longo deste texto, a literatura antropológica descreve duas outras formas: por acordos familiares (forma arranjada) e pelo rapto ou roubo da noiva.

³⁵ Entre os estudos que ressaltam esta característica estão o de Coulmont (2002), que aborda o noivado como um costume tradicional e antigo, mas que vem sendo progressivamente ameaçado de extinção; o de Arsenault e Roberge (2006), que o considera um estatuto em redefinição; e o de Rault (2018) no qual o noivado é considerado uma das expressões de recomposição ritual do casamento.

tratar de uma ação em que o casal torna público e notório, seja por meio da exibição pública do anel, seja adotando comportamentos característicos, a intenção de estabelecer um relacionamento institucionalizado.

Expressando uma promessa de casamento futuro, atualmente seu caráter estaria, contudo, sujeito a questionamentos, pois tanto suas formas, como os significados que permitem identificá-lo como unidade cultural, não são fixos e estão sujeitos a grandes variações. Essa característica repercute na questão central que orienta esta primeira parte do trabalho: afinal, com que fato ou conjunto de fenômenos os estudos sobre o noivado procuram lidar ao adotar este tema como objeto de análise?

Afirmo na Introdução e em trabalhos anteriores (ALENCAR, 2011; 2014) que são raros os pesquisadores que se dedicaram a abordar o noivado como tema central de seus estudos – ainda que os que o mencionam ofereçam uma rica contribuição à sua interpretação. Na maioria das vezes, o mesmo é abordado – como muito lhe cai bem – apenas *de passagem*, isto é, como um preâmbulo para o que de fato parece importar, o casamento. Isto se aplica tanto à literatura de ficção, onde a posição do noivado é usada principalmente para a construção do enredo (vide Jane Austen, Machado de Assis, etc., [ALENCAR, 2011, cap. 5]), na teologia católica, que nunca considerou o noivado como um assunto muito sério, como na sociologia e etnografia, onde sua descrição é muitas vezes deficiente e pouco criteriosa.

Seguindo o conselho de Radcliffe-Brown, dedico-me nesta parte do trabalho a problematizar, a partir da revisão bibliográfica, as questões mais significativas que cercam a interpretação do noivado como unidade cultural, o que para mim tem duplo caráter: 1) identificar os recortes teórico-metodológicos com os quais o tema tem sido abordado; 2) reconhecer o vocabulário utilizado em sua problematização. Com efeito, o que segue pretende discutir a pertinência de um tema que, apesar da ameaça de extinção, tem sua existência associada às adaptações que a criatividade humana encontra para reproduzi-los como unidade e símbolo cultural.

CAPÍTULO 1

DO RITUAL AO PARENTESCO: A INVENÇÃO DO NOIVADO COMO UNIDADE CULTURAL

Há na tradição antropológica uma lenda na qual se sugere ao pesquisador que desembarque em um lugar desconhecido, construa uma tenda e observe a vida dos seus interlocutores como se ele fosse uma criança de três anos aprendendo a falar. Isso talvez ainda seja válido para etnólogos interessados em descrever e comparar sociedades desconhecidas do mítico “homem branco”. Não se pode esperar o mesmo de um pesquisador que tenta compreender os significados de práticas com as quais ele está familiarizado. Neste caso, é preciso, antes de ir à campo, que ele saiba que essas práticas e as representações – que são sua razão de ser – estão disponíveis, como “em nuvem” (para dar ares mais ciberneticamente atuais ao conceito de cosmologia), para serem acessados e utilizados ao gosto dos sujeitos. Portanto, sustento que antes do antropólogo lançar-se na difícil tarefa de perseguir o sentido que os seus interlocutores dão às suas vidas, nada mais oportuno que ele próprio compreenda o significado daquilo que ele está perseguindo.

Há mais de um século, mais precisamente em 1897, Émile Durkheim já chamava a atenção dos cientistas sociais para os cuidados que se deveria ter com isso quando da interpretação do vocabulário que define seu objeto de pesquisa. Referindo-se ao estudo do suicídio ele mostra que as ordens de fato acolhidas como fonte de investigação devem ser submetidas a verificação das correlações que mantêm entre si. Do contrário, servirão apenas para reproduzir a linguagem corrente.

De fato, antes de iniciar a pesquisa que deu origem a este trabalho, notei que este mesmo cuidado encontrava-se presente, um século mais tarde, em diversos trabalhos, entre eles o de Gonçalves, que em sua dissertação sobre os significados do casamento em camadas médias expôs as características que cercavam este tipo de relacionamento na virada para o século XXI (GONÇALVES, 1999). Inspirando-me em suas reflexões sobre o que chama de “traduções verbalizadas” por casados e não-casados sobre o casamento na cidade de Belém e em diálogos estabelecidos diretamente em eventos acadêmicos e

conversas informais, Telma me fez notar que, apesar da aparente "trivialidade" contida no vocabulário dos relacionamentos – conforme demonstram os excertos acima – os significados em torno de um termo escondem uma atraente fórmula para interpretar o próprio meio social em que vivemos.

Pensando nisso, esta tese dialoga com a ideia de que o noivado é parte estruturante do sistema simbólico que mobiliza indivíduo e instituições em suas ações no âmbito da aliança. Pondo em marcha um sentido para a ação, o noivado é, portanto, um ritual, mas também um símbolo, isto é, alguma coisa que as pessoas acreditam representar. No caso em particular, procurarei demonstrar que além de ritual, ele também é um tipo de relacionamento.

Para desenvolver essa concepção apoio-me na ideia de David Schneider, para quem os símbolos representam alguma coisa ou algumas coisas sem que haja relação condicionada entre o mesmo e aquilo que ele simboliza. Esta perspectiva se baseia da tese de que a existência dos símbolos corresponde a um conjunto de "átomos de consciência" socialmente compartilhados por meio de entidades culturalmente definidas e distinguidas: as unidades culturais. Para chegar a ela Schneider adota a linguagem acreditando que esta é uma forma de se interpretar a relação dos símbolos com as outras unidades que compõem um sistema cultural, o que o levou a escrever sobre a "natureza do parentesco americano" (SCHNEIDER, 2016 [1968]). Considerado um divisor de águas no estudo do parentesco, este trabalho foi responsável por demonstrar que fatos da natureza são transformados, por meio da atribuição de significados, em constructos culturais, o que é responsável por comprometer a própria interpretação do pesquisador em torno do objeto analisado.

Levando a termo o que Sahlins (2003) chama de "etimologia do povo", isto é, a representação que as palavras exercem como constructos culturais baseados na lógica informal da vida real, Schneider procurou superar essa dificuldade estabelecendo a aplicação dos significados das palavras a partir de sua origem, das leis que governam sua mudança e do modo com que elas se relacionam nos contextos de interação e sociabilidade.

O noivado, sob esta perspectiva, é uma entidade cuja existência e significado é dado pelo lugar que ocupa no sistema simbólico formado pela aliança. Como tal, suas funções e atribuições são precisamente aquelas que o costume

definiu como sendo um estado de preparação para o casamento, isto é, a formação de uma nova unidade doméstica, conjugal ou familiar. A fim de dar início em minha tarefa de problematizar a aliança como processo social, opto, portanto, por discutir os significados contidos na interpretação do noivado enquanto objeto de pesquisa, mostrando que a sua apreensão como ritual ou rito de passagem passa obrigatoriamente pela compreensão da linguagem com a qual se interpreta sua existência como um constructo simbólico.

Noivado e moralidade

Em uma interessante tese sobre o noivado na França, Baptiste Coulmont descreve as causas que levaram ao declínio de sua prática ao longo do século XX (COULMONT, 1999). Entre elas, o autor destaca a perda de interesse historiográfico, bem como as influências da “maré sentimental” que transformou as relações amorosas e familiares. Contudo, o mais interessante em seu trabalho é saber que o noivado ocupa não só um lugar especial no imaginário social como despertara o interesse de intelectuais quanto à sua projeção no âmbito moral.

De fato, a literatura existente demonstra que, na passagem do século XIX para o XX, o tema foi objeto de discussão sobretudo entre juristas, teólogos e educadores como Glasson³⁶ (1866), Escard³⁷ (1901) e Smet³⁸ (1912), bem como de sociólogos como Westermarck³⁹ (1922 [1891]) e Howard⁴⁰ (1904). Ratificando as considerações de Coulmont o veio aberto por esses estudiosos refletia o espírito enciclopedista da época, razão pela qual os textos se dedicam a explorar tipologias ou diagnosticar as inquietações da vida moderna no âmbito nupcial.

Em sua exposição acerca do consentimento e sua eficácia para a validade do casamento no direito romano, canônico, francês e no Código Napoleônico,

³⁶ Ernest Désiré Glasson (1839-1907). Jurista francês, professor de processo civil e especialista na história do direito francês, direito romano e direito comparado.

³⁷ François Escard (1836-1909). Historiador francês que colaborou em vários números da revista *Reforme Sociale*, dirigida por Frederic Le Play.

³⁸ Alis De Smet (1868-1927). Professor de teologia do Grand Seminaire de Brugge.

³⁹ Edward Alexander Westermarck (1862-1939). Filósofo e sociólogo finlandês, famoso por suas críticas ao cristianismo e suas instituições e por ter publicado *The History of Human Marriage* em 1891.

⁴⁰ George Elliott Howard (1849-1928). Professor norte-americano e escritor. Foi também presidente da American Sociological Association entre 1916 e 1917.

Glasson assinala a necessidade da regulamentação das práticas pré-nupciais chamando atenção para a importância de seus efeitos jurídicos e religiosos sobre os costumes. Sua proposta fora encampada por Escard que em artigo publicado na revista *La réforme sociale*⁴¹ – dirigida à época por Frederic Le Play –, expõe sua preocupação com os efeitos da “individualização em excesso” da família. Argumentando que apesar do principal traço do noivado definido por Le Play⁴² ser de caráter econômico sua influência era de ordem moral: “preparar os futuros esposos para se conhecerem melhor [...]” (ESCARD, 1901, p. 5). Recorrendo a uma descrição de sua prática em países europeus o autor assegura que, para fazer frente à falência do casamento, protagonizado principalmente pela regulamentação do divórcio em 1884, a inclusão do noivado no código civil francês diminuiria a inclinação dos cônjuges para a separação uma vez que o conhecimento mútuo obtido através desse ritual favoreceria sua integração e a manutenção de seu vínculo.

Nesse texto também pode ser encontrada uma importante crítica à Revolução de 1789, que segundo o autor foi a responsável por remover os últimos vestígios da liturgia católica sobre o ritual⁴³. Enciclopedistas como Théry, consideravam ainda que isso ocorreu porque “Eles não estão mais em harmonia com o espírito de um tempo onde estamos muito ansiosos para viver sem as imposições de tais atrasos...” (THÉRY apud ESCARD, 1901, p. 6).

De Smet, que por sua vez escreve um tratado canônico e teológico apresentando “*insights*” jurídico-civil, como ele próprio afirma, chama atenção para a natureza étnica e religiosa do noivado (“[...] o noivado já era praticado pelos hebreus, romanos, germanos e os cristãos da igreja primitiva” (p. 5)), sua

⁴¹ *La réforme sociale* foi uma revista bimensal publicada entre 1881 e 1934 em Paris, França.

⁴² Le Play define o noivado como “um compromisso preliminar ao casamento e uma instituição fundamental no modelo racial francês. Na melhor tradição de povos prósperos, ele estimularia os noivos a garantir, através de esforços e da poupança, habitação, móveis e roupas que serão necessários no futuro lar; e, à medida que crescem, graças a mais poderosa atração humana, hábitos e virtudes fundam a base da felicidade dos cônjuges” (Le Play, *Les Ouvriers européens*, 2ª éd. t.1, pp. 437-438).

⁴³ Escard acreditava no reavivamento do controle da igreja católica sobre o casamento, sob o pretexto de que os ritos católicos eram dotados de uma grande eficiência na inculcação de “verdades superiores”. A terceira parte deste trabalho pretende demonstrar que essa ideia não se perdeu com o tempo e está na origem da formação e constituição dos cursos de noivos que pesquisei.

tipologia (solenes ou clandestinos; absoluto ou condicional; confirmado ou simples) e os elementos que o constituem: a promessa e o consentimento.

A estes estudos acrescento ainda um importante texto, que apesar de não revelar a autoria, retrata a historicidade do noivado na França. Ao longo do texto, escrito em língua francesa e na década de 1920, encontram-se identificados os elementos rituais que o acompanharam em sua evolução, como o ato de trocar alianças e consentimentos, os banquetes familiares, o vestuário dos noivos e as joias ofertadas como presentes ou empenhadas a fim de celebrar os acordos matrimoniais.

Em formato de catálogo, no melhor estilo das revistas de moda de nossa época, o autor ou autora do texto define o noivado do seguinte modo:

O noivado, grande promessa de felicidade, troca simbólica de anéis no limiar da vida enobrece e justifica-se pela dualidade tradicional e eterna, é uma desculpa encantadora para decorar, não só no plano sentimental, mas também no campo da vida prática e simples, a vida, nossas mentes, nossos corpos e nossas casas. (Autor desconhecido, 1924, Prefácio. Tradução minha).

O intuito do texto parece ser o de atrair ou enriquecer o imaginário de consumo que estava se desenvolvendo àquela altura – e que muito apropriadamente nos remete às “passagens” benjaminianas – o que fica demonstrado pelas ilustrações, caricaturas, gravuras, quadros e fotos distribuídos ao longo de suas páginas.

Imagem 2 – “L’union chrétienne”.



Fonte: Fiançailles: quelques coutumes et traditions du mariage à travers les ages (Autoria desconhecida, 1924, p. 9)

Seu conteúdo expõe, ainda, os produtos e serviços aos noivos parisienses, como ateliês de *haute couture*, lojas e butiques destinadas à sua vestimenta, os serviços de decoração das festas e celebrações religiosas envolvendo famílias reais ou pertencentes à burguesia francesa, anúncios dos cabeleireiros e maquiadores mais requisitados, os grandes salões de recepção para festas de noivado e de casamento da classe média parisiense, as agências de aluguel e venda dos automóveis mais usados pelos casais em sua partida para a lua de mel, entre outros.

Imagem 3 – Anúncios do ateliê para noivas “Maison Emile” em endereços nas cidades de Paris e Londres.



COIFFURE DE MARIÉE

Voile combiné
de vieille dentelle et tulle illusion
avec attache oranger vieilli

présentée par la

Maison EMILE

Rue St-Honoré, 398 & 400
PARIS (1^{er})

Conduit Street 24/25
LONDON W. I.

COIFFURE CLASSIQUE DE MARIÉE

Couronne et piquets oranger,
myrthe et jasmin,
voile extra-fin en tulle de soie

présentée par la

Maison EMILE

Rue St-Honoré, 398 & 400
PARIS (1^{er})



Rue St-Honoré, 398 & 400
PARIS (1^{er})

Conduit Street 24/25
LONDON W. I.

Fonte: *Fiançailles: quelques coutumes et traditions du mariage à travers les ages* (Autoria desconhecida, 1924, p. 74)

Voltados sobretudo para círculos restritos, principalmente nos estratos urbanos onde o capital econômico e cultural permitia o acesso à sua leitura, a publicação destes estudos não pode ser vista como obra do acaso. Além de enciclopedistas, elas retratavam o caráter reformista que tanto animou a *intelligentsia* europeia na virada para o século XX, como reação as transformações vividas no âmbito amoroso e sexual conforme discutido por Giddens (1993) e Foucault (1988). Como observa Coulmont (1999) muito do que fora escrito por esses autores repercutiu na imprensa, em manuais de *savoir vivre*, em discursos políticos, em decisões judiciais e na própria liturgia católica cujo interesse moralizador, dentre outras coisas, procurava reconhecer o valor do noivado como um costume disciplinador, o que concretamente repercutia na utilização destes textos como importante fonte de aconselhamento para aqueles que pensavam em ingressar no casamento.

Aproveitando a precedência deixada por Elias em sua interpretação dos manuais de civilidade para crianças nos séculos XVI e XVII, tomo nota de alguns dos manuais de *savoir vivre* mais importantes à época que, no âmbito do noivado aproveitaram desse espírito para, dentre outras coisas, colocar em curso um projeto pautado na formulação de modelos para o “bom casamento”, cujos ecos alcançaram a sociedade brasileira.

Diversificados segundo o gosto dos leitores estes manuais reuniram desde instruções com conteúdo religioso e moral até recomendações sobre a escolha do parceiro com base nas teses eugenistas, onde a livre interpretação dos escritos de Thomas Malthus, Charles Darwin e Francis Galton era um estímulo à imaginação⁴⁴. O público-alvo eram principalmente jovens de classe média urbana europeia e seu sucesso na passagem do século XIX para o XX tornou-se na mina de ouro de psicólogos e psicanalistas (ILLOUZ, 2011). *The Physical Life of Woman*, do Dr. George Napheys, por exemplo, vendeu 150.000 exemplares em sua edição original de 1869, sendo reimpresso em 1888 (HERMAN, 1973, p. 237).

⁴⁴ Coulmont também mostra que nos segmentos burgueses os manuais que se dedicavam ao noivado francês recomendavam a observância quanto a etiqueta do pedido, a troca de presentes, as formalidades exigidas quando fazia-se necessário romper o relacionamento e o relacionamento entre pais e filhos.

Segundo Castañeda (2003), alguns desses livros eram baseados no princípio do melhoramento da espécie mediante o “processo da boa frutificação” ou, melhor ainda, “era a ciência da herança e técnica da paternidade, porque preconiza as boas uniões matrimoniais e desaconselha ou proíbe as más” (KHEL, 1933a, p. 55 apud Castañeda, 2003)⁴⁵. Acompanhando este pensamento Illouz lembra que a “literatura do aconselhamento” se transformou em uma indústria, utilizando-se de uma linguagem nomológica para se transformar na “plataforma mais duradoura para a difusão de ideias psicológicas e para a elaboração de normas afetivas [...]” (ILLOUZ, id., p. 19).

Um desses livros, "As mulheres na sua mocidade", escrito por Mr. Builly, havia sido traduzido para o português ainda na década de 1830. Ocupando por vários meses as páginas de anúncio do *Jornal do Commercio* tratava-se de uma obra que, segundo o articulista, instruía e aconselhava, por meio de "novellas interessantíssimas", sobre

As visitas de noivado; a primeira sahida; a primeira suspeita; o jantar de homem; o cofre de joias; negligência de si mesma; a ambição de hum nome; a estrangeira em sua casa e distância e idade" (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, vários números, 1838).

A presença dessa literatura nas cidades brasileiras expressa também nossa herança cristã e cavalheiresca com a antiga metrópole portuguesa, cuja inspiração remontavam a publicação de obras como: *Espelho de casados*, de João de Barros, em 1540; *Casamento perfeito*, de Diogo Andrada em 1630 (ANDRADA, 1944); e a *Carta de guia de casados*, de Dom Francisco Manuel de Melo, em 1651 (MELO, 2007).

Influenciado pelo processo de romanização cuja atmosfera girava em torno do Concílio de Trento (1545 a 1563), estes textos se amalgamaram ao pensamento social do colonizador português chegando às nossas costas substanciado pela teoria das raças, que no final do XIX deu origem as ideologias eugênicas associadas às estratégias de associação matrimonial como solução

⁴⁵ No Brasil os mais famosos foram a *Folhinha Eclesiástica e Civil*, do arcebispado da Bahia, e o *Compêndio de Civilidade Cristã*, de Dom Macedo Costa, arcebispo de Belém.

para o processo de embranquecimento da população nacional. Nesse contexto foram elaborados vários manuais de casamento ou compêndios de civilidade cristã, principalmente no início do século XX, onde, segundo Azevedo, tinham como objetivo esclarecer e inculcar pretendentes e pretendidos sobre as finezas, as boas maneiras, a etiqueta, o modo de “praticar com pessoas” [...] (cf. AZEVEDO, 1986, p. 15). Esses guias eram o reflexo dos manuais acima citados, onde eram recomendadas várias atitudes e comportamentos em relação à escolha, para que os casamentos dessem certo e fossem “bons”, estimulando preferencialmente os casamentos intraclasses e afastando os interclasses com penalidades (LEVY, 2009, p. 118).

A primeira versão destes manuais saída de mãos brasileiras data de 1896 com a publicação de “O livro das noivas”, da escritora carioca Julia Lopes de Almeida (1862-1934). Segundo Lobato (2015), este manual constituía-se em um “instrutivo e moralizante” meio de prescrição “das regras, dos princípios e dos valores de conduta preteridos à mulher no final do século XIX e princípio do XX”. Por meio de crônicas sobre a vida doméstica, Almeida instruía suas leitoras sobre os novos padrões de comportamento feminino no intuito de adequá-los ao estilo de vida burguês que passou dominar a cena cultural carioca na virada para século XX.

A estes manuais reúne ainda as duas publicações de Renato Khel sobre “Como escolher um bom marido”, publicado 1923 e reeditado em 1935, e “Como escolher uma boa esposa”, de 1924. Representando a iniciativa da emergente classe intelectual em elevar o nível cultural e material da população brasileira (SEVCENKO, 1989), este médico procurava popularizar a técnica do exame pré-nupcial⁴⁶ recorrendo aos argumentos de Francis Galton, criador da teoria eugênica, para ensinar os jovens a valer-se dos melhores critérios para a escolha do cônjuge.

⁴⁶ Segundo Scliar (1997) as autoridades sanitárias brasileiras no início do século XX dedicavam considerável esforço a motivar a população para a realização destes procedimentos com o intuito de impedir que a formação de pares “inconvenientes” (isto é, compostos por indivíduos não saudáveis ou “racialmente inferiores”) reproduzissem moléstias venéreas, tuberculose, lepra, câncer, doenças mentais e nervosas.

Khel emprestou muito de seus “ensinamentos” dos manuais norte-americanos, cujos autores faziam descrições uniformes da boa esposa e recriminavam comportamentos que não se conformassem com os seus ideais, a saber, protestantes. Aos homens era recomendado procurar o caráter e o comportamento ideal em uma esposa. A candidata à noiva tinha de mostrar, conforme havia adiantado Julia Lopes de Almeida, que ela poderia se tornar uma sóbria e meticulosa dona de casa. Contudo, em razão das mudanças protagonizadas pela vida urbana, incluindo aí a moda, a indústria cultural e a própria demografia, com a redução das famílias, tais exigências se tornaram cada vez mais difíceis de serem cumpridas.

Isso não impediu, contudo, o desenvolvimento de novas estratégias de prescrição da conduta nupcial. Conforme ressalta Coulmont, processos de desaparecimento e reaparecimento do rito como fonte de doutrinação fizeram com que ele se adaptasse às diferentes concepções sobre o seu significado institucional. No universo religioso, sobretudo a partir do concílio Vaticano II, se desenvolveu uma reflexão sobre o sentido da bênção matrimonial, onde o rito é entendido como um processo de autoconhecimento em termos de crenças e convicção (AQUINO, 2014), bem como de avaliação dos riscos que uma escolha mal-fadada pode provocar sobre projetos pessoais⁴⁷. A principal expressão desse movimento se deu com a popularização dos manuais “Noivado” (1968) e “Curso de Preparação ao Casamento” (1971) do padre e teólogo Paul-Éugene Charbonneau e sua posterior adoção pelas pastorais familiares católicas que durante os anos de 1970 institucionalizaram as orientações contidas nos mesmos através dos recém-criados cursos de noivos⁴⁸. Dedicados a disciplinar os casais instruindo-lhes com riqueza de detalhes sobre os inúmeros aspectos do

⁴⁷ Esta perspectiva foi recentemente ratificada pelo Papa Francisco em sua Exortação Apostólica “Amoris Laetitia” que, dentre outras coisas, se dedica a assinalar o maior envolvimento da comunidade privilegiando o testemunho de casais que ajudem os noivos a avaliar incompatibilidades pessoais e seus riscos para o relacionamento conjugal. Embora predominante no mundo católico, essa visão também pode ser encontrada em outras correntes do cristianismo como demonstram as publicações dos livros “Diga sim com convicção” de Uchôa (2014), no contexto anglicano, e “Casamento blindado” de Cardoso (2012), no contexto neopentecostal.

⁴⁸ A organização e conteúdo abordado nestes cursos estão descritos no Guia de Preparação para a Vida Matrimonial (CNBB, 2013) e serão discutidos na terceira parte deste trabalho.

relacionamento nupcial e conjugal estes manuais visavam a assimilação do modelo de conjugalidade prescrito pela igreja católica.

No mercado, por sua vez, a especialização alcançada com a indústria de casamentos nos últimos anos é responsável pela proliferação de manuais dedicados a consultoria dos noivos, seja para a realização da cerimônia, como “Manual do noivo” (FOWLER, 2011) e “Casar sem frescura” (MATARAZZO, 2015), seja para o planejamento doméstico, como “Casais inteligentes enriquecem juntos” (CERBASI, 2014), apenas para ficar em exemplos que foram sucesso de venda recente.

Para compreender o papel exercido tanto pela igreja como pelo mercado, em uma perspectiva que vai além dos manuais, volto a debater esse assunto na terceira parte deste trabalho.

Plasticidade ritual

Ao passo que a literatura do início do século passado recorre ao noivado para expressar seu apego a um possível projeto civilizatório, os estudos contemporâneos têm dado lugar a uma interpretação na qual o mesmo é retratado como um ritual plástico, polissêmico, vindo a ser discutido como algo “frouxo” (COURMONT, 2003) ou “precário” (LEMIEUX; MERCIER, 1991). Segundo Pugeault (2010), isto seria resultado de uma prática difusa, cuja variabilidade semântica e etimológica fazem com que o noivado seja encarado sob seis características principais: 1) resulta de uma decisão, individual ou coletiva; 2) é uma promessa de casamento futuro; 3) está condicionado pelo consentimento; 4) marca o tempo de preparação para o casamento; 5) é um ritual solene, mas pouco codificado; 6) é um momento festivo (PUGEAULT, 2010, p. 13).

Contudo, tanto a plasticidade como a polissemia são categorias formuladas por Segalen (2002) em sua revisão do conceito de ritual. Segundo a antropóloga francesa, os rituais nas sociedades modernas devem sua perpetuação à sua “plasticidade”, isto é, “à sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social” (SEGALEN, op. cit., p. 15). Acreditando na existência de uma recomposição de suas formas simbólicas, Segalen observa que no caso do casamento (e também do noivado) sua tendência na virada para o século XXI é inserir o ritual dentro das normas da sociedade de consumo extrapolando-o para

além da esfera privada e familiar. Esta tendência, prossegue a autora, seria a responsável pela dilatação da experiência nupcial levando os indivíduos a uma organização mais complexa e personalizada das etapas que envolvem o ritual e um tempo maior dedicado a preparação do casamento, cujo imperativo financeiro e a ocorrência de coabitação eliminam a pressa para casar.

Segalen, assim como Pugeault, pertencem a um conjunto de pesquisadores francófonos que nas últimas décadas têm chamado a atenção para o noivado explorando, sobretudo, sua variação e diversidade de práticas. Essa tradição (se posso chamar assim) foi iniciada por Claire Leplae, autora do livro *Les fiançailles: étude sociologique* (LEPLAE, 1947), cuja incorporação ao debate de Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo* é representativa da sua relevância para o debate sociológico.

Resultado de uma pesquisa conduzida no seio da burguesia belga entre 1945 e 1947 sobre o problema da escolha matrimonial, a autora mapeia a variedade de comportamentos e práticas que atuam para determinar certos padrões de nupcialidade. Para chegar a essa conclusão a autora se debruçou sobre os discursos acerca das estratégias econômicas utilizadas pelos casais da classe comerciante e industrial para encampar seus projetos matrimoniais; a tendência dos casais pertencentes ao meio intelectual manterem relações sexuais antes do casamento, em contraposição ao estado de privação sexual dos noivos católicos; a inclinação dos mais jovens a casar com um/a amigo/a de infância, seja como decorrência do imaginário romântico ou porque educados no mesmo ambiente comungariam de uma personalidade aprovável; a valorização das festas e banquetes entre provincianos e a tendência dos habitantes de Bruxelas em realizar reuniões íntimas circunscritas aos familiares mais próximos por ocasião do pedido de casamento.

Seguindo a mesma linha de investigação, o Instituto Nacional de Estatística e Demografia da França (INED) financiou uma série de pesquisas que entre outros objetivos procurava identificar as consequências para a recomposição das famílias europeias afetadas pela morte de mais de 50 milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial. Entre estes trabalhos encontram-se os

Girard (1964) sobre os índices de natalidade e Henry (1966, 1968, 1969) sobre o grau de homogamia na formação dos novos casais⁴⁹.

A partir de então, vários pesquisadores, entre eles a própria Segalen e posteriormente Bozon – recorrentemente lembrado quando se trata dos estudos sobre sexualidade, família, gênero e casamento na França – exploraram diferentes nuances da vida nupcial sem necessariamente adotar o noivado como sua principal fonte de pesquisa. Seus estudos, no entanto, foram fundamentais para as pesquisas sobre o noivado na virada para o século XXI. Os mais significativos nesta direção são os de Arsenault e Roberge (2006) sobre o estatuto híbrido do ritual na província de Québec, Canadá, a análise do noivado realizada por Maillochon (2016) em sua abordagem do casamento no início deste século e a pesquisa de Rault (2018) sobre os tipos de noivado na França. Isto porque todos eles têm em comum o fato de colocar o noivado no centro de sua análise bem como repercutir o emprego de categorias como variabilidade e plasticidade.

Ressaltando práticas que serão discutidas por mim mais adiante, Arsenault e Roberge mostram que no Québec o ritual do noivado apresenta-se flexível, voluntário e intimista, onde as festividades e o senso de diversão estão invariavelmente presentes. Ele também empresta do casamento ritos básicos, como a troca de alianças e votos, uma festa com convidados, a interlocução com familiares e a coabitação indicando que o relacionamento tem tudo para ser definitivo.

A análise de Florence Maillochon enfoca as dimensões muito concretas e pragmáticas dos preparativos que levam os casais atuais a reproduzir versões do casamento descritas pela própria autora nos anos 1980. São casamentos que buscam formalizar a união por meio de um rito simbolicamente forte e socialmente reconhecido, o do “grande casamento”, e que, portanto, implica forte investimento material e financeiro. A autora mostra em que condições as preparações hoje adquirem o status de rituais. Segundo ela, é errado ver nos

⁴⁹ Durante sua pesquisa sobre a escolha do cônjuge, Louis Girard observou que “a tradição, muito geral, que consiste em comemorar o noivado com uma cerimônia na qual é oferecido um anel, não está em declínio, e é respeitada até mesmo com muito mais frequência entre os casamentos celebrados após 1950 do que na geração anterior” (GIRARD, 1964, p. 131, tradução minha). Girard, no entanto, admite que o “noivado religioso” não pode ser estimado em mais de 2% de todos os casamentos religiosos, o que revela um uso em declínio.

casamentos contemporâneos o fim de um rito em favor de novos rituais personalizados onde todos inventam suas próprias práticas. O crescente individualismo não impede um certo conformismo e o surgimento de novas normas inerentes ao desejo de tornar o casamento um evento memorável e personalizado. Maillochon também lembra que o desejo de fazer do casamento um espetáculo aparece assim que a proposta de casamento é realizada, o que tem levado esse ritual a ser cada vez mais refinado e festivo.

Rault (2018), por sua vez, observa que o noivado no início deste século reflete uma realidade heterogênea marcada pela recomposição e sobrevivência de antigas práticas. Baseado em pesquisa realizada pelo Institut National d'Études Démographiques (INED) e pelo Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE) entre 2013-2014 sobre a trajetória conjugal de 7.825 mulheres e homens com idade entre 26 e 65, o autor ressalta que este fenômeno é caracterizado por uma diversidade de variações, estando associado mais a trajetórias matrimoniais individuais (e conjugais) do que determinadas por características sociais convencionais, como educação ou formação social. Dentre essas variações Rault identifica quatro formas de ocorrência do noivado: a clássica, a privada, a familiar e a ampliada. O noivado clássico é caracterizado pela entrada no casamento sem coabitação prévia, sem nascimento de filhos e de forma oficial, por meio do casamento civil ou religioso. O noivado privado está circunscrito ao casal sendo encontrado em proporções relativamente pequenas nos casamentos diretos, sendo a maioria deles precedido por coabitação e a chegada de, pelo menos, um filho; o noivado ampliado é mais comum em casamentos diretos e associados a círculos sociais mais amplos, particularmente as redes de amizade e de parentesco; o noivado familiar é a forma que predominou há algumas décadas e cuja função era principalmente selar o casamento na presença dos familiares. Os tipos ampliado e familiar geralmente são precedidos de coabitação, mas sem filhos.

No contexto antropológico brasileiro destaco ainda os trabalhos de pesquisadoras brasileiras como Cristina Marins, Érika Pinho, Michele Escoura e Marina Blank, que dentre outras coisas abordam o noivado na perspectiva dos rituais de consumo.

Em uma etnografia que retrata o papel desempenhado por cerimonialistas de casamento na cidade do Rio de Janeiro, Marins (2019) questiona o que diversos autores, entre eles Vaitsman (1994) e Laraia e Mello (1980), denominam de “crise da família e do casamento”. Lembrando que em anos recentes houve um aumento das uniões consensuais, a equiparação dos papéis e as novas formas de solidariedade conjugal ao lado de um crescente “reflorescimento do ritual de casamento”, a autora considera que a tal crise na verdade não passa de uma atualização do conteúdo simbólico que tradicionalmente reveste o significado do casamento.

Tendo se deparado em diversos contextos com a expressão “o céu é o limite”, recorrentemente proferida por jornalistas, noivos ou pelos próprios cerimonialistas, a autora argumenta que a frase surgia em discursos sobre os altos gastos financeiros implicados no evento, sobre as intermináveis listas de desejos dos noivos ou, ainda, sobre as inúmeras possibilidades suscitadas pelo que chama de indústria do casamento.

A pesquisadora também demonstra que o ritual de celebração do casamento atravessa diferentes classes e filiações religiosas, enfatizando que o seu prestígio está no imaginário de opulência e consumo que ele representa e incentiva. Marins aponta ainda a centralidade do noivado como um marcador social, pois tanto sua prática como o desejo protagonizado pelo consumo dos bens a eles relacionados ressaltam a construção da identidade de gênero, sobretudo no caso das noivas cuja transformação em verdadeiras “artesãs” daquilo que Di Leonardo (1987) chama de “Work of Kinship” (literalmente “trabalho do parentesco”), isto é, o poder de mobilizar agentes e realizar eventos que estão no centro das relações e ciclos vitais mais familiares, como nascimentos, aniversários, casamentos e funerais. Revelando o poder de mobilização, social, econômica e cultural exercido pelas redes de apoio, familiar e especializada, que participam do processo de formação de um casal, o trabalho de Marins mostra que a experiência de ser noivo/a reflete a construção de papéis implicadas num tipo de relação que excede a díade conjugal.

Explorando temática semelhante, Pinho discute a expansão e consolidação, entre as camadas médias brasileiras, da tradição dos “casamento-espetáculo”, expressão batizada por Segalen (2003). Com base em entrevistas e

etnografias realizada em feiras de noivas nas cidades de Fortaleza, Porto Alegre e São Paulo a pesquisadora chama atenção para o estímulo à cultura do consumo protagonizado pelo que denomina ser a “indústria do casamento”, principal responsável pelo excedente de tempo e recursos financeiros que os noivos dedicam ao rito nupcial.

Michele Escoura, por sua vez, tem se dedicado a discutir a circularidade de práticas, valores e representações envolvidos na ritualização do casamento (ESCOURA, 2016; 2017; 2019). Com o objetivo de compreender a articulação entre as relações presentes no processo de organização de festas de casamento e as noções de gênero e práticas de consumo a autora compara uma lógica comum que transita entre diferentes classes e territórios da cidade de São Paulo e de Belém: o simbolismo do "tradicional traje de casamento", em outras palavras o significado do vestido de noiva.

A pesquisa em São Paulo, significativamente mais avançada, mostra que a preparação do casamento é uma experiência extraordinária e predominantemente feminina sendo o vestido um objeto chave, uma vez que simboliza o status da noiva e, transversalmente, o tipo de interação que ela estabelece com os profissionais do mercado. Por meio dele, Escoura revela também a oscilação entre duas personagens: as “princesas” e as “sereias”. Ambas constituem, sugere a autora, em um mecanismo de diferenciação e de expressão dos contornos de gênero, por meio do qual as noivas organizam sentimentos e expectativas sobre a experiência nupcial que pretendem comunicar. Neste sentido,

O valor da noiva e o valor do vestido muito rapidamente podem se confundir, tanto em um sentido moral das convenções de feminilidade, como também no sentido dos posicionamentos de classe que uma noiva quer e consegue demonstrar durante seu ritual de casamento (ESCOURA, 2016, p.23).

Em uma imersão etnográfica bastante instigante, a autora tem demonstrado que a organização das festas de casamento não é apenas uma prática de consumo, mas um processo reflexivo, cuja performance reconhece a presença do discurso religioso combinado ao sacrifício, o que portanto enfatiza sua prática como resultado de escolhas e significados atribuídos aos símbolos e aos objetos

que participam da ritualização, seja por que mobilizam sentimentos, criam relações e ou (re)produzem memórias. Na interseção entre as noções de classe, religiosidade e sociabilidade, a pesquisadora argumenta que, se por um lado, a noiva de classe média é signatária de um etos mais individualista – razão pela qual adquire dívidas para realizar sua cerimônia –, o casamento em camadas populares resulta de um trabalho coletivo evidenciado na circulação de parentes, presentes e numa linguagem que aciona noções como “luta” – em referência ao trabalho dispendido – e “Deus” – como entidade consagradora do ritual.

Por fim, Blank (2017) discorre sobre o que chama de "histórias de noivado" em uma perspectiva que contempla as abordagens de Marins e Escoura, mas parte de um horizonte ainda mais intimista: entre as várias experiências que descreve ela inclui a sua. Inspirada nas reflexões de Marilyn Strathern, a pesquisadora discute os limites da autoantropologia ou antropologia do próximo, onde o riquíssimo acervo de memórias pessoais, comentários em redes sociais e blogs, além de narrativas de seus interlocutores, lhe serve de meio para desvelar o imaginário que caracteriza o noivado contemporâneo.

Seu trabalho resulta, assim, em um inventário de "aprendizagens" sobre os gestos ("dobrar o joelho em frente a parceira"), os lugares (a escolha de restaurantes ou de cartões postais, como a Torre Eiffel, em Paris, e a Fontana di Trevi, em Roma, para realizar pedidos), os contos de fada, as canções, as imagens, cujo simbolismo romântico difundem e alimentam o sonho do casamento. Articula, assim, um simbolismo tradicional cuja plasticidade e o conjunto de símbolos que o caracterizam como um processo ambíguo "por um lado pode ser compreendido como um momento de desprendimento e, por outro, como uma demarcação social e demonstração de status" (BLANK, 2017, p. 73).

Como se pode notar parece ter havido um recente acréscimo de pesquisas sobre ou transversais ao noivado, sobretudo com ênfase em sua plasticidade e diversidade de formas. As mesmas, no entanto, sugerem estar se lançando em uma agenda individualista, na qual acredita-se que as pessoas agem por conta da crença na eficácia do simbolismo de modo que possam expressar sua identidade. Isto contraria a perspectiva moralizadora, onde a autoridade/sacralidade do ritual era interpretada como uma fonte de ordenamento na formação do casal e conseqüentemente da família moderna.

Refletindo as próprias mudanças de paradigma interpretativo mencionadas por Kuhn (1996), a transição realizada por estas pesquisas não deve ser encarada apenas como uma mudança de eixo em sua problematização ou a adoção de um novo instrumental teórico-metodológico como sugerem as discussões sobre rituais realizadas por Segalen ou sua recente ênfase etnográfica. Na verdade, conforme demonstra Coulmont (2003), uma das características do noivado é ser um objeto polissêmico, e a razão para isto está em sua maleabilidade histórica.

Maleabilidade histórica⁵⁰

Segundo Coulmont o noivado possui uma maleabilidade que lhe é histórica e cuja natureza se deve a três conjuntos de fatos: sua ritualização, a disputa pelo monopólio do consentimento e sua própria etimologia.

Do ponto de vista da ritualização o historiador francês Jean Gaudemet (1993) lembra que as formas mais conhecidas de casamento são por etapas e num único ato. O casamento por etapas fora mais comum na antiguidade tendo sido celebrado entre povos semitas, muçulmanos, africanos e as populações do Pacífico. Um exemplo do casamento por etapas é proporcionado pelos códigos mesopotâmicos em que ele se manifesta em atos múltiplos, escalonados no tempo. Dois são particularmente importantes: a entrega da *tirhatu*, algo como um “prêmio nupcial” que o futuro marido oferecia ao pai de sua pretendente, e depois, em um segundo momento, que as vezes tinha lugar muito tempo depois, a mulher era confiada a seu marido. Esta entrega completava o matrimônio. O mesmo se dava entre os semitas, conforme demonstram o livro bíblico do Deuteronômio (22, 23-24) ao enfatizar que a troca de promessas ocorria muito antes da mulher unir-se ao seu marido.

⁵⁰ Este tema fora originalmente debatido na forma de comunicação oral por ocasião da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia quando participei do Grupo de Trabalho “Performance e Rituais” coordenada pela Profa. Francirosy Campos Barbosa Ferreira, a quem rendo meus agradecimentos pelos comentários e sugestões oferecidos.

Nos casamentos atenienses cabe distinguir dois momentos: a) a *enguesis*, um compromisso feito entre o futuro marido e a autoridade (*kúrios*) responsável pela mulher⁵¹; b) *ékdosis*, entrega da mulher.

Entre os germanos o casamento era dividido em dois momentos. Primeiro o *Verlobung* (*desponsatio*) que implicava a entrega de presentes por parte do pretendente e que representava sua vontade de casar com a pretendente. E depois o *Trauung* (*traditio puellae*) que ocorria meses ou anos após o primeiro ato. Nele se dava o banquete oferecido pela família da mulher seguido de sua entrega para o início da vida em comum.

Gaudemet chama atenção para o fato de que em todos esses exemplos a característica comum é de que a formação do vínculo conjugal respeitava períodos. E ele completa: “Ao multiplicar os atos e os gestos que contribuíam para a união, respondiam a complexidade do compromisso matrimonial, a multiplicidade das instâncias interessadas, e, que por tal razão, participavam desse compromisso” (GAUDEMET, 1993, p. 40).

O casamento como ato único parece ter se desenvolvido em Roma, quando a promessa de casamento e as ponderações políticas (GOODY, 2008) tomaram o lugar da série de rituais que cercavam a formação do vínculo. Segundo Gaudemet, o casamento romano era essencialmente consensual e residia na vontade de concluir um matrimônio conforme as exigências do direito. O autor lembra que juristas romanos, como Ulpiano, evocavam o exemplo dos cônjuges que moravam em residências diferentes, mas que honravam um ao outro em casamento repetindo com insistência: “Não é a união sexual, senão o consentimento, o que constitui o matrimônio”⁵².

A forma romana de realizar o casamento, portanto, estava centrada na relação entre promessa e consentimento e se caracterizava pelo uso da

⁵¹ Para Goody esses compromissos tinham por objetivo definir o montando do dote, o que leva a dar uma outra definição para o mesmo quando envolvia uma ões para esse compromisso: *egyde*, e ressalta que os mesmos eram virtualmente impositivos para os atores

⁵² Ressaltando que o noivado não era imposto em termos absolutos, Goody lembra que sua institucionalização a partir do século IV d.c. foi uma das razões para que as partes pudessem processar a outra por rompimento do noivado (GOODY, 2008, p. 508), o que mostra sua importância na lei romana. Rouche (2009) também identificam a presença de multas impostas aqueles que rompiam com o noivado seja entre os romanos ou aos povos em seu entorno. Entre os francos, por exemplo, ela era da ordem de 62,5 soldos. Entre os burgúndios a quantia representava o quadruplo do valor utilizado para comprar o *mund* (um tipo de dote).

expressão *sponsalia*, substantivo derivado do verbo *spondere*, isto é, prometer. Segundo Smet (1904) esta terminologia foi encontrada pela primeira vez em Guillaume de Champeaux por volta do século XII (+- 1121), tendo sido consagrado pelo direito romano a partir do seguinte costume: “aquele que queria se casar com uma moça, usava para questionar o pai desta ou aquele de quem ela dependia dizendo-lhe a seguinte fórmula: *Spondesne?* (‘você promete?’) cuja resposta era: *spondeo* (‘eu prometo’)”. De caráter familiar e religioso, a *sponsalia* implicava o consentimento entre as famílias dos contraentes e na autoridade do homem sobre a mulher, que desde então eram chamados *sponsus* e *sponsa*.

A palavra *sponsalia* era usada também em um sentido menos rigoroso no sentido de que os contraentes se ofereciam mutuamente. Antes desse evento, os contraentes eram chamados respectivamente *sperata* e *pacta*; *sperata* “quando o noivo começa a cortejá-la”; *pacta*, quando o jovem era aprovado pela família da noiva (ver também WERNZ, 1904).

Segundo Jardim (2010), durante toda a Idade Média a *sponsalia* permaneceu mais ou menos inalterada até que no século XII os canonistas abandonaram o termo para adotar o *desponsatio*. O motivo estava nos pedidos de compensação junto aos tribunais quando uma das partes era abandonada em meio ao compromisso de casamento e a outra contraía novo casamento. A dúvida era saber se ao casar com outro se estava praticando bigamia ou um matrimônio? A solução encontrada pelos canonistas foi distinguir o compromisso por *verba de futuro* (compromisso para o futuro, esponsais) do compromisso por *verba de presenti* (compromisso atual, matrimônio). Teólogos franceses situados em Paris, como Anselmo de Leon e Guillermo de Champeaux, reconheceram depois esta distinção utilizando os termos *fides pactionis* “mediante a qual se promete que se tomará a mulher como esposa” e *fides consensus* “recepção da mulher como esposa” (GAUDEMET, 1993, p. 195).

Acrescentando uma dimensão consensual e espiritual à moral mais realista e mais propriamente terrena de que seus predecessores dos tempos carolíngios, conforme observam DUBY e Barthélemy (2009), a terminologia e com ela a doutrina nupcial tornou-se fixa anos mais tarde com as Sentenças de Pierre Lombard (1152) – teólogo responsável por incluir o matrimônio entre os sete sacramentos – quando as mesmas passaram a ser acompanhadas de

juramentos e a publicidade de um vínculo, cuja ruptura acarretava sanções religiosas, mas não proibía a realização de novo compromisso.

Essa interpretação, adverte Gaudemet, era criticada pelos teólogos de Bologna que, mesmo concordando com a distinção entre a promessa e o seu cumprimento, entendiam que era o consentimento (*matrimonium initiatum*) que dava origem ao vínculo matrimonial. Macfarlane (1990) lembra também que, mesmo com essa distinção, a *sponsalia de futuro* era tratada como casamento verdadeiro, sendo a *sponsalia de praesenti* meramente sua confirmação.

Essa ambiguidade parece ter perdurado por muito tempo. Segundo Duby e Barthélemy (2009), mesmo diante do avanço da alta cultura clerical e a incorporação de elementos mais espirituais após o Concílio de Trento, o significado carnal e social da relação nupcial permaneceu predominante. Isso significava que as relações sexuais entre noivos, desde que fossem completas e realizadas visando a "unidade carnal", transformavam seu compromisso em casamento autêntico aos olhos do direito canônico. O consentimento expresso por ocasião do "noivado" encontrava-se com isso confirmado (DUBY e BARTHÉLEMY, op. cit., p. 135). A este respeito, Macfarlane cita dois exemplos de Essex em 1756. No primeiro, um viajante de Rumford descreve o seguinte diálogo: "Ele perguntou a ela se ambos não eram como legítimos esposos perante Deus, havendo ambos se comprometido e dado as mãos na casa do pai dela, ao que a mulher respondeu que sim". No outro exemplo, o casal declarava que "havam dado sua promessa e verdade um ao outro, e também suas mãos, tornando-se assim como marido e mulher perante Deus." (LASLETT, p. 1971 apud MACFARLANE, p. 306). Em ambos os casos os pretendentes davam a mão em sinal de noivado tornando-se livres para manter relações sexuais⁵³.

Atualmente, com o declínio dos casamentos arranjados – conforme discutirei adiante – predomina a crença de que o casamento é feito em um único ato, preferencialmente através da cerimônia que oficializa a união do casal. Devo

⁵³ Macfarlane lembra que em algumas sociedades que enfatizavam a procriação a relação sexual antes das núpcias poderia servir para verificar se o casal teria filhos, como uma espécie de "teste". Se acaso não houvesse concepção, não haveria casamento. Este, porém, não seria o caso da Inglaterra, que considerava a cópula como um acerto definitivo de aliança eliminado a desculpa de infertilidade como estratégia para romper o contrato.

acrescentar que essa mesma crença está presente na teoria que mais anima a análise do noivado, isto é, a teoria dos ritos de passagem no qual ele exerce a função de preparar os sujeitos para a mudança de status social⁵⁴.

A segunda razão para a ambiguidade observada no noivado se deve ao controle do consentimento cuja historiografia recente aponta ter sido objeto de disputas entre diferentes atores, entre eles a família, o Estado, a igreja e os próprios noivos⁵⁵.

Tanto Ribordy (2001), como Korpiola (2009), acreditam que a origem dessa disputa tem lugar no século XII, quando nobreza e igreja católica passam a divergir sobre o significado do noivado. Segundo Ribordy, a igreja nesse período via em sua prática apenas o anúncio de um futuro casamento sem que isso criasse qualquer obrigação entre os noivos. Os teólogos franceses, por sua vez, ocupavam-se em desidratar o direito romano retirando do *paterfamilias* o poder para decidir sobre as escolhas individuais e os ritos matrimoniais transformando a troca de consentimentos na nova e única base do casamento.

Corbett (1930) ressalta que até este período o noivado combinava práticas de negociação que envolviam tanto um acordo entre famílias como entre os próprios pretendentes. Em muitas ocasiões, juristas romanos como Modestinus, Ulpiano e Varro, mostram que o modelo de união baseada na escolha direta e livre favorecia acordos de casamento onde o noivado era um assunto íntimo devendo o *paterfamilias* se limitar no máximo a consentir. Segundo o autor, “O noivado era um acordo entre duas famílias iguais aos olhos da lei; seria uma anomalia fazer esse acordo sem o mútuo consentimento” (CORBETT, 1930, p. 12-13).

⁵⁴ Refiro-me, obviamente, a teoria dos ritos de passagem formulada por van Gennep (1909).

⁵⁵ Tomando como válida a ideia de tradições inventadas, conforme discutida por Hobsbawm (2012), pode-se afirmar que esta ambiguidade é responsável ainda pela própria origem do noivado moderno, uma vez que desloca da família para os sujeitos em sua mediação com a igreja – e posteriormente com o Estado – a eficácia do ritual, o que por sua vez é fonte para questionar a hipótese sobre a relação do individualismo com a origem do Estado formulada por Viveiros de Castro e Berzaquém de Araújo (1978). Enquanto invenção meu entendimento é de que é um erro atribuir a obra Romeu e Julieta às primeiras manifestações sobre as “novas formas de família” baseadas em relações interno-afetivas voltadas para o domínio do privado, do íntimo e do psicológico. O que se passa é a que a popularização do teatro deu prestígio e relevância a um tipo de relacionamento que se encontrava disseminada desde o século XII conforme apontam os autores citados a longo do texto.

Korpiola, por sua vez, assegura que a noção de consentimento se torna a essência do matrimônio durante o que ela chama de “revolução gregoriana”, quando a Igreja passa a atuar mais ativamente na criação da doutrina sobre a formação dos casais a partir de uma perspectiva mais individualista (KORPIOLA, 2009, p. 119). Sob influência da faculdade de direito de Bologna e da Universidade de Paris essa doutrina passou a reconhecer que um casamento era válido, indissolúvel e perfeito após os noivos trocarem votos entre si. O consentimento dos pais, a bênção nupcial e todas as formalidades exigidas pelo direito romano tornavam-se, assim, desnecessárias – ainda que boa parte dos seus princípios tenham sido incorporados a própria doutrina.

Encorajando a valorização da escolha pessoal, os teólogos, entre eles Pierre Lombard, procuravam atrair para o domínio litúrgico o monopólio sobre os rituais do casamento. Este movimento, que não deixa de encontrar relação com a ascensão do individualismo sob a ótica dumontiana – em especial sua tese do indivíduo como categoria política –, foi responsável por comprometer a prática do casamento por etapas tornando-se o principal risco para os projetos da aristocracia no mundo moderno – e aqui não poderia deixar de lembrar da imagem criada por William Shakespeare sobre o papel dos freis Lorenzo e João na salvaguarda dos interesses amorosos dos personagens Romeu e Julieta, cuja narrativa não parece ter sido exceção, nem mesmo no mundo colonial, conforme demonstra Seed (1988)⁵⁶.

Este movimento, conforme antecipei acima, parece ter encontrado seu efeito colateral algum tempo depois quando as revoluções civis que tomaram conta da Europa a partir do século XVI alteraram o papel desempenhado pelo noivado na estrutura social. A principal delas, a Revolução Francesa, reduziu os

⁵⁶ Discutindo as mudanças no discurso normativo durante a colonização espanhola no território mexicano, com ênfase em documentos que retratam os conflitos pré-nupciais da arquidiocese da Cidade do México entre 1574 a 1821, Patrícia Seed ilustra as atitudes e valores da sociedade local examinando a interferência da igreja e do Estado sobre a autoridade patriarcal. Em um de seus exemplos a autora chama a atenção para o ocorrido com Gerônimo Valverde e Joana em 1591, provável ano em que a obra Romeu e Julieta fora iniciada. Segundo a autora, o pároco local comprou a briga do casal ameaçando o pai de Gerônimo, um rico comerciante local que se opunha ao enlace, de excomunhão e escondendo a noiva na igreja para que a mesma não fosse capturada. Duzentos anos depois, contudo, esse quadro muda drasticamente e, no caso de Manuel Fernandez e Joaquina Lopez em 1785, a mediação de conflitos do casamento havia sido removida da jurisdição da igreja passando para as mãos do Estado.

contornos religiosos que asseguravam a sua ritualização um prestígio semelhante ao próprio casamento (GAUDEMET, 1993). Com isso, as tradicionais bênçãos das alianças, por exemplo, caíram em desuso ao longo do século XIX por se tratar de um rito cuja validade era disputada entre a liturgia diocesana e romana. O resultado foi a transformação, por volta de 1860, do noivado católico em uma cerimônia sem ritual, um rito sem base escrita oficial e cuja forma só viria a ser regulamentada após a edição do Direito Canônico em 1917 (COULMONT, 2003, p. 4).

Longe de qualquer preocupação jurídica, as legislações nacionais – incluindo a brasileira, conforme assinala Campos (2016) – progressivamente negligenciaram sua ritualização, dispensando ao noivado o mesmo tratamento dado aos contratos civis. Isso favoreceu sua secularização e a crença de que o mesmo seria extinto.

Na França isso concorreu para a ascensão de movimentos religiosos que por meio de táticas de evangelização procuraram retirá-lo de sua incerteza ritual. Segundo Coulmont (op. cit.), entre 1930 e 1950 desenvolveu-se um "movimento litúrgico" liderado pelo que o autor chama de "empreendedores morais" (emprestando o termo de Howard Becker)⁵⁷, como o jesuíta Doncoeur e quadros da juventude operária cristã, que viam na revalorização do noivado uma forma de ressocialização religiosa, através de retiros, centros de preparação para o matrimônio, que tinham como objetivo salvar a família moderna do adultério e do divórcio. Reformulado, o noivado passaria a ser visto como uma tradição cuja "beleza" está em sua "coesão histórica":

O rito é visto como uma pequena obra de engenharia social (ele é não é só um rito de consolidação, mas também um rito de transformação do mundo social), ele é responsável pela inculcação ou memorização das normas. Isto porque os ritos desta época valorizam a transparência: o rito é visto como um discurso, com uma mensagem. No rito de noivado os participantes fazem o que dizem e dizem o que fazem: a ideia de rito permite aqui aderir uma a outra as categorias distintas de prática social e de texto. (COULMONT, 2003, p. 7).

⁵⁷ São pessoas que tomam a iniciativa criar ou reformular valores produzindo novas classes de *outsiders*, isto é, são pessoas que acreditam na sacralidade de suas missões, apesar de muitas vezes contarem com a concordância daqueles que pretendem "salvar" (cf. BECKER, 2008).

Uma nova reformulação, conforme abordado acima, foi realizada nos anos de 1960 por ocasião do Concílio Vaticano II, quando se desenvolve a reflexão sobre o sentido da bênção, um objeto da teologia que também é considerado maleável. Isso resultou na incorporação da bênção aos noivos ao *Liber Benedictionum* (o Livro das bênções, publicado em latim em 1984). Isso fez com que o noivado se tornasse, pela primeira vez na história da igreja católica, um rito “ritualizado”, descrito num texto. Porém, como observa Coulmont, raros seriam os casais que respeitam essa norma inserindo suas bênções nas missas, sem sentirem-se culpados, visto que “o ritual de bênções do noivado se apresenta sob a forma de uma árvore de escolhas (escolha do celebrante, escolha do texto...)” (COULMONT, 2003, p. 8), cujos arranjos ficam ao gosto dos fiéis.

Pesquisas realizadas em Salvador (RÊGO, 2004) e Belém (SOUZA, 2000) sugerem que esse cenário também é protagonizado pela convergência de interesses contrastantes. Os casais, por um lado, esperam desfrutar de um bem simbólico altamente valorizado que, podendo ou não se identificar com um estilo de vida religioso, satisfaz o imaginário social, familiar, afetivo e/ou de classe. A igreja, por sua vez, considera o noivado um “momento particularmente privilegiado de receptividade e acolhida a uma proposta de reflexão e posicionamento crítico diante dos desafios à vida do casal” (RÊGO, 2004, p. 13) e para isso criou os Encontros ou Cursos de Preparação (Para a Vida) Matrimonial com a finalidade de atualizar seus valores e dogmas (SOUZA, 2000).

Por fim, a etimologia, conforme adverte Veyne (1971)⁵⁸, tem um papel importante na interpretação sobre a plasticidade e ambiguidade do noivado. Isso porque a incerteza quanto ao reconhecimento do momento em que o casal estava comprometido entre si perdurou até o século XVI, quando o declínio do império romano favoreceu a emergência de vernáculos locais, como *fidare*, termo cujo adjetivo *fidus* representa a origem mais remota do noivado tal como

⁵⁸ Em seus comentários a escrita da história o autor lembra que “a indiferença pelo debate sobre palavras se acompanha ordinariamente de uma confusão de ideias sobre a coisa” (VEYNE, 1971, p. 13).

conhecido nas línguas de origem latina. De acordo com Scola (2003), os termos contêm o sentido de confiança e fidelidade, o que no contexto do casamento moderno representa a crença depositada em uma promessa. Scola lembra ainda que esses termos estão na origem do vocábulo *fidanza*, que no passado correspondia ao termo *fidanzamento*, hoje utilizado para definir noivado em italiano.

Por ser de origem latina os franceses também emprestaram o significado de *fidare* para elaborar o termo *fiançailles*. Presente no Dictionnaire de l'Académie Française desde sua primeira edição em 1694, *fiançailles* foi um termo que os francos recorriam para definir o vínculo entre os pretendentes como sendo um compromisso literalmente *afiançado* (derivado do verbo *fiancer*) na promessa de casamento feita por duas pessoas, na presença dos parentes e de um sacerdote. Porém, conforme indiquei acima o uso deste termo entre os franceses foi influenciado pela Revolução Francesa que sob o Código Napoleônico (1804) – refratário aos costumes associados a doutrina religiosa – tornou nulas e sem efeito as promessas de casamento celebradas pela igreja católica, tendo ainda ratificado tal decisão no Tribunal da Cassação em 1838. É nesse sentido que desde sua primeira edição, em 1920, o Dictionnaire Larousse designa o noivado como o período que decorre entre a promessa e o casamento, cuja solenidade tem o sentido de festejo, mas longe de qualquer referência a mediação sacerdotal.

Os povos de origem anglo-saxã não emprestaram a grafia *fidare*, mas assim como seus contemporâneos latinos também deram um significado próprio a essa relação. A primeira delas foi *betrothal*, cuja etimologia reúne os significados das expressões “*bi*” (“a fundo”, “completamente”) e “*treowðe*” (“verdade” no inglês arcaico). Segundo a Encyclopædia Britannica trata-se de um costume nascido no século XIII quando se popularizou a prática do compromisso ou da promessa de casamento que teria lugar em um determinado período a partir da troca de consentimentos com ou sem anuência dos familiares. A mesma enciclopédia, no entanto, adverte que se trata de uma expressão em desuso desde o século XIX face a tolerância cada vez maior às relações sexuais pré-nupciais e a união consensual.

Engagement, por sua vez, é a expressão mais utilizada. Originalmente significava “promessa formal” e era usada para firmar acordos civis no século

XVII; o sentido de “estado de quem firmou uma promessa de casamento” é de 1742 e, segundo o Dicionário Oxford, tem um sentido mais geral de “obrigação legal ou moral” de cumprimento do acordo de se casar com alguém⁵⁹.

Na língua espanhola, noivado encontra duas acepções que ampliam ainda mais a sua ambiguidade. É *noviazgo* no sentido de uma relação amorosa entre *enamorado*s com fins matrimoniais, o que a aproxima do namoro em português; mas também *compromiso*, derivado do latim *compromissum*, sendo também definido pela Real Academia Espanhola como promessa de casamento. A ambiguidade está no fato de ambos termos assumirem diferentes conotações entre hispanohablantes, pois na Colômbia, conforme me explicaram amigos e pesquisadores locais, o *compromiso*, é praticado por segmentos das classes média e alta de grandes cidades como Cali, Bogotá ou Barranquilla. Enquanto o *noviazgo* é uma prática generalizada entre classes populares e camponesas. Por sua vez, argentinos e mexicanos usam *noviazgo* de modo generalizado enquanto *compromiso* é uma expressão, ainda que em desuso, mais comum no interior daqueles países.

O noivado na língua portuguesa, assim como na espanhola, deve ao latim sua etimologia, que consagrou o uso da expressão a partir do adjetivo *novus* (“novo”), cuja derivação no substantivo *novius* se refere ao ou à jovem que se encontrava prometido/a em casamento ao longo da era romana. Quando se trata do português moderno, em especial o falado no Brasil, tanto o Dicionário Houaiss como o Dicionário Aurélio destacam o compromisso de casamento e o tempo em que o casal permanece noivo como os principais significados do noivado. Entretanto, ao me debruçar sobre historiografia do termo, notei que o mesmo apresentou variações que refletem seu uso corrente.

Ao consultar jornais, periódicos e revistas do século XIX, a maioria deles publicados em capitais de província, identifiquei inúmeros textos que fazem

⁵⁹ Referindo-se ao estudo de Henry Swinburne – *Tratado dos esposais ou contratos de casamento* – escrito no final do século XVII, Macfarlane sugere que a palavra *sponsals* também aparece no vocabulário corrente como promessa de casamento futuro em que o noivo deve “dar provas ou presentes de amor da parte dos noivos” [...]. Outras vezes, continua o autor, é tomado por dote dos bens destinados ao futuro casamento; ou ainda por festa ou banquete na celebração do casamento [...]” (MACFARLANE, 1990, p. 305).

referência ao noivado como ritual de casamento e, em menor número, a “noite de núpcias”. Assim ocorreu, por exemplo, no conto “Invento para Remoçar” publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 31 de dezembro de 1839, o autor narra de maneira cômica a história de um personagem idoso que busca ficar mais jovem tomando um elixir conhecido como Água Maravilhosa. Infelizmente, no “dia do noivado”, que no texto coincide com o dia do seu casamento, ele triplica a dose de costume e vem a falecer.

O almanaque *Museo Universal: jornal das familias brasileiras*, por sua vez, publicou um conto em 11 de março de 1843 no qual descreve as conversações das personagens Constança e Pelagia sobre o que elas chamam “dia do noivado”, o que para o leitor de hoje seria a festa que sucede a solenidade de casamento: “- Mas quando será o dia do noivado, Constança? Estou suspirando por esse dia... Tenho vontade de dansar nessa ocasião!... quero ser a dama de honor.... o meu vestido já está prompto... ah! como é bonito...”

A manchete do *Jornal Correio da Tarde* reflete também essa imprecisão pois fala do “cortejo do noivado” como sendo o mesmo cortejo que hoje se vê no dia do casamento em uma igreja:

Um mancebo de Lille requestará uma rapariga, quando satisfez seu brutal amor, e viu que ella estava pejada, abandonou-a e foi fazer corte a outra; os pais da abandonada chamaram o seductor perante os tribunaes; houve um processo escandaloso, e a infeliz não conseguiu reparação alguma. O seductor casou com a outra: a primeira deu à luz o fructo do seu erro, e única vingança que tomou daquele que a deshonorára foi fazer baptisar seu filho no mesmo dia, à mesma hora e na mesma igreja, onde ele celebrara o seu casamento. Assim, enquanto o sacerdote abençoava a união do seductor com a rival da infeliz, outro sacerdote baptisava o filho do noivo.

Quando o cortejo do noivado foi para a igreja seguia o do baptisado. Os noivos mostraram-se envergonhados e ficaram corridos por que as pessoas que presenciaram as duas cerimoniaes, apesar do respeito devido ao templo não disfarçaram os seus commentarios, deduzindo a moralidade quo resultava da vingança inocente e legitima da mãe abandonada. (*Correio da Tarde*, 10/07/1856, Rio de Janeiro).

No poema intitulado “Noite de Noivado” endereçado por Costa Pereira a Acrísio Motta e publicado no jornal belenense *Correio Paraense*, em 17 de dezembro de 1893, o autor descreve imagens que são típicas da noite de núpcias:

Sorrindo lhe descobre os seios bellos...
Palpitante de affecto, ella encantada,
em deliqu os d'amor, apaixonada,
une aos labios d'elle os seus singellos!...
(*Correio Paraense*, 17/12/1893, Belém)

A imprecisão presente no uso do termo “noivado” nestes textos decorre do sentido religioso que lhe é atribuído ao longo desse período. Tal como assinalado por Macfarlane em relação à Inglaterra (1990), até a codificação de nossos costumes civis, o que se deu com a edição do Código Civil de 1916, no Brasil predominava a tradição canônica que ignorava a distinção entre a natureza e o efeito dos esponsais e o matrimônio solene e consumado. De certa maneira “o noivado era o casamento verdadeiro, sendo as núpcias meramente sua confirmação” (MACFARLANE, *op. cit.*, p. 305).

A recorrente ambiguidade na prática do noivado, contudo, sugere duas hipóteses. A primeira delas decorre do fato de que muitos dos contos e folhetins publicados até o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX eram traduções de originais estrangeiros, principalmente franceses, onde as narrativas davam conta de casamentos arranjados entre personagens pertencentes à nobreza europeia. Nestes casos, dado o caráter célere com que eram praticados eles podem refletir apenas a conclusão de um acordo que se confundia com o próprio casamento, demonstrando que a ritualização do cortejo era dispensável⁶⁰. Como decorrência disso, a segunda hipótese é que o desenvolvimento dos ritos e o vocabulário que cercam o processo de escolha e afinidade entre os parceiros

⁶⁰ Como detalhado por Emilio Gaboriau no folhetim “Escravos de Paris”, publicado no jornal *Diário de São Paulo* em 16 de fevereiro de 1877, o noivado poderia durar o tempo necessário para que alguns protocolos fossem cumpridos: “No domingo ha de effectuar-se a apresentação do noivo. Na segunda-feira vai-se à casa do sr. bispo Poitiers, o qual abençoará a união. Na terça-feira, passeio pelos arredores, a fim de espalhar a notícia. Na quarta-feira, jantar de noivado. Sexta-feira, preparos e exame do enxoval. No domingo... os proclamas. E em fins da semana que vem, o casamento”.

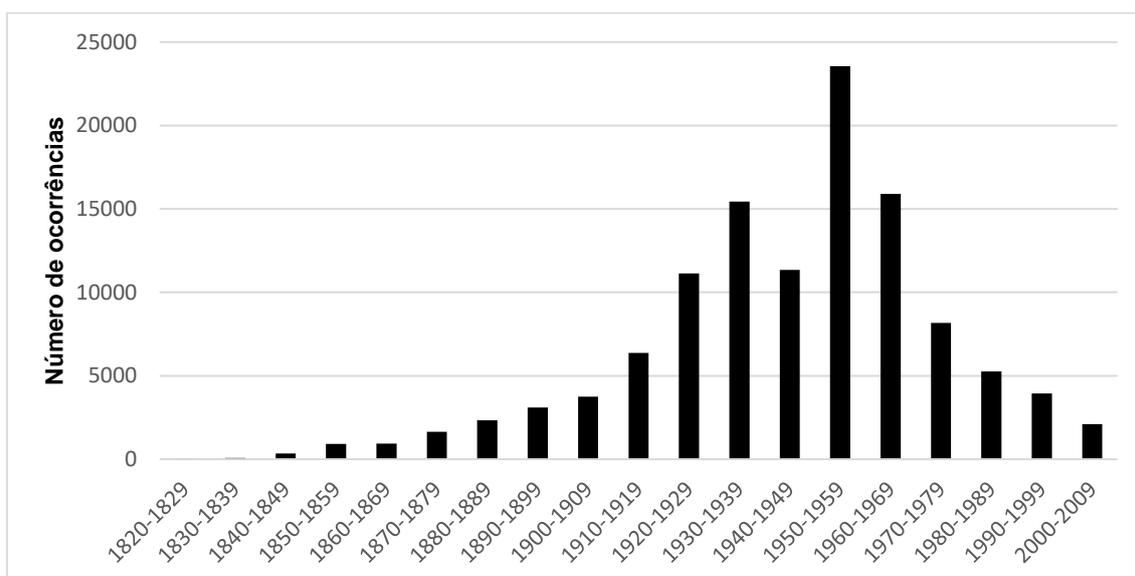
são muito mais recentes do que se pode imaginar. Resta saber, então, como ou que métrica utilizar para avaliar esse desenvolvimento?

Uma das soluções que encontrei foi recorrer novamente a bibliografia, mas neste caso a leitura não só tomaria demasiado tempo, comprometendo o cronograma da pesquisa, como desviaria minha atenção para o que pareceu-me ser o mais importante neste capítulo: reconhecer neste desenvolvimento a pertinência necessária para influenciar as práticas rituais correntes. Para evitar esse contratempo reservei o capítulo seguinte para analisar esse desenvolvimento tomando como referência os trabalhos de Thales de Azevedo e o imaginário social contido nos meios de comunicação. Por ora, apresento apenas a estratégia que desenvolvi para avaliar a recorrência do termo na imprensa brasileira, um importante termômetro para retratar o fluxo de ideias e práticas em uma sociedade.

Refiro-me aqui a pesquisa exploratória que realizei em jornais, periódicos e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e nos acervos privados dos jornais O Globo, Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. O intuito disso foi saber, com base na metodologia indicada por Bardin (1994), se houve variação na recorrência com que a palavra-chave noivado foi noticiada nas edições desses documentos entre 1820 e 2009⁶¹.

Gráfico 2 – Ocorrência do termo "noivado" em jornais, periódicos e revista brasileiras digitalizadas (1820-2009).

⁶¹ Durante a realização desta pesquisa selecionei 120 registros relativos ao noivado entre 1838 e 1998. Esta seleção foi arbitrária e procurou identificar o conteúdo das matérias sobre o tema entre eles anúncios de noivos, contos e notas em colunas sociais. Alguns desses registros serão abordados no próximo capítulo.



Fonte: Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional, 1820-1999); Acervo Estado de São Paulo (1875-2009); Acervo Jornal O Globo (1925-2009); e Acervo Folha (1921-2009).

De acordo com este gráfico é possível notar que entre 1820 e 1909 a utilização do verbete “noivado” é crescente, mas constante, não tendo ultrapassado 4.000 recorrências, na sua maioria associadas a crônicas e romances publicadas na forma de folhetins. Estes folhetins resistem até a primeira metade do século XX, mas passam a conviver com as manchetes sobre o noivado de membros da elite local, como empresários, comerciantes e autoridades públicas.

Contudo, a partir das décadas de 1920 até 1959 sua recorrência aumenta consideravelmente até o limite de 23.553 utilizações. Uma rápida leitura mostra que durante esse período o noivado ainda está associado ao noticiário local, mas também às revistas e colunas sociais dedicadas ao aconselhamento dos noivos e aos preparativos do casamento. Acredito que isto possa estar diretamente ligado a maior disseminação do termo no vocabulário corrente da época, ressaltando ainda sua presença como marcador de uma sociabilidade emergente.

É válido ressaltar que a recorrência do noivado na imprensa acompanhou o próprio crescimento deste setor no Brasil na primeira metade do século XX. Apesar disso, a segunda metade parece ter deslocado a atenção da mídia para o uso e significado do noivado, pois desde 1960 – apesar do aumento progressivo no número de veículos jornalísticos – a referência ao mesmo recuou a padrões semelhantes do final do século XIX. Isso significa que ele perdeu sua importância ou que entrou em extinção? Não parece ser o caso, haja vista sua

recorrência no discurso cotidiano. O que parece ter ocorrido é o que Tambiah chama de “involução ritual”, referindo-se ao uso extensivo e repetitivo de um rito ao ponto de suas ações, linguagem e símbolos serem incorporados à estrutura de convenções (TAMBIAH, 2018, p. 167-170). Isto porque o retorno do noivado ao campo da ficção (nas últimas décadas principalmente) combinado a redução de sua menção no noticiário e nas colunas sociais são prova de que a plasticidade e maleabilidade devolveu o simbolismo que ele havia alcançado com os folhetins e os manuais de aconselhamento ao campo do ordinário.

Diante do exposto, vê-se logo que a extinção do noivado, conforme prevista pelos estudiosos do início do século passado, bem como apontada por autores contemporâneos, como Coulmont, não parece ser algo com o qual os pesquisadores do assunto devam se preocupar. Ainda que tímidas, as pesquisas na área revelam-se prósperas. O que chama a atenção, na verdade, são os recortes utilizados em sua interpretação.

Enquanto na passagem do século XIX para o XX o mesmo encampava ao seu estatuto um caráter reformista e moralizador, a partir da segunda metade do século XX – e mais intensamente nas últimas duas décadas – as pesquisas realizadas têm se dedicado a compreender, ao menos entre francófonos, sua recomposição simbólica. Isto significa que a tendência dos estudos em curso é o de estabelecer relações entre significados presentes e passados, práticas em uso e em declínio e, talvez o mais comum, estratégias para lidar com uma realidade considerada heterogênea, o que em geral, conforme provam as pesquisas brasileiras, se expressam na tentativa dos atores em contornar a “crise de valores” envolvendo o moderno e o tradicional, o subjetivo e o convencional.

Pergunto-me se esta não é uma tendência que se distancia da questão mais imperiosa. A de saber qual o lugar que o noivado ocupa – ou deveria ocupar – em nossas preocupações teóricas? Se de fato é um costume ou um ritual, como boa parte da literatura desde Segalen sugere, que relevância ele tem na compreensão de nossos sistemas simbólicos? A diferença no horizonte daqueles que viram no noivado um instrumento de disciplina social e aqueles que enxergam no mesmo uma expressão das estratégias humanas merece ser discutida? A plasticidade, variabilidade e maleabilidade que lhe atravessam não são

razão suficiente para questionar o predomínio do ritual como recorte interpretativo mais fiel dos acontecimentos?

Sem estranhar as crenças que povoam tanto o imaginário social como os recortes utilizados em sua interpretação, acho pouco produtivo imaginar que o noivado tenha alguma relevância como objeto antropológico, afinal de contas parece muito mais fácil atribuir a sua plasticidade e o declínio em sua prática às transformações sociais que caracterizam o mundo moderno do que problematizar essa associação. Contudo, bastou uma rápida revisão da literatura para percebermos que este não é o caso. Há muito a ser esclarecido.

Estou inclinado, conforme se recomenda em qualquer manual para pesquisadores, a partir de algum “porto seguro”, de uma fonte – seja ela empírica ou ideológica – com a qual devo me apoiar para descobrir, confirmar ou refutar as impressões iniciais. Neste sentido, inicio “navegando” pela crença de que o noivado, invariavelmente, constitui-se de sucessivas etapas destinadas a preparar os sujeitos para sua mudança de status. Estas etapas formam o ritual e a mudança se dá com a formalização do casamento.

Mas é exatamente aí que parece residir um dos maiores enganos em sua interpretação: o que chamamos – especificamente em língua portuguesa – de casamento? Ora, o noivado é um período de preparação para os eventos que cercam a união do casal ou um período que precede a formação da nova unidade conjugal forjando nos sujeitos o “espírito” que define sua forma e conteúdo?

Esta tese insistirá em afirmar que o noivado exerce essa dupla função. Contudo, enquanto a preocupação com a entrada no casamento foi e continua sendo o principal recorte utilizado para entender sua relevância social e teórica, dedico-me aos desdobramentos que sua ritualização projeta sobre o relacionamento dos sujeitos enfatizando que o vínculo criado é formulado com base na socialização ou, mais precisamente, nos códigos de conduta que regulam o significado da aliança em segmentos médios e urbanos. Não é exclusivamente no domínio dos rituais, portanto, que podemos compreender sua permanência como costume e sua relevância como unidade cultural.

No decorrer do trabalho procuro desenvolver esta ideia demonstrando que o noivado também pertence ao domínio do parentesco, com a diferença de que nesse recorte a aliança é a matéria de sua interpretação.

Parentesco e ritos nupciais

“O casamento forma a base dos relacionamentos” (MORGAN, 1871, p.10, tradução minha).

Raymond Firth afirmou certa vez que o estudo do parentesco é um tema antigo entre os antropólogos (FIRTH, 1956). Recorrendo ao vocabulário para justificar esse argumento, este pesquisador demonstra que a existência de termos que designam um tipo de relação é uma pista para compreendermos o funcionamento de algumas das relações mais elementares da vida em sociedade. Da mesma forma "Ele também pode ser de primordial importância no processo de socialização, no desenvolvimento de padrões de reação à autoridade e no fornecimento de importantes símbolos para a avaliação moral da conduta." (id., p. 11, tradução minha).

Uma vez que seu uso expressa as soluções que cada agrupamento social encontra em sua tarefa de classificar indivíduos e atribuir significados as suas relações, a existência desse vocabulário favorece a compreensão de como cada organização social limita ou estimula determinadas formas de interação. No caso deste trabalho, em particular, pretendo explorar estes vocabulário para solucionar o que para mim constitui-se como o verdadeiro problema dos relacionamentos em sociedades individualistas: em virtude das regras que proíbem a prática do incesto e para afastar o risco de se casar com um desconhecido os indivíduos são submetidos a uma multiplicidade de interações que, entre outras coisas, visam a seleção de parcerias afetivo-sexuais. Portanto, enquanto ritual, o noivado permite que os sujeitos superem o tabu do desconhecido elevando o parentesco ao “reino prático da ação” (CARSTEN, 2014, p. 113).

A problematização que realizei precisou, portanto, situar o noivado no campo da ação propriamente dita, sendo que o centro de minha preocupação é entender, basicamente, como se organiza o espaço social em que este vínculo é acionado. Isto significa, que para operá-lo foi necessário compreender as diferenças que separam a simples troca de olhares de uma paquera e esta do “ficar”; a identificação de um “crush” – para usar um termo muito comum em nossos

dias – de um namorado; e – e aqui reside o meu problema – o namoro de algo “mais sério”. Verifiquei que em todos esses casos a linha que separa um vínculo do outro está no sucessivo significado que o relacionamento possui nas diferentes etapas que acompanham a formação do casal. Logo, entre a primeira atração e a decisão de casar o que está em curso é o próprio sentido do relacionamento como organizador das relações entre os sujeitos.

Como o relacionamento é a unidade básica do parentesco⁶² minha problematização deve tomá-lo como fonte original ressaltando que é através dele que os indivíduos são identificados e classificados em termos dos arranjos formados a partir do nascimento ou adoção, que define as relações de filiação, e do casamento, que define as relações de afinidade. As relações de filiação não são o objeto deste estudo e sua discussão pode ser deixada de lado. As relações de afinidade, por sua vez, são dadas pelo vocabulário da aliança.

Segundo Lévi-Strauss (2008), esse vocabulário é definido pelo conjunto de regras que permitem, prescrevem ou excluem certos indivíduos do horizonte de relacionamento. Baseando-se na proibição do incesto e na lei da exogamia, este autor observa que estas regras tem por finalidade permitir a troca de parentes, permitindo que os vínculos humanos não se restrinjam aos “laços naturais”.

Resultando no que Lévi-Strauss chama de “benefício social”, essas negociações podem, por um lado, favorecer trocas simples, onde a “escolha” de um parceiro é restrita a determinadas categorias de parentes, ou arranjos complexos, onde a troca é preferencial e a escolha do cônjuge, por sua vez, pode ser determinada pela casta ou classe a que pertencem os indivíduos. Nessas duas formas de arranjo a interação é indireta e a intervenção familiar ocorre para afastar os riscos de um arranjo que possa comprometer a coesão social⁶³.

⁶² Ao longo deste trabalho relacionamento também poderá ser substituído pelos termos vínculo e relação.

⁶³ Se por um lado, a presença de secções geracionais, no caso do parentesco por filiação, faz com que a autoridade se exerça verticalmente através de uma disposição hierárquica de origem genealógica, no caso do parentesco por aliança, onde se supõem uma relação horizontal, o pertencimento a mesma secção geracional não significa igualdade de posição, tornando-se necessário um reequilíbrio com a perda de um membro para uma outra linhagem. Como argumentam Van Gennep (2011) e Turner (2013), isso explicaria o furor que o processo de separação, margem e agregação causam ao longo da ritualização nupcial.

O pesquisador, acostumado com a terminologia do parentesco, está habituado a aplicar o conceito de afinidade para as relações que resultam do casamento. Mas, diferentemente do que ocorre na linguagem da filiação, onde o vínculo é associado a substâncias naturais (sangue, osso, carne, leite), o vocabulário da aliança é arbitrário não sendo possível limitar sua manifestação a um ato formal, como a promessa, a troca de alianças ou coabitação, sem que antes seja levado em consideração suas causas e motivações. A aliança é, com efeito, uma consequência de ajustes ora coletivos, ora individuais, e sua principal característica é a troca, isto é, as negociações que levam os atores a escolherem, por meio de símbolos e do cálculo, com quem querem manter uma relação de afinidade.

Em linhas gerais, para isolar o noivado como um objeto de análise é preciso ter o cuidado de se referir a ele como uma etapa da aliança, demonstrando que o que está em curso é a negociação em torno dos significados que envolvem esse vínculo social. Inserido no reino do imaginativo, conforme argumenta Carsten (2014), sua prática resulta de escolhas éticas e especulativas sobre quem se é e o que se quer ser institucionalmente, não sendo, portanto, apenas um prelúdio ou uma passagem como quer a teoria ritual.

Tomo esse cuidado influenciado pelas questões levantadas por Daniel Miller (2007), que dá um título bastante apropriado para o seu artigo “What is a relationship? Is Kinship Negotiated Experience?”. Nele o autor opõe o parentesco como conjunto de princípios altamente prescritivos do comportamento às influências teóricas de Marilyn Strathern (1992)⁶⁴ criticando o que ele qualifica como “perigo” das noções de flexibilidade, negociação e experiência presentes na abordagem do parentesco como processo em Janet Carsten (2000).

A ênfase com que realiza esta crítica dirige-se, antes de mais nada, ao trabalho de Finch e Mason (2000), que ao examinarem a expansão imobiliária inglesa e o impacto da mesma sobre a herança na segunda metade do século XX concluem que o parentesco inglês é um conjunto de práticas relacionais flexíveis e variáveis em razão da herança ser caracterizada mais por práticas

⁶⁴ Miller se refere no texto a noção de parentesco da autora como um híbrido formado pela ligação entre os domínios da natureza e da cultura.

simbólicas e morais do que por razões materiais. Segundo Miller, as autoras, mesmo sem se referirem a Strathern e Carsten, são governados pela ideia de processo e ignoram a preocupação “quase obsessiva” dos ingleses com o parentesco formal e normativo. Ele também lembra que em Londres a palavra relacionamento é usada como eufemismo para relações sexuais, o que sugere sua distorção em relação à terminologia formal.

Entendo essa distorção e a própria oposição de Miller a noção de processo como resultado de sua inquietação em relação ao uso do vocabulário do parentesco em sociedades como a inglesa onde o mesmo é governado, como assinala Radcliffe-Brown, pela ideia de que uma estrutura social é “qualquer arranjo de pessoas em relacionamentos institucionalizados” (RADCLIFFE-BROWN, 1995, p. 111)⁶⁵. Nesta perspectiva, a nomenclatura e os princípios que regem as relações são um dado *a priori*. Esse formalismo, porém, ignora o sentido do parentesco como um constructo social, isto é, como formas nativas de agir e conceituar as relações entre as pessoas.

Devo ressaltar, portanto, que não pretendo ignorar a existência das normas que governam a ação, mas ao operar com as noções de parentesco contidas na interpretação, compreensão e explicação do noivado em segmentos sociais específicos (como as camadas médias e urbanas, que serão objeto de minha atenção na segunda parte deste trabalho) dou preferência a lógica do processo, reconhecendo que a flexibilidade, a experiência e a negociação são parte constitutiva de qualquer relacionamento.

Isto, no entanto, introduz um problema que merece atenção. É que a lógica do processo apontada por Miller reconhece na interação e na sociabilidade o vocabulário por meio do qual os sujeitos operam os códigos culturais que

⁶⁵ Foi governado por essa ideia que Radcliffe-Brown descreveu o noivado em seus *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento* (publicado originalmente em 1950) como sendo um acordo, seja ele firmado entre dois grupos de parentes, como ocorria na Inglaterra medieval e entre seus contemporâneos africanos, ou regulado pelos princípios da liberdade e da afeição romântica que progressivamente viera a se instalar nas sociedades civilizadas. A parte VIII de seu capítulo, por exemplo, é dedicada ao que Radcliffe-Brown chama de “processo social contínuo regulado pelos costumes” (RADCLIFFE-BROWN, 1995, p. 111) onde define o noivado como “contrato ou acordo entre as duas famílias”. Nessa perspectiva, sua atenção se volta quase exclusivamente para os pagamentos e contraprestações devidos pelos noivos do que as relações que mantém entre si e que são indispensáveis para que a forma jurídica com que ele “vê” esse vínculo seja reproduzida.

orientam seus relacionamentos. Logo, se levarmos em conta a advertência de Schneider (2016), Strathern (2011) e Carsten (1995) sobre a arbitrariedade com que o pesquisador manipula o vocabulário cultural, como então o noivado, geralmente estudado sob o recorte do ritual, pode ser interpretado à luz do parentesco? Em outras palavras: é possível incluir o noivado nas discussões sobre o parentesco?

Para responder essa pergunta retrocedo, novamente, à bibliografia a fim de demonstrar que a presença dos ritos nupciais fora recorrentemente adotada como uma categoria explicativa da aliança, embora tenha ocupado uma função muito mais acessória – sobretudo em razão de sua descrição periférica em relação ao casamento – do que a literatura discutida anteriormente demonstra.

Para realizar esta tarefa vale lembrar que o vocabulário do parentesco deve sua sistematização à publicação do livro *Systems of consanguinity and affinity of the human Family* de Lewis Morgan (1871). Este trabalho postula a existência de uma superestrutura linguística na qual a) os termos de tratamento não são apenas termos, pois cada um deles expressa as ideias que temos do próximo e do distante, do igual ou do desigual no parentesco consanguíneo; e b) estes mesmos termos implicam sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos, e cujo conjunto forma uma parte essencial de qualquer regime social.

Em seu postulado Morgan argumenta que os relacionamentos não são estacionários, mas passam de uma forma inferior a uma forma superior à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Neste postulado estavam abrigadas as teorias de Bachofen⁶⁶ e McLennan⁶⁷ para os

⁶⁶ Foi considerado o primeiro estudioso da história da família (ENGELS e MARX, 2002). No livro *Myth, religion, and mother right* (1967 [1861]), Bachofen argumenta que não foi o desenvolvimento das condições reais de existência dos homens que determinou as transformações históricas das relações entre homens e mulheres, mas o reflexo religioso dessas condições em suas mentes. Esta formulação estava assentada nas suas interpretações da obra *Oréstia*, de Ésquilo onde se nota o seguinte raciocínio: 1 - em sua origem mais remota, os homens viveram em promiscuidade sexual (inapropriadamente definido como heterismo, uma vez que se confundia com o sistema de prostituição helênico); 2 - a incerteza da paternidade presente neste tipo de relação favoreceu o desenvolvimento do direito materno como consequência do reconhecimento sobre a linhagem feminina; 3 - desenvolve-se, como consequência uma ginococracia, onde as mulheres, como mães e únicos progenitores reconhecidos, gozavam de grande apreço e respeito; 4 - a passagem para a monogamia incidia na transgressão de uma lei religiosa e que por essa razão deveria ser castigada com a posse da mulher por outros.

⁶⁷ Com a publicação do livro *Primitive Marriage* (1970 [1865]) McLennan é considerado o sucessor imediato de Bachofen na discussão sobre família. Sua discussão, porém, teve como foco o

quais o parentesco era uma instituição a serviço da evolução social, onde a natureza dos relacionamentos estaria distribuída em uma escala de desenvolvimento.

Os pressupostos desse argumento foram acolhidos em estudos posteriores, que ao lado dos estudos sobre religião sedimentaram o desenvolvimento da antropologia como área de conhecimento. Esse desenvolvimento, no entanto, foi acompanhado por uma constante inovação metodológica o que resultou no impasse criado pela pesquisa de campo, que a partir dos anos 1920, colocou em questão muitos dos resultados alcançados com a interpretação conjectural, sobretudo as que buscavam a explicação por meio da teoria evolutiva.

Interessando-me apenas nas circunstâncias em que o noivado – ou as práticas associadas a ele – emerge como um objeto de estudo, procurei identificar nesse cenário o tratamento dado pelos pesquisadores aos registros existentes. Para essa tarefa dividi o conjunto destes estudos em dois grupos. O primeiro deles reúne trabalhos que eu tomo a liberdade para chamar de *conjecturais*, uma vez que se inspiram nas formulações de Morgan (1871)⁶⁸ e na metodologia de coleta e análise de dados anteriores ao desenvolvimento da pesquisa de campo⁶⁹. O segundo grupo, por sua vez, reúne *etnografias* baseadas na observação direta, no convívio prolongado com os nativos e domínio do seu vocabulário.

Em sua forma conjectural, considero o estudo de Arnold Van Gennep sobre os ritos de passagem o mais importante, pois foi o primeiro a abordar os ritos nupciais como um fenômeno independente, isto é, como um objeto de uma

casamento por rapto, o qual considera ser uma sobrevivência (tal como sugerira Tylor) de um costume no qual as tribos, ainda em seu estado selvagem, competiam pelas mulheres a fim de equilibrar o excedente de homens ocasionado pelo infanticídio de meninas.

⁶⁸ A principal formulação de Morgan a respeito do noivado encontra-se na tese de que a primeira evidência de sua ocorrência se dera no contexto da família sindiásmica, onde os noivos eram prometidos em casamento por seus respectivos parentes gentílicos mediante a troca de presentes.

⁶⁹ Dentre estas metodologias destaco a aplicação de formulários e obtenção de informações por meio do registro de missões coloniais e diários de viajantes. No sentido de sua teorização destaco o caráter conjectural e a finalidade de estabelecer, por meio da escala evolutiva, a origem e a tipologia dos costumes humanos.

autonomia relativa⁷⁰. Em *Les rites de passage* ele se refere ao termo como “união socializada” (VAN GENNEP, 2011, p. 107), um período em que, pouco a pouco, a aliança se cristaliza sem que os indivíduos sejam formalmente forçados a adotar o novo status, o que para ele era um típico caso de “rito de margem” (Id. *Ibid.*, p. 30).

Esta tipificação coincidia com o seu interesse em classificar os rituais que escapavam às tipologias baseadas em semelhanças formais, cuja interpretação de suas sequências levaria em conta a ambiguidade do sujeito que passa de uma situação a outra ou de um mundo (cósmico ou social) a outro – conforme pode ser notado também na gravidez, na iniciação, na adoção, no segundo parto, no segundo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade.

Chamados de ritos de passagem, estes ritos reúnem liminaridade (característica do estágio de margem), uma passagem material (mudança de categoria social), além de sequências rituais (esquemas de passagem) que se decompõem de modo interdependente em ritos de separação, margem e agregação. A separação compreende um comportamento simbólico que significa a separação do indivíduo ou grupo de um ponto fixo na estrutura social ou de um conjunto de condições culturais. Na fase liminar, o estado do sujeito ritual é ambíguo, ele está num reino do “não-ser” onde tem poucos ou nenhum dos atributos do estado anterior ou do vindouro. Na terceira fase a passagem é consumada. O sujeito está novamente num estado estável e tem direitos e obrigações de um tipo “estrutural” e claramente definidos.

No noivado, onde essa a classificação é empregada pelo próprio Van Gennep, sua decomposição está associada à mudança de status (solteiro para casado ou de adolescente para adulto) bem como à mudança de espaço (de família, de clã, de aldeia ou de tribo). Estas mudanças, no entanto, são mediadas por outras sequências de ritos:

O noivado constitui [...] um período de margem entre a adolescência e o casamento. Mas a passagem da adolescência ao

⁷⁰ De fato, em sua apresentação do livro "Os Ritos de Passagem", Roberto DaMatta considera que Van Gennep foi o primeiro a realizar este procedimento em relação a todos os ritos (ver VAN GENNEP, 2011, p. 10).

noivado comporta uma série especial de ritos de separação, de margem e de *agregação à margem*. E a passagem do noivado ao casamento supõe uma série de ritos de *separação da margem*, de margem e de agregação ao casamento. (Id. Ibid., p. 30 grifo meu).

A *passagem* expressa, assim, um *continuum* cuja decomposição tem a vantagem de isolar uma sequência do rito sem afetar seu alcance e a dinâmica com que ele é praticado⁷¹. Ainda sobre o noivado, evoca-se a mesma decomposição para lembrar que o ritual cria um sistema de compensação numérica, econômica e sentimental com a finalidade de evitar ou amortecer os conflitos que cercam a transferência de um membro para outro grupo.

Assim como Morgan, a abordagem de Van Gennep revela-se dedutiva, mas se por um lado ele se diferencia por não colocar em causa sua origem bem como a relação do mesmo com uma pretensa ordem evolutiva do casamento humano ele transforma o casamento no ponto de ruptura entre dois mundos (ou de agregação dos noivos ao novo status). De um certo modo, isso tanto significa a negação da relação de causa e efeito que a aliança exercia sobre os sistemas moral, econômico e jurídico⁷², como serve para demonstrar que a importância do noivado estaria no simbolismo da nova condição que ele promove ao transferir um indivíduo de uma família à outra.

Inspirado nesse argumento, Westermarck, que já havia realizado uma minuciosa descrição dos ritos matrimoniais no Marrocos (WESTERMARCK, 1914), escreve o livro *History of Human Marriage* (1922), agora voltado aos significados contidos na sequência desses ritos. Segundo ele, o objetivo social mais geral dos ritos nupciais é dar publicidade à formação do casal através de uma “longa sequência de práticas e tabus, que podem começar no momento em que o casamento é pensado e durar até depois de concluído” (WESTERMARCK, 1922, p. 432, *tradução minha*). A duração desse período, o que corresponde ao

⁷¹ Assim é que Van Gennep permite notar que o alcance do noivado pode se dar antes mesmo dos pretendentes nascerem, sem que isso afete a análise dos ritos de separação que cercam a coabitação do novo casal, e ser concluído com as estipulações que seguem a realização do casamento, sem que isto comprometa a totalidade do ritual.

⁷² Engels, por exemplo, considerava que a primeira forma de expressão do noivado ocorreu na família sindiásmica (estágio de barbárie).

intervalo entre a celebração do noivado e o casamento, seria indefinido, podendo durar anos, meses, dias ou apenas algumas horas⁷³.

Westermarck também mostra a contemporaneidade dos ritos nupciais modernos, isto é, em sua forma livre e baseada no consentimento, com aquelas onde a forma predominante era caracterizada pela compra, rapto ou fuga da noiva. Fazendo isso ele coloca em dúvida a tese dos estágios universais, mostrando que em sua fase natural o casamento era inicialmente um acordo informal onde o homem era o pretendente, cabendo à mulher a decisão de aceitar ou recusar seus avanços. Em uma fase posterior, quando o sistema gentílico passa a predominar, o elemento do consentimento mútuo é colocado em suspenso e o relacionamento nupcial se torna um pacto entre os clãs. Com o surgimento da propriedade, da indústria e de uma organização social mais complexa, tem origem novos desejos e ambições, e o relacionamento passa a ser mediado por um tutor.

Westermarck acompanhava as observações de George E. Howard que em um capítulo particular do livro *A history of marriage*, intitulado “A antiguidade do noivado ou do casamento livre” (HOWARD, 1904, p. 201-210), questiona a tese evolutiva sustentando que a mesma estava em desacordo com a seguinte observação: embora o casamento por compra fosse mais compatível com o progresso sociológico e mental do mundo civilizado, a prática do noivado, atribuída aos estágios mais primitivos da cultura, era a tendência também nas sociedades ocidentais.

Tal como Westermarck, que havia chegado à conclusão de que “a liberdade de escolha entre as raças inferiores não aumentou em proporção à sua evolução na cultura” (op. cit. p. 309), bem como baseando-se na teoria da seleção sexual de Darwin, Howard sugere que este desacordo resultava do erro na interpretação da liberdade feminina, cuja crença, até então predominante, afirmava que ela não tinha direito a escolha do parceiro no casamento por compra. Para ele, esse erro poderia ser corrigido lembrando que o casamento por compra estava longe de ser o principal método de contrair casamento e, embora o papel

⁷³ Westermarck lembra que no oeste da Irlanda, apenas um dia ou dois se interpunha entre o noivado festivo e a cerimônia nupcial, e entre os judeus já era costume no século XI solenizar tanto o noivado como o próprio casamento no mesmo dia, com um intervalo de poucas horas.

de pretendente, isto é, de sujeito ativo no processo de seleção sexual, fosse normalmente atribuído ao homem, o poder para decidir não era uma exclusividade sua⁷⁴.

O casamento por compra e por escolha livre, portanto, não eram mutuamente excludentes, mas exigiam que fossem catalogados para que não se perdesse de vista as variações existentes entre eles. Howard resolveu então enumerar as principais características dos ritos nupciais envolvendo essas duas formas:

- (1) na maioria das vezes o noivado ou contrato são feitos pelos pais ou parentes, sem considerar a vontade da noiva ou do noivo. Nestes casos os casamentos ou noivados com ou entre crianças também são frequentes podendo as crianças serem prometidas mesmo antes de nascer. Estes compromissos são muitas vezes contratos de compra e tem a finalidade de estender e firmar os laços de união gentílica ou familiar bem como restringir a liberdade sexual da noiva;
- (2) em alguns casos, o consentimento exclusivo da noiva é ignorado;
- (3) quando o consentimento da noiva é levado em conta é chamado *pro forma*, mas recusado nunca ocorrerá e não seria tolerado;
- (4) a escolha pode, de fato, ser deixada para o casal, enquanto o direito de noivado pertence aos seus tutores;
- (5) os jovens são legalmente obrigados a submeter-se a escolha do tutor só no caso do primeiro casamento, que, conseqüentemente, é muitas vezes dissolvido depois de alguns anos ou mesmo alguns meses; enquanto o segundo casamento, sendo normalmente um casamento por inclinação pode durar muito mais tempo
- (6) o reconhecimento de um casamento válido mediante consentimento da noiva;
- (7) noiva e o noivo aparecem como as partes contratantes e o direito de aprovação não pertence ao pai ou tutor (HOWARD, op. cit., p. 208-210, tradução minha).

A existência desta enumeração é um precedente importante para se tomar conhecimento das formas institucionalizadas com que os ritos nupciais se

⁷⁴ Este é o caso de se perguntar se o noivado – em sua versão ocidental e moderna – não seria uma verdadeira reconquista das mulheres, levando-se em conta que enquanto num passado remoto lhes cabia o poder para exercer seu consentimento, o mesmo foi-lhes usurpado com a ascensão do patriarcado e mais recentemente da família burguesa quando suas preferências passaram a ser tuteladas. O raciocínio não parece exagero quando notamos sua presença na discussão sobre a família em Engels (2002).

ocupam de produzir a aliança. Contudo, a leitura deste e dos demais textos mostra que lhes falta uma pergunta básica: *o que os sujeitos pensam sobre o que estão fazendo?* Essa carência, longe de qualquer presunção, é fruto de uma época em que tomar conhecimento de práticas consideradas exóticas satisfazia o interesse intelectual (mas também etnocêntrico) de saber que “aquilo” acontecia “daquele jeito” e “naquele lugar”. Descrever para conhecer era, portanto, suficiente.

Os textos também mostram que os autores estavam muito mais preocupados em reproduzir noções difusas de suas próprias tradições, como a catalogação de formas sucessivas onde a forma livre e a própria monogamia corresponderiam, segundo o próprio Howard, ao “o tipo mais elevado”, do que interessados em problematizar a linguagem empregada nestas práticas. Esta seria a principal razão para que estes estudos não tivessem qualquer cuidado em definir, classificar e, por vezes, agrupar ritos nupciais que eram estranhos entre si, além de povoarem seus textos com os vernáculos do seu próprio idioma, entre eles *betrothal*, *engagement*, *affianced*, *fiancé*, *fiançailles* e *wedding*⁷⁵, o que, conforme apontei anteriormente, cria dificuldades para interpretar o tipo de relacionamento com sua motivação cultural.

Como parte do meu problema é saber se o vocabulário existente é capaz de decompor as práticas existentes sem omitir o significado atribuído pelos próprios sujeitos à estas práticas, lancei minha atenção também para as descrições etnográficas, cuja observação direta, prolongada e versada no idioma nativo sugere uma abordagem mais próxima da realidade com a qual pretendo discutir o fenômeno nupcial.

Isto porque, predominantemente influenciada pela atenção à coesão e o equilíbrio entre as práticas sociais e os sistemas jurídicos, ambos considerados indispensáveis à manutenção da ordem social, a etnografia foi responsável por

⁷⁵ Ao se referir ao noivado Van Gennep recorre as descrições que enumeram suas etapas nas fases de separação, margem e agregação, mas não questiona o uso do termo bem como se essas etapas, assim agrupadas, tem algum traço em comum, como tempo de duração, símbolos utilizados, objetivo dos contraentes ou dos familiares. Westermack, por sua vez, usa tanto a expressão *betrothal* como *engagement* e *wedding* como formas análogas de ritualização do casamento em diferentes sociedades. O mesmo feito por Howard que, no entanto, teve o cuidado de afirmar que o noivado é uma prática “antiga”, mas sem explicar se isso se aplicava as sociedades que estudava ou a sua própria sociedade.

romper com a história conjectural oferecendo como alternativa teórico-metodológica a localização de desenvolvimentos particulares, com acento em culturas individuais e recurso a uma história circunscrita. No âmbito da atenção dada ao noivado, as descrições produzidas sob esta influência colocavam de lado o interesse por sua relação com os estágios de evolução do casamento para se debruçarem sobre a sua função nas relações de parentesco.

A fonte inovadora desse pensamento deve ser atribuída a Malinowski (1982 [1922]) que, longe de fazer a felicidade dos “amadores de sobrevivência” e dos “pesquisadores de origem” (adjetivos nada simpáticos com a qual ele se refere aos etnólogos que recorriam a análise conjectural) utiliza o senso prático dos habitantes das ilhas Trobriand para descrever o relacionamento nupcial como um amplo conjunto de regras e processos de socialização responsável pela transição entre o estado de solteiro e o de casado, segundo os ideais da “lei, da moralidade e dos costumes [locais]” (MALINOWSKI, op. cit. , p. 105). Estas relações, porém, transcorriam de duas formas: por livre escolha – forma predominante – e *vaypokala*, expressão nativa para “noivado de crianças” – menos comum.

O noivado por livre escolha ocorria quando, após terem vivido juntos por um certo período na *bukumatula* (“casa dos solteiros”) e de terem compreendido que desejam se casar o rapaz e a moça “anunciavam” a intenção de casar dormindo juntos regularmente, mostrando-se juntos em público e permanecendo na companhia um do outro por longos períodos. A aprovação, porém, dependia dos pais da noiva que tendo se contentado com a escolha pedem um presente. O casamento se consumava com a noiva indo morar na casa do parceiro sem maiores formalidades.

O *vaypokala*, por sua vez, é um noivado entre crianças que se dava entre primos cruzados. Neste caso, a iniciativa cabia ao irmão que, agindo em nome do filho recém-nascido, pede em casamento a filha da irmã, caso esta já tenha nascido. Do contrário, esperava ela nascer para realizar o pedido. Pouco tempo depois de concluído o acordo preliminar, o pai do menino deveria oferecer ao marido de sua irmã (*tama*) um presente de valor, como uma lâmina de machado polida ou um ornamento feito com concha, ao que é retribuída em presentes de alimentos. Esse ritual não excluía o casamento na vida adulta quando a mulher

deve partilhar com o marido seu leito. Malinowski adverte, porém, que para os trobriandeses a relação entre as crianças durante o *vaypokala* é a de um “casamento real”, onde os noivos são mencionados como marido e mulher e eles próprios se tratam assim! O que é singularmente incompreensível à luz das categorias que o próprio etnógrafo escolheu para descrever esta prática. Afinal, as crianças prometidas são noivos ou esposos? O “casamento real” é um período de preparação ou é um casamento em si, isto é, vivido como relacionamento conjugal? Malinowski não responde essas questões, mas sugiro que a confusão decorre da imprecisão com que recorre as categorias para descrever a série de contraprestações que acompanham esse relacionamento até que ele se converta em um “casamento efetivo”⁷⁶

Os trabalhos que se seguiram ao de Malinowski apresentam características semelhantes, de modo que as descrições realizadas apontam para a existência de três formas principais do noivado: por livre iniciativa dos interessados (forma livre), por acordos familiares (forma arranjada) e pelo rapto ou roubo da noiva. Há também a presença da descrição de combinações dessas formas, com o predomínio de uma sobre a outra, tal como demonstrado por Malinowski⁷⁷.

Na forma livre a formação dos casais ocorre após a puberdade como resultado da mútua manifestação da decisão de casar. Cabe ao homem, no entanto, a iniciativa⁷⁸ por meio do cortejo direto, como observou Ruth Benedict entre os pueblo⁷⁹, ou através de um mediador, como o soa no contexto da descrição

⁷⁶ Para uma melhor compreensão ver o capítulo IV, “Os caminhos para o casamento” (MALINOWSKI, 1982, pp. 106-128).

⁷⁷ Nesta categoria poderão ser encontradas as descrições sobre a prática do roubo da noiva (mais comum) e o noivado infantil (mais raro) entre os tasmanianos (MURDOCK, 1945, p. 24); e o acordo entre os pais dos noivos (*tualcha mura*) (predominante) e o roubo da noiva (menos comum) entre os aranda (Id. Ibd., p. 46-47)

⁷⁸ Apesar de essa ser a regra, foi identificado na descrição de Murdock sobre os hopis que cabia a mulher tomar a iniciativa do pedido sendo o noivado anunciado quando ela penteava o cabelo do seu noivo em público.

⁷⁹ Segundo Benedict quando o rapaz zuni decide pedir a mão da moça, dirige-se à casa dela para falar com o pai. Como em toda visita zuni, primeiro ele degusta a comida que lhe é servida e, depois, o pai da moça diz o que deve dizer a todo visitante: “Talvez você veio por alguma coisa”. O rapaz responde: “Sim, vim pensando em sua filha”. O pai chama a filha, dizendo: “Não posso falar por ela. Ela dirá”. Se a moça aceita, a mãe entra no quarto e prepara o catre. Em seguida, o casal se recolhe. No dia seguinte, a mãe lava o cabelo. Depois de quatro dias, ela veste as suas melhores roupas e leva uma grande cesta de fina farinha de milho como presente para a casa da mãe. Não há outras formalidades e o acontecimento desperta pouco interesse social (BENEDICT, 2013, p. 59).

sobre o cortejo entre os jovens samoanos realizado por Margaret Mead. O consentimento era um atributo da mulher que poderia fazê-lo diretamente ao amante ou levar o assunto ao seu pai e parentes no intuito de obter aprovação⁸⁰.

Neste modelo, a principal característica é a socialização dos amantes. A motivação do rapaz ou do casal para se unir em casamento ocorre, portanto, em função da experimentação e da consolidação gradativa de seus vínculos por meio da troca de afetos e de uma relativa liberdade sexual. Entre as experiências descritas estão a manifestação de afeto dos aino por meio de mordidas (MURDOCK, 1945); a liberdade dos jovens mundugomor para ter aventuras sexuais correndo o risco de sair arranhado (MEAD, 2009); e a diversidade dos samoanos que desfrutavam de “relações clandestinas” (sob as palmeiras), da fuga anunciada (*avaga*) e do noivado formal (MEAD, 1993; MURDOCK, op. cit.). As relações sexuais, por outro lado, têm seus limites determinados pelas prescrições do casamento, a exemplo das ressalvas para o relacionamento com membros do mesmo clã, metade ou parentes classificatórios.

Onde o casamento é prescrito ou arranjado mediante o acordo entre parentes ou pela iniciativa de um dos contraentes sem o consentimento do outro, a formação do casal tem início na infância, mediante a promessa de casamento, e durante ou após a puberdade, por adoção ou compra. Nesse modelo crianças, moças e rapazes devem respeitar rigorosas proibições, não havendo ocasião para troca de afetos e relações sexuais entre eles que não fosse após a união de fato⁸¹.

Além de arranjados, os casamentos que ocorrem na puberdade também podem submeter os jovens a rituais que testam sua aptidão para o novo status. Murdock descreve que os rapazes cuervo estariam livres para casar aos 25 anos ou após obter bom desempenho na guerra, ou que os rapazes iroqueses só poderiam noivar após se tornarem caçadores experientes. Com uma sorte um

⁸⁰ A verbalização é a principal forma do consentimento, mas Margaret Mead lembra que as jovens samoanas oferecem comida como forma de expressar sua aceitação de um pedido de casamento.

⁸¹ Mesmo onde havia a adoção de uma menina trazida para casar-se com um filho já nascido ou esperado, como ocorria entre os arapesh descritos por Mead (2009) e nas aldeias ao longo do lang Tsé catalogadas por Goody (2008), os relacionamentos eram vigiados e estavam sujeitos a tabus.

pouco melhor, os jovens ganda estavam livres para contrair casamento quando desfrutassem dos bens necessários para isso.

A decisão de casar pode ser feita pelo rapaz, mas em geral são seus parentes⁸² que levam o assunto aos pais da menina ou moça em busca de consentimento⁸³. Tanto a decisão como o consentimento são motivados por razões econômicas e sua conclusão ocorre mediante prestações matrimoniais, sendo o pagamento pelo preço da noiva o mais predominante entre eles⁸⁴.

O rapto ou roubo da mulher é a terceira forma de formação dos casais podendo combinar-se com a forma prescrita ou arranjada. O protagonismo neste caso é exclusivamente masculino, sendo o homem ou seus parentes que ingressam na aldeia vizinha ou rival para capturar uma mulher. Firth (1998), cuja etnografia destina-se a crítica ao conceito de rapto ou captura da noiva, aborda essa temática enfatizando a submissão dos homens ao imperativo da tradição demonstrando que entre as razões para o roubo estariam: a) o desejo de um homem cuja mulher recusa seus avanços; b) o desejo de uma família de fazer seu filho casar-se quando ele se recusa a fazer sua escolha; e c) o desejo dos parentes anteciparem-se à escolha do rapaz e assegurar-lhe uma parceria mais adequada. Esses raptos ou roubos podem se dar de maneira violenta acarretando no ferimento ou morte dos envolvidos, assim como podem ocorrer de

⁸² A definição de quem será o responsável por levar este assunto bem como daquele que manifestará o consentimento é determinado pelo tipo de linhagem predominante, se matrilinear, patrilinear ou bilateral.

⁸³ Os familiares podem recorrer a intermediários nesse processo. Os hotentotes, segundo Murdock, usam de emissários para obter o consentimento da mãe da noiva, que só aceita após longo tempo de resistência. Murdock lembra também que antes de começar as negociações os astecas consultavam um astrólogo para saber se o destino do casal se harmonizava. Se a resposta fosse favorável, o pai enviava duas mulheres anciãs com presentes para fazer uma proposta ao pai da noiva.

⁸⁴ Também conhecido como "pagamento" e "riqueza" da noiva ou lobola (África) ou *mas kahwin* (malaiio), em se tratando de referência a expressões nativas, este modelo de prestações matrimoniais correspondem a qualquer transferência de bens relativamente padronizados fornecidos pelo futuro marido e destinado aos pais da esposa Testart, Govoroff e Lécrivain (2002). Sua natureza e quantidade são geralmente determinadas pelo costume. Ruth Benedict descreve o caso exemplar dos Kwakiltl, onde um homem importante a ponto de contrair matrimônio reunia seus parentes e marchava em comitiva à casa do pai da mulher com quem pretendia se unir. Lá ele apresentava seus bens no intuito de elevar o preço da noiva e assim sobrepuja-lo (BENEDICT, 2013, p. 141).

forma dramatizada quando a família da noiva finge resistência mesmo que ela já tenha manifestado seu consentimento arquitetando uma fuga⁸⁵.

Contrariando o que boa parte do capítulo anterior havia sugerido, as formas mais contemporâneas do noivado compartilham sua variedade com formas já descritas pela literatura, com a única diferença de que muitas destas descrições não diferenciavam a) acordos entre parentes para a realização de casamentos infantis, mesmo que os “noivos” já mantivessem entre si relações conjugais; b) adoção de futuros parceiros; c) compra da noiva; d) roubo, onde a cativa é tratada como noiva; e) e casamento sem ato solene. Em todos estes casos está-se diante de formas análogas de aliança o que torna mais do que questionável o argumento de que o noivado é apenas uma passagem para o casamento como costumeiramente a literatura e o senso comum imaginam. O noivado é aliança. É parte constitutiva do processo que forma, sob diferentes arranjos, a unidade conjugal, seja em sua forma monogâmica ou não.

Sem que isto oculte as sucessivas e indispensáveis etapas para a formação do casal, o que tenho em mente com esta afirmação é dar razão suficiente para que nos capítulos seguintes se possa observar que as práticas que caracterizam o relacionamento nupcial, tal como a literatura recente e a linguagem corrente demonstram, são reguladas pela socialização, cuja experiência na forma de processos de aprendizado dos códigos de conduta atualizam a eficácia da aliança como projeto e estilo de vida.

Meu objetivo, portanto, é escrutinar a socialização, seja ela na forma de crenças a respeito do relacionamento ou em práticas correspondentes, para demonstrar que a ritualização nupcial encena a crença num conjunto ao mesmo tempo normativo e negociado de valores a fim de superar o tabu do outro, enquanto desconhecido no âmbito conjugal, em sociedades individualistas.

⁸⁵ Firth (1998) descreve esse drama, que ele próprio classifica como “encenação”, retratando a captura da noiva realizada pelos tikopia. Em sua etnografia ele relata que a família do noivo se reúne secretamente e vão pegar a garota que escolheram em sua casa. Lá seu pai e o pai do noivo se sentam e conversam amigavelmente enquanto seus respectivos grupos lutam. A maior parte da luta consiste em uma encenação de empurrões e gritos.

A escrita deste capítulo teve como base a ideia de que o noivado é uma unidade cultural. As questões discutidas ao longo do mesmo tiveram como fonte o problema levantado por Schneider (2016), qual seja: as categorias que utilizamos para nomear nossos objetos de pesquisa são, antes de tudo, constructos culturais. Para não arriscar uma aplicação imprecisa nas questões que demandam observação e intuição, o melhor é saber com que fenômeno estamos lidando.

Portanto, para além da atraente e contumaz ênfase ritual, lancei-me na hipótese de que ritualização nupcial também reúne uma importante contribuição para a compreensão do parentesco, pois não sendo outra finalidade que não a de produzir, fazer ou criar um parente, o noivado atua para promover a aliança. Minha análise, contudo, dialoga com uma perspectiva processual, dirigida a interpretação do modo como os sujeitos negociam suas relações a fim de atender um interesse individualista, lembrando que compreender a aliança como ritualização em sociedades complexas não é uma tarefa das mais simples, pois as motivações que a dão ensejo assumem um caráter polissêmico e multideterminado. Ainda assim, é possível notar a presença em cada uma delas de um idioma particular que, concorrendo para justificar escolhas livres e emotivamente motivadas, permitem o registro de um vocabulário constituídos por regras relativas a cada um dos eventos que compõem a trama nupcial.

Desse modo, códigos como “atração”, “química”, “oportunidade”, “pedido”, “consentimento”, “projeto”, “planejamento”, “festa”, “casamento civil”, “casamento religioso”, “casa”, “formar família”, “morar juntos” e “lua-de-mel”, apenas para dar uma pequena amostra do acervo, constituem os elementos da linguagem predominantes no casamento da qual os sujeitos extraem sua disposição para agir. Da mesma forma, a referência empática dirigida à identidade de membros da parentela ou às experiências conjugais consideradas referenciais, bem como a função desempenhada por entidades sobrenaturais (Deus), causais (destino) ou pela coabitação oferecem meios para analisar não só a identificação entre os sujeitos, mas sua disposição para transformá-los em parentes.

Essa disposição é caracterizada por aquilo que Sahlins (2013) considera ser a “mutualidade do ser”, isto é, a sensação de pertencimento e copresença entre indivíduos cuja identificação os torna cognitiva e emocionalmente,

simbólica e existencialmente um só ser⁸⁶. Aplicada à teoria da aliança (LÉVI-STRAUSS, 2008)⁸⁷, tal identificação é produzida por uma socialização ritualizada daquelas experiências que a linguagem do relacionamento amoroso adverte sobre como se deve agir em direção a manutenção do vínculo quando este oferece um nível de satisfação afetiva, psíquica e moral capaz de converter a interação episódica num projeto de convivência conjugal. Crenças, valores, ideologias e normas relativas a essa forma de relação passam a atuar, portanto, na direção de um reconhecimento recíproco dos membros que formam o casal quanto a aptidão para atender as expectativas que daí surgem. Nesse processo a relação conjugal é avaliada, ponderada, criticada, julgada passando por um processo de reflexividade que acompanha os sujeitos em cada um dos eventos que atravessam a sua relação entre o primeiro golpe de vista e o primeiro dia sob o mesmo teto.

Concorrendo com outros projetos e estilos de vida, minha intenção é sugerir que a escolha pelo casamento em contextos urbanos e individualistas, seja por desejo ou pela necessidade, é uma ação que reúne em torno de si motivações de ordem cultural, tendo as relações de parentesco e familiar importância significativa visto que o estado conjugal não só é algo socialmente valorizado por determinados segmentos da sociedade brasileira como reflete certa

⁸⁶ Machado (2013) considera que essa é uma saída “gradualista” e ontológica encontrada por Sahlins que recorre a mutualidade como estratégia para localizar os degraus, as camadas e os círculos com as quais as pessoas estabelecem relações de parentesco.

⁸⁷ Por teoria da aliança refiro-me as proposições realizadas pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss e aos desenvolvimentos subsequentes na teoria do parentesco e do casamento, que enfatizam a importância estrutural e organizacional da aliança, e não da descendência. Estas proposições foram desenvolvidas por Lévi-Strauss em sua obra “Estruturas Elementares de Parentesco”, publicada pela primeira vez em 1949, na qual são delineados os principais elementos da teoria da aliança em um nível geral, preocupando-se com as propriedades estruturais e as implicações evolutivas dos diferentes tipos de regra de aliança. Nele, Lévi-Strauss postula a distinção entre estruturas elementares, onde existe uma regra de casamento positivo (ou seja, a categoria casável é definida pelo status de parentesco) e estruturas complexas, em que a escolha do cônjuge é baseada na troca generalizada. Com efeito, Lévi-Strauss afirma que a proibição do incesto deve ser vista como o avesso universal e negativo de uma regra de reciprocidade positiva que exige a troca das mulheres nos sistemas de aliança matrimonial. Essa perspectiva renovava radicalmente a abordagem dos fenômenos de parentesco, abandonando a sociologia dos modos de filiação e dos princípios de constituição dos grupos de descendência, assim como o de sua reconstrução histórica conjectural, nos quais se confinavam até então o funcionalismo e o evolucionismo. Ela os substituiu por uma teoria geral da aliança de casamento que esclarece, por sua vez, a natureza e o funcionamento das unidades sociais em jogo no parentesco – clãs, linhagens, grupos exógamos – ao mesmo tempo que os recoloca num conjunto mais amplo.

generalização da crença de que o casamento é responsável por fundar uma nova unidade social.

As páginas que seguem, portanto, procuram decompor esta unidade estabelecendo algumas hipóteses de trabalho que considero oportunas para contribuir com o aperfeiçoamento dos estudos sobre rituais e, mais especificamente, do lugar (ou lugares) que o noivado e os ritos pré-nupciais podem ocupar na pesquisa antropológica.

Primeiro, o noivado retrata um tipo de relação que está inscrito em diferentes sociedades e épocas. Como decorrência pode ser um objeto de análise que nos permite “rastrear” os elementos que o caracterizam como uma unidade cultural (SCHNEIDER, 2016), bem como apontar suas formas de manifestação em um sentido histórico e comparativo. Devemos nos perguntar em vista disso: que mudanças nas relações amorosas e familiares o noivado permite observar?

Segundo, o noivado prescreve regras de comportamento e de atitude que, participando do processo de socialização dos envolvidos, favorece uma passagem entre níveis de status. Isto sugere que os noivos reconhecem em suas práticas uma ação voltada a esse fim, ou seja, orientados por valores, ideologias e representações, as escolhas que cada noivo faz em sua trajetória nupcial os leva a operar os códigos que determinam suas motivações. Esse processo é relacional e, portanto, suscita a questão: como e a partir de que referências ou modelos os casais negociam os “passos” necessários para alcançar o fim com o qual estão comprometidos?

Por fim, o noivado é invariavelmente um tema que reúne num mesmo domínio, a reflexividade sobre o caráter racional, afetivo e religioso que a escolha do cônjuge reserva aos arranjos matrimônias. Isso levanta a hipótese de que ele participa da estruturação das relações sociais combinando diferentes formas de agência sobre a realidade. Admitir seu caráter polissêmico torna-se, por essa razão, uma escolha metodológica na qual não se pode ignorar a correlação entre identidade, agência e valores. Em outras palavras: quem escolhe qual prática ritual em sua trajetória nupcial?

Com o propósito de problematizar e, na medida do possível oferecer uma visão que contemple e reitere as questões formuladas com base na revisão da bibliografia apresentada até aqui, exponho no capítulo seguinte o resultado de

minhas incursões interpretativas em torno da dinâmica nupcial na sociedade brasileira. Para isso é necessário, primeiro, lançar um olhar que permita descrever os processos sobre os quais se assentaram os valores, narrativas e símbolos que regulam sua escolha como um tipo de relacionamento no contexto urbano, buscando a partir daí descrever as continuidades e rupturas que sua ritualização desempenha na formação dos casais em segmentos urbanos.

CAPÍTULO 2

TRADIÇÃO E ATUALIDADE DOS RITOS PRÉ-NUPCIAIS⁸⁸

Em agosto de 2015, quando estava dando início à pesquisa de campo, cruzei, por coincidência ou destino, com Angélica Maués, que além de ser muito estimada como amiga foi minha professora em meus anos como integrante da pós-graduação em antropologia da Universidade Federal do Pará e uma grande incentivadora para a realização deste trabalho. Na ocasião estava me dirigindo à entrevista com um casal de noivos na universidade e após compartilhar essa informação, ela, que sempre é uma inesgotável fonte de sabedoria, me lembrou que o noivado “é o tipo de coisa que permanece”.

Ao ouvir isso, senti-me automaticamente tomado pela ideia de exterioridade enfatizada por Durkheim em sua teoria dos fatos sociais, o que naquele momento significava pensar que a permanência do noivado se devia à sua reprodução ao longo das gerações independentemente das aspirações e escolhas individuais. Porém, como todo bom insight, passei bastante tempo refletindo se aquela ideia encontrava relação com um objeto tão suscetível ao imponderável humano e social. Até que às vésperas do natal de 2017 o assunto ganhou um novo significado.

Na ocasião fui surpreendido por uma notificação da professora e amiga Denise Machado na *timeline* de meu Facebook. Ela havia me marcado em uma postagem de sua amiga Vanessa que continha a seguinte pergunta: "GENTY, cês acreditam que ainda existe 'noivado' em 2017?". A pergunta estava acompanhada de um texto no qual a autora fazia referência à "A Pata da Gazela", romance brasileiro escrito por José de Alencar⁸⁹.

⁸⁸ A discussão presente neste capítulo fora originalmente apresentada e debatida no Simpósio “Formas de amar. Cortejo, noviazgo y matrimonio en tiempos de transición de la vida comunitária” tendo sido publicado nos Anais do IV Congreso Latinoamericano de Antropología, ocorrido entre 07 a 10 de outubro de 2015 na Cidade do México (ALENCAR, 2015a). Agradeço a Cristina Marins, Maria Liliana Arelanos Mares, Paulina Del Moral González, Guillermo Santana, Yolíniztli Hernández e Sami Laaksonen. Suas indicações e apreciações foram decisivas para aprimorar as ideias expostas aqui.

⁸⁹ Publicado em 1870 este texto narra a trama vivida pelas primas Amélia e Laura e a confusão causada pela perda de um sapato. Na história Horácio, personagem guiado pelas aparências, persegue a dona do sapato que encontrara na rua acreditando pertencer a uma bela donzela. O mesmo se dá com Leopoldo, que por sua vez é retratado como um jovem de bom coração, mas diferentemente de Horácio se dedica a conquistar o amor de Amélia. A história se desenvolve, e

A postagem foi curtida 46 vezes e comentada por mais de 80 pessoas⁹⁰. Destas, apenas uma minoria julgava o noivado como uma prática "inapropriada" ou "bizarra" e "completamente desnecessária", como enfatizado pela própria autora. A maioria dos comentários, porém, argumentava que esta prática não só "ainda existe" como é valorizada, a exemplo de Ingrid ("Eu sonho com isso. Amo rituais! Rsrrsrs") ou Alisson ("Eu pretendo seguir esses ritos... Kkkkk Vamos casar nos moldes de Star Wars"). Em alguns dos comentários, porém, a autora problematiza a naturalidade com que o tema é tratado por alguns de seus interlocutores, o que deu origem a discussão que segue:

Minha irmã vai noivar [*Vanessa: E qual a utilidade?*] Acredito que seja parte do rito, se as pessoas optam por isso que sejam felizes, olha eu vejo é muito noivado, pra mim não é nada incomum [*Vanessa: égua, pra mim é. Te juro! Nem sabia que isso ainda existia, e não tô brincando qdo digo isso!*] (Autora em diálogo com Ana Carolina).

"Eu noivei, tive inclusive jantar, se duvidar ainda tenho algumas fotos aqui pelo face [dezembro de 2011]. [...] Eu sempre curti esses ritos da nossa cultura, acredito que são coisas que a gente só tem oportunidade de fazer uma vez na vida, então pq não? [*V.G.: ah, a minha mãe queria estes papos também. Sem combate, mana. Para alguns faz feliz, a mim violenta*] (Autora em diálogo com A.L. (mulher))

Acho lindo [*Vanessa: ain mana. Acho retrô. É o melhor que posso achar sobre isso. rs (pra não colocar a minha verdadeira opinião: brega)*] Kkkkk eu já noivei. Foi o máximo, pedido e aliança. As histórias passam ficam as boas lembranças. Mas cada um com seu cada qual, você não gosta não noiva. Rsss... [*Vanessa: sim, isso. Mas acho estranho, muito estranho. Jurava que isso nem existia mais!*] Existe. A indústria do casamento gera muito lucro. Kkkk (Autora em diálogo com Julliana)

ambos passam a se apaixonar por Amélia, sem saber que no mesmo dia estava junto a prima dela, Laura. Horácio começa a cortejar Amélia e logo em seguida a pede em casamento, como uma tentativa de ver seus pés. Amélia, no entanto, ouve Horácio contando a Leopoldo que estava com ela por acreditar que ela era a dona do sapato. Ela então convida Horácio para ir a sua casa, e deixa aparecer um pouco dos pés mostrando um calçado para pés defeituosos. O noivo foge e passa a procurar Laura, a quem atribui ser dona do sapato. É então que ele descobre a verdade, que Laura possuía pés aleijados e Amélia era realmente a dona dos calçados. Horácio tenta reconquistar Amélia, porém ela já está noiva de Leopoldo, com quem se casa e apenas na lua de mel mostra seus pés pequenos e sem problemas.

⁹⁰ Dentre as pessoas que tomaram conhecimento desta publicação estava minha amiga Marina Blank, que à época dissertava sobre este mesmo tema e recorreu a discussão gerada pela mesma em seu trabalho (BLANK, 2017, p. 55-59)

Na oportunidade fiz um breve comentário retratando a contemporaneidade do noivado e seus desdobramentos em festas, cursos, filmes, feiras e um mercado que movimenta vultuosas quantias financeiras. A discussão, no entanto, chamou minha atenção para a diversidade de concepções em torno do tema, mostrando que, se por um lado Vanessa questionava os pressupostos deste ritual, por outro, seus interlocutores retratavam-no como uma tradição, isto é, uma prática cujo o acúmulo de significados e a inculcação de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, visavam estabelecer uma relação de continuidade com o passado – notoriamente idealizado⁹¹.

Repercutindo minha própria impressão sobre a literatura especializada, a experiência serviu para mostrar que, enquanto unidade cultural, o noivado é cercado de simbolismo e sua interpretação parece levar em conta não só o papel que desempenha nas relações sociais e na identificação dos sujeitos – o que será abordado nos capítulos seguintes –, mas sua própria representação enquanto fenômeno histórico. Afinal, o que se quer dizer quando pessoas exprimem suas crenças dividindo-se entre atacar ou defender uma prática social, no caso os ritos nupciais?

A impressão é que em termos analíticos isto me lançava nas clássicas polarizações que povoam a reflexão sobre a temporalidade, sobretudo no que se refere a oposição (ou pseudoposição) entre novo e antigo, moderno e tradicional que, conforme discutira Fabian (2013), atormentam e confundem o pensamento e a pesquisa antropológica. Tal como procurarei demonstrar isto não foi uma fórmula a ser reproduzida ou um desafio a ser superado, mas parte do próprio problema que envolve a relação entre plasticidade, ambiguidade e o sentido de tradição contido na representação do tema. Adotei, assim, as tensões decorrentes disso como variações e adaptações do mesmo à própria dinâmica da vida em sociedade.

Nesse sentido, para além de discutir a reprodução automática de determinado sistema envolvendo tanto os efeitos não planejados de ações

⁹¹ Para compreender o conceito de tradição como “acúmulo de significados” recomendo a leitura de Sahlins (2003), em especial o capítulo 2.

notadamente associadas à ideia de tradição, quanto as consequências de ações estrategicamente planejadas a fim de regular as condições do sistema de reprodução, seja para sua manutenção ou mudança, conforme proposto por Giddens (1984, p. 27-28), procuro realizar neste capítulo um inventário das recorrências e variações do noivado como ritual no decorrer do tempo e sua assimilação, através do imaginário, como unidade cultural em segmentos urbanos da sociedade brasileira. Para isso, recorro a abordagem sócio-histórica por meio da bibliografia e fontes documentais que descrevem sua prática assim como ao imaginário social contido nos meios de comunicação com especial atenção para o uso da categoria sonho.

Entendendo que a reprodução, a extinção ou a criação de normas, regras, técnicas, estratégias e atores em torno desses ritos só podem ser encontradas pela análise sistemática das unidades processuais e estruturas temporais, conforme sugere Turner (2008), meu objetivo com tais recortes é demonstrar que as razões que tornaram o noivado uma prática cultural difusa e sujeita à involuções do tipo abordado no capítulo anterior decorrem, por um lado, das transformações protagonizadas pela ascensão do individualismo como estilo de vida e suas implicações nas relações afetivas e familiares em contextos urbanos – com especial atenção para os segmentos de classe média – e, por outro, dos estímulos culturais que o imaginário em torno do noivado produz em termos de socialização.

Nessa direção, escolhi como primeiro passo o diálogo com os registros a respeito desses rituais na historiografia brasileira. Sem que isso signifique a exclusão de outras fontes, como a própria literatura e o conteúdo acessado por meio de documentos, como jornais e revistas, inicio meu argumento recorrendo às contribuições de Thales de Azevedo cujas observações são uma inesgotável fonte de reflexão sobre a constituição dos vínculos que permeiam o processo de socialização conjugal e a institucionalização do noivado em nosso meio cultural.

As transformações dos ritos nupciais brasileiros

Rituais “novos” provavelmente são compostos em grande parte por elementos retirados de rituais mais antigos (TURNER 1973: 1100, tradução minha).

Ao prefaciar *As regras do namoro à antiga* (1986), Roberto DaMatta afirma que Thales de Azevedo, antropólogo baiano falecido em 1995, foi o primeiro pesquisador a se debruçar sobre as regras que cercam e dão sentido às relações amorosas. Um campo extremamente fértil para se compreender o processo de interação e formação dos vínculos humanos na arena do circunstancial, do imponderável e do subjetivo nascia, assim, como fonte para discutir que o próprio Azevedo chamou de “rito dos afetos”.

Sua atenção para o assunto já havia se manifestado em anos anteriores. Em *Fazendo a corte no Brasil: ritos de namoro e paquera* (1978), por exemplo, ele se dedica a descrever as etapas e características tanto do namoro como do noivado enfatizando que as suas transformações acompanhavam as mudanças protagonizadas pela urbanização das cidades e modernização dos costumes. Mais do que compreender sua diversidade de significados e as implicações intersubjetivas para os sujeitos envolvidos, Azevedo se preocupa em reconstruir a historicidade dos vínculos afetivos chamando atenção para as normas que regulam sua reprodução social.

As regras do namoro à antiga têm exatamente esta finalidade, pois avalia os impactos que os valores civilizatórios e os padrões tradicionais de vida burguesa trazidos para o Brasil com a mudança da Corte portuguesa em 1808 exerceram sobre o conjunto da sociedade. Valendo-se de memórias pessoais, estudos de comunidade e documentos de época, Azevedo descreve as táticas, normas e valores que caracterizaram os ritos pré-nupciais no contexto de transição do modelo patriarcal para a sociedade moderna chamando atenção para os “elementos autógenos” derivados da “maturação orgânica e de comportamentos sociógenos” se referindo aos costumes, tradições, círculos de convívio, localidades, laços de família e de posição na sociedade para demonstrar que a presença da família real e a ascensão do país à condição de Império foi responsável por enfraquecer o regime patriarcal e a ideologia religiosa inaugurando um

novo padrão de sociabilidade baseado no "culto do eu" e na "desposseção subjetiva" – para usar uma expressão consagrada por Salem (1992)⁹².

Sem esconder sua nostalgia do passado e da tradição, Azevedo antecipa a tese de pesquisadores recentes: a de que o noivado estava em desuso face a tolerância com novos e diversos estilos de vida⁹³. Esse processo, chamado por ele de “modernização dos costumes”, favorecia “a crise hodierna de valores”, representada pela “quebra da coesão interna das parentelas e a anomalia ética na família” (AZEVEDO, 1986, p. 95).

Desse modo, Azevedo expõe tanto sua visão de tradição enquanto um conjunto de significados intergeracionais cuja reprodução se volta à manutenção da ordem social, como de modernidade uma vez que as novas condições de habitação, do maior convívio entre os sexos, dos novos direitos dos jovens e da mulher colocavam em curso uma nova forma de relacionamento. Neste novo modelo as relações eram pautadas pela dispensa das técnicas de aproximação e pelo intercurso sem "grandes cerimônias, sem os mesmos escrúpulos" (AZEVEDO, 1978, p. 125) de um novo padrão de ritual cuja configuração ajustava os indivíduos a um tipo de compromisso que perdia seu caráter tradicional, isto é, fixo e definitivo: “[o noivado] é um ato que envolve as famílias e tem um caráter cerimonial *ainda* importante para muitos: obedece a certo rito, *cada dia menos* solene e formal, mas é assinalado numa troca de cumprimentos e na divulgação do evento para sanção social” (AZEVEDO, 1986, p. 91, grifo meu).

No intuito de compreender esta transformação Azevedo se apoiava nos estudos de comunidade realizados por Willems (1947) e Candido (2017 [1951]).

⁹² Em uma perspectiva dumontiana pode-se falar que o trabalho de Azevedo ressalta o contexto e aparecimento do individualismo no Brasil, pois atentando para o desenvolvimento de novas maneiras de viver ele opõe um modelo holista em que desejos, vontades e escolhas pessoais são limitadas ou cerceadas em nome da ordem social a um modelo que privilegia e consagra a expressão da subjetividade, da autonomia e da independência como valores supremos fundamentais da sociedade.

⁹³ Com efeito, Azevedo pertence a um grupo de antropólogos que foi pioneiro no estudo dos costumes nacionais. De formação médica – tradição iniciada no século XIX por Nina Rodrigues, Arthur Ramos entre outros – ele transitou do evolucionismo biológico para a antropologia social deixando-se mergulhar no caloroso debate sobre raça e identidade. Testemunha ocular de importantes mudanças ocorridas na primeira metade do século XX, foi um dos principais protagonistas do Projeto de Pesquisas Sociais financiado pela Universidade de Columbia, o que lhe rendeu grande notoriedade acadêmica após a publicação de *As elites de cor: um estudo de ascensão social* sob os auspícios da Unesco, que também financiou pesquisas sobre o assunto em cidades como São Luiz, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

Por meio deles procura mostrar que a fase de aproximação e associação afetiva dos candidatos ao casamento nas áreas urbanas do final dos anos de 1970 entrava em contraste com a etnografia recente cujas populações da área rural mantinham viva as práticas coloniais, sobretudo porque ainda cabia à família o controle das relações e do ritmo que caracterizavam este relacionamento, devendo o mesmo ser precedido de ajustes e entendimentos entre os futuros cônjuges e intermediários socialmente definidos⁹⁴.

Com efeito, Azevedo retrata o que pode ser considerado resultado do processo colonial abordado por Freyre (2006), para quem a família e os senhores rurais foram os principais atores da formação social brasileira. Dono das terras, dos homens e das mulheres, o *paterfamilias* luso-brasileiro, mas também ibero-americano, tinha seus interesses salvaguardados pela aliança estabelecida com a igreja (o “padroado”, conforme definido por Dornas Filho [1938]), selando uniões que segundo Caulfield tornaram-se estratégias políticas e econômicas imprescindíveis e que perduraram até o início do século XX em algumas regiões do país (CAULFIELD, 2000, p. 29). Levy (2009), por sua vez, observa que no século XVII, e em parte do XVIII, o controle exercido por esse personagem era um importante instrumento de política comercial favorecendo a formação de alianças que, a despeito de estimular a fuga, as uniões informais e o suicídio dos que estavam sob sua tutela, eram a razão de ser da economia mercantilista.

Vivendo relativamente isolados e em pequenas populações, o casamento tornou-se, desse modo, a forma utilizada pelo colono brasileiro para estabelecer e desenvolver a nova empresa produtiva, cuja premissa mais relevante era, segundo Nazzari (2001), realizar uma escolha que favorecesse a aquisição de mão-de-obra, seja para o trabalho na lavoura ou no ambiente doméstico. Ela excluía, portanto, “a paixão, a atração física ou o amor, e dependia das razões pessoais do *paterfamilias*, evidenciando, assim, a assimetria nas relações, uma vez que a escolha era feita pelos homens, sendo o papel da mulher passivo: ela era ou não escolhida” (LEVY, op. cit., p. 119). Isto não ignora a intenção dos colonos em suprimir a ocorrência de casamentos não-oficiais, bem como de

⁹⁴ Esta visão também é compartilhada por Wagley, que descreve o conceito de “noivado ideal” no meio rural brasileiro como uma série de preparativos formais com ampla e irrestrita participação familiar (WAGLEY, 1957, p. 233-234).

fugas e defloramentos que dada sua extensão justificaram a adoção de uma grande variedade de regulamentos⁹⁵.

Nesse padrão, qualquer insinuação por parte do homem em frequentar o lar de sua pretendente o comprometia com ela, dando um caráter formal à ligação, o que implicava uma promessa irretroatável de casamento. O vínculo, porém, só era admitido quando o pretendente demonstrava sinais de um compromisso merecedor de confiança, ficando sua reputação sob um rigoroso sistema de vigilância que poderia envolver desde parentes a vizinhos e instituições.

O noivado propriamente dito tinha início com a aprovação do pedido de casamento obtido através do “sim” dado pelo pai da noiva, que no regime patriarcal e familista do Brasil colonial tinha por obrigação mediar e controlar o casamento dos parentes sob sua autoridade e defender a honra das mulheres. Também conhecido como “pedido da mão”, este rito se caracterizava por ser uma cerimônia familiar e desprovida de encenações emocionais entre os noivos que substituíam os antigos ritos cartoriais e jurídicos dos esponsais, prosseguindo em público com as comunicações orais ou escritas, por meio de cartões ou anúncios na imprensa. Empregando a tese de Macfarlane (1990) sobre o noivado inglês, no qual esse rito tinha por objetivo reduzir os riscos de um acerto que cada vez mais se individualizava, a difusão da prática de pedir a mão em casamento coincide com a popularização da entrega do anel por ocasião do pedido formal, pois ambos tinham como objetivo dissuadir outros pretendentes.

Individualismo e suas implicações

Segundo Holanda (1995) o surgimento e crescimento das ocupações urbanas ao longo do território brasileiro foi, inevitavelmente, acompanhado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte, bem como pela intensificação das interações e do ritmo de vida. Ao lado disso, o desenvolvimento da imprensa somado a crescente alfabetização e o acesso ao

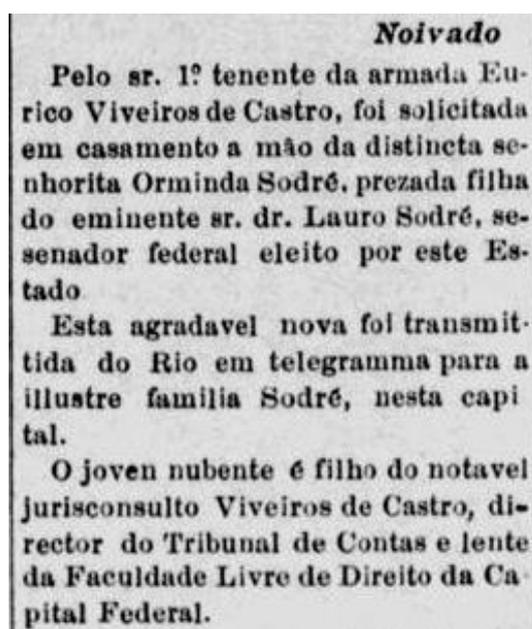
⁹⁵ As Ordenações, publicadas em 1603; as leis portuguesas de 1772 e 1775; e a Real Pragmática Espanhola de 1776 (ver NAZZARI, 2001, p. 212-3). Tais regulamentações foram tuteladas, segundo Goody (1986), pela igreja católica que desde a Idade Média passou a controlar as uniões “clandestinas” disputando com a parentela a legitimidade para interferir no consentimento matrimonial.

conhecimento científico e à literatura estrangeira, contribuiu significativamente para que a prática do noivado se popularizasse.

Diferentemente do que ocorria no contexto colonial, o noivado entre segmentos urbanos acompanhava as mudanças que também eram assistidas nas cidades europeias ao longo dos séculos XVIII e XIX, em que a crescente autonomia favorecia escolhas baseadas na observação e avaliação do parceiro. Os preparativos do noivado passaram, então, a variar de um a dois anos. Ao longo deste período, os noivos deveriam adquirir habilidades a fim de exercerem com êxito o “ofício” de marido e esposa.

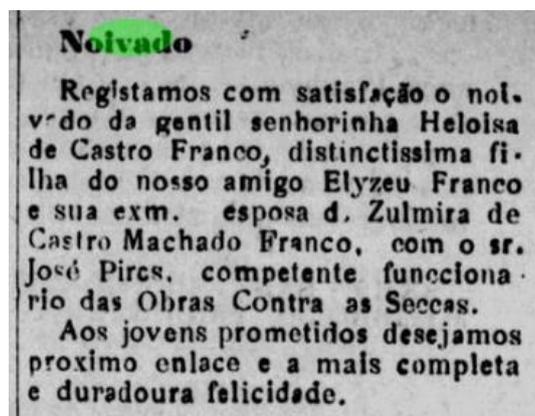
A ascensão do indivíduo como ser moral e sujeitos de escolha (DUMONT, 1993), contudo, não deve ser interpretado como a exclusão ou negação da família como ator no processo de formação das novas unidades domésticas e conjugais. Entre as inúmeras razões para isso, posso apontar a importância dada à filiação dos noivos ao anunciarem seu noivado nos jornais locais. Indicando a posição e o prestígio social de sua família, o anúncio do noivado refletia também um traço importante das classes economicamente favorecidas, entre elas políticos, empresários e profissionais liberais: situá-lo como um elemento de distinção.

Imagem 4 – Anúncio de noivado em jornal



Fonte: Jornal Estado do Pará, 7/4/1911

Imagem 5 – Anúncio de noivado em jornal



Fonte: Jornal A Imprensa, 18/05/1933. Teresina, Piauí.

No desempenho de seu papel como marcador da diferença, o anúncio de noivado retratava não só o poder econômico de quem dispunha de recursos para pagar pela publicação e o capital social que lhe assegurava a legitimidade para tal, como também (e porque não dizer principalmente) seu tratamento enquanto um evento de interesse social. Transitando do cenário das negociações domésticas para a esfera pública, ele chamava atenção para os verdadeiros protagonistas e os códigos que governavam sua relação.

Nesse âmbito, as evidências oferecidas pelos jornais, por exemplo, dão prova de que a conscientização sobre o papel da díade promessa-compromisso dissimulava a desigualdade na relação entre homens e mulheres ao longo do noivado. Em 1852 *O Novo Correio de Modas*, ilustrou isso expondo os perigos que os sonhos do casamento implicavam para os costumes da época. Na crônica "Primeira dita e último recurso", o autor retrata o significado que uma moça com 16 anos, à época, atribuía ao anel entregue por seu amante:

Quanto lhe promete! Vai a ter vestidos riquíssimos, e diamantes, e joias sem conto. Será enfim dona de casa; governará; irá passear reclinada em seu caleche⁹⁶; hão de inveja-la as amigas; receberá duas vezes por semana a mais escolhida companhia da corte. Que dita!

⁹⁶ A caleche ou "calash" é um tipo de carruagem inventada na França e muito popular no século XVIII. Possui quatro rodas e dois assentos duplos de frente um para o outro. O condutor/cocheiro conduz na parte da frente do veículo, que é puxado por dois ou quatro cavalos.

Assim como os manuais de aconselhamento abordados no capítulo anterior, textos dessa natureza tinham por objetivo, não só atribuir à mulher responsabilidade pela preservação dos costumes, mas também desempenhar um importante papel na configuração dos vocabulários pelos quais o Eu compreende a si mesmo, conforme elucida Illouz (2011, p. 20). O texto, por exemplo, segue advertindo o leitor para a desgraça e as consequências infelizes que esses sonhos podem gerar quando, em lugar da prudência, os noivados são contraídos por jovens dominadas pelo desejo da felicidade.

A crônica “conselhos de um pae a sua filha nas vespas de seu noivado” escrita por Camilo Castelo Branco, famoso escritor português e publicada no Diário de São Paulo, em 18 de abril de 1878, conserva o mesmo propósito. Apesar do tom amoroso com o qual o narrador-pai aconselha a filha incauta, o texto sugere que além de ser a responsável pelo sucesso e manutenção do laço conjugal, caberia a ela suportar as mudanças que inevitavelmente poriam o casamento em desordem, como a redução dos afagos, as situações de impaciência, os perigos da infidelidade e a crença de que o casamento a faria desfrutar dos mesmos direitos que o marido.

Procurando se opor à emergência do individualismo que insinuando a escolha por amor tornava o casamento presa fácil dos conflitos que se impunham a qualquer relação, mas que no casamento comprometiam a unidade familiar, estes textos expõem a condescendência com a desigualdade nas relações de gênero sustentando que a nova relação deveria reproduzir uma categoria particular de relacionamento no qual autoridade masculina e hierarquia homem/mulher estabelecia a ação dos indivíduos.

Considerando as transições no casamento contemporâneo identificados por Burgess e Harvey (1945), a emergência desse modelo de relacionamento configurava-se como parte do processo que levou os casais de um padrão onde sua união era baseada na força da lei, da tradição e das crenças religiosas (casamento institucional) para um padrão centrado na valorização dos laços afetivos, no ideal de tarefas entre homem provedor e mulher dona de casa (casamento de companheirismo). Uma das razões para isso se deve à disseminação e capilarização de ideias e valores nos diversos segmentos da sociedade civil que passaram a formar as áreas urbanas, bem como pela expansão do comércio

que favoreceu a entrada de bens tecnológicos e culturais, como a imprensa e a literatura de romance. Outro fator, diretamente ligado ao primeiro e apontado por Azevedo, se deve ao processo de privatização do consentimento individual que progressivamente se instala com o surgimento do namoro romântico e do casamento por amor, que sob influência da literatura permitiu que “os candidatos à cônjuge passassem a ser escolhidos pela simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, tudo subordinado à critérios de estamento ou classes sociais” (Azevedo, 1986, p. 8).

Esse dado é corroborado por Samara (1987/88), para quem a segunda metade do século XIX é o cenário de uma evolução dos costumes no que se refere aos padrões de formação dos casais. Segundo esta historiadora, isto se deve à presença de grandes contingentes migratórios que, eivados do pensamento individualista e burguês, passaram a introduzir no imaginário local novas técnicas e mentalidades de arranjo social, principalmente no meio urbano. Loredello (2002) arremata essa observação afirmando que o processo migratório também fora o principal responsável pela ruptura institucional com o que ela chama de “reino de Deus”, referindo a força e pressão social exercidas pela igreja católica até este período e que foi alterado com a edição do decreto sobre o casamento civil (119-A, de 7 de janeiro de 1890), cujo objetivo fundamental era permitir o casamento entre não católicos vindos da Europa central e posteriormente da Ásia⁹⁷.

A circularidade de visões de mundo desconhecidas e o convívio com seus portadores teria sido o principal elemento para que a interação passasse a ser um argumento indispensável no processo de aliança. A institucionalização do namoro tornava-se, assim, um passo necessário, correspondendo à primeira fase de um encontro que envolvia inicialmente a troca de olhares, de gestos e de códigos expressivos, de forma cautelosa e discreta. Sua finalidade era, a um só tempo, reconhecer o outro, desvendar suas intenções, e, como consequência

⁹⁷ A mesma autora, no entanto, adverte que o terreno para a edição do decreto foi preparado pela literatura de época desde 1870, cujo discurso laicizante e realista, como o de Machado de Assis, imprimia um olhar racionalista e o cientificista, que se opunha à metafísica romântica de escritores como José de Alencar. Esse processo não impediu, porém, que convicções e práticas fossem sincretizadas em meio a esse discurso.

disso, reservar-se de intimidades ou de encontros fora de propósito. Thales de Azevedo chama esse primeiro rito de “flirt”, uma etapa anterior ao namoro propriamente dito, definido como “inofensivo” ou sem consequências. Trata-se de uma fase exploratória, em que, via de regra, “os olhares provocativos partiam dos moços e eram preâmbulo de palavras amáveis, de ditos chistosos, de pés-de-conversa, com os quais se firma o relacionamento” (AZEVEDO, op. cit. p. XX). Esses contatos iniciais poderiam acontecer nos passeios de lazer e consumo, na ida à igreja ou da janela da casa da moça, onde ficava a menina “penteada e faceira” esperando o bonde passar com o seu pretendente.

Para que algo mais “sério” pudesse acontecer, o interessado, não sem antes fazer uma séria avaliação de sua posição e condição social, solicitava uma audiência com o pai da pretendida na esperança de obter sua aprovação. Na verdade, essa audiência já era de se esperar, pois a regularidade com que o cortejo era praticado, bem como a insinuação por parte do noivo em frequentar a residência da pretendente, terminava por comprometê-los aos olhos de todos. Mas a autorização para que isso fosse feito “às claras” era indispensável, e dado que o caráter formal do vínculo implicava o começo dos preparativos do casamento.

Neste novo regime, o noivado poderia nascer de um namoro mantido às ocultas e que por vezes contava com a cumplicidade de parentes femininas e empregadas domésticas para se desenvolver. Quando a relação amadurecia a ponto de ser conhecida da família da moça, assumia o caráter de compromisso, forçando o rapaz a declarar o que sentia e o que pretendia diante do novo status. Estando condicionado e legitimado pelo consentimento tácito dos pais, este novo status também oferecia maior liberdade de ação ao casal, ainda que preservada a autoridade para a família exercer sua vigilância

Se, por um lado, o namoro era um tipo de interação ainda recente que ensejava dúvidas sobre as intenções das partes⁹⁸, o noivado, em razão de seu prestígio, ao contrário daquele, era tratado com seriedade e formalidade, não sendo incomum que o pedido de casamento fosse acompanhado de banquetes,

⁹⁸ Azevedo lembra que o próprio uso do termo namorado era indecoroso em contextos “mais conservadores”, levando o mesmo a ser substituído pela expressão “O/A rapaz/moça de quem gosto”.

bênçãos religiosas ou uma cerimônia familiar, com comunicações orais ou escritas, por meio de cartões e anúncios em jornais⁹⁹. Ocasão para a troca de alianças, o noivado correspondia a um ato solene onde predominava o imaginário da fusão afetiva, tendo como representação o prestígio da promessa de um vínculo futuro combinado ao simbolismo do casamento religioso que por sua indissolubilidade exigia apurada e reflexiva conscientização sobre o significado da escolha que estava sendo feita.

Em vista disso, o pedido de casamento ocorria somente quando o noivo reconhecia estar em condições de pedir a mão de sua pretendente, isto é, quando possuía boas condições financeiras, ou também por precipitação, quando ele tentava vencer a indecisão da namorada. Refletindo o processo de transição para o mundo urbano, o noivado se configurava em uma atitude liberal baseada no “estímulo ao esforço de ganhar a vida, conseguir um emprego fixo, reunir condições financeiras para o sustento de si e do lar” (AZEVEDO, op. cit., p. 80). Como a sua duração estava subordinada à conveniência econômica e uma das virtudes do noivado era permitir a família da noiva avaliar se o pretendente conseguiria oferecer a ela as mesmas condições de existência que ela possuía na casa dos pais, isso poderia ser feito observando a regularidade com o que a noiva e suas acompanhantes eram presenteadas, bem como a habilidade do noivo como futuro marido custeando e protegendo sua futura esposa.

A ocorrência destes rituais, conforme retratado por Azevedo, sugere que o noivado se alinha à interpretação da qual nos fala Elias (2011), para quem as mudanças protagonizadas pelo processo civilizatório dissimularam a autoridade centrada no chefe da linhagem existente em sociedades de corte (e colonial, como no caso brasileiro), por meio da opinião de que se estava avançando para uma sociedade mais justa e igualitária. Na verdade, o que se deu sob o regime burguês foi uma disciplina mais rigorosa da sexualidade e um intenso processo

⁹⁹ Até o Concílio Vaticano II era facultado às igrejas celebrarem a *bênção dos noivos*, o que demonstra a importância deste evento no seio da comunidade católica. Com a flexibilidade nos relacionamentos trazida pela revolução sexual das décadas de 60 e 70 e o consequente aumento no número de rompimento desses vínculos, a igreja impôs alguns critérios para oferecer tal bênção, como exigir data certa para a realização do matrimônio, o que frustrou uma significativa parcela dos casais que ainda não estavam preparados para levar “tão a sério” sua relação.

de autocontenção da vida emocional, no qual a virgindade e a honra eram o principal ativo das relações nupciais.

Honra, promessa e reputação

A esse respeito, Caulfield (2000) mostra que a atenção dada à conduta socialmente aprovada segundo o gênero configurou-se como o principal delineador da divisão sexual, pois, se por um lado, a difamação de uma mulher estava relacionada à profanação de suas virtudes morais no sentido sexual, caracterizada pela incapacidade no domínio de si, dos impulsos sexuais e afetivos, que favoreciam o acesso ao seu corpo ou aos seus sentimentos (o que lhe afere um sentido passivo na relação), a difamação masculina, por sua vez, estava em sua inabilidade em fazer fortuna como homem trabalhador, respeitável e leal (sentido ativo)¹⁰⁰. Por vezes os conflitos gerados por uma escolha mal estudada desses elementos provocavam a desmoralização de uma família, que buscava restituir sua honra por meio do sangue (homicídio) ou ofendendo a reputação do ofensor.

Em uma dessas oportunidades o coronel José Candido de Aguiar pediu ao jornal *A Imprensa*, de Teresina, que publicasse em 7 de abril de 1866, uma carta na qual ele próprio narra as razões da má impressão e desconfiança levantadas pelo "caráter e procedimento" de Raimundo Borges Leal Castello-Branco, seu genro, que havia, segundo ele, comprometido a honra de sua filha. Sem esconder que sabia da reputação do rapaz e que o estudava na época em que o mesmo fizera o pedido da mão de sua filha em casamento, o coronel assume que "pôs de parte" suas hesitações consentindo com a "malfadada" aliança, após consultar amigos e parentes com quem mantinham intimidade em comum e supor que havia "vantagem no negócio". Para justificar sua má impressão, ele recorre ao histórico de incoerências na política, na profissão como advogado e no modo célere com que o noivo desejava realizar o casamento, descrevendo dois diálogos que o teriam deixado contrariado. No primeiro deles, Borges tenta

¹⁰⁰ A distinção entre o caráter ativo e passivo da honra entre homens e mulheres foi apontado por Goody (1986, pp. 46-49) ao discutir o desenvolvimento da guarda ou tutela feminina na transição da autoridade sobre o casamento da família consanguínea para a família conjugal. Segalen, por sua vez, também demonstra que o enfraquecimento dos vínculos de linhagem no século XVI foi acompanhado por um fortalecimento do vínculo conjugal e as disputas pela autoridade masculina e feminina (SEGALLEN, 1980, p. 181).

apressar o casamento – o que viria a conseguir –, mas é advertido por Aguiar que alegou se sentir incomodado com sua pressa em fazer fortuna. A segunda ocasião revela a impressão conspiratória do noivo, cuja preocupação com a saúde do sogro levanta a suspeita de ele alimentava a esperança de ter acesso aos seus bens o mais breve possível. O casamento, porém, findou em divórcio e o genro foi preso acusado de tentar assassinar o cunhado do sogro.

Em outras ocasiões, a reputação que entrava em jogo era a dos envolvidos no arranjo. Na crônica "Carta de João Fernandes á seu compadre Manoel Mendes", publicada no Jornal da Tarde, do Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1856, o narrador ilustra as artimanhas empregadas por uma família da elite carioca, através de três personagens: o pai, sua filha e um pretendente que, apesar da idade avançada, era rico e possuía boa reputação. O trecho da carta que nos interessa foi intitulado pelos editores do jornal como "Um casamento por calculo interesseiro, e o amor carunchoso de um velho" e se lê que a simpatia do pai pelo pedido de casamento que o pretendente, já por volta dos 50 anos, fez a sua filha, de 18, dava-lhe a esperança de afastá-la de um "mancebo de boas qualidades, mas muito pouco abastado". A filha, por sua vez, compactuava com a ideia na certeza de que além da riqueza que poderia obter, a longevidade do noivo logo a faria viúva permitindo-lhe ser livre para ser cobiçada e "casar com pessoa que lhe agradasse". A despeito de repudiar as motivações dos personagens, o autor alerta que aqueles que esperavam obter vantagens com este tipo de casamento não podem esquecer que uma proposta dessa natureza esconde os interesses de alguém que pode estar atrás da aquisição gratuita de uma "enfermeira", visto que já se encontra "mal de fortuna" e esconde o acúmulo de prejuízos e dívidas em seus negócios.

A doutrina religiosa e os conflitos surgidos com o advento da ciência e a popularização da literatura através dos folhetins publicados em jornais e revistas também desempenharam um papel fundamental nesse processo¹⁰¹. Tanto uma, como outra, pretendiam defender ou criar espaços de controle moral

¹⁰¹ É bastante significativa a presença desta literatura em jornais de grande circulação. Utilizando a metodologia de análise de conteúdo, a recorrência com que pode ser encontrada a combinação "folhetim", "crônica", "romance" e "noivado" na página da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é suficientemente ampla a ponto de exigir um estudo mais preciso.

disciplinando os rituais coletivos, os costumes familiares e os hábitos individuais. Como nenhuma desfrutava de unanimidade quando se tratava de orientar as práticas mais intimistas, tal era a expansão de movimentos em favor de uma cultura de si, o efeito mais notório foi a interessante combinação entre ambas, o que acabou por resultar na popularização dos *manuals de aconselhamento*, conforme descrito no capítulo anterior. Porém, se por um lado expressavam a sobrevivência de uma rígida disciplina moral em desuso, a existência desses documentos representava um primeiro movimento no sentido de reconhecer o papel dos indivíduos como protagonistas sociais, instruindo-os a agir com esclarecimento e fazendo uso de um novo vocabulário simbólico e relacional.

Uma nova tradição?

Essa curiosa combinação oculta, à sua maneira, uma transição para o amor romântico que amortece a conturbada passagem da intimidade do domínio privado para o domínio público. Em parte, substituindo o controle parental e religioso, em parte convivendo com eles, esses manuais retratavam o diálogo que passou a ocorrer com a psicologia e a psicanálise, cuja base científica reorientou o modo como a subjetividade e a própria sexualidade tornaram-se importantes códigos em um novo processo de formação das alianças.

Duarte e Rocha-Coutinho (2011) lembram que até o fim do século XIX o amor não era desencadeador de um casamento, mas vivenciado fora da união conjugal por ser visto como um sentimento perigoso. Sua incorporação à ética conjugal seria assim produto da iniciativa de higienistas que viam nisso uma fórmula para a contenção de doenças sexualmente transmissíveis, o nascimento de proles saudáveis e a satisfação sexual dos cônjuges. Como consequência esse processo contribuiu para a redução das assimetrias de gênero, permitindo uma união de troca e intimidade onde o compromisso é baseado na satisfação extraída do próprio relacionamento. Noções como vontade, desejo, prazer, passaram, assim, a despertar o interesse para uma satisfação que não pretendia se limitar apenas à escolha da pessoa com quem se ia conviver “pelo resto da vida”, mas o tipo de vida (sexual e afetiva, diga-se de passagem) que se queria ter com a mesma. Em sua fase mais avançada, já no início do século XX, essa literatura passou a assumir o caráter de “conselho”, realizando uma transferência gradual,

mas difusa do conceito para sua interpretação, da norma para a experiência e, no limite, da regra às estratégias¹⁰², ocupando um lugar que antes parecia reservado à parentela.

Preservando a necessidade dos indivíduos em continuar fazendo a “escolha certa”, neste novo cenário a investida em um projeto conjugal continuava sendo um assunto de importância crucial, mas que agora dependia de uma avaliação cada vez mais íntima de elementos como caráter, origem social, os termos do compromisso, tempo de duração do noivado, as intenções dos envolvidos e até mesmo os objetos e presentes que eram trocados, como o anel, cartas e o próprio dote. De qualquer modo, predominava no pedido de casamento o reconhecimento de que o pretendente dispusesse das condições financeiras necessárias para assegurar uma vida conjugal e uma base financeira estável, o que lhe exigia renda compatível, emprego fixo e moradia certa¹⁰³.

O pedido gerava uma expectativa objetiva de união conjugal, pois, durando não mais que o tempo necessário para a organização do enxoval, a preparação da cerimônia e a aquisição da moradia, o casal concentrava toda a sua atenção na expectativa da vida em comum. Segundo Azevedo (1986), esse tempo de preparação não poderia durar muito, para que não favorecesse “intimidades inconvenientes”, nem correr muito célere, pois do contrário levantaria

¹⁰² Alguns desses livros eram conhecidos desde o século XIX, chegando a ganhar destaque em noticiários locais, como demonstra o Jornal do Comércio que no ano de 1838 fez circular na cidade do Rio de Janeiro a manchete sobre o lançamento do livro “As mulheres na sua mocidade” escrito por Mr. Bouilly e que prometia, ao custo de 4\$000, “aconselhar e instruir as mulheres moças, tanto as casadas como as solteiras, nos domínios da virtude e da boa moral”. Dividido em três novelas este livro continha dicas sobre “As visitas de noivado; a primeira saída; a primeira suspeita; o jantar de homens; o cofre de joias; negligencias de si mesmo; a ambição de hum nome; a estrangeira em sua casa e distancia e idade.” (Jornal do Comércio, 30/08/1838, fl. 4).

¹⁰³ Referindo-se à sua experiência nupcial, Hélio, membro da pastoral familiar da paróquia da Trindade em Belém e um de meus colaboradores na pesquisa sobre o curso de noivos, chamou atenção para os significados presentes neste contexto. Casado a mais de 60 anos, me contou certa vez que ao se interessar por sua esposa via-se obrigado pelo costume da época a comunicar ao pai seu interesse em casar. O pai aprovou a ideia, mas perguntou se ele já tinha “dezoito mil contos de réis e um pote”. Curioso ele perguntou “Não. E porque preciso disso?” Ao que o pai de sua futura esposa respondeu: “Os dezoito contos é para dar uma vida digna a sua esposa e seus filhos. E o pote é para que ela nunca tenha sede!”. Hélio considera que aquela era uma resposta retórica para um problema que afetava as relações entre a sua geração e a geração de seus pais e sogros: a honra. A tentativa do sogro em dissuadi-lo da ideia de casar fazia com que ele avaliasse os riscos de comprometer sua amada em um projeto que à época era exclusivamente protagonizado pelo homem. Falhar seria uma demonstração de sua inabilidade como tal e prova de desonra.

suspeitas sobre a “pureza da moça” ou a “ambição das partes”. Ainda assim, poderiam ser precipitados pelos parentes quando estavam em jogo vantagens políticas ou econômicas, ou pelos próprios noivos quando estes buscavam se liberar da vigilância familiar.

Imagem 6 – Anúncio de enxoval de noivado em jornal

A CALIFORNIA

LOJA DE MODAS, FAZENDAS GERAES E MIUDEZAS

CRETONES, Nada menos de 5,000 metros, de apurados gostos e desenhos já mais vistos, despachou a CALIFORNIA, e vende por **320 réis** o covado.

Perfumarias, completo sortimento dos mais alamedos fabricantes, despachou— a CALIFORNIA.

LEQUES em gaso, setim, renda, plumas, com pinturas e bordaduras matisadas, despachou a CALIFORNIA.

Objectos para offerendas das festas do Natal e Reis, despachou o que ha de mais maravilhoso a CALIFORNIA.

PARA NOIVADOS: sedas brancas, lisas e lavradas, sapatos de setim, meias do seda, ligas, camisas com bordados da ilha, anaguas, espartilhos de setim, grinaldas com e sem véo, pulseiras, brincos e bouquets de flores de laranjeira, despachou a CALIFORNIA.

Fonte: Diário de Belém, 26/01/1888.

Imagem 7 – Anúncio de produtos para noivado em jornal

Rua do Queimado — 11

AUGUSTO PORTO & C.

Receberam os mais superiores vestidos pretos bordados e outros, sendo todos do melhor gorgorão.

Superiores sedas pretas, moreantique e grandcaple para vestidos.

Vestidos de blana para noivado com maetas e capris: **rigue-camas**.

Fronhas de cambraia de linho bordadas para cama de noivado.

Tralhas de cambraia de linho bordadas.

Coizas de seda para cama e ditas de croché com lindos desenhos.

Cortinados de cambraia bordados para camas e janelas.

Lindas basquinhas de seda preta para senhoras.

Sedas de listas de côres e ditas ligas muito lindas.

Tapetes para sofa, para camas, e pianos e tapetes pequenos e para entradas de porta de sala, alcáfitas e tapetes em peças largas e estreitas dos melhores gostos e qualidades.

Malas para viagens nos vapores a Europa e superiores saccos pequenos também para viagem.

Camisas inglesas de linho para homem.

Ricos vestidos brancos de cambraia bordados a agulha.

Casemiras pretas e de côr para roupa de homem, pannels finos pretos e azues, bombasinas, merinós.

Brim de linho branco e de côr, cambraias, silectas, organzys brancos e de côr, lãas de diversas qualidades e muitas que Augusto Porto & C., vendem por commodos preços para agradar aos seus freguezes.

Continuam sempre a ter o melhor sortimento de

Esteiras da India para forrar salas.

Fonte: Diário de Pernambuco, 19/06/1868

A combinação destes dois modelos caracteriza o que Azevedo chama de “padrão tradicional”, onde prevaleciam os relacionamentos “sérios”, isto é, relações idealmente orientadas para a monogamia, a indissolubilidade, a virgindade pré-nupcial assim como para a monogamia. O mesmo poderia, em resumo, ser configurado com os seguintes elementos: 1. Presença de etapas no processo de relacionamento; 2. A idade para o relacionamento e o casamento adequa-se a cada um dos sexos, predominando a expectativa pela união de uma mulher mais jovem com um homem mais velho; 3. É necessária a compatibilidade de condições sociais entre os parceiros e seus familiares; 4. A circularidade social e sexual dos homens é mais tolerada do que em relação às mulheres; 5. Namoro e noivado estabelecem atitudes e comportamentos correspondentes; 6. A aparência dos ascendentes influencia na escolha do parceiro; 7. O pedido de casamento é feito pelo homem; 8. Recai sobre a mulher o desempenho de um papel passivo e a responsabilidade pela preservação da honra e reputação conjugal e familiar; 9. Parentes e vizinhos exercem função moralizadora controlando o comportamento e as práticas individuais; 10. A escolha do cônjuge deve ser dirigida à pretendentes de boa reputação e valorizados no “mercado matrimonial”; 11. O dote é uma prática em desuso, mas ainda valorizada.

Entrando progressivamente em conflito com as transformações observadas após a Segunda Guerra Mundial, este modelo ficaria restrito às camadas superiores no contexto contemporâneo, mas sua prática representaria muito mais uma forma de “exibicionismo do que respeito a velha ordem”. Entre os fatores apontados pelo autor que justificam essa mudança estariam a globalização, a urbanização, a revolução das expectativas e dos valores morais, a contracultura e a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Entre seus principais efeitos estão a distância social entre os sexos, bem como a maior publicidade da intimidade que favorece o convívio descontraído e livre e as formas de associação que tendem a excitação erótica e à satisfação imediata.

Nascia, a partir de então, uma sociabilidade baseada na prática do footing, no passeio das moças da alta sociedade pelas ruas, na frequência às “*matinéés*”,

ao teatro, às modistas, ao dentista, etc. Segue assim, o modelo consagrado por Simmel, que se notabilizou em ensaios como *As grandes cidades e a vida do espírito* (SIMMEL, 2005 [1903]), por afirmar que a principal consequência da modernidade foi alterar o ritmo das relações e desenvolver um novo espírito relacional.

Testemunha ocular das grandes migrações para a capital onde ele morava, Salvador, Thales de Azevedo percebeu que as mudanças na composição urbana e as reformas protagonizadas no governo de José Joaquim Seabra no estado da Bahia, mas também as de Antônio Lemos em Belém e Pereira Passos no Rio de Janeiro, condicionaram os indivíduos a uma maior exposição pública, à elaboração de performances “mais civilizadas”, fundando toda uma nova ordem de valores que afetou decisivamente as relações entre os sexos. *Bulevares* e shopping centers ampliaram os trajetos feitos por homens e mulheres, permitindo-lhes a interação fora do ambiente doméstico, a criação de laços intergrupais e viabilizando a circularidade imagética (fonte para desenvolvimento do desejo)¹⁰⁴. Ver e ser vista, para as mulheres – e também para os homens –, era, portanto, uma conquista política que, face à expansão do sistema produtivo teve o efeito de favorecer uma forma de sociabilidade baseada na identificação como um novo conjunto de valores.

Neste cenário, os ritos nupciais assinalam sua adaptação ao mundo urbano e individualista como experiência que funciona como uma escola para determinado modo de existir e relacionar. Mas as novas possibilidades abertas por essas mudanças não excluem de sua interpretação as combinações

¹⁰⁴ Nas escolas que antes separavam as turmas por sexo quando não destinadas a um só destes públicos, este movimento, apesar de toda resistência das famílias e parte do clero, promoveu ao mesmo tempo a inclusão das mulheres como fez recuar a ideia muito difundida de que elas deveriam ser preparadas exclusivamente para serem prendadas e com isso honradas para serem boas esposas. Em outras palavras, serem escolhidas. O aumento gradual dos efetivos femininos na rede escolar pública ocorreu durante o século XIX, quando estatisticamente havia uma menina para cada três alunos nas escolas públicas ao final do referido século. A criação das escolas mistas, regidas por professoras no final do Império, fez aumentar significativamente a contratação de mulheres. Houve a regulamentação da carreira do magistério durante os governos provinciais e o estabelecimento de escolas normais para a formação de professores (as) nas últimas décadas do período imperial, que passaram a ser frequentadas quase que exclusivamente por moças. Houve também a implementação dos grupos escolares, na primeira década do século XX, onde o corpo docente, neste momento, já era predominantemente feminino (STAMMATO, 2002).

protagonizadas pelos ritos tidos como tradicionais. Ao lado do arrefecimento das pressões familiares, o pedido da mão em casamento, por exemplo, assistiu o desenvolvimento de um conjunto de táticas e estratégias de sedução, como o coquetismo, contrapartida feminina utilizada para retardar ou controlar o ritmo do relacionamento. Num e noutra caso, o que se tem em vista é reconhecimento da subjetividade como uma categoria de reflexão, o que permitiu aos homens e mulheres desenvolver as técnicas de “teste” e “experimentação” do parceiro – que já eram populares em países como a Inglaterra (MACFARLANE, 1990) – bem como jogar com o protagonismo da interação face a face, manipulando o tradicional e o contemporâneo por meio de esquemas de preferência (BOURDIEU, 1972).

Emprestando de Mauss e Durkheim (2005) a ideia de que esses esquemas representam “sistemas classificatórios”, estas manipulações procuram resolver o problema de escolher entre o que é convencionalmente “bom” ou “ruim”, “distinto” ou “vulgar”, “compatível” ou “incompatível” diante dos valores éticos e estéticos que passaram a fazer parte da expectativa que se tem sobre a aliança. Neste domínio, a “disposição conjugal” a que se refere Azevedo, considera que uma combinação de elementos fisiológicos e comportamentais participam de arranjos que ao se tornarem cada vez mais dissimulados e intimistas, revelam a natureza polissêmica dos rituais de afeto contemporâneos.

Assim, enquanto o pedido de casamento resiste como ato que oficializa um compromisso de união, o noivado em si tornou-se um ritual menos solene e formal cuja duração é cada vez mais incerta. Fatores econômicos podem ser apontados como a principal razão dessa incerteza, mas se por um lado isso explica cada vez mais a preferência pela “casa própria” (moradia neolocal), persiste o costume apontado por Wagley (1963) de procurar moradia nas proximidades de parentes ou de um personagem que desempenhe as funções de conselheiro, de polo de convergência da família e de apoio nas crises. Da mesma forma, se por lado os custos podem afastar o “sonho de casar no religioso”, emprega-se os símbolos religiosos para exhibir e sancionar um projeto familiar.

Mudanças demográficas: o casamento individualizado

Sobre estas mudanças, acrescento ainda uma última transição tendo em vista a discussão realizada por Cherlin (2003; 2004), para quem o casamento de companheirismo – modelo predominante no estudo de Thales Azevedo, mas que fora originalmente abordado por Burgess e Harvey (1945) – deu cada vez mais lugar ao “casamento individualizado”. Este modelo se expressa, sobretudo, por uma perspectiva mais individualizada das recompensas com a união, ênfase na escolha pessoal e no autodesenvolvimento, com papéis conjugais mais flexíveis e negociáveis.

No plano demográfico, isso se reflete na acelerada retração no interesse das pessoas em formalizar suas uniões, sobretudo através do casamento religioso. De acordo com os dados fornecidos pelo Censo Demográfico para o período entre 1960 a 2010 (IBGE, 2004 e 2010) enquanto o casamento civil e a união estável ou consensual variaram positivamente de 12,85% para 17,24% e 6,45% para 36,4% no período 1960-2010, respectivamente, a realização de casamentos religiosos teve uma queda significativa no mesmo período: de 20,1% para 3,4%.

Tabela 2 – Pessoas de 15 anos ou mais de idade unidas, por natureza da união. Brasil, 1960-2000. Valores relativos.

Natureza da união	Período					
	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Casamento civil e religioso	60,53	64,53	63,77	58,05	49,48	42,94
Somente casamento civil	12,85	14,11	16,34	18,35	17,53	17,24
Somente casamento religioso	20,17	14,42	8,11	5,22	4,42	3,43
União estável ou consensual	6,45	6,95	11,77	18,37	28,58	36,40

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1960-2010.

O impacto dessa informação deve ser relacionado aos dados sobre o status conjugal, uma vez que se trata de um importante dado para entender a proporção dos casados em meio à população. Neste sentido, pode-se afirmar que a proporção de pessoas casadas em relação à população total vem declinando ao longo das últimas quatro décadas, conforme demonstra relatório das Nações Unidas para o Brasil.

Tabela 3 – Distribuição percentual e variação da população por status conjugal (Brasil, 1970-2010). Valores relativos.

Status conjugal	Período					Variação (%) (1970-2010)
	1970-1971	1980-1985	1990-1999	2000-2005	2009-2010	
Solteiro(a)/ União estável	27,9	29,6	33,2	39,0	44,1	+49,0
Casado(a)	59,5	59,4	55,5	50,3	43,3	-29,9
Separado(a)/ Divorciado(a)	3,3	3,0	4,1	4,1	6,4	+83,6
Viúvo(a)	9,3	7,9	7,2	6,6	6,2	-38,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-

Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2013). Com adaptações.

De acordo com a Tabela 2, a variação na proporção de pessoas casadas no período entre 1970 e 2010 apresenta um declínio da ordem de 29,9%, ao passo que a proporção de pessoas solteiras, em união estável ou consensual e separadas ou divorciadas tem apresentado crescimento ao longo do período de 49% e 83,6%, respectivamente¹⁰⁵.

Dados semelhantes também podem ser encontrados quando se considera apenas a variação nominal média e por período das formas de união, conforme dados fornecidos pela Estatística do Registro Civil brasileiro. Assim, a tabela abaixo mostra que enquanto nos períodos 1974-1979 e 1990-1999 é possível observar uma variação positiva na média de casamentos da ordem de 13,79% e 2,71%, respectivamente, ao se comparar com os períodos de 1980-1989 e 2000-2009 nota-se um declínio acentuado de 13,21% e 75,39%, respectivamente. O resultado disso é que a soma das variações resulta num declínio total

¹⁰⁵ Segundo Berquó e Garcia (2012) a explosão observada em relação à taxa de separações se deve uma demanda reprimida antes da lei do divórcio (1977) a qual, uma vez saturada, deu lugar à dinâmica das descontinuidades matrimoniais (poligamia seriada) que após a década de 1980 passou a caracterizar as uniões conjugais na sociedade brasileira.

de 72,1% no número casamentos ao longo de todo o período abordado. Por outro lado, quando se adota a mesma metodologia para analisar a variação no número de divórcios, obtém-se um crescimento de 66% ao longo do mesmo período, ainda que a segunda metade da última década demonstre um ligeiro declínio. As separações, por sua vez, também demonstram crescimento, mas assim como também ocorreu com a variação no número de casamentos, a última metade do período entre 2000 e 2009 observou um ligeiro crescimento. Isso, no entanto, não foi suficiente para evitar a variação negativa no total de casamentos.

Tabela 4 – Média absoluta, em milhares, e variação relativa das taxas de casamento, separação e divórcios ocorridos no Brasil entre 1974-2019, por período.

Tipo de casamento	Período								Variação Total (%)
	1974-1979		1980-1989		1990-1999		2000-2009		
	Média	Var. (%)							
Casamentos	882	13,79	934	-13,2	740	2,7	825	-75,3	-72,1
Separações	-	-	79	25,1	88	27,3	972	-114,3	-61,8
Divórcios	-	-	38	106,6	104	49,0	142	-89,4	66,2

Fonte: IBGE, Estatísticas do Registro Civil (Brasil, 1974-2010).

Em síntese, os dados apresentados por esta tabela demonstram que a pressão social exercida na direção da formalização das uniões “à antiga”, tal como observado por Azevedo, parece ter cedido espaço a formas mais plurais e menos rigorosas de envolvimento conjugal. Basta dizer que enquanto no período abordado por este autor, a união estável ou casamento consensual estava associada aos estratos mais pobres da população (CANCELA, 2006), muitas vezes sem meios para ter um casamento legalizado, mais recentemente se tornou uma importante alternativa das classes médias para uma nova união após a dissolução do casamento civil. Nestes casos a sua predominância ocorre nos segmentos mais jovens da população, onde a ética conjugal aceita formas mais plásticas e flexíveis de relacionamento. Vale considerar também que ao se dar nas faixas

etárias mais jovens a tendência é que a mesma dê lugar às uniões oficiais à medida que se alcança estratos superiores de renda e geração.¹⁰⁶

Por outro lado, ainda que esse crescimento revele uma mudança no sentido do casamento, é preciso ter em conta, conforme demonstra Gaudemet (1993), que se está falando de uma união espontânea e pessoal, cujo risco de ruptura é maior em razão da motivação para realizá-la ser notadamente afetiva. Já os casamentos religiosos cuja consecução é mais longa, planejada e cercada de formalidades tende a cair em desuso pois, em antítese a este cenário, seu cerimonial é marcado pela chancela familiar e comunitária.

Podemos levar em conta ainda os argumentos de Jeffrey (2001), que tendo estudado as transformações do casamento na província do Québec, Canadá, demonstra que a decomposição do religioso acompanhou o processo de secularização vivido ao longo do século XX, mas principalmente após a II Guerra Mundial. Segundo o autor, nos anos 1950-1975 se popularizou a ideia de que os ritos, no mundo ocidental, tenderiam a cair em desuso face o progresso da modernidade. Coincidindo com a instituição do divórcio no Brasil, ocorrido em 1971, esse argumento corroboraria a tese de que um maior liberalismo levou as gerações mais jovens a abandonarem as estruturas patriarcais e religiosas, ainda que, de acordo com Geffré (1992), eles não tivessem qualquer objeção contra o princípio religioso como dimensão fundamental da experiência humana.

O distanciamento protagonizado pela não coincidência entre a identidade social das gerações pós-45 e a ideologia das instituições consideradas tradicionais, produziu pelo menos dois tipos de reação que refletem a emancipação do religioso das instituições confessionais: a personalização da religião (JEFFREY, 1998b, 1998c) e a demanda individualizada pelo sacramento (TREMBLAY, 1999, p. 68).

¹⁰⁶ A pesquisa mais completa sobre o assunto é, de longe, a menos atualizada, mas aponta no mesmo sentido. De acordo com levantamentos do IPEA (2002) dos jovens entre 15 e 19 anos que se declararam unidos, 73% dos homens e 60% das mulheres se declararam em união consensual. Essa percentagem cai para 52% e 41% nos jovens de 20 a 24 anos, respectivamente. A partir dos 25 anos, tanto na declaração de homens como na de mulheres, verifica-se que a maioria das uniões é do tipo civil e religioso. Esse tipo de união aumenta em importância à medida que se consideram populações mais velhas, chegando a mais de 60% dos casados com 45 a 49 anos.

É em decorrência desse entendimento que costumes, como o de considerar maio como o “mês das noivas” nos países onde predomina o cristianismo, tem sido progressivamente alterados face a uma nova ordem simbólica que passou a predominar quando o casamento deixou de ser um evento de caráter religioso e familiar para se ajustar às condições objetivas de vida dos casais. Conforme demonstrei em pesquisa anterior (ALENCAR, 2008), o número de casamentos realizados no mês de maio na cidade de Belém, capital do Pará, representou 16,6% do total de casamentos religiosos entre os anos de 1995 e 2006. No mesmo período, o número de casamentos realizados no mês de dezembro correspondeu a mais de 25% da amostra, levando-nos a concluir que apesar de maio ser “tradicionalmente” o mês das noivas, na prática as pessoas recorrem a dezembro para “consagrar” sua união.

Uma hipótese que explicaria essa transformação seria o fato de que a sobrevalorização dos ritos que cercam o casamento – que necessariamente entra em conflito com a suposição de crise – tem elevado os custos de sua celebração, principalmente em razão do imaginário criado pela “indústria do casamento” (MARINS, 2016), o que exige dos noivos uma receita extra, que pode ser obtida com o décimo terceiro salário, em geral pago nos meses de novembro e dezembro. Esta mesma receita pode ser usada para atender a demanda da lua-de-mel cuja idealização faz com que os casais planejem consumir seu casamento durante o verão no hemisfério sul nas zonas costeiras do nordeste e sudeste brasileiro ou em capitais “românticas” como Montevideo, Buenos Aires e Santiago; ou no hemisfério norte, onde ocorre a temporada de inverno nos países europeus e nos Estados Unidos.

A ocorrência dessa contradição levanta, por sua vez, a hipótese de que o lugar da tradição no contexto social não se confunde com sua recorrência estatística. Por que é simbólico, este lugar ocupa o campo das inúmeras formas de encaixar uma expectativa pessoal aos modelos socialmente construídos. Neste sentido, se a tendência é que o casamento seja acionado para corresponder a expectativa de um passado nostálgico, estamos lidando com um fenômeno que tem demonstrado ser ambíguo, polissêmico, mas coerente com o lugar e época em que se manifesta. Conforme argumentam Matrix e Greenhill (2006)

[...] o novo simbolismo dos casamentos contemporâneos combina tradições antigas e modernas: muitas vezes as celebrações de hoje estão organizadas em torno do consumo conspicuo de bens do casamento, e a acumulação e apresentação dos produtos de status elevado (tais como uma lua de mel exótica e a presença do book de casamento) e de grifes de celebridades (como Vera Wang ou Krups). Estes novos símbolos do casamento indicam um casal que está em ascensão, impulsionado pelo apoio, aprovação e investimentos financeiros de sua família e amigos (p. 19, tradução minha).

Logo, tal como se produzem arranjos para consagrar uma união em maio ou dezembro, também podemos encontrar combinações entre formas tradicionais e modernas, onde “sonho” e realidade produzem crises, mas também continuidades nas representações e práticas que fazem do casamento algo a ser pensado. Intuindo que o tempo entre a escolha do cônjuge e o pedido de casamento possa servir como um *laboratório* para essa análise, o noivado desempenharia, pois, a função de problematizar, tanto as representações, como as práticas que tornam o casamento algo significativo, podendo ser pensado como destino, escolha, valor, sonho, projeto, instituição, modelo, experiência ou estratégia.

Todas essas classificações, no entanto, não excluem a crença de que o casamento é um evento tradicional, razão pela qual deve ser precedido de fórmulas que abençoem e garantam prosperidade a escolha dos envolvidos. Conforme demonstrado na terceira parte deste trabalho a crença na eficácia dessas fórmulas tem animado segmentos da sociedade, principalmente religiosos, a reavivar o modelo de relação pautado nos símbolos do patriarcalismo como solução para as consequências protagonizadas por arranjos considerados “desviantes”, como o poliamor, as famílias monoparentais e homossexuais. Essa frente tenta lutar contra um fenômeno estatístico que de acordo com os dados apresentados pelo IBGE (2015) aponta uma redução do arranjo familiar composto pelo casal com filhos, que de 51,0%, em 2004, passou a 42,9%, em 2014. No mesmo período o total de arranjos unipessoais passou de 56,4 milhões em 2004 para 70,2 milhões em 2014, ratificando a tendência do brasileiro a permanecer solteiro. Com a entrada em vigor em 2013 da Resolução do CNJ que determinou aos cartórios realizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2014 o IBGE pode constatar um aumento de 31% dessas uniões. A presença de casais

sem filhos da ordem de 20% e de arranjos formados por uma mulher sem cônjuge e com filhos numa proporção de 16%, ambas em 2014, também parece algo que preocupa tanto as igrejas como seus fiéis.

Estes dados sugerem, portanto, que as formas de arranjo familiar excluem qualquer possibilidade do casamento oficial ser a única forma de acesso à família. Entretanto, a ampla difusão da noção de segurança jurídica popularizou a tese de que sem a sua oficialização o casamento perde em eficácia e está sujeito à ruptura sem maiores compensações para a parte que se sentir ofendida. Nesse caso, o desejo de casar no civil exerce muito mais influência do que casar no religioso, que ainda parece predominar no imaginário dos noivos mais por seu sentido simbólico que prático¹⁰⁷, o que justifica acreditar que estamos vendo e vivenciando a renovação de uma tradição cujos símbolos e significados encontram-se em constante transformação.

Com efeito, para se compreender os efeitos deste inventário histórico-social é necessário que a dinâmica descrita seja capaz de manter relação com as práticas, valores e crenças correntes. Por meio disso tem-se a possibilidade de identificar permanências e desvios bem como a emergência de novos padrões quando do acesso ao campo, onde indivíduos concretos e diferentes atores interagem para operar os significados contidos no processo de ritualização nupcial.

A este respeito, avalio como pertinente a problematização dos meios pelos quais os significados em torno do noivado são incorporados e se disseminam no meio social. Com auxílio da noção de imaginário, recorro à interpretação do pedido de casamento em redes sociais, do uso da categoria “sonho” em veículos jornalísticos e das listas de filmes sobre o noivado indicadas por sites e revistas especializadas na preparação do casamento.

¹⁰⁷ Em parte, o fato do casamento religioso sobrepor-se simbolicamente as outras formas de casamento se dá, em larga medida, pelas conotações históricas e culturais que ele reúne. Sua institucionalização pela igreja católica no século XIII, a forma assumida com as alianças da nobreza europeia nos séculos seguintes e o apelo emocional criado pela indústria cinematográfica e televisiva no século XX ajudaram a popularizar uma conotação simbólica bem distante daquela a que se prestava originalmente: controlar a variedade de formas de aliança das populações bárbaras.

Ritual e inspiração: o noivado no imaginário contemporâneo



As melhores cenas de pedido de casamento em filmes e TV Inspire-se.

Muitos filmes e seriados nos fizeram chorar ao mostrarem um dos momentos mais especiais na vida de um casal: o pedido de casamento. Essas cenas já serviram de inspiração para muitos momentos na vida real, em um caso clássico de “a vida imita a arte”. Seja de forma tradicional ou de forma inovadora, séries e filmes de casamento dão muito o que falar. Selecionamos cenas de pedido de casamento que vão fazer você suspirar. Confira! ♥ (Ana Paula, 12/03/2018. Imagem e texto extraídos do site <http://blog.casasaopaulojoias.com.br/cenas-de-pedido-de-casamento/>)

Leach já havia escrito sobre o ritual (Leach, 1954 [1996])¹⁰⁸ e os tipos de comportamentos que poderiam ser chamados de simbólicos (Leach, 1958 [1983]), quando Turner dedicou parte de sua introdução ao livro *The drum of afflictions* a elogiar seu artigo sobre ritualização (LEACH, 1966), ressaltando que sua análise acertava ao chamar atenção para os símbolos como “unidades de armazenamento” e transmissão de informações.

Explorada pelo cinema e sucessivamente aperfeiçoada como síntese do amor romântico (e heterossexual) por agências de publicidade, a imagem de um

¹⁰⁸ Na introdução de seu livro sobre os sistemas políticos Kachin Leach define ritual como expressão dos status do indivíduo enquanto pessoa social no sistema estrutural em que ele se encontra temporariamente (1996, p. 74)

sujeito ajoelhado, com olhar de súplica, pedindo sua amada em casamento parece corresponder a essa unidade às quais se referem os autores, pois sua decomposição como ícone ocidental indica o tipo de simbolismo que o noivado exerce no imaginário social.

Ressaltado pelo sentido inspirador que, dia-após-dia, leva casais ao seu debut nupcial, este gesto reúne crenças e expectativas socialmente compartilhadas, sem as quais a própria formação dos casais não passaria, conforme lembra Leach (1989), de um acúmulo de expressões sem significado comunicativo. Ele encontra-se, assim, ao lado de outras etapas ou eventos que expressam uma linguagem simbólica.

Rivière (1996) lembra que esta linguagem desvela a manobra e a manipulação protagonizada pelos sujeitos no processo ritual, contexto no qual as pessoas incorporam os símbolos que a cultura lhes lega como tradição. Entendidos como limites artificiais empregados para distinguir uma classe de coisas ou de ações que por sua “natureza” são, segundo Leach (1989), contínuas, considero os símbolos representações que modelam a realidade induzindo o sujeito a um certo conjunto de disposições (GEERTZ, 2008, p. 70). O simbolismo, por sua vez, reflete o emprego dessas representações para reagrupar duas entidades, ou conjuntos de entidades materiais ou abstratas, que ordinariamente se apresentam em contextos totalmente diferentes (LEACH, 1989, p. 54)¹⁰⁹.

Para compreender o simbolismo do noivado é preciso, portanto, identificar as associações entre o que a cultura transformou em disposição com o que os atores sentem, desejam e pensam a respeito de seus significados. Para isso recorro a ideia de imaginário como um “pensamento simbólico total” (LEGROS, 2014), enfatizando a abordagem do vocabulário que permeia os significados do rito nupcial como uma linguagem cultural, capaz de criar relações sociais e oferecer aos sujeitos estímulos para sua reprodução ao longo de sucessivas gerações.

¹⁰⁹ Conforme lembra Saussure o “símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p. 82). “Existe”, reconhece ele, “um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado”. Peirce, por sua vez, lembra que o símbolo é aplicável a tudo o que possa “concretizar a ideia ligada a palavra”, mostrando que somos capazes de imaginar coisas, e elas associar a palavra (PEIRCE, 1977, p. 73).

Para alcançar este objetivo enfatizo as formas pelas quais os códigos relacionados à ritualização nupcial se preservam como símbolo no contexto social contemporâneo, chamando atenção para as práticas e significados da experiência nupcial nas redes sociais, em matérias veiculadas na imprensa nos sites e revistas especializadas na preparação do casamento. Neste sentido, e sem perder de vista a subordinação do ritual às ideologias, questiono o papel da circularidade de ideias e visões de mundo em torno do noivado perguntando de que maneira esses universos retratam o imaginário e a performance desempenhada pelos sujeitos.

Pedido de casamento e redes sociais

A sensação de privacidade vigiada e de controle sobre a intimidade exercido tanto pela igreja, como o Estado e a família, que de acordo com a descrição de Azevedo representavam o modo de vida “à antiga”, tem sido superado, conforme aludido anteriormente, por um movimento individualizante ou individualizado. No âmbito das redes de informação este processo se traduz como “práticas de exibição da intimidade” (SIBILA, 2012). Referindo-se à popularização dos rituais de exposição da vida privada protagonizados pela rede mundial de computadores através de chats, blogs e redes sociais, e que mais recentemente passaram a ser conhecidas como *selfies* e *nudes*, a autora expõe os efeitos de uma nova era em que o compartilhamento em tempo real dos rituais mais íntimos e cotidianos alteram nossa própria percepção do sujeito no século XXI¹¹⁰.

A mundialização da informação combinada às tecnologias de compartilhamento de dados tem favorecido esse movimento e criado uma cultura na qual a intimidade precisa ser hiperbolizada em favor de um eu imaginário criado para gerar a maior sensação possível de representação pública (ILLOUZ, 2011). Desfrutar das mesmas experiências e significados ou saber que se está sendo visto gera, assim, uma sensação de pertencimento ao mundo, o que faz do sujeito um ícone e de suas sensações e sentimentos bens (imaginários) intercambiáveis.

¹¹⁰ Mesmo o sexo feito entre “quatro paredes”, que talvez fosse o último refúgio da vida privada, parece estar surfando nessa onda e levado casais, famosos ou anônimos, a aparecerem em cenários soturnos com olhos entreabertos, ruborizados e descabelados, provocando a impressão de que o orgasmo (ou sua simulação) também é um evento social.

Sendo assim, a encenação idealizada e roteirizada por um jovem que recorre a técnicas de distinção e inovação às quais se reporta Sibila com o objetivo de pedir sua namorada em casamento, insere-se no mercado de exibição da intimidade, exigindo dele a capacidade de articular desejos, expectativas e sonhos ao imaginário corrente com a finalidade de produzir uma sensação com eficácia própria: a expectativa que só a resposta a um pedido pode causar.

Assim como as selfies e nudes, estas encenações ganharam muita popularidade nos anos recentes e, contrariando a crítica exposta por Vanessa no início deste capítulo, tem sido objeto de milhões de compartilhamentos e comentários nas redes sociais. Ao lado de outros temas também “virais”¹¹¹, um verdadeiro culto da experiência alheia se desenvolve com a esperança de renovar práticas tradicionais e, não raramente, associadas a um imaginário negativo cujo uso da expressão “crise” sintetiza muito apropriadamente as impressões causadas pelo aumento no número de separações e divórcios e pelo crescente índice de crimes domésticos e feminicídios. As encenações mais emblemáticas no universo das redes sociais, neste sentido, competem com este cenário e acabam por protagonizar uma alternativa diante do convencional, sugerindo a audiência que siga acreditando nos símbolos que sedimentam o percurso dos amantes até o casamento.

Um desses símbolos, conforme demonstrei ao longo deste capítulo, é o próprio pedido de casamento, cuja relevância no ritual do noivado convida a interpretação por reunir elementos emocionais e de magia social. Dentre os pedidos de casamento que tive a oportunidade de explorar simbolicamente chamo atenção para os que ganharam grande atenção da mídia e do público através da visualização na plataforma Youtube. O primeiro deles foi protagonizado pelo norte-americano Matt Still¹¹² em 2011. Para surpreender sua namorada, Ginny Joiner, ele elabora um trailer encenando as conversações que manteve com o seu pai para obter dele o consentimento. Realizada no cinema onde se

¹¹¹ Viral é um termo que no ambiente da internet e nas plataformas de acesso à rede social serve para definir uma informação ou imagem (mais conhecida como “meme”) que alcança milhares de leitores ou visualizadores com potencial para exprimir um estado de crença ou sentimento coletivo.

¹¹² Trinta milhões de visualizações no canal youtube.com até dezembro de 2016.

encontrava a futura noiva, a projeção termina com o ofegante Matt realizando o pedido em meio aos aplausos dos presentes.

O mesmo artifício foi utilizado pelo australiano Liam Cooper, que produziu um videoclipe semelhante durante três meses e contou com a colaboração de 80 pessoas até ser concluído com o pedido de casamento a Amy Smith na sala de cinema onde ela esperava a exibição de um filme.

No Brasil, o vídeo se popularizou após ser exibido no programa Fantástico, da TV Globo, na semana do dia dos namorados de 2016. O mesmo seguiu sendo exibido no Youtube, e, até dezembro de 2016, o mesmo havia alcançado oito milhões de visualizações.

Imagem 8 – Pedido de casamento realizado por Liam Cooper a Amy Smith (junho/2015).



Fonte: Youtube.com, canal do próprio autor. Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=X2IR30bmQJA>

Além de chamar a atenção pela produção em si, o vídeo também se notabilizava pelo enredo. Baseado na canção “Rude”, da banda canadense Magic!, a letra do mesmo enfatiza a busca do noivo pelo consentimento do casamento junto ao pai de sua futura noiva:

Posso ter sua filha pelo resto de minha vida?
Diga sim, diga sim pois eu preciso saber
Você diz, "Eu nunca te darei a benção, até morrer

Que pena, meu amigo, mas a resposta é não! "

Por que você tem que ser tão rude?
Não sabe que eu também sou humano?
Por que você tem que ser tão rude?
Eu me casarei com ela de qualquer jeito

Nos dois casos, a obtenção da chancela familiar demonstra que o pedido de casamento, longe de ser dispensado como um recurso ao qual se deve lançar mão para alcançar fins mais pessoais e individualizados, tem sua importância dramatizada ampliando o sentido extraordinário do evento.

Também em 2016 um pedido de casamento chamou minha atenção, assim como da imprensa e dos turistas que frequentavam Jericoacoara, cidade litorânea situada no nordeste brasileiro. Isto porque, não bastasse o cenário paradisíaco escolhido para a realização do pedido, Pablo, o “pedidor” em questão, encomendou a um ferreiro local que produzisse um letreiro com a frase “CASA COMIGO?” Contando com a ajuda de amigos e familiares de Jéssica, sua então namorada, o plano arquitetado envolvia o aterramento das hastes em que cada uma das letras estava na praia da Duna do Pôr-do-Sol a fim de fazer uma dupla surpresa.

De acordo com reportagem do site Tribuna do Ceará, a ideia para o pedido de casamento se deu quando Pablo, parado no semáforo, teve um *insight* ao assistir uma apresentação de malabares com fogo. Na hora do pedido, que ocorreu após as comemorações pelo aniversário da noiva em um jantar com sua família, Pablo pediu que ela colocasse uma venda e o acompanhasse num passeio pela praia a fim de receber o seu “presente”. Durante o percurso, no entanto, os turistas que assistiam aquilo tudo de longe começaram a se aproximar do casal e se juntaram no coro para a contagem regressiva antes da noiva descobrir o que estava se passando. Sobre esta experiência a própria noiva conclui:

“Foi o melhor presente que eu poderia ganhar de aniversário, eu tenho certeza que ele é o homem da minha vida. Ele foi meu primeiro namorado, eu demorei para namorar, sabia que eu ia esperar e ia achar a pessoa que fosse para o resto da minha vida”.

Sugerindo se tratar de uma prática recorrente e que possui simpatia do público e da imprensa, também tive a oportunidade de testemunhar, em abril daquele mesmo ano, um pedido de casamento ocorrido em Belém. Na ocasião, enquanto me deslocava pelos corredores do Shopping Boulevard, localizado no bairro do Reduto, notei um burburinho próximo a escada rolante localizada no 4º andar do edifício. Notei que se tratava de um grupo de pessoas reunidas em torno de um rapaz sorridente e uma moça exibindo um buquê de rosas vermelhas e algumas cartas na mão. Segundo as pessoas que estavam no local, a atenção que eles estavam recebendo se dava porque minutos antes havia ocorrido um “emocionante” pedido de casamento.

Impossibilitado de obter maiores detalhes em razão da quantidade de pessoas tirando fotos e cumprimentando o casal, só descobri no dia seguinte, por meio da imprensa local, que se tratava de Erian Santos, biólogo, e Elane Almeida, professora. Segundo a reportagem do Jornal Diário On Line, o rapaz havia feito o pedido recorrendo a uma brincadeira do tipo “caça ao tesouro”, no qual ele formando uma trilha com cartas contendo charadas e deixadas nos locais que “faziam parte da história do casal”, como o restaurante onde tiveram o primeiro encontro e a loja onde comprara o presente para comemorar o primeiro ano de namoro.

Imagem 9 – Pedido de casamento de Erian Santos a sua noiva Elane Almeida.



Fonte: Diário on-line, 26 de abril de 2016. Acesso a matéria: <http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-366243-.html>

Ainda que variem na forma, o simbolismo presente em cada uma dessas performances demonstra que elas guardam semelhanças entre si e com as práticas descritas anteriormente. A primeira delas implica na distribuição de papéis, uma vez que a expectativa predominante ainda é a de que a iniciativa do pedido seja realizada pelo homem. A segunda, consequência da primeira, é a de que se tornou lugar comum reconhecer que um pedido de casamento é genuinamente aceito quando a pretendida expressa seu consentimento não só dizendo “aceito” ou “sim”, mas deixando-se emocionar por meio da combinação de gestos e expressões próprias a este tipo de situação e que são chamados por Schchener (2012) de “comportamentos restaurados”, cuja combinação com outras expressões (como ruborizar, levar às mãos ao rosto, sorrir e/ou chorar e finalmente abraçar seu interlocutor quando o roteiro se completa), reproduzem

modelos objetivados de ritualização (SCHECHNER, op. cit., p. 62)¹¹³. Isso significa que a eficácia do pedido está em atuar para expressar as “nuances de humor, tom de voz, linguagem corporal [...]” (SCHECHNER, 2013, p. 30), capazes de tornar a manifestação verbal crível e passível de toda a credibilidade que a motivação deseja produzir. Seu consentimento reflete, pois, uma reação no mesmo nível ou com o “entusiasmo” necessário para fazer crer que o pedido é pertinente, coerente ou ajustado ao conjunto de expectativas que cercam o ritual¹¹⁴.

Lembrando que pedidos de casamento contém elementos de uma experiência simbólica, o que faz deles performances mágicas com o propósito de comunicar, através de uma linguagem própria, sentimentos socialmente compartilhados (MAUSS, 1921), esta relação demonstra que os protagonistas da encenação têm em conta os elementos emocionais que potencializam a eficácia contida em suas intenções e expectativas. Isto, no entanto, pode ser explorado privatamente quando o casamento é negociado, reproduzindo, assim, a prática que passou a vigorar em contextos urbanos na passagem para o século XX conforme descrito por Azevedo, mas também ser o pretexto para explorar o significado que sua performance possui no imaginário social, o que só se tornou possível em razão dos avanços tecnológicos protagonizados pelos meios de comunicação de massa.

Neste último caso, reitera-se e atualiza-se o simbolismo do ato incorporando-se à sua representação performances em espaços como shows, estádios, programas de televisão em que a repercussão pública tem potencial para intensificar ainda mais o significado emocional associado ao pedido. Combinando palavra e ato, linguagem e performance estes pedidos geralmente ganham grande repercussão nas redes sociais, a exemplo do que fora protagonizado em Saint

¹¹³ Não são raros, porém, os casos em que a emoção gerada pela situação pode provocar o descontrole da pretendida. Em setembro de 2016 fui marcado em um post do Facebook que viralizava o desmaio da mexicana Reyna Renteria durante a serenata mariachi em que foi pedida em casamento por Germán Benítez Giles. Fonte da matéria: <https://www.metrojornal.com.br/variedades/2016/09/30/noiva-desmaia-ao-receber-pedido-de-casamento-no-mexico.html>

¹¹⁴ Agir intencionalmente para obter esse efeito é também um meio de avaliar o nível de “consideração pelo/a parceiro/a” ou o grau de investimento afetivo depositado no evento. Assim, aqueles que se dedicam a “fazer a surpresa”, demonstram com a formulação, a preparação e execução do pedido, o quanto de afeto e identificação com os valores afetivos socialmente compartilhados possuem e sabem administrar na intenção de se distinguirem do modelo considerado ordinário ou tradicional.

Louis, Estados Unidos, durante o show da cantora Beyoncé em que o namorado de Ashley Everett, uma de suas bailarinas, subiu ao palco para realizar o pedido de casamento.

Imagem 10 – Pedido de casamento de Ashley Everett, bailarina da cantora norte-americana Beyoncé, pelo namorado John Silver em show nos Estados Unidos (setembro/2016).



Fonte: Folha de São Paulo, blog “Enfim Sós” (12.09.2016). Link de acesso: <https://enfim-sos.blogfolha.uol.com.br/2016/09/12/beyonce-interrompe-show-para-namorado-pedir-bailarina-em-casamento/>

Além de ganhar a atenção dos seguidores da cantora, o gesto rendeu novos fãs para a bailarina que no dia seguinte ao evento publicou um mural com fotos do pedido no Instagram e a seguinte legenda:

“Ainda tentando me recompor do momento incrível e mágico que aconteceu na noite passada! Foi um sonho que se tornou realidade. Obrigada a todos que nos ajudaram a tornar isso tão épico e icônico. Para meu agora noivo, você fez aquilo e eu te amo para ****! Em choque é um eufemismo. Estou tão animada com esse nosso capítulo novo e não posso esperar para ser sua mulher”¹¹⁵

¹¹⁵ Tradução extraída da matéria

Durante a pesquisa também ganharam repercussão os pedidos de casamento recebidos pela atriz Mariana Santos no programa Amor & Sexo exibido pela TV Globo¹¹⁶, por uma fã do cantor Luan Santana em show na cidade de Curitiba¹¹⁷ e durante a peça A bela e a fera realizada no teatro da Disney em Orlando, Estados Unidos¹¹⁸. Em todos eles, os protagonistas contaram com a colaboração da produção dos eventos para colocar em prática suas ideias, o que demonstra não só o prestígio do ato, mas também sua assimilação por agentes da indústria cultural.

Essa condescendência e o simbolismo que o pedido de casamento possui em situações que despertam grande atenção do público também pode explicar os motivos que levaram cinco atletas que participavam dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, a aproveitar a importância do evento para realizar o gesto. Um deles, no entanto, parece ter sido emblemático.

Isto porque durante a cerimônia de premiação do salto ornamental feminino, o chinês He Zi contrariou o protocolo e se aproximou do podium para fazer o pedido e oferecer um anel a namorada, a medalhista de prata Quin Kai. Apesar dos aplausos e da atmosfera romântica criada pela situação, o que chamou a atenção do público (e dos jornalistas no dia seguinte) foi o suspense criado pela noiva, que após a surpresa deu um longo suspiro e sinalizou seu consentimento tomando o anel em suas mãos enquanto sorria.

¹¹⁶ Durante a exibição do episódio, o último da temporada, Mariana foi convidada pela apresentadora, Fernanda Lima, a subir ao palco para interpretação a canção “I love you baby” quando o noivo, o produtor Rodrigo Velloni, realizou o pedido. Link de acesso a matéria: http://www.purepeople.com.br/noticia/mariana-santos-chora-com-homenagem-do-noivo-no-amor-sexo-penso-em-casar_a107812/1

¹¹⁷ O pedido de casamento foi protagonizado por Diogo Lopes a sua noiva, Monise Roda, em 29 de outubro de 2015. Link de acesso a matéria: <https://www.portalabcrede.com.br/mary/galerias/2108/tupiense--pedida-em-casamento-em-show-de-luan-santana>

¹¹⁸ O noivo combinou o pedido com a produção e a direção do espetáculo e protagonizou a cena no fim da peça, surpreendendo a noiva e arrancando aplausos da platéia. Link acesso a matéria: <https://enfimsos.blogfolha.uol.com.br/2016/10/19/atriz-que-faz-bela-em-musical-da-disney-e-pedida-em-casamento-no-palco/>

Imagem 11 – Noivo He Zi comemora em frente a noiva, Quin Kai, o aceite de seu pedido de casamento durante cerimônia de premiação dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (agosto/2016).



Fonte: BBC, Brasil. Link para a matéria: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37088837>

O suspense criado pela atleta, no entanto, levantou dúvidas sobre a real motivação que a levou a aceitar o pedido. O mesmo poderia ser intencional, o que provaria o reconhecimento de Kai sobre o simbolismo que a expectativa exerce entre os observadores em tal situação, ou sinalizar, a um só tempo, que se tratava de um momento íntimo e pessoal a ponto de não merecer a atenção de cerca de 1 bilhão de expectadores justamente no momento em que o mais importante para ela era ser premiada. Neste último caso muitas usuárias das redes sociais que cobriam o evento questionaram o sexismo da mídia, que passou a dar mais atenção para a performance do noivo do que para a conquista da atleta.

Apesar da polêmica gerada com a atitude de Zi e da repercussão envolvendo outros “pedidores”, o certo é que as regras que cercam a etiqueta do pedido de casamento alcançaram um novo patamar com a popularização das redes sociais e grandes eventos, uma vez que o simbolismo do ato, seja no Youtube ou em uma premiação Olímpica, ganha atenção de uma audiência planetária. A escala que isto protagoniza torna-se, assim, a fonte de inspiração do mercado e de seus especialistas que, em virtude do imaginário fomentado pelo simbolismo do pedido, lançam-se na criação de produtos e oferta de serviços capazes de

reproduzir (o mais eficientemente possível) as experiências e significados que o ato carrega.

De olho nesse simbolismo, uma das primeiras empresas especializadas em explorar comercialmente os códigos que caracterizam o pedido como ato ritual no Brasil foi a “O Pedido”, que a partir de 2014, com sua popularização nas redes sociais e sua repercussão pela imprensa, passou a assessorar os pretendentes a noivos:

Somos uma agência especializada em pedidos de casamento e surpresas românticas.
Tornamos momentos importantes da vida de um casal em algo inesquecível!
Nós somos as melhores especialistas em surpreender, impressionar e emocionar. Já ajudamos mais de 300 casais a terem experiências inesquecíveis a dois.
Nossa equipe é treinada para captar seus sonhos e vontades, desenvolver ideias únicas e executá-las com maestria. Tudo isso com total sigilo, garantindo assim a surpresa e emoção do momento¹¹⁹.
(Quem Somos. O Pedido)

Seu aparecimento, portanto, acompanha a crescente demanda por produtos e serviços numa área da economia que passou a ser conhecida como “indústria do casamento”, principal responsável pela expansão do capital simbólico que cerca o casamento em tempos recentes. Formulada sob os paradigmas do mercado, esta expansão é responsável por assimilar o imaginário social transformando o casamento em um sonho – sobretudo um sonho de consumo.

Sonho e desencanto: o mercado do casamento na imprensa

Uma das expressões mais recorrentes durante a realização da pesquisa foi a palavra “sonho”. Empregada principalmente pelas noivas para retratar seu desejo de realizar a cerimônia matrimonial, ela se revelou expressão recorrente nos diferentes contextos da ritualização nupcial.

Este emprego, no entanto, não é uma exclusividade das noivas. O mercado do casamento – principal contexto onde este emprego é sistematizado –

¹¹⁹ Fonte: <https://opedido.com.br/quem-somos/>

também recorre ao “sonho” para enfatizar seu protagonismo no atendimento a demanda dos noivos. No âmbito familiar, sua incidência é observada entre as gerações mais velhas, geralmente envolvendo narrativas de mulheres sobre a sua socialização. Na internet acumulam-se sites empenhados no emprego do mesmo como sinônimo do próprio casamento. Por fim, o entretenimento desponta como seu mais importante fiador em razão do volume de conteúdos que estimulam, por meio de imagens e narrativas, sua incorporação às práticas cotidianas.

A despeito das experiências subjetivas e dos contextos em que o emprego do “sonho” se dá, a irrefutabilidade de sua ocorrência no imaginário social despertou o meu interesse em saber, afinal, por que o casamento é tratado como um sonho? Quem são as pessoas que atribuem esse significado ao casamento? Em que contextos esse significado é elaborado?

Voltei-me para estas questões sobretudo quando a imprensa brasileira repercutiu o inquérito policial instalado pela delegada-chefe da 3ª Delegacia de Polícia de Brasília, Cláudia Alcântara, após denúncia realizada por 36 noivas que acusaram o empresário Chrisanto Lopes Netto Galvão, dono da empresa Netto Galvão Decorações, de fugir do país sem prestar os serviços de cerimonial para o qual havia sido contratado. O golpe gerou indignação nas redes sociais, especialmente quando as noivas apareciam aos prantos nas entrevistas televisonadas. Em uma dessas entrevistas, ao ser questionada sobre como estava se sentindo diante da situação, uma das noivas que havia registrado Boletim de Ocorrência, respondeu a repórter que o empresário não só comprometeu um momento importante de sua vida como destruiu o “seu sonho”¹²⁰.

Aproveitando-me desta conotação, reuni durante a pesquisa matérias que tinham em comum o mesmo conteúdo e observei que a ênfase na “destruição do sonho” era uma constante na narrativa dos veículos de imprensa:

O *sonho* da festa de casamento de dezenas de casais foi arruinado por golpistas em São Paulo. A empresa Gula Buffet Gourmet agendou várias festas, mas já havia falido. O espaço que eles utilizavam fechou, e o diretor sumiu com mais de R\$ 1

¹²⁰ Fonte para acessar uma das matérias sobre o caso: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/decorador-do-df-cancela-contratos-da-calote-em-noivas-e-vai-para-paris.html>

milhão. (Matéria da RecordTV sobre diretor de buffet em Pinheiros, São Paulo, que aplicou golpe em dezenas de casais e fugiu com mais de R\$ 1 milhão. 26/09/2014, grifo meu).

Um telegrama recebido nesta quarta-feira (9) colocou em risco o *sonho* do casamento de vários casais em Uberlândia. Os dois proprietários de uma empresa de decoração de festas desapareceram depois de informar, por meio da correspondência, a rescisão de todos os contratos em virtude de problemas financeiros. (Trecho de matéria do G1 sobre golpe de cerca de R\$ 500 mil por empresa de eventos na cidade de Uberlândia, MG. 10/09/2015, grifo meu)¹²¹

Casais do Rio de Janeiro caíram em um golpe e perderam dinheiro e o *sonho* de realizar um grande casamento ainda este ano, como mostrou o Bom Dia Rio. Eles perderam o dinheiro que seria investido em uma cerimônia em uma casa de festas no Alto da Boa Vista. (Trecho de matéria do G1 sobre Casais de noivos que foram vítimas de golpe em casa de festa no Rio. 24/10/2016, grifo meu)¹²²

O que era para ser um dia especial tornou-se um pesadelo para Paula. No sábado (22), o *sonho* de ter a cerimônia de casamento foi destruído depois que o buffet contratado não organizou a festa. (Trecho de matéria do G1 sobre acusação a dono de buffet de não entregar festa de casamento contratada em Franca, SP. 25/09/2018, grifo meu)¹²³

Sem esquecer que o meu trabalho foi contemporâneo da crise que assolou a economia brasileira entre 2015 e 2017, o que pode justificar a recorrência das matérias sobre o tema no período, chama a atenção a presença dos termos “arruinado”, “risco”, “investido” e “pesadelo” presentes nos fragmentos de texto escolhidos. A impressão inicial é que se está noticiando um negócio malsucedido – o que não deixa de ser verdade pelas consequências jurídicas e comerciais. Entretanto, esse mesmo vocabulário procura traduzir o sentimento de frustração dos noivos – tratados como vítimas – diante de empresas e empresários que, apesar terem seus serviços contratados em virtude de sua reputação no

¹²¹ Link para acessar a matéria: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/09/noivos-acusam-empresa-de-eventos-de-sumir-com-cerca-de-r-500-mil.html>

¹²² Link para acessar a matéria completa: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/casais-do-rio-sao-vitimas-de-golpe-em-casa-no-alto-da-boa-vista.html>

¹²³ Fonte para acessar a matéria: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2018/09/25/noiva-acusa-dono-de-buffet-de-golpe-apos-pagar-e-ficar-sem-festa-de-casamento-em-franca-sp.ghtml>

mercado local ou da indicação direta de quem adquiriu seus serviços, não entregaram o prometido.

Ao enfatizarem esse sentimento, as matérias, portanto, não deixam dúvida quanto ao objeto colocando no centro da negociação entre noivos e empresários, isto porque em todos os casos compilados o que se tem em mente é o sonho dos primeiros com a dimensão conspícua do ritual de casamento e as festividades que a acompanham, especialidades e responsabilidades daqueles em quem se depositou a confiança em sua consecução ou “fabricação”, como descreve a reportagem sobre o golpe aplicado por uma empresa de eventos em Uberlândia:

Na página online da empresa, os donos reforçam a meta de garantir aos clientes conforto, tranquilidade e satisfação, assumindo a responsabilidade do planejamento e organização. “*Fabricar um sonho*, não é uma tarefa fácil, requer muita dedicação, um excelente planejamento e muita paixão pela profissão, respeitar os desejos de nossos clientes, sermos honestos e sinceros o tempo todo, faz o nosso diferencial para o sucesso”, escrevem no site (grifo meu).

Levando-se em conta que para o segmento social onde atuam as empresas o casamento é tratado como bem cultural, a realização ou fabricação do mesmo sugere que os noivos recorrerem ao mercado na esperança de aperfeiçoar seu sonho, compatibilizando-o com o imaginário do cerimonial e das festividades em voga ou idealizados conforme apontam Marins (2016), Pinho (2017) e Escoura (2016; 2017; 2019). Restando às empresas que operam neste setor apenas a habilidade em conciliar estes dois universos (o da subjetividade e das representações coletivas), aquelas que atuam para que os códigos culturais presentes neste liame sejam eficientemente empregados são tratadas como capazes de gerar emoção e memória, elementos rituais que possuem profundo valor simbólico para os noivos e sua assembleia durante os rituais de casamento. As que são incapazes, por incompetência ou má fé, protagonizam o fracasso em que se lança o ritual e a expressão de desencanto que afeta os noivos.

Os sentimentos, aliás, são tomados como prova pelo próprio judiciário quando as reportagens alcançam os processos abertos pelos noivos em decorrência da não prestação de serviço. Este foi o caso da matéria que me lançou nesta reflexão.

Na ação coletiva contra a empresa de decoração Netto Galvão, a juíza do caso concordou com a alegação das noivas e condenou o empresário a indenizar por danos morais e materiais cada uma das vítimas argumentando que

A conduta do réu ultrapassou o mero dissabor, por ter causado aos autores relevante angústia com relação ao dia tão sonhado do casamento. A celebração do casamento é um momento marcante na vida a dois que se inicia, permeado por muitas expectativas e felicidade. Ter este momento abalado é fonte de grande transtorno e frustração e viola seu direito de personalidade”, defendeu a juíza (Trecho de matéria do jornal Correio Braziliense sobre condenação do decorador Netto Galvão. 02/02/2017. Grifo meu)¹²⁴.

O mesmo também se deu em reportagem que noticiou a condenação de empresa de eventos na cidade de Turvo, Santa Catarina, ao pagamento de indenização por danos materiais e morais a um casal que chegou a passar mal e foi atendido pelo SAMU em razão da má prestação de serviços de gastronomia em sua festa de casamento. O desembargador-relator do Tribunal de Justiça de Santa Catarina considerou que a prova do dano foi demonstrada mediante postagens em redes sociais e relatos de testemunhas interrogadas em juízo, que confirmaram a falta de comida e o “estresse agudo” suportado pela noiva.

A repercussão causada por esses processos, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista emocional, coloca em evidência a expressividade alcançada pela ideia de sonho como um importante código do imaginário social em torno do casamento, revelando ainda a crença no mercado como especialista e operador da ritualização nupcial.

Esta crença, no entanto, nada tem de uniforme, pois, ajustando-se aos significados depositados na ritualização em virtude da origem, do pertencimento social, do estilo de vida e dos gostos variáveis dos atores, estabelece as estratégias em que se lançam os noivos a fim de que sua ritualização corresponda aos padrões e expectativas de seu grupo social. A principal delas envolve o próprio planejamento financeiro, uma vez que dependendo do “tamanho” e do

¹²⁴ Link para acessar a matéria completa: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/02/interna_cidadesdf,570492/decorador-netto-galvao-e-condenado-a-indenizar-mais-cinco-noivos.shtml

significado atribuído ao casamento, os noivos adotam comportamentos que visam compatibilizar suas inclinações às disponibilidades de renda – o que no caso dos noivos menos abastados (mas que ainda assim alimentam a expectativa de realizar um “casamento-espetáculo”) pode implicar no adiamento do mesmo bem como no sacrifício de outros projetos.

Outra estratégia recai sobre aqueles que simpatizam com a ideia de sonho e colaboram com “vaquinhas virtuais” e pedidos de doação de noivos que procuram colocar seu planejamento em prática. O mais comum, porém, é recorrer à família e contar com a sua solidariedade para contribuir com as despesas que cercam a cerimônia bem como a própria coabitação do novo casal.

Em paralelo com os noivos que julgam terem seus sonhos destruídos com o golpe aplicado pelas empresas do setor de casamento, aqueles que recorrem a essas estratégias para ajustar seus sonhos às práticas dominantes demonstram que essa noção exerce um papel fundamental na ritualização do noivado. Durante minha estadia em Brasília tive a possibilidade de compreender um pouco melhor isso ao me deparar com a participação de um casal de noivos no quadro “No fim das contas”, do jornal matinal DFTV do dia 20 de junho de 2016. O quadro é dedicado a noções de educação financeira e na oportunidade tratava das escolhas que o casal, morador de Brazlândia, precisava fazer diante das limitações de renda que possuía. A reportagem foi feita na casa em que o casal pretendia morar, mas que ainda estava sem os acabamentos necessários para ser habitada. Segundo o casal, a dúvida era saber se investia o recurso que lhes restava na conclusão da obra ou no próprio casamento, uma vez que o mesmo já tinha data para acontecer e alguns dos fornecedores ainda não haviam sido pagos.

Lembrando o que Escoura (2017) encontrou ao pesquisar a lógica do sacrifício na produção de festas de casamento em São Paulo, o casal, que já namorava há 7 anos e se encontrava há 3 meses noivo, afirmava estar “bata-lhando” para realizar o sonho do casamento e para isso contava com a ajuda da família. Uma especialista que havia sido convidada para comentar a experiência do casal não deixou esta informação escapar e ao concluir suas “dicas” lembrou os telespectadores de que “[...] para realizar um sonho ele tem que ser prioridade.

Você tem que ter disciplina para abrir mão de outros gastos e ter muita determinação. [...] Você tem também que ter muito planejamento”.

O casal formado pelos noivos Luanna Alysse e Thiago Pinotti viveu dilema parecido. A solução que eles encontraram para realizar o sonho do casamento, contudo, os levou a popularidade. Isso por que no ano de 2016 passaram a ser vistos pelas ruas de Belém, capital paraense, usando camisetas com a inscrição “Missão Casamento” e pedalando uma “foodbike” decorada com flores para vender brownies – um tipo de biscoito feito em tabuleiro para bolos – com o objetivo de arrecadar o dinheiro necessário para realizar a festa de casamento. Nas reportagens que acompanharam a aventura do casal eles contam que decidiram fazer isso três anos antes após se assustarem com os altos valores cobrados pelas bandas e empresas de buffet e decoração para realização do casamento¹²⁵.

Imagem 12 – Os noivos Luanna Alysse e Thiago Pinotti posando para fotografia em frente a uma barraca de brownies no Museu da Universidade Federal do Pará.



¹²⁵ Uma reportagem, no entanto, chamou particularmente minha atenção. Na matéria publicada pelo portal de notícias on-line “G1” (16/06/2016), Luanna relata que a experiência havia lhe dado a oportunidade para receber todo tipo de comentário e interpretação sobre a iniciativa do casal. Desde o apoio emocionado de casais com mais de 40 anos juntos, até pessoas divorciadas que, segundo a matéria, jogam um “balde de água fria” perguntando ao casal se eles têm certeza do que estão pretendendo fazer. (Link da matéria: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/06/casal-vende-brownie-nas-ruas-para-ajudar-pagar-festa-de-casamento.html>).

Fonte: Diário do Pará, 20/09/ 2016. Acesso a matéria: <http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-380587-casal-vende-doces-para-pagar-casamento.html>

Além de enfatizar o comprometimento dos casais com a realização de seus projetos, a atenção que as duas situações receberam da mídia comprova a ideia de que os dilemas enfrentados pelos noivos bem como as ações correspondentes refletem às expectativas depositadas pela coletividade sobre a ritualização nupcial além de repercutir as demandas e significados que o próprio mercado cria em torno da mesma, fazendo dele um novo ator neste processo. Restaria compreender como e de onde noivos e os próprios especialistas extraem os códigos que mobilizam sua crença no casamento enquanto sonho.

Para pensar esta questão adotei como recorte a interpretação de produções cinematográficas cujo tema é o noivado, sobretudo porque, enquanto linguagem, ela assimila, elabora e repercute os códigos que orientam e normatizam, tanto a demanda, como a oferta de bens culturais, o que, no caso do casamento, refere-se a algo bastante pertinente.

Cinema e imaginário nupcial

O cinema, como representação cultural, é um importante instrumento para a compreensão das relações entre a vida social de um grupo e sua produção imagética. Neste sentido, a técnica cinematográfica tem o potencial para intervir em todos os processos de socialização, uma vez que a intencionalidade contida na atmosfera criada pelas imagens “ativa” os diferentes sentidos de compreensão do mundo, criando as disposições por meio das quais os indivíduos governam suas crenças e desejos, estimulando sua ação como coletividade.

Sobre este assunto, dedico ao cinema parte de minha atenção sobre o noivado considerando o papel que este elemento desempenha na indústria cultural: ser parte do sistema responsável pela manipulação do imaginário social (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Sua existência complementa, mas também potencializa, dado seu caráter de massa, a função para qual a literatura de romance e os manuais de etiqueta citados anteriormente foram originalmente criados: dar formas simbólicas às representações sobre formas de ser e viver no âmbito amoroso e conjugal.

No Brasil, onde os romances de folhetim se popularizaram transferindo-se dos jornais em áreas predominantes urbanas para toda a extensão do território nacional com a ascensão das novelas televisionadas, desenvolveu-se o que Eliade chama de “mitos do homem moderno” (ELIADE, 2010, p. 167), isto é, a expectativa pelos finais felizes, normalmente sintetizados pela redenção do herói e a salvação pelo amor. Mixando narrativas literárias e estéticas fílmicas essa “fábrica de sonhos” – conforme reforça Eliade – é corresponsável pela escalada da ideologia romântica em um nível quase global, uma vez que serve de referência para a atualização, manipulação ou rejeição de modelos e trajetórias na construção da subjetividade.

No âmbito das relações que cercam a ritualização nupcial, algumas das produções cinematográficas mais relevantes sobre o noivado têm aperfeiçoado essa ideologia atraindo a atenção do público para o simbolismo de suas práticas e do próprio sentido do ritual na vida cotidiana. Em alguns casos, a pretexto de servirem de inspiração, estas produções têm sua audiência legitimada por meio de discursos, textos e imagens, conforme se nota em trailers, sinopses, críticas especializadas e rankings ou listas com indicação de filmes para um público-alvo.

Para discutir esse aperfeiçoamento no tocante ao rito nupcial, adotei como recorte interpretativo exatamente as listas elaboradas por sites com conteúdo – ou parte dele – voltado para quem está se preparando para o casamento. Estas listas foram selecionadas a partir dos cinco sites mais acessados da internet de acordo com a varredura de dados fornecida pelos buscadores Google e Bing e a análise de tráfego realizada pela plataforma SimilarWeb entre novembro de 2017 e outubro de 2018:

Quadro 1 – Média de visualizações por mês dos filmes com conteúdo sobre o noivado listados pelos cinco principais sites que tratam da preparação do casamento mais acessados da internet.

Site	Filmes listados	Visualizações/mês (média aproximada)
Revista Cláudia	21	2,5 milhões
Sempre Família	10	1,5 milhão
Icasei.com	08	1,1 milhão
casar.com	10	360 mil

Noivas on-line	18	270 mil
----------------	----	---------

Fonte: Análise de tráfego (Similarweb.com)

As listas apontam a recorrência de 39 títulos onde o noivado era um dos temas principais ou transversal ao roteiro. Minha análise, no entanto, contempla as produções que se repetiram ao menos 2 vezes em tais listas:

Quadro 2 – Dados dos filmes com conteúdo sobre o noivado listados pelos cinco principais sites que tratam da preparação do casamento mais acessados da internet.

Título do Filme	Ano	Gênero	Orçamento (em milhões de dólares)	Bilheteria (em milhões de dólares)	Nacionalidade
Noivas em guerra	2009	Comédia romântica	30	115	Estados Unidos
Recém-casados	2003	Comédia romântica	18	101	Estados Unidos
A sogra	2005	Comédia romântica	43	154	Estados Unidos /Alemanha
O pai da noiva	1991	Comédia	20	89	Estados Unidos
Casamento grego	2002	Comédia	5	368	Canadá/ Estados Unidos
O casamento dos meus sonhos	2001	Comédia romântica	35	94	Estados Unidos
A família da noiva	2005	Comédia	35	101	Estados Unidos /Alemanha
Vestida para casar	2008	Comédia romântica	30	160	Estados Unidos
Sex and the city: o filme	2008	Comédia	65	415	Estados Unidos
Missão madrinha de casamento	2011	Comédia	32	287	Estados Unidos /Inglaterra
O casamento do meu melhor amigo	1997	Comédia romântica	38	299	Estados Unidos
Mamma Mia	2008	Comédia romântica	52	615	Estados Unidos /Alemanha/Inglaterra
O casamento de Rachel	2009	Drama	12	17	Estados Unidos
O casamento de Muriel	1994	Comédia	9	57	Austrália/França
O casamento do meu ex	2010	Comédia romântica/Drama	4	123	Estados Unidos
A proposta	2009	Comédia romântica	40	317	Estados Unidos
Licença para casar	2007	Comédia	35	70	Estados Unidos
O melhor amigo da noiva	2008	Comédia romântica	40	105	Estados Unidos /Inglaterra
Quatro casamentos e um funeral	1994	Comédia romântica	4	378	Inglaterra
Noiva em fuga	1999	Comédia romântica	70	309	Estados Unidos

Como se pode notar, as listas destacam a predominância de filmes classificados como “comédias românticas” produzidos e ambientados nos Estados Unidos entre 1991 e 2011, cujos orçamentos variaram entre 4 e 70 milhões de dólares. Levando-se em conta a bilheteria como uma variável que permite quantificar o custo-benefício no cinema, filmes como “Casamento Grego” (2002), “O casamento do Meu Ex” (2010) e “Mamma Mia” (2008) podem ser considerados “sucesso de público”, pois todos obtiveram receitas que superaram 1000% de lucro. Meu objetivo, porém, não é utilizar essa variável como parâmetro de análise, mas identificar nos filmes que foram recorrentemente listados os códigos que permitem classificá-los como referência imagética dos ritos pré-nupciais.

Ainda que arbitrária, a metodologia adotada nessa identificação, tomou como referência a ênfase na linguagem imperativa, por meio da qual a criação e exposição das listas servem de mote para os sites atuarem como especialistas da performance ritual. Ou seja, a seleção dos filmes, antes de ilustrar os diferentes temas que permeiam o ritual nupcial, reconhece nessa ritualização a interface com a inspiração protagonizada pelas experiências roteirizadas – sobretudo quando se trata do planejamento da cerimônia de casamento:

Os preparativos para um casamento agitam bastante a vida do casal, e os momentos de lazer têm que se adequar à agenda apertada de eventos e outras situações pré-matrimônio. [...] Há muitos filmes que além de entretenimento trazem algumas dicas que podem ajudar os noivos no antes, durante e até mesmo no começo da união.

Todo mundo sabe o quanto dá trabalho planejar um casamento, são muitas decisões a serem tomadas e detalhezinhas que nos fazem perder o sono. Mas também pode ser superdivertido e até *easy going*. O importante é sempre lembrar de tirar um break vez ou outra e aproveitar o tempinho com seu noivo. [...]

Não é só com fotos que encontramos todas as inspirações que procuramos para organizar o nosso grande dia: existem filmes de casamento que toda noiva precisa ver. Listamos 10 filmes divertidos e construtivos que são essenciais na vida de quem está prestes a subir ao altar.

[...] Selecionamos 21 filmes clássicos sobre casamento. Relembre cenas marcantes e inspire-se (8.11.2016)

Selecionamos alguns filmes que abordam o tema do casamento. Alguns são bastante inspiradores para quem está passando pela fase dos preparativos e outros são apenas divertidos, ótimos para rir e relaxar.

Motivados, principalmente, pela intenção de ajustar a performance dos noivos à convergência imaginativa dos filmes listados, os sites chamam para si a autoridade para exercer sua influência na vida social, induzindo o espectador a extrair de fatos não reais códigos sociais que o ajudam a pensar a realidade dos fatos e sensações que vive. Neles, os códigos que permeiam seus enredos apontam para recorrências temáticas que a pretexto de serem “fonte de inspiração” resultam em narrativas que se alternam entre a identidade e a performance nupcial, a idealização da cerimônia (*wedding*), as relações de afinidade e parentesco e o significado dos sentimentos.

Baseando-me nesta recorrência, classifico um primeiro grupo de narrativas voltadas para intersecção entre gênero, imaginário e performance nupcial, chamando atenção para a centralidade das noivas e o modo caricatural com o qual suas experiências são interpretadas. Neste grupo “Noivas em Guerra” (2009) é uma produção que chama atenção, uma vez que sua recorrência nas listas se deve ao cuidado do roteiro em retratar, pela veia da comédia, os riscos que a supervalorização dos preparativos que cercam a cerimônia de casamento pode provocar sobre o comportamento das noivas e suas relações interpessoais.

A história se baseia nas idealizações e animosidades vividas pelas amigas Emma e Olívia (“Liv”), que a despeito de compartilharem o sonho de serem madrinha de casamento uma da outra e de realizarem suas cerimônias de casamento no badalado Hotel Plaza, em Nova York, veem-se envolvidas no erro de agendamento da cerimonialista contratada que acaba marcando os casamentos para o mesmo dia e horário. Ao lado das tentativas de sabotagem que cercam o restante da trama, o enredo, no entanto, destaca os itens que são objeto de atenção e consumo no imaginário nupcial, como o ensaio para a valsa, a prova de doces, a atenção com a maquiagem, os tratamentos dermatológicos e a festa de despedida de solteira.

Abraçando alguns dos elementos simbólicos encontrados neste filme, “Sex and the City” (2008), originalmente uma série bastante comentada no início dos anos 2000 e que também é ambientada em Nova York, ajuda a compreender a relação entre gênero e imaginário nupcial. Este imaginário, no entanto, é o recorte utilizado na autoanálise enfrentada pela personagem Carrie em sua reconstrução pessoal após a decepção com Big, o noivo bem-sucedido e idealizado, mas que não comparece ao casamento. A amizade, novamente, é um dos motores da trama. Desta vez, porém,

suas amigas Charlotte, Miranda e Samantha servem de consolo durante a fase de reflexão sobre as expectativas que Carrie deposita no casamento e na performance ritual¹²⁶.

“O pai da noiva” (1991), “Casamento Grego” (2002), “A sogra” (2005), “A família da noiva” (2005), por outro lado, são filmes que retratam o imaginário das relações de parentesco entre os noivos e seus parentes. Chama atenção, a predominância de narrativas em torno dos conflitos entre os afins e dos obstáculos criados para a formação dos casais.

Em “A Sogra” a personagem interpretada por Jane Fonda, veterana atriz norte-americana, é responsável pelas tentativas de sabotagem do noivado do filho, enquanto em “A família da noiva”, o conflito racial justifica a má vontade do pai da noiva em acolher um genro branco no seio de uma família com ascendência afro-americana. Preocupados em retratar os conflitos internos e as artimanhas familiares para impedir a perda de um dos membros, a narrativa presente nestes filmes é contemplada ainda pelo cômico enredo de “Casamento Grego”, filme multiétnico responsável por narrar as embaraçosas experiências do noivo em sua tentativa de se adequar aos costumes da família da noiva.

Para compreender este grupo de filmes, no entanto, atendo-me a trama contida em “O Pai da Noiva”, pela precedência do enredo, mas também pelo simbolismo que o filme exerce na interpretação da transição do patriarcado para o individualismo, conforme apontado por Azevedo e Cherlin. Nele, George, personagem interpretado pelo irreverente Steve Martin, é um empresário californiano que entra em choque ao saber que a filha, Annie, então com 22 anos, ficara noiva após retornar de seus estudos na Europa.

A trama se desenrola com George tentando dissuadir Annie do noivado, argumentando que além de considerá-la muito jovem, a mesma comprometeria sua vida pessoal casando com alguém que, a despeito da boa reputação familiar e do status

¹²⁶ Neste grupo é possível incluir ainda os filmes “Missão Madrinha de Casamento” (2011), cujo enredo narra a disputa entre as protagonistas pela amizade da noiva assim como o posto de organizadora do seu casamento, e “Licença para casar” (2007), filme que relata a determinação dos noivos para obter a autorização de casamento enquanto participam do curso pré-nupcial oferecido pelo reverendo da igreja em que a noiva sonha casar. Alegando se tratar de um curso destinado a preparar os casais que debutam na vida conjugal, o oficiante escolhido para celebrar a cerimônia impõe aos personagens uma série de aulas ultrajantes e atividades domésticas projetadas especificamente para irritar um ao outro e assim testar a solidez do relacionamento. Estes filmes, no entanto, não alcançam a mesma recorrência nas listas dos sites que os dois primeiros filmes citados.

financeiro, só havia conhecido três meses antes. A insistência da filha, no entanto, leva George a dar seu consentimento.

A partir de então o filme retrata as desordens emocionais e psicológicas vividas por seu personagem ao longo de todo o noivado da filha, sobretudo quando este se depara com os gastos que haveria de dispor para realizar a cerimônia. Contudo, assim como ocorre nas produções do gênero, o final do filme mostra George sendo tomado de assalto pela necessidade de aceitar e até mesmo apoiar a decisão da filha, incorporando ao seu discurso a valorização dos sentimentos de amor e felicidade como substratos do novo (modelo de) casal.

Na esteira dos significados atribuídos ao sentimento, aproveito para listar um conjunto de filmes que tem em comum a preocupação com sua eficácia frente a experiência nupcial. Para justificar esse agrupamento tomo como narrativa arquetípica a desordem existencial vivida pelos protagonistas quando se descobrem apaixonados por personagens que se encontram noivos durante a trama. Um dos exemplos mais populares encontra-se presente no filme “O casamento dos meus sonhos” (2001), quando a personagem Mary descobre estar apaixonada por Steve, o noivo que a contratou para ser sua cerimonialista.

Este filme, no entanto, se distingue por explorar o acaso do encontro e a irresistível “química” existente entre os protagonistas. “O casamento do meu melhor amigo” (1997), “Vestida para casar” (2008), “O casamento do meu ex” (2010) e “O melhor amigo da noiva” (2008), por outro lado, são filmes que narram a descoberta da atração afetiva (ou a tentativa de expressá-la) entre personagens que se conheciam antes da trama. Em todos eles, questiona-se a eficácia do relacionamento quando o sentimento que os justifica é incompatível com a escolha conjugal dos personagens, o que insinua a necessidade de avaliação do real caráter das motivações que orientam a experiência nupcial.

Uma breve análise mostra, portanto, que, a despeito de serem “inspiradores”, os filmes mais recorrentemente listados por sites especializados na preparação de casamentos, evidenciam alguns dos elementos mais significativos no vocabulário que caracteriza a ritualização nupcial. Reconhecendo a importância destes filmes como importantes veículos de transmissão de códigos culturais, isto permite considerar que as crenças, valores, conflitos ou modos de ser e agir dos personagens transformem marcadores de gênero, relações de parentesco e sentimentos em símbolos.

Em sua tarefa de massificar estes símbolos, o cinema, conforme apontado no início do capítulo, acaba por manipular o sentido da experiência e, ao lado de outras plataformas, forjar disposições que ampliam o poder de simbolização presente nestas práticas sociais.

O objetivo principal deste capítulo foi o de identificar alguns dos códigos que fazem do noivado uma unidade cultural, com especial atenção para o contexto social brasileiro. Para isso, recorri às práticas que o cercaram em seu desenvolvimento histórico adotando como fonte interpretativa a obra de Thales de Azevedo. Por meio dele pude demonstrar que as razões que fizeram desse ritual uma prática difusa e sujeita a involuções do tipo abordado por Tambiah (2018) são fruto do mesmo processo que levou à ascensão do individualismo como estilo de vida em contextos urbanos.

Acompanhado de mudanças nas relações afetivas e familiares, o noivado des-cansa seu significado sobre um imaginário polissêmico, razão pela qual justifica-se a interpretação sobre sua plasticidade e maleabilidade, conforme apontado no capítulo anterior. Entretanto, para compreender os efeitos deste imaginário foi necessário identificar se a dinâmica descrita mantém relação com práticas, valores e crenças correntes. Para isso recorri a interpretação do pedido de casamento em redes sociais, do uso da categoria “sonho” em veículos jornalísticos e das listas de filmes sobre o noivado indicadas por sites e revistas especializadas na preparação do casamento por meio dos quais seu simbolismo se converte em disposição.

Mostrando que o vocabulário que permeia o imaginário sobre o rito se desdobra em formas de relacionamento, experiências emocionais e modelos de ação, o capítulo permite avançar, portanto, sobre o sentido que o mesmo alcança no plano subjetivo. Uma vez que são os indivíduos que tecem as redes de significado em sua socialização (GEERTZ, 19XX), a continuidade do trabalho procura compreender o noivado como experiência social partindo da reflexividade de interlocutores pertencentes ao universo das camadas médias urbanas.

No intuito de situá-lo como prática e símbolo cultural restou-me, portanto, estabelecer os recortes necessários para abordá-lo sob a perspectiva da agência, onde as dimensões psíquicas, afetivas e motivacionais respondem pela escolha do noivado

como rito social e forma de relacionamento. Estes recortes tiveram em conta o fato de que para além do catálogo formado a partir da identificação dos códigos que cercam sua ritualização fora preciso observar, através da experiência, em que medida o quadro apresentado neste capítulo poderia ser confrontado com a comparação das práticas de reprodução ou mudança social levadas a cabo pelos indivíduos em seu contexto social.

PARTE II

A EXPERIÊNCIA NUPCIAL

[...]
Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não [...]

(*Como nossos pais* – Belchior, 1976)

A construção de um objeto de pesquisa é um labirinto. Cabe ao pesquisador o trabalho de encontrar a saída, por vezes derrubando muros, outras vezes recuando ante caminhos pouco confiáveis. Nesta pesquisa relutei contra a tentação de acomodar-me com a revisão bibliográfica, creditando-lhe a tarefa de bússola para o seu desenvolvimento. Por isso, o trabalho de lançar uma mirada sobre o imaginário das redes sociais, da imprensa e do cinema. Nesse meu “recuo”, procurei identificar se, e de que modo, as representações que são parte do meu próprio mundo dialogam com as “fotografias” de um mundo relativamente distante quanto cronologicamente observado. Inspirado na letra da canção de Belchior, isto significava um atalho para que não me enganasse com a aparência de novidade em torno das práticas nupciais, nem me perdesse na ilusão da continuidade e de sua reprodução como unidade cultural sem considerar as metamorfoses e clivagens que o ritual sofre dia-após-dia, geração-após-geração.

Neste processo, em que as oposições e segmentações são tentações do pesquisador apoiei-me em Marilyn Strathern, antropóloga britânica, que, em um de seus mais importantes trabalhos, sustenta que a cultura ocidental estimula pensar a relação sociedade/indivíduo como uma antinomia em que um dos polos da relação é visto como modificador, ou de algum modo, controlador do outro (STRATHERN, 2006). No decorrer desta pesquisa fui levado a crer que além de estar correta, Strathern tem o mérito de apontar a ação e as relações como importantes fontes de interpretação antropológica, além de serem, ao lado da discussão sobre cultura, os conceitos que mais aguçam a curiosidade e a criatividade dos pesquisadores em sua busca pelo significado da subjetividade na vida social.

Vista como processo, a ação nessa concepção recusa qualquer diferenciação entre sincronia e diacronia, ou estática e dinâmica, pois toda decisão ou escolha resulta, a um só tempo, de disposições interna e subjetivamente determinadas como das convenções da cultura na qual o indivíduo fora socializado. Sahlins (2008), por exemplo, argumenta que as pessoas agem face a circunstâncias de acordo com os arranjos e rearranjos contingentes de signos, isto é, com base em seus próprios pressupostos culturais (SAHLINS, 2008, p. 125-127).

No tocante às relações, noto que a literatura oferece pouca objeção quanto ao reconhecimento de sua importância na realização do trabalho antropológico. Objeto central no pensamento de Radcliffe-Brown, as relações sociais são responsáveis

pela extensão, forma e grau dos vínculos que mantém unidos os membros de um determinado grupo. Sua observação e descrição, conforme sugere o autor, deve ser realizada tomando como base os padrões de conduta proposital seguidos pelos indivíduos em virtude do valor atribuído a um objeto ou sujeito cujo interesse é recíproco (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 177).

Em relação ao noivado nada mais pertinente do que reconhecer a relevância destes conceitos como recortes interpretativos, afinal, o que se encontra em jogo na conduta dos sujeitos é o interesse em produzir e preservar um determinado tipo de relacionamento.

A segunda parte deste trabalho tem, portanto, a finalidade de explorar o “reino prático da ação” (para usar aqui uma expressão cara à Janet Carsten), onde a experiência e relação são recortes utilizados, tanto para compreender a subjetividade e protagonismo dos sujeitos, como fonte elucidativa da socialização que caracteriza este ritual. Seguindo as recomendações de Turner (2008), realizo esta tarefa recorrendo ao significado exegético (onde interpreto o vocabulário dos interlocutores), operacional (analisando não só o que os sujeitos falam, mas também o que fazem) e posicional (identificando a relação entre o que falam e fazem com a totalidade da vida social) em busca das invariâncias que caracterizam os códigos nupciais. Atenho-me, pois, às “unidades dramáticas” (1981), isto é, às experiências de interlocutores que em virtude das sucessivas etapas vividas no curso do noivado descrevem e interpretam suas práticas, bem como refletem sobre o imaginário e o significado de conceitos, sentimentos, valores, padrões e expectativas associados a elas.

Os capítulos que seguem pretendem, com base neste roteiro, avaliar se as informações obtidas com a revisão bibliográfica e o estudo do imaginário social podem ser corroboradas ou refutadas levando-se em conta o papel dos atores como sujeitos rituais, isto é, intérpretes e operadores dos códigos que fazem do noivado uma unidade cultural. Para alcançar este objetivo, no entanto, descrevo em detalhes os procedimentos metodológicos adotados nesta etapa da pesquisa, ressaltando que a compreensão em torno da construção do objeto foi um fator indispensável na interpretação dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 3

E O NOIVADO, COMO VAI? AS ESTRATÉGIAS DE INTERLOCUÇÃO COM OS SUJEITOS

Estabelecendo recortes

[Pesquisadores] focalizem sua atenção nos fenômenos e processos do meio da passagem (*mid-transition*). São estes, acredito, que paradoxalmente expõem as peças angulares com as quais se constrói a cultura justamente quando saímos de e antes de tornarmos a entrar no reino estrutural. (Convite feito por Victor Turner aos estudiosos do ritual no final do capítulo “Betwixt and between...” [TURNER, 2005, p. 156-7])

Enquanto me preparava para saudar Daniela ao término de nossa última entrevista, ela, que já não era mais aquela noiva ansiosa que havia conhecido um ano antes, mas uma anfitriã dedicada, se aproximou de mim para agradecer o convite que lhe havia feito para participar da pesquisa. Em sua opinião, através de “perguntas inusitadas e curiosas” eu havia conseguido fazê-la refletir sobre a decisão de casar. A ternura com a qual Daniela falou isso me deixou sem palavras e um pouco confuso.

Daniela aproveitou o momento para me entregar um envelope de plástico cuidadosamente amarrado com uma fita amarela. Nele estavam um terço e um cartão com uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Tratava-se de uma “lembrancinha” que ela própria confeccionara para dar aos convidados durante a visita da imagem da padroeira dos paraenses em sua casa no dia anterior.

Seguiu-se um abraço longo e apertado que a mim exprimia uma profunda gratidão. Seu marido, que assistia a cena com atenção, aproximou-se e compartilhou conosco aquele momento. As lágrimas, que durante esse pequeno ritual haviam se acumulado em minhas pálpebras, no entanto, não tiveram força para cair, pois enquanto me sentia envolvido pelo casal meus sentimentos foram assaltados por uma reflexão: eu já não estava mais diante de jovens confusos e desconfiados a quem recorria com a esperança de compreender o que estavam fazendo, mas diante de um casal que me tinha como alguém que se tornara familiar a ponto de virar um confidente. Afinal, o meu interesse por seu noivado se confundia também com a expectativa deles sobre suas próprias vidas, o que me levou a perceber que o que para mim

representava apenas perguntas formuladas com o propósito de construir uma tese, poderiam ser momentos de importante reflexão na vida de alguém.

Situações como essa já haviam se repetido outras vezes durante a pesquisa, mas minha preocupação com as narrativas de meus interlocutores não tinha dado a oportunidade para perceber que a demora em encontrar respostas às minhas perguntas, a frequência com que franziam suas testas ou as vezes em que diziam “É... eu ainda não tinha pensado nisso”, significavam que a minha curiosidade com suas experiências havia lhes despertado para o significado de suas ações.

Acredito que o receio de abandonar minha confortável posição de pesquisador não tenha favorecido, inicialmente, a familiarização com esse significado, visto que a natureza metodológica do meu estudo esteve direcionada para a assimilação ou não do imaginário nupcial em narrativas e práticas e não para a interação com os interlocutores. Não ignoro, porém, que a relação criada ao longo da interação com os noivos me obrigava a problematizar aquilo que eu estava fazendo ao questionar suas práticas, projetos e visões de mundo, pois ao se julgar os problemas levantados por Clifford (2008), estamos sempre correndo o risco de achar que sabemos mais sobre a vida e o mundo daqueles que interpelamos do que eles próprios.

Em minha defesa, no entanto, reitero o que já afirmei anteriormente: a escolha do meu objeto de estudo foi, antes de tudo, a escolha de algo que se institucionalizou de modo íntimo e episódico, estando à margem da atenção social e, por vezes, dos próprios estudos antropológicos. Como adverte Schneider (2016), sua regularidade resulta de um comportamento que é desempenhado ao longo do tempo em uma situação dada e confirmada pela observação visual ou pela afirmação dos próprios atores. Em vista disso, como quem pretende ficar, namorar ou noivar não avisa um pesquisador, restava-me perceber como essas ações se desdobravam em práticas cuja enunciação é difusa e está sujeita a imprevisibilidade das escolhas individuais.

O “lugar de onde eu falo” nos capítulos que seguem, portanto, é aquele representado pelo diálogo com os interlocutores¹²⁷. Isto porque os noivos que colaboraram para a realização desta pesquisa não constituem uma comunidade ou desfrutavam de

¹²⁷ Como decorrência dos inevitáveis problemas que o vocabulário oferece na identificação dos sujeitos da pesquisa, informo que opte por utilizar o termo “interlocutores” para me referir, indistintamente, aos indivíduos que participaram da pesquisa, ao passo que “noivos” e “noivas” foram utilizados para marcar o gênero dos mesmos.

um tipo de organização social que me permitisse a convivência sistemática e duradoura. Na verdade, a metodologia elaborada para a realização da pesquisa se apoia na ideia de que a ritualização é dinâmica e os padrões de comportamento são afetados de modo reflexivo e relacional, ou seja, são criados, confirmados, desprezados e revisados no curso da experiência nupcial. Pensando assim, deixo-me guiar pela crença na dialogia hermenêutica, principalmente influenciada por Fabian (2013), na qual procuro não apenas “colher” informações dos, mas compreender com os interlocutores o sentido de suas práticas e representações admitindo que os mesmos mudem de opinião no curso de suas trajetórias de vida, seja porque eventos pessoais alteram o significado daquilo que elas estão fazendo ou porque a convivência com a pessoa com a qual dividem a experiência amorosa os obriga a assimilar ou abandonar ideias, convicções e comportamentos, visando o estabelecimento de um relacionamento duradouro.

A elaboração do capítulo, portanto, foi marcada pela construção do objeto de pesquisa em dois níveis: 1) metodológico, em razão do aperfeiçoamento das ferramentas de obtenção de dados empregadas a partir da interlocução com os próprios sujeitos; 2) alcance, em vista das contingências vividas no curso da investigação.

O desafio inicial, no entanto, foi saber onde e como recrutar interlocutores dispostos a colaborar com a pesquisa. Isso porque, não bastasse a dúvida em saber se o que a literatura tratava como noivado era o que as pessoas entendiam com esta expressão, recaía sobre mim a incerteza sobre como observar sua prática.

Para enfrentar este desafio apoiei-me na estratégia de selecionar os noivos no contexto das camadas médias. Esta escolha, que não deixa de ser arbitrária, resultou da própria dificuldade criada pela natureza do tema que ao ser apresentado chama atenção por requerer dados sobre a intimidade do interlocutor ou mesmo do casal. Tive de reconhecer, portanto, que para enfrentar o desafio de acompanhar o noivado de alguém seria necessário, antes de tudo, que desfrutasse de sua confiança, quando não, de sua simpatia, pois, ainda que alguns eventos tenham um caráter público¹²⁸, o significado de cada experiência é vivido intimamente e algumas ações ou estratégias

¹²⁸ A difusão das redes sociais tem favorecido o compartilhamento de imagens e informações sobre pedidos de casamento e de festas de noivado.

ficam ocultas. Para ter acesso a elas só mesmo contando a generosa disposição dos sujeitos, que, de outro modo, revelam apenas o que lhes parece conveniente.

No decorrer do trabalho este desafio foi sendo vencido reconhecendo que essa disposição não resultava de um compromisso com a minha curiosidade, como se cada um dos noivos que sentou à minha frente ou me ligava para “contar as novidades” estivesse compartilhando suas impressões, mas a vontade de dividir e entender um pouco melhor o que estavam pensando e fazendo¹²⁹. Trata-se de informações colhidas por meio de entrevista, mas também de opiniões, versões, relatos, ligações ou confidências que nasceram da familiaridade com a minha própria inquietação, não porque sejamos pesquisador e pesquisado, amigos ou confidentes, mas porque tanto eu como os noivos estávamos falando a “mesma língua”.

Em linhas gerais, os interlocutores da pesquisa compartilham comigo de uma mesma situação de classe, no sentido de que além de desfrutarem de um mesmo background cultural são também extensões de meu círculo de relações, o que necessariamente inclui parentes, amigos e colegas de trabalho que possuem qualificação superior, exercem funções liberais ou atuam no setor público e desfrutam de renda que varia entre dois e dez salários mínimos.

Além do segmento social, foi necessário ainda estabelecer recortes que levassem em consideração os temas lançados pela revisão bibliográfica. Neste sentido optei por 1) limitar o tamanho do grupo a cinco casais (ou noivos quando fosse o caso) em virtude da profundidade pretendida com a abordagem do tema, e dar preferência a interlocutores 2) heterossexuais, em vista da discussão sobre o recorte de gênero; 3) não coabitantes, pela possibilidade de compreender o significados da moradia e da conjugalidade na construção do relacionamento; e 4) que estivessem em seu primeiro ano de noivado, face o interesse pelos efeitos que o ritual exerce no processo de socialização. Para recrutar estes interlocutores, no entanto, precisei contar com a mediação de amigos, parentes e colegas de trabalho que estavam noivos ou possuíam em sua rede pessoal noivos dispostos a colaborar com a pesquisa. Conforme explicarei adiante, a pesquisa estava prevista para ser realizada apenas na cidade Belém, mas dadas as contingências vividas no curso da investigação, também contei com a

¹²⁹ Já que pedimos que compartilhassem toda essa informação pessoal, prometemos anonimato. Isso significa que os nomes mencionados são fictícios.

colaboração de interlocutores em Teresina, capital do Piauí, e em Brasília, no Distrito Federal.

Aperfeiçoando as técnicas de interlocução

Se por um lado os critérios de escolha dos interlocutores e a fórmula para recrutá-los dependia exclusivamente de minha própria iniciativa, as ferramentas de investigação que seriam utilizadas como técnica de aproximação mereceram atenção. Isto porque, a experiência obtida com a pesquisa de mestrado (ALENCAR, 2011) demonstrou que o acesso e a relação estabelecida com os interlocutores decorriam do uso adequado das mesmas. Neste sentido, optei por aperfeiçoar as ferramentas que tinha em mãos adequando-as aos objetivos em vista.

A primeira delas envolvia a revisão do formulário que havia utilizado durante a pesquisa anterior. Empregado inicialmente para abordar o perfil dos noivos e as características básicas em torno da escolha do cônjuge, como "tempo de namoro", "local do encontro", "iniciativa para o pedido de casamento", "influência familiar", o formulário foi ampliado com a finalidade de 1) explorar a identidade dos interlocutores, a formação do casal, as características e valores que cercam o relacionamento, as expectativas, os projetos e as crenças a respeito do casamento e da conjugalidade; e 2) extrair das respostas ao mesmo, o conteúdo a ser explorado por meio de entrevistas¹³⁰.

Além do formulário também desenvolvi e aperfeiçoei o roteiro utilizado durante as entrevistas. A opção pelo mesmo se deu em razão do número limitado de interlocutores selecionados para a pesquisa, além de favorecer os objetivos previstos com sua aplicação através da entrevista¹³¹, isto é, permitir diálogos mais longos e profundos; relacionar o objetivo pretendido com as informações apresentadas pelo interlocutor; e permitir que eu realizasse novas entrevistas a fim de explorar o conteúdo das informações apresentadas. Problematizando o que Bourdieu (1996) chama de biografia, as entrevistas tiveram como finalidade vasculhar mais a fundo a experiência do entrevistado, buscando através da técnica de reformulação, a descrição, o mais

¹³⁰ Para aperfeiçoar o formulário realizei uma pesquisa piloto. Para isso contei com a colaboração de Luana e Rui, casal de amigos que havia noivado enquanto eu planejava o desenvolvimento da pesquisa. Na ocasião eles responderam uma primeira versão do documento tecendo comentários sobre o mesmo e sugerindo a inclusão e exclusão de itens.

¹³¹ O emprego da entrevista como método de obtenção dos dados levou em conta sua importância para contextualizar ações, valores e significados dos indivíduos e cujo acesso só é alcançado pelo estímulo ao discurso reflexivo e retrospectivo sobre suas experiências.

detalhadamente possível, das dimensões psíquicas, afetivas e motivacionais que o fizeram escolher o noivado como relacionamento e rito social.

Para esta tarefa contei com a colaboração de uma amiga (a quem chamarei de Liane) que aceitou responder o formulário e testar as perguntas do roteiro semanas após seu casamento. A ocasião em que se deu o nosso encontro, porém, ofereceu oportunidade para antecipar algumas situações que foram recorrentes durante a pesquisa.

O encontro com a Liane e seu esposo – que até aquele momento, não conhecia – foi marcado pelo Facebook (apesar de minha insistência em chamá-la ao celular) para ocorrer numa manhã de sábado no Bar do Parque, localizado na Praça da República, centro de Belém. As características desta abordagem e do local marcado para o encontro, no entanto, foram assimiladas por mim como importantes evidências do que viriam a ser as negociações para obtenção dos dados através das entrevistas. Primeiro, porque os entrevistados – à exceção de meus amigos e parentes – deram preferência pelo contato por meio de aplicativos de mensagens, argumentando que esta seria uma forma de ter acesso, com maior precisão e riqueza de detalhes, a meus dados pessoais e a natureza de minha pesquisa. Segundo, porque, mesmo sendo amigos – não tão íntimos é verdade –, o horário e o local do encontro foram definidos depois de uma longa negociação, o que envolveu, sucessivamente, o consentimento imediato, o declínio baseado na recusa do parceiro¹³², minha insistência, um aceite hesitante, a espera pela aprovação do parceiro e dois adiamentos¹³³.

A escolha do local para a entrevista, neste caso, um espaço público, por sua vez, também mereceu minha atenção, mas por dois motivos que eu só conseguiria interpretar no curso da investigação: 1) pelo tipo de vínculo com os interlocutores; 2) pela identidade de gênero. Ou seja, o local da entrevista era inicialmente em um local público, como espaços de alimentação ou áreas comuns de condomínios, quando os

¹³² Antes de iniciar as conversações com Liane também tentei entrevistar Manuela, nossa amiga em comum, e que havia noivado no primeiro semestre de 2014. Assim como Liane, ela também concordou, mas foi demovida da ideia pelo parceiro que após consultado não concordou com a ideia de dividir a história do casal com um “amigo desconhecido”.

¹³³ Tanto nesta como nas entrevistas seguintes, o lugar e o horário foram escolhidos pelos interlocutores. Considerava que essa era uma forma de mostrar minha total disponibilidade para entrevista-los além de ser uma forma de ajustar minha agenda às suas rotinas pessoais e profissionais. Algumas vezes, no entanto, tive de lidar com o que considerava uma total falta de consideração, como mudar o local do encontro enquanto me dirigia para o mesmo ou desmarcar o encontro uma hora depois de eu estar no local combinado.

interlocutores ou um dos interlocutores eram contatados por um mediador em comum. Nas entrevistas seguintes, porém, a tendência era de que a entrevista fosse marcada para um local mais privativo, como o local de trabalho ou a própria residência do interlocutor.

Isso demonstra que, mesmo entre pessoas "conhecidas", paira uma noção de intimidade que combina, ao mesmo tempo, o tipo de vínculo existente (próximo ou distante), os marcadores sociais em pauta (o gênero, no caso observado, mas o nível de instrução e o pertencimento social também desempenham sua importância, conforme se verá adiante) e a confiança gerada a partir disso. Como interação, a entrevista com os noivos estava fadada, desde então, a ser um constante aprendizado (mas poderia também chamar de jogo) sobre as incertezas da interlocução inicial¹³⁴.

Após nos cumprimentarmos e só então ser apresentado a William, o marido de minha amiga, esclareci sobre a pesquisa e detalhei os motivos para solicitar aquele encontro. De posse do formulário, pedi-lhes que respondessem e ao final me dissessem o que achavam do mesmo.

Durante o preenchimento, o casal cerrava recorrentemente os olhos e lançava sua vista no horizonte, talvez tentando entender alguma questão. Informando que estava ali para ajudar, só fui acionado duas vezes apenas para ajudar a compreender palavras do texto. Ao final, Liane, que tomava as iniciativas pelo casal, considerou algumas das questões desagradáveis, mas entendia que as mesmas tinham sua razão para estar ali. William, por sua vez, acrescentou que somente uma revisão da ordem com a qual as questões haviam sido formuladas diminuiria o constrangimento. Mesmo sendo expostas com simpatia, perguntei ao casal o que havia nas questões que tanto os incomodava. Liane enfatizou que o seu embaraço resultava das perguntas que envolviam experiências amorosas passadas. Já William lembrou que uma das razões para resistir aquele encontro era a ideia de ser questionado por um desconhecido, cuja relação com a esposa não lhe era familiar¹³⁵.

¹³⁴ A primeira entrevista com os noivos sempre se revelava cercada de curiosidades. Os noivos tendiam a estranhar as questões e dar respostas desconcertadas quando alguma delas lhes fazia refletir sobre o que lhes parecia óbvio ou como me disse Alan em nosso segundo encontro: "eu não tinha pensado naquilo".

¹³⁵ Dias depois, após agradecer Liane pela entrevista, ela me confessou, por meio de uma mensagem no Facebook, que só convenceu o marido a comparecer ao encontro após passar alguns dias explicando que havíamos nos conhecido através de uma amiga em comum e que durante todo o período em que frequentávamos a universidade não estabelecemos nenhum relacionamento amoroso ou sexual.

Em linguagem comum diz-se que para “quebrar o gelo” os interlocutores devem se tornar mais familiares entre si. Acredito que o formulário, apesar dos constrangimentos apontados pelo casal, favoreceu essa familiaridade, que já existia no caso de minha amiga, mas se tornou maior em relação ao seu marido quando passamos à entrevista propriamente dita. Com base nele, o casal explorou passagens do relacionamento que indicavam a razão para o noivado e o casamento e chamou a atenção ainda para os significados do noivado com base na identidade de gênero. Liane ressaltou, por exemplo, que apesar do desejo de fazer um casamento simples – o que para ela correspondia a celebrar o “casamento no cartório” – reconhecia a existência de um imaginário que exige das mulheres maior inclinação para viver o que chamou de “sonho do casamento”, o que a fez acusar sua mãe, a avó, tias e amigas de serem as responsáveis pela dívida que assumiu e pelo tempo que perdeu procurando igreja onde realizou o casamento (no caso, a igreja do Bom Remédio, localizada no bairro Satélite), realizando o curso de noivos e escolhendo um lugar para passar a lua-de-mel.

William, por sua vez, reproduziu um padrão que seria a norma entre os homens durante as entrevistas: foi lacônico em suas respostas. Além disso manteve-se pouco inclinado a refletir sobre o noivado como uma experiência aproveitando apenas para denunciar a insistência de seus familiares em fazer o casamento na igreja, mesmo confessando que não se considerava religioso e ter frequentado o curso de noivos contrariado. Ainda assim, afirmou que gostou do resultado do casamento, uma vez que diferentemente do que normalmente acontece não precisou “gastar rios de dinheiro” para realizá-lo.

Antes de concluir nossa entrevista, Liane me deu uma importante sugestão: digitalizar e enviá-lo aos interlocutores por e-mail ou disponibilizá-lo na plataforma *Google Forms*. Segundo ela, isso tornaria mais fácil o preenchimento do mesmo e reduziria o número de encontros para conclusão das entrevistas. De fato, já havia notado que o uso do papel como recurso para o preenchimento do formulário fora objeto de reclamação em oportunidades anteriores, uma vez que o espaço diminuto limitava as respostas em questões discursivas. Pela mesma razão, questionavam se havia necessidade de nos encontrarmos apenas para preencher o formulário se os protocolos de contato e apresentação já haviam sido realizados pessoalmente ou por mediadores.

As considerações do casal introduziam importantes contribuições à pesquisa e por essa razão foram acolhidas¹³⁶, mas não sem antes problematizar o tipo de relação que eu desejava construir com os interlocutores ao longo da pesquisa. Tomando como referência a experiência obtida durante o mestrado e a própria bibliografia, a relação que eu poderia construir com os interlocutores correspondia à relação dos mesmos com sua própria experiência nupcial, ou seja, dependia do espaço que o assunto ocupava em suas vidas. Como os noivos não formam uma comunidade e eu não teria vantagem de poder armar uma barraca em sua sala de estar ou acompanhar sua rotina de forma sistemática e presencial, tudo que poderia fazer era recorrer a sua boa vontade esperando obter deles a aprovação para nos encontrarmos e obter dados que justificassem a realização de minha pesquisa.

Nossa relação, portanto, se dava em torno do tema, mas de forma abreviada e condicionada ao ritmo da vida no contexto das camadas médias urbanas¹³⁷. Isso exigiu de mim o melhor aproveitamento possível do tempo que tinha para realizar as entrevistas, além do maior refinamento na análise do conteúdo obtido.

No meio do caminho... as contingências

Após as revisões definitivas e a adoção dos procedimentos e sugestões, tanto o formulário, como o roteiro com as perguntas estavam prontos para serem utilizados. O formulário, contudo, fora utilizado em duas situações distintas. Na primeira delas, em virtude do interesse despertado por uma matéria publicada sobre o desenvolvimento de minha pesquisa¹³⁸, quando passei semanas recebendo e-mails de inúmeros noivos a fim de obter autorização para preencher o formulário que se encontrava disponível na plataforma *Google Forms* (APÊNDICE C).

¹³⁶ Antes de utilizar a plataforma sugerida, passei algumas semanas aprendendo a operá-la. Desde então, o formulário passou a ser o instrumento utilizado na pesquisa para expor aos noivos a constelação de temas associados à sua experiência. O mesmo era enviado após o contato inicial. Em duas oportunidades, porém, os noivos contatados se recusaram a dar continuidade ao preenchimento por sentirem-se constrangidos diante das perguntas.

¹³⁷ Isso não evitou, porém, que eu me deparasse com bate-bocas acalorados, acessos de choro, pedidos de orientação e confissões pessoais por parte dos noivos. Refletindo o próprio significado que a experiência nupcial alcança na vida dos sujeitos, estes dados foram incorporados ao trabalho como variáveis que ilustram a construção do objeto de pesquisa.

¹³⁸ Matéria veiculada em 21 de agosto de 2015 no site da Assessoria de Comunicação Institucional da Universidade Federal do Pará com o título "Pesquisa da UFPA analisa compromisso e casamento". Acesso <https://ascom.ufpa.br/index.php/banco-de-pautas/82-romance/113-pesquisa-da-ufpa-analisa-compromisso-e-casamento>. A mesma foi produzida por Glauce Monteiro após entrevista concedida a mesma.

Como os limites da pesquisa estavam sendo formulados com base no alcance que o noivado, enquanto rito social, poderia alcançar, incorporei as informações destes noivos não sem antes avaliar, item a item respondido, sua validade para o desenvolvimento da pesquisa. Com base nisso foram incorporados à minha análise os dados fornecidos por 17 (dezesete) noivos, dos quais quatro noivos residiam em Belém (PA), dois noivos residiam em Castanhal e os demais nas cidades de Jacundá (PA), Teresina (PI), Camaçari (BA), Caicó (RN), Petrolândia (PE), Aracati (PE), Peixoto de Azevedo (MT), Juiz de Fora (MG), Iguape (SP), São Paulo (SP), Itaperuna (RJ).

O formulário também fora aplicado, conforme previsto inicialmente, diretamente entre janeiro de 2015 e junho de 2016, junto a 27 (vinte e sete) noivos contatados a partir da relação pessoal ou por indicação de minha rede pessoal nas cidades de Belém (prevista inicialmente para ser a cidade onde realizaria a aplicação da pesquisa), Teresina e Brasília, cidades onde residi ao longo da realização deste trabalho e cuja realização da pesquisa foi favorecida pela combinação de duas contingências pessoais.

A primeira delas se deu em razão da gravidez de minha esposa, Alice, o que coincidiu com o início da pesquisa em Belém. Por razões familiares resolvemos ter e cuidar de nosso filho em seus dois primeiros anos de vida em sua cidade natal, Teresina, o que me levou a dividir meu tempo como professor em Belém e pai naquela cidade. A segunda, como consequência dessa particularidade, me levou a repensar o cronograma e o desenvolvimento da pesquisa. Isto porque, até agosto de 2015 a pesquisa estava prevista para ser realizada exclusivamente em Belém, combinando o recurso às entrevistas com o trabalho de campo junto aos cursos de noivos (conforme abordado na parte 3).

Ocorre que após solicitar liberação para realizar o meu doutorado em tempo integral, o órgão onde exerço minha atividade docente requereu apresentação de justificativa, uma vez que esta solicitação só poderia ser contemplada caso houvesse a necessidade da pesquisa de campo ou matrícula em pós-graduação em cidades distantes 200 km do local onde trabalhava¹³⁹. Levando em conta o consentimento e estímulo de minha orientadora, abracei essa oportunidade visando ampliar o número de interlocutores – o que até aquele momento se apresentava como uma limitação para

¹³⁹ Esta solicitação foi atendida através da Portaria nº 1731/2015.

o desenvolvimento da pesquisa – sugerindo ao órgão que além da pesquisa em Belém também realizaria trabalho de campo em Teresina ao longo do período em que residiria naquela cidade, entre janeiro de 2016 e janeiro de 2018¹⁴⁰.

Em janeiro de 2016, contudo, tomei ciência de que a disciplina “Antropologia das Sociedades Complexas: Parentesco e Dinâmicas Familiares”, seria ofertada durante o primeiro semestre daquele ano pela Professora Andrea de Souza Lobo, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Nacional de Brasília (UNB). Contando novamente com a aprovação de minha orientadora e o interesse em realizar um intercâmbio acadêmico, matriculei-me no curso e estabeleci residência na cidade de Brasília, inicialmente na Asa Sul – nome dado a um dos bairros do Plano Piloto – e posteriormente em Sobradinho – região administrativa localizada a 18km de Brasília – a convite de uma tia-avó pertencente a minha linhagem paterna.

Ao longo desse período presenciei as tensões familiares protagonizadas por um casamento que, a despeito de ser “apenas” uma festa para oficializar a união de 16 anos de meu primo, Renato, com sua esposa, Renata, causou um intenso conflito de interpretações sobre o seu significado. Para a esposa, que se considerava “noiva”, o casamento era a primeira oportunidade que uma mulher de sua família tinha para realizar o “sonho de usar véu e grinalda”. Para o marido e seus familiares tudo aquilo não passava de um “capricho”, cujo principal consequência era causar prejuízos financeiros. A interlocução com os noivos locais, porém, se deu mais precisamente a partir da mediação protagonizada por Renata, que além de compartilhar sua experiência no intuito de vê-la registrada na pesquisa, aproveitou o meu interesse pelo tema para me apresentar a um grupo de noivas que, assim como ela, vivia situação semelhante e havia se reunido num grupo de WhatsApp para dividir suas experiências e trocar informações sobre produtos e serviços do mercado de casamentos.

Recrutando os interlocutores

¹⁴⁰ Essa solução, ainda que improvisada, não foi adotada sem antes catalogar as produções acadêmicas que tratam da ritualização nupcial em ambas as cidades. Neste caso, saltou aos olhos a quantidade de escritos que exploram o tema, mesmo que transversalmente, a partir de diferentes recortes teóricos e sócio-históricos em Belém, conforme demonstram os trabalhos de Cancela (1997 e 2006), Lago (2002), Souza (2002), Malcher (2002), Estumano (2004), Abreu (2006), Pantoja (2007), Aguiar (2009), Campos (2009) e Amaral (2011). Em Teresina, contudo, somente o trabalho de Cardoso (2010) demonstrou atenção para a temática.

A seleção dos interlocutores escolhidos para as entrevistas, conforme reiteradamente observado, foi definida a partir da mediação de parentes, amigos e colegas de trabalho e da aplicação do formulário (entre janeiro de 2015 e junho de 2016), primeiro avaliando seu pertencimento ao segmento escolhido para a análise, o que era possível saber através do próprio acesso aos mesmos, em seguida avaliando sua disposição para explorar o conteúdo do tema nas sucessivas etapas em que a pesquisa seria desenvolvida. Neste sentido, foram selecionados 27 noivos que individualmente ou aos pares realizaram 44 entrevistas semiestruturadas conforme detalhado no quadro abaixo¹⁴¹.

¹⁴¹ Trinta e uma entrevistas foram realizadas no local de moradia dos interlocutores, sete em lanchonetes, restaurantes ou bares e seis em seu local de trabalho.

Quadro 3 – Identificação dos interlocutores, do período, local e tempo das entrevistas realizadas.

Nome	Período das entrevistas	Local	Total de entrevistas	Tempo (em minutos)
William	Dez. 2014 – Jan. 2015	Belém	1*	30
Liane	Jan. 2015 – Jan. 2015	Belém		
Alan	Set. 2015 – Fev. 2017	Belém	3	84
Aline	Dez. 2015 – Fev. 2017	Belém	1	16
Carlos	Fev. 2016 – Set. 2016	Belém	2	68
Carla	Mar. 2015 – Set. 2016	Belém	2	57
Daniela	Fev. 2015 – Set. 2016	Belém	4	156
Daniel	Fev. 2015 – Set. 2016	Belém	1	21
Eduarda	Fev. 2016 – Out. 2016	Belém	2	136
Eduardo	Dez. 2014 – Ago. 2017	Belém	3	162
Fernanda	Mar. 2016 – Abr. 2016	Teresina	1	45
Gabriela	Abr. 2016 – Jan. 2017	Teresina	2	67
Gabriel	Mar. 2016 – Jan. 2017	Teresina	2	57
Heitor	Dez. 2015 – Jan. 2017	Teresina	2	75
Helena	Dez. 2015 – Jan. 2017	Teresina	1	29
João	Jun. 2016 – Dez. 2017	Teresina	4	196
Joana	Mai. 2016 – Dez. 2017	Teresina	1	55
Luiza	Ago. 2016 – Abr. 2017	Teresina	2	89
Luiz	Nov. 2016 – Abr. 2017	Teresina	1	47
Marcelo	Jun. 2016 – Jun. 2017	Brasília	2	113
Marcela	Mai. 2016 – Jun. 2017	Brasília	1	86
Paulo	Jun. 2017 – Jun. 2017	Brasília	1	66
Paula	Mai. 2016 – Jun. 2017	Brasília	2	52
Renata	Mar. 2016 – Jun. 2016	Brasília	1*	32
Renato	Mar. 2016 – Jun. 2016	Brasília		
Vítor	Mai. 2016 – Jun. 2017	Brasília	2*	163
Vitória	Jun. 2016 – Jun. 2017	Brasília		
Total			44	1932
*Entrevistas realizadas com o casal				

Fonte: Diário de campo e registro de áudio.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semiestruturado e uso de gravador portátil (o que resultou em mais de 32 horas de gravação posteriormente transcritas e analisadas). As mesmas se dividiram em: 1) uma entrevista com roteiro baseado no formulário e destinada a compreender a experiência nupcial explorando: a formação dos casais a partir das motivações, significados e características que cercaram as diferentes etapas do relacionamento, com especial atenção para a experiência do noivado; a identidade dos sujeitos a partir dos marcadores de gênero e da performance nupcial representada pelo uso da aliança e das expectativas sociais associadas a ritualização nupcial; as práticas, emoções e normas que caracterizam o pedido de casamento, a festa de noivado e o seu anúncio aos familiares; os sentimentos presentes na construção da afinidade entre os parceiros, chamando atenção para o uso da expressão "química"; 2) uma ou duas entrevistas realizadas com o objetivo de refletir sobre: a preparação e ritualização do casamento, chamando atenção para a crença na eficácia da religiosidade, das bênçãos e dos cursos de noivos como ordenadores do projeto nupcial; o imaginário nupcial a partir da categoria "sonho", tendo como referência a influência exercida pelo gênero e a indústria do casamento; o significado da moradia bem como sua influência no planejamento do casamento e na divisão do trabalho entre os noivos; a socialização dos casais tendo em vista sua trajetória afetivo-sexual e o papel coercitivo exercido pela família e o meio social na reprodução de práticas nupciais e modelos de relacionamento conjugal; o papel da intimidade e da sexualidade no relacionamento, com especial atenção ao uso da categoria "teste drive" na construção da conjugalidade como marcador da identidade social dos sujeitos; os conflitos resultantes das diferentes visões de mundo dos noivos, bem como as estratégias encontradas para dar continuidade ao relacionamento; 3) uma entrevista realizada, quando possível, logo após o casamento. Nesta última etapa esperava-se que eles discorressem sobre: o ritual do casamento e as implicações que sua realização exerceu sobre a emoção, a performance e a renda dos interlocutores, bem como avaliem o alcance das expectativas produzidas durante o noivado em torno de sua preparação e execução; o significado da conjugalidade e da identidade de casado(a); e os efeitos que a coabitação exerce sobre o relacionamento e a divisão

do espaço e do trabalho doméstico, chamando atenção para o uso dado a categoria "rotina"¹⁴².

Influenciado pelas contribuições de Gonçalves (1999) sobre o estudo da conjugalidade em camadas médias na cidade de Belém, uma das fórmulas que mais utilizei para levar adiante a tarefa proposta com esta metodologia sem perder de vista a necessidade de familiarizar-me com os noivos foi iniciar as entrevistas perguntando “E o noivado, como vai?”¹⁴³ Na maioria das vezes, como se estivessem em busca de uma audiência cativa, noivos e noivas discorriam sobre o relacionamento de forma desordenada, chamando atenção para sentimentos, expectativas, conflitos e transformações vividas no curso do relacionamento. Logo, embora estivesse ali para encontrar conexões e situar suas narrativas em relação aos meus próprios interesses, as relações que construí ao longo desse processo me deram a oportunidade para entender o modo como cada um estava sendo afetado pela experiência de ser noivo(a).

O primeiro interlocutor com quem construí essa relação foi Eduardo, cujo noivado com Eduarda fora registrado e compartilhado por minha amiga e então colega de trabalho Diucele Furtado em suas redes sociais durante as festas de final de ano de 2014. Na ocasião pedi-lhe que entrasse em contato com Eduardo, de quem era amiga pessoal, para informa-lo sobre o meu interesse em conversar sobre aquele evento.

Como se tornou comum ao longo da pesquisa, nosso primeiro contato se deu por meio do aplicativo WhatsApp em janeiro de 2015. Por meio dele negociamos o envio do formulário e, após o mesmo ser respondido, o nosso encontro que viria a ser sucessivamente adiado ou cancelado nos seis meses seguintes, em razão de sua longa e exaustiva atividade como professor de geografia em cursinhos vestibulares

¹⁴² As entrevistas duraram cerca de 40 minutos em média. Estas, no entanto, estavam sempre sujeitas à disponibilidade de cada um dos noivos e por isso resultavam de negociações que ocorriam com semanas ou meses de antecedência. Recusas e desistências não eram incomuns e em mais de uma dezena de vezes os noivos, apesar do interesse inicial, retornavam meu contato declinando da ideia após consultar o parceiro – o que era mais comum entre as noivas – ou por considerar o formulário “mais profundo” do que inicialmente imaginavam ou por achar que meu trabalho “tocava em assuntos íntimos demais para serem conversados com um estranho”. Apesar da irritação e da sensação de desânimo que o abandono inesperado causava para meu planejamento, estes dissabores estavam previstos, afinal de contas todos os interlocutores contatados estavam vivendo suas vidas até eu aparecer trazendo-lhe dúvidas e comprometendo o transcurso de suas rotinas.

¹⁴³ Refiro-me ao fato de que no intuito de estudar os significados da conjugalidade em Belém, esta pesquisadora conduziu sua dissertação procurando responder a pergunta “E o casamento, como vai?”

de Belém e cidades do interior do Estado, como São Miguel, onde sua noiva residia e trabalhava.

Quando finalmente nos encontramos, em agosto de 2015, Eduardo me recebeu na casa de quatro cômodos em que morava com a mãe, uma irmã e uma cadelinha, em uma via estreita e tortuosa do bairro da Cremação, periferia de Belém. Nossas quatro entrevistas foram realizadas em seu quarto. Eduarda, por sua vez, só foi entrevistada um ano depois de nosso primeiro contato, quando veio a residir em Castanhal após conseguir emprego como secretária de uma escola. A interlocução com o casal permitiu ainda acompanhar os preparativos do seu casamento, uma vez que fui convidado para sua celebração.

Daniela e Daniel, foram apresentados por Margareth Dias, à época, bolsista de pesquisa do Museu Emílio Goeldi, e prima da noiva. O casal à época fazia mestrado na Universidade Federal do Pará, local onde se conheceram e deram início ao relacionamento. Isto facilitou nossos dois primeiros encontros, ambos realizados na própria universidade em fevereiro e agosto de 2015. Em dezembro de 2015 voltamos a nos encontrar para uma entrevista realizada na lanchonete do supermercado Líder, localizado no bairro do Marco, um bairro de classe média.

Assim como Eduardo, no decorrer do noivado, Daniela mudou de opinião acerca do casamento. Enquanto nas primeiras entrevistas procurou ressaltar que estava planejando um “casamento dos sonhos”, dedicando-se a preparar um casamento na praia ou numa colina, nos encontros seguintes enfatizou o sentido vocacional e o desejo de casar segundo a tradição católica. Essa mudança foi influenciada pela participação do casal no “Encontro de Namorados Firmes”, evento organizado pela pastoral familiar da Igreja de Santo Antônio de Lisboa, localizada no bairro de Batista Campos, e pelo próprio noivo, que a demoveu de suas ideias julgando que as mesmas eram pautadas pelo “imaginário do casamento comercial”.

Após 3 meses de ocorrido o casamento nos encontramos pela última vez em setembro de 2016, quando visitei o casal no apartamento onde estavam morando, no bairro de Nazaré, área nobre da cidade.

Carla e Carlos, por sua vez, foram apresentados por Talita que, assim como eu, participou do 44º Encontro de Casais com Cristo da paróquia da Santíssima Trindade em Belém em outubro de 2014. Carla e Talita são primas. Diferentemente dos outros casais os noivos não foram entrevistados na companhia um do outro durante o

noivado. A primeira entrevista com Carla ocorreu no hall do prédio onde ela morava quando solteira, no bairro da Pedreira, e a segunda no escritório da clínica onde trabalhava como revendedora de remédios, emprego que exercia no intervalo de seus plantões como enfermeira em um Pronto Socorro. Carlos, que assim como a noiva me recebeu no hall do prédio onde morava, só aceitou ser entrevistado em fevereiro de 2016. A última entrevista com o casal ocorreu em setembro de 2016, três meses após o casamento, no apartamento que haviam alugado no bairro do Umarizal, área nobre da cidade.

O grupo formado pelos noivos de Belém compreendia ainda Alan, professor da rede pública, e sua noiva, Aline, advogada e empresária. As entrevistas com o casal se deram no apartamento onde Alan morava com a mãe, no bairro de Nazaré. Aline morava com os pais em São Braz, principal via de acesso ao centro de Belém.

O noivado do casal tornou-se objeto de meu interesse a partir do contato profissional com o noivo. Com acesso facilitado acabei por acompanhar as negociações e conflitos do casal sobre a maneira pela qual iriam formalizar a união, ou seja, se no civil ou no religioso. Alan argumentava que estava casando por se tratar de uma convenção, mas que só faria o casamento no religioso se pudesse oferecer uma “festa pomposa”; do contrário, não sentiria vergonha de reunir suas famílias para fazer um churrasco.

Aline, por sua vez, via o noivado como uma oportunidade para obter autonomia e a maior prova disso, segundo ela, era o seu empenho em comprar um imóvel para morar após o casamento. Aproveitava esse pensamento para se opor ao que considerava ser “sonho romântico” no qual toda mulher acredita que “para ser feliz tem que casar na igreja, se quando acorda da lua-de-mel não vai ter casa para morar” ou, o que é pior, “ficar pagando as prestações de algo que durou tão pouco”. Ela preferia concentrar suas energias e recursos na compra de um apartamento para o casal iniciar sua vida de casado.

Às vésperas do casamento, em janeiro de 2017, no entanto, fui procurado por Alan que anunciou o término do relacionamento pedindo que eu não relatasse sua experiência no trabalho. Após nos encontrarmos para saber o que havia acontecido consegui demovê-lo da ideia. Na mesma semana também consegui entrevistar Aline que me relatou sua versão para o fim do relacionamento.

As entrevistas com os noivos de Teresina tiveram lugar logo após minha chegada na cidade, em janeiro de 2016, e foram concluídas às vésperas de meu retorno para Belém, em dezembro de 2017. O primeiro casal entrevistado foi Helena e Heitor. O contato com os noivos se deu através de minha cunhada, irmã da noiva, que inicialmente indicou a irmã mais nova, mas declinou da ideia após saber que o parceiro, recém-saído de um divórcio, impediu a noiva a falar sobre o assunto.

Na ocasião de sua entrevista, ocorrida na casa onde morava com os pais e a irmã mais nova, no bairro Promorar¹⁴⁴, Helena era vendedora de carros. Após o casamento se tornou dona-de-casa e passou a fazer e vender bolos para obter renda. Heitor, por sua vez é professor da rede pública local. A entrevista com o mesmo ocorreu a duas semanas do casamento religioso durante o “chá-de-casa-nova”, evento em que o casal reuniu suas famílias para apresentar o apartamento em que iriam morar, recentemente reformado. O noivo também aproveitou o momento para refletir sobre os conflitos de valores que cercavam a realização do casamento, uma vez que ele, considerando-se pouco afeito com a religião católica, afirmava não compreender como a noiva e seus familiares acreditavam tanto que a realização daquela cerimônia, cujas despesas ficaram sob a responsabilidade exclusiva dos mesmos, seria suficiente para solucionar questões consideradas práticas por ele, como rotina conjugal e criação dos filhos.

Além de colaborar com suas entrevistas, Helena também foi responsável por indicar sua amiga, Fernanda, que à época estava noiva de Fernando, policial militar, e grávida de sete meses. Seu estado de saúde e a oposição do noivo em participar da pesquisa, dificultaram as negociações para a realização da entrevista que ocorreu apenas com a noiva e uma única vez na residência onde morava com os pais, no bairro Parque Piauí.

Gabriel e Gabriela, ambos arquitetos, foram indicados por intermédio de um primo de minha esposa, amigo e pertencente ao mesmo grupo religioso frequentado pelo casal¹⁴⁵. As três entrevistas com Gabriel se deram na residência de seus pais,

¹⁴⁴ Promorar é um bairro de conjunto localizado na Zona Sul da cidade de Teresina e distante cerca de nove quilômetros do centro. O mesmo se caracteriza por ter suas quadras e vias planejadas, possuir um intenso comércio e grande oferta de serviços públicos aos moradores.

¹⁴⁵ Gabriel também foi o responsável por me apresentar a Manuela, coordenadora da pastoral familiar, e Carlos, um amigo que havia ficado noivo na semana de nossa primeira entrevista. As conversações com Manuela para realizar a pesquisa no curso de noivos da Paróquia de Fátima foram bem-sucedidas. O mesmo não aconteceu na entrevista com Carlos. Isso porque após informar-lhe sobre a pesquisa e

no bairro de Fátima. As duas entrevistas com Gabriela, incluindo a última na casa do noivo, só foram possíveis em julho de 2016 e janeiro de 2017, quando a mesma encontrava-se aproveitando as férias da especialização que estava realizando na cidade de São Paulo.

O grupo formado pelos noivos de Teresina era composto ainda por Luiz e Luiza, ambos assistentes administrativos, e João, advogado, e Joana, servidora pública. Estes casais foram apresentados por Daniel, amigo e primo de minha esposa. As entrevistas com Luiz se deram em seu local de trabalho e na residência em que morava com os pais, no bairro Pedra Mole¹⁴⁶, ocasião em que também estava presente Luiza. Esta, por sua vez, foi entrevistada na casa onde morava com os pais no bairro Parque Piauí. Já os encontros com João e Joana se deram no escritório de advocacia onde o noivo é sócio, no bairro Jóquei, e na residência dos pais da noiva, no bairro de Fátima¹⁴⁷.

Em Brasília as entrevistas ocorreram em junho de 2016 e junho de 2017. Conforme antecipei acima, Renata foi a primeira interlocutora local bem como a principal responsável pelo contato com os demais casais que participaram da pesquisa. Ela, servidora do Ministério da Saúde, estava casada há 16 anos com Renato, bancário, e possuíam dois filhos. A entrevista com o casal ocorreu na cidade satélite de Sobradinho, na casa onde moravam com a mãe da noiva.

Renata foi responsável por me apresentar ao grupo de WhatsApp “Noiva Villa Regia” formado por noivas interessadas pela realização de sua cerimônia de casamento no Spazio Villa Regia, cobijado salão de recepção na região de Brasília.

obter seu consentimento para preencher o formulário Carlos retornou meu contato afirmando que havia declinado da ideia. Segundo ele o tema era complexo e algumas questões o deixaram constrangido. Além de ter se tornado um mediador, André, se notabilizou por ter se tornado um grande entusiasta da pesquisa. Segundo ele, sua própria disponibilidade em participar do trabalho tinha como origem a crença na possibilidade de melhorar o quadro dos relacionamentos atuais favorecendo os novos casais com informações e experiências que os ajudassem a superar as crises e impedir que os relacionamentos se dissolvessem com facilidade. Sua atitude me chamou atenção, pois eu nenhum momento da pesquisa eu demonstrei para os noivos que pretendia fazer da minha pesquisa um laboratório para testar as condutas que favorecem ou não casamentos bem-sucedidos ou militar a favor ou contra o casamento.

¹⁴⁶ Pedra Mole é o nome dado a um bairro de conjunto com apenas duas vias de acesso localizado ao norte de Teresina e distante cerca de treze quilômetros do centro.

¹⁴⁷ O bairro de Fátima fica localizado na Zona Leste de Teresina e é considerado pelos moradores locais, bem como pelos próprios entrevistados como um “bairro de elite”, uma vez que dispõe de infraestrutura, moradias e serviços destinados ao público de maior renda da cidade.

Durante suas conversações para convencer as noivas seis delas manifestaram desejo em colaborar, mas apenas três delas, Vitória, Paula e Marcela, a administradora do grupo, efetivamente se dispuseram a me encontrar¹⁴⁸.

Vitória, cantora, estava noiva de Vítor, produtor musical. Ambos moravam juntos na Cidade Estrutural. As duas entrevistas que realizei com o casal se deram em uma cafeteria no setor Sudoeste. A segunda nove meses após o casamento.

A primeira entrevista com Paula, funcionária pública, também se deu em uma cafeteria. A segunda entrevista, contudo, foi realizada na companhia do noivo, Paulo (funcionário de uma seguradora), no apartamento do casal em Águas Claras¹⁴⁹, dez meses após o casamento.

Por fim, foram realizadas três entrevistas com o casal formado pelos noivos Marcela, empresária e à época administradora do grupo de WhatsApp “Noivas Vila Régia”, e Marcelo, bombeiro civil. A primeira delas se deu com a noiva em sua loja de confecções em Taguatinga. A segunda com o noivo em uma cafeteria do Park Shopping, no Guará. A última entrevista se deu no apartamento do casal, também em Taguatinga 10 meses após o casamento¹⁵⁰.

¹⁴⁸ Uma das causas para a desistência das outras noivas foi a desconfiança levantada por uma série de boatos de que repórteres estavam se infiltrando em grupos de noivas para obter relato de vítimas da empresa Netto Galvão Decoração e Fotografia processada por descumprimento de contrato. A outra razão foi motivada pelo número de questões do formulário e pela necessidade da entrevista pessoal.

¹⁴⁹ Água Claras é uma cidade satélite localizada a cerca de vinte quilômetros de Brasília. Se caracteriza pelo grande número de prédios verticais, resultado da recente e acelerada expansão imobiliária ocorrida na última década.

¹⁵⁰ Taguatinga e Guará são cidades satélites com densa ocupação populacional e de intensa atividade comercial. Estão localizadas, respectivamente, a cerca de vinte e quatro e 16 quilômetros de Brasília.

CAPÍTULO 4

O SUJEITO RITUAL

Conforme antecipei no capítulo anterior, um dos obstáculos que permeia a generalização do noivado, ao menos no contexto desta pesquisa, está no fato de que os sujeitos não formam uma comunidade ou grupo. Seu pertencimento às camadas médias urbanas nada mais é do que uma estratégia metodológica utilizada para agrupá-los em torno de uma cosmovisão do mundo e de um esquema de condutas prescritas socialmente através de instituições, símbolos e papéis. De acordo com Salem (1980), são estas cosmovisões que ordenam e dão sentido às inúmeras experiências cotidianas permitindo que as condutas existentes adquiram um caráter objetivo e autoevidente (“consciente”) produzindo arranjos interativos sob a forma de processos de socialização.

Este agrupamento, portanto, não dispõe da solidariedade necessária para afirmar que as crenças, valores, ideologias e/ou práticas identificadas constituem unidades *per se*. É necessário comparar e identificar quais cosmovisões e condutas se traduzem naquilo que Turner (2013) chamou “sujeito ritual”, isto é, o indivíduo ou coletivo que estabelece relações definidas estruturalmente e cujo comportamento atende expectativas socialmente determinadas. Em um contexto liminar, como é o caso do noivado, o sujeito deve, portanto, reconhecer os códigos que tornam sua conduta eficaz.

A experiência dos interlocutores entrevistados, com alguns dos quais tive a oportunidade de me relacionar mais diretamente, permitiu notar que essas condutas resultam da crença em uma identidade, cuja existência está associada a um conjunto de códigos socialmente compartilhados. Pensando nisto, este capítulo se dedica a identificar os símbolos que definem uma pessoa como noiva retratar as concepções dos interlocutores sobre o estado nupcial, articulando a construção da identidade conjugal às características centrais que marcam esta ritualização, como a mudança de comportamento, a divisão-negociação dos papéis e o significado da afinidade e o papel das emoções.

Identidade e estilo de vida

Noivar é uma dessas práticas sociais que revelam não somente o modo como se pode operar um costume altamente significativo, mas também a competência para

negociar os significados de um tipo de relacionamento. É sempre bom lembrar que a genealogia das elites econômicas brasileira – conforme demonstrado por Piscitelli (2006) – ressalta em seu processo de reprodução a importância de fazer “bons casamentos”, e que o emprego dessa prática se espalha entre os demais segmentos levando a supor que ela se trata de um verdadeiro “estilo de vida”.

Para Bourdieu, estilos de vida constituem sistemas de desvios diferenciais que são a retração simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência, cujas práticas e propriedades constituem uma expressão sistemática de sua existência (BOURDIEU, 2003, p. 73). Ao estudar o noivado em camadas médias nas cidades de Teresina, Belém e Brasília observo que o noivado ressalta estes sistemas de desvios diferenciais tanto em sua ritualização como nas disposições dos sujeitos para reproduzir práticas consideradas consagradas. No centro dessa observação está o fato de que a oposição solteiro(a)-casado(a), vivida como ritualização, na verdade estabelece fronteiras no processo de institucionalização das relações de aliança.

A existência de um estilo de vida estaria, portanto, ligada à necessidade de reprodução das distinções simbólicas, o que, em outras palavras, significa a reprodução de códigos altamente eficazes na produção e distribuição de papéis sociais. Assim, quem escolhe casar ou morar junto fazendo do noivado um rito de passagem para tornar esse desejo realidade, recorre a esses códigos por meio de escolhas éticas e especulativas para saber como agir.

Segundo os interlocutores, a decisão de noivar se dá no namoro, relacionamento que para eles serve de “laboratório” para a identificação e escolha da “pessoa certa”. Associada a valores, como respeito, confiança e companheirismo, essa escolha é baseada na crença de que noivar é comprometer-se com um “relacionamento sério”, uma vez que se trata de uma escolha tradicional ou convencional que alcança seu lugar quando os sujeitos se veem motivados a formar sua própria família. Esta motivação, porém, não deixa de ser influenciada por comentários de parentes e amigos que com frequência questionam o casal de namorados sobre a natureza do vínculo (“quando esse casamento vai sair?”, “Não está na hora de vocês casarem?”) e as condições para o casamento, como idade, ocupação e renda.

Sobre a decisão de noivar os interlocutores consideram que a mesma se deu “na hora certa”, uma expressão que simboliza a crença de que para casar as pessoas não podem ser “muito novas” ou inexperientes em matéria de relacionamentos. Como

consequência, 56,8% dos noivos afirmou ter noivado entre os 25 e os 29 anos, tendo conhecido seus parceiros com uma idade média de 20 anos. Considerando o tempo entre o encontro e o início do relacionamento variar de 1 a 6 meses, o tempo médio de namoro, de 4 anos, e o de noivado, de 1 ano, esses noivos tendem a se casar próximo da média de idade observada para a população brasileira no último censo demográfico, que é de 30 anos¹⁵¹.

Tabela 5 – Faixa etária dos noivos ao iniciar o relacionamento e ao noivar. Valores relativos.

Faixa etária	Início do relacionamento	Ao noivar
14-19	51,2	4,5
20-24	25,6	22,7
25-29	16,3	56,8
30-34	7,0	9,1
35-39	0,0	6,8
Total	100,0	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

A referência à maturidade e à predominância do noivado na faixa etária observada coincidem ainda com o fato do casamento ser visto pelos noivos como o momento de entrada na vida adulta, o que em termos socioeconômicos envolve a aquisição de instrução, renda e o exercício de uma ocupação compatíveis com formação e manutenção de uma nova unidade doméstica.

Em relação ao nível de instrução, a maioria dos interlocutores (72,7%), segundo a Tabela 6, demonstrou que o noivado teve lugar após a conclusão do ensino superior.

¹⁵¹ Ao comparar este dado com o fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), nota-se a mesma correspondência com os dados sobre grupos etários presentes no Brasil, assim como sua similaridade com relação predomínio de casamentos entre os 25 e 34 anos observados na última década. A recorrência do noivado neste segmento etário também está ligada ao período da vida no qual os noivos estão atravessando a fase da escolaridade para a profissionalização, contexto no qual conhecem os seus parceiros e no qual colocam em curso projetos voltados para independência pessoal e estabilidade financeira. Esse dado combina-se ainda com a tendência cada vez maior dos jovens prorrogarem a saída da casa dos pais. Conforme aponta estudo do IPEA, num período de 20 anos, entre 1982 e 2002, a saída dos homens ocorria até aproximadamente os 38 anos. Em 2002, esse limite se estendeu por 1,5 ano. Entre as mulheres, a saída ocorre mais cedo, principalmente em razão do casamento. Em 1982, ela acontecia até aproximadamente os 31 anos e foi prolongada em mais 1 ano (IPEA, 2004). Esta pesquisa também aponta que em 1982 a saída de casa dava-se, principalmente, pelo casamento, ou seja, por estar assumindo o papel de cônjuge, porém nas últimas décadas vem se observando uma nova agência dos papéis sociais a partir de uma perspectiva onde prevalece a independência financeira e afetiva.

Eles, lembram, porém, que o relacionamento normalmente tem início durante a formação escolar ou universitária contexto em que se identificavam como estudantes ou estagiários. Este dado se relaciona com o observado nas Tabelas 07 e 08, onde se pode notar que, na maioria das vezes (54,6%), não só eles noivaram quando estavam no desempenho de atividades ligadas a ocupações liberais, como desfrutavam de uma renda variava predominantemente (63,6%) de um a cinco salários mínimos.

Tabela 6 – Escolaridade dos interlocutores ao iniciar o relacionamento e ao noivar. Valores relativos.

Escolaridade	Ao iniciar a relação	Ao noivar
Ensino Médio Incompleto	22,7	0,0
Ensino Médio Completo	9,1	4,5
Ensino Superior Incompleto	40,9	20,5
Ensino Superior Completo	22,7	72,7
Não declarado/Sem instrução	4,5	2,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

Tabela 7 – Ocupação/Atividade dos interlocutores ao iniciar a relação e ao noivar. Valores relativos.

Ocupação/Atividade	Ao iniciar a relação	Ao noivar
Estudante/estagiário	52,3	11,4
Empresário	0,0	2,3
Profissional liberal de nível médio (auxiliar administrativo, vendedor)	15,9	18,2
Profissional liberal de nível superior (professor, arquiteto, analista, biólogo, turismólogo)	22,7	36,4
Servidor público	2,3	13,6
Sem ocupação/não declarado	6,8	18,2
Total	100,0	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

Tabela 8 – Renda salarial mensal dos interlocutores. Valores relativos.

Renda Salarial mensal	(%)
Até 1	9,1
De 1 a 3	36,4
De 3 a 5	27,3
De 5 a 10	18,2

Mais de 10	6,8
Não declarado	2,3
Total	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

A predominância de relacionamentos cujo início se dá no período de qualificação profissional e o noivado, que ocorre após a formação e obtenção de emprego, pode estar ligada ao lugar de encontro dos noivos que em geral se dá em espaços de sociabilidade institucionalizada (57%), como é o caso da sala de aula de escolas e universidades e ambientes de trabalho, ao qual se somam também os espaços de vizinhança. Os demais noivos afirmam que encontraram seu parceiro em shows, festas, restaurantes, aeroportos, rodoviárias, praia, hotel, sites ou redes sociais na internet cuja sociabilidade tem a característica de ser imprevisível.

Quanto à recorrência do noivado em suas biografias, quase todos os noivos estavam tendo a primeira experiência de noivado¹⁵². A grande maioria (81%), porém, afirmou que antes de noivar já havia tido mais de um relacionamento de namoro ou “fica” com outras pessoas que não seus parceiros. Cabe pontuar, no entanto, a presença da assimetria entre homens e mulheres, pois entre os primeiros predominou uma média de quatro relacionamentos de caráter duradouro, havendo somente um noivo que havia namorado sete pessoas antes de conhecer sua parceira, enquanto entre as mulheres a média de relacionamentos foi dois, tendo uma única noiva informado que manteve cinco relacionamentos antes de conhecer o noivo.

Essa assimetria também se reproduziu nas entrevistas, uma vez que a exigência de maturidade e experiência parece ser válida apenas para os noivos, que afirmam “ter curtido/aproveitado bem sua vida”, argumentando que mantiveram vários relacionamentos amorosos e sexuais antes de tomar a decisão de noivar. Segundo Vítor e Marcelo, isso acontece porque a vida de casado é um assunto sério com o qual as pessoas só devem se envolver “após ter adquirido muita experiência”. As noivas, por sua vez, evitam enumerar suas experiências amorosas e se consideram preparadas para o casamento porque adquiriram instrução, estão empregadas ou conquistaram independência financeira.

¹⁵² Apenas Paula, noiva de Brasília, afirmou estar no seu segundo noivado. O primeiro havia ocorrido com um rapaz de Florianópolis-SC o qual ela conhecera pela internet.

A experiência à qual os noivos se referem, portanto, se dá, mais precisamente, no âmbito da sexualidade, na qual eles enumeram suas aventuras amorosas e sexuais demonstrando que isso lhes deu o aprendizado necessário para reconhecer quando o relacionamento com a parceira ficou “mais sério”, o que pode ocorrer quando se sentem ligados emocionalmente à parceira ou quando descobrem que as iniciaram sexualmente. O resultado disso é que para alguns dos noivos a expectativa com a realização do noivado, e conseqüentemente com o casamento, é o de tornar-se o único parceiro sexual de sua esposa, bem como o único a satisfazê-la sexualmente, nos casos em que a noiva já viveu outros relacionamentos¹⁵³.

Esta característica faz com que o noivado também seja visto como uma experiência na qual o casal tem a possibilidade de se “conhecer melhor” (Carla), negociando, assim, as diferenças que existem em benefício de um projeto que amplie a intimidade para além do âmbito sexual. Para isso, é necessário que os noivos se preparem sentimentalmente para assumir um compromisso que exige responsabilidades e respeito mútuo, o que requer deles uma mudança de comportamento que passa pelo reconhecimento de uma identidade baseada nas noções de amadurecimento e responsabilidade e na valorização da estabilidade financeira, da moradia neolocal e do desejo de constituir família.

Segundo os interlocutores, reconhecer e agir para que essa mudança produza uma nova identidade é o que distingue o namoro do noivado. Conforme observa Gabriela, “no namoro você tem planos, você vive planos com a outra pessoa. Mas o fato de ser pedida em casamento já requer uma certa responsabilidade maior, pois se passa a colocar esses planos em prática” (Gabriela). Isto significa que a medida que

¹⁵³ Entre os casais que integram movimentos religiosos ou que se filiam a estes por ocasião da preparação para o casamento, como Lavne e Bruno, que participaram do curso “Compromisso Precioso” em Brasília, e Daniela e Daniel, que frequentaram o “Encontro de Namorados Firmes” em Belém, pode ocorrer dos mesmos “firmarem propósitos”, isto é, promessas com vistas a santificar/consagrar o casamento. Nestes casos, os casais se privam de manter relações sexuais até a lua-de-mel quando acreditam que o casamento passou a ser definitivamente abençoado. É importante lembrar ainda que mesmo assumindo relevância no relacionamento, a atividade sexual não parece ser estimulada ou se intensificar durante o noivado. Diferentemente do que ocorre nos primeiros meses do relacionamento e no namoro, o noivado é marcado pela redução da atividade sexual. Entre as razões para isso está o fato de sua prática “ser menos carnal” (Alan) e ficar reduzida a uma única parceria, à idade ou a diferença de idades em que as “energias começam a diminuir” (ou precisam “entrar em equilíbrio”, como observou Eduardo em certa oportunidade), mas principalmente porque os noivos reconhecem que a intimidade favorece a qualidade de sua prática, o que significa dizer que estar comprometidos com o casamento os levam a ter menos relações sexuais, mas com maior intensidade e sentimento.

o noivado avança e a expectativa com o casamento e à formação da família aumentam, os interlocutores assumem uma nova performance demonstrando que estão passando por um processo de conversão, cujo caráter purificador ou sacrificial presente nesta mudança tem como objetivo sacralizar sua performance contrastando a identidade de solteiro com a identidade de marido, este mais valorizado no contexto conjugal por representar alguém "mais caseiro", com "mais compromisso" e que "valoriza as pessoas que realmente importam"¹⁵⁴.

As noivas, por outro lado, consideram que tornar-se noiva é dar início a um período de preparação para a formação da família, mas também de planejamento para a solenidade de casamento. Essa identidade é construída subjetiva e reflexivamente por meio da reprodução ou rejeição de práticas – extraídas do ambiente familiar ou do imaginário social – cujo significado afetam suas expectativas em torno da conjugabilidade. A convivência, o companheirismo, a cumplicidade, por um lado, e os conflitos, problemas, crises, falta de amor, por outro, são expressões que assumem a função de referência para as noivas em seu processo de identificação com o novo status.

Ficar noiva também leva as interlocutoras a refletir sobre o modo como se comportam, se portam e se vestem, conferindo a esta experiência os contornos de sua performance como sujeito. Segundo Carla

Muitas coisas mudaram quando eu fiquei noiva. A questão do respeito, como eu me comporto, como eu me porto, como eu me visto quando não estou com ele. Então eu fico pensando "será que uma noiva age dessa forma? Será que se eu só fosse namorada agiria dessa forma?" Porque pra ser noiva tem que ter comportamento diferente.

Reconhecer a necessidade de mudança é efeito da identificação da mulher com o status de noiva no espaço público, principalmente em decorrência do simbolismo representado pelo uso da aliança de noivado. Esta identificação não é imediata e tal como observa Daniela "leva um tempo para se acostumar", uma vez que apenas com o tempo e o modo repetitivo com que a mulher se vê obrigada a explicar – e com isso a refletir sobre – o que está fazendo, favorece sua conscientização sobre o papel a ser representado.

¹⁵⁴ Esta mudança ocorre com mais intensidade quando os casais decidem "morar junto", ocasião em que consideram ter a oportunidade para saber como é "viver a vida de casado" (Bruno). Este tipo de experiência é chamado também de "test-drive".

Considerando o caráter relacional e processual com que constroem essa identidade, os interlocutores recorrem a atributos físicos, psicológicos e morais do parceiro para justificar, tanto suas escolhas, como as performances que passam a adotar enquanto noivos ou noivas – desde que estas sejam compatíveis com a sua expectativa de cônjuge. Neste sentido, noiva-se porque reconhece-se que o parceiro é "maduro", "correto", "centrado", "honesto", "independente", "presente", "tranquilo", "bacana", "carinhoso", "protetor", "respeitador" ou alguém que "pensa em casar", "pensa no futuro", com quem "se pode contar". Da mesma forma, "passar confiança", "ser humilde", "ser bonita, mas ter conteúdo", "não ser festeira" são expressões comumente utilizadas para justificar que a decisão de se tornar noivo também foi influenciada pela performance da parceira¹⁵⁵.

Do ponto de vista das concepções de Pierre Bourdieu sobre os estilos de vida (BOURDIEU, 1983), este conjunto de preferências distintivas exprimem, em razão de sua lógica específica, um "subespaço simbólico", onde cada item representa a totalidade das expectativas que a identidade conjugal exerce sobre o interlocutor. Assim, a identificação dos atributos que conferem ao parceiro a qualidade de noivo ou noiva resulta da avaliação sobre a compatibilidade dos mesmos com o estilo de relacionamento pretendido, o que por definição se assemelha ao habitus, sistema de disposições duráveis e transferíveis que exprimem, sob a forma de preferências sistemáticas, capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados ante constrangimentos e coações do meio social¹⁵⁶.

Para compreender a relação entre o habitus e a compatibilidade com o estilo de relacionamento, basta saber que ao selecionarem o comportamento esperado, os interlocutores comparam os seus relacionamentos atuais com os anteriores ou com os relacionamentos de parentes que representam um tipo idealizado – tema abordado nos capítulos seguintes. Com isso, passam a dar ênfase às vantagens emocionais, afetivas e simbólicas que eventualmente tragam benefícios para o casamento ou lhe

¹⁵⁵ Nesse processo a aliança ou anel de noivado desempenha papel fundamental, pois seu uso, conforme argumenta Alan, "marca a pessoa" indicando a existência de um vínculo afetivo-sexual ou um compromisso de casamento que serve tanto para identificar seu portador como alguém cuja interação deve ser moralmente delimitada, como afetá-lo subjetiva e emocionalmente.

¹⁵⁶ A noção de habitus é cara as formulações teóricas de Pierre Bourdieu sendo larguissimamente empregada no conjunto de sua obra. Por meio dela o autor rompe com a dualidade da crença que distingue indivíduo e sociedade captando o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas. Neste texto empregarei a concepção discutida em Bourdieu (2003, p. 74).

ofereçam a oportunidade para "pensar no futuro com o objetivo de ter coisas, conseguir as coisas" (Joana). A comparação com outros relacionamentos é comum e quando isto se dá apontando o parceiro como um "homem maduro", como enfatizado por Joana, tem-se em conta a dimensão econômica que cerca a expectativa com o relacionamento:

Essa minha prima não pensa em casar, ela não tem perspectiva de futuro. O namorado dela é acomodado. Os dois já são formados. Ela é muito boa no que ela faz, mas o namorado dela é muito acomodado. Ele se formou e trabalha na empresa da avó dele e pra ele tá bom. Ele não tem perspectiva de crescimento. E o João sempre quis muito crescer. E eu acho que o pensamento dele sempre foi muito à frente. Ele nunca pensou como os meninos da idade dele, de sair, de ir pra farra.

Tornar-se noivo ou noiva, porém, não é o resultado de uma escolha unilateral, mas uma experiência que se dá tendo em vista a flexibilidade e a negociação como parte constitutiva de qualquer relacionamento, bem como a divisão e reprodução de papéis em que os marcadores de gênero estão permanentemente presentes nas representações que os interlocutores fazem do casamento.

Gênero: diferenças e negociações

Um detalhe fundamental da pesquisa é que a mesma contou com a maior disponibilidade e atenção das noivas, seja no preenchimento do formulário (62% do total), seja durante a realização das entrevistas dada a relativa facilidade encontrada para estabelecer contato, marcar o encontro e aprofundar o conteúdo do tema. Resultado das assimetrias de gênero, essa diferença se refletiu na riqueza de detalhes com que as noivas apresentaram seus relatos, realizaram confidências, se expuseram emocionalmente e procuraram obter informações da pesquisa que pudessem, à maneira de Daniela, lhe ajudar pessoalmente.

Conforme antecipei acima, esta assimetria também pode ser observada na quantidade de experiências afetivo-sexuais dos sujeitos, que tende a ser mais frouxa e estimulada entre os homens e mais rígida e vigilante em relação às mulheres. Esta circularidade¹⁵⁷ tem como efeito principal a adoção de papéis sociais típicos, que

¹⁵⁷ Uso a ideia de circularidade com a mesma intenção de Cancela (2006) ao discutir a fluidez e plasticidade dos corpos, das ideias e dos comportamentos no seio das relações amorosas e familiares.

fazem do homem, conforme se verá no capítulo seguinte, o protagonista da iniciativa do casamento, enquanto a mulher se torna a principal responsável pelos preparativos que cercam sua celebração.

A relevância do noivado como experiência, portanto, varia em razão do gênero do interlocutor, demonstrando que as normas e expectativas que cercam sua ritualização repercutem a divisão e reprodução de papéis existentes em camadas médias.

Refletindo sobre esses marcadores, os noivos consideram que suas práticas são pautadas pela disciplina, planejamento e programação, uma vez que ao se habilitar ao casamento um homem deve saber se dispõe de recursos financeiros, nível de instrução e qualificação profissional compatíveis com o novo status para propor isto à sua parceira. Isto também está associado à noção de que o noivado é um período em que eles devem se preparar para serem os principais provedores do lar, ao passo que as noivas devem desenvolver "a expressão das emoções" (Eduardo), assim como demonstrar mais inclinação para as atividades domésticas.

Com base nessa visão, Vítor argumenta que se sente na obrigação de chamar a atenção da parceira ao notar que ela não assume suas responsabilidades como dona-de-casa após decidirem morar junto:

Olha, o seguinte, você é dona da casa, você é mulher. Eu quero que você cuide dessa parte, a casa é responsabilidade sua. Chuveiro se tiver que arrumar eu arrumo, cano que estourou eu arrumo, por obrigação eu tenho que fazer. Agora arrumar a casa, deixar a casa arrumada, a louça limpa, isso aí é com você. (Vítor).

Marcelo, usando do mesmo raciocínio, também explica que "Na minha cabeça eu tenho que prover tudo. Trabalhar, colocar as coisas dentro de casa e ela cuidar da casa, mas ela também pode trabalhar".

Segundo os noivos, a identificação com o papel de provedor resulta da educação familiar, cuja performance ao longo do noivado é uma experiência voltada à reprodução/naturalização/institucionalização da relação entre público e privado, submissão e dominação entre os gêneros. Eles próprios, porém, reconhecem que essa visão é tensionada pela rejeição das parceiras ao que é considerado "discurso machista". Para os noivos, essa rejeição é a principal causa dos conflitos durante o relacionamento, e para contorná-la tentam naturalizar o que pensam recorrendo a variáveis, como idade, renda ou origem social:

Eu sou meio machista, porque acredito que não devo lavar louça, que não devo lavar prato, lavar roupa. Eu acho que é uma coisa que eu tenho que lutar contra. Eu acho. Eu aprendi a ser assim com o meu pai. Acho que fica enraizado na gente. (Vítor)

Acho que aqui em Brasília as mulheres se impõem diante dos homens em razão da idade. Aqui em Brasília por ser independente também. E eu acho que a cabeça delas é totalmente diferente das de outros lugares. (Marcelo).

Estes marcadores também podem ser reivindicados combinando-se às concepções de classe ou ao nível de instrução. Assim, conforme argumenta Gabriel: "Eu poderia alegar que tenho uma formação melhor do que a dela, então eu sei mais do que ela e posso fazer mais do que ela" (Gabriel). Os noivos, no entanto, não ficam impunes quando expressam tais crenças, pois em razão do valor atribuído ao relacionamento e da oposição de suas parceiras a uma convivência opressiva tentam se afastar do que eles próprios reconhecem como motivador de separações¹⁵⁸.

A identificação do machismo como um sinal de divergência no relacionamento ressalta não só a oposição das noivas a um possível comportamento do futuro marido, mas também o reflexo da interpretação que as noivas fazem do relacionamento de seus pais. Neste sentido, Eduarda descreve em detalhes como reage não só às práticas do parceiro, mas também às do pai, quando o que está em causa é o que ela chama de "a visão de que a mulher era feita pra servir o homem":

O meu pai é aquele tipo de homem meio bruto. Ele faz da mulher... eu até entendo. Tipo, a minha mãe levava janta, almoço na rede dele. Leva tudo. [VOCÊ FARIA ISSO?] Eu não [ÊNFASE NA RESPOSTA]. Não todo tempo. Eu acho isso muito errado. Porque eu penso que se eu posso fazer por ele, ele pode fazer por mim também. Então quando a mamãe sai de casa e todo mundo sai de casa, meu pai não sabe fazer nada. Ele come e larga a louça lá. Comigo não. Eu lavo o meu prato e você lava o seu. "Eu não faço?" "Porque você não vai fazer?" E esse tipo de relação existe e existe muito. É como eu estou falando da relação dos meus pais. O meu pai vai tomar banho. "Odete, traz a minha roupa aqui". Aí ela leva. Eu não gosto disso.
[...]

¹⁵⁸ Ao contrário do que eu suspeitei inicialmente, a rejeição das noivas ao que Bourdieu, entre outros autores, define como expressão da "dominação masculina" não está relacionado a alguma militância política, imaginando que houvesse aí alguma empatia com movimentos sociais de caráter feminista. Na verdade, algumas delas, como Aline e Carla, rejeitam qualquer associação de suas posturas com o movimento feminista exigindo que seus parceiros "a cobicem", a "procurem" e lhe tratem com "cavalheirismo".

Olha, a mãe do Eduardo me agradece muito por fazer parte da vida dele. Aí eu não entendia por que. Um dia ela me explicou. Ela diz que antes de mim ele não fazia certas coisas, como lavar louça, varrer o chão. E o que é que acontece. Eu acho que independente de eu ser mulher, até um dia desses, se tinha a visão de que a mulher era feita pra servir o homem. Mas eu não sou mais dessa cultura. Eu acho assim. Se eu posso fazer, ele também pode. Até porque eu trabalho, penso em trabalhar, então no dia em que eu não puder, porque ele não pode me ajudar? Evitando de deixar as tarefas 100% pra mim. (Eduarda).

Assim como ocorre com as outras noivas, nota-se um questionamento das assimetrias baseadas no observado e no vivido ao longo da socialização – em especial o próprio pai ou parentes masculinos –, cuja contradição com as expectativas relativas ao seu próprio casamento operam para que as noivas exijam diálogo e o reconhecimento do parceiro de uma obrigação de "ser" ou "fazer diferente", sob o risco de "ser largado".

A crítica das noivas à dominação masculina representadas por sua oposição ao machismo reflete, ainda, o modo como elas reconhecem os marcadores de gênero – o que não necessariamente resulta em uma oposição à estrutura que dele resulta. Segundo elas, a diferenciação entre homens e mulheres e as atribuições correspondentes a cada sexo, marcam a própria formação da personalidade dos sujeitos, pois os papéis associados ao feminino se caracterizam pela valorização das emoções e o desejo de "compromisso" e "algo sério" reflete a visão que as mulheres têm sobre o significado do casamento, ao passo que os homens constroem sua personalidade a partir das noções de "racionalidade", "provimento", "proteção", "maior liberdade", inclinação para relacionamentos "sem compromisso" e atenção para a moradia:

Em relação ao casamento, em especial, o homem é a parte racional, é a parte financeira, é a parte que organiza. É ele que vai colocar na ponta do lápis (claro que isso não é regra geral). A maioria das mulheres são assim: "Ah não, por que tem um lenço que faz não sei o que. Por que tem um docinho que não sei o que. Por que tem um coração de uma flor que não sei o que." Isso aí quem sonha, quem pesquisa, quem vê, quem conversa é mulher. Não é homem. Pelo menos no meio que eu converso. (Daniela).

Quando eu era mais nova meu pai não deixava eu namorar até porque não deixava eu sair de casa. Então tudo era ali debaixo da asa dele. Já meu noivo não, como é homem, homem sempre tem mais liberdade do que a mulher. [COMO VOCÊ OBSERVA ISSO AQUI EM TERE-SINA?] Os homens têm mais liberdade. Tem muito relacionamento que eu vejo de conhecidos em que a mulher não pode acompanhar o

marido, o namorado no caso, e ele então sai sozinho pra uma festa, um evento. Ele vai e sai. (Fernanda).

A festa é mais feminina, é a mulher que vai dar mais atenção pra ela. Enquanto o homem vai cuidar do apartamento. (Joana).

As noivas compartilham, assim, suas visões sobre as diferenças na atribuição de papéis entre homens e mulheres e os modos como estes afetam o significado do casamento. O espaço para o exercício destes papéis é protagonizado ao longo da relação por meio de diálogos e discussões que tem como objetivo principal o reconhecimento de uma identidade igualitária, seja para afirmar que a mulher pode, quer e, por vezes, deve ser uma "boa dona de casa", assim como merece ter o mesmo tratamento que os homens no espaço doméstico e público. A igualdade no relacionamento, no entanto, é uma preocupação cara às noivas, que reconhecem a persistência da dominação masculina em diferentes domínios do relacionamento conjugal.

As noivas reconhecem essa característica e a associam ao fato dos homens serem mais "racionais" e "brutos", bem como estarem mais inclinados a trair e enganar – generalização a partir da qual por vezes se extrai a visão de que "os homens são todos iguais". É esta visão que, segundo Eduarda, sinaliza a existência de uma "cultura masculina", cuja função não é apenas marcar a diferença dos homens em relação às mulheres, mas também a tendência dos primeiros em exercer dominação e autoridade no decorrer do relacionamento. Em algumas circunstâncias, como ressalta Eduarda, essa tendência se expressa na forma de "brincadeiras" ou "piadas":

As vezes ele brinca quando eu peço para ele lavar a louça dizendo que tem uma micose na mão. E eu tenho que me controlar pra rir, por que se eu der confiança ele se aproveita de mim.

Em outras, porém, a relação pode se dar de forma violenta, como demonstrado por Carla ao apontar o modo ríspido com que o noivo lhe cobra satisfações em relação às mensagens mais maliciosas trocadas entre ela e seus amigos, em comparação com o fato dela "pensar antes de fazer" o mesmo:

Ele vem com tudo pra cima de mim. Às vezes me ameaça, todo na razão e eu vou tentando acalmar, mostrando que isso não pode afetar o nosso relacionamento. [...] Antes dele chegar comigo eu já pensei o dia todo no que eu vou falar. Ele não.

Conflitos, desentendimentos e ameaças de ruptura da relação são os principais desdobramentos dessas situações, que não raro são identificadas como expressão do machismo. Em rejeição à "cultura" ou "dominação masculina", a maioria das noivas argumenta que, diferentemente de suas mães e avós, não toleram excessos pois possuem instrução, trabalham fora de casa e desfrutam da renda necessária para garantir sua autossuficiência, não estando sujeita as arbitrariedades do parceiro.

Porém, no intuito de evitar o celibato, as noivas também ressaltam que preferem negociar os impasses produzidos pela dominação. Isto significa que ao lado de reconhecerem o "desejo de cuidar da família" ou "a tendência a assumir as atividades domésticas" como um atributo feminino, não consideram que isso seja coerente com um relacionamento igualitário, mas uma ação que deve ser planejada e partilhada com o parceiro¹⁵⁹. Por essa razão, à medida que o relacionamento avança os próprios interlocutores entendem que precisam negociar significados e impasses resultantes da convivência com alguém diferente em diversos níveis. Neste sentido, o diálogo, a renúncia e a busca de consenso são apontados como recursos para solucionar problemas de gênero.

Os impasses produzidos a partir das relações de gênero também podem ser verificados à luz da divisão do trabalho que marca a ritualização do casamento. De um lado, porque a cerimônia e a festa de casamento são reivindicadas como uma atribuição do feminino, o que leva as noivas a compartilhar da ideia de que realizar o casamento religioso é um "sonho", apontando o "ambiente da igreja", a "vontade de reunir as famílias", "os votos de casamento" e o "vestido de noivo" como evidências que justificam sua motivação.

Os noivos, por sua vez, apontam a moradia como atribuição do masculino, recorrendo frequentemente a expressão "quem casa quer casa" para policiar o desejo das noivas lembrando-lhes de experiências malfadadas de casais que, tendo se deixado levar pelo "sonho do casamento" não se prepararam a) financeiramente para a

¹⁵⁹ O mesmo também pode ser dito quando os casais vão morar junto, ocasião em que noivas acreditam que as tarefas domésticas podem e devem ser divididas em função da expectativa de igualdade na distribuição de papéis. Elas, no entanto, reconhecem que algumas atividades, como a feitura dos alimentos, são uma atribuição particularmente sua em função do pragmatismo e da praticidade com que executam esta tarefa. Neste sentido, nota-se que nos primeiros meses do casamento a mulher "deixa" o parceiro cozinhar na expectativa que ele "a ajude, ainda que esteja cansado". A finalidade disso pode ser, como demonstra Lavne, de que o parceiro "saiba se virar quando estiver sozinho".

compra da moradia e as despesas que cercam a cerimônia, a festa e a lua de mel; e b) mentalmente para lidar com o cotidiano conjugal.

A base deste impasse fica ainda mais clara quando noivos e noivas se queixam dos seus respectivos comportamentos em face da preparação do casamento. As noivas, porque os parceiros não se interessam em acompanhá-las nas feiras de noivas, pelos detalhes da decoração, pela degustação dos doces, escolha dos pratos do bufê, mas se ressentem com as despesas que isto gera. Os noivos, porque veem no emprego do termo “sonho”, tanto o reflexo das manipulações protagonizadas pelo mercado, pela mídia e pelos valores femininos, como uma estratégia utilizada para convertê-los “a crer em todo esse simbolismo” e aceitar despesas “com pedrinhas, papeizinhos”. Para Carlos e a maioria dos noivos – ao menos nas primeiras entrevistas – “tudo isso” é menos importante do que saber se os convidados gostaram da comida, da banda, se a cerimônia não atrasou ou se não faltou bebida. Segundo Eduardo, essa é a razão para que as noivas, de um modo de geral, “apressem as coisas” encontrando meios de concretizar esse sonho, que não deixa de ser o próprio produto do que ele acredita ser o mundo em que as mulheres são socializadas¹⁶⁰.

Esta visão reflete, portanto, as diferenças na atribuição de papéis entre homens e mulheres e a diferença de significado que o casamento possui entre os interlocutores. A consequência disso é a presença de campos de poder no qual estão assegurados aos sujeitos espaços de agência baseados nessas diferenças, a exemplo da sexualidade, onde cabe ao noivo tomar a iniciativa e à noiva explorar e delimitar o que se pode e não se deve esquecer de fazer na cama¹⁶¹, ou em relação à performance como marido-provedor e esposa-dona-de-casa.

A existência destes campos de poder reitera a crítica de Bourdieu ao conceito de ritos de passagem de Van Gennep, sugerindo sua substituição pelo conceito de

¹⁶⁰ Quando falam de si mesmos, os noivos dispensam o uso do termo sonho, mas advertem que o casamento é um desejo natural, baseado na obrigação ou necessidade de começar a vida conjugal em moradia própria. Isto os leva a se ver como “provedores naturais”, que devem se responsabilizar pela busca e aumento de recursos ou redução de despesas praticando o que para eles são verdadeiros sacrifícios financeiros.

¹⁶¹ A sexualidade, no entanto, é um tema tabu, tendo sido tratado pelos interlocutores como um assunto privado, estando eles pouco ou nada dispostos a compartilhar suas visões e experiências. Ainda assim, admitiram que a convivência obtida com o noivado foi um fator que favoreceu a maior “intimidade” com a parceira, o que é ao mesmo tempo uma metáfora e indicativo de que as relações sexuais podem ocorrer com alguma frequência.

rito de instituição¹⁶², uma vez que o principal efeito do rito não é celebrar a passagem, mas consagrar uma diferença de modo a fazê-la existir como distinção social ou como exclusão:

Falar em rito de instituição é indicar que qualquer tipo de rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constituídos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço, como no caso da divisão entre os sexos por ocasião dos rituais de casamento (BOURDIEU, 2008, p. 98).

Como um ato de instituição, “tornar-se” noivo ou noiva, portanto, subentende a magia performativa presente na ritualização nupcial, mas de uma forma particular: com a finalidade de reproduzir papéis socialmente consagrados e considerados eficazes para a reprodução do casamento como ordem social, ela notifica os noivos sobre a identidade a assumir e o tipo de relacionamento com o qual devem se comprometer.

“Deu certo”: química e afinidade

Os interlocutores afirmam que se conheceram em lugares públicos, como escolas, festas, faculdades ou em reuniões de parentes. Não há, porém, relação entre o momento em que se conheceram e a atração que sentiram um pelo outro. O certo é que para a o relacionamento “dar certo”, os noivos recorrem às diferentes etapas que caracterizam o relacionamento amoroso procurando se “conhecer melhor” antes de se lançar em um projeto nupcial¹⁶³. Enquanto processo socializador, isso significa que o noivado permite que os casais vivam aquilo que Matos (2000) define como a “gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos”, onde ideologias e práticas diversas de amor conjugal e gênero se expressam e se realizam positivamente. Aproveitando a

¹⁶² Bourdieu prefere o termo “instituição” ao de “passagem” por considerá-lo demasiado impreciso e muito temporal. Para ele, é essencial decodificar a “função social” do rito e, em particular, “o significado social da linha, da fronteira como passagem ritual legal, transgressão” (BOURDIEU, 2008, p. 97).

¹⁶³ Refletindo as características apontadas por Thales de Azevedo para o meio urbano e individualista, os dados coletados reforçam a ideia de que os relacionamentos vividos pelos noivos são produto de uma escolha livre e suficientemente autônoma a ponto de se opor a interferência dos pais ou outros atores. As sucessivas etapas porque passaram os indivíduos até o casamento, porém, demonstram que mesmo livres os relacionamentos foram estabelecidos após os noivos obterem informações suficientes sobre o parceiro, o que revela a preocupação dos mesmos em não se relacionar com um desconhecido, o que fica evidente com a ausência de casais que noivaram ou casaram no primeiro encontro ou no mês seguinte ao início do relacionamento.

discussão de Heilborn (2004) sobre a mesma temática, este processo reflete um estilo de vida fundado na dependência mútua e numa modalidade de arranjo cotidiano que se institui assimilando códigos de conduta que fazem da conjugalidade uma gestão compartilhada da sexualidade.

A socialização nupcial corresponderia, assim, a um denso processo de ajustamento das individualidades em direção à relacionalidade conjugal, por meio do qual o casal assume uma unidade subjetiva ou se transforma em um sujeito simbólico. Acredito que a melhor maneira de entender isso pode ser através dos reiterados exemplos de noivos que afirmam sentir sua individualidade comprometida quando chegam em ambientes familiares e ao cumprimentarem as pessoas são questionadas sobre o parceiro da seguinte maneira: "Olá, tudo bem, como vai [fulano]?". Interpretados pelos interlocutores como a expressão objetiva de que a sua identidade se confunde com a do(a) parceiro(a), estes se somam ainda aos questionamentos feitos quando eventuais rupturas ou distanciamentos ganham notoriedade pública ou a curiosidade provocada quando um dos membros do casal é flagrado na companhia de pessoas do sexo oposto ou sozinhas por períodos regulares. João, por exemplo, lembra da primeira vez em que se sentiu "ligado" à sua noiva. Na ocasião ele estava participando de um congresso na faculdade em que faziam graduação juntos, e devido ao fato dele ter ido só, em razão da então namorada estar doente, fora constantemente questionado pela sua ausência antes mesmo de ser cumprimentado.

Intuindo que isso é uma evidência de que o casal existe como ator social, os interlocutores advertem que a mudança de atitudes ou de comportamento é necessária em um processo no qual a coexistência com o outro exige uma renúncia de si mesmo¹⁶⁴. Esse processo, responsável por levar os interlocutores a sentir que não são apenas si mesmos, mas um "sujeito casal", não nasce, contudo, com a oficialização do noivado, mas nele é eficaz podendo ser admitida sua manifestação em fases mais avançadas do namoro. Quando isso ocorre geralmente significa que o noivado é uma etapa "natural" da relação.

¹⁶⁴ Este fato, porém, não ignora seus problemas. Por um lado, os sujeitos podem se ver obrigados a desenvolver uma performance que lhes assalta a personalidade – a exemplo de Lavne – e por outra receiam que a dependência de consenso e estabilidade favoreça uma relação que termine por "cair na rotina" ou se tornar monótona "se transformando numa coisa desapaixonada" (Eduardo).

As etapas que caracterizam esse processo são basicamente duas: o encontro, que também pode ser chamado de "fica", e o namoro. O ficar é necessariamente um encontro baseado no interesse afetivo ou sexual sendo motivado pela aparência do parceiro e tendo lugar no primeiro mês de relacionamento. Segundo Heilborn (2006) ele corresponde a uma forma de não-compromisso codificado e agregado à classificação das formas de engajamento das pessoas no aprendizado da sexualidade, que surge no final dos anos de 1980. Por sua vez, Lago (2002) afirma que ele seria a menor forma possível de relacionamento amoroso entre duas pessoas.

O namoro, por sua vez, tem início nos seis primeiros meses do relacionamento e se distingue do ficar por ser reconhecido como um vínculo duradouro que favorece a socialização e a construção da identidade conjugal. Definindo as fronteiras de atuação do self em um contexto relacional, o namoro, portanto, sujeita os parceiros a serem socialmente reconhecidos como casal. Assim, se enquanto no ficar os noivos reconhecem que não pensavam que seus parceiros poderiam ser seus cônjuges, ao longo do namoro eles passaram a admiti-lo à medida em que a relação lhes permite identificar a manifestação de valores, crenças, comportamentos e hábitos que se ajustam às suas expectativas de cônjuge. Isso, no entanto, não quer dizer que o tipo ideal de cônjuge decorre do "ficar" ou do namoro. Conforme assinaléi anteriormente (capítulo 1), o que está em curso nesse processo é o próprio sentido do relacionamento como organizador das relações entre os sujeitos, o que leva a escolha do cônjuge e a própria ideia de casar a se ajustar ao ciclo biográfico dos interlocutores e a avaliação/comparação/simulação de experiências conjugais.

Quando o namoro "dá certo", o noivado tende a ser celebrado a partir do primeiro ano de relacionamento e durar em média cerca de um ano.

Tabela 9 – Período entre as diferentes etapas do relacionamento. Valores relativos.

Período	Do encontro ao "ficar"	Do "ficar" ao namoro	Do namoro ao noivado
Primeiro encontro	13,6	-	-
Menos de 1 mês	34,1	36,4	4,5
De 1 a 6 meses	18,2	31,8	9,1
De 6 meses a 1 ano	2,3	15,9	6,8
De 1 a 3 anos	-	-	25,0
De 3 a 5 anos	4,5	-	25,0
Mais de 5 anos	18,2	-	25,0
Não declarado	9,1	15,9	4,5

Total	100,0	100,0	100,0
--------------	--------------	--------------	--------------

Fonte: Formulário de pesquisa

Os noivos assumem que a sociabilidade na época do noivado é mais intensa do que na época do namoro. As razões para isso se confundem com um maior envolvimento com os familiares do parceiro, maior intimidade sexual, aumento na frequência a lugares públicos e principalmente, a maior interação. O namoro, contudo, guarda relação com o passado recente, sendo recorrentemente vigiado e controlado pelos parentes do casal, uma vez que a maior interação é caminho para aventuras sexuais.

Essas interações ficam marcadas principalmente por cartas, e-mails e até fotos e mensagens de textos enviadas por aplicativos de celular. A esse respeito, 68% dos noivos afirmam que interagem diariamente postando fotos do casal associadas com casamento e publicando mensagens contendo declarações amorosas em redes sociais. Eles também afirmam que enviam e-mails com registros de acontecimentos e pedidos de desculpas ou cartas em datas comemorativas. A frequência com que fazem isso varia: 5% o fazem semanalmente, 12% mensalmente e 12% anualmente. As mulheres, porém, tendem a tomar mais a iniciativa, enquanto os homens o fazem como resposta.

A sequência formada por essas etapas revela que a afinidade é produzida, em primeiro lugar, pela atração física, para, em seguida, se transformar em admiração ou atração afetiva e psicológica. Isto significa que nos primeiros encontros do casal dá-se mais atenção para os traços físicos que representem padrões sociais de beleza e atração sexual, como o “o jeito” de caminhar, de sorrir ou de olhar, “o tom da voz”, as “curvas” ou os “contornos” ou “formas” do corpo, como as pernas, a cintura, a bunda, a coxa e o rosto. Conforme discutido em trabalho anterior (ALENCAR, 2011), a continuidade ou manutenção do vínculo, porém, não é determinada por essa atração inicial, mas pelas considerações sentimentais e morais que cercam o significado da paixão e do amor enquanto símbolos do encantamento, expressão utilizada pelos noivos para se referir à “curiosidade” que sentem pelo parceiro, “a vontade de estar próximo a ele(a)” ou “o querer ficar junto”.

O uso da expressão “encantamento” resulta da interação recorrente, podendo se dar diretamente através da conversa face-a-face, da interlocução entre amigos, na escola, na vizinhança, na igreja, ou indiretamente, através de ligações telefônicas ou

envio de mensagens por aplicativos e redes sociais. Estas formas de interação são identificadas como os principais meios para o reconhecimento da afinidade de gostos, projetos, opiniões e valores comuns. Já, manifestação do interesse em “ficar junto”, ou seja, estabelecer um vínculo duradouro só ocorre por meio da interação direta. De acordo com Paula isso acontece porque é através do contato pessoal que é possível perceber se o casal possui afinidade.

Vencidas as primeiras impressões e identificadas as motivações para dar continuidade ao relacionamento, a convivência do casal se torna mais intensa e progressivamente mais íntima. Quando isso ocorre, é comum os parceiros frequentarem as residências um do outro, porém sem a condescendência dos familiares para as relações sexuais.

Em 70% das vezes a relação têm lugar em motéis, casas de amigos e, no limite, na casa dos pais do parceiro, após o início do namoro. Com o noivado oficializado, a tendência é que a frequência dessas relações se reduza e passem a ser toleradas, permitindo que um ou outro "durma" na casa do parceiro. Assim, 95% dos noivos afirmam que mantém relações sexuais regulares com seus parceiros e que as mesmas foram facilitadas pelo noivado.

A afinidade, no entanto, por si só não é razão para justificar a manutenção do vínculo. É preciso que a convivência se converta em intimidade produzindo um laço afetivo significativamente forte, a ponto de fazer do casamento um projeto, pois segundo os interlocutores, a função do noivado é formar o casal permitindo-lhes crescer e desenvolver-se mutuamente através da convivência. A convivência é considerada o principal recurso para identificar as afinidades entre os noivos, isto é, à similaridade expressa em "pensamentos iguais" e "foco nos mesmos projetos". Ela pode ocorrer nas visitas à residência onde mora o parceiro, mas principalmente em passeios ou viagens, quando o isolamento permite que se adquira maior intimidade¹⁶⁵.

À medida que a interação se prolonga e a afinidade se intensifica, os interlocutores consideram que o relacionamento se torna "mais sério". Esta expressão é usada com grande recorrência para demonstrar que a cada novo encontro os parceiros manifestam mutuamente o interesse em manter uma relação duradoura, onde a atração

¹⁶⁵ Se isolarmos os sujeitos da relação podemos notar que o motivo que impulsiona o desejo pelo outro não se confunde com o objetivo de estar e ficar junto, pois este último se dá processualmente e de modo reflexivo.

física perde relevância dando lugar à valorização de traços de comportamento como companheirismo, humildade, personalidade e equilíbrio.

Os interlocutores também consideram que o relacionamento "dá certo" quando a afinidade nasce e se desenvolve de maneira espontânea, verdadeira ou "naturalmente", sem que um ou outro "force" para agradar ou procure chamar atenção. A natureza dessa relação entre afinidade e espontaneidade pode ser facilmente verificada quando os noivos argumentam que a atração surgiu e cresceu na medida em que o diálogo e, posteriormente, a convivência mais íntima, os fez perceber que a parceira era alguém "que se conhecia há muito tempo".

Esta visão parece ser a chave para entender o que os interlocutores definem como "química", metáfora amplamente utilizada no curso das entrevistas e que originalmente se refere às sensações físicas e/ou psíquicas relativas à interação com o(a) parceiro(a). Eduardo, a esse respeito, se esforça para explicar o que o termo significa:

COMO FOI QUE RELACIONAMENTO DE VOCÊS COMEÇOU?

Assim que a gente ficou bateu a química muito rápido e a gente conversava todo dia. [O QUE É ESSA QUÍMICA?] Parecia que eu conhecia a Eduarda a muito tempo. Era isso. Isso desde a primeira vez que a gente se encontrou. [EXPLICAR MELHOR ISSO PARA EU TENTAR ENTENDER]. É complicado. É uma coisa meio fantasmagórica, eu acho. Cientificamente eu não vejo... não tem explicação. É uma coisa que talvez tu não vai conseguir definir. Parecia que ela já era uma amiga, que eu já conhecia há muito tempo. Claro, a gente já teve conversas antes, por telefone, por mensagem... Mas, no primeiro contato parecia que a gente já se conhecia. E nas primeiras semanas da relação isso se intensificou.

As noivas, por sua vez, também se referem à química em sua reflexão sobre a afinidade, que para elas resulta de uma harmonia ou sintonia caracterizada pela tendência a pensar da mesma maneira sobre assuntos diversos, por ter gostos em comum. Definida como uma sensação, a química é identificada pelo modo súbito como uma conversa, o jeito ou o modo de falar do parceiro atraem sua atenção:

VOCÊ RELATA NO FORMULÁRIO QUE HOUVE UMA QUÍMICA ENTRE VOCÊS. O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊ?

Realmente. Essa química foi muito forte. Quando a gente conversava por mensagem parecia que a gente já se conhecia há muito tempo. Aí a gente foi descobrir que a química era tão forte que a gente tinha os mesmos gostos de música. A gente gosta de rock, por exemplo. [...] Até mesmo a química no relacionamento. Quando a gente se

conheceu parecia que a gente já se conhecia há muito tempo. A conversa, o modo de falar. (Eduarda).

Enquanto metáfora para a "eficácia misteriosa da relacionalidade" (VIVEIROS DE CASTRO, 2009, p. 243), a noção de química é identificada logo nos primeiros contatos quando, seja por meio direto (olho no olho, beijo, troca de afetos) ou indiretamente (ligação telefônica, troca de mensagens), os sinais que chamam atenção para os laços de reciprocidade dão forma e significado ao vínculo, levando os noivos a crer que a relação existente entre eles já existia, o que pode ser traduzido na fórmula de Daniela: "havia uma vontade de estar junto".

Daniela, aliás, oferece ainda um quadro bastante exemplar ao demonstrar que sua afinidade com Daniel produziu um tipo de interação no qual ambos passaram a partilhar das mesmas sensações, pensamentos e até mesmo estados fisiológicos: "Às vezes acontece da gente adoecer junto. Isso acontece desde o namoro e as pessoas achavam estranho quando um adoecia e o outro adoecia logo em seguida" (Daniela).

Outras noivas também apontaram situações em que isso se repete, afirmando que se sentiam cada vez mais ligadas ao parceiro como se formassem "uma só carne" ou "uma só alma". Isto justifica o argumento de que um casal existe para "se completar" e "dividir os mesmos problemas". Daniela insiste que não se trata de uma "simples dependência", isto é, "Não é que eu só possa sair se o Daniel for, mas eu gosto tanto da companhia dele que eu posso estar com qualquer pessoa, mas eu sinto que falta uma parte de mim quando ele não está".

A relação entre interação e tempo responde pela sensação de que a química justificaria a transformação da afinidade em unidade, isto é, do casal em sujeito indiferenciado ("sujeito casal"). Isto pode ocorrer na interação individual dos interlocutores com familiares ou pessoas que mantém laços com o casal (ocasião em que, novamente, se questiona uma eventual ausência injustificável da parceira – casamentos e reuniões familiares em particular – ou se indaga por ela mesmo antes de saber como o próprio noivo tem passado) ou através da crença de que a afinidade lhes permitiu desenvolver técnicas e habilidades capazes de interpretar, traduzir e até mesmo antecipar comportamentos do outro, como "saber o que ele/a está pensando", "conhecer ele/a pelo olhar" ou "identificar que alguma coisa está errada". Daniel, por exemplo, afirma que conhece Daniela pelo olhar, mas sabe também que algo está errado pelo tipo de mensagem que ela envia:

COMO VOCÊ DESCREVE O RELACIONAMENTO COM A DANIELA?
 Eu conheço a Daniela pelo olhar. E isso é algo que no nosso relacionamento eu dou muita atenção. Por exemplo. Quando eu pergunto se ela tem algum problema e ela responde "ah! amor está tudo bem" no seco, eu sei que não está tudo bem. Até a forma que ela escreve no WhatsApp eu já sei que não está tudo bem. [COMO VOCÊ EXPLICA ISSO? COM VOCÊ CONSEGUE PERCEBER QUE ELA NÃO ESTÁ BEM?] Olha, eu sempre fui muito observador. E a Daniela é uma pessoa extremamente aberta. Se tu chegar na casa dela e ela falar "oi Breno, tudo bem, como vai, vou te servir lanche" Beleza! Mas o dia que tu chegares lá "oi Breno tudo bem, você quer um copo com água" tem alguma coisa errada. Alguma coisa não está bem. A mesma coisa acontece quando a forma dela escrever no WhatsApp são frases curtas. Quando ela escreve... quando começa a virar um monólogo então eu digo ""não amor. Você não está bem. O que está acontecendo? Tem alguma coisa errada. A forma dela escrever eu já sei que tem alguma coisa errada. Então eu acho que é mais ou menos por aí. A forma dela muda por que ela fica... ela deixa de ser essa pessoa, assim, sorridente, aberta, expansiva.

A descoberta de afinidades ao longo do noivado, porém, não se reduz exclusivamente a identificação de gostos, valores ou aspirações comuns, mas também a concessão, por meio da redução de diferenças, e valorização de traços ou virtudes observados junto aos parentes.

A afinidade por concessão reflete o que havia apontado acima, onde a convivência é capaz de mudar o comportamento em benefício do outro, imitando ou sendo tolerante com seus gostos e comportamentos, conforme demonstra Luiz:

Eu comecei a me interessar pela Luiza porque eu via que ela não tinha aquela frescura sabe... Ela gostava de beber, eu também gosto. Então ela foi uma pessoa que se encaixou comigo, porque eu já tive experiências com companheiras diferentes em que isso aí era um problema pros dois... E o que era muito diferente de um pro outro com o tempo foi diminuindo. Por exemplo, a questão de gosto musical. Ela gosta muito de pagode e eu gosto muito do rock. E hoje ela gosta muito de rock e eu já gostei mais de pagode. É aquela coisa, alguém tem que ceder.

A afinidade baseada na valorização de traços ou virtudes, por sua vez, está no fato dos interlocutores demonstrarem que a atração está associada a semelhanças de comportamentos e características físicas – como a beleza corporal ou a religiosidade – entre os seus parceiros e os parentes com quem mantém fortes laços afetivos, o que torna a escolha do cônjuge uma ação reflexiva baseada na observação e

avaliação do outro. Como o casamento é considerado um evento que tem ocasião certa para ocorrer e que por ser único e irrepetível ("Eu não penso em casar mais de uma vez" (Gabriel), "[...] a gente só casa uma vez na vida" (João)) os noivos ressaltam que essas semelhanças assumem protagonismo especial, pois as virtudes comportamentais apontadas como critério para a decisão de casar refletem a expectativa acerca dos papéis representados pelos parceiros ao longo da socialização dos noivos.

No caso das noivas, esta análise permite observar que atributos apontados como típicos do feminino em camadas médias como a maternidade e o cuidado do corpo são traços muito valorizados no processo de escolha conjugal, conforme demonstra João:

Até o lado difícil da Joana parece muito com o da minha mãe. O jeito de brigar. Parece muito a minha mãe. Brigar assim, o jeito de se zangar e fazer o charminho. Parece demais. Tem horas que eu enxergo a mamãe. Parece muito, parece muito.

O mesmo também ocorre com as noivas. Joana, noiva de João, resalta que a semelhança entre ele e o seu pai é uma variável importante para explicar o que ela entende por afinidade. Isso porque o noivo reproduz traços que para ela são símbolos da confiança e segurança que esperava encontrar em um relacionamento com vistas ao casamento.

Há ainda uma afinidade mediada pelo imaginário religioso, cujo simbolismo da relação pode estar baseado na identificação de práticas comuns, como possuir um santo de devoção, frequentar a missa, defender e compartilhar dogmas católicos, comportar-se com austeridade no intuito de juntar dinheiro para realizar o casamento religioso etc. Vale ressaltar, que a afinidade de base religiosa não é comprometida nem mesmo entre os noivos mais céticos que, mesmo relutantes em realizar essas práticas, consideram-se atraídos pela religiosidade das noivas, sustentando que isso é uma prova de sua confiabilidade.

A afinidade, portanto, longe de ser produto de uma ação meramente espontânea, é produto da reflexividade sobre o sentido e o significado do relacionamento. Baseada em um processo que envolve o reconhecimento das virtudes do outro os noivos agem para que o relacionamento, surgido através de um olhar ou da troca de palavras, alcance a "química" necessária para se tornar duradouro. Resta saber se essa química

reflete a simples interpretação/decodificação de fatos extraídos da compatibilidade de interesses e projetos ou se está relacionado ao background emocional dos noivos.

Sentimentos e significados¹⁶⁶

Durante a realização de minha pesquisa fui posto inúmeras vezes à prova quando tentei interpretar o que os noivos estavam me dizendo ao falar de seus sentimentos em relação à experiência que estavam vivendo. Lembrando Favret-Saada (1990), nestas ocasiões não me sentia como observador, mas sensibilizado – afetado, nas palavras da pesquisadora – pela experiência de estar ali, compartilhando com eles de um momento tão significativo em suas biografias. Para compreender esses momentos recorro a trechos adaptados do meu diário de campo para expressar como o campo me afetou.

Excerto 1:

[...]

Porque ela chorou? Será que eu vou ter que conviver com isso? Acho que não estou nem emocionalmente aberto nem intelectualmente preparado para lidar com isso. Se Carla ao menos tivesse me avisado que estava passando por todos esses problemas eu teria adiado a entrevista, eu não teria feito a entrevista. No entanto, parece que aquela experiência que ela resolveu compartilhar comigo – logo comigo! – trouxe algum ensinamento.

Enquanto ela relatava sua jornada dobrada como revendedora de medicamentos e enfermeira no Pronto Socorro do Guamá eu conseguia ver em seus olhos a tentativa de explodir, de extravasar. Saber que o noivo, às vésperas do casamento, fora despedido e que agora para pagar os fornecedores, a decoração, o buffet, o vestido e a casa praticamente sozinha, é razão suficiente para ficar à beira de um ataque de nervos. Mas quis sabe lá que diabos de conspiração que eu fosse até aquele escritório num fim de tarde desses em Belém onde a gente olha pro céu rezando para só chover depois de a gente chegar no destino para ser seu psicólogo particular. E que solução eu teria para este e todos os outros casais que resolvem comprometer toda a renda com um evento que dura só uma noite!?

Na verdade, eu sou obrigado a pensar que a Carla chorou porque descobriu que o que está vivendo não é, como me dissera na primeira entrevista, um “conto de fadas”, um “sonho de criança”. Ela percebeu que para lidar com as dificuldades de quem resolve começar a vida ao lado de alguém ela precisará sair de sua zona de conforto – e

¹⁶⁶ Uma versão preliminar deste tópico foi apresentada na forma de artigo junto a disciplina “Antropologia das Emoções” por ocasião de meu intercâmbio acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí. Agradeço a Francisca Verônica Cavalcanti pelas considerações realizadas enquanto pensava sua elaboração e pelo estímulo em escrevê-lo.

principalmente do conforto oferecido por seus pais. (Diário de campo, maio de 2015, com adaptações)

Excerto 2:

Hoje, como tem se tornado hábito, mais uma noiva chorou. [...] Marquei de conversar com a Daniela e o Daniel sobre as novidades do casamento. Eu estava sem carro e insisti para que fosse num lugar perto da casa onde moram juntos. Eles resolveram marcar no restaurante do Líder. Eu cheguei cedo. Esperei meia hora. Comi dois pasteis. Tomei um refrigerante. Se os noivos continuarem demorando tanto quando marcam em lugares públicos, principalmente em lanchonetes e restaurantes, eu vou terminar essa pesquisa rolando... Mas afinal porque eles evitam conversar comigo em suas casas? Salem, Velho, Bourdieu, minha orientadora, disse vocês não me avisaram não é. Pensei que era só explicar tudo direitinho, dar um sorriso bonitinho e me danar a fazer o trabalho.

[...]

A entrevista estava acontecendo normalmente até que a Daniela foi me confessar que se converteu (mas ela não era católica?). Disse que era uma católica do mundo (fez analogia com os católicos de censo – o que será isso?), mas que agora estava aprendendo o que era amar. Ela começou a chorar quando refletiu sobre seu modo de ser, seu jeito de se comportar. Eu fiquei com a voz embargada. Não consegui continuar. Pensei que ia chorar. Tentei me conter. Senti os olhos marejarem. Não foi dessa vez.

O Daniel passou o braço sobre as suas costas e continuou falando no lugar dela. Quando Daniela se recompôs pediu desculpa dizendo que a experiência como participante do ENFIR (Encontro de Namorados Firmes) tinha mudado sua vida, que o desejo de se tornar uma mulher santa a tornou mais consciente das responsabilidades que estava assumindo com o projeto do casamento. Foi quando ambos falaram quase ao mesmo tempo que decidiram fazer voto de castidade até o casamento. Nesse momento eu tive um *tilt* e fiquei olhando para os dois boquiaberto... (Diário de campo, setembro de 2015, com adaptações).

Excerto 3:

Era a primeira vez que eu ia ficar frente a frente com o Paulo. Será que ele é um cara legal? Será que vai me receber bem? A Paula não poderia ter escolhido um cara chato, ela é uma noiva tão divertida.

[...]

Subi o elevador. O apartamento do casal ficava no fim do corredor. Eu cheguei, apertei a campainha. A porta abriu. Paula aparece toda sorridente, me estende a mão, apresenta Paulo como seu marido e pede para que eu entre. Tento cumprimentar Paulo, mas ele se nega ainda que de maneira cordial. Meu coração gela. Será que ele iria me tratar friamente? Bobagem. Na verdade, ele me conta que não poderia cumprimentar com a mão direita porque acabara de tirar o gesso. Havia feito uma cirurgia em decorrência de um acidente de moto.

[...]

A minha pergunta se voltava agora para a relação com os familiares depois do casamento. Paula olha para o teto, levanta o queixo e num tom de quase indiferença afirma que não tinha o que falar. Diz que a relação é a mesma de antes do casamento. Perguntei se não mudara nada. Ela afirma que não, que continua ótima. Paulo a acompanha e diz que é até melhor do que ele imaginara, pois agora (casado) tinha a certeza de que fizera a escolha certa. Ele se conteve um pouco ao dizer isso e num jogo teatral, quase exibicionista, declara, olhando para a esposa, que até aquele nosso encontro ainda não tinha se dado conta do quanto se sentia feliz por ter Paula ao seu lado. Ele chora, Paula estende-lhe a mão e sorri agradecendo pelas palavras. Enfim, eu me emociono e também choro. Paula ri. (Diário de campo, junho de 2017, com adaptações)

Dos excertos que extraí de meu caderno de campo, tendo o cuidado para contextualizar sua presença no decorrer deste trabalho, a primeira impressão que se pode ter é a de que as lágrimas que derramei ou consegui amparar tendem a ser interpretadas como resultado de uma experiência emotiva, normalmente associada com efeitos de uma sensação interior. Como as lágrimas que escorreram pela minha face são um dado particularmente subjetivo, tenho a liberdade (e no caso deste trabalho a obrigação) de interpretar que elas não foram fruto de uma sensação episódica e internamente motivada. Eu as considero o resultado altamente eficaz da experiência que o campo de pesquisa sobre o qual me debrucei me proporcionou. Parafraseando Franz Boas, se o “olho que vê é o olho da tradição”, o meu olho chorou porque sentiu o que viu.

Respondendo à questão levantada ao fim da discussão anterior, os três excertos acima foram selecionados a fim de abordar a dimensão afetiva do sujeito ritual onde os noivos, protagonistas desse processo, se baseiam no que pode ser chamado de "solidariedade difusa duradoura" (SCHNEIDER, 2016), isto é, uma relação cujo caráter é altamente pessoal e cercado de considerações sentimentais e morais. Vistos e vividos como experiências de aprendizado, aperfeiçoamento e interpretação de si mesmo e do outro, os atributos emocionais que marcam essa relação não são definidos *a priori*, mas reconhecidos ao longo da interação socioafetiva e apontados como significativos para que o casamento, originalmente pensado como uma possibilidade, floresça como projeto¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Originalmente vistas como “uma espécie de fundamento implícito da instituição societária” (KOURY, 2009, p. 13), o estudo das emoções e dos sentimentos fora pioneiramente abordado pela Escola Sociológica Francesa, cuja liderança exercida por Émile Durkheim e, posteriormente Marcel Mauss e

Recorrendo a um vocabulário comum, os noivos identificam na paixão o sentimento que dá início da relação. Descrita como manifestação arbitrária mediada tanto por sensações fisiológicas – taquicardia, suor, ruborização – como por representações sociais acerca do relacionamento – "deu liga", "senti adrenalina", "era muita empolgação", "tínhamos química" etc. – a paixão tem a particularidade de emergir e se desenvolver como uma narrativa alegórica cujo recurso a uma memória nostálgica se faz com o objetivo de descrever o contexto onde a relação adquiriu significado. Em tais narrativas o ritmo e a intensidade das sensações são tratadas como um evento ao qual se recorre para dizer que o lugar do encontro, a primeira impressão, o jeito de andar, o tom da voz, o "sorriso encantador" (Daniela), enfim, tudo aquilo que for capaz de descrever o cenário de aproximação e o encontro dos noivos, assume a forma de evidência a qual se recorre com regularidade¹⁶⁸ e que deve ser continuamente interpretada com o objetivo de atribuir sentido a relação.

Ainda que a paixão seja vista como o sentimento motivador da relação, ela é episódica, de vida curta e, segundo relatam os interlocutores, trata-se de algo que, mesmo sendo avassalador, muda com o passar do tempo, podendo “esfriar” quando o relacionamento não “deu certo” ou dar lugar ao amor, que por sua vez é reconhecido como apreendido pela educação e exercido na socialização com vistas a operar o tipo de relacionamento que se espera estabelecer. Vítor faz uma interessante descrição a este respeito:

Eu aprendi na minha adolescência, nos meios carismáticos que eu andei, que o amor é uma decisão. Sentimento é a paixão. Meio que pra mim foi bem nesse sentido. Amar foi uma decisão. Olha, ela é estranha, esquisitinha, mas eu gosto dela. Então eu vou amar essa mulher. E pronto. E a partir daí vamos começar a planejar o futuro.

Maurice Halbwachs, levou ao seu reconhecimento como produto de processos mentais e fisiológicos. Ainda que influenciada pela concorrência com a análise behaviorista e do método experimental das ciências psicológicas, esta concepção consagrou a ambiguidade das emoções tornando-se um duro golpe no projeto destes intelectuais em explicar o social pelo social. Este cenário só viria a se alterar com o desenvolvimento da pesquisa de campo cujo protagonismo dos paradigmas funcionalista e culturalista permitiram à antropologia apresentar significativos avanços na problematização da díade natureza-cultura. Neste sentido, pode-se afirmar que os trabalhos de Radcliffe-Brown (1922), Margaret Mead (1993 [1928], 2009 [1935]) e Ruth Benedict (2013 [1934]) foram os precursores do que hoje se convencionou chamar de Antropologia das Emoções, uma vez que nesta versão da antropologia os pesquisadores se dedicavam a compreender o sentido êmico das emoções.

¹⁶⁸ Esta regularidade se refere a repetição e conseqüentemente memorização protagonizada pelas ocasiões em que o casal comemora o primeiro mês ou os aniversários do dia em que se beijaram, deram as mãos, transaram, saíram juntos, começaram a namorar ou iniciaram o noivado.

O mesmo pode ser interpretado com base no argumenta de Luiz, para quem a paixão "tem uma intensidade maior" e com o passar do tempo se transforma "porque tudo se estabiliza. Não que ela diminua, mas também não é mais aquela explosão, só que agora vai aumentando aos poucos na forma de amor."

Esta mesma visão também é projetada para o casamento, quando se diagnostica que a paixão acaba diante do que se considera "inevitável", como os problemas da convivência, a rotina, o nascimento dos filhos:

Eu acho que algumas pessoas casam apaixonadas ou marcam um casamento apaixonadas e no meio desse período aí, porque a paixão acaba mesmo, ela vai e volta, vai e volta ao longo do relacionamento, e no meio desses problemas que começam a acontecer a paixão vai esfriando. Por exemplo, uma crise financeira no casamento, a paixão vai lá em baixo. E quando vem filho? A mulher vai se dedicar à criança e você não tem mais uma esposa na cama, nem uma mulher em casa. (Luiz).

Esse processo de transição, que conforme apresentando anteriormente ganha o nome de "amadurecimento", pode se dar combinando-se atitudes como evitar de "sair" – uma expressão utilizada para sinalizar a circulação no espaço público – sem o companheiro, apresentar à família, alterar o perfil nas redes sociais para "em um relacionamento sério", "namorando" ou "noivo/a", usar tatuagens, anéis, cordões com nomes ou suas iniciais sobre o corpo como sinal de pertencimento ao parceiro, compartilhar senhas de e-mail e redes sociais, criar conta corrente ou poupança conjunta, dar entrada na casa própria e até mesmo optar pela castidade como fizeram Marcelo e Marcela em Brasília e Daniela e Daniel em Belém. Este último casal, por sinal, justifica a escolha pela castidade como uma demonstração de como a paixão dá lugar ao amor:

DEPOS DE 5 ANOS DE RELACIONAMENTO COMO VOCÊS AVALIAM O SENTIMENTO ENTRE VOCÊS?

Existia, claro, paixão, no início. Existia não, existe, a paixão, o desejo e tudo o mais. Mas eu acho que hoje, a nossa decisão, de optar pela castidade, já mostra que a paixão já ficou um pouco de lado, digamos assim. Não que não haja paixão. Não que não haja desejo. Mas que não é o principal, o primordial no relacionamento. (Daniel).

O amadurecimento também está relacionado ao conjunto de julgamentos mútuos sobre o caráter, a performance, os projetos e as referências extraídas de sua

rede social, cuja função é estabelecer um consenso sobre o que o casal espera da relação e o significado atribuído ao sentimento que existe entre eles. Os resultados desses julgamentos também favorecem a identificação de categorias que funcionam como sentimento acessórios no processo de ajustamento conjugal.

Um desses sentimentos é o “companheirismo” que se manifesta como um desejo, vontade ou necessidade de “estar junto”, ao passo que os sentimentos de respeito e fidelidade são definidos como indispensáveis para que se tenha “confiança”, afastando o risco da temível traição, seja ela afetiva ou sexual, atitude apontada como a principal causa para que uma relação seja rompida. A admiração também é apontada como um sentimento cuja origem se dá a partir da identificação e contemplação de características ou evidências que correspondem a expectativas individual ou socialmente valorizadas, como o corpo, a origem, o pertencimento familiar, o status social e profissional etc. Por fim, o sentimento de cumplicidade, que também se confunde com o que eles definem como “diálogo” ou “intimidade”, isto é, um sentimento apontado como indispensável para que o casal negocie e estabeleça consensos ao longo da relação.

Casar não é só companheirismo. Mas pra ter companheirismo tem que ter o que? O sentimento. [...] Esse companheirismo, cheio de símbolos, que tem que ter amor no meio, que tem as particularidades, que tem o entendimento, que tem a conversa. (Eduardo)

O amor é um sentimento. Aí depois vem o subconjunto do amor, que é o respeito e a fidelidade, tudo que envolve. (Luiz).

No começo tem aquela empolgação. Você querer estar junto toda hora. Com o tempo isso vai diminuindo, mas vai nascendo um sentimento mais forte, confiança, uma coisa que faz a gente crescer junto como casal. (Gabriel).

"MAS ALÉM DO AMOR, QUE OUTRO SENTIMENTO TAMBÉM MARCA A RELAÇÃO DE VOCÊS?"

O que fez dar certo essa relação por tanto tempo foi o diálogo. Que isso não existia em relação, como eu te falei. Por mim eu passava anos sem falar com ele, enquanto ele não viesse me pedir desculpa. Ou no máximo o que aconteceria era eu não aguentar mais e dizer "tá, eu te desculpo", mesmo ele não vindo me pedir desculpa. Então, assim, eu acho que o diálogo fez com que a gente conseguisse resolver todos os nossos perrengues, porque a gente conversa e então eu tenho confiança nele. (Daniela).

Pra mim é o diálogo, mas o que eu sempre exigia dele, além do diálogo, por que eu não aceitava enquanto ela não sentasse e conversasse.

Mas eu acho que junto com o diálogo vem a consequência da cumplicidade. Então eu digo pra ela assim: "Nós temos uma cumplicidade que é muito difícil..." se tu chegares com a Daniela e falar alguma coisa diferente. Porque nós estamos o tempo todo ali conversando pra sermos realmente cúmplices do que a gente está vivendo. (Daniel).

"PORQUE VOCÊ ASSOCIA O QUE SENTE PELO JOÃO COM A CONFIANÇA NA RELAÇÃO DE VOCÊS?

Eu acho que tem a ver com o que eu defino como amor. Eu sinto muito isso dele e da nossa relação. Ele sempre me passou muita segurança. Ele sempre me passou muita confiança. Ele sempre foi um porto seguro pra mim. Ele é uma pessoa com quem eu posso contar. É uma pessoa que eu nunca duvidei dele. (Joana).

Portanto, ao lado (mas também em torno) do amor, enquanto símbolo de uma *solidariedade difusa*, outras categorias, como confiança, companheirismo, respeito, cumplicidade, admiração e fidelidade, exercem a função de sentimentos acessórios, conferindo eficácia a sua existência ao mesmo tempo que, por poderem ser "notados" e "sentidos", determinam a crença de que a relação "tem tudo para dar certo", isto é, se converterá em um casamento.

Recorrer a estes sentimentos, porém, pode ser visto como uma dificuldade encontrada pelos próprios casais para justificar ou explicar para si próprios o que os motiva a casar em um contexto onde se considera que o amor é o elemento principal. Como os próprios noivos demonstram, a obviedade do amor faz dele um assunto complexo diante do qual muitos têm dificuldade em defini-lo. Alguns recorrem aos sentimentos acessórios apoiando-se no argumento de que, na ausência de objetividade para explicar o que sentem, é melhor "dar exemplos":

Definir o amor é algo bem filosófico. Mas eu acho que é sentimento e só o fato de tu respeitar o outro e dizer não pra muita coisa, isso não é só a questão do respeito. Além da questão do respeito, tem que ter o sentimento, não tem jeito. (Eduardo).

O amor não tem explicação. O que a gente pode explicar é mais o senso comum. Essas reações químicas como se fala por aí, não tem como a gente definir isso. Eu acho que a gente só define nessas práticas, pelo respeito, valorizar a pessoa, dizer que ama sem ser forçado. Até hoje a gente tem que mandar mensagem com "bom dia", "boa tarde"... (Eduardo).

"COMO VOCÊ DEFINE O QUE SENTE PELO ALAN?

Se eu for falar amor vai ser clichê. [E COMO É ESSE AMOR?] É uma vontade de estar junto. [...] Mas nem sempre foi amor. No início era mais uma relação de ter ele comigo. Ele, quando a gente começou,

ele ficava comigo e ficava com uma outra moça. Aí até o dia que ele resolveu deixar a outra moça pra ficar comigo. Minha melhor amiga diz que era como uma relação de posse. Eu dizia pra ela que não, mas que era mais um instinto humano. Mas o que eu sinto por ele, eu não consigo te explicar com palavras. Eu falo pela vontade de estar junto porque nem sempre foi assim. Hoje é a molecagem que a gente tem junto. É o carinho um com o outro. (Aline).

"E O QUE VOCÊS ACHAM DO AMOR NA RELAÇÃO DE VOCÊS? NASCEU COM O TEMPO? SEMPRE FOI POR AMOR QUE VOCÊS ESTIVERAM JUNTOS?"

Pra mim amor é muito relativo... em relação ao que as pessoas consideram amor. Porque, por exemplo, eu posso te falar que eu não consigo mais imaginar a minha vida sem o Daniel. Tu pode me dizer que é dependência, é gratidão, é respeito, é cuidado, é carinho, é querer estar sempre junto. Então eu considero que essa mistura, a junção de tudo isso é amor. (Daniela).

Uma outra forma encontrada pelos interlocutores definir o amor é utilizar como referência a observação empírica de relacionamentos conjugais que aprovam e desejam reproduzir. Sendo mais comum a referência ao que apreenderam em seu próprio ambiente doméstico, eles tendem a selecionar traços dessa relação para julgar o tipo de relacionamento que estão construindo.

Os noivos também demonstram que a existência do amor está condicionada à domesticação das sensações que caracterizam o que eles definem como paixão, cuja arbitrariedade, irracionalidade e compulsão invasiva deve ser corrigida em benefício de uma experiência sentimental compartilhada, o que Sahlins (2013) definiria como "mutuality of being" (mutualidade do ser). Esta noção permite considerar que a relação de afinidade que caracteriza um determinado sistema de aliança reúne conjuntos de símbolos culturais, como sentimentos, valores e práticas orientados para a convergência em torno de um projeto comum, o que, face o exposto até aqui, significa dizer que a ritualização do casamento na fase pré-nupcial permite ajustar, pela via da socialização, dois sujeitos com biografias distintas¹⁶⁹.

Logo, é comum notar que o noivo ou a noiva descreva em sua narrativa sobre o processo de formação do casal as atitudes que, mesmo podendo ser ignoradas inicialmente, com o passar do tempo (e o aumento da intimidade) são identificadas como

¹⁶⁹ Entretanto, ainda que seus interesses, valores e pertencimento social possam convergir é sempre bom lembrar que eles não são "criados" para se escolherem prescritivamente, mas para escolherem segundo expectativas socialmente construídas, o que sugere que sua mutualidade é produzida através da experiência de socialização.

defeitos ou virtudes que, por um lado, devem ser corrigidos para evitar que a relação se rompa – ou "perca sua graça" –, e, por outro, devem ser estimulados para que o relacionamento "vingue". Isto é responsável por levar muitos interlocutores a confessar que após o noivado passaram, ora a evitar práticas como "sair para beber com os amigos" ou mudaram de comportamento, como ser "mais paciente" e "compreensível" na esperança de que a relação não fosse afetada ou o sentimento (de paixão, carinho, confiança ou admiração) "diminuísse", ora passaram a adotar hábitos que anteriormente ignoravam ou criticavam quando praticados por terceiros, como "ser mais organizado/a", escrever e mandar cartas, responder mensagens com textos carinhosos ou pedir desculpas.

Depois que eu noivei – e após várias discussões – eu mudei algumas coisas no cotidiano. Por exemplo, se antes eu saía com os amigos para beber, hoje eu saio com ela pra comer. Eu gosto de sair com ela, dar uma volta. Vamos lá no Batistão¹⁷⁰, só pra conversar, nem que seja por pouco tempo. (Eduardo).

"E COMO É ESSE GOSTAR OU AMOR QUE TU SENTES PELA A-LINE?"

Eu abri mão de certas coisas, não de todas. De certa forma tu abdicas [Longo silêncio. Olhar perdido no teto]. Essa é uma pergunta muito difícil. Ela é muito escrota. Acho que tem a questão da amizade. Tem muita amizade, o companheirismo. Eu faço muitas coisas pra agradar ela. Ela faz o mesmo comigo. Acho que isso é fundamental. Faço isso pra ver o sorriso dela, que é muito bonito. (Alan).

Existem também interlocutores, como Marcela, que afirmam sentir-se “sozinhas no meio da multidão” quando estão desacompanhadas do parceiro, demonstrando que ela própria já não se distingue como um eu individual:

As pessoas dizem muito que "ah você tá só, incompleta, precisa de alguém que te complete". Mas eu acho assim, que eu sou completa, eu sou feliz sozinha, eu consigo viver, eu sou independente, mas eu preciso de alguém, sabe, pra me amar, pra viver a vida comigo, pra sonhar sonhos comigo. Chegou um momento na minha vida que eu não me via fazendo mais nada sem ele. "Ah, vamos viajar. Ah eu quero ir pra uma festa". Mas eu não vou pra uma festa sem o Marcelo porque eu fico triste. É como se eu tivesse numa multidão, sozinha. (Marcela).

¹⁷⁰ Food truck localizado em um cartão postal da cidade de Belém, a Doca de Souza Franco.

O sentimento de coesão entre o noivo e a noiva, que acima defini como “sujeito casal”, pode levar alguns deles a se verem como modelo ou referência de um sentimento. O caso mais emblemático neste sentido é o de Vitória e Vítor, que acreditam terem despertado a ira dos amigos pela exposição do que consideram ser expressão de sua felicidade através de fotos e postagens em suas redes sociais logo após o casamento:

PORQUE VOCÊS ACHAM QUE A RELAÇÃO DE VOCÊS INCOMODA?

Vitória: E eu acho que a felicidade incomoda demais. Sabe o que os amigos do Vítor falam...

Vítor: “Se tava tão feliz porque casou”. Porque parece incompatível casamento e felicidade.

Vitória: “Pra que você tem essa necessidade de ficar reafirmando que ama. Pra que isso? Com certeza tá passando dificuldade em casa”.

Vítor: “Parece autoafirmação”. Autoafirmação nada, isso é demonstração de amor. (Vítor e Vitória).

Os casais também demonstram que a medida que o casamento se aproxima – o que pode significar tanto sua oficialização em um cartório, no templo e/ou início da coabitação – é comum o aparecimento de conflitos e tensões que são a causa do “nervosismo” das noivas e, por vezes, do “medo” ou “arrependimento” dos noivos. Para marcar o momento em que isso tem início muitos deles usam a expressão “foi quando a ficha caiu”, procurando dizer que foi o momento em que tomaram consciência (“me dei conta”) de que a decisão de casar implica em um conjunto de obrigações e responsabilidades que se crê indispensáveis para a realização de um casamento.

As noivas afirmam que começam a ficar nervosas com a proximidade do casamento porque receiam que suas expectativas não sejam atendidas ou não se confirmem. Isso define, por exemplo, o que ocorrera com Vitória nas semanas que antecederam seu casamento. Segundo ela

Você sabe que umas duas semanas antes da gente casar eu falei pro Vítor “vamos terminar?” [...] Eu tinha medo dele chegar pra mim e dizer “ah, mentira, eu não gosto de você. Pegadinha do malandro”. Gente, o que passa na cabeça de uma mulher. Então eu disse “Vítor, eu não sei se te amo”. Eu perguntei “vamos terminar”?

Vitória argumenta que o término poderia revelar-lhe se realmente gostava do parceiro, uma vez que para ela “quando a gente termina um relacionamento é quando

a gente sofre e quando a gente sofre é quando a gente percebe se gosta de uma pessoa". Porém, após ter se dado conta de que "agora não tinha mais volta" casar era a possibilidade de tornar "uma coisa tão perfeita que você não quer acreditar" em realidade. Ela se refere principalmente à expectativa com o relacionamento, cuja afinidade com o parceiro justificava o sonho em casar, mas também ao fato dela se dar conta de que o sentimento do parceiro por ela era real, já que até ali desconfiava do seu amor apesar dele se apaixonar por ela quando ela se considerava "acima do peso" (75 kg), ter continuado ao seu lado quando chegou aos 108 kg e tê-la acompanhado em sua difícil jornada de emagrecimento que envolveu a realização de uma cirurgia bariátrica e o uso de ansiolíticos.

Sendo possível afirmar que estas expectativas integram um imaginário no qual casar é a "realização de um sonho", noivas como Vitória combinam suas dúvidas com a preocupação, por vezes solitária, mas também compartilhada com suas mães, parentes femininas do noivo e cerimonialistas, em preparar e executar a cerimônia (seja civil ou religiosa) bem como a festa de modo que ela se torne inesquecível e agrade os convidados.

Os noivos, por sua vez, afirmam que o principal motivo que os leva a ficar com medo ou se sentir arrependidos com a proximidade do casamento ocorre quando se dão conta de que boa parte ou grande parte da sua renda passa a ser direcionada para as despesas com o casamento. Diferentemente das noivas, cuja renda pode ser integralmente aplicada nas despesas do casamento sem que isso seja tratado como gasto ou desperdício, os noivos tendem a considerar que essas despesas são excêntridades e por isso comprometem o verdadeiro sentido daquilo que acreditam estar fazendo: que é formar uma família. Em razão disso, Eduardo sugere que

ao invés de gastar com algo que só vai durar uma noite, e muitas vezes comprometer nosso crédito – porque a gente vai passar meses pagando boleto –, a gente deveria investir isso aí, sabe, em coisas que realmente vão afetar nosso cotidiano. Porque não destinar esse dinheiro aí pra comprar um carro, financiar a nossa casa, mobiliar, viajar...?

O significado atribuído ao casamento é, como demonstrado antes, a principal evidência dos marcadores de gênero ao longo do noivado, favorecendo a tese levantada pelos próprios noivos de que a emoção e o simbolismo desse ritual são atributos femininos, ao passo que o caráter pragmático, objetivo e racional é um atributo

masculino. Essa divergência é a razão para muitas discussões, bate-bocas, crises e eventuais rupturas. Contudo, muitos casais reificam essa diferença afirmando que ela favorece a ponderação levando-os a reconhecerem que a diferença de significados reflete a própria distribuição dos papéis entre homens e mulheres no mundo social. Eles também reconhecem, como demonstra João, que não são essas divergências que podem contribuir para o fim do noivado como uma relação baseada em sentimentos:

MAS COMO VOCÊ INTERPRETA ESSA RELAÇÃO DE VOCÊS [APÓS O CONFLITO POR CAUSA DA CRISE ENTRE O SONHO DELA DE CASAR E O TEU DESEJO DE INVESTIR ESSE DINHEIRO NA COMPRA DA CASA]. DÁ PARA ACREDITAR QUE VOCÊS NÃO VÃO SE DESENTENDER NO FUTURO PELO MESMO MOTIVO OU MOTIVOS SEMELHANTES?

Eu acredito que dá... até onde o sentimento continuar. Por que além do sentimento tem mais coisa, mais o principal é a pessoa gostar da outra. Por que não adianta ter o respeito, aquelas coisas que envolvem, como a fidelidade, e não gostar. Acho que perde o sentido. (João).

Para concluir, os casais que celebraram o casamento antes da pesquisa ter sido finalizada lembraram em entrevista que a cerimônia de casamento foi o momento mais especial de suas vidas até então, pois se trata de uma ocasião em que se sentem muito sensibilizados ou ficam “fora de órbita” (Daniela). A reação mais comum é chorar e isso ocorre invariavelmente entre homens e mulheres que se dizem emocionados. Também afirmam que durante a realização da cerimônia são levados à reflexão sobre o que fazem enquanto estão vivendo aquela experiência ritual:

A gente sai de órbita, passa um filme na cabeça, tudo que você planejou, tudo que você passou praquele momento acontecer e tá ali acontecendo da maneira que a gente pensou, de maneira positiva. (Carla).

Mas assim, eu não chorei o que eu estava imaginando, pela... Sei lá a gente fica meio extasiado. Parece que a gente está mesmo em outra dimensão. (Daniela).

Eu chorei antes dela entrar, principalmente por causa daquela coletividade. [...]. Então os olhares foram se cruzando antes da entrada dela e foi passando um filme. (Daniel).

Então, tudo isso durante a cerimônia ia passando na cabeça. "Caramba, tá acontecendo aqui, tá acontecendo. Eu não queria isso, mas agora eu quero. Que legal, ela tá linda. Que bacana, pessoas queridas

aqui com a gente e torcendo pela nossa união". E essas coisas ficam passando pela nossa cabeça. (Vítor).

Foi o dia que eu me emocionei mais, no religioso. E aí foi lindo. E eu me lembro que ficava pensando assim "Meu Deus, meus filhos vão ter pais casados!" Foi o que mais passou pela minha cabeça durante a cerimônia. [...] Pra mim isso era muito importante. Então pra mim aquilo era assim "Meu Deus, agora eu posso ter filho". (Vitória).

Em síntese, a primeira etapa de minha reflexão sobre o noivado mostra que o mesmo é caracterizado pelas invariâncias que cercam sua ritualização. Lembrando Cavalcanti (1998), os sujeitos lançam mão de uma costura simbólica para expressar seu entendimento da experiência nupcial. Apoiados em um conjunto de expectativas, eles passam ao campo de ação reproduzindo e negociando significados nas diferentes etapas do relacionamento e de acordo com os papéis desempenhados por estes em seu meio social. Neste sentido, as condutas que cercam a performance, tanto do noivo, como da noiva, são forjadas reconhecendo padrões de comportamento, de relacionamento e de expressão das emoções, sem que isso exclua as dramatizações que a ritualização enseja.

CAPÍTULO 5

“LEVANDO A SÉRIO”: OS SIGNIFICADOS DA RITUALIZAÇÃO NUPCIAL

Enquanto redigia o artigo que foi a base deste capítulo¹⁷¹, meu smartfone sinalizou que havia recebido uma mensagem de Daniela, uma das noivas entrevistadas em Belém. Ao ler o texto fui surpreendido com a notícia de que ela e o noivo haviam antecipado a data do casamento. Tendo lhe perguntado os motivos da antecipação, Daniela respondeu em uma mensagem de voz, a qual transcrevo:

Oi Breno, boa noite. Tudo bem?!

Então... Eu estou grávida... Eee brincadeira (risos).

Não, não. Tem nada a ver.

Eu acho que nas entrevistas contigo a gente já tinha comentado alguma coisa sobre querer casar e não ter condições de casar. Na verdade, o que nos impossibilitava de casar logo era a falta de condições pra casar. [...] Então... A gente já tinha acertado, combinado que assim que acabasse o mestrado, o primeiro que começasse a trabalhar, a gente ia se organizar para casar. E assim foi.

O Daniel começou a trabalhar e ele falou "não, amor esse ano a gente vai casar". E a gente ia casar em dezembro, dia 8 de dezembro, no dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Então a gente começou a procurar apartamento pra comprar, pois como eu te falei a gente tinha um dinheiro guardado, mas não dava, não passou o financiamento na Caixa [Econômica Federal] porque ele precisava ter um tempo de renda. E ele não tinha. Então a gente decidiu alugar, por enquanto, pra começar a nossa vida mesmo. Independentemente de ter casa própria ou não.

E aí a gente tinha acertado que ia começar a ver apartamento, casa pra alugar lá pra Outubro, Novembro, pra começar a organizar as coisas devagar. [...] E aí, quando a gente chegou lá [prédio indicado pelo irmão do noivo] o apartamento já estava muito bonitinho, pronto pra morar, todo arrumadinho, armário embutido, já vinha com máquina de lavar, já vinha com balcão, banheiro todo pronto, numa ótima localização, na Braz de Aguiar entre Benjamim e Dr. Moraes e num preço muito bom pro que a gente estava procurando em outros bairros, inclusive, tipo Marco, Pedreira, e a gente achou mais barato que por aqui. Assim, no padrão dele, 2 quartos, prédio, já com condomínio e tudo mais. E aí, o Daniel "não, amor vamos fechar, vamos fechar". E como é que a gente vai fechar o apartamento se a gente só vai casar

¹⁷¹ O artigo ao qual me refiro foi redigido com o propósito de apresentar uma versão parcial da pesquisa na forma de comunicação junto ao Grupo de Trabalho “Interfaces contemporâneas dos estudos de rituais e performances” por ocasião da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016 em João Pessoa/PB. Agradeço ao Prof. João Miguel Manziolillo Sautchuk pelos comentários e contribuições para o aperfeiçoamento do texto.

em dezembro se a gente vai pagar aluguel à toa? Aí, ele falou, “a não ser que a gente case antes”. Aí pronto, começou a loucura. Ai “vamos casar em julho”. Eu falei “não, julho eu não quero, porque corre o risco das pessoas não irem.” Então ele, “Tá bom, se for para casar em junho eu quero casar em qualquer dia entre o dia 1º e o dia 13. Quero casar dentro da trezena de Santo Antônio”. E aí a gente fechou a data, dia 11 de junho. Aí vamos fazer uma cerimônia; vai ser uma cerimônia bem breve. Nós vamos servir um coquetel, mas vamos ter tudo o que temos de direito numa cerimônia religiosa. Foi o que mais fizemos questão. E aí é isto. Estamos muito felizes, curtindo tudo, entregando tudo nas mãos de Deus e vivendo cada detalhezinho desse sonho. Estamos muito felizes. (Daniela. Mensagem de voz. WhatsApp, 16/05/2016).

Ainda que episódico, esse relato surgiu em um momento oportuno, pois ao descrever o cenário que a mobilizou para o casamento, a noiva permitiu que eu pudesse não apenas identificar os elementos que compõem o que Turner chama de drama ritual (2013), como também discuti-los a partir de sua decomposição simbólica.

Nessa decomposição chamo atenção para os conflitos expostos pela interlocutora. O primeiro deles envolvendo a reputação, lembrando que ao sugerir, de modo sarcástico, que uma suposta gravidez seria a razão para antecipar o casamento, a noiva está chamando a atenção para uma das situações em que a motivação é *poluída* e os sujeitos agem para converter uma reputação socialmente desvalorizada; a identificação com uma determinada ordem social, pois ao apontar para a tensão entre “querer casar x condições de casar” ela adverte para a existência de um modelo que orienta sua visão de conjugalidade; o de projeto, quando reconhece que para a realização de seu “sonho” faz-se necessário um arranjo multideterminado entre renda, instrução, moradia e cerimônia; o espaço, configurado pela materialização simbólica da casa como um lugar de intimidade e da localização como marcador de uma posição social “privilegiada” (a avenida em questão é uma das mais nobres da cidade); e, por fim, a religiosidade, que ela aciona para mapear a eficácia de temporalidades extraordinárias capazes de consagrar a aliança.

Ao articular representações com práticas podemos considerar que a autora do relato recorre aos códigos que tem “à mão” para definir suas ações. Refiro-me a isso como um conhecimento incorporado do jogo, o jogo social em que os sujeitos se habilitam para viver e dar forma a sua existência. Com a pretensão de “levar a sério” o que está fazendo, Daniela expôs um dos muitos caminhos com os quais um casal

pode jogar esse jogo, manipulando códigos em benefício de uma existência significativa.

Posso afirmar também que narrativas como essas retratam as unidades dramáticas que constituem o campo das experiências e, uma vez que atuam retrospectivamente, isto é, como visão reflexiva dos eventos que participam de um “meio comunicativo comum” (SCHULTZ, 2012, p. 13), traduzem a dimensão simbólica presente em cada um dos atos e das relações que dão sentido ao ritual. Por serem formalizados e estereotipados, estes eventos estão suscetíveis à análise da ação social, cuja codificação em termos de suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica refletem o que Bourdieu define como *habitus*: o sistema de disposições que pautam e dão sentido às ações dos sujeitos. Adquiridas com a socialização, essas disposições funcionam como um acervo de recursos latentes (“esquemas gerativos”) aos quais se pode recorrer quando as circunstâncias o exigirem.

Servindo-se de modelos presentes em seu contexto social, a noiva também repercute as regras que caracterizam o sistema de alianças presentes na cultura brasileira, reforçando minha ideia de que a socialização por meio deste ritual atua para manter vivo o sentimento de pertença a um grupo, conservar a adesão aos seus modos coletivos, unir mais estritamente seus membros e afirmar e reforçar sua significação e sua estrutura.

Partindo dessa perspectiva, este capítulo se dedica a decompor e interpretar a gramática (ou o “sentido do jogo”, como afirma Bourdieu) da ritualização nupcial. Reitero, contudo, que o papel dos interlocutores é o de sujeitos do processo ritual, o que significa dizer que por meio de disposições, habilidades e competências culturais, eles são responsáveis por interpretar e manipular os códigos que dão sentido a este fenômeno.

Pedido e consentimento

As práticas que cercam a socialização dos noivos permitindo que eles estabeleçam entre si a relação de afinidade são definidas por etapas nas quais ações performáticas, isto é, rituais, tornam eficazes as motivações individuais. A precedência dessas etapas em seu conjunto ritual, conforme apontado no capítulo anterior (ficar-namorar-noivar), demonstra que o noivado é uma escolha, cuja iniciativa resulta da

experimentação e de uma avaliação sistemática das condições que tornam o casamento um projeto exequível.

Em relação a esta iniciativa predomina o protagonismo masculino. De acordo com os dados obtidos com aplicação de formulário, em 93% das vezes foram os noivos que manifestaram o interesse pelo casamento, sendo que o pedindo de noivado ou de casamento ocorreu em 72,7% das vezes. O noivado propriamente dito, porém, só tem lugar quando os noivos se consideram preparados para assumir o que chamam de "responsabilidades de uma vida a dois", uma expressão utilizada para se referir às condições consideradas indispensáveis para a realização do casamento, como maturidade, motivação afetiva, qualificação profissional, capacidade de provimento, aquisição da residência e anuência familiar¹⁷².

Noivar, no entanto, é uma decisão que se divide em duas etapas. A primeira delas é íntima e privativa, devendo ser protagonizada pelo noivo após reconhecer que ele ou o casal desfrutam das condições econômicas necessárias para realizar o casamento. A avaliação dessas condições pode se dar mútua ou unilateralmente por meio da consulta ao parceiro, quando o casamento é um desejo compartilhado, ou pela interpretação das motivações afetivas, que atuam como sinais ou evidências "deixados" pelo parceiro (quase sempre propositadamente). Essa "deixa", ou seja, a oportunidade para que o pedido seja feito, ocorre por meio de insinuações sobre o tempo de relacionamento, o desejo de formar família, a convivência doméstica e por meio de expectativas socialmente compartilhadas, como o desempenho de papéis compatíveis com o estilo de vida de casado. O pedido constitui-se assim, em um evento que mobiliza as representações sobre o processo que ritualiza o casamento, levando os sujeitos a adotarem práticas em conformidade com as disposições e expectativas que caracterizam o modelo convencional de praticar o ritual.

Mesmo cabendo ao noivo a iniciativa para o casamento, isto não significa que isso deva se dar impulsivamente. Na verdade, existem formalidades e uma das expectativas que cercam a conduta do noivo é que ele aja após uma "conversa", que se faz necessária a fim de que a noiva identifique suas motivações e avalie se o que ele

¹⁷² Além dessas condições também são apontados o tempo de relacionamento, a intimidade, a idade, a aceitação dos parentes, o nível de instrução, a renda, a ocupação e a filiação religiosa. Por serem fatores invariáveis, origem, cor e pertencimento familiar, étnico ou de classe, ainda que sejam elementos considerados na decisão de casar, acabam por não desempenhar uma função determinante na decisão de realizar o pedido, pois antes, no namoro, eles atuaram exercendo a função seletiva.

está "pensando em fazer" é compatível com as condições do casal em levar o projeto de casamento adiante. Os principais objetos dessa conversa são o sentimento que justifica o pedido e as condições de renda e de moradia do casal.

Os noivos também admitem haver situações em que se sentem estimulados ou induzidos pelas noivas a pensar sobre o assunto. A crença no significado do amadurecimento (seu e do parceiro), bem como a identificação com a educação familiar, pensamentos, objetivos e projetos de vida são as razões que despertam o interesse das noivas em casar levando-as a induzir ou estimular o noivo a realizar o pedido.

Quando o noivo toma a iniciativa interpretando adequadamente os sinais ou evidências, os contextos para a realização do pedido ou há um acordo entre os noivos, faz-se o pedido de casamento. Este pedido é um ritual e deve ser feito com a entrega de um anel à noiva ou pela troca de alianças entre os noivos¹⁷³. Os noivos também podem realizar a troca de presentes – apesar disso ser pouco comum uma vez que 72% negam ter oferecido presentes durante ou após o pedido de casamento. Entre aqueles que recorreram ao mesmo – apenas 11% – somente os noivos o fizeram. Porém, quando o fazem, o gesto assume diferentes formas, cada uma delas variando em função do tempo e do status da relação. Joias, tais como colares, brincos, pulseiras, viagens, a sós ou em família, para o litoral, serras, festivais de música, e comemorações de datas significativas para o casal podem demonstrar, por exemplo, que quem oferece ou convida prestigia quem recebe ou é convidado, informando nesse processo que a continuidade da relação por si só tem o sentido de retribuição. A preferência dos noivos é a de que essas trocas ocorram em contextos de comensalidade, como jantares íntimos em restaurantes ou almoços familiares.

¹⁷³ É importante observar que a entrega de anéis ou troca de alianças não é exclusiva do noivado e já no namoro ela pode ocorrer, como demonstraram 60% dos noivos que afirmaram ter feito a promessa com a intenção de casar. Nessa fase é muito comum a troca dos chamados "anéis de compromisso", que normalmente assumem a forma de um noivado extraoficial, onde os namorados podem tanto expor a "seriedade" da relação e das intenções do casal, como assegurar o controle sexual e afetivo sobre o parceiro, já que uma das suas funções é "dar na vista", ou seja, indicar que o mesmo está comprometido. A diferença desses anéis de compromisso para o anel de noivado é simbólica, e pode ser representada pelo seu conteúdo e posição que ocupam na mão de quem os possui. Enquanto os anéis de noivado são de metal, preferencialmente de ouro, tendo obrigatoriamente que ser colocados no dedo anelar da mão direita, os de compromisso podem ser compostos de metal, preferencialmente a prata, e até de material orgânico ou derivados de hidrocarbonetos e ocupar diferentes dedos da mão podendo servir também como brincos ou pingentes.

Ao lado desse protagonismo os noivos também reconhecem que a mudança de comportamento é uma virtude necessária para que esta iniciativa não apenas convença a noiva de que é adequado pensar em casamento como ser socialmente aprovada. Conforme demonstrei no capítulo anterior, a avaliação quanto a esta iniciativa é marcada pela ideia de que "já está na hora" ou "é a hora certa" de fazê-lo. Segundo os noivos, a "hora" se refere ao contexto em que se sentem "responsáveis", "maduros", "seguros" ou já estão em idade avançada, bem como reconhecem que disfrutam de independência financeira e condições para aquisição de moradia.

A manifestação do interesse em casar e a expectativa pela conversa demonstram, portanto, que o noivado se dá mediante negociações, o que implica dizer que mesmo podendo ser uma surpresa, o noivo deve ser suficientemente competente para identificar o melhor momento para a realização do pedido de casamento. O mais desejado é que este pedido ocorra em períodos que marcam temporalidades biográficas e sociais, como aniversários, dias santos, ciclos religiosos e datas que rememoram o primeiro encontro, o primeiro beijo e o pedido de namoro, por exemplo. Além disso, ele deve ser, ao mesmo tempo, romântico e original, ou seja, para alcançar seu propósito o noivo deve recorrer a símbolos e performances capazes de produzir na noiva, conforme apontado no capítulo 2, forte intensidade emocional, visto que para elas são as emoções e sensações em torno do "ser pedida em casamento" que ficará registrado em sua memória¹⁷⁴. As noivas enfatizam que ser aceita e bem acolhida, assim como desfrutar da confiança junto à família do noivo, também são elementos que compõem sua avaliação sobre a plausibilidade do pedido e a viabilidade do casamento.

¹⁷⁴ A atuação performática marca, acima de tudo, a necessidade de tornar o pedido um evento único e extraordinário, cuja eficácia se calcula através da correlação entre o senso de surpresa que ele pode atingir e o efeito emocional que dele resulta. A ruborização, as lágrimas, a contenção da fala, a intensidade do abraço e o estado de graça que a surpresa pode/deve provocar são meios de avaliar essa eficácia, bem como expressar a dimensão que ela alcança na memória de quem vive tal situação. Agir intencionalmente para obter esse efeito é também um meio de avaliar o nível de "consideração pelo/a parceiro/a" ou o grau de investimento afetivo depositado no evento. Assim, aqueles que se dedicam a "fazer a surpresa", demonstram com a formulação, a preparação e execução do pedido o quanto de afeto e identificação com os valores afetivos socialmente compartilhados possui e sabe administrar na intenção de reunir em um mesmo ato valores relativos tanto aos modelos considerados tradicionais quanto aos modernos ou contemporâneos.

Estar atento a demanda da noiva quanto ao significado emocional do pedido de casamento é uma qualidade valorizada entre as noivas, razão pela qual manifestam sua impressão avaliando se o parceiro cumpriu as instruções antecipadamente fornecidas por ela:

COMO FOI O PEDIDO DE CASAMENTO DE VOCÊS?

Ele me fez totalmente de besta. *Eu sempre disse pra ele que eu queria que ele me pedisse em casamento só pra mim. Você vai, pede a permissão para o meu pai e depois você me pede em casamento. Você pede pra mim. Não quero que você chegue na frente da minha família toda e me faça uma surpresa. Eu quero que seja uma coisa nossa. [ISSO SIGNIFICA QUE VOCÊ INDUZIU ELE A TE PEDIR?] É porque eu sempre gostei muito de ver casamento, de pesquisar, de olhar [...] jogando a verde. Ele mesmo notava que eu falava muito em casamento. [ENTÃO VOCÊ COMEÇOU A MANIFESTAR A TUA VONTADE?] Eu comentava "Ah, porque uma prima minha, quando o noivo foi pedir ela em casamento, ele falou primeiro com o pai dela, depois ele foi lá e pediu a ela e depois fizeram com a família toda. Eu fui meio que dizendo como é que eu queria. "Olha que legal isso aqui". Aquela velha sugestão. E aí ele já sabia mais ou menos como é que eu queria. E eu sempre disse que queria que fosse surpresa. Eu não queria desconfiar de nada. (Gabriela).*

Fernanda, por sua vez, ressalta que o conjunto dessas instruções teve como fundo sua representação sobre o romantismo:

PORQUE VOCÊ QUERIA UMA SURPRESA?

Eu acho que é pra recuperar um pouco do romantismo, que na minha opinião tem se perdido muito. Por que tudo hoje em dia vem muito fácil, tudo muito acessível, as pessoas não se dão ao trabalho de conquistar, de manter a conquista, de estar ali bajulando, tendo paciência, cuidando, respeitando. (Fernanda).

Cientes de que devem surpreender suas parceiras, os noivos não ignoram essas instruções e os significados que estas dão ao noivado. Em outras palavras, mesmo devendo ter um caráter intimista, a representação sobre o romantismo do pedido de casamento tem um significado social. Para as noivas significa que ao serem cortejadas o consentimento oferecido ao noivo não é apenas um desejo pessoal, mas um consentimento coletivo, razão pela qual 75% dos noivos que responderam ao formulário informaram que os pais ou parentes foram consultados sobre este pedido a fim de manifestarem sua aprovação em relação a decisão de noivar. Outros 11,3% foram consultados e não concordaram ou concordaram parcialmente. Por fim, apenas 7% dos noivos revela que não recorreu a aprovação de seus parentes.

Após o pedido privativo o casal se reúne preferencialmente na residência da noiva ou em um restaurante escolhido pelo noivo para "comunicar" o pedido aos seus parentes. Nessa ocasião a noiva espera que seja pedida formalmente perante o seu pai. Na ausência deste, o pedido pode se transformar em um anúncio ao familiar que assuma ser o responsável pela noiva ou seja visto como tal. Este momento é considerado uma celebração pelo consentimento onde os pais e familiares manifestam sua aprovação, abençoando ou apoiando a decisão e se oferecendo para ajudar na organização por meio da doação de presentes e pagamento de despesas. Pode até acontecer da noiva dar o seu consentimento privativamente, mas torna-se simplesmente uma atitude caprichosa se não obtiver a "bênção" familiar. Esta pode ser considerada a segunda etapa do noivado.

Após o pedido alguns noivos também consideram importante realizar a "festa de noivado" em que são convidados amigos e parentes. Logo, é somente após essas duas etapas que o noivado propriamente dito tem início.

Segundo os noivos, a experiência de noivar reflete uma ação tradicional "enraizada na cultura" (Gabriel) e que ainda está em vigor devido ao forte significado do casamento no Brasil. Para eles, isto significa, que o noivado é um processo ou experiência motivado pela "necessidade de formar uma família, ter uma pessoa companheira" (Vítor) e uma forma de estreitar as relações familiares através da integração, aproximação, compromisso e convivência "mais séria" com a parceira. A adoção do noivado, portanto, altera a percepção dos noivos sobre si próprios, levando-os a demonstrar, como apontado anteriormente, uma "outra postura".

De fato, quando um noivo se dedica horas a fio planejando um pedido de casamento não podemos supor que aquilo é algo irrelevante em sua biografia. As horas pensando no pedido, as motivações que o levam a fazê-lo e um certo receio em receber um não, em razão de sua performance, o fazem mobilizar inúmeros códigos culturais, como espaço, tempo e representações. Isto é suficiente para demonstrar que mais importante do que casar é ter a coragem (ou ousadia) de se comprometer com alguém para realizá-lo. A performance que atravessa o pedido pode ser vista também ao longo da relação de um casal e estar submetido ao imaginário que orienta as decisões e escolhas que acompanham o casal ao longo de sua trajetória até a aliança definitiva. Expectativas pessoais, valores familiares, tradição, ideologias de gênero contribuem para que a ritualização do noivado colabore para que os sujeitos vivam a

transição e se transformem com ela. Em sociedades complexas, onde a variedade de personalidades, estilos de vida e a diversidade cultural fazem com que essa transição cumpra a finalidade de ritualizar a aliança de personalidades, e não de categorias, como em sociedades tradicionais, o desafio de compreender a ritualização nupcial está em situar as motivações individuais e as influências que cada um admite em seu processo de construção da identidade conjugal.

As noivas, por sua vez, consideram o noivado uma fase de transição e de preparação na qual devem se conscientizar de que sua vida passará por mudanças. Segundo Gabriela isto ocorre porque "Você já se vê mais próximo de estar morando junto, de estar construindo uma vida juntos e aí você tem uma responsabilidade maior com tudo". Joana, porém, julga se tratar de uma "pressão psicológica" por ela passar a "ter que dar conta de tudo [...] De tomar as rédeas da minha vida, sair de casa."

O empatar¹⁷⁵

Por ser um processo que imprime maior importância em suas vidas, as noivas entendem que o noivado deve ser um compromisso com duração certa e objetivo definido, o que pode significar que antes de firmar o compromisso de casar, isto é, durante as conversas que servem de preâmbulo para o pedido de casamento, tenham determinado quando, onde e sob quais condições irão oficializar sua relação. Caso um noivo demore em pedir a parceira em casamento ou indisponha-se a fazê-lo, apesar das "deixas", as noivas consideram que estão sendo "empatadas".

Empatar é, neste sentido, uma categoria que explica o significado da promessa como código do relacionamento. A promessa também explica o fato do relacionamento amoroso ser um processo cuja eficácia é determinada pelas expectativas que a cercam, demonstrando que, em termos de ritualização nupcial há um tempo para tudo. Logo, a preocupação mais acirrada com a demora no pedido de casamento se dá entre as noivas, que veem na falta de iniciativa do parceiro um prejuízo ao seu ciclo biológico, uma vez que idade e maternidade ganham uma importante atenção à medida que as noivas se sentem "cada dia mais velha para casar", assim como entre

¹⁷⁵ Devo o emprego e o significado atribuído a este termo aos diálogos estabelecidos com a amiga e pesquisadora Audrei Vieira de Alencar.

aquelas que se sentem postas de lado por parceiros "entretidos" demais com seus projetos pessoais: como carreira profissional, estudos, lazeres etc.

O fato da expectativa sobre o pedido de casamento caber ao namorado e o receio em se sentir empatada, leva as noivas a questionar os projetos do parceiro em relação ao relacionamento. Gabriela, por exemplo, relata que "durante o namoro conversava bastante sobre o casamento, sobre datas, sobre a época que a gente ia casar". Outras noivas, como Joana e Helena, também abordam a questão refletindo sobre o receio de se verem empatadas:

ENTRE O INÍCIO DO NAMORO E PEDIDO DE CASAMENTO VOCÊS PASSARAM MENOS DE UM ANO E MEIO JUNTOS. VOCÊ SE CONSIDERA PREPARADA PARA CASAR?

Eu acho que quanto mais uma relação demora, demora, mais se empata a outra... tipo, eu conheço gente que é noiva há dez anos. Pra que essa quantidade de tempo? É uma vida! É como se fosse casada. E pra mim isso só acontece porque a pessoa não confia na outra. Não confia. Pra que a pessoa passar dez anos noiva e não casar com a outra? (Helena).

Eu conheço noiva que pra elas é assim: "a gente namora há um tempo". Ai noiva. Mas vai continuar na mesma... levando, levando, levando, levando... nove, dez anos de noivado. Não firma realmente um compromisso, tipo "noivei pra casar". Se fosse comigo me sentiria empatada (Joana).

Por vezes, o conflito gerado pela indisposição a fazer o pedido leva o casal a romper o relacionamento. Em situações como a vivida por Fernanda, esse rompimento ocorre quando se combinam um período de relacionamento tratado como longo (no caso dela, 7 anos) e a manifesta resistência do noivo a "superar" o que ela considera ser "aquela fase da vida", se referindo ao namoro. A solução neste caso, afirma a noiva, é "dar um gelo" (separar) para avaliar "qual é a dele". E a noiva conclui: "caso ele realmente goste de mim volta, mas eu só aceito se for pra casar" (Fernanda).

É em razão dos riscos e receios que envolvem o empatar que o noivado é distinguido entre os interlocutores em dois tipos: "o noivado com data de casamento já marcada" e "o noivado em que não se sabe quando se vai casar". A principal razão para esta distinção está na idade, que em relação ao primeiro tipo se dá entre os noivos que estão na faixa etária próxima aos 30 anos, enquanto no segundo os noivos são mais jovens, e a independência financeira necessária para formalizar a união e

comprar ou alugar a moradia em que o casal irá morar, o que é predominante no primeiro tipo.

Entre os noivos, o desejo de controlar a sociabilidade, circularidade e a própria sexualidade da parceira é uma motivação que também está relacionada ao segundo tipo de noivado. Isto porque, para alguns deles a maior formalização que o noivado representa pode tanto estabelecer limites à circulação da parceira no espaço público – inclusive contando com a cumplicidade dos pais –, o que, em tese, impediria o acesso de outros pretendentes, como também pode significar a facilitação do acesso às relações sexuais.

O noivado é concluído com o casamento civil e/ou o religioso, quando os interlocutores passam a se considerar "realmente casados" (Vitória). Até então, os termos de tratamento usados para designar relação são "união estável", "morando junto". Já os termos "noivo/a", "companheiro/a", "namorado" e "mulher" são usados para definir o(a) parceiro(a). Após o casamento usa-se, sem maiores restrições, os termos "casados", "marido" e "esposa".

O noivado também é um período marcado pela reflexão e problematização do casamento, cujo "sentido de família" expressa o objetivo de quem se lança em um projeto nupcial. Souza lembra que essa problematização se deve ao fato de que "o noivado é considerado o momento de aprendizagem da vida de casado(a), de transição, para deixar os antigos hábitos de solteiro(a) e para aprender a cuidar de uma casa e de uma família" (SOUZA, 2012, p. 140). Nesse processo, a religiosidade desempenha um papel especial, servindo de horizonte para a reflexividade sobre a mudanças que cercam sua performance social.

Os significados do casamento

Ao serem questionados sobre o significado do casamento os noivos tendem, inicialmente, a considerá-lo uma escolha pessoal baseada em sentimentos. Contudo, há uma disposição dos mesmos a assimilá-lo como convenção social, à medida em que as entrevistas se aprofundam e o ato que oficializará o casamento se aproxima. Quando isso ocorre, o sentido de "estar junto" e/ou "ter filhos" torna-se predominante em suas exposições:

QUAL É O SIGNIFICADO DO CASAMENTO PARA VOCÊ?

Pra mim é morar junto. Ter uma família, pensar em criar família, pensar em ter filho, criar laços familiares (Eduardo).

Formar família. Isso pra mim foi o primordial na nossa decisão de casar. Nós tínhamos interesses em comum. De formar uma família, de casar e pronto. [...] Uma família com filho, morando tudo na mesma casa, com o pai, colocando o filho pra dormir. Era uma coisa que eu queria pra minha vida. (Vitória).

O QUE É O CASAMENTO PARA VOCÊ?

Morar junto. Saber que você e o marido tem a responsabilidade da casa, das coisas, das contas, do financeiro, de cuidar de tudo junto (Paula).

Ressaltando as características que definem a expectativa com a nova unidade doméstica, os casais que recorrem a esta definição enfatizam que estão “levando a sério” o relacionamento. Com isso procuram se distinguir das experiências que acreditam estar baseadas na “empolgação” (quando o casamento é motivado por arroubos emocionais) ou na aparência (quando a honra, a reputação e o interesse em manter ou adquirir diferentes tipos de capital motivam a decisão de casar), cujas motivações controversas são prelúdio de sofrimento e ruptura do relacionamento. Sem que isso exclua a importância e o simbolismo das representações afetivas, esta distinção faz jus a uma classificação estabelecida pelos interlocutores no curso do ritual e que visa, sobretudo, tornar suas motivações mais elevadas ou puras¹⁷⁶. Os sentimentos e experiências emocionais que, em vista desta distinção, deram origem à ideia ou desejo de “estar junto” e ter filhos, bem como as motivações alheias à finalidade do relacionamento nunca podem, portanto, serem motivos para casar. É necessário combiná-los a valores inerentes à conjugalidade como coabitação e reprodução biológica.

Como o relacionamento está no curso de seu desenvolvimento e o desejo de ter filhos é um projeto associado à vida conjugal, os noivos apontam a moradia, locus da coabitação, como o principal mobilizador de suas ações. Esta mobilização, no entanto, deve ser precedida por ritos que assinalem não só o interesse dos interlocutores pelo novo status como representem a própria mudança de espaço, tal como apontada por Van Gennep (2011).

¹⁷⁶ Ao utilizar estes termos me refiro ao simbolismo associado a sentimentos e valores considerados compatíveis com a perspectiva dos interlocutores sobre a natureza do relacionamento em vista, como ser baseado no afeto, no “encantamento”, no projeto de formar família etc.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, isso coloca, de um lado, as noivas, que compartilham da ideia de que realizar o casamento religioso é um "sonho", apontando o "ambiente da igreja", a "vontade de reunir as famílias", "os votos de casamento" e o "vestido de noiva" como evidências que justificam sua motivação; e de outro, os noivos, que compartilhando o argumento de que "quem casa quer casa" policiam os desejos da noiva invocando experiências malfadadas de casais que ao se deixarem levar pelo "sonho do casamento" não se prepararam financeiramente para a aquisição de moradia e as despesas com o enxoval, a cerimônia, a festa e a lua de mel e mentalmente para lidar com o cotidiano conjugal.

Os interlocutores também afirmam que o casamento possui duas acepções diferentes, o que faz lembrar o caráter ambíguo com o qual o mesmo é ritualizado, conforme discutido no capítulo 1. Esta ambiguidade se desdobra na expectativa de que o noivado prepara os casais tanto para o evento que oficializa sua união, como para o relacionamento conjugal, definido como "vivência", "experiência" ou "vida" a dois.

***Casar, no civil ou no religioso?*¹⁷⁷**

O casamento como evento ressalta o rito de formalização do relacionamento. O mesmo pode se dar em um templo quando ocorre o que chamam "casamento religioso", ou em um cartório, ao qual atribuem a expressão "casamento civil" ou "casamento no cartório". Este rito pode ser complementado ainda por uma festa ou reunião envolvendo o casal e seus convidados.

O formulário aplicado apontou a predominância do interesse dos interlocutores em realizar o casamento religioso. Contudo, ao longo das entrevistas foi possível notar que os marcadores de gênero têm uma importância fundamental nesta escolha, pois ao passo que as noivas dão grande ênfase ao casamento religioso (ou religioso com efeitos civis) os noivos tendem a ver com bons olhos a ideia de realizar o casamento civil ou mesmo partir para a coabitação sem ritual.

Tabela 10 – Preferência dos noivos pelo tipo de cerimônia de casamento. Valores relativos.

Tipo de casamento	(%)
--------------------------	------------

¹⁷⁷ A ideia de casamento como evento ou "wedding" em uma referência ao termo utilizado na língua inglesa é proveitosamente explorada por Marins (2018).

civil e religioso	65,9
religioso	22,7
civil	11,4
Total	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

Os interlocutores também ressaltam que a preferência por um ou outro tipo reflete o significado atribuído ao tipo de relacionamento que cada um deles representa:

VOCÊ VÊ ALGUMA DIFERENÇA ENTRE O CASAMENTO CIVIL E O CASAMENTO RELIGIOSO?

O civil pra mim parece mais como um contrato. No religioso tem aquela atmosfera toda que dura um tempo e tem uma atmosfera boa mesmo. Mas depois de lá, aquilo ali não vai ter impacto no dia a dia depois." (Luiz)

COMO VOCÊ AVALIA O SIGNIFICADO DO CASAMENTO COMO CERIMÔNIA CIVIL E RELIGIOSA?

Eu acho que no casamento religioso você está ali recebendo a bênção de Deus. E o casamento civil pra mim é uma coisa social. [PARA QUAL DOS DOIS VOCÊ CONVIDARIA SUA FAMÍLIA?] Para o casamento religioso. (Fernanda)

"QUAL A DIFERENÇA ENTRE O CASAMENTO CIVIL E O CASAMENTO RELIGIOSO?

Ambos são importantes. Um não vive sem o outro. Claro que cada um tem sua importância, mas eu acho que um depende do outro. É maravilhoso você casar no religioso, mas pra mim tem que casar no civil e no religioso. [MAS O QUE SIGNIFICA O CASAMENTO CIVIL?] O civil pra mim é tipo "vamos lá no cartório, assinar, convidar as testemunhas, casar". [ENTÃO DEPOIS DO CASAMENTO CIVIL VOCÊS VÃO MORAR JUNTO?] Não. Esse é só o civil. Ai depois quando a gente casar no religioso aí a gente passa a morar junto. Porque o religioso é o tudo. O civil pra mim só casa. O religioso pra mim é tudo. É definitivo. (Marcelo)

PRA VOCÊS TEM ALGUMA DIFERENÇA ENTRE O CASAMENTO CIVIL E O CASAMENTO RELIGIOSO?

Pra mim o religioso é o compromisso que você assume com uma pessoa, independentemente qualquer um que esteja presente. E o civil só serve pra questões legais. Pra você proteger legalmente a família. (Eduardo).

O desejo pela realização do casamento religioso se explica, em parte, pela predominância de cristãos católicos e protestantes na pesquisa, ainda que os demais, o

que inclui os “não-praticantes”¹⁷⁸ e os sem religião (cujos dados resultam da aplicação do formulário), demonstrem uma ligeira inclinação para tal.

Tabela 11 – Filiação religiosa dos interlocutores. Valores relativos.

Filiação religiosa	(%)
Cristão católico	70,5
Cristão evangélico/protestante	15,9
Sem religião	11,4
Não declarado	2,3
Total	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

Embora a preferência pelo casamento religioso seja predominante e ocorra em razão do simbolismo envolvido pela cerimônia, isto não significa que os noivos manifestem adesão às crenças da religião ou do culto ao qual afirmam estarem filiados. Em 40% das vezes, mesmo desejando casar no religioso, os noivos admitem que não frequentam templos ou são engajados em atividades paroquiais, o que permite inferir que a cerimônia para este grupo possa ter um outro sentido que não o de sacramento, conforme este é definido pela igreja (o que será objeto de atenção na última parte deste trabalho). Enquanto isso, para os noivos que afirmam não ter religião e rejeitam esse ritual, a preferência é pelo casamento civil, que é interpretado como uma forma racionalizada de promover a união¹⁷⁹.

Neste segmento, portanto, o casamento civil é considerado uma cerimônia impessoal, formal ou protocolar realizada "perante a sociedade, perante os homens" (Renata) e para o qual não incorrem muitos custos e em alguns casos, como o de Daniela, é ironicamente definido como "contrato de aluguel de corpos". Ele também é menos prestigiado entre as noivas porque é considerado um evento “mais individualista”, caracterizado por estar mais suscetível à ruptura e ser "aquela coisa amontoadada, gente por cima de gente, rápida e pronto; só pagar a documentação e pronto" (Fernanda), ou um evento ordinário, por ser "aquela coisa bem prática... pra vida normal.

¹⁷⁸ Recorro aos termos “praticantes” e “não-praticantes” para me referir à adesão ou não às regras de conduta que prescrevem como um filiado de certa denominação religiosa deve se portar em relação às atividades e costumes de sua igreja ou religião.

¹⁷⁹ Caso os noivos não cristãos assumissem mais vezes essa atitude, evitariam a curiosa e cômica cena presenciada em alguns casamentos católicos, de noivos em pânico sem saber pronunciar as orações mais típicas como o pai-nosso ou mesmo reproduzir os gestos mais habituais, como o sinal da cruz.

Pra vida prática, pra vida a dois. Pra você conseguir oficializar... pra você conseguir viver a dois, pra você conseguir desenrolar tudo" (Gabriela). Assim como a festa, ele também é tratado um rito "profano" podendo adquirir o sentido de "casamento comercial" (Daniel).

Esta definição do casamento civil, no entanto, se dá em oposição à definição de casamento religioso, que entre as noivas é uma experiência muito valorizada dada sua conotação espiritual e emocional. Seu simbolismo é representado pela crença na eficácia do ritual religioso, em que a troca de votos e a bênção do sacerdote são reconhecidos como atos mágicos:

Eu acredito muito quando o padre fala "O que Deus uniu o homem não separa". Então assim, quando ele fala isso eu acredito muito nisso. E eu sinto uma força muito forte, porque realmente, o que Deus uniu o homem não separa. Então eu acredito muito nisso. E eu quero que o meu seja pra sempre. (Carla).

Eu quero que o padre fale que é na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Eu quero ouvir isso. É isso que é o meu foco. Um casamento com Deus, o que envolve *tudo certinho*. Vai ser tudo mais emocionante (Eduarda).

Esta seria a principal razão para as noivas fazerem do noivado um período de preparação para a realização do que reiteradamente classificam como sonho, o "sonho de casar", o que requer grande atenção aos símbolos, às etapas que o perfazem e ao consumo de bens e serviços associadas à cerimônia de casamento, como escolha da data, do local e do celebrante, decoração, lista de convidados, vestido de noiva, buquê, escolha de madrinhas e padrinhos e documentação, e à festa ou recepção, como escolha do local, decoração, contratação de banda, garçons, equipe de cerimonial, bufê, etc... Exemplo disso é o desejo compartilhado de "fazer um casamento perfeito" (Carla) ou fazer "um casamento pomposo" (Aline).

Definido como "um sonho", a cerimônia de casamento é incentivada pelos familiares e muitas noivas concentram seus esforços criativos e financeiros para realizá-la em datas especiais (aniversários dos noivos ou de parentes ou que marcam eventos como pedido de namoro ou de casamento) e lugares considerados sagrados como templos e igrejas frequentados pelo casal.

A atenção que se passa a dar para as experiências de outros casais e à própria cerimônia, bem como a limitação financeira do casal, podem, no entanto, alterar o

sentido desse sonho. Após ser convidada para o casamento da amiga, ocorrido na praia, Carla, que tinha "o sonho de casar na praia", argumentou, por exemplo, que "aquilo não combinava". Segundo ela,

Ao meu ver não fez muito sentido. Não. Eu quero igreja, eu quero padre na igreja, tudo bonitinho, porque eu sempre achei lindo casamento na praia, mas no sábado eu vi que eu nunca faria porque pra mim não faz sentido o casamento fora da igreja. (Carla).

Daniela, que inicialmente também compartilhava do sonho de casar na praia, afirmou no decorrer da pesquisa que sua opinião havia mudado após um retiro da igreja católica quando se sentiu "tocada espiritualmente", o que a levou a perceber que seu sonho não era compatível com "a expectativa de santidade que Deus espera do casamento". Eduarda, por sua vez, afirma que "um casamento religioso dá mais trabalho", e ainda que seja seu sonho realizá-lo conforma-se com uma cerimônia mais simples a fim de não comprometer o orçamento do casal com a compra da casa própria.

Casamento como evento: entre bênçãos e despesas

As mudanças protagonizadas por essas experiências resultam em um processo reflexivo do qual as noivas extraem interpretações para demonstrar que o casamento deve ser regulado por valores sagrados. Daniela, por exemplo, se considerava "do mundo" antes de se engajar em atividades pastorais, mas com o noivado passou a "ter mais cuidado com a vestimenta, com o comportamento" e "a praticar o perdão, a compreensão, o respeito, a cumplicidade, a renúncia e a castidade" como forma de se "aproximar de Deus". Seu principal objetivo com isso é desfrutar do que ela considera ser um "casamento santo".

A valorização da cerimônia religiosa se dá também porque as noivas acreditam que por meio dela conseguem transformar uma expectativa em fato. Resulta daí a ideia de que a cerimônia é o momento no qual estão "criando a sua família" (Paula), "se encontrando com Deus" (Marcela) e confirmando, "diante de Deus", o "sentimento de vínculo" (Renata) existente entre o casal, o que expressa a esperança depositada pelas mesmas na atualização do mito da sagrada família. Realizar a cerimônia, portanto, compreende a "necessidade [emocional] de fazer parte da igreja" (Marcela), cuja escolha do lugar e do celebrante reúnem empatia (o "gostar") e sentimento de

pertença/filiação ("sentir-se bem"), devendo ser suficientemente eficazes para construir uma relação à três (marido + esposa + Deus) ou a quatro ("marido + esposa + Deus + Nossa Senhora" (Paula)).

A existência dessa crença é produto, conforme argumentam as noivas, da socialização no ambiente doméstico, mas não ignoram a influência exercida pela igreja, a escola, a literatura e o entretenimento. É por meio desta crença que se espera que Deus, enquanto entidade portadora do sagado, abençoe o sonho consagrando o desejo do casal em se unir. Segundo Fernanda, para que isto ocorra é necessário que Deus, ao conceder sua bênção, seja incorporado ao relacionamento, diferentemente do que ocorre em relação ao casamento civil:

Quando você imagina um casamento, você imagina ele na igreja e a três. Você, seu parceiro e Deus. No meu ponto de vista essa é a diferença entre o civil e o da igreja. (Fernanda).

A centralidade da bênção como motivação para a realização do casamento religioso é um argumento compartilhado também por quem atribui a ele o poder de "ser um diferencial na vida de um casal" (Gabriela), "dar um suporte espiritual para ter serenidade, tranquilidade e saber lidar com os problemas" (Joana) ou "afastar a inveja... o olho gordo" (Fernanda). Por isso, a escolha dos elementos que fazem parte do ato, como padre e o local de ocorrência, tem grande relevância. Em resposta à pergunta "ONDE VOCÊ PRETENDE CASAR?", algumas noivas respondem:

Na igreja do meu bairro, onde eu fiz primeira comunhão, onde eu cresci indo pra missa. Não é pela beleza, mas pela simpatia que eu tenho por ela". (Luiza).

Aqui mesmo [na igreja estava à nossa frente] [PORQUE]? Porque eu fui criada aqui, fiz catequese, crisma, grupo de jovem, EJC, participei de gincana, brincadeira, coral da igreja... (Fernanda).

O significado das bênçãos também se desdobra na expectativa de que, por meio delas, o casal e a família se tornem mais espiritualizados, reduzindo, assim, o risco de serem afetados por assuntos considerados mundanos. Contudo, para que isso ocorra as noivas consideram que ao longo do noivado e, permanentemente, durante o casamento, elas precisam estar "perto de Deus", realizando atividades consideradas religiosas, como comungar, fazer promessas e orações, se tornando mais

assíduas nas missas ou cultos (se possível convencendo o noivo a acompanhá-la), bem como adotando um estilo de vida disciplinado em que se deve evitar atitudes consideradas profanas, como falar palavrões, sair para festas, consumir bebidas alcoólicas e até mesmo manter relações sexuais.

Ainda que menos afeitos a essa crença, os noivos reconhecem que no noivado sentem-se mais inclinados a adotar práticas consideradas religiosas, como ir à igreja, "conversar com o pastor". Alguns deles afirmam que contribui para a assimilação do papel de marido:

"COMO VOCÊ AVALIA A IMPORTÂNCIA OU INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA TUA DECISÃO DE CASAR?"

Eu sempre tive a religiosidade em mim. Porque a experiência que eu vivi na minha adolescência foi muito forte. Eu nunca deixei de acreditar em Deus, de ter os meus hinos favoritos e tal. Mas no primeiro momento de pensar em formar família e casar e tal não teve influência religiosa não. Foi uma decisão minha mesmo por si só. Mas depois de um tempo, depois da gente morar junto, aí eu comecei a me abrir um pouco mais pra religiosidade. (Vítor).

Eu acho que a igreja mudou de mais a minha percepção. Eu acho que ela influenciou bastante. A conversa com o pastor, por exemplo, abriu tanto a minha cabeça quanto a dela. Ele abre a cabeça pro casamento, todo o significado, das alianças, o amor, as coisas que você tem que vencer no casamento. Então a gente entra sem cometer os mesmos erros que todo casal comete. (Marcelo).

Em alguns casos, essa espiritualização ocorre por meio de eventos religiosos voltados para namorados ou noivos, onde os mesmos se sentem "tocados"¹⁸⁰ ao serem incentivados a se aproximar do "mundo da santidade", reinterpretando o significado da relação que estão construindo. No Brasil, onde predominam as religiões cristãs esta reinterpretação é protagonizada, sobretudo em eventos destinados a doutrinação acerca dos padrões de conjugalidade, como os Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial, mais conhecido como "curso de noivos".

Estes encontros ou cursos são realizados por pastorais dedicadas ao cuidado da família e 93% dos noivos haviam marcado a data do casamento sabendo que iriam ter de se matricular nestes cursos para a realização da cerimônia. A minoria (7%),

¹⁸⁰ Sentir-se "tocado" é um sentimento que atravessa as iniciativas da igreja em promover eventos para casais, seja de namorados, a exemplo dos casais apontados acima, como de noivos e esposos, conforme se verá no capítulo 8 ou 9.

notadamente os que se consideram “não praticantes”, demonstraram surpresa com esta informação ao preencherem o formulário e alguns chegaram a entrar em contato comigo para saber do que se tratava.

Os cursos de noivos, conforme discutirei mais adiante, foram criados com finalidade orientar os casais sobre a experiência da vida conjugal em suas mais diferentes facetas. Também funcionando como espaço de socialização, estes cursos reproduzem, por meio de palestras e testemunhos, o imaginário sobre o casamento e a família na perspectiva de leigos e convidados ligados as pastorais familiares¹⁸¹. Orientados pela proposta de romper com as representações e práticas que corrompem a dignidade da família, seus organizadores e membros discutem temas como amor, diálogo, sexualidade, modernidade, planejamento familiar, orçamento doméstico, direito civil e canônico voltado ao matrimônio, que segundo 76% dos interlocutores são necessários na sua preparação. Entre estes interlocutores, os assuntos que mais lhe interessam dizem respeito a "maneiras de se relacionar e a importância de Deus nisso", "Vida a dois, sexo, filhos, dinheiro, trabalho", "Relações sexuais, família dos noivos", "Convivência", "Troca de experiências" , “o problema da rotina no casamento”, "Cotidiano, como lidar com conflitos e as mudanças de rotina".

Em face desses assuntos muitos interlocutores consideram que alguns dos seus valores não só são "profanos", como comprometem o próprio sentido do casamento na ótica da igreja que estão frequentando, o que pode resultar na abstinência sexual até o casamento, tal como ocorreu com Daniel e Daniela após participarem do “Encontro de Namorados Firmes”, e Marcela e Marcelo, que não mantiveram relação sexual, nos três meses que antecederam o casamento após participarem do “Encontro de Casais Virtuoso”.

Além da participação nestes encontros, da leitura da bíblia, da audiência a cultos e diálogos com padres e pastores, os interlocutores recorrem também a livros especializados que os ajudam nesse processo. Marcela cita, por exemplo, alguns livros que foram fonte de inspiração para as decisões e atitudes que passou a adotar na relação com o noivo:

Quando a gente casou a gente sentou juntos e... Você não sabe, mas eu leio bastante livros que fala de relacionamento, de relacionamento

¹⁸¹ O assunto será melhor discutido na terceira parte deste trabalho.

com Deus, de como ser uma mulher virtuosa. Tem o livro Casamento Blindado, a Mulher Virtuosa. Do Casamento Blindado a gente fez uma coisa que eu guardo até hoje, dentro da minha bíblia até hoje. A gente sentou "amor, olha, a gente vai fazer o seguinte. Vai escrever num papelzinho coisas que a gente não gosta um no outro. Não é brigar, é falar sobre, é conversar sobre. Expor motivos e o outro não vai se defender. É só escutar, entender e acabou". A gente sentou na cama, escreveu e a gente conversou. Então aquilo pra mim foi muito importante. (Marcela).

Para as noivas a adoção dessas práticas é ao mesmo tempo uma fórmula de conversão pessoal que tem como objetivo se adequar a uma expectativa sobre o papel de esposa, assim como uma estratégia amparada pela hipótese de que a existência e a manutenção do casamento, bem como da família, estão diretamente ligadas a consagração de sua performance. Esta hipótese é alimentada pela referência à testemunhos extraídos do ambiente familiar, mas também pela oposição a um modelo típico-ideal cuja configuração é dada pelas próprias igrejas.

Em relativa oposição a tais crenças, os noivos manifestam sua inclinação pelo casamento civil argumentando que o mesmo compromete menos o orçamento do casal, pois se trata de algo considerado mais prático e barato e, por isso, mais vantajoso do que o casamento religioso. Os noivos utilizam este argumento principalmente para convencer as noivas a fazer o que consideram ser o "verdadeiro sentido do casamento": querer estar junto.

Ela quer casar na igreja. Eu sei. E eu já vinha planejando isso pra agradar ela. Mas pra mim o que interessa é casar. Não interessa onde. (Eduardo).

A gente tem conversado semanalmente sobre esse assunto de casamento. [...] Então desde o início, eu estou com ela há sete anos, eu digo, o que eu quero é casar. Não interessa se vai ser no cartório, se vai ser com bolo, se vai ser mil pessoas. Pra mim não vai fazer diferença, porque pra mim o verdadeiro sentido do casamento é o ato em si. (Daniel).

Refletindo as diferenças que marcam as relações de gênero, esta concepção coloca em questão o simbolismo do religioso e do sonho enquanto um valor para o feminino em contraposição as outras formas de ritualização, como a união estável e o casamento civil, considerados materialmente eficazes, baratos, práticos e/ou simples no "mundo" dos homens. Sugerindo que o econômico e o material também tem um poder mágico noivos como Luiz recorrem ao vocabulário econômico para mostrar que

não se opôs ao desejo da noiva, mas afirma que ele "não vai ter impacto em seu dia a dia de casado". Heitor, por sua vez, expressa o desejo de realizar uma cerimônia "simplesinha" e por isso reclamava das despesas com o que considerava ser um desejo exclusivo de sua noiva¹⁸²:

"O casamento religioso é praticamente contra a minha vontade. Por que a minha vontade era apenas o casamento civil e só. [...] O que eu queria mesmo era uma coisa bem simplesinha, ir lá no cartório e assinar, volta pra casa... faz um churrasco e tal." (Heitor).

Usando do mesmo raciocínio, Renato discorre sobre as despesas que estava contraindo para realizar o seu casamento com Renata lembrando que o mesmo "não precisava ser algo tão custoso". Como ele próprio gosta de dizer: "bastava um churrasão com cerveja e feijão tropeiro". Marcelo, por sua vez, recorda que no dia do seu casamento sentiu que estava jogando dinheiro fora quando notou que a noiva estava se atrasando:

E COMO FOI QUE VOCÊ SE SENTIU NA HORA DO CASAMENTO?
Eu fiquei primeiro com raiva, porque a Marcela atrasou. Eu pensei "Ai meu Deus, olha o meu dinheiro indo embora. Olha o dinheiro voando".
(Marcelo).

Os noivos também demonstram que estão menos inclinados à realização da cerimônia religiosa mesmo quando se consideram filiados a uma religião, pois em vista de não se verem como "praticantes", isto é, não irem à missa, não estarem envolvidos em atividades pastorais, não lerem a bíblia, consideram que a cerimônia terá pouca influência em sua vida pessoal e conjugal. Eduardo, por exemplo, ressalta que mesmo não se considerando adepto do cristianismo ou manifestando a crença no ritual católico, viu-se obrigado a se preparar para o mesmo em razão do desejo manifestado pela noiva, de origem católica, e por afirmar que tem uma "história religiosa

¹⁸² Os desentendimentos envolvendo as despesas com o casamento deste casal foram ainda mais longe. Às vésperas do casamento Polyana me relatou que estava indignada com a família de Anderson, que havia colaborado com ele para a compra do imóvel e sua mobília, mas não havia, segundo ela, "movido sequer um dedo" para pagar as despesas do casamento civil. Sua indignação era maior ainda porque não fora consultada por sua futura sogra quando comprou e mandou instalar uma cortina verde no quarto do apartamento onde o casal iria morar. O noivo me afirmou que aquilo era provisório e defendia o comportamento de sua família que não fazia questão de gastar seus recursos com "rituais efêmeros".

forte", uma vez que nasceu em família católica, foi batizado no adventismo e estudou o espiritismo.

Casamento como relacionamento: valor, intuição e o teste drive

Mesmo sendo comum ouvir dos interlocutores que "só se sabe realmente o que é um casamento depois que se vive junto" os interlocutores consideram que é preciso se preparar para ele. Isto faz com que o casamento seja "levado a sério" já no noivado quando as experiências de "dividir contas" ou "dormir junto" simulam a vida conjugal ajudando os interlocutores a prever a forma como deverão "enfrentar os desafios" do que consideram ser a "vida de casado". É, neste sentido, que o noivado também é uma preparação para o casamento como relacionamento que, segundo os interlocutores, só deve ter lugar após a coabitação, quando assimilam o estilo de vida mais compatível com sua expectativa sobre a conjugalidade.

Esta característica, porém, ressalta uma questão importante: afinal, a ritualização de uma experiência socialmente compartilhada – como é o caso do noivado – prepara os sujeitos para um status que tem sua "vigência" *ex nunc* ou *ex tunc*?

Uma parte da resposta a este problema parece longe de ser resolvida, pois as entrevistas, ainda que úteis para a compreensão das representações sobre o significado do casamento e as motivações para contraí-lo, não satisfazem a necessidade de observar a interação dos noivos entre si e no interior da rede de relações de que participam. Outra parte sugere que, podendo ser escolhido como mecanismo de assimilação dos códigos conjugais, o noivado assume significados variados em diferentes arranjos sociais. Ou seja, ele pode ser um prelúdio do que será vivido após a coabitação em contextos sociais onde o controle da convivência e da intimidade são rarefeitas e os noivos possuem maior liberdade e independência sexual, social e econômica para tomar suas decisões; assumir a identidade de "sonho" em segmentos cuja valorização do ritual está associada, conforme aponteí acima, à filiação religiosa ou ao pertencimento de classe dos noivos; e, por fim, ser o produto da assimilação de experiências conjugais em seu próprio seio familiar, o que, portanto, os levaria a "reproduzir" um modelo com o qual já estão familiarizados e que se opõe a visão daqueles que podem, por um lado, rejeitar essas mesmas experiências como fazer projeções baseadas em representações difusas do que vem a ser um "casamento bem-sucedido". Em casos onde os noivos conviveram com o que consideram desvios, como a

violência doméstica ou a infidelidade, o casamento pode ser interpretado como uma forma de corrigir essas experiências, que são tratadas como negativas em sua trajetória biográfica. Por sua vez, interlocutores que são órfãos ou filhos de pais separados ou mesmo pertencentes a famílias monoparentais, podem noivar na intenção de formar uma família baseada no imaginário corrente.

Não sendo um fim em si mesmo, a ritualização do noivado, prepara os sujeitos para a vida em comum socializando projetos e valores de duas formas: por intuição ou como valor. Definidas a partir de “exemplos” ou “informações” extraídas de seu próprio meio social, seja para reproduzir o que acreditam ser favorável à manutenção do relacionamento, como rejeitar o que consideram incompatível com o tipo de casamento pretendido, estas formas procuram compatibilizar estilos de vida com a expectativa de casamento. Por meio delas os interlocutores demonstram que assimilam as suas práticas o que observam em relacionamentos anteriores e nas informações que obtêm de parentes e amigos casados, a quem acreditam que devem recorrer se quiserem aprender a saber como lidar com alguns dos temas que mais os atemorizam em relação ao casamento e que os leva a criar expectativa com a oferta de encontros e cursos destinados a preparação para o casamento, como a rotina, os problemas financeiros, os conflitos no relacionamento e a criação dos filhos.

Nesse sentido, a forma intuitiva é aquela em que os interlocutores recorrem a práticas que qualificam como positivas no imaginário social, a exemplo do companheirismo, bom relacionamento, demonstração de afeto, atenção e cuidado com o outro, fidelidade. Sem isso, conforme argumenta Eduarda, “um casal não tem uma boa relação, um bom companheirismo, uma boa convivência o que faz o casamento não ter futuro” (Eduarda). Na forma intuitiva, portanto, os interlocutores reproduzem o que interpretam como indispensável para o relacionamento gerar satisfação recíproca e ser duradouro.

Já a forma em que o casamento como relacionamento tem o sentido de valor ressalta a reprodução de práticas apreendidas ao longo da socialização. Neste caso, que não exclui a forma intuitiva, o mais comum é a ideia de que para um casamento ser bem-sucedido os interlocutores devem reproduzir o que “deu certo” no relacionamento de outros casais, principalmente no de seus pais, o que será devidamente discutido no próximo capítulo.

A reflexão sobre práticas bem-sucedidas de relacionamento e a avaliação sobre o tipo de parceiro adequado ao projeto de casamento também pode levar os noivos a protagonizar o que Duarte e Rocha-Coutinho (2011) e Pinho (2017) chamam de "teste drive", um tipo de compromisso, não definitivo, vivido como um casamento prévio onde os parceiros aproveitam para se conhecer melhor antes de optar por uma união que pode ou não se formalizar. Neste tipo de relacionamento, ao qual os próprios interlocutores se referem com relativa regularidade, o casamento tende a ser simulado na esperança de que as várias oportunidades de interação lhes possibilitem lidar com as tensões que consideram inerentes a vida conjugal. Isto inclui a realização de experiências como viagens e finais de semana na companhia um do outro e até mesmo a coabitação provisória¹⁸³, onde a intimidade permite prever divergências e antecipar fórmulas que ajudem os interlocutores a dirimir futuros conflitos:

APÓS 5 ANOS DE RELACIONAMENTO A INTIMIDADE QUE HÁ ENTRE VOCÊS É UM INDICATIVO DO QUE VOCÊ ESPERA COM A VIDA CONJUGAL?

Acho que uma parte do encanto do casamento é você ver semelhanças e diferenças daquele que está ali com você. Um exemplo que essa convivência mostrou foi exatamente as viagens que a gente fez juntos. Eu sou um cara extremamente organizado. Se você olhar para o meu escritório você vai ver que eu sei onde está tudo. [...] A Joana é uma menina muito organizada, não tanto quanto eu. Eu organizo as camisas por cores, por tamanho. A Joana fica louca com isso. Ela não consegue. Ela tem o local onde coloca os sapatos, mas ela não faz como eu faria. Essa é uma diferença nossa. A gente leva muito mais na brincadeira do que seria uma coisa que nos afetaria. (João).

VOCÊS JÁ TIVERAM EXPERIÊNCIAS COMO CASAL. ISSO JÁ TE DEU MAIS OU MENOS UMA IDEIA DO QUE PODE SER A VIDA DE CASADO COM ELA? O QUE VOCÊ ACHOU?

Já passamos uma semana junto. Em uma viagem de lazer não tem problema. Mas uma vez quando ela passou 4 dias lá, dá pra ver como é. E é beleza. Mas algumas coisas que ela faz me incomoda. E eu falo, tipo: deixar coisas jogadas pelo chão, espalhadas pela casa, bagunça ali... por que ela é muito aérea. Ela já deixou uma chapinha ligada lá. Essas coisas aí. Eu fico muito atento a essas coisas. E ela acha eu chato. Então isso me preocupa um pouco. (Luiz).

¹⁸³ Quando isto acontece diz que o noivado é uma estratégia para fugir da vigilância familiar, o que pode ser resumido pela expressão "noivar é pedir permissão pra namorar pelado". Souza, por sua vez, lembra o contraste entre o que chama de "noivos solteiros" e "noivos casados", estes últimos representados pelos casais que moram junto e às vezes tem filho. No caso destes, a valorização do rito se dá em geral pela busca da "legitimação religiosa perante a sociedade" (SOUZA, 2002, p. 137).

VOCÊS JÁ SE CONHECEM A PELOS 3 ANOS. DURANTE ESSE PERÍODO DEU PRA SABER MAIS OU MENOS COMO VAI SER A RELAÇÃO DE VOCÊS COMO CASAL CASADO?

Já. Teve uma época que ela estava dormindo muito lá em casa. Chegou um período em que ela dormia um dia na casa dela e o resto todinho na minha. Aí a gente passava muito tempo junto, viajando, e vai tendo essas experiências de *teste drive*. Ai agora que a minha mãe está viajando ela passa bastante tempo lá em casa, só aí dá pra ter uma ideia de como é que é. (Marcelo).

Em muitos casos, porém, esses programas contrariam as expectativas dos pais que as consideram impróprias para um casal não-casado. Em sua defesa, os interlocutores argumentam que, em razão do convívio por períodos mais longos e mais intensos que um encontro casual (e que geralmente ocorre no espaço público ou sob a vigilância familiar), a intimidade produzida durante estes programas lhes oferece algumas evidências sobre o que possa vir a ser a relação conjugal. Enquanto etapa do relacionamento, o noivado é, portanto, uma experiência extraordinária em que "ainda não se viveu tudo", mas oferece meios para avaliar se o casamento é uma escolha acertada, razão pela qual representa

finais de semana que você passa junto e no qual você está ali para curtir, pois não tem problema, não tem nada. Então tem que aproveitar porque na vida de casada vai ser um pouco mais complicado (Gabriela).

Normalmente associadas ao termo "junto", as experiências que qualificam o teste drive são praticadas, portanto, com o objetivo de estabelecer afinidades identificando e corrigindo comportamentos considerados desviantes.

Contudo, essas experiências têm seu limite definido pela expectativa de coabitação definitiva, uma vez que é ela que define o casamento como um relacionamento conjugal para estas noivas. A coabitação, no entanto, pode ter início antes de uma cerimônia que oficialize a relação, quando o casal decide "morar junto", ou começar na moradia dos pais de um dos parceiros. Para as noivas estas duas situações são desagradáveis pois, se por um lado "viver junto" compromete sua reputação, "morar na casa dos pais" indica, ao mesmo tempo, dependência econômica e insuficiência de meios para formar sua própria família. Além disso, os interlocutores ouvem de seus pais que "morar junto sem casar de papel passado é arriscado" ou que "a sociedade brasileira ainda é muito tradicional para aceitar isso sem olhar atravessado".

Esta visão, no entanto, apresenta variações, pois tenho motivos para acreditar que o incentivo para morar junto é mais comum em contextos sociais onde valores como liberdade e igualdade tem mais importância do que reputação e honra. Em Teresina, por exemplo, o assunto ainda é considerado tabu pela maioria dos interlocutores com quem me relatei durante a pesquisa, sempre havendo relatos de casais que o fizeram “comprando briga” com seus familiares. Em certa ocasião, ao saber da separação de um sobrinho de minha sogra, tomei nota da frustração dos familiares em constatar que o casal fizera o casamento religioso sem ter certeza de que iriam realmente ficar juntos. Para os pais e tios do jovem era melhor que o casal tivesse casado “só no civil”. Quando perguntei se coabitar não poderia ser uma alternativa, minha sogra e seus irmãos não só me corrigiram argumentando que eu estava suavizando o termo (eles ainda utilizam a expressão “amasiamento”) como me advertiram que tal atitude não encontrava eco nos costumes locais. De fato, durante os dois anos em que morei na cidade não conheci um só casal que morasse junto (embora não ignore a existência dos mesmos em virtude dos dados censitários para o local). O padrão era terem ao menos o vínculo civil.

Em Brasília, onde o noivado reflete a certeza de que o relacionamento deu certo, “morar junto”, por sua vez, é uma solução cômoda quando as condições econômicas para oficializar a união são insatisfatórias. E, ainda que as famílias sejam consultadas, sua interferência na decisão dos casais é relativamente menor do que o observado em Teresina. Não foi incomum, portanto, encontrar noivos que estavam oficializando a união após anos de coabitação podendo isso se combinar com recasamentos e o convívio com filhos nascidos da relação.

As motivações que levam os noivos brasilienses a oficializar a união, no entanto, merecem atenção pois na medida em que o noivado põe em evidência marcadores de gênero, e em particular o significado da reputação, as noivas recorrem aos seus significados para a mudar a opinião do parceiro quanto a comodidade da união consensual e a preocupação em relação aos seus custos. Vítor, por exemplo, expôs que não pretendia noivar uma vez que ele e sua parceira, Vitória, já moravam juntos e assim ele queria permanecer, até que um dia foi convencido por esta de que aquilo se tratava de um evento marcante em seu histórico familiar:

Após irmos morar junto pensamos em viver assim até um dia em que a Vitória levantou um ponto e eu embarquei na dela. Ela falou assim

"Olha, a minha mãe não casou... A minha irmã mais velha também não casou. Ou seja, a minha irmã caçula não tem nenhum exemplo de uma família estruturada". (Vítor).

O mesmo aconteceu com Renato, que se rendeu à proposta de noivar com Renata – mesmo depois de 16 anos morando juntos e 2 filhos nascidos nesse período – após sensibilizar-se com o argumento de que aquela seria a primeira oportunidade após três gerações de uma mulher da sua família realizar uma cerimônia para o oficializar o casamento. Para este casal, portanto, o noivado representou uma festa de comemoração pelos dezesseis anos "vivendo junto".

Assinalando a intenção do noivo em oficializar a união, o anúncio do noivado não se restringe, assim, apenas aos casais não coabitantes, podendo ser um artifício utilizado para justificar o propósito de "morar junto" ou, no caso daqueles que já moram juntos – os "noivos casados" na concepção de Souza (2002) ou "namoridos" na definição de Duarte e Rocha-Coutinho (2011) – mas que inicialmente não desfrutavam de condições econômicas no início do relacionamento, uma solução para realizar a cerimônia e a festa de acordo com o padrão dominante.

Como experiências que simulam o casamento, portanto, estes testes tem a função de preparar os casais para o inevitável, como "a responsabilidade de você ter uma casa, de você manter uma casa, de você levar a vida a dois, obrigada conviver com a pessoa e suas manias, seus defeitos, com suas sujeiras, com suas preguiças" (Fernanda) e "os problemas quando se está ali diariamente, de viver com a pessoa todo dia, das contas para pagar, da rotina do trabalho..." (Gabriela).

No entanto, são estas mesmas experiências que dão a oportunidade para que os interlocutores treinem e consigam evitar práticas constantes e repetitivas, o que eles chamam de "rotina", um termo que fazem uso para se referir as relações que cercam a vida do casal após a coabitação, como "ir trabalhar", "fazer refeições juntos", "pagar as contas", "cuidar dos filhos" e "limpar a casa". Para os interlocutores, a rotina é uma característica inerente ao casamento, mas que o casal deve saber lidar e se adaptar se não quiser ver o relacionamento deteriorar até o ponto de causar a separação¹⁸⁴.

¹⁸⁴ O significado da rotina, no entanto, varia e no caso dos interlocutores com menos tempo de relacionamento, como Lavne, ela entra na vida do casal quando "falta papo" ou quando o parceiro não "ajuda" nas tarefas domésticas.

Representando a sensação de continuidade e permanência a rotina, de acordo com esta visão, substitui a imprevisibilidade que parece caracterizar o namoro e o noivado. Neste sentido, “entrar na rotina” não necessariamente tem sentido negativo, pois conforme explica Eduarda ela demonstra que o relacionamento possui "estabilidade", ainda que ela ache insuportável a ausência de fatos extraordinários, como "coisas simples, de num fim de tarde, num domingo sair, ir numa praça, sentar pra conversar, enfim, fugir da rotina".

O mesmo se dá quando as noivas se referem à rotina demonstrando que há um significado que é imposto pelo ritmo agitado da vida que levam: saindo cedo para o trabalho, pegando ônibus, pagando conta, estudando, etc. Como nos primeiros meses após o casamento os casais só se encontram no período da noite ou fazem planos para "ficar junto" nos finais de semana e feriados, a relação tende a ser constantemente renovada com jantares surpresas, ida a restaurantes, viagens, passeios, reuniões familiares, etc. Além disso, os noivos, que por sua vez, acreditam que a “rotina cansa o amor” oferecendo riscos à longevidade do relacionamento, procuram dar atenção especial para a realização de atividades que renovem permanentemente a relação, como troca de presentes fora do calendário oficial – a exemplo do dia dos namorados e natal – e programas diferentes (preparar uma refeição exótica, trocar passeios no final de semana por ficar em casa assistindo filmes e séries ou fazer viagens a lugares ainda não visitados).

CAPÍTULO 6

“FAZENDO TUDO CERTINHO”: FAMÍLIA, MORADIA E REPRODUÇÃO SOCIAL

Em um contexto de nuclearização da unidade familiar e do enfraquecimento exercido pelos parentes sobre as decisões individuais, a família, segundo Fukui (1980), orienta-se para funções de socialização, satisfação emocional, companheirismo e relações de afeto. O "sentimento de família" (ARIÈS, 1981) é responsável, assim, por ser a referência de uma ordem simbólica que, diferentemente do modelo familiar encontrado no período colonial ou mesmo aquele observado até a metade do século XX em contextos urbanos, conforme descrito por Azevedo (1986), pauta-se pela valorização das qualidades pessoais de seus membros e não pelas vantagens que eles representam em termos de reputação e status social, como nas negociações matrimoniais.

Considerando a tese de que a aliança é produto de ajustes ora coletivos, ora individuais, e uma de suas características é o fato de permitir aos atores escolherem, por meio de símbolos e do cálculo, com quem querem manter uma relação de afinidade, este capítulo, o último desta segunda parte do trabalho, tem por objetivo abordar os significados da família entre os interlocutores entrevistados, problematizando sua relevância na construção e reprodução dos códigos que cercam a ritualização nupcial, como a intimidade e a moradia.

Família e significados

Em seus trabalhos sobre rituais matrimoniais, Marins (2016; 2017) argumenta que o casamento representa, ao menos para os noivos, a ocasião em que as redes de relações sociais tecidas ao longo de suas vidas tornam-se especialmente visíveis:

Com efeito, o evento que marca a celebração do casamento apresenta um potencial aglutinador particularmente acentuado, que possibilita aos noivos e às suas famílias reunirem pessoas com as quais se relacionam em contextos bastante distintos de suas vidas, que podem incluir parentes “próximos” e também os “distantes”, amigos de infância, colegas de trabalho e assim por diante (MARINS, 2017, p. 402).

A família, neste sentido, está no centro das motivações que levam os interlocutores a realizar o casamento. Esta motivação orienta suas ações ao longo do noivado alimentada pela crença de que a mesma representa um “universo de relações” (SARTI,

2004), cujos papéis são distribuídos segundo regras socialmente definidas. É neste sentido que os interlocutores consideram a família um arranjo, doméstico ou não, formado por um grupo de pessoas que mantém entre si relações de hierarquia, autoridade e afeto a partir de laços de sangue, afinidade e/ou intimidade.

As relações de consanguinidade incluem a mãe, o pai, os irmãos e as irmãs, tios e alguns primos ou primas com os quais Ego mantém um vínculo intenso e permanente, o que para os noivos também qualifica uma relação como afetuosa. O afeto, sem referência à consanguinidade, é utilizado para incluir entre os familiares "amigos de infância", colegas de trabalho, animais domésticos e parentes distantes dos quais não se sabe definir com precisão a relação genealógica. Excluindo-se pais e tios, os amigos ou parentes, com os quais os noivos considerem manter uma relação mais afetuosa, são escolhidos para serem os padrinhos ou madrinhas do casamento. Neste sentido, é a relação de afeto e não de consanguinidade que define o significado das relações familiares entre os interlocutores. Essa é a razão para que o casal, visto entre os interlocutores como a unidade básica da família, seja também a entidade responsável por produzir a afinidade que caracteriza as relações contraídas a partir do casamento. Essa afinidade, no entanto, deve se dar com intimidade, elemento indispensável para o que o casamento não só aconteça, mas obtenha êxito.

Como abordado anteriormente, a intimidade entre os noivos resulta da socialização e como tal se desenvolve em razão da convergência de interesses e valores. Na origem desse processo, que transforma a simples atração em um relacionamento duradouro, os noivos ressaltam que é a influência familiar que os desperta para o casamento. Isto, porém, ocorre de dois modos.

O primeiro deles se dá *a fortiori*, quando se espera que o relacionamento reproduza papéis socialmente estabelecidos, como o de marido e pai, uma vez que o noivo demonstra estar apto a garantir o provimento da família, ter autoridade e ser vigilante, devendo exercer o papel de "cuidar", "prender" e "tomar as dores" de seus membros. Da mesma forma, a noiva é avaliada (e se autoavalia) em termos de sua capacidade em reproduzir o papel socialmente esperado de esposa, mãe e dona-de-casa, como a docilidade, a domesticidade e a capacidade de educação e orientação dos filhos.

A principal característica deste modo está na descrição que os interlocutores fazem da relação entre vínculo e papel, conforme suas concepções de ordem e

reprodução social, o que significa dizer que a performance como esposa ou marido, mãe ou pai e o tipo de relacionamento existente na família é reproduzido e reproduzível a partir da socialização no grupo doméstico e através das gerações. Isto pode ser facilmente identificado nas situações em que as noivas avaliam as virtudes do noivo e argumentam que o mesmo reproduz aquilo que aprendera "em casa", tal como demonstra Marcela:

[...] durante o nosso relacionamento, eu percebi que o Marcelo era o tipo de homem que ajudava os pais dele. Eles guiaram ele assim. Então, o pai dele lavava a louça, ele também lavava. Na casa dele, a mãe dele falava "você vai fazer isso, vai fazer aquilo". E ele obedecia.

Neste sentido, a reprodução de práticas e valores apreendidos no seio da socialização familiar é uma condição indispensável para avaliar as chances do casamento e da família se tornarem projetos bem-sucedidos. Por outro lado, as noivas não se intimidam ao advertir ou ameaçar seus parceiros em relação a comportamentos que consideram desviantes, como "se embriagar", "ser grosso", assinalando que se trata de defeitos que também são apreendidos junto à família de origem e que devem ser o mais rapidamente corrigidos. Para as noivas, reprimir esses defeitos é uma forma de assegurar que a família seja restaurada face à crença, compartilhada entre elas, de que as sociedades atuais – referindo-se as sociedades modernas, individualistas e urbanas – vivem em um contexto no qual a crescente desvalorização do conceito de família é a principal razão para o seu fracasso enquanto sistema de relações e projeto.

O segundo tipo se refere ao que alguns dos interlocutores chamam de "sentimento de família", expressão utilizada para definir as emoções produzidas a partir da intensidade do vínculo com seus familiares. Nesse caso, o sentimento de família pode se dar através da memória e o efeito que ela tem, não sobre a expectativa em torno dos papéis, mas da própria convivência em si, como lembra Vitória ao relatar que o seu sentimento de família está na expectativa de que a relação entre os membros do grupo familiar seja duradoura e contínua. Neste caso, que também é o mesmo argumento exposto por Marcela, as pessoas "precisam estar juntas", sugerindo que neste modelo a família não se confunde com o grupo doméstico. No lugar disso valoriza-se a sensação da "presença" ou da "participação", expressões muito comuns

principalmente entre os interlocutores cujos pais são separados, pois mesmo morado em casas diferentes os genitores e os demais parentes contribuíram para sua socialização.

A intensidade dos vínculos que justifica o sentimento de família está contida principalmente no discurso das noivas que recorrem a ele para expressarem o seu medo de sofrerem com a saída da casa dos pais. Lembrando as noivas da classe média vitoriana descritas por Gay (2001), algumas de minhas interlocutoras retrataram este sentimento como a despedida de um lugar de afeto. Segundo Marcela:

"pra uma mulher, a separação da casa dos pais é muito dolorida. Eu tenho amigas que casaram que me dizem que passaram um mês inteiro chorando sem parar em casa por causa da separação. E é muito comum acontecer. Todas elas sofreram".

Como alternativa encontrada para impedir essa sensação, muitas expressam o desejo de sair da casa dos pais, mas morar nas adjacências da mesma, uma vez que isto facilitaria as visitas em contextos festivos ou nas situações em que se recorre para a busca de auxílio – principalmente quando nasce o primeiro filho. O mesmo vínculo é apontado para justificar a escolha da moradia, cuja preferência, a exemplo de Marcela, é dirigida a imóveis amplos e com espaço suficiente para acolher e acomodar os parentes em uma eventual visita.

As noivas argumentam ainda que o sentimento de família pode ser verificado no conjunto de rituais que cercam o noivado, como o chá-de-panela e o chá-de-lingerie. Renata, em virtude disso, acredita que a sua família abraçou seu casamento como uma "causa" expressando que o relacionamento está para além da mera expectativa com o seu novo status (que aliás é ambíguo, uma vez que já morava com seu "noivo" há 16 anos):

COMO VOCÊ AVALIA A PARTICIPAÇÃO DA SUA FAMÍLIA EM RELAÇÃO A ESSA EXPERIÊNCIA DO CASAMENTO?

Simple. A minha família tá casando junto comigo. Porque, tanto minha mãe, como a minha avó, meus tios, eles estão ansiosos e extremamente emocionados com a cerimônia. Um tio meu disse que até carteira nova ele comprou. Então, tá todo mundo extremamente envolvido e emocionado com a cerimônia. A minha vó não tem um dia que ela não comente, que ela não fale, pela ansiedade que ela tá, pela expectativa que ela tá com esse sonho do casamento. Minha mãe também se tivesse aqui já estava chorando há muito tempo. Minha mãe tá emoção à flor da pele. Eu falo "Mãe eu estou casando, mas a

senhora está casando também, a vó tá casando também. Tá todo mundo casando comigo". E a minha família abraçou a causa comigo. Todo mundo acolheu e comprou a ideia comigo. (Renata).

O significado da família contempla ainda a expectativa que 79,5% dos noivos têm com o nascimento do primeiro filho, cujo lugar na família é definido como uma consequência indispensável do casamento. Este nascimento, entretanto, não deve comprometer os planos do casal que, em 52% das vezes, pretende "curtir a relação", uma expressão recorrente entre aqueles que pretendem adiar o nascimento do primeiro filho em benefício da intimidade nos primeiros anos após o casamento. O mesmo vale para 23% dos noivos que pretende ter filho após conseguir emprego ou obter moradia. Este desejo, no entanto, é partilhado pelo casal em 68,5% dos casos. Outros 13% afirmam ser um desejo de apenas um dos parceiros, enquanto 11,1% manifestava este desejo por razões religiosas ou para atender a expectativa dos parentes.

Tabela 12 – Motivação dos interlocutores para geração de filhos. Valores relativos.

Motivação para geração de filhos	(%)
Pessoal (do noivo ou da noiva)	13,0
Desejo do casal	68,5
Expectativa dos parentes	7,4
Valores religiosos	3,7
Não declarado	7,4
Total	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

O sentimento de pertencimento que caracteriza a definição de família e as relações familiares em si, são contempladas em diferentes circunstâncias, como demonstram os noivos, mas o seu ponto crítico talvez seja durante os preparativos da celebração que oficializa o casamento. Para os noivos a preferência é dada aos parentes por considerarem que isto faz parte da tradição do casamento. Como consequência, a escolha dos padrinhos e madrinhas é objeto de atenção de 63,6% dos interlocutores, dos quais 59,4% deram preferência a parentes, entre eles irmãos e primos, e 40,6% a amigos ou colegas de trabalho.

Ao lado da tradição, no entanto, existe uma expectativa por parte dos noivos de que esses parentes contribuam para que o casamento aconteça, quer isto signifique a expressão de apoio afetivo através de consolo nos momentos de conflito ou

tensão que envolvem o preparativo da cerimônia e da festa, ou apoio financeiro através da doação de presentes ou colaborando no pagamento das despesas. É esta condição que justifica o argumento de alguns noivos que compensam a falta de colaboração dos parentes incluindo na lista de convidados amigos ou colegas cuja relação sugere a disposição em "contribuir" para o casamento "começar dando certo".

Recorrer aos parentes para organizar o casamento, porém, não parece estar no plano dos noivos. Isto porque, 47,8% dos noivos demonstrou que eles próprios seriam os responsáveis por escolher a igreja para a cerimônia religiosa, providenciar a documentação exigida para a realização do casamento civil, alugar o espaço da recepção ou contratar os serviços que compõem a celebração e a recepção. Por outro lado, 37% contrataram empresas prestadoras de serviço para administrar o evento e apenas 5% deixam esse assunto a cargo de parentes e amigos.

A privatização do planejamento também se repete em relação ao pagamento das despesas de casamento e da lua-de-mel, quando a maioria dos noivos indica que os custos do mesmo são de sua própria responsabilidade.

Tabela 13 – Planejamento do casamento segundo o item e a relação dos interlocutores com os outros atores. Valores relativos.

Atores	Planejamento da cerimônia e da festa	Despesas com o casamento	Despesas com a lua-de-mel
Por conta própria / Iniciativa dos interlocutores	47,8	68,1	77,4
Com auxílio de parentes e amigos	4,5	31,9	4,5
Prestadores de serviço	31,8	-	4,5
Não declarado	15,9	-	13,6

Fonte: Formulário de pesquisa

Ainda que revele a intenção dos noivos em expressar sua autonomia pessoal e financeira, esta privatização é uma das razões pela qual eles prorrogam a realização do casamento e a própria habitação. Nada impede, porém, que eles adotem a estratégia de realizar o casamento com recursos próprios e residam com os pais durante algum período, seja para esperar que a nova residência seja concluída (quando financiada ou em obras) ou para juntar o dinheiro necessário para comprar a nova moradia – assunto que será aprofundado a frente.

Modelos de relacionamento conjugal

Por exercer grande influência na decisão de casar, os interlocutores reconhecem a necessidade de corresponder às expectativas dos parentes em suas escolhas matrimoniais. Esta influência se dá, tanto em relação à vigilância dos genitores no que se refere a escolha do parceiro, como sua própria avaliação da compatibilidade existente entre as suas expectativas e os traços que caracterizam a unidade doméstica do parceiro, como pertencimento de classe, cor, renda, gostos culturais, rede de relacionamentos, local de moradia e origem social.

Conforme apontado anteriormente, a influência dos parentes pode ser identificada na ocasião do pedido de casamento, quando mesmo após manifestar o desejo de casar diretamente à noiva, o noivo considera que a aprovação ou autorização para o casamento por parte do pai e de seus parentes refletirá a avaliação de sua condição social.

A fim de evitar que o pedido fracasse ou seja obtido com ressalvas, muitos noivos recorrem a tentativas de agradar o pai da noiva – o que por vezes beira à bajulação. Com o tempo essa iniciativa pode dar lugar a uma amizade ligeiramente tensionada por comentários jocosos ou convites para reuniões familiares, o que é considerado um sinal de aprovação. Há eventos que podem fortalecer esse vínculo e até levar o pai da noiva a considerar o noivo como um membro da família. Situações de crise familiar, como morte, enfermidade e divórcios são as ocasiões mais favoráveis para isso, pois permitem aos noivos participar dos dramas domésticos e com isso adquirir intimidade e criação de vínculos com os familiares da noiva.

Neste sentido, o pedido de casamento se faz necessário, pois no centro da instituição familiar está o pai, a quem se deve respeito e satisfação sobre todas as atividades realizadas em casal. Essa centralidade permite aos pais condenar as atitudes que são consideradas moralmente prejudiciais à dignidade de suas filhas, como dormir junto ou ser visto "aos agarros pelos cantos". Isso, porém, não parece valer para os pais ou os parentes do noivo, que são mais condescendentes com este comportamento aceitando, inclusive, que o noivo e a noiva viagem ou passem o final de juntos.

Além de centralizar o controle sobre as ações individuais, as famílias são também o principal grupo de referência¹⁸⁵ para a adoção do modelo de relacionamento conjugal a ser praticado entre os noivos. Lembrando a ideia de reprodução intuitiva e valorativa do casamento como relacionamento, abordada no capítulo anterior, destaco a existência de três modelos de relacionamento conjugal, os quais não necessariamente se excluem.

No primeiro deles, metade dos noivos, de acordo com o formulário aplicado, inspira-se em um “modelo doméstico”, isto é, nas virtudes que atribuem ao relacionamento dos próprios pais para agir em relação ao noivado. Uma vez que os pais dos noivos são casados, isto significa que a expectativa dos mesmos com a realização do casamento é a de reproduzir traços do relacionamento dos pais que tornem o seu próprio relacionamento duradouro, o que dá a este modelo um caráter positivo. Alguns deles mostram que essa inspiração visa reproduzir o que consideram necessário para o seu casamento ser bem-sucedido:

[...] Não é que eu queira reproduzir, mas existem coisas da vida conjugal dos meus pais que eu tenho vontade de reproduzir, porque eu acho que faz parte da receita. Por exemplo, a forma que o meu pai trata a minha mãe, no dia a dia, é uma coisa que eu quero reproduzir com a minha noiva. Eu acho que é a forma que eu melhor poderia tratá-la. (João).

QUEM VOCÊ ELEGE COMO MODELO OU REFERÊNCIA PARA PENSAR O CASAMENTO COMO UMA ESCOLHA EM SUA VIDA?

Eu nunca tinha pensado nisso. Mas acaba sendo os meus pais. [...] O meu pai era bem conservador daquele bem tipo da década de 20. Ele acha que ele tinha que ficar trabalhando e a minha mãe ficar em casa cuidando dos filhos. Então se a gente tirava nota ruim, a culpa era da minha mãe. Se a gente se machucava na rua a culpa era da minha mãe, porque ela deixou a gente ir pra rua. Então eu acho que as coisas não podem ser dessa forma. Mas mesmo assim é o que eu tenho de mais próximo de referência. (Vítor).

O QUE SIGNIFICA CASAR PRA TI?

Tá significando a família que eu estou buscando. [FAMÍLIA EM QUE SENTIDO?] Pra recriar o que eu tenho em casa e algo a mais. [PORQUE RECRIAR O QUE VOCÊ TEM EM CASA] Eu não sei, mas eles

¹⁸⁵ Segundo Salém grupo ou grupos de referência é um conceito utilizado para definir os grupos que servem como estruturas de referência para a auto-avaliação do indivíduo e para a formação de suas atitudes. Eles podem ser grupos aos quais o indivíduo pertence ou aos quais almeja pertencer (SALÉM, 1980, p. 29).

sempre foram muito companheiros. Ai eu vejo a criação deles com a gente e acho que posso fazer igual. (Marcelo).

QUAIS SÃO AS TUAS REFERÊNCIAS PARA PENSAR NO CASAMENTO?

Meus pais. Eles me tiveram com quinze anos. Meus pais estão juntos desde os 13. Moramos com os meus avós durante 16 anos. E eu nunca vi o meu vô brigar com a minha vó. Eu nunca vi o meu pai brigar ou agredir a minha mãe. As minhas referências, então, são os meus pais e os meus avós. (Paulo).

Reproduzindo aqui as considerações de Woortmann (1977) sobre a definição de parentesco como constructo cultural, observa-se que a apropriação de exemplos baseados no mesmo faz dele um “organizador social”, isto é, uma ideologia que carrega consigo uma linguagem ou um código sobre aquilo que é simbolicamente valorizado em uma determinada estrutura social. Levando-se em consideração o fato de que na estrutura social brasileira predomina o “código relacional hierárquico”, tal como observado por Machado (2001), a adoção de modelos baseados na relação com os genitores revela a importância que a filiação tem no julgamento dos vínculos para além da unidade doméstica, mostrando que é necessário “pensar duas vezes” antes de se aventurar por modelos que ainda suscitam dúvidas quanto à sua eficácia.

A referência à família, por outro lado, também serve para afirmar o contrário, quando o relacionamento dos pais e de familiares é tomado como referência a ser evitada: tipo negativo. Joana, por exemplo, aponta a existência de casamentos que são exemplos do que não ela não quer seguir pois representam o oposto do que ela acredita ser o relacionamento conjugal:

também tem uma coisa que é a do valor contrário. Tipo, você ver um casal que é casado, mas que a relação é complicada. Discutem muito, brigam muito, brigam com os filhos. Não é aquilo que eu quero pra mim. Então você pega o exemplo contrário. Eu vou tentar de um jeito que isso não aconteça. (Joana).

Vitória, por sua vez, relata como o casamento dos pais e de sua irmã mais velha se tornaram modelos de relacionamento conjugal que ela não pretendia reproduzir. Seu casamento era, portanto, uma forma encontrada para corrigir e normatizar o que ela considera ser um relacionamento conjugal adequado, uma vez que era por meio dele que pretendia “servir de exemplo” para a irmã caçula, a quem pretendia demonstrar que é possível ter uma “família toda certinha”:

EM QUE CASAL OU MODELO DE CASAMENTO VOCÊ SE ESPELHA PARA IMAGINAR O SEU CASAMENTO?

Eu me baseio no modelo que não teve. Por exemplo, lá em casa o meu pai era separado da minha mãe desde que eu tinha 2 anos de idade. Se casaram, mas se separaram quando eu tinha 2 anos. E eles se separam de casa, mas não de corpos. Minha mãe ficou sendo amante do meu pai por longos anos. [...] Então era aquela coisa que eu sabia que aquilo não era certo e falava que não queria aquilo pra mim. O meu pai, por exemplo, nunca foi "o pai". E isso é uma coisa que ainda mexe bastante comigo, porque eu acho que se o Vítor já tem um filho, e separado da mulher e eu vejo como ele é como pai pro filho dele, eu falo "caraca, porque o meu pai não era assim comigo?" Depois veio a minha irmã, que é casada, só que na verdade não é casada porque ela se juntou e assim ficou.

[...] E eu ainda tenho uma irmã que a gente vai casar no dia do aniversário dela, pra dar exemplo. Então tudo foi mais ou menos se encaixando. Pra ela não esquecer. E eu não vou falar mais pra não chorar [risos]... Mas eu fico pensando muito lá na frente. Porque como eu não tive o exemplo, de estar morando junto é aquela coisa... porque quando eu saí de casa eu passei seis meses morando na casa de uma amiga minha. E ela é casada e eu vivi uma outra realidade em seis meses. E eu fiquei assim: "Meu Deus, então é assim, caraca!" Porque ela é uma família muito certinha e eu achava aquilo lindo. Então pronto. Era aquilo que eu queria pra minha vida. (Vitória)

Este relato demonstra que a noiva age em razão de um modelo que ela julga de funcionamento imperfeito – e que rejeita – e um outro que para ela é estável, duradouro, coerente e deve ser reproduzido. Marcela, por sua vez, se espelha em seus líderes religiosos demonstrando que além serem casais exemplares, os ensinamentos que ela obtém através de cursos como "Compromisso Precioso" e da leitura da Bíblia e de livros direcionados para casais, como "Casamento Blindado", permitiram que ela entrasse no casamento "sabendo o que ia encontrar". A reprodução ou rejeição dos modelos de relacionamento conjugal como solução encontrada para adotar práticas compatíveis com a expectativa sobre o casamento tem, neste sentido, o objetivo de impedir que se entre no casamento desavisado, uma vez que isso afetaria sua própria finalidade: ser duradouro.

Mas, ao lado dos relacionamentos domésticos tomados como modelos, outra parcela dos noivos (42,9%), afirma que age "por intuição", argumentando que se espelha em sua própria biografia e em relacionamentos anteriores, de onde extraem as referências que os ajudaram a reconhecer o tipo de parceria e de relacionamento que desejam ter. Usando uma expressão comum no local onde nasceu, Eduarda afirma

que o casamento pode ser a conclusão de uma trajetória na qual as experiências amorosas têm o objetivo de identificar o "bom marido":

SEGUNDO AS INFORMAÇÕES DO FORMULÁRIO QUE VOCÊ PREENCHEU, VOCÊ CHEGOU A TER DOIS NAMORADOS ANTES DE SE RELACIONAR COM O EDUARDO. ESSES DOIS RELACIONAMENTOS SERVIRAM DE REFERÊNCIA PARA VOCÊ PENSAR EM CASAR OU NÃO?

Eu sempre digo assim que os meus relacionamentos do passado não me favoreceram a pensar em casamento. Era uma coisa da gente estar se conhecendo, mas eu nunca consegui gostar de alguém, porque são relacionamentos que a gente não vê muito futuro, do tipo "fulano é pra casar". [VOCÊ OUVIU MUITO ESSA EXPRESSÃO NA SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA?] Eu escutei bastante, do tipo, "olha o filho de tal família é pra casar; rapaz responsável". Até mesmo dentro da minha própria família. [...] MAS QUANDO VOCÊ USA OU ESCUTA ALGUÉM USANDO ESSA EXPRESSÃO VOCÊ INTERPRETA DE QUE MANEIRA? O SUJEITO PRA CASAR É AQUELE QUE É OU PORQUE ELE TEM CONDIÇÕES PRA CASAR? Se ele for uma boa pessoa, trabalhadora. [ENTÃO ISSO HABILITA UM HOMEM PRA SER UM MARIDO?] É aí que tá. Depende da pessoa que tu vai conviver. Porque às vezes a pessoa pode ser uma pessoa muito responsável, mas não serve para ser um bom marido. (Eduarda).

Reconhecer que alguém é apto a casar-se, assim como habilitar-se a isso, portanto, pode resultar de uma avaliação que combina experiência e expectativa familiar. O objetivo neste tipo de modelo parece ser, como demonstra Eduarda, o de evitar "surpresas" inspirando-se na própria trajetória biográfica e nas referências tomadas do meio social.

A socialização ganha, com isso, contornos reflexivos levando os sujeitos a adequar seu relacionamento ao estilo de vida sugerido pelo tipo de casamento em que depositam suas expectativas. Isso quer dizer que eles recorrem a noção de planejamento ou de projeto tendo como ênfase a avaliação consciente das condições subjetivas de realização individual, o que os leva a combinar a assimilação dos traços virtuosos do relacionamento dos pais e familiares (modelo doméstico positivo) com as referências fabricadas pelos meios de comunicação (modelo típico-ideal, discutido a seguir).

Essas referências respondem por representações positivas socialmente compartilhadas a respeito da família e do casamento, como a ideia de que pessoas casadas são mais estáveis, seguras e podem contar com um auxílio em momentos de crise ou dificuldade ou de que relacionamentos estáveis e duradouros promovem maior

estabilidade emocional e dão conta de pessoas melhor realizadas pessoal e profissionalmente. No que diz respeito à referência ao imaginário fabricados pelos meios de comunicação, os noivos afirmam que se espelham no relacionamento de personalidades públicas que representam modelos de conjugalidade aparentemente “bem-sucedidos” profissional e afetivamente, como o (até então) casal William Bonner e Fátima Bernardes e os apresentadores Angélica e Luciano Huck.

A expectativa depositada no casamento a partir dos exemplos extraídos de relacionamentos entre casais pertencentes à família dos noivos, de amigos, de personalidades públicas ou elaborado a partir da intuição, sugere a existência de diferentes modelos de relacionamento conjugal a partir dos quais o casamento pode ser experienciado. Isso tem repercussão na forma como os noivos recorrem a estes atores para colocar em prática suas expectativas¹⁸⁶.

No caso das noivas, a ênfase principal é depositada nas virtudes que favorecem a longevidade da união, o respeito e companheirismo do casal, a dedicação ao cuidado dos filhos com os quais se identificam e esperam poder reproduzir ao lado do parceiro, cuja expectativa de relacionamento é influenciada pela figura do pai. Isto serve na maioria das vezes para dizer que a escolha do noivo fora baseada na identificação de virtudes que se assemelham àquelas de seus pais ou de parentes, como tios, cuja performance como pai e marido alimenta a expectativa por um relacionamento bem-sucedido.

Joana, cujos pais e avós nunca se separaram argumenta que a estabilidade de uniões duradouras é um exemplo que pretende seguir. Ela lembra, no entanto, que mesmo procurando casar uma única vez sabe que a separação pode ocorrer e para isso elegeu o relacionamento do seu tio, que também é padrinho, como uma segunda opção de modelo conjugal:

¹⁸⁶ Para compreender essas expectativas é preciso perceber que o compromisso que um casal assume ao noivar envolve uma rede social, o que significa dizer que eles recorrem não só a amigos e familiares, mas também a meios de comunicação, membros de pastorais familiares, terapeutas de casais, que atuam como especialistas em diferentes arenas ou domínios da trajetória nupcial exercendo tanto a função de orientar os agentes para práticas ético-afetivas quanto estratégico-financeiras: cumplicidade, planejamento, segurança afetiva, boa fé na divisão das funções e dos papéis, etc. Estes especialistas atuam como sistemas peritos (GIDDENS, 1991), isto é, conjunto de especialistas acionados em contextos de transição, como ao longo do noivado, cuja representação sobre a performance ritual exige a confiança (e a crença) de que há uma série de comportamentos e práticas necessárias para a obtenção de um relacionamento bem-sucedido.

VOCÊ CONSIDERA QUE OS PAIS DO JOÃO SÃO UMA REFERÊNCIA PARA ELE. E VOCÊ, PODE DIZER O MESMO EM RELAÇÃO AOS SEUS PAIS?

Sim. Claro! Mas além do meu pai eu tenho uma pessoa que eu sempre tomei como exemplo, que é o meu padrinho, o irmão do meu pai. E assim, ele casou muito novo, teve dois filhos, só que depois de um tempo acabou separando. [...] Hoje ele está casado com outra mulher, mas a forma com que ele lidou com tudo isso eu acho muito exemplar. Porque tem casais que se separam e... Por exemplo, ele teve dois filhos do primeiro casamento e dois filhos do segundo, mas em nenhum momento ele deixou de lado, ou deu menos atenção, ou deu menos assistência aos filhos do primeiro casamento. (Joana).

A reprodução destes modelos de conjugalidade passa também pela identificação entre o noivo e o pai que, conforme descreve Joana, representa uma simples coincidência:

O JOÃO JÁ CHAMA O TEU PAI DE PAI. O QUE VOCÊ PENSA DISSO?

Eu fico muito feliz. Papai sempre foi muito ciumento. E desde o começo ele era muito ciumento. Então, pessoas que conheciam o João depois que conheceram o meu pai me perguntavam "Como é que você arruma alguém que é igualzinho o teu pai?" Sem nunca ter conhecido ele. Só de ouvir falar. Porque o modo dele de agir, de pensar é parecido com o do meu pai. A forma como ele faz as coisas é muito parecido. Então eles se deram muito bem o que pra mim é maravilhoso.

Helena também assinala a presença de coincidências entre o noivo e o pai:

EM QUEM OU NO QUE VOCÊ SE ESPELHA PARA ADMITIR QUE O HEITOR ATENDE TUAS EXPECTATIVAS DE MARIDO OU ESPOSO?

No meu pai. Eu vejo muito o Heitor... Eu acho eles muito parecidos, até na parte da grosseria. [...] Ele é que nem o meu pai, eu acho ele muito parecido com o meu pai. A parte da honestidade, na parte da pessoa ser correta. Muito correta. Na parte dele ser respeitador. Respeita demais. E na parte da pessoa realmente poder confiar. Ele é muito parecido com o meu pai.

Na verdade, a presença destas coincidências entre o noivo e algum parente – o pai em especial – reflete a tentativa das noivas em garantir a previsibilidade do relacionamento, reproduzindo experiências conjugais bem-sucedidas a partir de características vistas como positivas no contexto doméstico.

Essa característica, porém, não pode ser generalizada, pois diferentemente do que ocorre em Belém e Teresina, onde o modelo de relacionamento conjugal é normalmente extraído do interior do grupo doméstico, os interlocutores de Brasília se

apoiam em um modelo conjugal apontado por 7,1% dos interlocutores como o típico-ideal, isto é, baseado em valores considerados ético-normativos – também definidos como "religiosos" ou "sagrados" –, cujo incorporação de seu significado orienta o casal a "fazer tudo certinho", "botar a criança no caminho certo", "trabalhar para manter a família unida", "não morar junto antes do casamento". Baseados normalmente nos relacionamentos de amigos, colegas de trabalho ou casais conhecidos, os casais que se referem a esse modelo recorrem a uma visão de mundo ao mesmo tempo normativa e expiatória, no qual se tem a pretensão de corrigir, ora a própria biografia, ora o significado da família no contexto cultural em que se encontram inseridos. Essa pretensão se expressa na tentativa de reproduzir ou colocar em prática não apenas as virtudes do relacionamento de referência, mas um estilo de vida autoreferenciado.

O valor da intimidade

Segundo os interlocutores, a relação com os familiares é intensificada ao longo do noivado e nos meses que antecedem a realização do casamento. Para eles isso se faz necessário pois aproxima as pessoas criando laços que favoreçam a maior intimidade entre os membros do grupo familiar. Os noivos, porém, consideram que essa intimidade se restringe as pessoas que coabitam, permanente ou transitoriamente, na mesma moradia. Essa intimidade é o que assegura progressivamente aos parceiros o lugar de parente às suas relações familiares, o que pode ocorrer no namoro, mas que só se intensifica a partir do noivado. Daniel, por exemplo, argumenta que a sua família doméstica reúne além dele, seu irmão e a esposa e seus pais, Daniela, que é tratada como membro da família:

Hoje em dia os meus pais dizem "A nossa família somos nós seis. Nós dois, eu e meu irmão, a mulher do meu irmão e a Daniela". Então somos nós seis. Então eles focam assim. Os seis são uma família, mesmo que não estejamos casados.

Este argumento é utilizado com bastante frequência pelos interlocutores quando o que está em causa é o interesse dos mesmos em serem assimilados a parentela do parceiro a fim de que possam "dormir juntos", metáfora para manter relações sexuais, mas também para participar das reuniões, almoços e viagens familiares.

A assimilação à parentela decorre, portanto, da maior intimidade dos noivos com os membros pertencentes à unidade doméstica do parceiro o que, necessariamente, é determinado pela convivência, uma vez que esta é responsável por transformar o casal em família. Neste sentido, ainda que não passe de uma noção difusa, normalmente associada ao adágio "quem casa quer casa", a convivência doméstica coloca em prática o sentimento de família entre os interlocutores, seja protagonizando a separação de sua parentela de origem, estabelecendo os contornos da unidade conjugal, onde se crê que os noivos irão viver como "marido e mulher", assim como identificando as pessoas que podem integrar a nova unidade doméstica.

Também podendo ser traduzida como "intimidade", as relações protagonizadas a partir da convivência doméstica sinalizam para as noivas os limites de sua agência, o que corresponde a avaliar ou presumir o tipo de papel exercido pelas mulheres nas relações de parentesco. Isto está notadamente presente ao longo de todo o noivado nos contextos em que os genitores da noiva proíbem ou criticam a iniciativa do casal em viajar "sozinho", passar o final de semana junto ou "dormir junto", como demonstrado anteriormente. Mesmo sabendo que os genitores podem fazer vista grossa, as noivas advertem que, ainda assim, se sentem vigiadas quando são advertidas sobre os "perigos de antecipar a vida de marido e mulher".

As entrevistas demonstraram que esta vigilância expressa assimetrias de gênero, mas também aponta que o tipo de arranjo doméstico, a proporção de irmãos homens e mulheres e a ordem de nascimento tem um papel especial. Assim, quando se é filha única ou a filha mais velha combinada a arranjos domésticos monoparentais, as noivas observam que desfrutam de uma maior margem de manobra e liberdade para levar a cabo seus desejos, ao passo que ser a filha mais nova combinada a maior proporção de irmãos do que de irmãs vivendo sob a tutela de pais casados favorece uma maior vigilância de suas condutas. Aline, por exemplo, é filha mais nova e argumenta que nunca foi autorizada pelo pai a dormir com o noivo em seu quarto, ainda que as namoradas e seus irmãos, mais velhos, "passassem a semana dormindo juntos". Eduarda, por sua vez, é a filha mais velha de cinco irmãs e considera que apesar da vigilância sobre seu comportamento sexual ser exercido com alguma intensidade, a cobrança sobre ela não se dá exclusivamente por que ela passa os finais de semana com o noivo ou viaja para a cidade onde o mesmo reside, mas porque ela percebe que é a principal referência para as irmãs mais novas.

O reconhecimento de que há uma vigilância sobre suas condutas, bem como a presença de desigualdades de gênero no âmbito da liberdade sexual, faz com que as noivas recorram a estratégias para transgredir o controle parental. A mais importante delas é ocultar dos parentes masculinos, especialmente do pai, atividades realizadas com o parceiro. "Falar somente o necessário" é uma tática muito comum. Amigas, colegas de trabalho e principalmente a mãe tornam-se, em razão disso, as verdadeiras depositárias de informações sobre aventuras sexuais, sentimentos e conflitos. Isto significa que boa parte do amparo que as noivas têm para tomar decisões que afetam sua conduta parte da interlocução que estabelecem com estes sujeitos. A mãe, neste sentido, tem um papel fundamental, pois é ela quem ratifica suas decisões, alerta sobre as vantagens e desvantagens do casamento, aponta os defeitos e virtudes do noivo, assim como intervém junto ao pai para dissuadi-lo de seus caprichos e resistências. Eduarda, por exemplo, sustenta que sua mãe influenciou suas escolhas amorosas pois não "ia com a cara de quem não servia" para ela. Já o seu noivo "servia" porque ele era mais velho e trabalhava. A ausência da mãe, porém, não impede que as noivas procurem a intervenção de outros familiares, conforme demonstrou Aline ao recorrer a mediação dos irmãos na aprovação do seu noivado com Alan, uma vez que a mãe havia sido acometida de um acidente vascular cerebral:

NO SEU FORMULÁRIO FICOU DESCRITO QUE HOUVE UMA APROVAÇÃO PARCIAL DO NOIVADO? PORQUE?

Porque quando o Alan foi falar com o meu pai pra me pedir em casamento ele ouviu uma resposta meio que torta, tipo "É uma decisão de vocês". [...] Na oportunidade ficou bem claro pra mim que ele não gostou de eu ser pedida em casamento. Eu sou a filha mais nova, única filha. Ele tem dois homens. Pra ele eu acho que ele não queria. E minha mãe, tadinha, não pode intervir. Foi então que o meu irmão mais velho chegou e conversou com ele, falando exatamente desse comportamento frio e seco. Falou "pai o que é o que senhor queria? Um traficante, uma pessoa ruim. O Alan trabalha. Ele faz mestrado. Trata ela como o senhor vê que trata. Porque ela é chata. E ele trata ela do jeito que trata. E o senhor tá reclamando do que? E ele ainda veio conversar com o senhor. E se fossem outros eles não tinham nem vindo conversar. Só tinham lhe dado a notícia". Aí acho que foi mais ou menos daí que começou a melhorar os ânimos. Meu pai viu que ele tinha boas intenções. (Alan).

A assimilação dos noivos como membros da família também pode ser analisada do ponto de vista das relações de classe. Assim, quando o noivo pertence ao mesmo segmento social dos parentes da noiva e há a presença de afinidades em

termos de estilo de vida, valor e projeto o pertencimento de grupo pode ser um argumento que justifica a identificação do casal. O contrário pode ocorrer nas circunstâncias em que o noivo reconhece a existência de assimetrias, seja de classe ou de origem social, entre a sua família ou a família da noiva, ocasião em que arrogam para si o cuidado das parceiras, o que condiciona seu afastamento da família de origem. Carlos é o melhor exemplo do primeiro caso, pois, tanto ele como a noiva, compartilhavam do mesmo sentimento de família, ao passo que Daniel e Eduardo, além de protagonizarem o processo de coabitação com a noiva, atraíram as noivas para o seu campo de significados em torno do que é "ser família". Daniel porque enfatizava o caráter bem-sucedido do esquema familiar em que fora socializado em contraste com as "escolhas" da mãe de sua noiva, e Eduardo por que sinalizava que a vinda de Eduarda para morar junto à sua família permitiria a ela que obtivesse melhores condições de educação, trabalho e renda.

São essas assimetrias que favorecem a utilização de um repertório acusativo em que os noivos criticam e apontam o que consideram defeitos no exercício do papel de pai ou de mãe ou no relacionamento entre si e com a noiva, sinalizando que estão habilitados ou habilitando as noivas a agir da forma adequada com objetivo de garantir um casamento bem-sucedido.

Tais conflitos não chegam a comprometer o relacionamento entre os noivos. No entanto, eles favorecem desentendimentos que terminam por se desdobrar em "cutucadas", "indiretas" ou tensões com os parentes do parceiro. Frequentar a casa da noiva, por exemplo, reflete essa situação, pois não é raro que os noivos se ressentam com os parentes da mesma por serem proibidos de dormir com a noiva em sua residência, argumentando que o contrário ocorre com frequência. Para os noivos isto sinaliza a desconfiança por parte do futuro sogro, conforme demonstra Carlos observando que não via motivos para tal uma vez que ele e a noiva pertenciam ao mesmo segmento social e suas famílias se conheciam desde crianças.

No caso de Carlos, porém, essa desconfiança produziu contornos, no mínimo, perigosos, uma vez que Carla engravidou às vésperas do casamento. Foi nessa oportunidade que o pai de Carla "jogou na cara" de Carlos e dos seus pais o fruto do comportamento sexual do casal durante o noivado. A situação resultou num conflito entre o futuro genro e o futuro sogro, uma vez que este não queria ver a filha subir ao altar grávida. O conflito, porém, não gerou uma ruptura, pois o casamento era iminente,

mas foi um claro exemplo de como o relacionamento é afetado pelas assimetrias de valores (neste caso relacionadas ao gênero) entre as famílias.

Daniel, por sua vez, afirma que sempre manteve uma relação de indiferença com a mãe de Daniela por considerá-la ausente na criação da filha. Criticava-a por deixá-la aos cuidados de sua madrinha, o que segundo ele favoreceu o sentimento de abandono e comportamento individualista da parceira. Já Eduardo elenca o comportamento infiel do pai de Eduarda e sua indiferença a rituais, argumentando que se via obrigado a "arrastar" o mesmo para participar do casamento. Por fim, Alan sente-se ressentido pelo "distanciamento" existente entre ele o pai de sua então noiva, o que o levava a tomar muito cuidado com o que fazia e falava temendo sofrer represálias. O mesmo também apontava a existência de uma hostilidade velada entre a noiva e sua mãe, que se sentiu contrariada com o retorno do casal após um tempo de separação ocasionado pela oposição de Aline à candidatura do noivo a vereador em sua cidade natal.

É somente através da interlocução com os parentes que eventuais animosidades se arrefecem. Alan, por exemplo, encontrou na jocosidade do futebol um importante meio de interação com o pai de Aline. Em certa ocasião, no qual os times do Paysandu e Fluminense se enfrentaram, Alan resolveu "fazer graça" dizendo "seu Xavier, Pikachu mandou lembranças" referindo-se ao gol da vitória que o jogador do Paysandu havia feito sobre o time do sogro, o que lhe arrancou um sorriso tímido. Aline considerava que aquele gesto demonstrava que a relação entre os dois melhorara consideravelmente.

Por outro lado, as noivas que se sentem empatadas, tal como apontado no capítulo anterior, argumentam que essa familiarização fomenta o risco de que o noivo pense que a relação não carece de maiores formalidades, criticando o excesso de intimidade com seus familiares. Vendo nisso um inconveniente, posto levar a pensar que o noivado não passa de uma "capa" ou de uma "permissão para namorar pelado", as noivas afirmam que monitoram o comportamento do noivo perguntando sobre a data do casamento quando o casal dispõe de recursos para celebrá-lo ou identificando o cumprimento dos prazos para tal nos casos em que o noivo considera que para pensar em casamento o casal precisam "se formar" ou "ter um emprego".

O mesmo também acontece quando os noivos decidem morar junto. Eduarda por exemplo, argumenta que o fato dela ter ido morar na casa do noivo nos meses

que antecederam o casamento não a demoveu de seu desejo de oficializar a união, pois favorecendo sua saída do interior ela sabia que essa era a oportunidade para dar continuidade aos estudos na capital. Ela observa ainda que mesmo sabendo que em outras famílias este não é o "jeito certo de fazer as coisas", o noivado é uma forma socialmente aprovada para levar a cabo seu projeto pessoal.

No entanto, a convivência com os parentes do noivo pode favorecer uma intimidade que é construída na base da troca de serviços, o que é considerado uma vantagem na composição do arranjo doméstico. A mesma Eduarda argumenta que morar com o noivo favoreceu seu amadurecimento como mulher, o aprendizado de atividades domésticas e a obtenção de renda por meio do auxílio à futura sogra quando da confecção e venda de toalhas decoradas. Ao lado da relação que considera "muito forte", esta noiva chega a considerar que após o casamento seria possível acolher a futura sogra em sua própria moradia:

VOCÊ E A MÃE DO EDUARDO SE DÃO SUPERBEM NÉ? ATÉ GANHAM UM DINHEIRINHO JUNTAS. DÁ PRA IMAGINAR VOCÊS MORANDO JUNTAS APÓS O CASAMENTO?

Sim, com certeza. Por que de todos os filhos, na minha opinião, a gente é o mais próximo. Quando ela precisa ir a algum lugar ela chama a gente. E prefere a gente do que os outros. Então a gente tem uma relação muito forte. A gente vai sair e ela pergunta o que a gente vai querer. Ah, a gente vai tomar um açaí, vai fazer isso, vai fazer aquilo... a gente é bem próxima. Ela mesma já falou pro Eduardo – e eu concordei – que se um dia for morar com os filhos ela vai morar com a gente, em razão da intimidade que a gente tem. (Eduarda).

A importância das relações familiares também pode ser identificada na celebração do casamento religioso, o qual é considerado pelas noivas o momento mais importante para reunir a família. A seleção dos convidados e principalmente dos padrinhos e madrinhas assim como a disponibilidade em contribuir para a realização do casamento, seja com mão de obra ou dinheiro, revelam a intensidade das relações. Assim, quando os noivos reconhecem que os seus parentes ou os parentes da noiva não "ajudam", recorrem aos amigos ou conhecidos mais próximos aumentando sua parcela de participação no ritual em detrimento do primeiro grupo. Como demonstra Eduardo, isso pode significar a "inclusão na família de antigos amigos", seja pela expectativa de aumentar a receita para realizar o casamento, seja porque o seu objetivo é demonstrar como ele, que se considerava um roqueiro, amante de farras e da

liberdade, se converteu num homem responsável e capaz de assumir as responsabilidades de um casamento. De todo modo, os noivos argumentam que a presença e colaboração dos parentes, mesmo em situações de conflitos, é permanentemente maior que a de amigos, o que ratifica a associação entre casamento e família para os interlocutores.

“Quem casa quer...”

Durante o noivado ao menos três temas dominam as discussões sobre a preparação para o casamento: a "rotina" da vida de casado, conforme demonstrado anteriormente, a solenidade do casamento seguida das festividades que o acompanham e o desejo de aquisição da moradia.

A reflexividade em torno da rotina, da solenidade e dos festejos ainda que importantes não parecem ser indispensáveis para que o casal passe a vida em comum, pois no caso das uniões livres ou do recasamento, em que os parceiros passam a morar juntos sem usar de expedientes legais ou religiosos para formalizar a aliança, o noivado chega a ser absolutamente ignorado e a convivência sob o mesmo teto elimina qualquer expectativa de que a conjugalidade seja ritualizada. Entretanto, conforme demonstram algumas noivas a respeito do convite para “morar junto”, a coabituação, mesmo nos contextos mais progressistas, enseja uma série de ritos que, diferente dos demais, não permitem que ele seja um evento ignorado no processo de aliança.

Por essa razão, a moradia é um assunto intensivamente discutido nos meses seguintes ao pedido de casamento quando o noivo, depondo sobre sua condição financeira, expõe a previsão para a formalização do casamento, suas possibilidades de aquisição do imóvel e ouve da parceira e de parentes determinados conselhos e disposição para ajudar com este projeto. Respondendo à pergunta "Como vocês estão se preparando para o casamento" estes respondem:

O maior objetivo meu é a casa, pois quem quer casar quer casa! Por isso eu venho planejando a compra... porque eu falei pra ela que eu acho que pra gente casar a gente tem que ter a nossa casa. Eu estou fazendo essa poupança aí. Trabalhando feito um condenado pra comprar a casa. (Eduardo).

Eu já estava planejando pedir ela em casamento, mas faltava um motivo, sabe? Aí eu fui fazendo um teste. Então eu peguei... comecei a

procurar apartamento. Aí eu encontrei um apartamento. Aí eu cheguei com ela e falei "bora comprar um apartamento pra gente?" Aí ela "Como assim, comprar um apartamento?" "Assim, bora comprar um imóvel. Fazer um investimento. Depois, se a gente não quiser a gente vende. Vamos comprar." Aí "não, não sei o que pa pa pa!" "Então eu vou comprar sozinho, mas eu vou comprar." Foi uma estratégia. Aí ela meio que topou, mas topou assim desconfiando se eu estava querendo comprar o apartamento porque pretendia casar ou se era só um investimento mesmo. Aí nós compramos o apartamento. Compramos o apartamento em maio de 2014. Quando foi em julho eu pedi ela em casamento. (Carlos).

Não sendo incomum a referência à poupança como sacrifício e ao investimento como estratégia, a narrativa masculina sobre a aquisição da moradia concebe-a como um elemento seguramente associado com as atribuições de gênero que aí implicadas os levam a defender sua ideologia de provedores como código de honra. Em nome do "morar bem" e "dar conforto à família", por vezes eles se veem obrigados, como muitos me disseram, a "trabalhar feito um condenado", reduzir – e até mesmo eliminar – despesas com seu próprio bem estar pessoal, como viagens e compras, para se dedicar, a investir – ou poupar – sua renda na "compra da casa". Este sacrifício se dá em razão do receio de casar e não ter onde morar, o que para estes noivos é sinônimo de fracasso pessoal.

A necessidade de "ter onde morar" sugere ser, portanto, a pedra angular da motivação dos noivos para a realização do casamento, uma vez que ao lado da instrução, da formação profissional e da renda o casamento é um projeto que deve ser colocado em prática por meio da aquisição de meios que os habilitem ao desempenho do papel de marido.

Em geral esta aquisição leva em conta a relação entre meios e fins no campo econômico, no qual os noivos demonstram preocupação com a consequência de despesas que, em virtude dos preparativos da festa e da cerimônia, possam comprometer a compra dos bens que integrarão o cotidiano do casal. Isso pode levar alguns noivos, a exemplo de Heitor, a tratar as despesas com o casamento religioso como algo desagradável argumentando que procurou se afastar da cosmologia que cerca o ritual expondo a noiva o perigo que os gastos com o casamento poderiam exercer sobre o orçamento do casal após retornarem da lua-de-mel.

Refletindo a crença na responsabilidade pelo provimento do casal, a exposição deste perigo favorece o desejo de autonomia que pode se refletir na expectativa de

“pagar a festa” com o próprio trabalho (isto é, sem precisar “contar com o papai e a mamãe”, como lembra João) ou indicar o sentido da intimidade para os noivos, conforme esclarece Gabriel:

Por mim eu até moraria tranquilo [na casa dos pais], não a vida toda, mas um tempo, porque a casa é grande e tal. Mas é aquela história "quem casa quer casa". Então se fosse uma coisa provisória tanto eu como ela não veríamos problema. Mas é complicado morar assim. E se tiver uma discussão? Vai ser escutada por todo mundo. Não só a discussão, mas a intimidade mesmo do casal. Porque aqui a gente mora com a minha tia, meus pais, minha irmã. Então, assim, é muita gente pra gente começar a viver junto. (Gabriel).

A intimidade, segundo esta perspectiva, está diretamente ligada a ideia da moradia e pode se refletir até mesmo naquilo que virtualmente é considerado uma vantagem para um casal que está se formando. Isto porque, caso a noiva receba uma casa ou apartamento como presente, herança ou doação existe uma grande possibilidade do noivo incomodar-se argumentando que isso compromete a independência do casal em morar em um imóvel escolhido de comum acordo. Foi exatamente isso que aconteceu no caso de João e Joana para os quais apesar da noiva ter recebido um apartamento como presente da avó, o casal preferiu vender o imóvel a fim de que ambos pudessem dizer que compraram sua moradia como resultado do “esforço conjunto”.

Refletindo o próprio significado do casamento, o esforço para ter o próprio imóvel tem início antes mesmo dos interlocutores se conhecerem, quando afirmam que trabalham e juntam dinheiro para realizar este “sonho” – expressão, neste caso, utilizada com maior frequência pelos noivos. Argumentando se tratar de um investimento, Heitor, relata que começou a pagar o financiamento do apartamento porque desejava “investir e ter condições de pensar em casamento”. Às vésperas de receber o imóvel, conheceu Helena e em poucos meses a pediu em casamento. Não seria exagero algum pensar que neste caso, o desejo de mudar para o novo endereço seja a razão para ele contrair o casamento.

Mas pode ser que as coisas não saiam como o planejado. Isto porque alguns noivos relataram que a crise econômica que comprometeu diferentes setores da economia brasileira entre 2014 e 2017, entre eles o imobiliário, afetou suas expectativas com o casamento. Na maioria dos casos isso representou o adiamento do mesmo,

tendo em vista que as condições de compra e financiamento de imóveis foram prejudicadas. Em meio a isso, João reconhece que o noivado lhe impôs um “choque de realidade” e demonstra que isso redefiniu as suas expectativas (“sonhos”) em torno do casamento:

QUAL A SENSAÇÃO QUE DEU EM VOCÊS QUANDO VIRAM QUE NÃO DAVA PARA FAZER TUDO QUE QUERIAM EM RELAÇÃO AO CASAMENTO OU A COMPRA OU DECORAÇÃO DO APARTAMENTO?

Não chega a me causar uma decepção, mas dá uma certa... não é tristeza, mas assim... Dá um desânimo. Dá um pouco de desânimo, porque é um sonho que você tem, é um projeto que você faz. Agora eu já não vejo muito dessa forma, de se der a gente faz, se não der... Eu me sinto desafiado. Eu começo a me impor metas. Falando do apartamento especificamente falando. A parte de obras. Eu consegui fazer tudo do jeito que a gente queria. Comprar um porcelanato melhor, louça de banheiro, luminária, tal, tal, tal. Onde tá pegando? Nos móveis. Então isso é uma coisa que eu já pus na minha cabeça. Então eu sei que daqui a uns 3 ou 4 anos eu vou ter que dar uma repaginada com os móveis bons, com as coisas que a gente quer. Ou seja, desde já eu tô meio que me programando um pouco mais pra isso. (João).

Como a expectativa predominante é a de que a moradia seja neolocal – 93% dos noivos assim o declararam –, o planejamento nestes casos leva em conta o custo benefício do aluguel ou da compra por meio de financiamento, uma vez que nenhum dos casais afirmou ter renda suficiente para sua compra à vista. Os noivos não descartam, porém, a residência nas proximidades do antigo núcleo familiar, o convite a um dos parentes para compor o núcleo doméstico (quando um dos pais mora só ou é viúvo(a)) ou, como lembra Marcelo, "morar um certo tempo na casa dos pais [...] até juntar grana para comprar a casa", antes de mudar para o novo endereço.

Tabela 14 – Preferência dos interlocutores pelo tipo de residência após o casamento. Valores relativos.

Tipo de residência	(%)
Própria do casal	68,2
Própria do noivo	9,1
Própria da noiva	2,3
Própria dos parentes da noiva	2,3
Própria dos parentes do noivo	0,0
Alugada pelo casal	13,6
Não declarado	4,5
Total	100,0

Fonte: Formulário de pesquisa

Neste caso, é possível observar que a prioridade dada à moradia pode influenciar o adiamento do casamento quando as despesas com a cerimônia e a recepção comprometem a compra do imóvel:

NORMALMENTE OS NOIVOS SE PREOCUPAM COM A ORGANIZAÇÃO DA CERIMÔNIA, A FESTA OU RECEPÇÃO E A AQUISIÇÃO DA MORADIA. O QUE ACONTECE NO CASO DE VOCÊS?

A gente não se preocupa com festa. Até porque eu nunca sonhei com uma festona ou coisa assim. E nem o Gabriel gosta. Eu penso numa coisa bem simples. Mas a nossa família é muito grande, tanto a minha como a dele. Então as vezes você pensar numa coisa simples acaba se tornando uma coisa grande. Mas a gente se preocupa muito em onde vamos morar... em ter tudo direitinho e depois pensar na festa. (Gabriela).

Quando a gente pensou em noivar a gente pensou na festa, na cerimônia, mas tudo isso é muito caro. Então a gente preferiu dar prioridade para a casa. A gente já tem a nossa casa. Agora falta mobiliar, arrumar, e só depois é que vai pensar na preparação do casamento. (Luiza).

A EXPECTATIVA INICIAL ERA CASAR EM MARÇO (2017), DEPOIS ERA CASAR NO FINAL DO ANO. E AGORA?

É capaz de chegar no próximo. Era pra não passar desse ano. O problema é esse. A gente não estipulou uma data para o casamento, porque a nossa prioridade era ajeitar o apartamento, montar o apartamento (Luiza).

Tal prioridade se dá face a valorização dos significados de intimidade e liberdade atribuídos à moradia, mas também a sua combinação com a "maturidade", o que está diretamente associado com a representação sobre a idade certa para casar, e a "estabilidade" proporcionada pelo nível de instrução e o fato do noivo possuir um "bom" emprego (preferencialmente no setor público ou como médico, advogado ou engenheiro no setor privado).

A moradia, portanto, é um dos elementos que contempla uma abordagem importante na interpretação que os noivos do processo ritual, pois, é a através dela que em sua concepção o casal ganha forma como novo sujeito. Sem ela o casal, e consequentemente a família, perde o principal recurso para a construção de sua intimidade. Por essa razão, ter a certeza de "onde se vai morar depois do casamento" é considerado uma "conquista" para eles, pois do seu ponto de vista é o que permitirá ao casal "pensar em outras coisas", como nas viagens de férias, na compra do carro ou na

criação e educação dos filhos. A oficialização da união é, por isso, um projeto de caráter econômico, movido pelo sentimento de que a aquisição da moradia, casa ou lar enquanto "coisa nossa", "nosso canto", onde o casal constituído "vai brigar, se entender, ter filhos" (Marcelo), representa a intimidade, unidade básica do que para eles significa o relacionamento conjugal.

Contudo, ainda que recaia sobre o noivo a atribuição de provimento e mobilização de recursos para a aquisição da moradia a escolha do local onde o casal vai morar, seu tipo e a forma da moradia abre espaço para relativizações permitindo, por exemplo, que esse assunto seja dispensando às suas parceiras ou aos familiares femininos de ambos, o que se assemelha a distribuição desses papéis estudado por Leonardo (1987), que classificou como "trabalho do parentesco" presente na classe média americana, onde os laços de parentesco estabelecidos entre o casal e a rede de sociabilidade familiar em que estão envolvidos são concedidas, mantidas e celebradas por meio da atuação das mulheres. O âmbito doméstico, que acaba por ser confundir com o domínio sobre a moradia, preserva assim um lugar de agência que reservado ao trabalho de escolha do tipo de habitação até a composição da mobília traça os contornos da atuação feminina como operadora dos códigos de organização que atendem expectativas de vida familiar satisfatória socialmente difusas.

Em função disso, as noivas, para quem a moradia é vista como o lugar da família, ou como afirma Paula, é "o lugar onde se vai iniciar uma família, uma rotina de casal, pra depois vir os filhos", compartilham o desejo de ter sua própria casa, mas não escondem os contornos práticos correspondentes a esta, como a preferência pela moradia própria (comprada ou construída) em detrimento da alugada; pela moradia neolocal, mas desde que na mesma vizinhança ou bairro onde habitam seus familiares e a quem muito provavelmente recorrerão em situações de conflito ou para auxílio, como durante a gravidez; e pelo apartamento em detrimento da casa, visto que a redução das dimensões em comparação com esta favorecem a diminuição do trabalho doméstico (o qual quase sempre lhe é atribuído – ou com o qual se identificam – na relação doméstica). A distribuição e uso dos espaços e a composição da mobília também participam deste processo, ainda que o futuro parceiro desempenhe um papel meramente consultivo ou opinativo.

A recorrência com que o arranjo "casa própria/neolocalidade" se manifesta neste processo, ainda que se possa admitir sua idealização e a combinação deste

com outros elementos (nos fundos/em condomínio/andar baixo-alto), obriga considerar que a presença de marcadores sociais como a renda e a instrução operam para que sua escolha represente uma identidade compartilhada pelo casal, mesmo no caso de arranjos heterogâmicos. A preferência por uma suíte ou o desejo compartilhado de transformar um quarto em escritório, por uma varanda, pátio ou garagem, por ambientes iluminados, pelo tamanho do quintal depõe, assim, sobre os valores por certo tipo de moradia, pois tendo entrado em consenso sobre as diferenças de opinião baseadas na socialização em "casas de chão" ou "casas com quintal", "na casa onde a família se reúne", "na casa da avó", "na casa em que eu fui criada", o no "ap da titia" os noivos se habilitam a reconhecer que estão aptos a "morar junto", indicando com essa decisão o tipo de relação que pretendem manter como casal.

Assim, um casal que recebe um apartamento como presente, como se verá mais adiante, vive a ritualização do casamento de uma forma significativamente diferente daquele casal em que apenas um dos parceiros possui renda e somente ele, sem contribuição dos familiares, assume a responsabilidade por comprar, alugar ou construir a moradia. No primeiro caso, a ausência do comprometimento dos recursos com a compra ou financiamento de um imóvel, permite que um casal sintam-se livre para adiantar o casamento destinando os mesmos para realização da solenidade e dos festejos, o que necessariamente pode favorecer uma ampliação dos gastos com bufê, decoração e número de convidados, aumentando a expectativa pelos presentes que eventualmente possam receber. Uma vez que isso é mais comum de acontecer nos estratos superiores, não é raro que o casal chegue da lua-de-mel e se depare com uma casa praticamente mobiliada.

Nas camadas populares e em boa parte das camadas médias onde "a casa própria é um sonho", moradias não são distribuídas na forma de presente, o que necessariamente provoca o adiamento por muitos anos do casamento – quando este é um projeto que procura preservar a sequência convencional do ritual. Sendo limitados, os recursos existentes destinam-se quase exclusivamente à aquisição da moradia o que por vezes afasta do horizonte dos casais solenidades luxuosas e festas "pomposas", conforme demonstra Fernanda:

ONDE VOCÊS PRETENDEM MORAR?

Do lado da casa do meu pai, que uma outra casa nossa. Inclusive a gente está reformando lá que é uma casa pra gente se mudar. Tanto

que a gente não tem data marcada para o casamento, porque tá todo esse processo de reforma. Compra isso, compra aquilo. [...] Tanto que quando ficar pronto, botou o que tem dentro da casa, botou, montou as coisinhas da neném, montou, pois bora ali no cartório. (Fernanda).

A ambiguidade presente nessas formas de ritualização por vezes expõe diferenças ideológicas que ao situarem relacionalmente os noivos em suas respectivas situações de classe provocam o julgamento acusatório, no qual a insuficiência ou a ostentação de recursos é motivo para a adoção de atitudes e comportamentos, como demonstra um dos interlocutores:

A gente sempre pensava mais em morar, morar bem, num bom apartamento do que fazer uma festa com todo galardão com toda a pompa e tu não usufruir de certa forma de um conforto no lar. Por que eu vejo colegas nossos – que eu não vou mencionar – que acabam se direciona mais para o momento do casamento e esquecem de outras situações. Ter uma engenharia financeira, pra comprar um apartamento, é uma questão de prioridade. A nossa prioridade é a questão do apartamento. E graças a Deus que a gente comprou o nosso apartamento. Depois de muito esforço. (Alan).

Do ponto de vista do planejamento, a moradia, portanto, é um desafio para as noivas, uma vez que em razão de sua relevância para a formação do casal, as despesas que necessariamente lhe cercam competem com as despesas associadas à realização do casamento. Para alegria de muitos noivos esta é uma das razões que levam as noivas a mudar de opinião sobre o imaginário do casamento, favorecendo entre elas a valorização da atitude de renúncia ou de privação de gostos e hábitos pessoais, como demonstra Helena:

É como eu te falei: eu sempre gostei muito de ir pra festa. Eu não sei mais o que é uma festa. A gente se privou de muita coisa e ele também, sempre gostou de se divertir e tudo, pra que a gente pudesse estar casando com as nossas coisas tudo certas, sem estar devendo nada a ninguém, a não ser os cartões mesmo, porque tem que parcelar mesmo tudo. Mas tá tudo dando certo. [MAS ESSAS REUNUNCIAS NÃO TE AFETAM? AFINAL VOCÊ ESTÁ DEIXANDO DE FAZER O QUE MAIS GOSTA POR CAUSA DO CASAMENTO?] Não. Mas as vezes bate uma tristeza. No momento mesmo quando eu estou com muita, muita, muita vontade de ir prum canto e eu sei que vou gastar aí eu fico..., mas depois eu vou me acalmando. (Helena).

Isso, porém, varia em função da renda ou da própria "condição" social, conforme ressaltou Joana ao lembrar que apesar de ter começado a trabalhar com 19 sentiu-se privilegiada ao ter ganho da avó um apartamento como presente de noivado. Segundo ela, quando "problema da casa está resolvido" a tendência é que as noivas se dediquem a "fazer o casamento", isto é, identificar, selecionar e pagar pelos itens que irão compor tanto a cerimônia como a recepção dos convidados. Isso exige, ainda segundo ela, discernimento para não alimentar grandes expectativas uma vez que "o gasto com o casamento é estupidamente maior do que você tem na vida diária". Joana se alinha, assim, à opinião de outras noivas, como Luiza, que possui uma renda familiar menor que a sua, mas também considera que "em se falando de casamento, tudo é muito caro".

A disposição para arcar com este custo sempre gera desconforto e desânimo entre as noivas. Assim, quando o casal se dá conta de que não possui as condições ideais para a realização do casamento e o início da vida conjugal, como renda e moradia, uma das estratégias adotadas é adiar sua oficialização, seja condicionando-o à obtenção de nível de instrução e a aquisição de emprego estável, seja pela compra ou aluguel do imóvel. Assim, enquanto no começo do noivado as noivas afirmam que "sonham" com o seu casamento, se referindo a cerimônia e à festa, nos meses seguintes (e à medida que o mesmo vai sendo adiado), principalmente em razão das tensões com o parceiro, passam a dar atenção ao que estes chamam de responsabilidades ou sentido prático da vida conjugal, isto é, as limitações que o nível de renda familiar passam a impor sobre controle de despesas, a necessidade de poupança ou de investimento, a escolha do local de moradia, despesas com compra, aluguel ou financiamento do imóvel e do automóvel, mobília etc.

Com isso, as noivas demonstram que podem recuar em seus projetos originais, admitindo que "fazer o casamento dos sonhos" pode ser na verdade uma projeção estimulada pelo imaginário corrente. Foi possível identificar esse recuo em vários momentos ao longo da pesquisa, no entanto, foi possível acompanhar uma visível tensão no discurso das noivas, sobretudo quando, nos meses que antecedem o casamento, elas acabam por se defrontar com os próprios limites que suas expectativas encontram diante dos custos que a indústria do casamento impõe aos serviços e produtos que desejam obter. Assim, enquanto num primeiro momento, ou seja, logo após o pedido de casamento, noivas animadas descrevem com riqueza de detalhes o que

querem fazer em suas bodas, em algumas semanas essa animação pode dar lugar a incertezas.

Joana, oferece uma visão desse movimento de um modo bastante exemplar. Em nossa primeira entrevista quando, segundo ela, ainda não tinha “colocado os gastos na ponta do lápis”, suas condições aparentemente vantajosas davam-lhe a segurança de poder fazer seu casamento sem se preocupar com o orçamento do mesmo:

"O QUE MAIS PREOCUPA VOCÊS ATUALMENTE EM RELAÇÃO AO CASAMENTO?

Hoje o que me preocupa é a festa. Por que o mais importante a gente já conseguiu, que é o apartamento. Eu ganhei um apartamento da minha vó. Então isso já não me atormenta mais. [E QUANTO VOCÊ ACHA QUE VAI GASTAR NA SUA FESTA?] Uns 100 mil reais. [COMO VOCÊ AVALIA ESSE GASTO EM RELAÇÃO ÀS CASAMENTOS DAS SUAS AMIGAS OU CONHECIDOS?] Pra todo mundo é um absurdo. Eu por exemplo, participo de dois grupos no WhatsApp e tem uma diferença muito grande de um pro outro. Em um deles tem pessoas mais humildes. Em um evento no qual participamos [se referindo ao evento "Conversa de noivas"] as noivas concordaram com tudo que a palestrante falou e no outro grupo não. Por que no outro grupo as noivas pensam assim "pocha, se a pessoa tem o dinheiro, ela não vai se endividar pra fazer aquilo ali, ela tem uma vida estável e ela tem tudo organizado, porque que ela não pode gastar o dinheiro dela na festa? Por que ela não pode fazer do jeito que ela quer? Por que é ostentação!? Porque o país está em crise!? Então, se a pessoa quer e tem condições porque não? E no outro grupo ela acham que "não! Meu Deus. [...] Porque que as pessoas ostentam nas festas? Gastam não sei quantos mil. Teve um aniversário ontem de um menino de 10 anos que vieram dois cantores famosos e elas pagando o pau. "Credo que absurdo! O menino só tem 10 anos". É muito diferente a visão de um grupo pro outro. Mas eu acho que é a questão de condição. (Joana).

Em nossa última entrevista, porém, a situação era bem diferente. Joana reconheceu que após ter entrado em contato com os orçamentos para mobília e decoração da moradia, bem como a maquiagem da noiva, o bolo de casamento e a decoração da igreja, sentia que tinha passado por um deslumbramento inicial que em seguida a colocou em conflito com o próprio simbolismo do casamento, mas que também não deixa de ser um modo de recuar diante das limitações impostas as suas próprias expectativas em razão das condições em que ela e outras noivas se encontraram no decorrer do noivado

Essa concepção se reflete ainda na opinião defendida por Aline de que “não adianta gastar rios de dinheiro com o casamento e depois não ter onde morar”.

Contrariando o imaginário corrente, esta noiva também demonstra que ao invés de depositar suas expectativas na realização do casamento ela deu preferência à moradia:

O nosso noivado foge do padrão da maioria das nossas amigas. Eu tenho um milhão de amigas noivas. Duas já casaram e outras ainda vão ficar noivas, mas todas pensam em ter aquele casamento pomposo. E desde o início eu sempre quis ter um apartamento, ter uma casa, ao invés de uma festa e começar morando de aluguel. Então, por isso que hoje o casamento depende da gente receber o apartamento. É por isso que a data que entregarem o apartamento vai ser a data que eu vou marcar o casamento.

[...]

Minhas amigas sempre tiveram o sonho de casar, de entrar na igreja, de branco, ter a festa. Mas não é o meu sonho. Pra mim essa é uma visão romântica. O casamento não é isso. [...] Eu penso num apartamento e elas pensam numa festa. Daí eu começo a ver a diferença. Aí, por exemplo, agora elas estão casadas... uma gastou 100 mil reais na festa. A outra virou pra mim e disse que gastou 45. E a única coisa que eu penso é que eu poderia gastar os 45 e mobiliar o meu apartamento. (Aline).

De fato, Aline concentrou sua expectativa com o casamento na compra do apartamento enfatizando que se empenhava para viver uma vida junto com o noivo:

Depois que a gente noivou a gente passou a focar na nossa casa. Por que é muito baseado na ideia de estar junto. Por que a gente não tem essa oportunidade estando da maneira como a gente está hoje. E quando a gente fica junto a gente tem que voltar pra casa. Por exemplo, eu vejo ele no final de semana. Às vezes durante a semana. A gente foi pra São Luiz, aí voltei e tive de ir pra casa dos meus pais. Eu não posso dormir aqui [indicando o apartamento do noivo onde a entrevista foi realizada] e ele não pode dormir lá [residência da noiva]. (Aline),

O mesmo também pôde ser observado no caso de Daniela, cuja expectativa com o casamento, inicialmente orientada para uma "festa inesquecível" baseada no desejo de realizar uma cerimônia na praia ou no alto de uma colina, deu lugar a um ritual muito menos ambicioso nos meses imediatamente anteriores ao casamento.

Influenciada pelo noivo e sua aproximação com a igreja, Daniela passou a assentir com a ideia de realizar uma "cerimônia forte, emocionalmente, em relação ao cerimonial religioso do que a festa em si", pois naquela ocasião as despesas com a cerimônia passavam a dividir cada vez mais atenção com as despesas relacionadas à moradia:

Quando a gente diz que quer casar pra ser independente e sair da casa dos pais a gente quer dizer que a gente quer casar pra morar na nossa casa. E a gente quer conquistar. Por que tanto eu como o Daniel, a gente acredita que cada coisinha que a gente compra pra dentro de casa tem um valor diferente de quando a gente ganha. Parece que a gente vai cuidar mais. Claro que toda ajuda é bem-vinda. Se a gente ganhar uma geladeira tá ótimo, mas a gente não conta com isso. Porque eu acho que ela vai ter um sabor diferente. Da gente ir vendo a nossa casa sendo construída com o nosso próprio esforço. (Daniela).

Resultado das reflexões que cercam seu própria debut matrimonial, a presença do que pode ser chamado de “revisão do imaginário nupcial” também é objeto de atenção das noivas já casadas e coabitantes que, a despeito do desejo em realizar seu sonho, parecem menos inclinadas a se deixarem explorar pela indústria do casamento, conforme ressalta Renata em sua narrativa sobre os enfrentamentos porque passou ao planejar seu casamento.

Alegando ser casada há 16 anos e não pretender comprometer o orçamento familiar (nem “vender o carro”) para pagar as despesas do seu casamento com Renato, ela destaca que ameaçou desistir ao saber que o valor cobrado quando ela se apresentava como noiva era o dobro ou o triplo do normal, o que resultou no desentendimento com uma amiga cerimonialista e a dona de um salão de beleza que conhecia desde a adolescência. Nas negociações que se viu obrigada a fazer Renata argumentava que não era para elas pensarem que estava fornecendo um serviço para uma “noivinha que estava começando sua história. Mas para alguém que celebrava o sucesso da escolha que havia feito”¹⁸⁷.

Favorecendo a conclusão de que o noivado é um processo cujo sentido se altera em função das tensões e estratégias implicadas pela relação sonho-renda-moradia, a adoção e combinação de diferentes projetos com o objetivo de “construir nossas

¹⁸⁷ Esse relato foi feito durante um almoço na casa de minha tia, sogra de Renata, em Brasília. Na ocasião ela contava as novidades sobre os preparativos para o casamento para mim e outros presentes. Ao ouvi-lo, minha tia, casada há mais de 40 anos, fez um comentário jocoso: “Ô Renata. Nesse caso aí o certo era cobrar umas dez vezes mais caro. Acertar na escolha do marido é mais difícil do que acertar na escolha da decoração”. Notei que todos riram, inclusive Renata, que depois disso mudou de assunto e em seguida se recolheu com os dois filhos em um canto da sala de estar. Visivelmente constrangida, perguntei-lhe se aquilo tinha lhe magoado ao que ela me respondeu enquanto passava a mão no cabelo do filho mais novo: “Magoada? Não. Já acostumei. As pessoas brincam mesmo quando sabem que mesmo depois de tanto tempo vivendo junto a gente toma essa decisão. Mas é o meu sonho né, e só eu sei o quanto ele significa pra mim!”

coisas juntos" (Daniela) e "fazer as coisas do jeito que a gente quer" (Carla) introduz, portanto, comportamentos e atitudes em favor da socialização conjugal, o que no caso destas noivas significa que "ter uma organização incrível", "trabalhar muito" ou "guardar grana no banco" (Eduarda), se encontra associada ao reconhecimento e valorização do emprego compartilhado de um "esforço", "luta" ou "sacrifício" pela realização do casamento, o que é tratado como um sinal de comprometimento do sujeito com tal projeto. Nesse sentido, os argumentos utilizados para se referir ao mesmo, bem como a experiência prevista com ou vivida a partir do cálculo e que resultam nas "conquistas" do casal, como "quitar as parcelas do bufê" (Carla), "financiar o apartamento" ou "comprar um fogãozinho de quatro bocas" (Daniela), refletem a eficácia protagonizado pelo noivado, cujas negociações e soluções encontradas pelo casal são parte da socialização que gera a intimidade, condição elementar para a existência do relacionamento conjugal.

Em síntese, o capítulo reconhece nas narrativas sobre a experiência nupcial um idioma que nos permite compreender o sistema de aliança em sociedades complexas. Por essa razão, a atenção dada aos arranjos protagonizados com a intenção de reproduzir uma combinação de modelos permitem considerar que é através deles que os sujeitos constroem sua identidade e expressam sua crença nesse sistema. Logo, em um contexto onde as pessoas tendem cada vez mais a valorizar o significado de suas aspirações, "quem casa quer..." que o motivo se ajuste a um projeto significativo, o que corresponde dizer que "Deus", a festa e mesmo a casa – termo originalmente empregado neste ditado – não são entidades amorfas que servem apenas para justificar a aliança, mas são sujeitos que atuam no sentido de mobilizar, na forma de ritual, a relação entre códigos e experiências.

PARTE III
COMO AS INSTITUIÇÕES AGEM



Imagem 13 – “O sagrado”. Manequim trajando vestido de noiva assinado pela estilista Dilu Fiuza de Mello e portando coroa com véu e missal durante em desfile realizado na feira de noivas “Casando”. Belém, 20/08/2015. (Fonte: Arquivo do autor).

Por mais que nas duas partes anteriores e mais precisamente nos três capítulos precedentes tenha me dedicado a ilustrar a variedade de formas e significados pelas quais o noivado se expressa como fenômeno social, bem como a disposição ou não dos sujeitos em aderir às crenças, valores e práticas nele contidos, considero indispensável chamar atenção para a carência de dados sobre o papel das instituições.

Conforme mostrei até aqui, esse papel tem sido explorado na perspectiva do modelo ou, como demonstrei nos capítulos 2 e 6, como “inspiração” ou “referência” respectivamente. Isto se dá em completa coerência com a discussão teórica acerca do tema, cuja atenção dedicada à agência tem recentemente privilegiado a análise da experiência e das estratégias como recorte interpretativo. Cabe perguntar se esta perspectiva é suficiente para compreender sua reprodução como fenômeno social.

Acredito que esta compreensão deva incluir ainda o papel das instituições como sujeitos ativos e dinâmicos da socialização ressaltando o que Douglas (2007) sugere acerca do tema: é no interior das instituições que as pessoas fazem suas escolhas. Aliás, foi dedicando-se à encorajar investigações em torno da relação entre indivíduos e instituições que Douglas escreveu o livro “Como as instituições pensam” com o objetivo de mostrar que diferentemente da experiência, a quem atribui a dificuldade de produzir teorias gerais por se tratar apenas de sucessões e regularidades, o pensamento institucional é responsável por modelar nossa cognição afetando o senso compartilhado de interpretação dos fenômenos sociais. Esse processo é conduzido, segundo Douglas, pelas analogias produzidas a partir de divisões e posteriores classificações da realidade. O resultado disso é que as instituições uniformizam a ação estabelecendo os termos para o autoconhecimento e a fixação de identidades.

Nadel (1955), por sua vez, lembra que as instituições são formas padronizadas de conduta que operam conjuntamente e cujos propósitos se entrelaçam em um sentido prático. Assim como as relações elas são governadas pela intencionalidade dos sujeitos, mas diferente destas tem o poder para reconhecer, legitimar ou converter os interesses em curso.

Recorro a esta explicação para mostrar que além do imaginário e da experiência, uma outra categoria de fatos deve seu lugar ao papel que as instituições, enquanto “força social” (DURKHEIM, 1996), exercem na ritualização nupcial. Este papel, porém, não se dá apenas no campo das ideias como sugere Douglas, mas também de forma direta intervindo sobre as escolhas individuais no intuito de classificar, controlar,

codificar e dar estabilidade às incertezas e expectativas que a experiência resultante delas pode produzir.

Este capítulo tem, portanto, o objetivo de apresentar dados que avaliam a pertinência desse entendimento descrevendo o modo como o mercado e a religião, enquanto instituições integradas às sociedades individualistas, operam dois importantes símbolos da ritualização nupcial: o “sonho” e a “bênção”. Adoto como fonte para esta análise minhas experiências como observador, direto e indireto, de feiras voltadas para a comercialização de bens e serviços no setor de casamento e como participante de cursos dirigidos à certificação de casais interessados na formalização de sua aliança através do casamento religioso católico.

CAPÍTULO 7

A INDÚSTRIA DO CASAMENTO

Se por um lado o pedido de casamento constitui-se no pontapé inicial do processo que conduz os noivos à oficialização de sua aliança, as expectativas que cercam a ritualização do noivado encontram na centralidade do sonho um importante mobilizador social. Sua projeção é ainda mais relevante quando se tem em conta as práticas de consumo que transformam este sonho em realidade. Esta relação, que fora objeto de atenção em trabalhos que discutem o chamado “mercado” ou “indústria do casamento” (BODEN, 2003; OTNES e PLECK, 2003; SEGALEN, 2003; MARINS, 2016), constitui-se numa variável importante a ser discutida neste trabalho, pois mesmo premeditando a realização de um casamento o mais simples possível, é notório que em suas experiências nupciais os noivos são afetados pelos valores, símbolos e crenças que caracterizam a “sociedade de consumo” (BARBOSA, 2004).

Apontando o apego dos noivos deste início de século a elementos tradicionais e o desejo dos mesmos em fazer do casamento um espetáculo performático, Pinho (2017) sugere que a emergência deste imaginário contraria o pessimismo com a suposta falência dos rituais de casamento. O sonho do casamento constitui-se, portanto, em um renovado interesse de agentes que, em face das mudanças culturais e socio-demográficas por que passou a sociedade brasileira nas últimas décadas, repercutem a crescente tendência à individualização e cultivo à personalidade que caracterizam a cultura do consumo presente nas diferentes etapas deste ritual, como as festas de noivado, os chás-de-panela, as despedidas de solteiro e o próprio casamento.

Essa cultura se expressa em uma indústria global que, apesar da crise que vem assolando as principais economias mundiais na última década, é uma das poucas frações da economia que apresenta crescimento nos últimos anos e, de acordo com os dados apresentados na primeira conferência internacional do setor, realizada em Dubai, em abril de 2014, movimenta cerca de US\$ 300 bilhões por ano. Com um crescimento de 3,2% ao ano entre 2011 e 2016, os Estados Unidos, representa o maior mercado de produtos de casamento e movimentou em 2013 US\$ 53,4 bilhões (R\$ 144,7 bilhões). De acordo com o relatório “Wedding Services Market Research

Report” da IBISWorld¹⁸⁸ essa receita atualmente é de US\$ 72 bilhões e inclui uma rede com mais de 309.000 empresas e 1 milhão e 150 mil pessoas empregadas em todo os Estados Unidos¹⁸⁹. Na Índia, o segundo maior mercado, os casamentos movimentam US\$ 38 bilhões (R\$ 103 bilhões), sendo seguido pela China cujo crescimento, de 5,3% entre 2010 e 2015, movimentam US\$ 23,4 bilhões (R\$ 63,4 bilhões) e reúne 8 mil empresas e 149 mil pessoas. O site de casamento hitched.co.uk revelou que os britânicos também têm grande participação neste setor sendo responsáveis pela movimentação de £ 10 bilhões (R\$ 28,4 bilhões) em 2012¹⁹⁰.

Na França, segundo a plataforma de informação setorial Businesscoot.com, o mercado de casamentos foi estimado em € 5 bilhões em 2013 (cerca de R\$ 15 bilhões à época) e apesar da redução no número de casamentos, o setor tem visto o aumento do orçamento médio gasto com a cerimônia, em que se aponta a cifra de € 15 mil gastos por cerimônia. Algo muito semelhante ocorre no Brasil, cujo setor registrou um crescimento anual médio de 10,4% entre 2013 e 2015, movimentando cerca de R\$ 16 bilhões, de acordo com dados divulgados pela pesquisa Data Popular da Associação Brasileira de Eventos Sociais (ABRAFESTA).

Entre os produtos e serviços que movimentam esse mercado encontram-se os gastos com cerimônia, locais de recepção, alimentação e bebidas, vestuário e acessórios (design e fabricação de joias), som (música ao vivo) e imagem (vídeo e fotografia), arranjos florais, aluguel de carros, passagens, hospedagem e maquiagem, que podem ser facilmente acessados em empresas físicas, espalhadas nas regiões metropolitanas, ou comprados e contratados em sites disponíveis na internet e ainda em feiras organizados por empresas do ramo que, organizadas em redes, reúnem-se anualmente para realização de eventos de alcance nacional, como as Expo-Noivas (versão São Paulo e Rio de Janeiro), ou de caráter regional e local, como o Salão Casamoda Noivas e Wedding Brasil (ambas em São Paulo), Expocasório (Belo Horizonte), Glamour Noivas Fest (Fortaleza), entre outras.

¹⁸⁸ O relatório encontra-se disponível para consulta no site <https://blog.marketresearch.com/the-wedding-industry-in-2017-and-beyond>

¹⁸⁹ Publicado em junho de 2016, este relatório fornece análise e estatísticas de mercado, onde analisa o tamanho e as tendências atuais e futuras do setor além de mostrar a participação no mercado das maiores empresas do ramo.

¹⁹⁰ Dados obtidos do infográfico “Each Year UK Weddings are Worth £10 billion” disponível em site.

Algumas dessas feiras já contam com uma boa documentação a seu respeito, a exemplo das pesquisas etnográficas realizadas por Marins (2017) na cidade do Rio de Janeiro, Pinho (2017) nas cidades de Fortaleza, Porto Alegre e São Paulo e Escoura (2016; 2017; 2019) nas cidades de São Paulo e Belém, cujas descrições permitem notar, tanto a atenção dedicada à estética e ao simbolismo “inspirador” dos bens comercializados, quanto as negociações envolvendo os mais variados tipos de negócios, como desfiles de moda, apresentações de bandas e sorteios de serviços para festas.

Ao considerar este campo como objeto de minha atenção, portanto, não procurei adotar os mesmos procedimentos metodológicos, muitos menos enfrentar os problemas teóricos encampados por estas pesquisadoras. Na verdade, passei mais tempo procurando compreender os obstáculos que o próprio campo me ofereceu em virtude das relações de gênero que o caracterizam, bem como, debrucei-me sobre os significados que esses eventos possuem no cultivo do imaginário sobre o ritual do casamento. Neste sentido, realizei pesquisa de campo baseada na incursão a feiras de noivas: “Semana de Noivas” e “Casando 2015”, ambas ocorridas em Belém, e “Conversa Entre Noivas”, realizada em Teresina.

Semana de Noivas

A primeira vez que frequentei uma feira de noivas se deu de forma exploratória¹⁹¹. Isto porque só tomei conhecimento da mesma na véspera de seu encerramento. A “Semana de Noivas”, evento ocorrido entre 11 e 17 de maio de 2015, era um evento gratuito e estava sendo patrocinada pelo shopping Pátio Belém com apoio do Jornal Diário do Pará. Montando na Praça Central do estabelecimento, seus idealizadores

¹⁹¹ Tratei esse primeiro contato como exploratório em virtude do imprevisto adotado para lidar com três problemas de investigação. Primeiro, a carência, à época, de referenciais metodológicos para realizar trabalho de campo neste universo. Segundo, o próprio fato de ser pesquisador e estar casado. Conforme lembra a pesquisadora e amiga Érika Pinho (que no início de sua pesquisa de doutoramento estava namorando e com o decorrer da mesma tornou-se noiva) as feiras são espaços em que o comércio de produtos e serviços voltados para o casamento exigem dos fornecedores eficiência para calcular se a pessoa abordada nos corredores é um(a) cliente potencial, isto é, se tem data marcada e possui condições financeiras para a contratação do serviço. Assim como esta pesquisadora, procurei eliminar essa dificuldade me identificando como noivo, o que exigiu de mim a incorporação do vocabulário e performance correspondente a esse papel, como a troca da aliança da mão esquerda para a direita. Terceiro, lidar com os obstáculos impostos pelo que Simmel (1993) chama de “cultura feminina” e que está presente no mercado de casamentos dada a predominância de mulheres, seja como comerciantes ou clientes.

procuravam atrair o público criando um ambiente que procurava recriar a atmosfera de um casamento: decoração temática, exposição de dois bolos de casamento com mais de 1 metro de altura e apresentação de músicas de casamento realizadas por um pianista e um violinista, que ao lado de dois fotógrafos eram os únicos homens presentes no evento.

Imagem 14 – Folder com logomarca, expositores e promotores do evento "semana de Noivas"



Fonte: Perfil do Hospital São José no Facebook.

Imagem 15 – Exposição de bolos de casamento. “Semana de Noivas”, Shopping Pátio Belém, 17 de maio de 2015.



Fonte: Arquivo do Autor.

Imagem 16 – Visão geral do evento. “Semana de Noivas”, Shopping Pátio Belém, 17 de maio de 2015.



Fonte: Arquivo do Autor.

Antes de entrar no local do evento, porém, ponderei o fato de vir a ser identificado como casado por estar usando minha aliança na mão esquerda. Ora, como poderia interagir com aquelas pessoas sem levantar a suspeita de que não estava só tomando seu tempo? Até cheguei a pensar em dizer que estava fazendo pesquisas para um amigo, mas neste caso isso soaria estranho, pois este tipo de assunto não se deixa para terceiros, mesmo que supunha que fosse um presente, como a decoração ou a mesa de doces. Planejar um casamento é coisa bastante íntima cuja preparação recomenda-se ser feita pelo próprio casal ou, no limite, pelos parentes mais próximos (sobretudo femininos).

Lembro de prever as mesmas dificuldades enfrentadas por Pinho (2017) que em sua pesquisa de campo se viu obrigada a se identificar como noiva a fim de interagir com fornecedores e poder perambular livremente pelos espaços da feira¹⁹². Como demonstrarei adiante, não ser noivo (ou pior: não ser “a” noiva, mas um “noivo” proativo) faria de mim forasteiro num contexto onde a identidade e o próprio vocabulário depositam expectativas sobre o sujeito tornando-lhes merecedores de atenção. Para não comprometer o que pretendia fazer ali tomei a decisão de trocar a aliança de dedo – o que não fora tarefa fácil, pois a articulação do meu dedo parecia ter se acostumado com aquele objeto –, mas não sem antes considerar que aquela atitude poderia levantar suspeitas tanto de quem viesse a me atender, em razão de minha performance e vocabulário, como de algum conhecido que passasse pelo local. Apesar do receio caminhei pelo tapete vermelho por onde entravam interessados e curiosos e antes de que pudesse escolher para onde ir fui abordado por uma moça simpática que perguntou se eu não tinha interesse em comprar um tratamento estético para a minha noiva. Segundo a vendedora, o pacote, conhecido como “dia da noiva”, era oferecido em um spa no dia do casamento e incluía massagem relaxante, banho com sais, cabeleireiro, maquiagem e estava sendo vendido por R\$ 1.300,00 podendo ser parcelado em até 6 vezes no cartão de crédito ou carnê. Nosso diálogo foi interrompido por uma senhora que aparentou ser sua chefe e pediu que a vendedora desse atenção a um casal que estava em estágio avançado de negociação para a compra

¹⁹² Poderia dizer o mesmo dos trabalhos de Cristina Marins que para anteder as exigências dos cerimonialistas se viu obrigada a se vestir e se comportar como uma funcionária do setor, ou de Michelle Escoura, cujo “acesso ao mercado de festas de casamentos se deu pelo trabalho como funcionária de lojas de vestidos de noiva”.

do pacote. Ao se dirigir a mim, a referida senhora perguntou o que eu estava fazendo ali desacompanhado de minha noiva e sugeriu que o pacote também era uma excelente surpresa se fosse oferecido como presente para namoradas e esposas. Respondi que estava realizando uma pesquisa, e à medida em que procurava obter detalhes sobre o serviço notei que ela se tornava evasiva até o momento em que me ofereceu um cartão com o número da empresa me pedindo para ligar caso estivesse interessado em comprar o tal pacote.

Ainda que abreviada pela pressa desta senhora em se livrar de mim, essa primeira experiência me permitiu tomar nota de que a oferta do tratamento estético é dirigida exclusivamente às noivas, tidas, não só como as principais protagonistas durante o casamento, mas também nos momentos que o antecedem. “Aliviar a tensão”, “relaxar”, “ficar linda para o dia mais especial de sua vida” são expressões que dão contorno a esta ideia e tendo sido utilizadas pelas vendedoras como sugestão para compensar o que parece ser o trabalho que as noivas têm para preparar este evento.

Em seguida me dirigi ao stand de onde ouvia uma moça com sotaque mineiro oferecendo o serviço de “segurança biológica”, segundo ela prestado pelo laboratório do Hospital São José, com sede na Vila dos Cabanos. No folheto entregue por ela notei que os pacotes tinham o nome de “combo noivo” e “combo noiva”. Ao me explicar o que cada um significava a vendedora enfatizou que se tratava de um serviço que procurava “checar a condição de saúde dos futuros cônjuges e evitando assim aqueles probleminhas que a gente só descobre depois de casar”. O combo noivo, por essa razão, incluía ultrassom pélvica, espermograma e um “programa de identificação e prevenção de doenças masculinas”, como diabetes e hipertensão. Para as noivas, o laboratório oferecia exames de ultrassom de mama e vaginal. Ambos, porém, também deveriam passar por uma bateria de exames para identificação de DST’s como aids, sífilis e herpes.

Não consegui esconder minha surpresa e curiosidade e ao tomar nota do serviço fui advertido pela moça que me atendia que o mesmo era uma demanda crescente, haja vista o número de separações ocasionadas pela ocultação de problemas de saúde de um dos parceiros. Outra vez, porém, vi aumentar a ansiedade da vendedora à medida que procurava obter detalhes sobre esta informação, de modo que ela própria tomou a iniciativa de encerrar nosso diálogo pedindo que entrasse em contato pelo número informando no folder caso desejasse maiores esclarecimentos. Essa foi

a deixa para nos despedirmos e me dirigir ao stand seguinte, onde uma empresa especializada em decoração exibia, sob uma tenda cestas, castiçais, cortinas, bonecos de noivos e um manequim com vestido de noiva. Ao fundo da mesma também era possível ver alguns exemplares de doces sobrepostos em tábuas suspensas, o que sugeria que a empresa também era fornecedora deste item.

Depois de algum tempo observando os detalhes dos objetos uma vendedora se dispôs a me atender perguntando se estava interessado em algo. Disse-lhe que tinha interesse em conhecer os produtos que a empresa oferecia, mas vi ela cerrar os olhos e, assim como se deu em meu primeiro atendimento, questionou o fato de estar “sozinho” – o que no vocabulário com o qual estava me familiarizando significava “estar desacompanhado de minha ‘noiva’”. Ganhei sua atenção convencendo-a de que a mesma estava trabalhando, motivo pelo qual foi-me sugerido que visitasse a empresa em seu endereço físico, uma vez que mesmo que eu gostasse de algo “quem daria a última palavra seria a noiva”.

Essa sugestão, dada em tom de advertência me remeteu, por um lado, aos questionamentos que Marins realizou a respeito da construção e desempenho dos papéis de gênero ao longo do complexo ritual, ressaltando que esta antropóloga também se deparou com o fato das noivas darem a última palavra sobre os convites de casamento; por outro, me fez pensar na interessante discussão de Fernandes (2013) sobre o papel do noivo na celebração do casamento. Analisando o papel pedagógico exercido pela revista *Inesquecível Casamento*, esta autora adverte que o noivo é “só um detalhe” em um contexto onde o predomínio das mulheres reflete a falta de participação masculina nas questões relacionadas aos cuidados e gestão da família, o que sugere que a “centralidade das noivas”¹⁹³ em assuntos relacionados ao mercado de casamentos torna o mesmo um campo da “cultura feminina” (SIMMEL, 1993), conforme salientado por Pinho.

Mesmo com a advertência, porém, recebi uma pasta contendo o que segundo a atendente os valores dos itens comercializados pela empresa. Enquanto me dedicava a dar atenção às cerca de 10 páginas contidas na pasta, a vendedora pediu licença e antes de sair para atender um casal me apresentou sua mãe, Iza, a proprietária da empresa. De modo gentil, Iza perguntou quais eram minhas pretensões e

¹⁹³ Esta expressão dá nome ao tópico abordado por Marins em seu livro (MARINS, 2016, pp. 77-83).

completou, argumentando que para um casamento ser bem-sucedido a decoração e a mesa de doces fariam toda a diferença. Após dizer-lhe que estava “iniciando minhas pesquisas” ela tomou a pasta que estava nas minhas mãos e explicou que os itens de decoração eram alugados e por isso tinham preço fixo. Já o preço dos doces variava em função do número de convidados e do tipo de doce, que em seu portfólio eram de três tipos: tradicional, gourmet e fino. Essa distinção, segundo minha interlocutora, correspondia à condição de renda e ao nível de “desapego” do casal, pois, quanto mais refinada a escolha pela mesa de doces, maiores seriam as chances dos convidados “saírem falando bem” da festa.

Antes de concluir sua explicação, pergunto a Iza sobre as razões para a criação dos tipos de doces que ela apresentou e tomo nota de que os mesmos nasceram da demanda de noivas que buscavam ingredientes e sabores capazes de traduzir sua personalidade. Como naturalmente isso gerava custos e ela não possuía mão de obra necessária para tal, escolheu padronizar os doces em três tipos, variando apenas o sabor em função da média dos gostos (e da renda) de sua clientela. Infelizmente, antes mesmo de saber o que Iza entendia por “gosto” ela me interrompeu e perguntou se tinha interesse em assinar a minuta de um contrato. Porém, ao saber que só o faria após dar ciência do assunto para minha “noiva”, ela sorri e se despede pedindo que volte a procurá-la quando terminar minha pesquisa e “devidamente acompanhado”.

Todo o tempo que circulei pelo evento durou cerca de uma hora e meia. Como nas demais vezes que procurei ser atendido disputava a atenção das vendedoras com casais mais convictos sobre o produto e serviços que estava pretendendo contratar, notei que a minha iniciativa era limitada. Aproveitei o tempo que me restou para tirar fotos e puxar conversa com dois casais que entre outras coisas me disseram achar ótima a ideia das empresas se reunirem naquele formato, haja vista a possibilidade de negociar os valores diretamente, o que não ocorre, segundo os mesmos, quando pesquisam por empresas individualmente.

Ao término desta incursão inicial fui tomado por algumas reflexões. A primeira delas foi a de que empresas presentes no evento ofereciam produtos e serviços a baixo custo, o que ficou demonstrado pelo acesso gratuito do público ao mesmo. Diferentemente do que encontrei posteriormente, o valor oferecido, a possibilidade de negociação do mesmo e as vantagens de pagamento tornavam a realização do casamento e da festa acessível a um público de média e baixa renda.

O formato de feira também me permitiu notar que a acessibilidade protagonizada pela reunião das empresas no mesmo espaço, durante um determinado tempo não passa de uma estratégia de atuação em rede. Fazendo isso, as empresas procuram – e pelo visto conseguem – apresentar-se como alternativa à especialização e elevação dos custos do casamento nas últimas décadas, conforme apontado por Pinho e Marins, despertando em seu “público alvo” o sentido de preparação e planejamento do evento. Esta estratégia, no entanto, não impede que essas mesmas empresas explorem o simbolismo do casamento visando a geração do sentimento de distinção social. Para isso criam, combinam e apresentam produtos e serviços que ao mesmo tempo atendem e produzem demanda, fazendo crer que para o casamento – enquanto evento e relacionamento – ser bem-sucedido, é necessário incorporar os mesmos à sua ritualização.

Casando, 2015

Minha segunda incursão a feiras de noivas se deu no dia 20 de agosto de 2015 quando participei da 3ª edição do “Casando”, evento realizado no Centro de Convenções Hangar. Tomei conhecimento do mesmo pelo jornal O Liberal que na condição de organizador e patrocinador procurou atrair a atenção do público anunciando que no último dia do evento seria realizado um desfile de noivas com o significativo título de “Sagrado”. O acesso ao mesmo, porém, se dava pela compra de um ingresso (ou passaporte conforme me disse a vendedora na bilheteria) no valor de R\$ 20,00.

Imagem 17 – Capa do Caderno Mulher na semana que antecedeu a realização do evento “Casando 2015”.



Fonte: Jornal O Liberal, 15/08/2015.

Em função do cronograma de pesquisa escolhi realizar a pesquisa de campo no último dia da feira quando seria realizado o desfile “Sagrado”, posto se tratar de um evento do qual poderia extrair importantes reflexões. Antes de entrar no amplo salão em que a feira estava sendo organizada, porém, repeti o ritual de trocar a aliança. No interior do mesmo pude notar que o público e o número de profissionais e empresas presentes eram visivelmente maiores do que o que havia encontrado em minha primeira incursão. A decoração, a iluminação e a aparência dos produtos expostos davam ao ambiente um tom mais requintado e festivo, muito semelhante ao que já tinha encontrado nas festas de casamento das quais participei.

Não demorou muito, porém, para que eu fosse abordado por um garçom que me ofereceu uma taça de espumante acompanhada de um cartão com o contato da produtora de eventos para a qual trabalhava. Animado, me disse que naquele dia estavam fazendo uma promoção para os casais que contratassem bar e decoração. Agradei pela taça e aproveitando-me do fato de que sua bandeja possuía mais de uma dezena de taças para servir procurei obter detalhes sobre o setor em que ele

trabalhava. Àquela altura, já falando próximo ao meu ouvido em razão do barulho das pessoas que ia aumentando, a medida em que adentrávamos o evento, ele me disse que ao lado do terno e da banda, o bar era um dos poucos espaços da preparação do casamento em que os noivos tinham voz e vez. Apontando para uma mesa de doces advertia-me de que na preparação do casamento “as noivas se preocupam em oferecer a melhor comida para os convidados” enquanto os noivos só se preocupam em se “embriagar com os amigos”. Desconfiado que o garçom estivesse dizendo isso apenas para me persuadir com sua promoção, perguntei se a produtora em que trabalhava não ignorava que as noivas também tinham suas demandas. Enquanto oferecia uma taça e o cartão da produtora para um casal que estava no seu caminho, ele me respondeu: “De fato elas tem patrão, mas o senhor já viu noiva comprar 20 caixas de caipifruta pra servir em festa?” Enquanto ríamos de sua resposta o garçom pediu-me licença para buscar mais taças e sugeriu que visitasse o stand da produtora para tirar mais dúvidas.

Antes que conseguisse alcançar a empresa para tentar obter maiores detalhes sobre o dado que o simpático garçom acabara de me fornecer, fui tomado de assalto pela abordagem de uma das noivas que circulavam pelo evento munidas de seus buquês. Meu sorriso acanhado parece ter sido a senha para ela me convidar a entrar no estande de produtos de decoração em que trabalhava. Após perguntar o meu nome, a noiva levantou o braço em que estava o seu buquê e pediu para uma das atendentes disponíveis vir até nós. Com uma prancheta na mão, Luísa, se apresentou e pediu que a acompanhasse num “tour” pelo stand que se dedicava a “realizar os desejos mais pessoais do casal”. Segundo ela, além de vestidos de noiva feitos por uma estilista contratada, a empresa também fornecia convites, acessórios e os “noivinhos” para colocar no bolo de casamento, o que considerava ser uma “especialidade da casa”.

Imagem 18 – Modelo em seu vestido de noiva. Estande de empresa de decoração e fornecimento de vestido de noivas. Casando 2015, 20 de agosto de 2015.



Fonte: Arquivo do Autor

Imagem 19 – Estante com itens de decoração. Estande de empresa de decoração e fornecimento de vestido de noivas. Casando 2015, 18 de agosto de 2015.



Fonte: Arquivo do Autor

Durante nossa caminhada pelo stand notei que muitos objetos se encontravam com uma placa com a inscrição “reservado” (conforme se pode ver na estante com os objetos de decoração). Sugerindo que estivessem sido comprados ou alugados perguntei à atendente se aquilo significava que empresa comercializava seus produtos individualmente. Luísa me respondeu que a proprietária achava menos trabalhoso fazer “venda casada” (nome dado aos pacotes de decoração oferecidos pela empresa), mas que para “realizar o sonho da clientela” também aceitava encomendas levando em consideração o gosto pessoal dos noivos. O único detalhe era que isso poderia triplicar o preço do produto escolhido, o que não necessariamente assustava os noivos daquele dia, já que a maioria dos contratos fechados eram para aluguel ou compra de produtos individuais.

Apesar de notar a disposição da atendente em revelar detalhes sobre a atividade da empresa, o aumento no número de frequentadores do evento obrigou-me a perguntar se eu tinha interesse em algo. Foi então que tomei a iniciativa de lhe contar que estava ali tomando nota para uma pesquisa em desenvolvimento. Luísa então riu e confessou desconfiar do meu interesse por decoração. Segundo ela, apenas as noivas e “noivos enrustidos” tomariam seu tempo catalogando itens, combinando cores ou ficando em dúvida sobre o tamanho e a forma dos objetos. Antes que ela se livrasse de mim, porém, perguntei o que ela queria dizer com “noivos enrustidos”, ao que ela, serena e sinceramente, me respondeu: “Querido, casamento é coisa de mulher. Embora alguns noivos sejam mais proativos a gente sabe quando um deles passa dos limites!”

Embora estivesse cada vez mais certo sobre o predomínio feminino nas relações que marcam a dinâmica do mercado de casamento, a convicção com que a atendente deu sua resposta salientou as fronteiras da identidade de gênero que marcam a construção dos papéis em relação ao casamento. Ressaltando “que as pessoas não podem evitar demonstrar o gênero naquilo que elas fazem”, conforme sentença Strathern (2006, p. 466), a experiência também alertou para minha performance, sugerindo que menos importante do que a minha ingênua iniciativa de trocar a aliança de dedo, a familiaridade com os interlocutores passava também pela minha identificação como um “não-noiva” ou, o que parece ser mais acertado, um “não-mulher”.

Qualquer dúvida que eu viesse a ter sobre tocar neste assunto – tão comum quando não se é familiarizado com o próprio vocabulário que o compreende – se tornou menos desafiadora ainda nos minutos que antecederam ao desfile de noivas. Tudo porque tive que literalmente lutar para ter acesso ao desfile, que tinha despertado minha curiosidade pela referência ao termo “sagrado”.

Como a realização do desfile exigia iluminação mais escura que a existente no restante da feira, em razão da passarela ter sido projetada para simular a ocasião de um casamento e serem exibidas imagens religiosas em um telão, os organizadores fecharam o local e limitaram o número de lugares para as pessoas que desejavam assisti-lo. Do lado de fora, porém dezenas de noivas se amontoavam à medida que o horário de início do evento se aproximava. Talvez sem calcular o interesse do público pelo mesmo, a organização do desfile adotou de improviso a distribuição de senhas. O critério: ser noiva e/ou acompanhante! As primeiras senhas foram distribuídas

seguindo esse critério. Enquanto isso, eu e mais três ou quatro homens, entre eles dois curiosos e um colunista de jornal, esperávamos para saber se ainda teríamos chance de entrar no local. Além de nós, no entanto, haviam mais uma dezena de mulheres. Percebendo nossa insistência, uma das organizadoras do desfile apareceu na porta e pediu que o segurança liberasse mais pessoas para acompanhar o desfile advertindo que os que conseguissem entrar passariam a próxima hora em pé. Foi nesse momento que algumas das mulheres presentes, entre elas noivas e senhoras de meia-idade, tomaram nossa frente e entre cotoveladas e empurrões gritavam que tinham prioridade para obter senhas. Respondendo com cotovelões e puxões de cabelo e conivência do segurança que observava meu desespero eu, um dos curiosos e o colunista conseguimos pegar uma das senhas e sentar nas últimas cadeiras disponíveis.

Passados alguns minutos da aventura e dos risos que eu e os outros dois homens compartilhávamos em meio ao olhar atravessado das mulheres que nos cercavam, teve início o desfile. O cantor Sérgio Lobato saiu por detrás de uma cortina transparente entoando a canção “Ave Maria” composta por Johann Sebastian Bach. Enquanto ele caminhava até o palco instalado no fim da passarela, notei que a primeira modelo a desfilas estava sendo preparada pelo maquiador Junior Fiel. A mesma trazia um longo e volumoso vestido. Em suas mãos o que parecia ser um bíblia. Na cabeça uma coroa era o suporte do véu que se estendia até o chão.

Imagem 20 – Maquiador Junior Fiel e manequim antes de sua passagem pelo desfile “Sagrado”. Evento “Casando” (20/08/2015).



Fonte: Arquivo do autor.

A passagem dessa modelo pela passarela foi acompanhada de silêncio e do olhar atento de todos os presentes. A combinação de elementos que remetiam o público à religiosidade e à nobreza bem como os gestos delicados e a canção ambiente, por sua vez, despertaram emoção fazendo correr lágrimas à medida que a modelo se aproximava da plateia. Essa emoção, porém, não voltou a se repetir com a mesma intensidade na passagem das outras modelos, sobretudo porque tornou-se flagrante que o objetivo do idealizador do desfile era chamar a atenção dos presentes para a maquiagem, os penteados e os acessórios que as modelos exibiam.

Imagem 21 – Manequim posando durante o desfile “Sagrado”. Evento “Casando” (Belém, 20/08/2015).



Fonte: Arquivo do Autor

No total, dez modelos desfilaram pela passarela. Assim como a primeira, somente a última despertou maiores atenções e certa comoção. Isso porque, ao contrário de suas antecessoras, ela exibiu um grande penteado e seu vestido se diferenciava por ser mais brilhante, leve e remeter à imagem de princesa. Sua passagem se destacou também por ser a que mais mereceu os flashes das câmeras e celulares dos presentes.

Imagem 22 – Manequim em pose para foto durante o desfile "Sagrado". Evento "Casando" (Belém, 20/08/2015).



Fonte: Facebook do Evento "Casando".

Com o término do desfile e interessado para saber o que as mulheres presentes pensavam e sentiam sobre o evento, puxei conversa com uma moça ao meu lado que acabara de enxugar suas lágrimas com a intenção de saber por que ela se sentia emocionada, ao que ela respondeu que "estava imaginando como seria lindo casar daquele jeito". Comovido indaguei-lhe se já estava noiva. Disse que sim e enquanto tirava foto de uma manequim afirmou que estava se sentindo "frustrada... porque não imaginava que casar fosse uma coisa tão linda, mas também tão cara". Envolvida numa reflexão sobre o significado do desfile ela avaliou que tudo aquilo era bonito demais, mas deixa "a gente sonhando, sonhando". Ilustrando o fato de o casamento ser mais que consumo, perguntei-lhe se não era exagero de sua parte sentir-se

frustrada por não realizar o casamento dos sonhos ao que ela retorquiu "Meu querido... a gente quer casar de véu e grinalda... mas com babado!"

Conversa entre noivas

Assim que fixei residência em Teresina passei a realizar buscas na internet, nos veículos de comunicação local e entre conhecidos por pessoas ligadas ao mercado de casamentos e que estivessem interessadas e disponíveis para retratar o cenário local. Em uma dessas buscas tomei conhecimento da página de Facebook "Noivas Piauienses", criada e administrada por uma comunicadora e empresária, aqui nomeada Glória, com quem estabeleci contato por telefone e aplicativos de mensagens. Nossa interlocução, porém, só foi intensificada a partir de fevereiro de 2016 quando passamos a negociar um encontro para a entrevista assim como a minha participação no evento "Conversa entre Noivas", uma feira que na ocasião estava em sua segunda edição e era organizada por ela e uma sócia.

Devo antecipar que nenhuma das negociações que estabelecemos foi bem-sucedida. Entre as razões estava o próprio envolvimento de Glória com a organização do evento como os sucessivos desencontros produzidos por nossas agendas pessoais. As informações que obtive junto a ela sobre o mercado de casamento local, portanto, se deram sem que tenhamos nos encontrado pessoalmente.

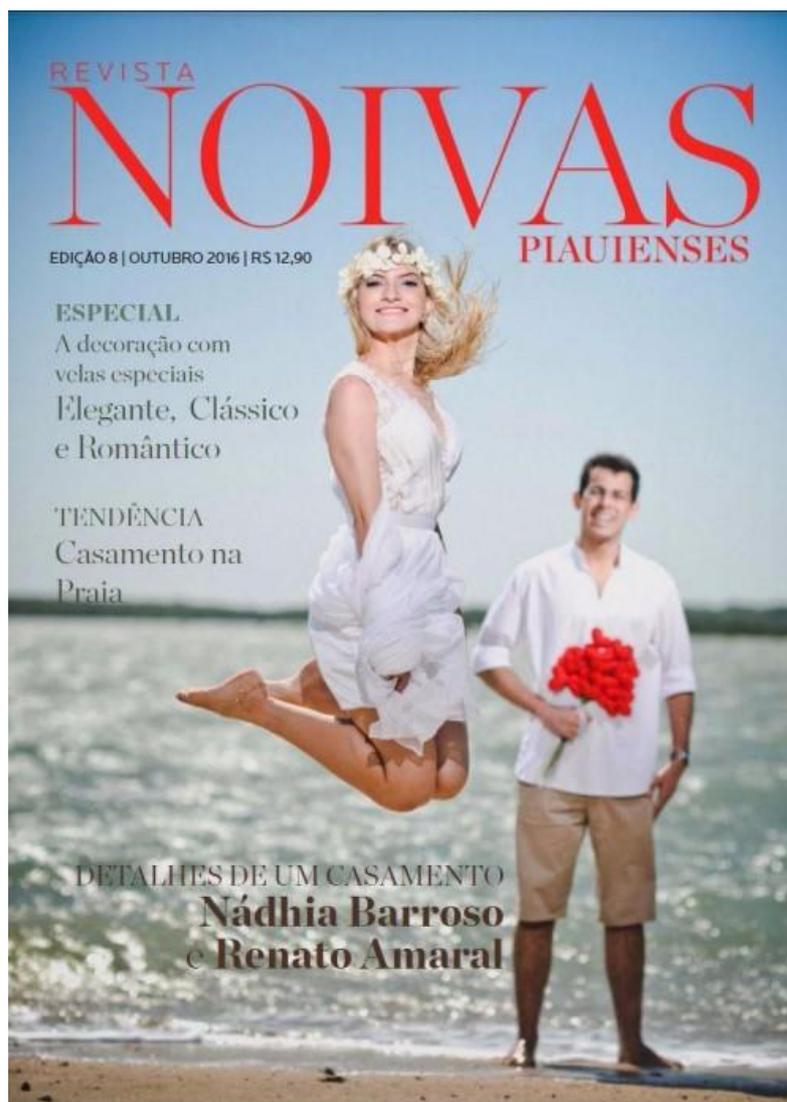
Segundo Glória, o mercado de casamentos em Teresina encontra-se em expansão, sendo conhecido regionalmente como um "mercado de luxo", dado os gastos dos seus clientes com a realização de uma cerimônia serem em média de cem mil reais, podendo chegar a um milhão de reais entre os casais mais abastados. Retratando a elitização do consumo no cenário do casamento, a empresária observa que esse padrão teria produzido uma "Indústria dos Sonhos" no imaginário local:

O universo dos casamentos nos fascina. Quem nunca sonhou em encontrar seu príncipe encantado e vestir-se de branco, subir ao altar e selar uma linda e emocionante história de amor diante de todos? Casamento nos inspira, nos faz chorar, nos faz pensar como será a vida a dois. Logo se pensa nos filhos que virão e inicia-se uma nova etapa de vida, sonhos e realizações em um novo ciclo [...]. (Quem somos. site Noivas Piauienses. Acesso: 03/11/2017)

Aproveitando-se deste imaginário, Glória criou em 2012 o que para ela é sua marca empresarial: a Noivas Piauienses, que além de dar nome a página no Facebook,

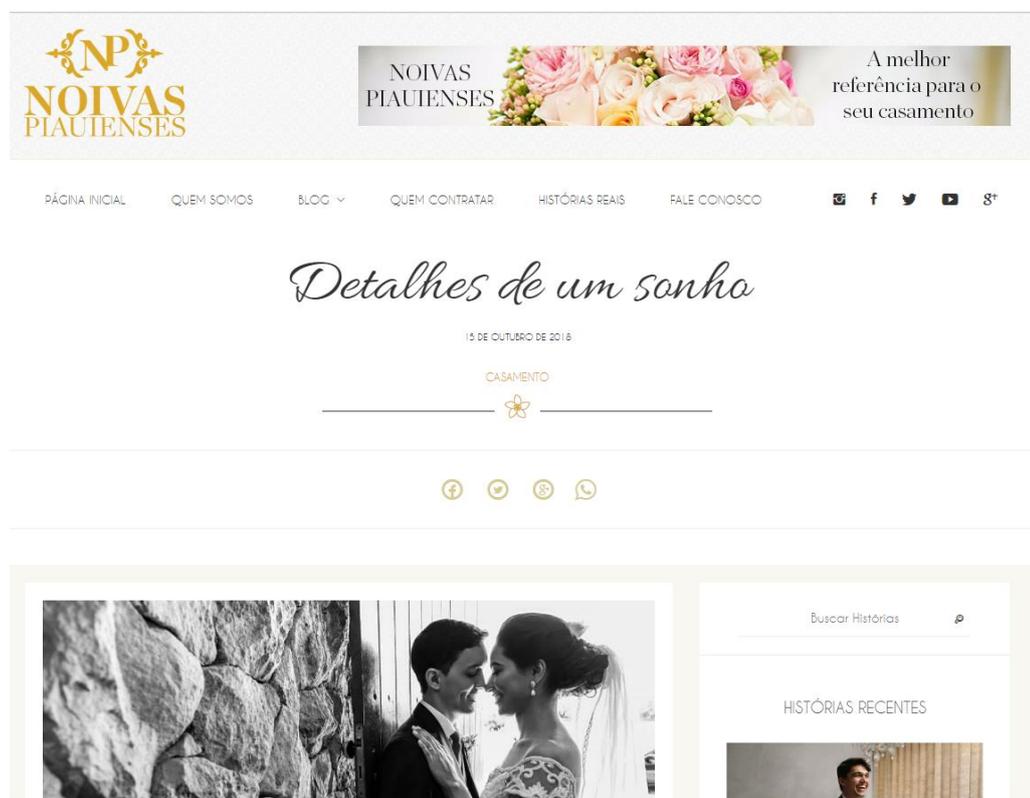
também é utilizado como perfil no Twitter e no Instagram, ambos responsáveis por divulgar os eventos que ela e sua equipe organizam, em um site onde oferece consultoria, indica empresas e profissionais para realização de eventos e relata a experiência de noivos, e na revista que até o término de minha pesquisa se encontrava na oitava edição.

Imagem 23 – Capa da Revista Noivas Piauienses. Edição n. 8, outubro de 2018.



Fonte: site Noivas Piauienses

Imagem 24 – “Detalhes de um sonho”. Foto-matéria sobre “histórias reais” de casamento.



Fonte: site Noivas Piauienses.

A origem da marca se deve ao período em que Glória trabalhou como cerimonialista ao lado da irmã. Essa experiência a fez perceber que, apesar das inovações protagonizadas pela expansão do setor no sudeste do país, as noivas teresinenses eram reféns das indicações de parentes e principalmente dos bufês, que, segundo ela, davam pouca atenção para o sentimento das noivas além "empurrarem" o que queriam para as mesmas. A popularização dos grupos de WhatsApp no Brasil, a partir de 2014, também parece ter favorecido a marca, pois, ao lado da carência de empresas nesse setor, Glória notou que a expansão econômica observada na última década fez aumentar o número de noivas que a procuravam e estavam dispostas ao padrão de consumo local¹⁹⁴. A criação dos grupos de WhatsApp e de sua página no Facebook foram fundamentais nesse processo, pois as noivas, antes reféns da indicação de parentes e bufês, passaram a compartilhar entre si informações sobre suas

¹⁹⁴ A expansão do WhatsApp é contemporânea do fenômeno de massiva participação de mulheres em fóruns virtuais e grupos de e-mail que tratam do casamento observado por Marins (2016, p. 23).

experiências com empresas e profissionais antes desconhecidos, o que lhes deu maior poder de escolha e controle sobre o planejamento e realização do casamento.

Glória lembra, no entanto, que em contrapartida a esse protagonismo, representado pela imagem da noiva com calculadora e planilhas de orçamento na mão, intensificam-se os conflitos, pessoais e externos, ao longo dos preparativos do casamento. Primeiro porque a ampliação da responsabilidade pessoal das noivas com o seu casamento torna cada escolha uma experiência emocional ainda mais aguda, que faz com que elas alternem momentos de euforia, expectativa e frustração com grande intensidade. Segundo porque a necessidade de lidar com outros atores favorece crises e desentendimentos, sobretudo com o parceiro, os familiares e os fornecedores. Terceiro, para finalizar, porque na tentativa de lançarem-se individualmente na relação com as empresas, Glória observa que a maioria dos casais "perde a mão nas despesas" e com isso compromete o início da vida conjugal – o que não raramente é motivo para separação.

Para contornar esses conflitos, Glória afirma que se reuniu a uma de suas sócias a fim de criar um evento semelhante às feiras de noivas. Nasceu, assim o “Conversa entre noivas”, cuja primeira edição ocorrera em outubro de 2014. Por coincidência, a segunda edição estava prestes a acontecer e como não obtive êxito em aprofundar minha interlocução com Glória, em razão, segundo ela própria, da “correria dos eventos”, pedi-lhe autorização para participar do evento, com a promessa de ser discreto e não “incomodar as noivas com minhas indagações”.

De início, minha participação fora prontamente atendida por Glória e Mara, sua sócia, com quem fui posto a conversar a fim de obter maiores detalhes sobre a organização daquela edição nas duas semanas que a antecederam. Na véspera do evento, porém, Mara e Glória me surpreenderam com a notícia de que, a pedido dos seus parceiros comerciais, somente as noivas e suas convidadas poderiam frequentar o espaço em que o mesmo seria realizado. Segundo Mara, diferentemente do que havia acontecido na edição anterior, as empresas chegaram à conclusão de que a presença de homens, sobretudo dos noivos, inibia as noivas impedindo-as de se sentirem “livres e leves” para interagir com os profissionais do setor. Ela lembrou ainda que nessa edição haveria a palestra de um psicólogo e outra sobre sexualidade feminina, o que tornaria o evento uma experiência “muito íntima” para as noivas. Mara chegou a pedir desculpas e de modo afetado sugeriu que comprasse ingresso para alguma parente

“em idade de casar”, argumentando que com isso poderia obter algum registro e impressão do evento.

A notícia, além de frustrar meus propósitos, despertou minha atenção para a iniciativa dos empresários e organizadores do evento que, ao evitar a presença dos parceiros, mais do que usar a desculpa de serem homens, impedia que eles, em razão de sua visão de mundo (possivelmente antagônica aos interesses do setor) fossem obstáculo ao estímulo que pretendiam protagonizar comercializando seus produtos e serviços (travestidos de símbolos e necessidades) durante o evento. Para evitar que minhas pretensões fossem totalmente frustradas, aproveitei o conselho de Mara, mas apelei novamente para o improviso: comprei um ingresso e pedi para que minha esposa, que sempre fora uma colaboradora e entusiasta da pesquisa, participasse do evento a fim de obter registros que pudessem ser úteis para o trabalho. Com isso, tive poucas horas para lhe dar instruções sobre o que deveria fazer e como poderia se portar para realizar aquilo que eu havia estabelecido em meu projeto.

Na tarde do dia 19 de março de 2016, Alice partiu para o evento com minhas recomendações e só retornou ao fim da noite com uma sacola repleta de brindes, um bloco de notas com inúmeras anotações, o celular contendo algumas fotos e muitas impressões particulares¹⁹⁵. Em sua descrição, Alice observou que o evento contou com a presença de empresas e profissionais que atuam na área de cerimonial, decoração, floricultura, bufê, bar, acessórios, moda, maquiagem, gráfica, fotografia e audiovisual. Ela confirmou, ainda que, o público presente era exclusivamente feminino, mas destacou a presença de homens oferecendo serviços específicos, como maquiagem e fotografia.

Aproveitei esse recorte para saber de Alice como ela interpretava o fato do evento ser voltado exclusivamente para o público feminino. Para ela, essa exclusividade corresponde, de algum modo, à expectativa das empresas de que a experiência de estar noiva torne as mulheres mais suscetíveis ao consumo de bens que

¹⁹⁵ Alice pagou 30 reais pelo ingresso que foi comprado na hora e dava acesso ao evento e alguns brindes, entre eles folders de divulgação do evento, caixa com docinhos, Revista Blitz com uma reportagem sobre o noivado escrito por Glória, um panfleto da clínica Sorridentes, um estojo com lápis, clipes, cartão de apresentação, elástico e borracha e um cartão descrevendo a função de cada objeto; um panfleto da empresa de eventos Imagem e Ação; um bloco de anotações; mais panfletos de empresas de fornecimento de alimentos; um par de sandália estilizado com o tema do evento; um estojo com o cartão de uma empresa de “mimos”; uma caixa com pasta de dente; um almanaque com produtos da Loja Pintos e uma agenda.

simbolizem o sonho de realizar o casamento. Por outro lado, a presença dos homens é limitada também porque, de acordo com as noivas com quem interagi, eles são “mais realistas” e acabam colocando as noivas com os pés no chão. Isso confirma a minha interpretação inicial, de que agindo dessa maneira os noivos se tornam uma ameaça aos propósitos do evento.

Segundo Alice, o momento que mais chamou a atenção das noivas ficou reservado para os desfiles de lingerie e de vestido de noiva. O burburinho seguido de aplausos e gritos de aprovação após a passagem de cada manequim retratava que se tratava de um momento muito festejado entre as presentes que demonstravam perícia em sua observação sobre os detalhes de cada vestimenta.

Imagem 25 – Manequim em desfile com traje de noiva durante o evento “Conversa entre noivas”. Teresina, 20 de março de 2016.



Fonte: Arquivo do autor.

Imagem 26 – Manequim em desfile de lingerie durante o evento “Conversa entre noivas”. Teresina, 20 de março de 2016.



Fonte: Arquivo do autor.

Alice observou ainda, que, apesar do título do evento ser “conversa entre noivas”, o que menos se viu foram noivas conversando entre si, seja porque o evento reservou-se a exposição de produtos e serviços, seja porque, na ausência dos parceiros, as noivas acabaram por trocar palavras unicamente com suas convidadas. O clímax do evento, estava nas palestras, sobretudo na palestra sobre sexualidade feminina. Isto porque, de acordo com os registros realizados por Alice, a especialista convidada “ensinou truques e ofereceu dicas sobre como as noivas deveriam agradar o parceiro”, assim como descreveu comportamentos bem-sucedidos para que uma “boa esposa” garantisse a harmonia e manutenção do casamento. Alice ainda viu nessa

iniciativa a tentativa de controlar e sublimar os impulsos sexuais femininos, pois uma das dicas para a noiva se tornar uma boa esposa é ela se “deixar levar” pelos fetiches sexuais do parceiro. Em outras palavras, as mulheres devem saber como estimular a atividade sexual, mas quem dirige e sabe o destino que deve ser dado a essa experiência são os homens.

De um modo geral, as feiras de noivas permitem notar que o sonho do casamento é, tal como discutido no capítulo 5, um sentimento em relação a realização do casamento como evento. Este “sonho”, contudo, não é produto do acaso, mas cultivado pelo mercado que, através de seus bens, aciona e atualiza o capital simbólico e econômico associado às representações culturais do casamento na sociedade brasileira.

Esse processo se dá valorativamente por meio do reconhecimento da passagem da vida de solteiro para a vida de casado como um deslocamento do sujeito no espaço social. É, portanto, no âmbito da ritualização que a atuação das feiras eleva o cultivo da crença na eficácia de seus bens ao nível do consumo conspícuo.

Este consumo, no entanto, é notoriamente formulado com base em marcadores de gênero, onde o agenciamento feminino pode, de um lado, levar as noivas a serem progressivamente familiarizadas com uma perspectiva normativa sobre como devem ser as festas de casamento, conforme observa Pinho; e, por outro, expressar a dinâmica deste mercado neste início de século, o que, em resposta à pergunta de Escoura sobre "o que dizer sobre uma jovem mulher branca, heterossexual, em consolidação de sua carreira e relativa segurança econômica transformar o casamento em um objetivo de vida?" (ESCOURA, 2019)¹⁹⁶, significa dizer que a expansão das feiras de noivas acompanha o crescente processo de emancipação feminina, cujo acesso à renda e a maior equidade na relação com o parceiro, deslocaram da parentela para ela e o próprio casal o protagonismo nos preparativos que cercam a mudança para o novo status.

Em todo caso, as feiras de noivas demonstram ser o meio pelo qual seus protagonistas reúnem, em arranjos os mais diversos, bens capazes de simbolizar a

¹⁹⁶ Esta questão esteve presente na versão apresentada pela pesquisadora por ocasião do exame de qualificação de sua Tese de Doutorado.

expressão do tradicional, do moderno, do elevado e do distinto como formas de tornar o casamento uma escolha e uma experiência especial, sobretudo em um contexto no qual os rituais e as relações são percebidas como cada vez mais efêmeros.

CAPÍTULO 8

O NOIVADO E O SAGRADO: ETNOGRAFIA EM PASTORAIS FAMILIARES ¹⁹⁷

- Sabe o que é melhor?
- Hum
- Ela [Diana] e o Gui só são casados no papel. Ou seja, quando esse divórcio sair eu vou poder casar na igreja.
(Campainha toca)
- Isso não pode, é proibido.
- Claro que pode. Alguma igreja vai ter que aceitar. Eu quero bênção, eu quero *tudo certinho*.
(Diálogo entre Néia e Léo Régis, personagens da novela *Rock Story* exibida pela TV Globo às 19h. 16/01/2017)

Conforme discutido no capítulo 6, há entre aqueles que pretendem “fazer tudo certinho” – metáfora para tornar eficaz o desejo em garantir a manutenção e a prosperidade no relacionamento conjugal – o reconhecimento de um contexto disfuncional em que diferentes atores competem para explorar e dar a última palavra sobre o significado do casamento. Nesse contexto, a oferta de meios capazes de reduzir os riscos de ruptura dos vínculos conjugais bem como impedir crises que afetem o seu conteúdo sagrado, inserem-se numa crônica de enunciados onde as diferentes narrativas sobre a ritualização do casamento parecem expor o conjunto de contradições e ambivalências que o caracterizam na atualidade.

Portanto, se na parte II procurei sinalizar a existência de uma identidade ritualizada através do processo de socialização, ao passo que nos capítulos 2 e 7 explorei a ideia de que o casamento é “um sonho”, dada sua representação no cinema e no mercado, este e o próximo capítulo pretendem decompor a narrativa que transforma o casamento e a conjugalidade em uma experiência consagrada (hierofânica). Tenho em vista os esforços de setores da sociedade, mais precisamente da igreja católica, em disciplinar a socialização conjugal a fim de que este sonho, originalmente o impulso que desperta os indivíduos para o casamento, não se dê à própria sorte nem seja profanado por ideologias que coloquem em perigo o “sentido do noivado”,

¹⁹⁷ Uma versão deste capítulo foi publicada no livro “Etnografias do afeto: construindo relações de parentesco, aliança e sexualidade em sociedades em transformação” (ALENCAR e MARES, 2018).

conforme advertia o destacado teólogo radicado brasileiro Paul-Éugene Charbonneau na obra *Noivado* (1968):

Todos os rapazes, moças, casais enfim, sonham com o dia do seu noivado. Quando se abre a porta dos vinte anos que dá para o amor, é agradável contemplar os maravilhosos horizontes que se avistam. Fazendo isto, deixam-se embalar pelas promessas de uma existência ainda intata e sorriem-se abertamente às inúmeras esperanças que se descobrem. [...]

Depois, vêm o pêso do tempo: as sobras resvalam então e se derramam um pouco por tôda parte no universo do amor. Às vezes bastam alguns anos para que as trevas sucedam à luz e encontremos lado a lado, nos dissabores e desilusões, os desgostos de uma vida que se revela sempre dura, às vêzes esmagadora.

Estas páginas foram escritas para evitar semelhante reviravolta: elas pretendem ajudar a todos os jovens que confiam no amor, sem abandonar-se a excessos de otimismo. *Não se deve entrar no noivado como num sonho*. (CHARBONNEAU, 1968. p. 9. "Capítulo 1 – O sentido do noivado". Grifo do autor).

Desse modo, com vistas à interpretação do noivado em um domínio institucional distinto daquele que caracteriza o mercado dos casamentos, minha discussão se concentra na forma como as disposições para a conjugalidade são simbolizadas, forjadas e reproduzidas a partir de atividades moralizadoras no âmbito religioso, conforme antecipei em minha discussão no Capítulo 1. Para isso, exponho o papel disciplinar de duas pastorais familiares pertencentes à igreja católica, que por meio de palestras, testemunhos e da sociabilidade estimula a crença na eficácia de um modelo conjugal que no juízo de seus membros é capaz de enfrentar os perigos representados pela ideia de sonho, enquanto produto do “mundo de hoje”, termo empregado para descrever o estado fragilizado e dessacralizado das relações sociais, familiares e amorosas.

Esse enfrentamento, que também fora descrito por Rêgo (2005), em pesquisa semelhante, tem como alvo preferencial o “desengajamento” (HAROCHE, 2004), onde as ideias de comunidade e autoridade das instituições seguem sendo progressivamente corroídas pelo avanço da ética individualista¹⁹⁸ e da racionalidade como

¹⁹⁸ Por “ética individualista” quero enfatizar, novamente, o desenvolvimento no ocidente moderno de um comportamento caracterizado pela escolha pessoal, o exercício do livre arbítrio, o primado do self, do autoconhecimento, da valorização da intimidade, conforme apontado por Dumont (1993) e discutido por CAMURÇA (2003) na interface com a religião, ao lado de um profundo reconhecimento da racionalidade como mobilizador da ação social (WEBER, 2004).

catalizador do processo de secularização, conceito amplamente discutido por Berger (1985), Hervieu-Léger (2008) e Willaime (2012)¹⁹⁹. Com base nele demonstro que a estratégia de disciplinar as práticas amorosas e conjugais por força da hierofania nupcial – transmutado de proposta racional no terreno dos valores – visa criar disposições e motivações capazes de reverter o que se entende por deterioração da sociedade tradicional, sobretudo em razão dos avanços que a modernidade e o individualismo representam como estilo de vida e ao qual me refiro para descrever o desenvolvimento de um comportamento voltado para a escolha pessoal, o exercício do livre arbítrio, o primado do self, do autoconhecimento e da valorização da intimidade.

Entre as estratégias que estão no radar de minha pesquisa chamo atenção para os atores que desvelam esse estilo de vida apontando a emancipação feminina e o consequente choque de papéis protagonizados pela inclusão da mulher no mercado de trabalho, o fim do monopólio religioso sobre as consciências individuais, a hipervalorização do sexo, o impacto da revolução tecnológica e dos meios de comunicação sobre os costumes e o aumento nos índices de separação e divórcio, como razões para a fragilização do casamento e da família. Neste cenário encontram-se situados os livros “Casamento Blindado” e “120 minutos para blindar seu casamento”, assim como para o programa de televisão “A escola do amor” escritos e dirigidos pelo casal Renato e Cristina Cardoso²⁰⁰, pertencentes a Igreja Universal do Reino de Deus, assim como os Encontros de Casais com Cristo, dirigidos à casais já casados e presentes na igreja católica, batista, presbiteriana, adventista e quadrangular, e os Encontros ou Cursos de Preparação para o Matrimônio, mais comuns nas igrejas católica e destinados aos casais que estão em vias de celebrar seu casamento religioso²⁰¹.

¹⁹⁹ Originalmente associado às Guerras de Religião, visto refletir a perda do controle de territórios ou propriedades por parte das autoridades eclesiásticas, hoje se entende que o conceito de secularização representa uma mudança cultural caracterizada pela combinação da urbanização, massificação dos meios de comunicação e do desenvolvimento de um “ateísmo antropocêntrico” com o declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo (PANTOJA, 2011). Esse entendimento é reforçado por Willaime (2012) que vê na secularização uma emancipação das representações sociais que possibilita a constituição de saberes independentes da religião capazes de mudar as condições de vida do homem.

²⁰⁰ Tanto os livros como o programa de televisão foram produzidos pelo casal Renato e Cristina Cardoso, ligados à Igreja Universal do Reino de Deus, que afirmam valer-se da experiência como pastores e conselheiros amorosos para levar os casais a reconhecer o valor da vida conjugal e evitar o divórcio. De acordo com o ranking do site *Publishnews* “Casamento Blindado” esteve entre os 20 livros mais vendidos entre os anos de 2013 e 2014.

²⁰¹ Em razão do vocabulário utilizado pelos atores que participaram da pesquisa, revezarei o uso dos termos “encontro” e “curso” ao longo do texto. Assim, todas as vezes que me referir a encontro estarei

A existência destes atores diagnostica um fenômeno moderno ou, como sugere Maués (2013), pós-moderno, que surge apenas nas condições sociais ensejadas pelo que o autor também considera ser o “mundo de hoje” (p. 858). Em termos analíticos este mundo corresponde, ainda segundo Maués, ao espaço profanado pelo desenvolvimento da mística e de crenças, práticas e performances rituais não necessariamente ligadas a instituições religiosas. Para frear este desenvolvimento Soneira (2005) afirma que os assim chamados Novos Movimentos Religiosos encamparam uma agenda institucionalizada pelo Concílio Vaticano II quando, dentre outras coisas, fomentou-se o protagonismo dos leigos em assuntos domésticos e familiares. Com efeito, no intuito de conter o avanço da revolução sexual iniciada na segunda metade do século XX, evitando assim o esvaziamento da tutela religiosa sobre a intimidade individual, este movimento empoderou-se transformando seus protagonistas no que Hervier-Léger (2008) chama de “especialistas do sagrado”.

Hervier-Léger acredita que essa especialização é produto da divisão social do trabalho religioso que, em seu embate com a modernização – ou secularização das tradições, como ela própria ressalta –, age para racionalizar a espiritualidade tornando-a mais eficaz em instituições na qual sua atração concorre com outros bens no “mercado de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2007).

Como produto deste processo, as pastorais familiares expressam, portanto, tanto a iniciativa de disciplinamento, como de produção de “especialistas”, demonstrando que o casamento é um bem simbólico que tem mobilizado a igreja e seus fiéis a disputá-lo com o mercado, a ciência e a sociedade civil na arena política em que se encontram os sistemas de crença. Em meio a essa disputa pela autoridade sobre o casamento e a conjugalidade, a igreja católica lança-se na esfera do privado por meio de enunciados e estratégias de persuasão, como palestras e testemunhos, com a finalidade de atrair seus fiéis ao consumo do mesmo como objeto sagrado.

Movido por esta reflexão e pelo desejo de averiguar como estes enunciados e estratégias de persuasão se decompõem em práticas, discuto neste capítulo o significado do noivado no contexto dos cursos de noivos oferecidos pela igreja católica,

dando ênfase a uma expressão que é mais familiar entre os nativos, isto é, membros da pastoral e da paróquia, e comumente utilizada durante a realização do evento e nas reuniões de preparação. Curso, por sua vez, é um termo popular sendo utilizado com mais regularidade pelos noivos, membros com pouco tempo de pastoral e não-paroquianos.

retratando o modo como seus especialistas enfrentam o problema do desengajamento disciplinando o sentido do casamento e a conjugalidade como um objeto sagrado. Em outras palavras, procuro responder às seguintes indagações: porque os noivos e o noivado tornaram-se matéria de interesse da igreja católica? O que são, como surgiram, como se organizam e com qual propósito foram criados os cursos de noivos? Qual o significado do noivado e do casamento nos diferentes contextos onde os cursos são oferecidos? Como os noivos e noivas reagem aos enunciados presentes no curso e em que medida o mesmo consegue ser eficaz em sua finalidade?

Para responder a estas questões procurei inspiração em minha dissertação de mestrado (ALENCAR, 2011) que, entre outras coisas, apresentou soluções parciais para estas questões. Da mesma forma, procurei dialogar com as pesquisas de Miranda (1982), uma etnografia sobre cursos de preparação para o casamento em Brasília, Distrito Federal, no qual a autora explora a dinâmica e conteúdo das palestras realizadas; de Rêgo (2005), sobre cursos de noivo em Salvador, Bahia, com a qual dividi o interesse por compreender a estrutura e a organização dos cursos, analisar a influência dos cursos sobre a continuidade ou mudança de valores e atitudes relativas ao casamento e identificar as posições e os questionamentos dos casais sobre o que aprendem nos cursos; assim como a de Souza (2002; 2012), que realizou trabalho etnográfico na paróquia de Santa Terezinha, em Belém, demonstrando que os cursos são uma iniciativa da igreja direcionada à construção de uma relação mais íntima e dogmática entre a família e a instituição religiosa.

Ao me apoiar nestas pesquisas, procurei estabelecer um contraponto em relação à ação dos atores individuais que, tendo em vista um projeto pessoal e intimista, tal como abordado na parte 2, veem-se obrigados a pôr em questão este projeto sujeitando seu relacionamento à interferência e controle por parte de uma instituição²⁰². Para chegar a este contraponto recorri à observação e participação nos cursos de noivos, pois tinha em mente o propósito de dimensionar o caráter simbólico e institucional que a religiosidade exerce na reprodução das crenças e valores que cercam a

²⁰² Ao me referir aos cursos como instituições que administram um projeto estou fazendo alusão ao sentido de instituição abordado por Douglas (2007), que a classifica como uma convenção que codifica a informação. Para chegar a isso, a autora dialoga com Lévi-Strauss, para quem a naturalização da realidade começa com os processos elementares de divisão e só posteriormente com os de classificação. Portanto, as instituições conferem uniformidade por meio de analogias que procuram modelar nossa interpretação dos fenômenos ou fatos sociais.

prática do noivado. Em virtude disso, analisei a existência de uma agenda que procura resistir aos avanços do individualismo e da modernidade recorrendo a estratégias de persuasão, como enunciados, narrativas e performances que visam disciplinar o relacionamento e com isso incentivar a construção de uma identidade conjugal institucionalizada.

Para alcançar este propósito utilizei como fonte entrevistas diretas junto aos coordenadores, membros e, quando possível, com os fundadores destes cursos. Também coletei informações baseadas nos documentos que compõem os arquivos dos mesmos, na minha própria trajetória como noivo e posteriormente como observador durante o período em que frequentei a paróquia da Santíssima Trindade – localizada na Rua Gama Abreu, bairro de Batista Campos, mesmo local onde havia feito o curso de noivos –, no período entre junho de 2015 e fevereiro de 2016; e, posteriormente, em Nossa Senhora de Fátima, situada na Avenida e bairro de mesmo nome, em Teresina, entre agosto de 2016 e junho de 2017.

Antecedentes pessoais e os resultados de uma pesquisa exploratória

A razão do meu interesse em refletir sobre o noivado na igreja católica pode ser comparado ao interesse de Evans-Pritchard (2005) pela bruxaria entre os Azande. Assim como ele não tinha interesse por este tema quando foi para a terra zande em 1926, até 2009, quando me encontrava às voltas com a redação de minha dissertação sobre a formação de parcerias conjugais na cidade de Belém, também não tinha interesse pelo noivado, nem mesmo sabia da existência dos cursos de noivos. Contudo, em razão de minha principal fonte de pesquisa sobre o perfil destas parcerias serem os livros de casamento da igreja católica, vi-me instado a questionar sobre os caminhos percorridos pelos sujeitos até o casamento. Foi então que descobri que a igreja tinha tanto interesse pelo tema que condicionava a realização do casamento católico à participação dos noivos nestes cursos. Logo, assim como Evans-Pritchard se deixou guiar pelo interesse dos zande por bruxaria, fiz o mesmo em relação aos cursos de noivos.

Os cursos de noivos são rituais criados pela Igreja Católica com o objetivo de disciplinar os casais em sua preparação para o casamento religioso. Eles são cópias, em muitos sentidos, do modelo utilizado nos Encontros de Casais com Cristo (ECC), que tem, entre suas finalidades, o objetivo de fortalecer e aprimorar a experiência

religiosa dos casais, sejam fiéis ou não, ao mesmo tempo em que procuram convidar, acolher e incorporar às atividades paroquiais esses "filhos pródigos". Resultado das reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II, estes eventos retratam o esforço da igreja católica em dialogar com o "mundo de hoje", reposicionando sua atuação como portadora da mensagem de salvação nas esferas privadas da sociedade.

De acordo com Rêgo (2005), estes cursos são promovidos pelos Centros de Preparação para o Matrimônio e podem ser denominados Cursos de Preparação para o Matrimônio (ou Casamento), Encontros de Noivos ou de Preparação para o Matrimônio (ou Casamento) (RÊGO, 2005, p. 13). De acordo com Miranda (1982) e registros da imprensa, estes cursos começaram a ser oferecidos na década de 1940²⁰³, mais precisamente em 1943, na paróquia de Nossa Senhora do Cenáculo, bairro das Laranjeiras, Rio de Janeiro, e se popularizaram na década de 1960 a partir das conferências e da publicação do livro "Curso de preparação ao casamento" do padre e teólogo Paul-Éugene Charbonneau (1971)²⁰⁴.

Segundo a orientação "Preparação para o sacramento do matrimônio" (1996) elaborada pelo Conselho Pontifício para a Família, estes cursos foram criados em um

²⁰³ A imprensa é farta de noticiários sobre a oferta destes cursos. O jornal A Cruz, do Rio de Janeiro, noticiou em 29 de abril de 1946 a oferta de um "Curso de Preparação para o Casamento" onde seriam abordados os temas "o amor e o casamento", "aspectos médicos", "instituto jurídico" e "aspectos psicológicos". No ano de 1954, a Tribuna da Imprensa, outro jornal carioca, divulgou semanalmente o "Curso de Preparação para o Casamento" coordenado pelo escritor Gustavo Corção e promovido pela Ação Social Arquidiocesana onde eram abordados os seguintes temas: "A natureza do casamento", "Seu instituto jurídico", "aspectos médicos", "Doutrina moral" e "Responsabilidade Social". Em São Paulo o Correio Paulistano noticiou a 18 de fevereiro de 1960, a realização de um curso com o mesmo nome no Centro de Saúde Santa Cecília. O mesmo foi ministrado por médicos e educadores sanitaristas. Entre as aulas estavam "sociedade e família", "Higiene pré-natal", "Higiene mental", "Educação sexual", "Puericultura", "Alimentação", "economia doméstica" e primeiros socorros". Para concluir apontando a mudança nos conteúdos abordados – muito provavelmente em razão das orientações previstas no Concílio Vaticano II realizado em 1961 – em 2 de setembro de 1966, o Jornal do Brasil noticiou a oferta de um curso organizado pelo Movimento Familiar Cristão e destinado a "moças e rapazes solteiros". De acordo com o anúncio, os temas abordados nos três dias do curso eram: "Amor e responsabilidade", "Psicologia do casamento: Aspectos psicológicos gerais", "Anatomia e fisiologia", "Psicologia do casamento: aspectos emocionais", "Amor e moral", "Psicologia do casamento: aspectos sociais e espirituais", "Hierarquia dos valores humanos", "Espiritualidade e liturgia" e "Missão social da família".

²⁰⁴ Importante formador da opinião pública católica brasileira durante o período da ditadura militar, Padre Charbonneau, que era conhecido, nasceu no Canadá, onde foi ordenado em 1950 e recebeu o título de Doutor em Teologia em 1956. Lecionou na Universidade de Montreal até sua vinda para o Brasil em 1959 onde dedicou-se ao ensino da Filosofia e da Teologia e aos cursos de preparação de casais para o matrimônio no Colégio Santa Cruz, em São Paulo. Durante o período em que trabalhou envolveu-se em diversas controvérsias, entre elas o conflito com o Bispo de Campos, Dom Antônio de Castro Mayer, o que lhe rendeu uma censura ao seu livro "Limitações dos nascimentos" por sugerir tolerância com o uso da pílula anticoncepcional. Ele também se posicionou contra a Censura do Regime Militar e na polêmica que proibiu a exibição do filme "Je vous salut, Marie" do diretor francês Jean-Luc Godard.

contexto onde o baixo índice de casamentos, o casamento em idade avançada, o concubinato e o aumento do número de divórcios e separações estariam contribuindo para a deterioração da família e a corrupção dos valores matrimoniais. Com vocação para inserir o noivado no domínio do sagrado, estes cursos tentam recolocar a religião na "economia dos sistemas simbólicos graças aos quais os indivíduos atribuem significado à sua existência" (MONTES, 2012, p. 93). Para isso, os manuais que orientam sua organização fundamentam-se em ensinamentos extraídos do Concílio Vaticano II (GS 52), das orientações do Magistério Pontifício (FC 66), da própria legislação eclesial (Codex Iuris Canonici = CIC, can.1063; Codex Canonum Ecclesiarum Orientalium = CCEO, can. 783), do Catecismo da Igreja Católica (n. 1632) e outros documentos do Magistério, entre os quais a Carta dos Direitos da Família, a Carta às Famílias Gratissimam Sane e a Encíclica Evangelium Vitae. Neste sentido, o noivado inscreve-se no contexto de um denso processo de evangelização, cuja finalidade é a maturação e o aprofundamento na fé cristã.

Organizado para ser uma etapa preparatória para vida conjugal, o sentido atribuído pelos noivos ao curso varia em dois sentidos. O primeiro dá-se antes dos casais se matricularem nas secretarias das paróquias, onde ele é tratado como um obstáculo ou expediente obrigatório (quase expiatório) para a realização do casamento. É bem verdade que esse significado varia com o gênero e a idade, predominando muito mais no discurso dos homens mais jovens. As mulheres, invariavelmente, são mais condescendentes com a proposta de uma preparação para o casamento, ora alegando que o realizam para lidar com "eventuais" problemas da vida conjugal, ora como estratégia para aproximar seus parceiros do sentido simbólico do ritual. Isto porque, prevalece a divisão sexual das atribuições nupciais, onde os homens se dedicam as funções pragmáticas ou econômicas (o local e forma de aquisição da moradia do casal predomina em seus discursos) e as mulheres se dedicam aos aspectos rituais (cerimonial, decoração, lista de convidados, local do casamento e da recepção)²⁰⁵. Após o curso muitos casais declaram que mudaram sua visão sobre o casamento, passando a percebê-lo muito mais como uma experiência do que como um evento. A esse

²⁰⁵ Vale notar que essa divisão é um esquema predominante apenas no discurso. Muitos casais entrevistados após o casamento revelam que essas atribuições tendem a ser negociadas às vésperas da cerimônia, além do que muitos familiares acabam participando desse processo e redistribuindo as funções entre si.

respeito, é bastante frequente observar que os noivos passam a se familiarizar com a igreja e até certo ponto se aproximam da paróquia para atuar em suas atividades. Aqueles que desconfiam ou "sabem" que a proposta do curso é "doutrinar" os casais tendem a levantar argumentos durante e após o curso, mas sem ficarem indiferentes ao que viveram nas horas em que foram submetidos a um certo "choque de realidade". Ou seja, eles têm algo "bom para pensar".

A reunião desses três horizontes sugerem pensar o curso de noivos como um evento ritual onde se articulam a dimensão religiosa, orientada para a reparação de crenças e valores sobre uma determinada identidade, a sociabilidade, protagonizada pelos membros da pastoral que tem em comum entre si a identidade católica, mas também uma visão particular de família, casamento e conjugalidade e, por fim, a ritualização da experiência nupcial vivida pelos noivos que se encontram em processo de socialização conjugal.

Durante o mestrado, após uma rápida pesquisa na internet e algumas ligações, descobri que a pastoral familiar da Paróquia de Nazaré, dentre tantas outras, oferecia este curso. Após expor as razões de meu interesse pelo mesmo, à época, os coordenadores do curso aceitaram que eu participasse como ouvinte, o que não era incomum, pois acolhia solteiros e casais de namorados que desejavam "conhecer melhor no que estavam se metendo".

Minha participação no encontro ocorreu nos meses de maio e agosto de 2009. Nas duas ocasiões realizei descrições enquanto procurava noivos interessados em responder meus formulários e disponíveis para realizar entrevista. Naquele momento encontrava-me bibliograficamente amparado apenas pelo trabalho de Souza (2002) sobre o curso de noivos da Paróquia de Santa Terezinha, localizada no Jurunas, o que me lançava em uma pesquisa preliminar motivada mais pela curiosidade do que pelo interesse nestes cursos. Em todo caso, como o meu objetivo era encontrar casais que estavam às vésperas do matrimônio, obtive êxito ao conseguir encontrar noivos disponíveis para descrever as razões do vínculo e as tensões que cercam a formação de um novo casal.

Após ver satisfeitos meus propósitos originais, saí daquela experiência com uma impressão ambígua, que na verdade era reflexo da própria reação dos noivos observada durante o curso. Notei, por exemplo, que eles aprovavam a recomendação dos palestrantes quando eram chamados à atenção sobre a incorporação do sagrado,

através de práticas religiosas, no relacionamento conjugal; por outro lado, quando os mesmos noivos eram recomendados a adotar práticas, valores e ideologias que, em virtude de serem aprovados pela igreja, favoreciam casamentos bem-sucedidos, observava olhares, gestos e argumentos que demonstravam se opor ao que parecia ser considerado incompatível com o imaginário social corrente, sobretudo no tocante à sexualidade e às relações de gênero. Com isso, explorei a hipótese de que essa ambiguidade resultava, de um lado, da condescendência individual que assegura à igreja uma posição tradicional no espectro de sua identidade religiosa, e, por outro, na oposição à interferência da igreja na intimidade do casal, o que analiticamente corresponde a visão de Eliade (2010), para quem o homem moderno vê o sagrado como obstáculo à sua liberdade.

Apesar de secundária em relação à dissertação, esta hipótese tornou-se o eixo principal entre as pesquisas de mestrado e doutorado, cuja problematização ganhou ânimo após o tema se tornar uma questão pessoal em dois momentos diferentes: em 2009, quando eu e Alice, até então minha namorada, decidimos noivar; e em 2013, quando o desejo de ter nosso primeiro filho nos levou a realização de nosso casamento religioso²⁰⁶.

Em 2009, me encontrava com 25 anos, dividindo moradia com primos e amigos, fazendo pós-graduação e recentemente empregado. Além das motivações que me fizeram realizar o pedido de casamento serem de ordem afetiva, recordo que a decisão que me levou a isso ter sido influenciada pela minha expectativa de independência e ascensão social²⁰⁷. Casar, no entanto era um projeto que tinha dois obstáculos a serem superados: o primeiro de ordem financeira, pois nem eu, Alice ou nossos parentes dispúnhamos de renda para fazer uma cerimônia ou comprar uma casa – o que em nossos contextos familiares é uma condição primária para “juntar as trouxas”; o segundo era de ordem familiar, pois em razão de nossas famílias residirem em regiões diferentes – a minha entre Belém e Castanhal, no Pará, e a de Alice em Teresina,

²⁰⁶ É importante notar que ao me identificar como noivo em dois momentos diferentes estou considerando dois contextos particulares de reflexão sobre esta categoria. Na primeira delas estou tão somente usando a categoria que por excelência define um sujeito que escolhe o casamento como ritual de entrada na vida conjugal. Isso significa que não passava nem pela minha cabeça nem pela de minha namorada a ideia de seguir um modelo que considerávamos “tradicional”, isto é, baseado na solenidade de um casamento religioso que exigiria de nós um tempo razoável para arrecadar os fundos necessários para a sua realização.

²⁰⁷ Independência porque desejava me afastar da interferência familiar em minhas escolhas pessoais e ascensão porque este é o significado atribuído ao casamento e cultivado entre meus familiares.

capital do Piauí – nossos respectivos parentes disputavam para saber onde realizaríamos o casamento. Em razão da demora para chegar a um consenso, o resultado foi que resolvemos fazer um casamento civil no fórum de Belém e alugar um apartamento para ir morar juntos num bairro próximo às repartições onde trabalhávamos.

Nos dois anos que se seguiram ao casamento civil, eu e Alice nos dedicamos a aumentar a afinidade que havia entre nós e colocar em prática nossos projetos na área financeira, educacional e profissional, contrariando a expectativa de nossos pais e parentes mais próximos que recorrentemente perguntavam sobre o nascimento de nosso primeiro filho. O assunto, porém, passou a ganhar nossa atenção quando começamos a perceber que sua recorrência aumentava à medida que amigos e parentes da mesma geração e a nossa volta começaram a ter seus filhos.

O assunto se tornou ainda mais recorrente em 2013 quando, em razão de nossa filiação e identificação com o catolicismo²⁰⁸, decidimos que o nascimento de nosso filho, seria precedido pelo casamento religioso, pois, grosso modo, acreditávamos que mesmo vivendo uma experiência conjugal “moderna”, isto é, livre das convenções sociais e familiares não podíamos – ou não deveríamos – ingressar na maternidade e na paternidade sem obter a chancela divina. Eu, mais particularmente, também associava esse gesto à necessidade de fazer algo para merecer o dom ou a graça de ser pai, o que, antropologicamente falando, correspondia a minha crença na religião como sistema de símbolos cuja manifestação, à maneira de Durkheim e Geertz, tem por função normatizar práticas, crenças e ideologias permitindo que além da coesão interna de um grupo, as gerações tenham asseguradas sua reprodução como ordem social, em parte porque a filiação a uma determinada crença ou instituição exige que seja obtida a chancela ou permissão para fazer aquilo que se espera de um adepto ou convertido.

²⁰⁸ Nascidos e criados em famílias católicas, passamos por todas as etapas formais que orientam a trajetória de um adepto do catolicismo oficial, como frequentar missas, realizar orações e participar de eventos festivos de caráter religioso, como casamentos, batizados e procissões. Nossa identificação com o catolicismo, no entanto, também levava em conta o imaginário cultural onde fomos socializados. Fazer o sinal da cruz ao passar por uma igreja, usar “Deus” como interjeição, comer peixe na páscoa e comemorar o natal, a meu ver, seriam manifestações dessa identidade. Porém, ao passo que isso era um reflexo habitual condicionado pela repetição, não me sentia impedido de duvidar, questionar e criticar as atitudes e opiniões mais fundamentalistas chegando mesmo a afastar-me da “fé” durante o período em que ingressei na universidade.

Como consequência dessa tomada de decisão, nos vimos diante da obrigação de cumprir com o protocolo exigido pela igreja católica e nos matriculamos em um curso de noivos. Em junho de 2013 procuramos o curso de noivos mais próximo de nossa residência, realizado mensalmente na paróquia da Santa Cruz, bairro do Marco. Infelizmente, não haveria o curso naquele mês pois o mesmo não obteve as matrículas necessários para ser realizado. Fomos então encaminhados para a paróquia da Trindade, onde pagamos uma taxa de cinquenta reais e frequentamos o mesmo ao lado de 17 casais.

Como eu havia realizado pesquisa neste contexto anteriormente, vi-me diante da curiosa experiência nativa, imaginando que passaria tediosas horas ouvindo os mesmos discursos sobre a doutrina do casamento e como nós, os casais, somos responsáveis pela preservação desta “sagrada instituição”. No entanto, o que obtivemos fora um misto de visões de mundo, onde enunciados sobre questões muito comuns ao cotidiano conjugal se misturavam a uma narrativa que buscava a nossa conversão por meio de práticas consideradas virtuosas para a manutenção do relacionamento.

Durante o curso, o tema da infidelidade, suas consequências e a relação com o perdão, era recorrente, como também eram as crises provocadas pela falta de diálogo, o tabu da sexualidade, a ocultação de rendimentos, a renúncia, a doação. Também não pude deixar de notar a naturalização com que se tratava as assimetrias de gênero, a tentativa de propagar a ideia de que casamentos católicos são mais bem sucedidos e, principalmente, a guerra santa contra “o mundo de hoje”, uma expressão genérica usada repetidas vezes para afirmar que os católicos engajados olham com desconfiança a modernidade e os comportamentos estimulados por ela, entre eles o individualismo, o hedonismo e o materialismo.

Durante o curso e nos dias que se seguiram ao mesmo, como se tentando entender o que eu tinha presenciado, fui assaltado pelo desejo de compreender o significado daquela experiência. O conteúdo deste desejo foi transformado em uma pesquisa exploratória que realizei através de perguntas realizadas diretamente aos noivos que participaram do curso comigo por meio de ligações telefônicas²⁰⁹. A ideia principal

²⁰⁹ O contato com os noivos se deu por telefone no mês de agosto de 2013. Na ocasião foram entrevistados 17 dos 46 noivos que haviam participado do encontro. Essa interlocução foi possível em razão do “quadrante” (ANEXO C), uma planilha contendo nome dos noivos, a foto do casal, seu endereço e telefone, assim como dados pessoais dos membros da pastoral. Este documento é elaborado pelos

era avaliar a possibilidade de desenvolver uma pesquisa mais ampla explorando o perfil social dos participantes bem como a percepção dos mesmos quanto ao conteúdo das palestras e testemunhos obtendo a partir daí uma visão geral sobre a recepção que eles faziam das ideias e dos valores expostos ao longo do curso. Meu objetivo era saber como os noivos tinham reagido àquela experiência.

Ao fim das ligações, observei que o grupo de entrevistados era formado, em sua maioria, por católicos, que se dividiam entre “praticantes” e “não-praticantes”, expressões utilizadas para distinguir quem frequenta regularmente a igreja ou pertence a algum grupo religioso dos que se identificam com o catolicismo. Apenas dois noivos afirmavam ser “protestantes”, um deles frequentador da Assembleia de Deus e outro da Igreja Batista.

Cerca de 20% dos noivos já eram casados no civil, moravam juntos ou possuíam filhos, características que são duramente criticadas durante as palestras. Esses casais, porém, demonstravam que apesar de serem casados "de papel passado" queriam “fazer o casamento religioso” pois acreditavam que faltava "algo a mais" no relacionamento, que poderia significar tanto "as bênçãos de Deus", "um sentido simbólico" ou "uma forma de atender as expectativas familiares"²¹⁰. A maioria neste caso, expressava o desejo de casar em até um ano ou já estava com o casamento marcado para, em média, quatro meses após o curso²¹¹.

Reiterando algumas das considerações apresentadas no capítulo 5, este grupo também demonstrou que o noivado significava uma preparação para o casamento. Essa preparação caracterizava-se pela disponibilidade de recursos financeiros capazes de garantir moradia, pagamento dos serviços voltados para a cerimônia do casamento e manutenção do estilo de vida de solteiro. Isso significa que o noivado tanto

casais que pertencem à Equipe Secretaria e entregue aos casais ao final do curso juntamente com o certificado de participação.

²¹⁰ O sentimento de que faltava algo na relação e a conseqüente busca desse “preenchimento” com o ritual de casamento religioso ressalta a ideia – já discutida na Introdução e no capítulo 5 – de que a religião tem a função de promover o ordenamento social, conforme apontado por Durkheim (1996) e Radcliffe-Brown (2013).

²¹¹ A este respeito chamou atenção também o fato dos casais não casados terem se conhecido 4 anos antes de noivarem prevendo que em até 1 ano estariam casando (considerando que muitos casariam dali a quatro meses, no máximo). Este dado é semelhante ao que havia encontrado na pesquisa do mestrado (ALENCAR, 2011) e nos dados descritos no capítulo 4 deste trabalho. Em todos os casos observa-se a presença de um período de avaliação e de julgamento recíproco, ou seja, uma socialização ritualizada em que os noivos passam por um processo de maior interação entre si e de integração ao grupo de parentes do parceiro.

pode ser contraído quando se tem meios para garantir uma vida conjugal baseada nas expectativas que o imaginário social associa ao mesmo, como pode ser adiado quando estes meios não são suficientes para tal²¹².

Quanto ao julgamento que os noivos faziam do curso, notei que a maioria reconhecia sua importância definindo o mesmo como "interessante. Uma parte, sobretudo aquela formada por homens, no entanto definia a experiência como "chata" e "cansativa". Interessante, porque chamava atenção para problemas e questões que até então eles não haviam pensado, ou porque desconheciam ou porque não eram simpáticos a "ideologia religiosa". A ideia que faziam do *chato* e do *cansativo* surgia do fato de que eles considerarem que o tempo destinado ao encontro, cerca de 8 horas e divididos em dois dias, era muito grande e alguns dos palestrantes insistiram em assuntos que interpretavam como "ultrapassados" ou superados pelas recentes descobertas da ciência ou mesmo pelos costumes²¹³.

Este levantamento preliminar também permitiu identificar que a visão de mundo dos noivos que participaram comigo do curso estava orientada por uma forma de reflexividade que trata o casamento e a conjugalidade como uma experiência pessoal e afetiva, mas pautada numa ideologia utilitária, bem diferente daquilo que, também segundo eles próprios, orienta suas escolhas pelo parceiro como cônjuge²¹⁴. Prevalece neste caso uma escolha desinteressada, baseada em valores como honra, honestidade, sinceridade, carisma, ou em representações afetivas ou simbólicas, como o amor romântico, a sensação de complementaridade ou o reconhecimento do outro como um sujeito "puro", "objetivo", "tranquilo", "confiável", etc.

Restaria saber, portanto, se o que se notou em relação àquela experiência, em termos de intencionalidade da preparação e recepção e interpretação dos noivos,

²¹² A importância da independência financeira também pode ser notada quando os noivos argumentavam que o casamento estava acontecendo porque o casal já havia concluindo o ensino médio ou superior, condição que lhe dava a possibilidade de trabalhar em empregos cuja remuneração média variava entre 3 e 5 salários mínimos.

²¹³ Esta interpretação revela o caráter expiatório do evento, o que permite considerar, em conformidade com a noção de sacrifício de Mauss e Hubert (2005), que se trata de uma experiência, originalmente vista como obrigação, que, ao longo de sua ritualização, é introduzida no roteiro de consagração do projeto conjugal

²¹⁴ É importante distinguir a escolha de um parceiro para um relacionamento curto ou duradouro da escolha direcionada a formação de um par conjugal. Isto porque em relação a este último os indivíduos que usufruem do poder de escolher com quem querem casar o fazem por meio de um sistema classificatório que leva em conta crenças, valores e representações sobre o efeito da aliança na construção de sua própria identidade social (ver ALENCAR, 2011).

poderia ser generalizada. De igual maneira, era importante indagar se havia continuidades ou variações que dissessem respeito a temporalidade. Em outras, palavras, desejava saber se o que eu e os outros noivos tivemos a oportunidade de observar naquele evento também fora observado em outros momentos do curso ou em cursos semelhantes. As perguntas que precisava responder, portanto, eram: como e em que contexto surgiram os cursos de noivos? Qual o papel da religiosidade ou a função que este curso exerce na construção das representações sobre casamento e conjugalidade entre os noivos? E, por fim, qual a finalidade do curso e como é possível avaliar se o que os seus organizadores fazem é eficaz no processo de construção da identidade conjugal, seja entre aqueles que já vivem como tal, seja entre os que casarão dali a algumas semanas ou meses?

Procurei responder esta questão aperfeiçoando os recortes utilizados na pesquisa preliminar. Para isso aproveitei-me das experiências etnográficas de pesquisadores como Miranda (1982) e Souza (2002) neste campo, para buscar interlocução com os coordenadores, membros e ex-membros dos cursos de noivos da paróquia da Santíssima Trindade, em Belém, entre janeiro de 2015 e janeiro de 2016, assim como aproveitei minha estadia em Teresina para compreender sua existência e finalidade na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Teresina, entre agosto de 2016 e junho de 2017.

Infelizmente, em razão das diferenças de entrada e interlocução com os membros do grupo, bem como do tipo de organização e arquivamento de informações existentes nos dois cursos, os dados que serão apresentados nas páginas seguintes apresentam variação e até mesmo lacunas que serão devidamente apontadas. Reitero, porém, que a finalidade deste e do próximo capítulo é retratar a atuação dos cursos de noivos na formulação dos valores e significados que cercam o casamento e a conjugalidade.

As pastorais familiares ou “Como me tornei um nativo”

Trindade, Belém

Partindo da ideia de que o que estava em jogo nos cursos de noivos era a construção de uma identidade conjugal pautada em valores institucionais, fui buscar interlocução com seus especialistas: os organizadores e membros do curso de noivos da paróquia da Santíssima Trindade. Em janeiro de 2015, após recorrer novamente

ao "quadrante", entrei em contato com o casal Gilberto e Márcia, coordenadores da pastoral familiar e do curso de noivos à época²¹⁵. Com a intenção de realizar entrevistas, expondo minhas curiosidades e interesse por uma pesquisa mais ampla junto à pastoral expus-lhes meu objetivo de identificar a origem, composição e organização do curso, bem como os valores, crenças e ideias que orientavam as narrativas e enunciados dos membros da pastoral, avaliando de que modo isto afetava o entendimento dos noivos sobre o que estavam fazendo²¹⁶.

As entrevistas com Márcia e Gilberto ocorreram em seu apartamento²¹⁷ e permitiram concluir que o curso procura despertar os noivos para o significado religioso do casamento, enfatizando que mesmo sendo vocacionados – “prova disso é que noivaram e escolheram realizar o casamento religioso” (Gilberto) – encontram-se mergulhados em práticas não virtuosas – “as práticas do mundo de hoje” –, o que coloca em risco seu relacionamento. O curso, portanto, teria a função de leva-los a refletir sobre a vocação do casamento (e particularmente do casamento religioso) como parte de sua consagração pessoal e conjugal²¹⁸.

No, entanto, por mais que tivesse obtido êxito em minha iniciativa de explorar a organização do curso, o que tinha em mente com esta interlocução era superar a superfície das informações mediadas pela entrevista para obter acesso aos bastidores do curso e da pastoral. Para alcançar este objetivo fiz uso de uma linguagem exploratória, expondo não só minha curiosidade etnográfica, como também meu interesse pela trajetória do casal e sua dinâmica no interior da paróquia²¹⁹.

²¹⁵ À época da pesquisa, os coordenadores do curso de noivos acumulavam a função de coordenadores da pastoral, que estava imediatamente acima desta em termos de hierarquia. Em meu retorno a Belém em janeiro de 2018 descobri que a pastoral e o curso passaram a ter coordenadores diferentes, além de incorporarem dois setores: um para a preparação remota, voltada para o Encontro de Crianças, Encontro de Adolescentes, Encontros de Namorados (a exemplo do que já acontecia nas paróquias de Santo Antônio de Lisboa e Nazaré) e Encontro de Solteiros; e outro para a preparação imediata, voltada para os casais que já haviam participado do curso, mas ainda não tinham casado.

²¹⁶ Este contato se deu no intervalo de uma semana através de duas entrevistas, uma realizada no dia 3 e outra no dia 10 de maio de 2014.

²¹⁷ Os resultados dessas entrevistas foram discutidos mais detalhadamente em Alencar (2014).

²¹⁸ Ainda que esse seja o ponto de vista dominante não foi incomum encontrar filhos de membros da pastoral ou integrantes de grupos de jovens ligados à paróquia participando do encontro.

²¹⁹ Descobri com isso que o casal fazia parte da pastoral desde 2004, tendo se vinculado a outras atividades a partir de 1995 quando se sentiram “tocados” em sua experiência de ECC. Márcia, no entanto, ressalta que antes dessa experiência, ela e o marido não viam necessidade em se envolver com a igreja preferindo participar do “encontro de casais com o whisky”, referindo-se a vida boêmia que levavam antes de ingressarem na paróquia.

Como consequência do meu interesse pelas atividades da pastoral e do curso de noivos, Márcia e Gilberto simpatizaram com minha iniciativa e recebi deles um convite para a participar do 44º ECC. Isto, por um lado, favorecia meu acesso à rotina da paróquia, mas, por outro, exigia de mim compromisso e reciprocidade, uma vez que este convite não estava se dando em razão de minha genuína curiosidade etnográfica, mas também porque o protagonismo dos casais na paróquia se dá pela inserção de novos membros e sua conversão como em mão-de-obra potencial para as atividades da paróquia.

Foi por meio do ECC que construí as primeiras relações com os paroquianos, assim como obtive minhas primeiras impressões sobre o interesse da paróquia pelo casamento. O encontro do qual participamos durou 3 dias e possuía uma estrutura semelhante à do curso de noivos, porém mais ampla. O mesmo era baseado em palestras e testemunhos sobre variados temas relativos à família e à conjugalidade.

Segundo Hélio, fundador da pastoral familiar e importante interlocutor da pesquisa, o ECC da Trindade, como é mais conhecido, nasceu no final da década de 1970, como consequência da formação de líderes prevista nas atividades pós Concílio Vaticano II, que buscavam realizar uma evangelização “remota, próxima e imediata”, seguindo assim as orientações do Guia de Preparação para a Vida Matrimonial elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2013)²²⁰. Essa característica aliada à relativa liberdade que os leigos possuem na paróquia faz desse evento o mais importante mobilizador das atividades paroquiais²²¹.

Através destas experiências também pude notar a dupla iniciativa da pastoral, que através da hierofania nupcial procura, conforme assinalou Francisco, membro da pastoral da Trindade, “resgatar para as atividades pastorais, casais que se encontram

²²⁰ A análise dos dados fornecidos por Hélio, entre eles documentos e relatos pessoais, além das entrevistas que o mesmo mediou com os fundadores da pastoral familiar, é abordada no APÊNDICE B.

²²¹ Monsenhor Geraldo Menezes e o casal Barata, responsáveis pela fundação do ECC na Trindade, afirmaram em entrevista que a função desse Encontro é atrair pessoas para fazer a igreja “funcionar”, demonstrando que é através dele que são incorporados os paroquianos que atuam nas diferentes frentes de mobilização da paróquia. De fato, ao participar do mesmo notei uma quantidade significativa de pessoas distribuídas em diferentes funções, que vão desde a limpeza dos ambientes, preparação das palestras, higienização dos automóveis dos participantes, visitação às suas residências, etc. Acredito que se possa chegar a um total de mais de 200 pessoas reunidas em torno dessas atividades, que tem sua continuidade assegurada através dos “círculos”, grupos formados por um “casal coordenador de círculo” mais 10 casais que possuem em comum a proximidade da moradia.

fora da igreja” e convencer os participantes a aderir ao modelo de conjugalidade defendido pela igreja católica, isto é, indissolúvel, patriarcal e heteronormativo.

Como consequência do ECC passamos a frequentar as Reuniões de Círculo. Estas reuniões são compostas por um casal coordenador e cerca de 10 casais que têm em comum a proximidade geográfica. A primeira reunião do grupo ocorre na moradia do casal coordenador e as demais na moradia dos demais casais. Durante as reuniões são realizadas leituras bíblicas e assuntos abordados no ECC voltam a ser discutidos. Em seguida, todos se reúnem em torno dos alimentos que o casal anfitrião oferece e dá-se início a diálogos informais, sendo que homens e mulheres passam a se dividir em grupos.

A frequência nestes círculos, mas também no terço dos homens, nas caminhadas e procissões, nos cafés da manhã, no “bailinho de carnaval” oferecido às crianças, nas reuniões após o encontro e na festividade me fizeram notar que o principal objetivo da paróquia é recrutar casais para atuar em suas pastorais despertando neles o que Durkheim (1996) chama de “sentimento de comunidade moral”, isto é, o etos que se caracteriza pela criação de uma rede em que o sentimento de pertencimento e reconhecimento está associado à expectativa de solidariedade e convivência num *mundo* de valores e práticas comuns. O conceito de socialização, no entanto, é fundamental para compreender esse etos, pois enquanto comunidade moral o sentimento que nasce com a criação desta rede é o de identificação dos sujeitos com o tipo ou estilo de vida que favorece a reprodução de seu próprio capital social²²². Com o passar do tempo, isso foi ficando mais claro quando as relações construídas ao longo das reuniões visavam a seleção e o recrutamento de membros convertidos, capazes de

²²² Devo confessar que uma boa parte da interlocução realizada com estes casais não foi de todo agradável, em vista da diferença de opiniões sobre temas sensíveis como direitos humanos e igualdade de gênero. Notei que esta insatisfação não era um evento isolado pois também senti o mesmo quando frequentei por cerca de três meses o Terço dos Homens, evento semanal destinados aos homens da paróquia e que também acolhia os maridos que haviam participado do ECC. Em ambos os casos fui advertido por Márcia que estes grupos ganham vida própria e se isolam ideologicamente, passando a propagar ideias que podem ir de encontro religião cristã. Com a mudança para Teresina, em virtude da pesquisa de campo na igreja de Nossa Senhora de Fátima, passei a acompanhar a evolução do grupo a partir da troca de mensagens pelo aplicativo do WhatsApp criado pelos coordenadores, mas sempre evitando minha manifestação em assuntos polêmicos, como discussões acerca do posicionamento quanto ao aborto, as relações de gênero, a homoafetividade, as ideologias políticas, etc. Com a evolução dos eventos político-eleitorais que emergiram em 2018 acabei por me afastar definitivamente do círculo ao sair do grupo de WhatsApp.

reproduzir o etos católico e exercer liderança nas atividades que mobilizam a paróquia, sobretudo em relação à Festividade e ao próprio ECC²²³.

O período em que frequentei as reuniões de círculo, portanto, serviram de base para a identificação da performance social daqueles que integram ou são selecionados para integrar a paróquia. Com isso pude ter acesso as hierarquias, lideranças e grupos que formam sua rede social, bem como ao vocabulário e conjunto de valores, imaginários e disposições dos seus membros²²⁴. Esse processo, contudo, não foi vivido sem que tenha notado sua influência sobre minha própria performance social, como provam as expectativas lançadas sobre minha adesão às diversas atividades da paróquia, assim como a necessidade de incorporação ao meu vocabulário das ideias e significados sobre Deus, família ou sexualidade, a assimilação de etiquetas na interação com as pessoas (sobretudo nas saudações e rituais) e o de nosso reconhecimento como um casal “interessado” pela missão evangelizadora – o que não se dava exclusivamente entre os paroquianos mas também entre familiares, amigos e colegas de trabalho²²⁵.

Devo ressaltar ainda, as várias negociações que o campo lançou, lembrando que o que estava em jogo não era apenas o acesso aos dados como observador privilegiado, mas também minha assimilação como “nativo”. De fato, como ressaltava Lima (2014),

[...] a pesquisa de campo se negocia permanentemente, com graus variados de adesão, acomodação ou rejeição e, em alguns momentos,

²²³ Este recrutamento se dava com base na no nível de renda, espiritualidade e proatividade dos casais. Os mais “interessados” eram escalados para atuar como membros das equipes que compõem o ECC e a Festividade, eventos que responsáveis pelas maiores receitas da paróquia.

²²⁴ Para acentuar minha interlocução com os membros da paróquia, após o ECC além de frequentar o ECC também passei a frequentar o terço-dos-homens todas às terças-feiras. O grupo era coordenado à época por Gilberto, então marido de Márcia, e Igor, marido de Fabrícia. O grupo é formado por homens de diferentes classes sociais com idade média em torno dos 40 anos. A proximidade com o grupo me levou a ser convidado para fazer parte de um grupo de WhatsApp, onde eram compartilhadas imagens religiosas, orações, mas também mensagens políticas de caráter ultraconservador, anúncios de produtos e oferta de serviços.

²²⁵ Assim como qualquer criança que precisa aprender uma língua para se comunicar, passei pela experiência de incorporar ao meu vocabulário expressões que foram fundamentais para minha interação com o grupo. Uma delas foi “irmão” que passei a utilizar como exigência para saudações e referência a membros da paróquia. Reconheci que as pessoas também usam “Jesus”, “Deus” ou o “diabo” (este último com definições mais diversas, entre elas “satanás”, “encardido”, “coisa ruim”) com regularidade para justificar ou explicar um acontecimento no relacionamento dos casais, a exemplo de “Deus quis assim”, “Só Jesus na causa” “Isso é coisa do diabo”, “...o casal tá assim porque deixou o encardido entrar na relação” “A paz de cristo [irmão]” ou “Salve irmão” como expressão para a interlocução inicial e “Que Deus te/nos abençoe” para encerrar uma conversa foram saudações que incorporei não só nas conversas pessoais, mas também nas interações por telefone e redes sociais.

simplesmente as coisas ocorrem em algum vácuo... De todo modo, seja qual for o arranjo, será sempre provisório (LIMA, 2014, p. 76).

Ocorre que no meu caso, não haveria um vácuo, pois, como consequência de minha adesão aos diferentes grupos que formam a paróquia exigiu-se de mim a habilidade necessária para amalgamar-me à realidade do grupo, extraindo disso não só uma vivência contemplativa, mas objetivamente subjetivada por meio do envolvimento em sua rotina e nas experiências compartilhadas de vida dos seus interlocutores. Junte-se a isso a advertência de Souza (2012) que em sua etnografia ressalta o emprego da ação pedagógica pelas pastorais católicas, em que se exige dos nativos – aqui não há espaço para observadores – um engajamento e participação sinceros em termos de adesão a comportamentos, discursos e visões de mundo. A neutralidade ou curiosidade acima do recomendável para um neófito, neste caso, só levantaria suspeitas sobre as minhas “verdadeiras” intenções.

A única saída, portanto, seria negociar meu papel como observador sem dissimular que a sociabilidade com o grupo e minha ativa participação em sua vida tinham como finalidade a produção de um texto acadêmico. Para levar isto a efeito adotei como estratégia e método de pesquisa a observação participante seguindo as recomendações de William Foote Whyte, cujo principal trabalho é uma inspiradora fonte de pesquisa sobre grupos com os quais estamos social e linguisticamente familiarizados (WHYTE, 2005), e que, por essa razão, devemos compreender o que, no meu caso, dizem e pensam sobre religião, catolicismo, igreja, família, sexualidade, gênero, casamento e principalmente o noivado; e Clifford Geertz a quem recorri para compreender e interpretar o significado do curso de noivos a partir da visão de mundo do grupo o que para ele é chamado de “ponto de vista do nativo” (GEERTZ, 1997).

Por ser envolvente, essa experiência me deu a oportunidade para perceber que, a despeito de meu interesse em controlar as distâncias que me separavam do grupo, eu estava lidando com códigos e experiências socializadoras nas quais a minha interlocução como sujeito não me isentaria de ser afetado, recorrendo novamente Favret-Saada (1990), pelos melindres do campo, o que ocorreu em duas direções. A primeira delas no âmbito vocabular e cujo mais importante exemplo se situa no modo como deveria expressar minha interpretação sobre Deus. Isso aconteceu porque, em linhas gerais, quando era questionado sobre acontecimentos cotidianos ou pessoais por membros do círculo acabava por recorrer ao vocabulário acadêmico para responder

ao meu interlocutor. Apesar de acolhidas com gentileza, com o avanço da pesquisa observei que minhas respostas ou opiniões acabavam por fazer de mim mais um observador do que um participante.

Essa situação só veio a se alterar quando Tulio argumentou que no intuito de compreender o significado do noivado eu estava ignorando a centralidade que o significado de Deus possuía no pensamento e nas relações que eram a verdadeira razão de existência da pastoral. Refutando as ideias de destino, sorte ou coincidência, os cristãos engajados nas atividades pastorais, segundo este interlocutor, acreditam que tudo que acontece é porque “Deus tem um plano, um projeto para cada um de nós”. Ele sugeria, portanto, que a minha integração à pastoral seria mais eficiente se incorporasse essa visão ao meu vocabulário.

A outra face do campo, por sua vez, se manifestou às vésperas da Festividade de 2015 quando me fez reconhecer que a realização da pesquisa também me afetava externamente. Na ocasião havia sido surpreendido por uma professora, antropóloga e colega de trabalho, que ao demonstrar interesse em participar do evento e sabendo que minha pesquisa estava sendo realizada na paróquia, perguntou se eu já estava devidamente socializado a ponto de lhe conseguir convites para participar de uma das noites temáticas da Festividade. Como tinha acesso aos coordenadores da referida noite consegui fornecer-lhe as cartelas, mas não sem antes ser advertido de que um “bom pesquisador” não deveria ser envolver com o seu *objeto de trabalho*.

Um pouco mais tarde, quando já me encontrava envolvido com as atividades do grupo, fui chamado a atenção por compartilhar nas redes sociais uma foto com o brinde entregue aos noivos por ocasião do curso. Uma colega, desta vez arqueóloga, perguntou “Oi Breno. Você está bem? Como vão os estudos? O que é isso que você está fazendo na igreja? Você é antropólogo, esqueceu?”

Ainda que esses comentários despertassem embaraço, pois revelavam a persistência da crença de que precisamos ser neutros e imparciais em relação ao tema e aos sujeitos de nossas pesquisas, lembrei que a profusão de trabalhos que discutem a alteridade na pesquisa antropológica (CLIFFORD e MARCUS, 1986; MARCUS, 1991; CLIFFORD, 2008) inspiravam-me a procurar meios que tonassem compreensível o pensamento e o modo de vida do grupo, o que necessariamente se dava me juntando a eles em suas experiências, discussões e práticas. O tema também me fazia lembrar que embora eu estivesse querendo estar perto seria infrutífera minha tentativa

de não querer ser um igual. Lembrando Whyte (2005), para quem seus interlocutores não esperavam que ele fosse um igual, qualquer iniciativa minha em tentar ser pesquisador (o que eu fazia a todo e qualquer momento) impunha aos interlocutores dúvidas a meu respeito. Isto porque não bastava seguir a recomendação de manifestar um “interesse amigável” por eles. Eu também precisava corresponder às suas expectativas em termos de crença e comportamento para estar no grupo. Portanto, ao lado de uma participação mais ativa, também enfrentei o desafio de realizar a pesquisa sabendo que a relação com os membros da pastoral resultaria, em alguma medida, na minha própria mudança como sujeito e no meu reconhecimento como parte do mesmo.

Ciente desse dilema procurei novamente Márcia e Gilberto e pedi-lhes para ingressar na pastoral, o que foi atendido com um convite para participar das reuniões em fevereiro de 2015. Foi a partir de então que se deu início a pesquisa de campo junto ao curso de noivos.

Minha incorporação à pastoral ocorreu às vésperas do 298º curso de noivos quando eu e Alice fomos apresentados por Márcia aos demais membros da pastoral como “fruto do ECC”. Márcia, no entanto, ressaltou que eu estava realizando uma pesquisa para o doutorado e pediu que eu apresentasse o projeto ao grupo. Assim como se deu com Whyte em Cornerville, os interlocutores presentes deram pouca importância para os detalhes de minha exposição, ainda assim acolheram com curiosidade a ideia, acreditando que a mesma poderia fazer uma boa propaganda do curso e da pastoral. Não os contrariei, e lembrando que a minha aceitação dependeria de suas opiniões a meu respeito e das relações que viria construir, tomei aquele momento como o pontapé de minha compreensão sobre a organização do grupo.

A primeira delas envolveu o clima tenso criado pela ideia do casal Augusto e Clarice em nos convidar para fazer palestras, o que foi ironicamente criticado por Nair que julgava inapropriado fazer tal convite a um casal recém incorporado a pastoral.

Ao tecer sua crítica, Nair lembrou que a prioridade para assumir as “pastas” das palestras era, pela ordem, dos casais mais antigos na pastoral e daqueles com mais tempo de casados. Sua crítica também sugeriu que as palestras representam o

principal objeto de poder em disputa e que a anterioridade, mas também a afinidade com os coordenadores conferia a legitimidade para gozar do mesmo²²⁶.

Essa primeira impressão passou a se comprovar nas reuniões seguintes e nos diferentes contextos de interlocução com os membros do grupo, onde a compreensão de sua composição, das hierarquias, ideologias e conflitos se davam formalmente, nas próprias reuniões de preparação e ao longo dos encontros, ou intersubjetivamente através dos diálogos travados em momentos informais, seja individualmente ou nas reuniões do “caldo”²²⁷, nos cafés da manhã realizados aos domingos e nas confraternizações de natal e fim de ano.

Imagem 27 – O “caldo”. Reunião da pastoral familiar da Santíssima Trindade após o 305º Encontro (21/11/2015).



Fonte: Arquivo do autor

²²⁶ Apesar da anterioridade ser a principal razão para a mudança de posição no interior do grupo, não foi difícil encontrar casais mais jovens que exerciam papéis de liderança, como Orlando e Suzana, muito requeridos em diversas atividades da paróquia. Mesmo eu e Alice, que mal tínhamos entrado, percebemos que poderíamos exercer essa mesma liderança, haja vista o interesse dos coordenadores por pessoas que segundo eles “demonstravam ser capazes de expor o conteúdo das ‘pastas’”.

²²⁷ Caldo é o nome dado pelo grupo a reunião que ocorre após o encerramento do primeiro dia de encontro no restaurante “Casa do Caldo”, na Rua Diogo Mória, bairro do Marco. A reunião dura cerca de duas horas e serve para os presentes abordarem diferentes assuntos sobre a paróquia e a pastoral.

Fátima, Teresina

A pesquisa de campo na paróquia de Fátima teve início em abril de 2016 e foi facilitada pela mediação de um dos casais de noivos que estava entrevistando. Gabriel e Gabriela frequentavam a pastoral dos jovens e após saberem do meu interesse pelo curso de noivos compartilharam o contato de Manuela, a coordenadora da pastoral familiar responsável pela organização do mesmo na paróquia²²⁸.

Após longa negociação para obter autorização do pároco, Manuela me convidou para uma reunião com o mesmo onde fui solicitado a apresentar o projeto. Para evitar contratempos recorri a minha participação no ECC e na pastoral familiar em Belém para lembrar que além de realizar minha pesquisa eu também poderia colaborar como membro.

Esta última informação parece ter agradado tanto a coordenadora como o pároco, que em poucos minutos me deram autorização para visitar o local onde é realizado o curso e consultar os arquivos. Infelizmente ao perguntar detalhes sobre a história do curso e a existência de documentos sobre o mesmo Manuela foi imprecisa, assim como o foram o padre e os demais membros consultados ao longo de toda a pesquisa. Segundo eles, a pastoral nunca se deteve em fazer registros do evento. O máximo que possuíam eram as fichas de inscrição, cujo registro mais antigo datava de 2004.

Após nossa apresentação fui convidado a participar da “reunião de espiritualidade”, um encontro entre os membros da pastoral voltado a avaliação e preparação do curso, mas também de sociabilidade. A primeira reunião da qual participei foi realizada em maio no apartamento do casal Mônica e Vinícius, localizado na região conhecida como Zona Leste. O mesmo contou com a presença de mais cinco casais e do padre Tony, pároco e, na ocasião, coordenador da reunião.

²²⁸ A pesquisa de campo em Teresina teve início em janeiro de 2016, após dar início ao contato com os noivos através da mediação de conhecidos em comum e do contato estabelecido com Campos, integrante da pastoral da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes. Em ambos os casos não obtive o resultado esperado porque os sujeitos têm pouca familiaridade com a pesquisa ou porque consideram que a mesma invade suas intimidades, o que resulta na dificuldade criada pelos interlocutores que mesmo demonstrando interesse inicial adiam ou voltam atrás em suas decisões sobre a cessão das entrevistas.

Imagem 28 – Reunião de espiritualidade da pastoral familiar da paróquia de Nossa Senhora de Fátima na residência de um dos casais (30/03/2017).



Fonte: Arquivo do autor

No decorrer dos meses seguintes procurei me familiarizar com os integrantes da pastoral frequentando as missas e participando das atividades que compõem o calendário da paróquia e da qual alguns de seus membros participavam²²⁹. Buscava com isso identificar os códigos de conduta e os valores predominantes. Assim, pude notar que a maioria deles era formada por amigos que, além de se encontrar na igreja e por ocasião do curso, também se reuniam em eventos sociais, finais de semana e confraternizações.

Durante o período em que busquei essa interlocução, também notei uma grande atenção da paróquia às relações familiares. Isto ficou ainda mais claro quando fui insistentemente convidado por alguns dos membros da pastoral a receber uma homenagem do Padre Tony após sua homilia do dia dos pais. Na ocasião, eu e mais quatro pais que eram vistos com assiduidade pela paróquia ao lado dos filhos subimos ao altar para receber um terço e fazer uma oração. O momento produziu enorme comovimento entre os presentes e dado que eu era um completo desconhecido da maioria

²²⁹ pastoral também desempenhavam outras funções como ministros de eucaristia, coordenadores de grupos, mobilizadores.

dos paroquianos passei, a partir daquele momento, a ser indagado sobre minha vida e convidado para integrar diversos grupos.

Relembrando do dia em que participei com Alice do ECC, a sensação que tive durante essa missa me fez sentir fazendo parte de uma nova comunidade. No dia seguinte à missa, que parece ter sido meu rito de passagem para ser aceito no grupo, Manuela me mandou a seguinte mensagem: “Boa tarde. Queremos saber se você e Alice poderiam dar o testemunho esse mês para os noivos no encontro de preparação para o matrimônio”. Após ler a mensagem compreendi que estava revivendo um dos melindres que a minha pesquisa insistia em me oferecer. Isso por que, se enquanto na Trindade a minha incorporação ao grupo envolvia uma sociabilidade relativamente distanciada da produção e reprodução de crenças, ideologias e significados, o aceite ao convite de Manuela impunha a mim a obrigação de colaborar com este movimento.

Durante o tempo em que pensei na resposta à mensagem de Manuela, ponderei o fato de que a minha familiaridade com os membros do grupo era de uma natureza bastante diferente daquela vivida na Trindade, sobretudo em razão do papel desempenhado pelo ECC. Uma recusa diante da recente e frágil relação de confiança que havia entre nós poderia comprometer meu acesso à vida do grupo. Além disso, sabia que o convite não resultava de uma expectativa depositada em nossa experiência como casal, pois conforme Manuela me informou posteriormente, nosso aceite seria a solução para o fato de não haverem casais do grupo disponíveis para oferecer a palestra.

Devo ressaltar ainda que nutria certa curiosidade (muito mais do que vontade) em saber como é essa experiência, considerando que ela poderia me informar sobre a construção do roteiro de apresentação, a escolha do conteúdo a ser exposto e o tipo de linguagem e de narrativas que encontrassem relação com os propósitos do curso. Assim, no dia seguinte ao prazo que demos para manifestar nossa disponibilidade, expressamos nosso aceite e demos início a preparação de nossa exposição²³⁰.

Recorrendo às minhas anotações no diário de campo sugeri a Alice que nos dedicássemos a elaborar uma apresentação que descrevesse a pertinência da

²³⁰ É necessário abrir um parêntese para relatar minha surpresa quando do entusiasmo de minha esposa com a ideia de realizar a palestra. Ela não só fez questão de revisar minhas anotações de campo como se dedicou a escolher o conteúdo. Sua colaboração me fez notar que a pesquisa tinha despertado nela o interesse em participar da pastoral assim como a expectativa de incorporar à sua vida pessoal as experiências e o “aprendizado” obtido na mesma.

religiosidade nas sucessivas etapas de nosso relacionamento. Optamos, assim, por dar atenção para o que chamamos de “milagres”, enfatizando que o nosso êxito conjugal – o que os noivos normalmente chamam de “casamento bem-sucedido” – estava sempre condicionado a mediação divina²³¹. Para isso fizemos referência a passagens sobre a natureza do milagre, da família e da caridade presentes no livro de Genesis (2, 24) e no evangelho de Lucas (12, 48) assim como ensaiamos estratégias para sensibilizar os noivos²³².

No dia marcado para nossa exposição notei que ao contrário do que normalmente acontecia, os membros da pastoral resolveram permanecer no interior da sala onde o curso era realizado. A sensação de vigilância ressaltou que aquele momento era um rito de passagem onde o que estava sendo avaliado era nossa habilidade em corresponder às expectativas dos iniciadores. Aproveitamos para realizar uma apresentação relativamente breve, de cerca de trinta minutos. Conforme previsto, procuramos dar ênfase a aspectos que são comuns a casais que possuem pouco tempo de relacionamento. Intercalamos, assim, momentos anedóticos com a narrativa central escolhida para o testemunho. Quando esse momento chegou vi-me tomado por emoção, pois ao tentar descrever meus sentimentos sobre o risco de ver nossa segunda gravidez ser interrompida estava com voz embargada e dificuldade para segurar as lágrimas. Superado esse momento, procurei aproveitar a exposição de Alice, que também encontrou dificuldades para fazer seu relato, para registrar a reação dos noivos e dos membros da pastoral. Notei que alguns deles também tentavam conter suas lágrimas assim como já haviam expresso sua empatia com pequenos gestos e expressões faciais.

Ao final de nossa exposição, os membros da pastoral expressaram sua aprovação nos convidando para uma segunda palestra e algumas das noivas se aproximaram de Alice para saber mais detalhes sobre gravidez²³³.

²³¹ Refiro-me com isso a atitude sempre lembrada por Alice de tomar nossas decisões entregando o resultado a intercessão divina.

²³² A principal estratégia foi narrar a experiência que vivemos entre maio de 2014 e julho de 2015, período que abrangeu o intervalo entre uma gravidez interrompida e o nascimento de nosso filho.

²³³ Em setembro realizamos mais uma palestra. Utilizamos o mesmo roteiro, mas desta vez não sentimos a mesma euforia. Na reunião final, quando o curso é avaliado, os noivos expressaram sua simpatia por nosso testemunho relatando que era um grande desafio expor a vida pessoal na frente de pessoas desconhecidas. Contudo, em virtude do ritmo de pesquisa ter se intensificado e do ingresso no grupo estar garantido, pedi a Manuela que me oferecesse outra atribuição. Tornei-me, assim, responsável por transcrever e arquivar as fichas de inscrição, atividade que exerci até a minha saída da pastoral.

Estrutura, conduta e controle: as relações no interior das pastorais familiares

A diferença observada na minha entrada e interlocução com os membros das duas pastorais se deve à complexidade na organização e composição dos grupos. Esta diferença se expressa no perfil do grupo.

Em Fátima, o número de casais que integram a pastoral varia de 8 a 10 membros de acordo com o evento²³⁴. Estes membros têm aproximadamente 50 anos de idade, em média, estão casados há cerca de 30 anos e integram o grupo há 5 ou mais anos. Na Trindade, o número de casais pertencentes à pastoral varia de 10, nas reuniões de preparação, a 20 ou mais, durante os encontros. A faixa etária destes membros se aproxima dos 40 anos e os casais tem aproximadamente 20 anos de casados em média. O grande número de casais que frequentam o grupo faz com que o tempo médio de pertencimento ao mesmo varie de 2 a 5 anos. Os grupos, no entanto, têm em comum a predominância de membros vindos das classes médias e altas, com grande número de empresários, profissionais liberais e servidores públicos.

A centralidade do casal coordenador também é um fenômeno comum às duas pastorais²³⁵. No entanto, se em Fátima isso significa uma divisão mais simples das atividades, em virtude do número reduzido de membros, na Trindade isso significa a distribuição de tarefas entre “equipes de trabalho”²³⁶, que à época da pesquisa, estavam divididas em:

- Equipe sala ou Casal Apresentador, responsável pelo roteiro das atividades do curso, como apresentação dos noivos, apresentação dos palestrantes e pela dinâmica de grupo;
- Equipe finanças²³⁷, formada por um casal, responsável por administrar os recursos oriundos do pagamento da taxa de inscrição no curso;

²³⁴ Normalmente, as reuniões de espiritualidade reúnem o número de membros sempre maior do que o observado nos encontros.

²³⁵ Os casais coordenadores são levados a esta função pelo capital social junto a paróquia, mas também como consequência da afinidade com o pároco local.

²³⁶ Apesar de serem lideradas normalmente por um ou dois casais, cada uma dessas funções pode ser exercida por vários casais ao mesmo tempo. A única exceção é o casal apresentador, pois este fica responsável por conduzir o encontro. De todo modo, a composição do grupo depende do voluntarismo dos membros cujo capital social só pode ser acumulado se este demonstrar interesse em permanecer no grupo e reproduzir seus códigos de conduta, sobretudo aqueles que se referem ao modelo conjugal.

²³⁷ Todas as equipes são formadas por casais, e havendo apenas um casal em uma equipe ele pode ser substituído por um casal de outra equipe sem maiores formalidades. Portanto, o uso da terminologia “equipe x” ou “casal x” dispensa diferenciações.

- Equipe secretaria, formada por 2 casais, e que é responsável pela matrícula dos noivos, por sua recepção e registro fotográfico e pela sistematização das informações que serão entregues aos mesmos em "quadrantes", termo utilizado para se referir a memória do encontro;
- Equipe compras, responsável pela compra dos itens de alimentação, de higiene e de recursos utilizados para a realização do encontro, como velas, pilhas, papel, etc.;
- Equipe de áudio e vídeo, formada por 2 casais, responsável por gerenciar as mídias de apresentação dos palestrantes e os recursos de áudio, como caixa amplificada e microfones;
- Equipe "minimercado", formada por 2 casais, responsável pela comercialização de itens religiosos, como terços, bíblias, livros e CD's voltados para o relacionamento e família, bem como gêneros alimentícios, como balas, bombons e pipoca;
- Equipe palestra, formado por dois casais, responsável pela seleção e convite dos palestrantes bem como pelo controle do tempo de apresentação dos mesmos;
- Equipe liturgia, formada por 1 casal responsável por preparar o espaço para a realização da missa ocorrida ao meio-dia do domingo;
- Equipe boa vontade, formada por 2 casais, responsável por prestar assistência aos noivos, atendendo solicitações, como, saber onde é o banheiro e trazer café, água ou remédio, evitando assim que eles se desloquem durante a realização das atividades;
- Equipe cozinha ou lanche, formada por 2 viúvas e 1 casal que se responsabilizam pela conservação de alimentos e preparo de bebidas como café e chocolate e dos lanches que são servidos nos intervalos do curso.

Imagem 29 – Vista do auditório onde é realizado o curso de noivos da Santíssima Trindade partir do Minimercado (Belém, 26.04.2015).



Fonte: Arquivo do autor

Do ponto de vista da classe social, a segmentação destas equipes revela o predomínio de comerciantes, empresários e profissionais liberais com formação superior e residência nas áreas mais nobres da cidade ocupando os cargos de coordenação. Os membros das equipes, por sua vez, demonstravam mais heterogeneidade, dividindo-se entre profissionais liberais, servidores públicos e trabalhadores de carteira assinada com formação em nível médio ou superior. Sua ascensão no grupo, porém, é determinada pelo tempo de pertencimento à paróquia, engajamento em outras pastorais, renda e afinidade com as lideranças locais e o pároco. Abaixo desses dois grupos e com maior dificuldade de ascensão estava um grupo mais heterogêneo, formado por casais com baixa assiduidade nos encontros e renda.

Os grupos também expressam diferenças quanto à disponibilidade de recursos financeiros e de material para a realização do curso. Isso se deve a cobrança de matrícula para a realização do curso na Trindade, o que permite a pastoral confeccionar uniformes, comprar instrumentos de áudio e vídeo, elaborar atividades de avaliação, dinâmicas de grupo, fazer lanches, equipar a secretaria com câmera fotográfica, computador próprio e impressora. Em Fátima, não é cobrada a matrícula e os equipamentos utilizados são voluntariamente emprestados pelos membros.

A complexidade da pastoral que realiza o curso de noivos na paróquia da Trindade em Belém, se expressa também pela existência de dois tipos de personagens

que pude observar durante a pesquisa. O primeiro é formado por membros ou casais impedidos de participar do encontro em razão do cuidado com os filhos ou por razões profissionais. Sobre eles não pesa qualquer responsabilidade, ainda que se espere deles a presença em algumas reuniões ou encontros.

O segundo grupo formado por viúvas e pessoas desacompanhadas, sobre os quais parece pesar certo tipo de tabu. Isto porque, entre os códigos de conduta existentes neste grupo a noção de casal desempenha um papel fundamental. Ocorre que, de modo semelhante ao que observei entre os noivos entrevistados na parte II, a ausência de performance conjugal por parte desses sujeitos os coloca sob suspeita. O caso mais exemplar é o das viúvas, pois além de nunca as ter visto serem convidadas para palestrar, sempre eram designadas para atividades de limpeza e preparação de alimentos, o que as impedia do contato direto com os casais no decorrer do encontro²³⁸. O mesmo se pode dizer dos palestrantes que comparecem ao encontro desacompanhados de seus parceiros. Sob eles pesam inúmeras críticas e não são raros os casos em que deixam de ser convidados. Mesmo aqueles que compareciam ao curso desacompanhados por razões de última hora não ficavam isentos de perguntas sobre “como está a esposa?”, “porque ela não veio?”, “está tudo bem com vocês?” Ainda que sugiram cordialidade, estas perguntas ressaltam o desejo do grupo em preservar a unidade do casal como código de conduta, demonstrando também que a sua vigilância é uma forma de impedir que a presença de membros desacompanhados afete a imagem que os noivos possam ter do curso e da pastoral.

Em Fátima, a dificuldade encontrada para incorporar novos membros e contar com a colaboração dos existentes torna esta vigilância mais flexível, razão pela qual não registrei nenhuma ocorrência de repreensão por parte dos membros mais frequentes quanto à ausência de um dos membros do casal em sua apresentação ou

²³⁸ Apesar de serem evitadas e relegadas à atividades vistas como menos nobres, ainda assim pude notar que Julieta, uma viúva simpática e muito faceira, procurou contrariar as expectativas do casal coordenador adotando atitudes insidiosas, como pegar na mão dos noivos a fim de “criar caso” com suas parceiras, narrar seus feitos como esposa durante os intervalos para o lanche e recorrer aos noivos que se declaravam médicos e advogados para sanar suas dúvidas pessoais. Ela também não tinha pudor em pedir dinheiro para passagem de ônibus. Não deixei de ser sua vítima quando certa vez passei horas ouvindo seus relatos sobre o casamento com o esposo, os problemas de saúde e os conflitos com os coordenadores das paróquias. A insistência em adotar esse comportamento, no entanto, levou Julieta a ser chamada a atenção e meses antes de encerrar a pesquisa já não a vi mais pela paróquia e nas atividades da pastoral.

apresentação de palestra. Notei apenas inúmeros comentários reprovando a presença de um casal que até o momento não havia casado no religioso.

Este tema também era objeto de atenção na pastoral da Trindade. No entanto, a vigilância exercida tinha o objetivo de impedir que a conduta individual ou do casal afetasse o ponto de vista que o próprio grupo tinha de si mesmo. Isto porque apesar da razoável homogeneidade em termos de sua composição, este grupo também abrigava membros que questionavam a isenção das pessoas em seus enunciados e suas metodologias de exposição dos códigos e normas relativas à doutrina do casamento no contexto da igreja católica. A principal razão para esse questionamento estava situada no contraste entre a assimilação do modelo indissolúvel, patriarcal e heteronormativo e as experiências de casais que mesmo pertencendo à pastoral não eram casados no religioso, de membros com parentesco com homossexuais ou da ciência de casos de adultério por parte de alguns membros.

O controle sobre a conduta exigia, portanto, a negociação constante dos valores existentes no grupo podendo até mesmo envolver a relativização de práticas que facilitassem a incorporação de novos membros na expectativa de que eles viessem a ser convertidos no interior da pastoral. Esta negociação implicava por vezes a própria flexibilização das normas que regulam a reputação dos membros da pastoral. Uma das situações mais exemplares a este respeito ocorreu durante a reflexão do texto bíblico na reunião de preparação para o encontro de maio de 2015, quando Francisco expressou seu sentimento de indignação ao ter visto um paroquiano exagerando no consumo de bebida alcoólica em um bar próximo a igreja da Trindade. A fim de dissuadir o amigo desse sentimento Augusto compartilhou que por causa desse mesmo sentimento sentia culpa nos primeiros anos seguintes à sua entrada na igreja quando saía da missa no domingo de manhã e passava o restante do dia, segundo ele, “enchendo a cara na Assembleia Paraense”. Após uma confissão com o padre Ronaldo Menezes, pároco da igreja no início da década passada, porém, Augusto conta que mudou de opinião ao reconhecer que aquilo só comprometia sua reputação se lhe causasse vergonha. Ele lembra que Sebastião o advertiu argumentando que “aos olhos de Deus nós somos livres para fazer tudo, desde que isso não ofenda o outro e signifique exagero. Em outras palavras, se o livre arbítrio é um dom de Deus, devemos ter a sabedoria para realizar os nossos desejos, mas dentro dos limites da ética cristã” (Caderno de Campo, 24 de abril de 2015).

Quando as negociações não eram satisfatórias, quase sempre levava a exclusão direta ou o isolamento progressivo, conforme observei em dois episódios.

O primeiro deles ocorreu com Márcia e Gilberto, o casal que me acolheu na paróquia e que à época de minha entrada na pastoral era o seu coordenador. Na mesma reunião em que fomos apresentados, Márcia anunciou seu afastamento alegando dificuldades do marido em participar das atividades da pastoral. Com receio de ser visto como indiscreto não me dediquei a saber o que estava se passando. Na reunião de preparação do 300º encontro, portanto 2 meses após meu ingresso na pastoral, o assunto veio à baila novamente. Na ocasião, Nair e Thiago, que haviam assumido a coordenação, apresentaram como pauta um pedido de Márcia para ser reintegrada à pastoral, o que levantou polêmica, uma vez que, capitaneados por Augusto e Clarice, a maioria dos membros considerava que a sua presença poderia comprometer a finalidade do curso além de ser um “péssimo exemplo para a paróquia” conforme declarou Francisco.

Sem entender o que estava acontecendo e com receio de fazer uma pergunta que acirrasse ainda mais os ânimos, chamei Cristiane de lado. Foi quando soube que o casal havia se separado após Márcia descobrir que o marido vivia um relacionamento extraconjugal e que àquela altura já se encontrava coabitando com a nova parceira e com uma filha de aproximadamente 1 ano de idade.

O desconforto com a situação do casal, tornada pública em razão da publicidade que ambos deram de seu status nas redes sociais, levou a pastoral a invisibilizá-los não só ignorando o pedido de Márcia de reintegração ao grupo como evitando falar sobre o assunto e afastando o casal das redes de relação existentes na paróquia. Como consequência, nas semanas seguintes notei que esse processo provocou desânimo levando alguns membros a pôr em debate o significado da pastoral e do curso de noivos, pois contrastando-se com o discurso de valorização e preservação da família como entidade social responsável pela identidade do grupo, o ocorrido favorecia a suspeita de que tanto um como o outro não estavam sendo capazes de transformar o ensinado em prática.

Além de se preocupar com a identidade do grupo, a pastoral também procura preservar o caráter desinteressado dos relacionamentos entre seus membros. Tomando nota dessa característica observando o conflito protagonizado por Igor, a quem se atribuía o uso das redes de relacionamentos existentes para o pedido de

empréstimos e venda de produtos e serviços automotivos, e Nair, coordenadora da pastoral e que a partir dessa função operou para que ele fosse progressivamente isolado do grupo.

De fato, eu mesmo tive a oportunidade de notar que tanto Igor como outros paroquianos aproveitavam certos espaços, como os grupos de oração e os aplicativos de mensagens, para oferecer serviços e vender produtos, mas imaginara que aquilo não era incomum em se tratando de um segmento formado quase inteiramente por comerciantes, empresários e profissionais liberais²³⁹. Foi somente por ocasião da Festa do Baião, nome dado para a confraternização da paróquia durante a quadra junina, quando perguntei para Francisco sobre sua profissão que pude compreender que aquele comportamento não era incentivado pela pastoral, uma vez que segundo ele, um dos princípios que rege a conduta dos membros é cultivar uma relação desinteressada. Com sua atitude, portanto, Igor estaria infringindo esse princípio, o que levava Nair a procurar os membros individualmente e advertir que tomassem cuidado com a amizade do casal. Com o passar dos meses, o casal que antes era coordenador da equipe de áudio e vídeo, assim como exercia uma importante liderança na paróquia foi progressivamente evitado pelos membros do grupo até deixar a pastoral no final de 2015.

Em vista dessas considerações, a composição das pastorais e do próprio curso não podem ser consideradas amorfas e impessoais, pois o status dos membros e a rede de relações existente demonstra ser tecida em torno do casal coordenador que, entre outras coisas, incorpora e exclui seus membros a partir da assimilação dos códigos de conduta do grupo e de suas afinidades com as crenças, valores e ideologias que fazem da busca pelo sagrado, enquanto adoção e reprodução de um estilo de vida normativo, um estilo de vida para o casamento.

²³⁹ Essa constatação resulta do período em que, a pretexto de obter interlocução junto a Gilberto, frequentei o Terço-dos-Homens, grupo de oração à época coordenado por ele e Igor. Como fui uma das pessoas advertidas por Nair sobre o comportamento de Igor, acabei por deixar de frequentar o grupo.

CAPÍTULO 9

CURSOS DE NOIVOS E A CODIFICAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL CATÓ- LICA: EM BUSCA DA HIEROFANIA NUPCIAL²⁴⁰

Para expressar sua interpretação da relação entre sagrado e profano, Eliade (2010) empresta algumas das ideias de Rudolf Otto (1992), entre elas a de que o sagrado sempre se manifesta como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”, diga-se profanas. A essa manifestação ele dá o nome de hierofania. Interpretada como a um epifenômeno que se apresenta a um indivíduo e constitui nele uma experiência fundante ou transformadora, ou mesmo mantenedora de uma forma de religião (MENDONÇA, 2004), a hierofania é a manifestação do sagrado como uma ordem ou realidade diferente daquela que define o “nosso mundo”, isto é, o mundo profano.

Do ponto de vista etnográfico, a hierofania se exprime como uma mudança no estado psicofisiológico, onde o estado das crenças que animam a ideologia e o comportamento dos sujeitos e dos grupos se altera drasticamente no curso de uma experiência ritual. Considerando que esta mudança se opera em razão da impossibilidade de coexistência no mesmo espaço e no mesmo tempo da vida religiosa e da vida profana (DURKHEIM, 1996), a hierofania nunca é espontânea, mas decorre de um estímulo em direção a uma ordem consagrada, que é sempre institucionalizada.

Levando-se em conta o argumento de Hervieu-Léger (2008), para quem a perda de influência religiosa concorre para o desenvolvimento de uma sociedade que reivindica para si a capacidade de orientar seu próprio destino, as pastorais familiares parecem chamar a si a responsabilidade de estimular esse processo, expondo os noivos àquilo que Bourdieu define como “bens de salvação”, uma estratégia para impor (de forma dissimulada), enquanto “princípios de estruturação da percepção e do pensamento sobre o mundo” (BOURDIEU, 2007, p. 33), um sistema de práticas e representações compatíveis com um ideal desejável.

²⁴⁰ Uma versão preliminar deste capítulo foi objeto de discussão do Grupo de Trabalho “Dinâmicas religiosas, fronteiras do sagrado e processos identitários” da XI Reunión de Antropología del Mercosur vindo a serem publicadas tanto nos Anais eletrônicos deste evento (ALENCAR, 2015b).

Esta estratégia, contudo, não é recente e como demonstra Rivera (2014) ao analisar o “Decreto de reforma sobre o matrimônio”, legislação promulgada no Concílio de Trento em 1563, é um projeto reiteradamente perseguido pela igreja católica. Considerando que frente ao catolicismo brasileiro os cursos de noivos reforçam essa estratégia atuando como domínios rituais responsáveis pelo disciplinamento e codificação da ética conjugal, sua função é renovar a influência da igreja como legítima operadora de um modelo ideal. Para isso desperta nos noivos uma crença já incutida, mas que face a dinâmica secularizante apontada por Hervieu-Léger compete com outros domínios da vida social. Lembrando o processo ritual em Turner (2013) e os ritos de instituição em Bourdieu (2008), a igreja “sabe” que os noivos possuem um capital religioso e age para que eles queiram fazer o que eles precisam fazer.

Neste capítulo, emprego a ideia de que esse estímulo contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca, o que de acordo com Geertz (2008) é responsável não apenas por encorajar os sujeitos a adotar modelos idealizados em sua forma intelectual, como exigir dos mesmos o compromisso em reproduzi-los. Realizo esta tarefa descrevendo o papel desempenhado pela pastoral familiar católica, através do curso de noivos, onde o sentido de preparação e o conjunto de testemunhos e representações expostos aos participantes do mesmo é a expressão ritual de uma instituição que procura codificar um modelo de relacionamento conjugal com significado próprio. É por meio deles que se busca o convencimento e a conversão dos noivos, incorporando-os ao corpo social formado pelos casais católicos.

Palestras e testemunhos: o sentido da preparação

Todo casamento é um risco, como é a queda de aviões. Mas voos são planejados e pilotos se preparam (Pe. Josué, 14/02/2018, palestra “O sacramento do Matrimônio”, 307º EPVM, Trindade)

Além de ser a frente encontrada pela igreja para despertar nos noivos o significado religioso do casamento, conforme apontado no capítulo anterior, o curso de noivos também desempenha um papel disciplinador. Este papel é exercido pela pastoral familiar, que, enquanto comunidade, atua como entidade coletiva responsável por operar a manutenção de uma ordem simbólica pautada na adesão, reprodução e expressão de um estilo de vida valorativo e ordenador, conforme discutido por Durham

(1982) e Sarti (2004). Esse entendimento também é apontado por Rêgo (2005), para quem a Igreja Católica, através da pastoral, reúne sujeitos que acreditam deter os meios e o poder para interferir na visão pessoal de seus membros e, mais precisamente, dos noivos durante o curso, de modo que eles reproduzam o modelo indissolúvel, patriarcal e heteronormativo enquanto padrão de relacionamento conjugal. Esta crença, porém, é formalmente delimitada pelas Orientações Pastorais sobre o matrimônio (CNBB, 1978), onde se lê que as ações da pastoral familiar se constituem em “missão” permanente da Igreja Católica, razão pela qual a preparação dos noivos, compreendida como um processo abrangente e globalizante, constitui-se numa educação dividida em duas etapas: preparação remota e preparação próxima.

A preparação remota, segundo Rêgo, pretende que a formação dos noivos "se inicie na mais tenra idade, no próprio seio da família" (2005, p. 13). Essa definição se alinha com as Orientações Pastorais para quem:

É no seio da família que as crianças, na sua primeira convivência com os outros, aprendem as leis básicas do comportamento social e da vida cristã e despertam para a compreensão e para a vivência do amor concreto que devem experimentar na vivência dos próprios pais [...] Na atmosfera da vivência familiar das crianças e decididamente marcadas por ela, é que se delineiam as primeiras orientações profundas de sua afetividade, bem como começam a definir-se os rumos de sua sexualidade (CNBB, 1978, p. 2)

De acordo com esta visão, a sociabilidade no seio familiar é contínua e constitui-se na primeira etapa do processo de construção de uma ética calcada em valores católicos. O amor orientado para o outro, porém, não se ampara em práticas exclusivamente voltadas para a conjugalidade, mas deve ser experimentado como aspecto indissociável do estilo de vida relacional. Os pais e o círculo familiar assumem nesse processo a responsabilidade por moldar moral e subjetivamente o sujeito, devendo isto atravessar e permear as diferentes instituições e as diferentes formas de sociabilidade que nelas se manifesta.

A preparação remota, como o próprio termo demonstra, é indireta e, como consequência, pode ser influenciada por visões de mundo que competem com ela pelo significado simbólico e afetivo que desempenham na construção da subjetividade individual. Na visão das pastorais familiares seria, portanto, no percurso entre o batismo e a escolha do cônjuge, que o católico não engajado (que não pode ser confundido

com o não praticante)²⁴¹ se perde no “mundo”, pois a socialização sem fulcro na “palavra” (Bíblia) e vivida na “ignorância” (desconhecimento) dos valores os leva a acreditar que a vida amorosa e conjugal é um estilo de vida que se presta à realização pessoal, à busca pela satisfação sexual e a fins utilitários o que compromete a possibilidade dos casais serem “felizes no casamento”.

Como efeito, dessa interpretação do “mundo moderno”, enquanto processo de densa e difusa dessacralização, a igreja assume o papel de reformadora moral reabilitando casais, cujo desvio protagonizado pela cultura do espetáculo, conforme discutido por Debord (1997), os leva a crer que o casamento é um sinônimo de prodigalidade e exposição social²⁴². O curso de noivos, neste sentido, é uma ação reformadora e expiatória levada a cabo por especialistas ou “detentores do monopólio de gestão do sagrado” (BOURDIEU, 2007, p.43) que recorrem à “preparação próxima” para converter os noivos à “virtuosidade religiosa” (WEBER, 2012, p. 365), como o aprofundamento da compreensão e vivência do amor, a conscientização a respeito das próprias responsabilidades frente ao sacramento do matrimônio e a identificação dos meios de que disporão para alcançar a hierofania nupcial.

A conversão dos noivos é, portanto, um esforço que a pastoral realiza visando discipliná-los a uma condução de vida sistematizada, mas também produzir a reflexividade dos mesmos em torno da natureza e significado do casamento. Na Trindade, Márcia e Gilberto consideram que em várias ocasiões esta reflexividade tem como efeito “criar dúvidas entre aqueles que estão mergulhados em valores mundanos”. Visto como um efeito inesperado ou colateral do curso, isto significa que, além de oferecer aos casais o “verdadeiro significado do casamento religioso”, o curso de noivos também desempenha, segundo o casal, a função de “separar os casais” que não estão preparados para a responsabilidade que a vida conjugal exige. Isto porque, na tentativa de conscientizá-los sobre o significado da decisão que estão tomando e a

²⁴¹ O católico não engajado é aquele que frequenta eventos religiosos católicos, mas não participa de ações pastorais. O católico não praticante é um termo que se generalizou nos últimos anos e se refere às pessoas que, apesar de serem batizadas e se autodeclararem católicas, não praticam a religião e não frequentam eventos religiosos católicos, principalmente a missa e procissões.

²⁴² Esta noção reúne ainda a visão de Segalen (2003), conforme apontado nos capítulos 1 e 7, para quem a existência do espetáculo é expressão do desenvolvimento de relações dominadas pela contemplação e consumo de imagens no contexto do casamento contemporâneo. A história do cinema, o papel da publicidade, o *glamour* criado pelas empresas que produzem cerimônias e festas de casamento e o próprio costume favorecem essa análise, na medida em que ajudam compõem um imaginário de enorme valorização da exposição imagética dos protagonistas deste evento.

natureza do matrimônio católico (que é indissolúvel, salvo em algumas exceções), acreditam que estarão impedindo eventuais conflitos e até separações que acarretarão prejuízos emocionais e financeiros²⁴³.

A preparação próxima é portanto a característica do Curso de Noivos, que na função de reabilitar católicos não engajados e também os não praticantes desempenha o papel disciplinador, pois busca, através de uma aproximação pelo discurso, integrar ou reintegrar os participantes na comunidade paroquial incutindo neles representações codificadas sobre o papel de si como cristãos e membros da igreja, sobre os ideais de família, de relacionamento conjugal, sobre o exercício da conjugalidade e da própria sociabilidade no contexto da modernidade.

Daí a necessidade de uma preparação para a conjugalidade, onde os especialistas do sagrado são pessoas atraídas para a pastoral em virtude da crença na sacralidade de sua missão como “cruzados morais” (BECKER, 2008) em um contexto onde podem (e devem) fazer eco à visão de mundo católica convencendo e convertendo os noivos através do curso de noivos. A observação demonstra que essa especialização é um recurso pedagógico, utilizado com a finalidade de produzir a hierofania nupcial por meio da assimilação e reprodução de um modelo de casamento que se consagra por ser ao mesmo tempo indissolúvel, heteronormativo e guiado por valores patriarcais.

De acordo com os membros que organizam o curso, a fórmula encontrada para expor esse modelo de forma eficiente é transmiti-lo na forma de palestras e testemunhos. As palestras porque permitem que a virtuosidade religiosa desse modelo seja estudada e, em razão do seu caráter didático, permitem que o casal fundamente o significado do casamento conforme aponta Rêgo: como um relacionamento sagrado “portador da graça divina, força e apoio nas dificuldades inerentes à dinâmica da vida conjugal e familiar” (RÊGO, 2005, p. 94); e o testemunho porque reúne as “unidades dramáticas” que caracterizam a experiência conjugal e a eficácia exercida pela

²⁴³ Para ilustrar esse papel Gilberto recorda a metáfora das “mães más” que ele havia conhecido lendo texto com o mesmo título do psiquiatra Carlos Hecktheuer. Segundo ele, o mundo moderno precisa de mães más, ou seja, de pessoas que ajam com menos condescendência para com seus filhos, que os eduquem dizendo não, a fim de evitar que se “formem personalidades de caráter duvidoso”: “Então o nosso papel dentro da pastoral é um pouco de mãe má. A gente vai dizer para vocês não fazerem. Vocês vão casar é, que legal, que bonitinho, onde vai ser a festa? O mundo faz isso contigo. E o que a mãe má faz? Nós. Breno, tu vai casar? Tu sabes o que tu estás fazendo? Tu tens certeza? Olha o que tu vais fazer é isso aqui, isso aqui. Esse é o nosso papel [...] É o papel do advogado do diabo” (Gilberto, 10.05.2014).

assimilação dos códigos que promovem sua consagração. Assim, enquanto didaticamente o corpo de princípios e concepções orientadores considerados sagrados pode ser conhecido racionalmente a partir da leitura e interpretação dos guias e dos textos bíblicos, a experiência do vivido é o que permite aos palestrantes “tocar espiritualmente” ou “tocar o coração” dos noivos oferecendo provas pessoais de que essa cosmologia é eficiente na solução de conflitos, crises e dilemas que colocam em risco a continuidade do vínculo conjugal²⁴⁴.

Ser ou sentir-se “tocado” é uma metáfora que procura traduzir o que Eliade conceitua como hierofania (ELIADE, 2010, p. 17), isto é, o sentimento de identificação com a experiência do sagrado, que neste caso pode ser associada ao significado do relacionamento. Sua eficácia, portanto, é tão maior quanto for a sensação de carência do sagrado²⁴⁵. Para os coordenadores dos cursos de noivos tocar é um privilégio exclusivo do testemunho, uma vez que ele permite a exposição de performances que retratam essa manifestação. Na Trindade esse é um recurso muito utilizado, pois ao lado da explicação sobre os significados do amor na palestra “Amor conjugal e conhecimento de si e do outro” os palestrantes consideram necessário compartilhar sua própria experiência como casal, acreditando que com isso conseguem ilustrar melhor o que estão explicando. Gilberto e Márcia explicaram como isso se dá:

Gilberto: Sobre a importância do testemunho eu vou te dar um exemplo. Eu e a Márcia nós abrimos o curso com aquela palestra “O amor conjugal...” Dentro do amor conjugal tem uma hora que eu tenho que falar sobre o amor ágape. E o que é o amor ágape? É amor doação. E aí eu vou dar um exemplo dentro da minha vida com a Márcia de como a gente viveu isso. Quando a gente casou nós tivemos que ir morar em Manaus. Ela abriu mão de tudo que ela tinha e me acompanhou. A Márcia se doou pra nossa relação.

Márcia: Serve para ilustrar aquilo que você tá tentando explicar.

Gilberto: Já sobre o amor filo, ou amor amizade, a gente tem que falar dos problemas. Você vai dividir o mesmo ambiente com outra pessoa. Seu quarto, sua cama. Aí eu falo aquele problema do nosso ar-condicionado. Que eu sou friorento e a Márcia é calorenta. Aí pega o ar-condicionado e bota a temperatura. “Aí amor tá calor. Aí amor tá frio”.

²⁴⁴ Por cosmologia estou me referindo a concepção de Tambiah, para quem este conceito significa “o corpo de concepções que enumeram e classificam os fenômenos que compõem o universo como um todo ordenado, e as normas e os processos que o governam” (TAMBIAH, 2018, p. 141). São estas concepções ou princípios que servem de parâmetro para a reprodução das ideologias do grupo.

²⁴⁵ A técnica de “tocar” é importada do ECC, conforme pude notar ao participar de duas reuniões de acolhidas pós-encontro: a minha própria e a dos casais que participaram do 45º ECC. Ao serem perguntados pelos coordenadores do encontro em mais de uma oportunidade ouvi dos casais que o evento foi “feliz” ou “satisfatório” por tê-los permitido ver que “faltava algo em suas vidas”.

E agora como resolver? Isso é um problema de convivência, que é pequeno, mas que causa desconforto. Então a gente tem que citar um exemplo do nosso dia-a-dia, ou de alguma coisa que tenha acontecido na nossa vida.

Ressaltando a importância que o testemunho tem em converter os noivos, Gilberto e Márcia lembram que a habilidade dos palestrantes em “tocá-los” é levada em conta em sua escolha e preparação²⁴⁶. Antes disso exige-se que os mesmos sejam atuantes e desfruem de boa reputação na paróquia, tenham participado do ECC e estejam disponíveis para estudar e seguir o roteiro do guia, pois a improvisação é desaconselhada. Cumprir o tempo de apresentação também é um item levado em consideração. Como resultado disso, os casais escolhidos para dar as palestras tem em comum idades entre 40 e 60 anos e um significativo tempo de relacionamento, cerca de 20 a 30 anos, características que segundo os coordenadores facilitam o carisma e habilidade na identificação e exposição de suas experiências hierofânicas²⁴⁷.

Nas duas pastorais a palestra e o testemunho são considerados dons que os casais adquirem com o hábito e a principal forma para se alcançar isso é o envolvimento com a igreja. Segundo Márcia, “é preciso estar lá dentro [da igreja]” para viver a transformação que o curso e o ECC oferecem²⁴⁸:

Isso, de ter a capacidade de tocar o outro, não se dá com quem não reza, com quem não participa. Não se dá. Tem que tá envolvido. Tô te falando isso pra tu veres a importância que tem a caminhada no curso de noivos e o pós-engajamento, o pós-matrimônio, o ECC, o engajamento, porque? Porque as coisas quando vão acontecendo na tua vida, você tem suporte. E é isso que a gente busca. Suporte espiritual. É isso que te dá o poder de testemunhar os milagres de Deus na tua vida (Márcia, 03.05.2014)

²⁴⁶ Em sua pesquisa sobre cursos de noiva no Distrito Federal, Miranda (1982) descreve essa habilidade como uma fórmula para os noivos sentirem a harmonia do casal.

²⁴⁷ Após meu retorno para Belém tomei conhecimento de que os coordenadores Augusto e Clarice haviam mudado essa metodologia de escolha, optando preferencialmente por membros do grupo. Como ainda estava vinculado ao mesmo acabei por ser convidado a dar a palestra “Planejamento financeiro e administração do lar”.

²⁴⁸ Além de coordenadores do curso de noivos, Márcia e Gilberto eram membros da equipe dirigente do ECC e ministra da eucaristia e membro do coral respectivamente. A atuação em diferentes atividades era uma forma encontrada pelo casal para demonstrar que “estar dentro da igreja” favorecia a unidade do casal.

Esta interlocutora ressalta, no entanto, que para desenvolverem esses dons, os casais que realizam as palestras devem ter um bom nível de instrução e antes de assumir um tema devem assistir a palestra de outros casais²⁴⁹.

Enquanto especialistas do sagrado, os membros da pastoral devem, portanto, utilizar desses dons para operar os enunciados que dá forma à ética e ao estilo de vida conjugal defendido pela igreja católica. Ocupando-se de exercer um papel específico no sistema de símbolos que dão corpo ao catolicismo, o curso de noivos atua, portanto, em conformidade com o que pensa Geertz a respeito da religião, isto é, “estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações” (GEERTZ, 2008, p. 67), cuja assimilação pelos noivos se deve ao poder de convencimento com que as palestras, mas principalmente os testemunhos, desempenham sua tarefa de traduzir essas disposições e motivações como experiências realistas.

No curso de noivos

Para colocar em prática o conjunto dos enunciados e símbolos que dão forma à ética e ao estilo de vida conjugal defendido pela igreja católica, as duas pastorais se reúnem e avaliam as metodologias a serem empregadas na realização do curso. Em Fátima, onde a distribuição de tarefas fica a cargo do casal coordenador, não há uma reunião de preparação, mas sim um encontro chamado de “espiritualidade”. Este encontro pode ser liderado pelo casal coordenador ou pelo pároco que eventualmente participa do encontro. O mesmo ocorre na residência de um dos membros da pastoral e visa avaliar o conteúdo apresentado nas palestras e distribuir algumas atividades para o encontro seguinte.

Na Trindade a preparação do curso ocorre na semana que o antecede. Na ocasião, o casal coordenador reúne-se com chefes das equipes de trabalho no centro social da paróquia a fim de obter informações sobre o seu planejamento. É com base nele que são distribuídas as atividades.

²⁴⁹ Na Trindade, isso é complementado pela entrega de uma pasta com o conteúdo a ser abordado e o roteiro com as orientações do Guia de Preparação para o Matrimônio. Caso tenham dúvidas, devem procurar o pároco que é diretor espiritual da pastoral que responde pela função de conselheiro dos coordenadores da pastoral e dos casais que o procuram sobretudo no que diz respeito à conduta espiritual e à organização e distribuição das atividades. Como em geral ele também acumula a função de pároco, o diretor espiritual é responsável também por mudar de função os membros da pastoral assim como excluir aqueles que cometem alguma falta.

Nos dois casos essas reuniões são o principal momento de interlocução dos membros, permitindo que eles exponham suas visões de mundo e as convergências ou divergências resultantes disso. Como as reuniões são iniciadas com a leitura do evangelho do dia, o eixo das discussões tem como pano de fundo a reflexão sobre estes textos, a partir da interpretação de acontecimentos cotidianos ou eventos biográficos que afetavam a vida particular dos membros.

Além de distribuir as funções, o casal coordenador também avalia o desempenho dos casais. Neste processo dá-se grande atenção para o voluntarismo e proatividade.

No dia marcado para o encontro espera-se que todos os casais estejam presentes, uma vez que é o momento de recepção dos noivos. Em Fátima, isso ocorre na segunda, às 19:30, ocasião em que, tanto os membros da pastoral, como os noivos se apresentam. O curso volta a acontecer na terça e quarta no mesmo horário. Em todos estes dias o curso termina por volta das 22h.

Na Trindade, o curso começa no sábado às 14 horas com a apresentação dos noivos. O mesmo segue até às 19h e retorna na manhã do domingo às 7:30. O evento é concluído com uma missa e a apresentação dos membros da pastoral. Isso ocorre, em geral, por volta das 13h.

Posso garantir com certa convicção que a dinâmica destes cursos pouco variou desde que Miranda (1982) e Souza (2002) realizaram as duas únicas descrições de que se tem notícia. Para fazer o curso os noivos devem se matricular na secretaria da paróquia ou nos momentos que antecedem o seu início. Em Fátima, os noivos recebem pasta e crachá contendo o nome de cada um dos noivos. Na Trindade, os noivos são recepcionados pelos membros da equipe de secretaria que pedem a eles para se posicionarem em frente a uma parede expressando felicidade por meio de sorrisos e abraços, uma vez que serão fotografados²⁵⁰. Logo em seguida recebem uma pasta com uma folha para anotações, um crachá com seus nomes ou apelidos e são convidados a se sentar nas cadeiras dispostas no amplo auditório, de onde assistem alguns

²⁵⁰ O objetivo destas fotos é o de compor o quadrante que será entregue junto com o certificado ao final do encontro para os noivos (ver ANEXO C). Além delas a equipe de secretaria também fica responsável pela confirmação das informações contidas nas fichas de inscrição, motivo pelo qual aproveita os intervalos das palestras para passar uma lista com os dados dos noivos. A edição de todo este material e a composição do quadrante é feita no sábado na antessala do auditório.

vídeos, entre eles a animação “Up! Altas Aventuras” contendo cenas do relacionamento entre os personagens Carl e Ellie.

A apresentação dos noivos em Fátima é breve, mas, assim como ocorre na Trindade é precedida pela orientação do casal coordenador ou casal apresentador, no caso da Trindade, a se basear no seguinte ritual:

Marido: meu nome é Fulano,
 Esposa: eu sou a Cicrana
 Marido: nós temos tantos anos de casado
 Esposa: e tantos filhos²⁵¹

Após este ritual, que na verdade é uma fórmula repetida por todos os casais nas atividades da paróquia que assim exige, pede-se que os noivos sigam o mesmo exemplo e se apresentem informando, além do nome, do tempo de relacionamento e se tem filhos, o local onde se conheceram, onde irão casar e porque pretendem realizar o casamento religioso²⁵². Na Trindade, porém, antes de dar a palavra aos noivos, Augusto pede aos casais que se sentem próximos do local onde os palestrantes fazem sua exposição. Os noivos que se recusam a fazer isso são pegos pelo braço e conduzidos para as cadeiras da frente enquanto ele diz: “se o teu noivo ou tua noiva gostar de ti ele/ela vem atrás”²⁵³.

Em geral, os noivos são os primeiros a falar, mas em razão do embaraço a maioria responde rapidamente. Quando as noivas falam demonstram mais desenvoltura. Percebendo isso, Augusto, principal responsável por dar dinamismo ao curso na Trindade, aproveita para fazer o que Miranda (1982) descreve em sua etnografia como “quebrar o gelo”: provocar os noivos com perguntas sobre o relacionamento e sua intimidade. Ele, no entanto, também realiza perguntas desconcertantes e às vezes

²⁵¹ Augusto sempre aproveita o momento para dizer “lindos igual a mãe”, o que sempre arranca sorrisos. Ele, no entanto, adverte que esta fórmula só admite o casamento realizado na igreja embora sejam raros os casais que ignorem o tempo de casados ou morando juntos em sua apresentação.

²⁵² Durante a apresentação não são raros os casos em que um dos noivos não esteja presente no encontro. Em geral, se trata de casais que mantêm o relacionamento à distância e informam à pastoral que o parceiro ou parceira realizará o curso na cidade onde mora. Também podem ocorrer imprevistos, como o que se deu com Windson no 307º encontro da Trindade, quando sua noiva, que morava e trabalhava em Marabá, cidade no sul do estado, perdeu o voo para Belém.

²⁵³ Esse ritual nem sempre obtém o resultado esperado. Certa vez quando Augusto tentou pegar a mão de uma noiva foi impedido pelo noivo que lançou um olhar intimidador em sua direção. A cena gerou um grande mal-estar deixando Augusto visivelmente constrangido. À noite, quando nos reunimos no “caldo”, ele me contou que sentiu uma aura estranha em torno do casal observando que ao longo do curso eles aparentavam estar se desentendendo. Para ele, aquele acontecimento sugeria que o noivo não estava preparado para receber o sacramento do casamento.

intimidadoras, sobretudo quando procura chamar atenção para o que considerava desviante no comportamento e imaginário nupcial dos noivos²⁵⁴.

Antes de iniciar as palestras os membros das pastorais ressaltam que o evento trata exclusivamente do matrimônio, que para eles difere do casamento civil por ser sagrado e "para a vida toda"²⁵⁵. Eles também advertem que o mesmo não é um curso, mas uma troca de experiências mostrando que ao seu término os noivos não sairão dali com uma fórmula para resolver seus problemas, mas sobretudo com dúvidas a respeito do que estão procurando. Segundo os casais coordenadores, esta dúvida é lançada em virtude da intenção da pastoral em fazer tudo para separar os casais que não estão preparados para assumir o que ele considera ser a escolha mais importante de suas vidas.

Apesar do curso ser dirigido a casais católicos, ao longo da apresentação notei que em alguns casos alguns dos noivos pertenciam a igrejas protestantes. Quando tive a oportunidade de conversar com estes casais perguntei sobre os motivos de realizarem o casamento católico. Na maioria das vezes a resposta não diferia significativamente da resposta dada pelos noivos católicos, mas ressaltava que as parceiras – em todos os casos elas eram católicas – também passariam por algo parecido em suas igrejas.

Notei ainda que apesar do curso ser dirigido a casais em primeiras núpcias ou que não tenham casado no civil, muitos casais mantêm relacionamentos que fogem a esse perfil. Isso ocorre com maior frequência na Trindade onde foi possível analisar 134 relatos sobre o tempo de relacionamento, o contexto em que os noivos se

²⁵⁴ Esse protagonismo, no entanto, revelou também ser consequência da assimetria existente entre os casais, pois na maior parte do tempo em que observei os casais se manifestarem eram os homens que lideravam as discussões, enquanto as mulheres concordavam ou complementavam um argumento. As únicas exceções se davam nas palestras sobre "Sexualidade e planejamento familiar" em que o tempo de exposição era exclusivo, no caso de Alba, ou superior ao do marido, no caso de Milena e Cássio; e "Diálogo e conhecimento de si mesmo e do outro", no qual Luciana usava a metade ou mais da metade do tempo para realizar sua exposição. No primeiro caso, essa exclusividade se dá em razão da especialidade das expositoras, ambas médicas, mas também pela crença de que as mulheres têm mais intimidade para falar sobre sexualidade, gravidez, menstruação, cuidado dos filhos, etc. No caso de Luciana, o maior equilíbrio em seu tempo de exposição se devia a necessidade de expor o quanto se sacrificou esperando a conversão do parceiro em um "bom marido".

²⁵⁵ Notei que, apesar do uso recorrente desta expressão, os noivos nem sempre concordam com a ideia de que o casamento deve ser indissolúvel. Assim, quando em diversas oportunidades se pergunta "quem está aqui para casar para a vida toda" o número de casais que responde "eu" ou levanta a mão é menor do que o esperado. Na Trindade, durante o 307º encontro esse número foi de apenas 5, o que levou os palestrantes Lorena e Valentim a se aborrecerem advertindo os noivos que resistiam a se manifestar de que seu comportamento era contraditório com a ideia de que estavam ali em busca de um sacramento que se caracteriza por ser indissolúvel.

conheceram, a motivação para o noivado e o local onde seriam realizadas a cerimônia e a recepção de casamento. Para obter estes relatos realizei registro em meu diário de campo durante as apresentações dos noivos. Após sua análise constatei que 65% dos casais haviam iniciado o relacionamento 3 anos antes de noivar, enquanto 16% o fizeram entre o segundo e o terceiro ano do relacionamento. Notei ainda que os noivos distinguiam o tempo em que se conheciam do tempo de namoro. Isto porque em muitos casos eles antes de começarem o relacionamento eram colegas de escola, amigos de trabalho ou vizinhos. Às vezes chegavam a ficar ou namorar, mas somente depois de algum tempo voltavam a se relacionar. Quando isso acontecia, era mais comum que o noivado acontecesse logo.

Os casais que noivavam com menos tempo de relacionamento, sobretudo os que o fizeram com menos de seis meses de namoro, porém, recebiam uma atenção especial. Isto porque Augusto questionava os noivos sobre o significado do que estavam fazendo. No 300º encontro, por exemplo, uma noiva relatou que ela e o então namorado tomaram a decisão de casar três meses após se conhecerem em uma festa de aparelhagem porque “já estava na hora. Eu estou velha [noiva] e ele [noivo] está bem empregado”. As perguntas realizadas em seguida foram: “Mas vocês acham que já estão preparados para casar? Vocês já brigaram? Você acha que conhece bem o seu parceiro? E se ele engordar, você ficar grávida e recusar suas investidas logo nos primeiros meses do casamento? Vocês têm certeza que estão no lugar certo?” O efeito desafiador, embora jocoso das perguntas, levou o casal a se entreolhar e ficar em silêncio por alguns segundos. Enquanto isso, Augusto aproveitava para explicar que aquele tempo de relacionamento não era suficiente para os noivos se conhecerem, o que favorecia o fracasso do casamento.

Apesar da explicação e da surpresa com que alguns noivos reagiam, nem sempre a ideia de que o tempo de relacionamento favorecia o sucesso ou fracasso do casamento convencia. Isto acontecia sobretudo com os casais que já haviam casado ou morado juntos, a exemplo do que relatara um dos casais que participou do 305 encontro e havia noivado após 2 meses de namoro. Segundo a noiva, tanto ela como o noivo vinham de relacionamentos conjugais longos, porém insatisfatórios – o noivo havia casado e morado junto por 13 anos. Questionada se um novo casamento daria certo, a noiva afirmou que não tinha certeza disso, mas que em razão da afinidade e cumplicidade que tinha com o noivo, e que não havia visto na relação com o antigo

parceiro, lhe dava a esperança que sim. O noivo também compartilhava deste sentimento, pois, ao contrário do que havia vivido no primeiro casamento, sua futura esposa demonstrava ser carinhosa, pertencia a uma família religiosa e lhe estimulava buscar maturidade espiritual.

Quando o noivado era considerado muito longo, isto é, superior a 2 anos, o que era o tempo de relacionamento de 20% dos casais, Augusto também chamava atenção, ora perguntando se depois de todo esse tempo ainda tem alguma graça em casar, ora advertindo que essa demora pode sugerir que um dos parceiros estava "enrolando" o outro – o que lembra o termo "empatar", empregado pelos noivos no capítulo 5. Entretanto, a maior parte dos casais argumentou que estava adiando o casamento em virtude da idade, por dar prioridade aos estudos ou porque na ausência de emprego bem remunerado não dispunham da renda necessária para realizar a cerimônia e comprar a moradia.

Tabela 15 – Tempo de relacionamento, de namoro e de noivado dos noivos matriculados no curso de noivos na paróquia da Santíssima Trindade entre fevereiro de 2015 e fevereiro de 2016. Valores relativos.

Período	Tempo de Relacionamento (%)	Tempo de Namoro (%)	Tempo de Noivado (%)
Menos de 1 mês	0,0	0,0	3,3
Entre 1 e 6 meses	1,0	2,9	16,3
Entre 6 meses e 1 ano	11,2	8,8	34,8
Entre 1 ano e 2 anos	16,3	14,7	27,2
Entre 2 e 3 anos	6,1	7,4	6,5
Entre 3 e 4 anos	10,2	10,3	3,3
Entre 4 e 5 anos	8,2	16,2	3,3
Mais de 5 anos	46,9	39,7	5,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Caderno de Campo e Transcrição de áudio.

Além do tempo de relacionamento, a apresentação também permitia notar o que Augusto chamava de “malandragem dos noivos”, se referindo ao fato de que alguns casais usavam a matrícula no curso como desculpa para esconder segundas intenções, como ter acesso facilitado a relações sexuais ou porque querem obter o perdão da noiva por ter “pulado a cerca”. Compreendi melhor o que Augusto quis dizer com isso no 301º encontro, quando durante a dinâmica que ocorre no primeiro dia do encontro ele percebeu que um dos noivos estava escondendo a verdadeira razão para

ter pedido a mão de sua noiva em casamento. Como a noiva na oportunidade afirmou que só perdoaria o noivo se ele desse mostras de seu arrependimento, eu e Augusto supomos que a matrícula no curso era uma forma de evitar que o relacionamento fosse rompido.

A coleta de dados também permitiu constatar que 20 casais já estavam casados no civil ou morando juntos quando se matricularam no curso. Neste caso, a média do tempo de coabitação era de 3 anos e 2 meses, sendo que dois casais tinham mais de 10 anos casados e consideravam o casamento religioso uma forma de celebrar a duração do relacionamento, ao passo que um casal havia casado no civil há menos de uma semana e sequer haviam tido tempo de desarrumar as malas da lua-de-mel.

Entre os casais que estavam casados e moravam juntos, 9 deles informaram ter 1 ou 2 filhos, enquanto 2 noivas estavam grávidas quando participaram do curso. Dois casais relataram que os próprios filhos cobravam deles que realizassem o casamento na igreja. A pressão de parentes também era comum no caso de relacionamentos muito longos, mas foi sentido principalmente por uma das noivas que declarou ter antecipado o casamento em razão da cobrança exercida pela família para que ela e o noivo casassem antes do parto. A outra noiva grávida, relatou ter esperado 20 anos ao lado do parceiro para casar naquele estado, o que para ela era a realização de um sonho. A ênfase que deu a este dado durante a sua apresentação no 305º Encontro chamou, não só a minha atenção, como de todos que estavam presentes, razão pela qual foi o principal assunto daquele final de semana.

Em geral, quando os noivos compartilhavam essas informações Augusto toma um pouco mais de tempo da apresentação – o que despertava críticas dos coordenadores em razão do prejuízo que isso poderia acarretar para o cronograma do curso – para lembrar que ao morarem juntos antes de casar os noivos "atropelam as coisas", referindo-se ao fato de que a sequência namoro-noivado-casamento-coabitação-filhos é mais favorável à manutenção do casamento. No 307º Encontro, porém, uma das noivas contra-argumentou Augusto lembrando que resolveu morar junto antes do casamento para ter a oportunidade de fazer o que chamou de teste drive, isto é, avaliar se o noivo poderia ser aprovado como futuro marido e pai. O fato dela estar ali se preparando para o casamento demonstrava que ela e o noivo haviam sido aprovados nesse teste.

Após a apresentação dos noivos tem lugar as palestras que nas duas pastorais duram em média de 30 a 50 minutos. Em Fátima são abordados os seguintes temas: “Sacramento do Matrimônio”, “Aspectos jurídicos e canônico do matrimônio” – ambas na segunda –, “Aspectos biológicos do matrimônio” ou “Sexualidade e planejamento familiar”, “Psicodinâmica do relacionamento amoroso” e “Testemunho do casal” – estas, por sua vez, podem ocorrer tanto na terça como na quarta. Há ainda a exibição de um filme, uma dinâmica e uma reunião de avaliação no último dia do curso.

Na Trindade as palestras oferecidas são: “Amor conjugal”, “Conhecimento de si mesmo e do outro²⁵⁶”; “Diálogo”; “Sexualidade humana e planejamento familiar”; “Ser família no mundo de hoje”; “Testemunho do Casal Cristão” – que ocorrem no sábado –; “Aspectos Jurídicos e Canônicos do Matrimônio”; “Planejamento financeiro e administração do lar” e “Sacramento do matrimônio”²⁵⁷ – estes no domingo. Durante o curso também está programado a entrega de um questionário aos noivos²⁵⁸, a realização de uma dinâmica e o oferecimento de lanche.

Para os membros da pastoral, as palestras são formas didáticas de compartilhar suas experiências conjugais recorrendo aos costumes, à tradição religiosa e às diferentes ciências (médicas, teológicas, humanas e sociais). O objetivo com isso é oferecer meios para que os noivos compreendam as características do casamento no âmbito cultural e religioso e as transformações porque passa ao longo do relacionamento conjugal. Acreditam que fazendo isso podem contribuir para que os noivos tomem consciência da escolha que estão realizando. Essa tomada de consciência passa por um “choque de realidade”, conforme indicam muitos dos palestrantes quando se referem ao posicionamento prático que os noivos devem adotar em relação

²⁵⁶ Esta palestra pode ser dada separadamente, mas normalmente é realizada junto com a palestra “diálogo”.

²⁵⁷ Ao comparar com a pesquisa de Rêgo (2005), pude notar que os coordenadores dos cursos, tanto em Teresina como Belém, têm liberdade para selecionar e adaptar os temas abordados no curso. Apesar disso, observa-se uma recorrência na escolha dos mesmos, a exemplo de “A família no mundo de hoje”, “Sexualidade conjugal”, “Orçamento doméstico” e “Planejamento Familiar”.

²⁵⁸ Neste questionário – denominado Ficha de Assimilação (ANEXO XX) – contém a seguinte pergunta “O que vocês entenderam sobre a palestra (título da palestra)”. O documento não requer identificação e é entregue aleatoriamente. Segundo os coordenadores, a utilização do mesmo faz parte da metodologia do curso e deve ser aplicado com o objetivo de avaliar a retenção do conteúdo oferecido. No decorrer da pesquisa, contudo, notei que as fichas eram meras formalidades, ficando acumuladas no armário onde a pastoral arquiva seus documentos. Após meu retorno a Belém em 2018 notei que as mesmas passaram a ser analisadas pelos coordenadores e os resultados apresentados na semana seguinte ao curso durante a reunião de avaliação. Uma análise desses documentos encontra-se disponível no APÊNDICE B.

ao casamento, seja no que diz respeito à sua realização, seja em relação a sua vivência²⁵⁹.

Apesar da aparente diferença observada no número e quantidade de palestras, o conteúdo das mesmas tem como origem o roteiro fornecido pelo Manual de Preparação à Vida Matrimonial. No intuito de interpretar esse conteúdo optei por realizar uma síntese das palestras identificando os principais significados atribuídos à experiência conjugal e sua relação com a demanda pelo convencimento e conversão dos noivos. Isso permite compreender o poder de codificação do imaginário e das práticas conjugais cuja igreja católica, enquanto instituição dotada de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), é a fiel depositária de um modelo ainda em reprodução.

A codificação da conjugalidade

Entendendo a religião como um sistema de símbolos (GEERTZ, 2008) e a conjugalidade como um domínio em que a codificação destes símbolos se encontra em disputa na arena cultural, o papel dos cursos de noivos é o de reunir e ordenar tais símbolos no intuito de induzir, ritual e cosmologicamente, a crença no relacionamento conjugal como algo sagrado. Lembrando Durkheim (1996), Bourdieu (2004) e Hervieu-Léger (2008) o objetivo é, por um lado, disciplinar crenças e práticas ratificando a vitalidade moral daqueles que são fiéis devotados, assim como produzir naqueles que não o são um sentimento de conversão que lhes permita viver uma experiência de redescoberta de sua identidade que até ali fora vivida de maneira formal ou puramente conformista.

Para compreender esse processo, no entanto, é necessário reconstruir o “capital de esquemas informacionais” (BOURDIEU, 2004, p. 97) que permite às pastorais

²⁵⁹ Esta visão é notada com mais clareza em Fátima onde os palestrantes são, em sua maioria, especialistas no tema abordado. Nesse sentido, Mônica, que além de palestrante também é professora e psicóloga, considera sua palestra sobre "A psicodinâmica do relacionamento amoroso" uma abordagem de caráter científico que procura combater os mitos do casamento através de um "manual" que ajuda a entender seu funcionamento, o que ela também se refere como "*ingrenage* da coisa". Com o mesmo propósito Beatriz e Henrique, ambos médicos, consideram que o sentido de sua palestra (Planejamento Familiar) é "é esclarecer seus fiéis sobre os métodos de planejamento que a igreja aprova", mostrando que há diferenças entre planejamento familiar, uma decisão de livre escolha do casal, e controle de natalidade, quando uma instituição social externa interfere nesta decisão. Com isso acreditam que o seu papel é informar e criar uma discussão entre os noivos sobre a reprodução, sexualidade, criação dos filhos, etc. Antenor, que por sua vez é empresário e advogado, argumenta que a palestra "Aspectos jurídico-canônico" tem a função de "conversar sobre o direito dos casais no âmbito do matrimônio", apresentando as eventuais consequências com essa escolha.

disciplinar crenças e práticas seguindo o conselho de Turner (2008): decompor estes símbolos em seu nível exegético, uma vez que eles são responsáveis pela expressão dos esquemas práticos que impõem ordem a ação²⁶⁰. Retrato do temor enfrentado pela igreja católica em relação à manutenção e à expansão de sua influência ideológica, essa tentativa de disciplinamento reflete ainda a tentativa de codificação, o que para Bourdieu (2004) representa a solução para o risco vivido em contextos de incerteza e perigo²⁶¹, que neste caso é simbolizado pela modernidade e pelo individualismo.

Nas duas pastorais em que realizei minha pesquisa essa solução passa pelos desdobramentos protagonizados pelo significado atribuído à “renúncia de si”, sentença pela qual se enfatiza o enfrentamento ao individualismo e os riscos que sua valorização no mundo moderno produzem sobre o modelo de casamento católico, isto é, indissolúvel, heteronormativo e patriarcal. Essa codificação se expressa em 4 eixos principais: casamento e amor conjugal, sexualidade e divisão dos papéis, família e religiosidade e significado do sacramento.

Casamento e amor conjugal

Nos dois cursos os palestrantes abordam, tanto as fases que constituem o processo de socialização do casal, como o significado do amor na relação conjugal²⁶². Esta abordagem pode ser considerada a chave para entender a metodologia utilizada nas palestras, isto é, a que procura enfrentar o individualismo contemporâneo através da tese de que o sucesso matrimonial depende de uma “renúncia de si”.

Segundo os membros da pastoral familiar o amor é o sentimento que caracteriza a relação conjugal. Este significado, no entanto, é baseado em uma combinação de práticas que o fazem evoluir tornando-se cada vez mais eficaz ao longo do relacionamento. Entre essas práticas estão aquelas em que os parceiros demonstram

²⁶⁰ Turner recomenda que a decomposição dos símbolos se dê distinguindo seus significados em três níveis: 1) o nível de interpretação nativa (significado exegético), dado pelos próprios informantes a partir de perguntas feitas pelo observador; 2) o significado operacional, dado pela observação sobre o que os agentes fazem com eles e não apenas o que dizem sobre eles; e 3) o significado posicional, dado pela sua relação com outros símbolos em uma totalidade, cujos elementos adquirem seu significado do sistema como um todo (TURNER, 2008, p. 48 e ss.).

²⁶¹ A atenção dedicada à esta ideia levou Bourdieu a formular o que ele próprio chamou de “lei geral” e que eu estendo à codificação ressaltando que “quanto mais perigosa for a situação, mas prática tenderá a ser codificada”. Logo, “O grau de codificação”, continua Bourdieu, “varia de acordo com o grau de risco” (BOURDIEU, 2004, p. 98).

²⁶² Na Trindade as palestras “Amor Conjugal” e “Diálogo e conhecimento de si mesmo e do outro” enfatizam essa abordagem.

renunciar aos seus próprios interesses em benefício do propósito de garantir que o casal permaneça unido.

Em virtude desse pensamento considera-se que amor não é um sentimento inato, mas descoberto e apreendido. Essa ideia é muito comum na Trindade, onde, segundo Milena, “o amor é um processo em construção”; para Sebastião “o amor vem de forma gradual e com o passar do tempo ele aumenta”. Assim, antes de casarem e nos primeiros meses do casamento o que os noivos conhecem é uma sensação passageira, confusa e superficial destinada a satisfação pessoal, o que é definido como “gostar”. Essa sensação resulta do acesso limitado às virtudes que o namoro ou o noivado, enquanto “relacionamentos de aparência”, permitem acessar. Os casais só saberão se amam após alguns anos de casamento, quando a tríade coabitação-rotina-convivência oferece a oportunidade para conhecer, além das virtudes, defeitos e vícios do parceiro. Isto fica mais claro na afirmação de Valentim, para quem “a maioria dos casais casam só com emoções e não com a realidade da vida”. Tanto ele como Sebastião, demonstram que na Trindade a crença é de que existe amor no casamento quando os parceiros se amam apesar da forma corporal que assumem com o passar do tempo: “se engordam, se ficam carecas, se ficam flácidas, se aparece celulite, pois quem casa amando não ama o corpo da pessoa, mas a pessoa” (Valentim e Sebastião). Caso o casamento não dê certo os interlocutores entendem que um dos parceiros ou ambos não conheceram o “verdadeiro amor”, isto é, foram incapazes de renunciar a interesses pessoais ou aceitar a pessoa “como ela é”.

As pastorais também argumentam que estar junto não necessariamente significa amar. Isto porque existem relacionamentos que não conseguem superar a fase do “gostar” e aquele que se transformam em indiferença, quando o casamento não passa de um relacionamento baseado na simples coabitação. Também advertem que os relacionamentos baseados no interesse econômico não trazem felicidade, pois o amor é incompatível com o “espírito capitalista”²⁶³. Logo, para amar verdadeiramente, além de renunciar e agir para o casal manter-se unido, os noivos devem entender as três dimensões do amor conjugal, isto é, o amor Eros (ou amor paixão), em que

²⁶³ Essa expressão foi recorrentemente utilizada por Milena e Cássio em suas palestras sobre “Sexualidade e planejamento familiar”. Por meio dela o casal se referia ao que consideram ser o casamento predominante em uma sociedade individualizada onde o casamento visa a obtenção de benefícios materiais e econômicos.

predomina o interesse e a atração sexual, o amor filios (ou amor amizade), onde predomina o cuidado do outro, e amor ágape (ou amor caridade) em que prevalece renúncia total²⁶⁴.

Segundo Sebastião, estas dimensões retratam um processo evolutivo em que o gostar é a "semente do amor paixão", portanto uma fase necessária, mas que deve dar lugar ao "amor amizade". Isso significa que a frequência nas relações sexuais e a própria atração sexual diminuem com o passar do tempo, mas tornam-se mais intensas "quando o casal desfruta de uma boa semana, é carinhoso entre si e deseja fazer um 'bom sexo'".

Em Fátima, essa divisão contempla outras três definições. A primeira delas é a do amor paixão, que ocorre nos primeiros meses ou anos do relacionamento, onde, segundo Mônica, estão combinados elementos românticos associados ao namoro com elementos do casamento propriamente dito²⁶⁵. A segunda refere-se ao amor em conflito, isto é, o tipo de relacionamento em que a causa da atração se torna o motivo da repulsa quando a paixão acaba:

Se alguém se apaixona pelo jeito extrovertido do parceiro isso pode causar repulsa quando isso passa a ser visto como comportamento de fuxiqueiro. O mesmo vale para quando a atração se dá pelo 'papo cabeça', paciência, atenção, mas depois se considera que o parceiro não passa de um 'morto nas calças' e incapaz de colocar um prego numa barra de sabão. Aquilo que era considerado paciência (dar ouvido) é visto depois como alguém que não prestava atenção ou que o que se ouvia entrava por um lado e saía pelo outro (Mônica, palestra "Psicodinâmica do relacionamento amoroso", 20/09/2016).

Já o amor acomodado é aquele em que os cônjuges são indiferentes um com o outro, não dialogam, se sentem solitários mesmo estando junto, vivem um clima hostil e não tem "tesão" no outro. Por fim, o amor companheiro ou amor maduro é o

²⁶⁴ Na Trindade os membros distinguem o amor conjugal do amor entre parentes. Segundo Antônio e Luciana o amor conjugal "é o que faz mais as pessoas sofrerem" posto que é fruto do livre arbítrio, ou seja, de uma escolha pessoal que está sempre sujeita a erros. O amor entre parentes, por outro lado, é condicionado pelo sangue, o que resulta na manifestação obrigatória de sentimentos com quem se mantém vínculos consanguíneos.

²⁶⁵ Em seu testemunho, Mônica afirma que esse amor acabou após o casamento doze anos quando descobriu que o marido não gostava de dançar - apesar da atração entre eles ter começado por causa da dança. Reconhecidas as diferenças o relacionamento pode se desdobrar no amor em conflito, no amor acomodado ou no amor companheiro, sendo os dois primeiros a causa das separações e divórcios e o último típico dos casamentos "bem-sucedidos".

amor decisão, isto é, aquele amor em que o casal decide se amar apesar das diferenças. Este é o amor associado ao casamento bem-sucedido onde os cônjuges possuem uma "saudável interdependência emocional", "sintonia psicosexual", "cumplicidade e flexibilidade", "expressam o seu amor", "respeitam a individualidade", "aceitam as diferenças e os limites", "sentem prazer em estar junto", "cooperam entre si", etc. Este tipo de amor também é chamado de amor decisão ou amor escolha e está associado exclusivamente ao casamento duradouro.

Em suas palestras os casais consideram que o amor é uma decisão e também uma escolha quando, ao reconhecerem suas diferenças – ocasião em que acreditam que a paixão termina –, eles são capazes de gerir os conflitos decorrentes desse processo no intuito de manter a relação. A gestão desses conflitos se dá por meio da identificação e administração dos sentimentos, associados à representação e manifestação do amor, como respeito, compreensão, admiração, ternura, cumplicidade e diálogo.

Combinando interpretações que relacionam visão de mundo, conceitos filosóficos e teologia, os casais mostram que o amor conjugal constitui-se em um complexo processo envolvendo, sucessivamente, erotismo e sexualidade, amizade e cuidado do outro, e, finalmente, entrega e doação, quando assume os contornos da renúncia total, isto é, a forma hierofânica do amor incondicional, o que mais precisamente está associado com o amor de Cristo. Se tomarmos como perspectiva a interpretação de Bourdieu (2004), as pastorais visam com esta codificação levar os casais a perceber que correm menos risco de ver o seu relacionamento fracassar assimilando e vivendo estas dimensões.

Como renúncia de si, o casamento baseado no amor torna-se, assim, a base para compreender o caráter sagrado da relação conjugal, pois conforme apontam os palestrantes responsáveis pelo tema "Aspectos Jurídicos e Canônicos do Matrimônio", em sua essência, os casais que se dedicam a adotar esse paradigma reproduzem as relações da sagrada família. Este significado, contudo, envolve apenas aqueles que realizam a cerimônia do casamento católico, que se distingue do casamento civil, da união livre e da coabitação, por ser, como lembrou Geraldo Menezes em entrevista, "uma coisa divina", o que mais precisamente corresponde a dizer que este é o único tipo de ritual que torna eficaz a renúncia de si e o objetivo de fazer o outro feliz.

Para alcançar a sacralidade e tornar as bênçãos eficazes os noivos devem “aplicar Deus/Jesus em suas vidas”, o que corresponde a renunciar a hábitos, práticas e visões de mundo que, segundo a pastoral, tornarão o seu relacionamento “bem-sucedido”. A primeira delas considera que o objetivo do casamento é fazer o outro feliz. Na Trindade esta condição é explicitada em dois momentos.

O primeiro momento ocorre logo após a apresentação dos noivos quando Augusto pede aos mesmos que levantem a mão quem quer casar para ser feliz? Entusiasmados com a acolhida e a identificação com os outros casais durante a apresentação é comum os noivos levantarem as mãos e dizerem em uníssono “eeeeeeeu”. Augusto adverte-lhes, porém, que se este é o intuito de quem está ali, então melhor adiar o casamento ou não se casarem, pois, “o objetivo de quem pretende casar não é ser feliz, mas fazer o outro feliz”. Mesmo prometendo que ao término do encontro os casais compreenderão o significado desta sentença é visível uma transição repentina dos noivos que passam da euforia para a consternação muito rapidamente.

O segundo momento ocorre durante a exposição do casal Sebastião e Úrsula, que durante a pesquisa foram os que mais realizaram a palestra “Amor Conjugal” e/ou “Conhecimento de si mesmo e do outro”. O testemunho do casal gira em torno da conversão de Sebastião, que nos primeiros 13 anos de casado dividia a vida de marido com o que chama de “más amizades”, isto é, o alcoolismo e relacionamentos com alunas e prostitutas. Segundo Úrsula, a conversão do marido se deu porque ela foi capaz de perdoar, o que para o casal representa o verdadeiro sentido do amor conjugal. Sebastião, porém, acredita que a sua conversão só se confirmou em 1993 quando passou a “aplicar Jesus” em sua vida, através do engajamento nas atividades da paróquia, frequência à missa, matrícula em curso para diácono e a prática recorrente da oração, que para a pastoral significa uma reflexão do católico sobre sua consciência do mundo²⁶⁶.

²⁶⁶ O evento que marcou essa conversão foi a vergonha que Ronaldo sentiu ao comprometer a primeira eucaristia de seus alunos logo após aceitar o convite para ingressar na paróquia em 1992. Na oportunidade ele e a esposa participavam da catequese de algumas crianças quando, na véspera do dia em que elas receberiam a comunhão, Ronaldo recebera um convite para “beber” com amigos da paróquia. Sempre entre lágrimas ele recorda que perdera o controle devido a abstinência e após duas ou três grades de cerveja “ganhou a rua” e acordou em um motel. Com isso perdeu o evento e no dia seguinte ao episódio, arrependido, Ronaldo foi a basílica de Nazaré e diante do santíssimo “fez um pacto com Deus” pedindo-lhe que o afastasse das más companhias, da bebida e da prostituição, o que segundo ele, acontece desde então.

Em Fátima, a visão é de que para um casamento ser "bem-sucedido" ele deve ser um relacionamento harmônico, isto é, sem conflitos. Para saber lidar com os conflitos os palestrantes consideram que o primeiro passo é sacrificar a si mesmo, isto é, renunciar a interesses pessoais, o que exige dos noivos maturidade e responsabilidade em suas escolhas e atitudes. Eles também lembram que para o casamento "dar certo" ele precisa ser planejado com base em regras e negociações a fim de que os parceiros reconheçam e superem suas diferenças. A base para este planejamento é a informação²⁶⁷, por meio da qual os noivos devem identificar as melhores técnicas para lidar com o outro evitando assim o risco do casamento acabar – o que é considerado um fracasso pessoal.

Argumentando que "casamento não se improvisa", Mônica procura demonstrar ao longo da palestra "Psicodinâmica do Relacionamento Amoroso" que essa informação caracteriza o que ela chama de casamento moderno, isto é, um contexto no qual noivos desfrutam de mais liberdade para acessar informações especializadas sobre o casamento. A informação também é relevante por favorecer a socialização dos noivos para o casamento. Isto porque, ainda segundo Mônica, os noivos não são educados para serem maridos e esposas, mas estimulados a serem competitivos e individualistas.

Renúncia e sacrifício compõem, assim, o eixo central dos enunciados e estratégias de persuasão que atravessam as palestras nos dois cursos. Mas isto acaba tendo um duplo sentido ao se perceber que a abordagem do casamento se traduz em um conjunto indistinguível de ações orientadas para a conversão dos noivos. Seja porque eles são estimulados a interpretar o encontro como a pedra de toque de sua relação com o mundo, uma vez que reconhecem o dever de sacrificar seu individualismo em benefício de uma conversão ao sentimento de comunidade, ainda que atomizada na forma de casal, seja porque a pastoral não oculta a intenção de produzir efervescências por meio das emoções, atraindo para o campo do religioso ou do

²⁶⁷ Segundo Mônica a principal fonte dessas informações é acadêmica, dando como referência a medicina, a biologia e as terapias de casais. Contudo, os casais não devem ignorar a informação fornecida pela igreja. Para ela o principal benefício dessa informação é que ela ajuda a derrubar muitos mitos relacionados ao casamento, como "em briga de marido e mulher não se mete a colher", "crise dos sete anos" e "viveram felizes para sempre", atribuindo essas expressões a uma visão tradicional que ainda resiste ao estilo de vida do casamento moderno pautado na exigência de maior liberdade e igualdade entre os cônjuges.

espiritual aqueles noivos que estavam "afastados da igreja" ou se consideraram mais céticos²⁶⁸.

As condições para o casamento "dar certo" nesse sentido se expressam na forma de códigos de conduta capazes de expressar esse duplo movimento. Entre os mais comuns são: a fidelidade, a maturidade, o diálogo e a oração. Estes códigos estão presentes em mensagens de texto compartilhadas pelo grupo nas redes sociais, nas reflexões sobre o evangelho e estudos bíblicos durante as reuniões de preparação para o encontro e ao longo das exposições dos palestrantes, sendo sistematicamente repetidas através de testemunhos ou conceituações, cujo caráter didático e explicativo tem a finalidade de apontar a eficácia que o sacrifício de si, por meio da adoção de costumes, práticas e visões de mundo do catolicismo tem sobre o casamento.

Na Trindade, o casal Sebastião e Úrsula, por exemplo, demonstram que a unidade reflete a ideia de que o casal feliz "precisa ter sintonia; que as coisas devem ser pensadas em conjunto". Valentim, por sua vez, adverte que "a unidade implica a renúncia ao individualismo e dividir todas as atitudes e decisões em conjunto." A fidelidade, por sua vez, é abordada principalmente sob a perspectiva da sexualidade, em que se recrimina a prática sexual com terceiros. Mas os casais também chamam atenção para o incômodo gerado com a falta de transparência financeira ou o compartilhamento de assuntos pessoais com amigos e parentes. Logo, ocultar renda ou o destino da mesma, bem como dividir a intimidade sexual, afetiva ou financeira podem muito bem ser tratadas como formas de infidelidade, ainda que com menor influência para determinar a ruptura do relacionamento do que a infidelidade sexual.

²⁶⁸ Tanto a renúncia como o sacrifício demonstram ser assuntos importantes ao longo do curso. Isto é facilmente verificável ao término do mesmo quando os noivos são solicitados a avaliar e manifestar sua opinião sobre o que acharam do curso por meio da apresentação voluntária de seus relatos. Com frequência, após agradecerem à pastoral e manifestarem sua surpresa com a quantidade de pessoas envolvidas os noivos na preparação do Encontro apontam algum acontecimento ou testemunho que afirmam ter-lhes "tocado". Esse momento é marcado principalmente pelo testemunho de noivas que relatam entre lágrimas e vozes embargadas o fato de terem se sentido sensibilizadas com alguma mensagem ou evento compartilhado pelos palestrantes como dificuldades financeiras, crises no relacionamento, problemas familiares, gravidez ou aborto. Isso os leva a uma sensação de conforto pois a semelhança entre suas experiências e as dos palestrantes lhes assegura que para o seu problema há uma solução já testada. O efeito disso é uma sensação de *communitas* conforme descrita por Turner, ocasião em que não é raro encontrar noivos e membros da pastoral atentos e comovidos com o que é relatado.

A maturidade é uma condição que está diretamente vinculada à ideia de que os noivos devem estar preparados para renunciar a impulsos pessoais²⁶⁹. Neste caso, credita-se à idade um papel determinante, pois predomina na pastoral a crença de que quanto "mais novos" são os noivos menos preparados eles estão para lidar e superar problemas que são considerados inerentes à vida conjugal. Por outro lado, considera-se que os noivos "mais velhos" (também considerados "mais experientes") correm menos riscos de ver o relacionamento fracassar.

O diálogo também é um código que atravessa todas as palestras, uma vez que é considerado a "atitude mais importante do casamento" (Sebastião, Trindade) ou o "alicerce da vida a dois" (Antônio, Trindade). Isto fica mais fácil de notar na palestra do casal Antônio e Luciana sobre o tema na Trindade. Segundo ele, o primeiro contato dos noivos é sempre visual e as impressões surgidas daí são responsáveis por gerar a motivação para o contato interpessoal. Este contato, porém, deve ser suficientemente contínuo para que os parceiros tenham condição de se reconhecerem mutuamente, isto é, identificar em si mesmo e no outro as compatibilidades que justificam a manutenção do vínculo e as incompatibilidades que devem ser progressiva e sucessivamente afastadas do processo de socialização²⁷⁰.

As mudanças que definem a natureza do diálogo estão presentes desde o namoro. Mas a particularidade que marca a distinção do diálogo no namoro, no noivado e no casamento, conforme ficou demonstrado, está no fato de que os cônjuges não têm como fugir de um problema (diga-se "ir, para a casa dos pais ou dividir o problema com os amigos") quando entram em conflito. Isto porque o relacionamento interpessoal é indiscernível da coabitação, o que torna o casamento o locus das causas e das soluções de conflitos e desentendimentos. Em vista disso, rejeita-se insistentemente a presença de terceiros, como parentes, amigos e especialistas na mediação desses

²⁶⁹ Pe. Alberto, na palestra "O sacramento do matrimônio", e o diácono Valentim, na palestra "Aspectos jurídicos e canônicos do matrimônio", oferecem duas metáforas interessantes sobre o tema. O primeiro observa que o casamento pode ser comparado a uma guerra, em que o verdadeiro soldado permanece fiel às ordens do seu superior. O segundo lembra que os noivos se convencem de que é difícil ser fiel no casamento, mas se esquecem de quanto são fiéis aos seus clubes de futebol, mesmo quando estes perdem ou são rebaixados.

²⁷⁰ Apesar de atribuírem grande importância ao diálogo, os membros da pastoral não consideram que ele impede o conflito entre os casais. Para eles o conflito é necessário e demonstra que as pessoas mudam com o passar do tempo. O diálogo, neste sentido atualiza essa mudança oferecendo condições para que o casal redefina os contornos do próprio relacionamento.

conflitos pois, seja um problema pessoal ou um conflito entre os parceiros, o mesmo deve ser resolvido "em casa(-l)".

Sexualidade e divisão dos papéis

Entre os membros das duas pastorais os temas relativos à sexualidade, às relações de gênero e ao planejamento familiar são reconhecidas como constituintes do relacionamento conjugal, ainda que sua abordagem na esfera pública implique tabus. Em Fátima, onde estes temas são abordados nas palestras "Aspectos biológicos do matrimônio", "Sexualidade e planejamento familiar" e "Psicodinâmica do relacionamento amoroso", isto acontece porque, segundo Mônica, a sociedade brasileira (e a teresinense em particular) é repressora nesse campo negando a sexualidade na infância, condenando-a na adolescência e ridicularizando-a na velhice.

Na Trindade, são normalmente tratados apenas na palestra "Sexualidade humana e planejamento familiar", que é, de longe, o momento que mais desperta a atenção dos noivos e animosidade entre eles e os membros da pastoral. Isso porque, ao abordar temas como sexualidade, reprodução e métodos anticoncepcionais, os palestrantes são constantemente questionados sobre a veracidade das informações. A fim de impedir esses questionamentos é comum a palestra ser oferecida por paroquianos ligados à área da saúde, como enfermeiros e médicos especializados em biomedicina, endocrinologia, reprodução humana e ginecologia ou casais que demonstrem domínio sobre o assunto e capacidade para abordá-lo com uma linguagem que os coordenadores consideram compatível com o que acreditam ser o significado da sexualidade na atualidade²⁷¹.

De modo geral, tanto em Fátima como na Trindade, a sexualidade tem uma dupla significação. Em Fátima, a sexualidade favorece a excitação e intimidade entre os cônjuges impedindo que eles deixem seu relacionamento no "piloto automático". Beatriz e Henrique, por sua vez, lembram que, além de proporcionar satisfação, o sexo tem finalidade reprodutiva, devendo os noivos fazerem uma consulta médica pré-

²⁷¹ A palestrante que mais vezes vi oferecer esta palestra durante a pesquisa foi a "Doutora Alba", uma médica especializada em sexualidade e saúde reprodutiva que dividia a opinião da pastoral. Isto porque apesar de ser considerada muito qualificada para a palestra não a fazia na companhia do marido – ainda que fosse casada – e considerava o casamento uma relação entre duas pessoas, o que contraria o conceito de que o casamento é uma relação entre um homem e uma mulher. Apesar da advertência, Alba não mudou seu vocabulário o que a levou a não ser convidada, nos últimos encontros de que participei.

nupcial para saber de sua situação reprodutiva. Segundo eles, a capacidade ou saúde reprodutiva é uma condição indispensável para o casamento bem-sucedido e sugerem que os noivos conheçam o funcionamento do seu próprio corpo para saber se ele se adéqua às finalidades do casamento, isto é, a satisfação e a reprodução.

Na Trindade, esta dualidade se expressa, primeiramente, na relação que a pastoral estabelece entre a sexualidade e à ideia que fazem da paixão (amor Eros), um sentimento considerado superficial, passageiro e baseado na estética e na busca do prazer pessoal. Segundo lembram Sebastião e Úrsula em sua palestra sobre o "Amor conjugal", a predominância deste tipo de sentimento ao longo do relacionamento leva o casal a fracassar em seu projeto conjugal, quando as mudanças físicas contribuem para o abandono do outro fazendo com que ele "ao invés de sentir-se amado se sinta usado". A pastoral também ressalta que este fracasso tem se manifestado cada vez mais cedo, uma vez que a sexualidade precoce tem levado namorados e noivos a "atropelarem" as fases do relacionamento fazendo-os viver crises existenciais e de relacionamento que, no passado, eram típicas de casais casados.

Para evitar o risco de fracassarem, a pastoral reproduz a ética observada por Rivera (2014) de controle sobre o apetite sexual. Para isso difunde a ideia de que o sexo seja praticado somente após o casamento (mesmo sabendo que a grande maioria dos noivos presentes no curso já são sexualmente ativos), uma vez que a "verdadeira" sexualidade seria aquela em que a atração²⁷² está baseada no amor incondicional (filos + ágape), caracterizado pela entrega física e espiritual dos parceiros no casamento. Um dos argumentos apresentados para justificar essa ideia é a de que o sexo favorece a intimidade. Quando isso acontece e não há responsabilidade a tendência é que os casais banalizem o respeito entre si, pois como adverte Mônica em Fátima: "o sexo antes do casamento antecipa responsabilidades que são próprias ao casamento, o que gera conflitos no relacionamento do casal". A palestrante também lembra que "a intimidade é inversamente proporcional a gentileza", e os casais que tem muita intimidade "roem unha, peidam, arrotam, deixam de se arrumar" demonstrando menos pudor em relação ao parceiro.

Na Trindade, a visão sobre a sexualidade permite constatar também que ela é um assunto íntimo que deve ser abordado exclusivamente pelo casal. Com isso

²⁷² Nas duas pastorais esta atração é definida como "encantamento".

sugere-se evitar o assunto com terceiros, quer seja entre os próprios membros da pastoral, amigos ou familiares²⁷³. Essa exclusividade conjugal também tem como explicação a crença de que falar sobre sexo estimula a imaginação e dado que sobrevém ao casamento, o que os casais chamam de "rotina" há sempre o risco de um dos parceiros se sentir tentado a "fugir da rotina" colocando a imaginação em prática. Porém, muito mais do que problematizar o sofrimento causado por uma eventual traição, a tentativa dos palestrantes em disciplinar esse comportamento visa evitar a transmissão de doenças, o nascimento de filhos ilegítimos e o fim do relacionamento.

Na Trindade a palestra sobre sexualidade também é responsável por mapear práticas desviantes, orientando os noivos a saber identificar comportamentos que sugiram promiscuidade. Para sinalizar a abordagem do que a pastoral considera práticas promíscuas, o exemplo mais recorrente é o da camisinha ou preservativo, cuja significado é ambíguo. Na prática, a camisinha é uma forma relativamente eficaz de evitar doenças e impedir a gravidez. No plano simbólico, porém, ela assumiria o papel de vilã do casamento, pois sugere a quem é "promíscuo" que pode manter relações sexuais fora do casamento sem colocar em risco o próprio casamento – a não ser quando a relação é descoberta²⁷⁴.

²⁷³ Esta orientação é feita em diferentes palestras, mas é o relato anedótico de Antônio durante a palestra sobre "O conhecimento de si mesmo e do outro" que mais chama atenção dos noivos. Ele lembra que por ocasião de uma viagem com um amigo para Londrina, cidade do norte paranaense, assustou-se com quando soube que ele queria assistir um "filme de sexo" na sua companhia. Ao perguntar ao amigo se ele assistia aquilo com a esposa o amigo teria dito que não e perguntou a Antônio se ele era doido, pois o homem não assistiu pornô com a esposa. Entre risos, Antônio afirma que estranhou o fato do amigo não gostar de assistir com sua esposa, mas querer assistir com ele.

²⁷⁴ Esse assunto volta à tona também na palestra sobre "A família no mundo de hoje", quando Augusto e Clarice, os palestrantes que mais tocam no assunto expressam o posicionamento da igreja sobre o uso do preservativo. Segundo eles a igreja católica não é contra o uso de preservativos, mas contra promiscuidade que ele suscita. Para comprovar seu argumento o casal se reporta ao carnaval no Rio de Janeiro, Salvador e Pernambuco mostrando que os governos locais oferecem preservativos sugerindo que as pessoas façam sexo descontroladamente. Augusto também lembra que a igreja católica é contra a infidelidade e lembra que se algum dia ele e a esposa mantiverem relação sexual com uso de preservativo é porque tem alguma coisa errada: "Ou ela não é fiel a ele ou vice-versa, pois se a desculpa for que se utiliza camisinha para evitar DST sabe-se que as mesmas só são transmitidas com um relacionamento fora do casamento". Em uma ocasião, contudo, um dos noivos levantou a mão para questionar o argumento do casal afirmando que aquilo sugeria que os noivos que não queriam ou não estavam preparados para ter filhos eram promíscuos. Lembro de Augusto assustado e procurando palavras para responder ao noivo. Ao final ele afirmou que talvez tivesse se expressado mal e reiterou: "eu sou contra a promiscuidade. E o promíscuo usa o preservativo para se defender de doenças ou não?". O noivo interrompeu ele novamente para reafirmar que quem usa o preservativo pode estar querendo evitar a "gravidez indesejada". Contrariado, Augusto respondeu que "essa é a forma mais fácil de enxergar a coisa, mas como católico ele prefere educar sua filha para não fazer sexo irresponsavelmente". Augusto avaliou que a irresponsabilidade estaria na prática da distribuição de camisinha no carnaval como uma forma barata e populista do governo agradar a população, ignorando a necessidade de educar os filhos para que façam sexo com quem amam, no seio do casamento.

Em sua abordagem da sexualidade, a pastoral também dedica grande atenção a sua relação com os marcadores de gênero, principalmente em virtude da ideia de que o casamento é uma relação entre dois indivíduos sexualmente diferenciados que progressivamente alcançam unidade renunciando ou aderindo à valores e comportamentos compatíveis com a necessidade de reprodução biológica. As diferenças que caracterizam estes indivíduos, porém, tem origem na combinação de concepções baseadas na natureza e em crenças divino-religiosas. São, por isso, ao mesmo tempo inatas, mas cosmologicamente motivadas.

Até o casamento acredita-se que essas diferenças determinam a “visão da realidade” que orienta as práticas dos indivíduos. No entanto, o casamento deve ser responsável por alterar essa visão, pois se acredita que ao não renunciarem ou aderirem aos comportamentos tidos como caracteristicamente de "homem" ou de "mulher", os noivos comprometem o sentido de unidade que garante a manutenção do relacionamento.

Baseando-se nisso, argumenta-se que as mulheres estão mais preparadas para o casamento do que os homens porque são naturalmente mais maduras para estabelecer um vínculo duradouro e monogâmico. Além disso, seu interesse pelo sexo diminui ao longo do tempo, o que as torna “mais estáveis”. Os homens, por sua vez, são considerados imaturos porque são dominados por impulsos, como a necessidade de sentir prazer – o que justificaria sua tendência à infidelidade – ou expressão de comportamentos violentos em razão do ciúme ou de um machismo socialmente aprendido²⁷⁵.

O sentimento religioso também difere quanto ao gênero. Os homens são considerados menos afeitos à expressão de sua religiosidade, isto é, são aqueles que menos rezam, frequentam missas e adotam comportamentos tipicamente católicos, como jejuar ou se confessar. As mulheres, além de serem consideradas mais religiosas, são também as principais responsáveis pela espiritualidade do casal. Isto

²⁷⁵ Refletindo sobre esta visão Antônio, responsável pela palestra "Diálogo e conhecimento de si mesmo e do outro" na Trindade, lembra que antes de casar com Luciana só pensava em lhe dar uma casa com uma boa cozinha e uma lavanderia, ainda que a noiva estivesse prestando o vestibular e desejasse trabalhar como enfermeira de CTI. Para ele tratava-se de uma demonstração do quanto era influenciado por uma visão masculina da realidade, que havia lhe inculcado uma estratégia de dominação da parceira marcada pelo ciúme e o machismo. Segundo ele, experiências como a sua são a prova de que se exige maior renúncia dos homens, mas também maior paciência das mulheres com sua "conversão".

significa que cabe a ela "puxar" as orações, rezar pelo marido ou convencê-lo a frequentar a igreja.

Esta divisão, ainda que aprofundada na palestra sobre sexualidade e o planejamento familiar realizada na Trindade, é quase sempre formulada durante a palestra sobre o Diálogo, quando Valentim e Lorena (o casal que mais vi protagonizá-la) insistem em afirmar que homens e mulheres possuem comportamentos diversos no âmbito da interação doméstica. Tomando como referência o livro "Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus", Lorena reifica marcadores ao explicar que os homens adiam suas decisões se tornando introspectivos e evitando discussões quando desejam solucionar um determinado problema, ao passo que as mulheres "só resolvem um problema falando". "Caso a mulher não saiba entender isso", afirma Lorena, "ela pode se estender em uma conversa por um longo período enquanto o homem quer resolver e por vezes eleva a voz e produz um conflito tornando-se agressivo". Segundo ela, a mulher quer dialogar para conhecer, para revelar, ou seja, ela não fala o que está pensando, mas ela quer esclarecer suas dúvidas enquanto fala, enquanto o homem só fala para resolver. Valentim, no entanto, adverte os homens que, em virtude dessa diferença, procurem falar baixo ao discutir com sua futura esposa, uma vez que por ser naturalmente grave a voz masculina tende a causar medo ao se elevar.

Para Lorena, as diferenças de gênero resultam da necessidade que uma pessoa tem de dar ao outro o que espera receber dele. As mulheres, por exemplo, "adoram cuidar", logo sua forma de expressar amor é "perguntar sobre o que o parceiro fez, onde foi, pois ela quer cuidar, quer estar junto". No entanto, ao escutar isso o homem interpreta como controle. O homem, por sua vez, dá autonomia e liberdade na expectativa de obter o mesmo da parceira. No entanto, a mulher interpreta isso como "uma forma do homem demonstrar que não liga para ela". Lorena e Valentim recomendam então que os noivos deem ao parceiro o que gostariam de receber para assim chegar a um acordo comum, isto é, a unidade conjugal.

Apesar de causar conflitos e desentendimentos, as diferenças de gênero não são consideradas justificativas para o rompimento da relação conjugal. Isto porque, como dito anteriormente, tais características são consideradas resultantes da divisão de papéis sexuais. O casamento bem-sucedido, portanto, é aquele em que ao longo do relacionamento os parceiros foram capazes de identificar essas características a

fim de requerer a adoção ou renúncia de valores e comportamentos com vistas a garantir a manutenção do vínculo.

Em um quadro geral, as diferenciações de gênero formuladas com base na relação conjugal se decompõem em atributos que podem ser sistematizadas conforme o quadro abaixo:

Quadro 4 – Atributos de gênero no relacionamento conjugal abordados na palestra “Diálogo e conhecimento de si mesmo e do outro”.

Atributo	Homem	Mulher
Espiritualidade/Religiosidade	-	+
Impulsos naturais	+	-
Amadurecimento	Apreendido	Inato
Senso de casal/comunidade	- (tendência individualista)	+ (tendência conjugal)
Visão do lar/habitação	Conforto	Estética
Expectativa no relacionamento	Autonomia, Liberdade	Cuidado
Solução de problemas/conflitos	Pensam Distanciamento Decisória Pragmática (causa e efeito)	Falam Descritiva Esclarecer dúvidas Compreensiva

Isso permite concluir que, do ponto de vista da pastoral, o noivado é uma experiência de socialização negociada em que os sujeitos devem recorrer a modelos de gênero extraídos do campo religioso para reproduzir e reforçar a divisão de papéis na expectativa de restaurar a família e o relacionamento conjugal contrapondo-a ao que se institucionalizou nestes cursos como sendo “a família no mundo de hoje”.

Família e religiosidade

Para as pastorais, a família é a instituição responsável pela “formação doméstica”, isto é, pela internalização do caráter e do temperamento que constituem a identidade dos seus membros. A família é vista pelos casais como um valor (positivo), como grupo de referência para a vivência (contínua, duradoura e indissolúvel) de valores, realização afetiva e psíquica e aquisição de atitudes compatíveis com o ideal de família. Sua desvalorização, segundo pensam palestrantes e membros da pastoral,

está na origem dos problemas sociais contemporâneos. Segundo os mesmos, isso ocorre em razão do conflito entre gerações e pela adoção de práticas que comprometem a convivência harmônica entre os membros da família, como infidelidade, violência, uso de drogas, desprezo do cônjuge e dos filhos, influência de terceiros no relacionamento, etc.

Ao longo da pesquisa notei que os palestrantes que abordam esse conteúdo procuram atualizar o mito da sagrada família incentivando os casais a aderir a um estilo de vida normativo ao qual chamam de “tradicional”. Na Trindade, esse processo é conduzido pela palestra “Ser família no mundo de hoje”. Em Fátima, o assunto é tratado mais precisamente na palestra “Psicodinâmica do relacionamento amoroso”. Em conformidade com as orientações do Guia, a função dos palestrantes é a de explicar a preocupação da Igreja em elucidar pontos que estrangulam o relacionamento a dois, muitas vezes levando ao colapso familiar. Para isso, ressaltam que família é a instituição formada pela união entre um homem e uma mulher através do sacramento do matrimônio independente do reconhecimento de uma autoridade pública.

Com efeito, essa definição pretende assegurar à igreja católica sua autoridade para abordar a família como instituição social nos dois sentidos apontados por Durham, isto é, como grupo social concreto, empiricamente delimitado e reconhecido por seus membros e pela sociedade, e como modelo cultural (DURHAM, 1982, p. 32). O objetivo disso é estabelecer a oposição à família moderna, noção empregada em referência à sua interpretação da sociedade civil (fundada, segundo afirmam Augusto e Clarice na Trindade, “nas leis elaboradas pelo Congresso Nacional brasileiro”), cujos valores refletem o contexto de desarranjo social e de “crise moral”²⁷⁶ representada pela diminuição dos vínculos em razão do progresso tecnológico, particularmente os smartphones e as redes sociais; autonomia financeira feminina associada à criação independente; a ausência do diálogo que afeta o senso de compromisso entre o casal; o individualismo, que encerra na família uma disputa de poder que subverte a posição

²⁷⁶ A referência ao conceito de crise é recorrente ao longo do curso. Segundo Rêgo (2005), que também identificou essa recorrência nos cursos de noivos em Salvador, seu uso é uma resposta às mudanças estruturais das sociedades modernas que segundo os membros da pastoral afetam a organização familiar. A crise, neste sentido, é representada pelo termo “desorganização”, que “por sua persistência e intensidade, levar à ruptura que caracteriza a dissolução” (RÊGO, 2005, p. 44)

do homem como principal autoridade doméstica; e, principalmente, redução da presença de Deus nas relações familiares.

Imagem 30 – Representações da mulher na família tradicional e na família moderna.



Fonte: Slide 5, “Testemunho do Casal Cristão” (Belém, 20.06.2015).

A razão para esta oposição baseia-se na crença de que a família é originalmente um “projeto” ou “plano de Deus”, portanto sagrada, o que lhe difere de modelos considerados modernos porque são sugestivamente inventados a partir de arranjos individuais. A principal diferença, portanto, está na tendência do modelo indissolúvel, patriarcal e heteronormativo estar menos sujeito às falhas que estes arranjos, como produtos do interesse pessoal, desempenham sobre a família. Essa infalibilidade, no entanto, é assegurada por duas noções: a de *autoridade* – dos ascendentes sobre os descendentes – e a de *ordem* – marcada pela divisão de papéis e nuclearização da relação pai-mãe-filhos. A combinação de ambas permite considerar que, em sua origem, a noção de sagrado empregada na pastoral opõe o sentimento de comunidade, associado ao seu conceito de família, ao de individualismo, apontado como a razão de ser da modernidade e contra a qual se debelam por considerá-la um conjunto de atitudes alienadas e que é a causa dos desajustes que afetam as famílias contemporâneas.

O binômio autoridade-ordem também marca o uso da expressão “família tradicional”, que assim como “família cristã” é associada à noção de sagrado. O emprego

do termo tradicional, neste caso, deve seu significado ao modelo patriarcal, baseado na segmentação de papéis sexuais, controle dos desejos e escolhas individuais pelos ascendentes, socialização conjugal por etapas precisas e valorização da virgindade. Nesse contexto, prevalece uma realidade dualista e hierárquica.

Este modelo se contrapõe ao que Rêgo classifica como “modelo de transição”, onde as etapas de socialização perdem sua ritualidade e as famílias deixam de participar do processo de aproximação dos sujeitos. Esse afastamento é lembrado pelos palestrantes ao afirmarem que os noivos até podem querer ignorar, mas quando se casarem estarão na verdade casando com a família um do outro.

Sem a família, a decisão da união passa, portanto, a ser um assunto íntimo e pessoal, onde os noivos sentem-se no direito de ter sucessivas experiências amorosas, a virgindade não compromete o casamento e a razão da união é o laço afetivo (RÊGO, 2005, p. 50). O mundo do casal no modelo de transição deixa de ser, portanto, segmentado e passa a ser caracterizado pelo “amor romântico”.

É precisamente sobre este modelo que as pastorais lançam sua ofensiva, pois, baseando-se no argumento de que a família tradicional subsiste porque foi historicamente construída sob o amparo e a influência positiva do pensamento cristão, a família moderna é considerada instável por estar constantemente sujeita ao fracasso que a imprevisibilidade das escolhas humanas impõe às instituições sociais. Com este argumento, procuram convencer os noivos a manterem-se constantemente em alerta, renunciando ao pensamento e às práticas individualistas nas quais estão socialmente mergulhados a fim de que alcancem um casamento bem-sucedido e eles próprios caiam nas “graças” de Deus.

Em Fátima, esse argumento acompanha a ideia de que a principal razão para o fracasso dos casamentos atuais é a falta de informação sobre a família do parceiro, o que a leva Mônica a sugerir que os noivos conheçam as respectivas famílias e, quando possível, “convivam com elas, pois só assim para saber como o noivo ou a noiva trata os pais e os irmãos”. Sugere ainda que os noivos tenham os sogros como aliados e não como inimigos, e que se forem criticar um parente do parceiro, devem criticar antes um parente seu com o qual mantenham a mesma relação de parentesco.

Com base nessas orientações, os noivos são instruídos a identificar em sua trajetória nupcial o modelo familiar que melhor se adegue ao seu projeto familiar. A partir de seu próprio testemunho, Mônica considera que existem três caminhos: 1)

Reproduzir o próprio modelo familiar arriscando-se ao anacronismo e ao conflito com o modelo do/a cônjuge; 2) Inventar um novo modelo ignorando ou tomando como fonte de inspiração o modelo familiar e aqueles que se ajustam ao contexto atual e ao do cônjuge; e 3) Elaborar um anti-projeto do modelo familiar pautando-se em exemplos considerados positivos extraídos do processo de socialização. Mônica argumenta que optou por este último modelo como forma de resistir e se opor ao anti-exemplo familiar que o seu pai impôs a ela, sua mãe e suas irmãs. Para ela, nesse modelo prevalece o conflito resultante da assimetria entre o homem e a mulher, estando os filhos submetidos aos caprichos dos pais (do pai propriamente falando). Para ela, o modelo que se opõe a esse está assentado na liberdade dos indivíduos e na igualdade entre os gêneros.

Na Trindade, por sua vez, os palestrantes insistem para que os casais reconheçam que a família só é capaz de manter-se unida quando incorporara Deus ao seu cotidiano. Os testemunhos mais importantes a esse respeito são os de Clarice e Augusto e Tadeu e Rosa, que através das palestras “Ser família no mundo de hoje” e “Testemunho do casal cristão” foram os casais que mais aprofundaram essa visão ao longo da pesquisa.

Na palestra “Ser família no mundo de hoje” Clarice e Augusto procuram mostrar que desde o início lutaram para ficar juntos. Inicialmente porque, a despeito do pai de Clarice expressar sua oposição ao relacionamento com Augusto, o marido procurou mostrar que não seria um obstáculo para a formação escolar e ascensão social da esposa. Para justificar esse conflito, Clarice lembra que o comportamento de seu pai era um resquício da família patriarcal a qual ela própria se opunha argumentando que à época do encontro com Augusto tinha inclinações feministas. O resultado disso foi que aceitou o pedido de casamento de Augusto que, mesmo tolerando o motivo de Clarice em assentir com o pedido, alimentou por anos a esperança de mudá-la, acreditando que a identificação com o feminismo comprometia sua autoridade como marido.

Antes do casamento, porém, Augusto e Clarice fizeram o curso de noivos. Chamando a atenção dos noivos para a importância das palestras, Augusto lembra que fizera o curso contrariado pois o que queria de fato fazer naquele final de semana era jogar sua pelada e tomar cerveja com os amigos. Como consequência, considera que não assimilou ao conteúdo do curso, o que lhe custou os primeiros 14 anos de

relacionamento com Clarice. Isso porque, Augusto analisa que começou pagando muito caro por não ter dado atenção à palestra sobre sexualidade e planejamento familiar, uma vez que ao contrário da ideia de ter filho só após o quinto ano de casamento, Clarice engravidou logo no terceiro mês de casamento e os dois filhos seguintes nasceram em um intervalo de um ano.

Segundo Clarice, o nascimento dos filhos em um curto espaço de tempo e o temor por novas gravidezes levaram seus pais a pedir que ela fizesse intervenção cirúrgica argumentando que havia o risco do marido abandoná-la. Para o casal esse tipo de interferência fora uma das razões que contribuíram para desentendimentos e o acúmulo de conflitos, o que resultou na sua separação em 1997. A separação, de acordo com Augusto, também fora afetada pela morte do pai, que era a sua principal referência familiar.

Durante a separação Augusto conta que rompeu definitivamente com Deus, advertindo que já havia se afastado da religião católica desde a adolescência quando se desentendeu com um padre e parou de frequentar a igreja, alegando que desde então o seu "papo era reto com Deus", o que fazia ele defender a prática do aborto e o uso de preservativo. Apesar de não se opor ao marido, Clarice observa que esse afastamento explica boa parte dos conflitos do casal, assim como os problemas que enfrentaram ao educar os filhos na doutrina católica, uma vez que eles questionavam a eficácia da catequese em razão das constantes brigas e agressões verbais observadas no ambiente doméstico.

Augusto argumenta que a perda do pai e separação da esposa o incentivou a procurar respostas para o "porquê" de aquilo estar acontecendo com ele. Em virtude disso, ele passou a frequentar reuniões ou culto do que considera ser seitas ou "religiões paralelas" como Seicho-no-ie, "macumba", umbanda, espiritismo e Igreja Universal do Reino de Deus. Nesse período ele perguntava a Deus "qual era a dele, afinal tinha me dado um pai, apresentado uma mulher que eu amava, bagunçado meu planejamento ao me dar três filhos e depois tirou tudo isso de mim".

Em outubro de 1998, no entanto, Augusto participou do Círio e brinca lembrando que o fato de ter rompido com Deus não havia comprometido sua fé em Nossa Senhora de Nazaré. Durante a procissão, Augusto lembra que conversou com a santa e ouviu dela que precisava parar de perguntar o "porquê" e começar a entender o "para quê" das coisas que haviam acontecido em sua vida. Segundo ele, aquele era

o sinal que faltava para o relacionamento com a esposa ser bem-sucedido, pois entendera que tudo que haviam vivido era necessário para eles crescerem na espiritualidade, melhorarem como pessoas, aprenderem a criar os filhos e ajudarem outros casais com seu testemunho.

Em dezembro do mesmo ano, Augusto procurou Clarice com a intenção de reatar o casamento, mas ouviu não como resposta. Após quatro meses insistindo Clarice aceitou pensar no assunto, mas para isso pediu que o marido cumprisse uma lista de requisitos redigida por ela. Augusto assentiu com a ideia e o casal passou a namorar. Dois anos depois voltaram a morar juntos.

Apesar de voltarem a morar juntos e reconhecer que o relacionamento havia melhorado, o casal considera que só passou a viver feliz quando participou do ECC, pois foi a partir da experiência de outros casais que descobriram as causas para o casamento ter dado errado nos primeiros 14 anos de relacionamento.

Augusto procura demonstrar que essas causas são produto das mudanças enfrentadas pelas sociedades a partir da segunda metade do século XX, estando associadas, dentre outras coisas, à entrada da mulher no mercado de trabalho e consequente emparelhamento de renda e direitos sociais, à redução no número de filhos, ao aparecimento da pílula anticoncepcional e à alienação familiar ("ausência de diálogo") decorrente das ferramentas tecnológicas. Sua explicação aproveita ainda o diagnóstico de que a família tradicional ou cristã é constantemente assediada pela agenda individualista para afirmar que substituição dos relacionamentos familiares por novos atores sociais submete a sociedade contemporânea à "praga do divórcio, às uniões livres, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, da produção independente e do sexo sem compromisso".

Augusto e Clarice consideram que o protagonismo alcançado pelos meios de comunicação, em especial do entretenimento audiovisual, contribui para a disseminação desta agenda. Isto porque, segundo eles, tanto as músicas como os programas de auditório, bem como as novelas exibidas pela TV Globo, afrontam o modelo baseado no padrão marido-mulher-filhos sugerindo sua desvalorização, ao passo que há uma valorização do que consideram ser a desordem. Assim, segundo Augusto, enquanto, por um lado a família que geralmente *não presta* é aquela formada por um homem, uma mulher e seus filhos – "o homem trai a mulher, a mulher trai o homem, os filhos são drogados" –, por outro "os casais felizes são formados por homens

sarados ou mulheres bem-sucedidas. Ou seja, as únicas famílias com problemas são as que correspondem a família tradicional".

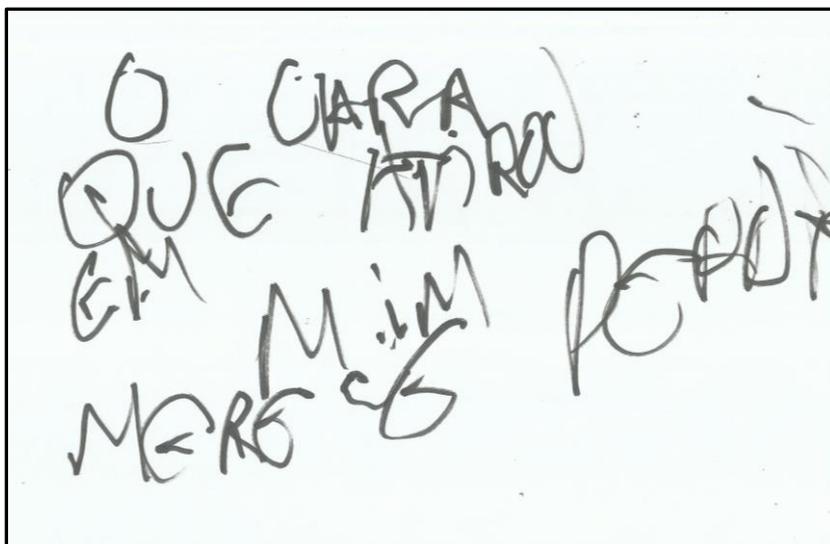
Embora os comentários de Augusto e Clarice sejam produto de uma interpretação pessoal, eles correspondem ao que se espera da pastoral enquanto organização responsável por elucidar as relações familiares contemporâneas face a expectativa idealizada pela igreja. Contudo, diferentemente do que se dá nesta e nas demais palestras, as pastorais também oferecem testemunhos de casais que não se alinham com o roteiro oferecido pelo Guia de Preparação. Estes testemunhos são normalmente oferecidos no último dia do encontro, como acontece em Fátima²⁷⁷, ou ao término do primeiro dia de encontro, como ocorre na Trindade. Isto porque ele tem o objetivo de revisitar os principais elementos abordados nas palestras anteriores, explorando o papel da igreja na construção da fé católica como orientação para a experiência conjugal e familiar, segundo os princípios da socialização evangelizadora e baseadas numa perspectiva extramundana.

Na Trindade, o testemunho mais frequente foi o do casal Tadeu e Rosa cujo filho fora baleado por uma assaltante na altura do pescoço e correu sério risco de vida. Entre os diversos problemas enfrentados pela família, durante a ocasião, Tadeu relata que se viu diante da conveniente possibilidade de vingar a tentativa de homicídio do filho reunindo pessoal e recursos para encontrar e matar o suspeito do crime. Ele afirma que não só havia reunido os recursos, como havia encontrado o suspeito e recebido apoio de amigos e familiares para "dar cabo do mesmo". Porém, numa visita de rotina, após algumas semanas em coma, o filho esboçou sua primeira reação,

²⁷⁷ Em Fátima, os casais que realizaram essa palestra se diversificaram. Lembrando que também fui convidado para palestrar sobre este tema, o que em geral se observa é a tentativa de chamar a atenção dos noivos para a importância da integração à comunidade como forma de alcançar o sagrado. Isso porque os palestrantes observam que mesmo tendo casado no religioso eles correm o risco de se afastar de Deus em razão da rotina, do trabalho ou da criação dos filhos. Quando eu e minha esposa demos nosso testemunho demonstramos que a rotina e o "interesse de viver intensamente os primeiros anos de casamento" nos levava a frequentar a igreja apenas nas missas – e ainda assim esporadicamente. Revelamos que o sentimento do sagrado se deu em um contexto que combinou o início de minha pesquisa, a perda de nosso primeiro filho e a experiência místico-religiosa que tivemos junto ao ECC. Esther e Murilo, por sua vez, relatam em seu testemunho que sentiram a necessidade de uma ligação maior com Deus após o marido superar um acidente que o levou ao coma e lhe deixou sequelas neurológicas que coincidiu com a detecção de autismo no primeiro filho do casal. Assim como havia ocorrido comigo e Alice, Esther e Murilo consideram que participar do ECC ajudou-lhes a sentir a presença do sagrado em sua relação uma vez que desde então passaram a integrar as diferentes atividades da Igreja de Fátima.

escrevendo numa folha de papel (que durante o testemunho é exibida no slide de apresentação), o seguinte texto: “O cara que atirou em mim merece perdão”.

Imagem 31 – Texto redigido pelo filho de Tadeu e digitalizado para exibição durante a palestra Testemunho do Casal Cristão.



Fonte: Slide 5, “Testemunho do Casal Cristão” (Belém, 26.09.2015).

O testemunho deste casal provoca enorme comoção. Contudo, ao fim de sua exposição ele mostra o filho saudável apresentando trabalhos acadêmicos em congressos na área militar, uma vez que após o incidente ele foi aprovado em concurso para a Marinha Brasileira. Fazendo isso, o casal acredita que o seu testemunho insere uma dimensão mística na experiência de socialização religiosa, pois ao narrar o incidente com o filho e sua posterior reabilitação, o casal ressalta o significado da religiosidade compartilhada pelos membros do grupo. Isto porque mesmo demonstrando que segue os princípios cristãos o casal teve sua fé colocada à prova ao interpretar que a experiência vivida pelo filho reflete o reconhecimento de Deus como força misteriosa que, a despeito dos desejos e projetos pessoais, age com finalidade pedagógica. Desse modo, Tulio e Rosa interpretam que a tentação para vingar a tentativa de homicídio do filho foi uma demonstração de como eles estavam sujeitos à crise de valores presente no mundo de hoje, “que não vê nas pessoas uma expressão da vontade de Deus, e procura nas suas ações um 'porque' sem se dar conta de que na verdade há em tudo que fazemos um 'para que' que está longe de nossa capacidade de discernimento”.

O casal conclui sua palestra exibindo uma foto com seus três filhos ao lado da árvore que o casal plantou quando se conheceu argumentando que ela estava ali para simbolizar o tempo, servindo-lhe de inspiração para ver o crescimento de sua família e os frutos que eles geraram. Tulio e Rosa exibem ainda um vídeo de dois minutos sobre a igreja católica. Através dele procura-se dar ênfase à sua influência milenar no mundo ocidental e os seus diferentes feitos para a humanidade, como a institucionalização do casamento e da família e a criação de instituições de ensino, orfanatos, contribuições para a ciência e defesa de direitos humanos²⁷⁸.

O significado do sacramento

Se por um lado as pastorais procuram abordar temas relativos à construção do relacionamento conjugal, a igreja, por outro lado, expressa o seu poder simbólico retratando o caráter normativo do sacramento religioso. Nos dois cursos, esse caráter se distribui em duas palestras: “Aspectos Jurídicos e Canônicos do Matrimônio”, cuja exposição é geralmente realizada por um especialista²⁷⁹, e “Sacramento do matrimônio”, realizada por um sacerdote.

Como os próprios membros da pastoral consideram o tema entediante, uma vez que nele a importância do testemunho é menos significativa, os palestrantes recorrem a crônicas no intuito de contextualizar os elementos normativos que configuram tanto a formalização como a sacralização do laço conjugal.

Na Trindade, onde Valentim fora recorrentemente convidado para dar a palestra sobre “Aspectos Jurídicos e Canônicos do Matrimônio”, estas crônicas se desdobram na comparação da fidelidade no casamento como a fidelidades dos torcedores aos times de futebol, mostrando para os noivos que permanecer ao lado do cônjuge é um desafio imposto pelo casamento religioso. Ele também compara o curso de noivos com uma loja de roupas onde os noivos que não entendem o significado do que estão fazendo são como os clientes que não sabem o que querem comprar.

Nesta perspectiva, o casamento é visto nesta palestra como uma instituição natural que só acontece por uma livre decisão e adesão, isto é, por meio de um pacto

²⁷⁸ Este vídeo pode ser acessado no link https://youtu.be/Z_E6Lw09z2Y

²⁷⁹ Na Trindade a maior parte das vezes ela foi exposta pelo diácono Valentim, que também é advogado, e pelo Juiz de Direito. Em Fátima esta palestra fora realizada por Antomar, advogado, e Raquel, promotora do Estado do Piauí.

de amor chamado de contrato. Esse contrato, porém, pode ser contraído de duas formas: o casamento civil, realizado em um cartório e perante um juiz, sendo tratado como um “contrato de aluguel de corpos”²⁸⁰, e o casamento religioso ou matrimônio, tido como sagrado uma vez que o sobrenatural é visto como parte constituinte de sua natureza.

Apesar da visão que desqualifica o casamento civil ser comum às duas pastorais, ele é definido como um “contrato de características especiais, pelo qual o homem e a mulher se unem legalmente, sob o compromisso de procriação, de fidelidade e de assistência mútua, com deveres específicos e comuns quanto à criação, manutenção e educação dos filhos” (“Definição de casamento”. Aspectos Jurídicos e Canônicos do Matrimônio, Slide de Apresentação, n. 1. Valentim, Trindade). Essa definição guarda consigo uma função bem definida, que é acionada para advertir que, apesar de ser desvalorizado no âmbito do curso, ele garante a preservação do patrimônio dos cônjuges. Mesmo assim, preserva-se a crítica de que, se ele é uma garantia é porque pressupõe que os relacionamentos estão sempre sujeitos a serem rompidos ao sabor das conveniências, o que o coloca no centro da crítica à cultura dos relacionamentos descartáveis implantada pela modernidade.

O caráter jurídico e institucional que acompanha essa crítica encontra sua ênfase com as dúvidas que os noivos manifestam ao longo da palestra. Em suas perguntas predomina o interesse pela tramitação do processo, pelas possibilidades de anulação, invalidação ou mesmo pelo regime de distribuição dos bens, questões práticas que para eles estão na ordem do dia, uma vez que, apesar de demonstrarem instrução, muitos casais desconhecem a série de componentes legais que estão envolvidos em sua decisão de casar.

O matrimônio, ou casamento religioso, por sua vez, é abordado como sendo um vínculo de natureza solene, caracterizado pelo consentimento mútuo, pelo ideal de felicidade compartilhada, por presumir a unidade e ser indissolúvel. Há nesta distinção uma tentativa declarada de sugerir que a escolha pelo casamento religioso é

²⁸⁰ Refletindo uma notória tentativa da pastoral em constranger os casais que são casados no civil o uso desta expressão remonta ao início do século passado. Segundo Campos (2016), não tendo se dado por vencido quando da edição do Decreto nº 181 de 24 de janeiro de 1890, o Clero atacava sistematicamente o que considerava ser o marco na “secularização das bodas”. Segundo o autor, o enlace civil era taxado de “mero contrato entre os homens e por isso, terminava ao sabor dos ventos e não tinha a misericórdia de Deus” (CAMPOS, 2016, p. 38).

“mais séria” que a escolha pelo casamento civil, e que se os noivos pretendem construir um relacionamento duradouro devem reconsiderar a ideia de que estão se casando para se tornarem felizes, pois uma aliança que se pretende duradoura se satisfaz com a proposta de tornar o outro feliz, uma recomendação que tende a se repetir continuamente ao longo do encontro. Neste sentido, o casamento religioso guarda um simbolismo de natureza cognitiva, pois além do imaginário protagonizado pela cerimônia – sobretudo em relação a entrada da noiva na igreja – enfatiza-se a certeza de que é uma escolha dirigida para um relacionamento *ad infinitum*, o que lhe opõe à simples intenção de estabelecer um vínculo sem o mesmo comprometimento.

Para expressar esse simbolismo os palestrantes atribuem grande importância à bênção oferecida durante a cerimônia do casamento, momento em que os noivos trocam promessas entre si na presença do sacerdote (“um representante de Deus”) e dos convidados (“a consciência da comunidade”). É por meio dela que, em Fátima, a pastoral acredita que o “sagrado entra no casamento”, o que leva os palestrantes a instruí-los sobre as técnicas que tornam a bênção eficaz, como sorrir expressando felicidade, falar com convicção e olhar fixamente um no outro durante os votos. Isso se faz necessário sobretudo porque tenta-se combater as “distrações” provocadas por elementos considerados alheios à cerimônia, como por exemplo os fotógrafos que interferem nesse momento a fim de obter o melhor ângulo para suas fotos ou as cerimonialistas que “passam o tempo todo arrumando a igreja” (Mônica, Fátima).

Nas duas pastorais essa perspectiva encontra-se reunida à palestra “Sacramento do Matrimônio”, que, no intuito de ratificar o que a igreja pensa sobre o casamento, é sempre realizada por um sacerdote. Nela se dá ênfase ao conceito de sacramento e sua origem litúrgica, onde predomina o discurso de que o matrimônio “é o instrumento de Deus para unir no amor um homem e uma mulher e que ele confere ao casal todas as bênçãos e graças, para que consigam ser fiéis e cumprir diante da Igreja, da comunidade e, principalmente, de Deus essa aliança conjugal”. (“Sacramento”, Slide de apresentação, n. 3). Com essa definição o palestrante tenta dissolver a ideia de que o casamento é uma ação passional, pois ao invés de paixão os pretendentes devem reconhecer que para se casar na verdade eles devem estar na Graça de Deus e em comunhão com a Igreja. Para isso eles precisam, entre outras coisas, de um amadurecimento pessoal, do conhecimento de si mesmo e do outro, de um planejamento financeiro que se adeque à realidade econômica do casal, de uma

preparação psicológica e espiritual e, o mais importante, que estejam prontos para se amar independente dos obstáculos que atravessem ao longo do relacionamento.

Caracterizado por ser uma exposição que remete insistentemente a passagens bíblicas, o conteúdo da palestra tenta disciplinar os noivos a adotarem ações espiritualizadas levando-os a crer que sua busca pela chancela religiosa não representa apenas uma decisão de foro íntimo e pessoal, mas um reconhecimento do papel exercido pelo divino e pelo sagrado na construção de sua identidade conjugal. Espera-se que eles saiam do encontro convertidos, possibilitando que o pensamento religioso penetre em suas vidas afastando-os do pensamento exclusivamente racional, individualista e utilitarista.

A hierofania nupcial

A codificação realizada ao longo do curso tem como principal objetivo despertar os noivos para o simbolismo do relacionamento conjugal classificando, hierarquizando e segmentando os elementos que o caracterizam. As palestras e testemunhos, contudo não são o único meio para isso. Durante a realização do curso, os organizadores do encontro exploram o conteúdo apresentado através de momentos de sociabilidade e interlocução entre os casais e os membros da pastoral. É através destes momentos que a pastoral explora o que Durkheim chama de sentimento de conexão e efervescência, uma vez que a assimilação pelos noivos do conteúdo oferecido durante o curso se expressa na forma de hierofania, ou seja, por meio de performances fortemente emocionais descritas (pelos observadores e pelos próprios noivos) como sendo fruto do encontro com o sagrado.

Em Fátima, o principal espaço destinado a essa manifestação ocorre no último dia de encontro e envolve a exibição de um filme, seguido de um momento em que os noivos ficam a sós e são estimulados a refletir sobre os temas abordados nas palestras. Esse momento é chamado de “namoro”.

O enredo do filme retrata a relação de um casal que, ao longo do casamento entra em conflito, à medida que comportamentos e hábitos dos parceiros acentuam a falta de diálogo e a ausência de Deus no relacionamento. Para representar esse

conflito, um muro é literalmente, erguido a cada novo desentendimento²⁸¹ por um personagem que embora não interaja com o casal habita a mesma residência. Quando o filme acena para a separação do casal, amigos e parentes passam a convidá-los a frequentar a pastoral de casais da igreja católica. Assim que o casal aceita o convite para participar da pastoral e passa a empregar seus conselhos no relacionamento, imediatamente os tijolos que formam o muro começam a ser retirados e o casal passa a demonstrar uma convivência harmônica.

Utilizado como representação da importância da igreja como fiadora do êxito conjugal, o filme destaca, ainda, a necessidade da vigilância constante, uma vez que na discussão que segue ao seu término, o casal coordenador lembra que o personagem responsável pela construção do muro, a qual muitos dos presentes se referem como o “demônio” ou a “tentação”, é parte integrante da vida conjugal.

Após os comentários sobre o vídeo, os casais são convidados a se retirar da sala onde é realizado o curso. Nesse momento, os membros da pastoral se encarregam de preparar o ambiente para o que chamam de “namoro a dois”, atividade na qual os noivos são deixados a sós e instruídos a refletir sobre o aprendizado do curso. As cadeiras são dispostas uma ao lado da outra, enquanto caixas de som ligadas a um computador são utilizadas a fim de reproduzir músicas românticas dos anos 1990. Passados alguns minutos, as noivas são convidadas para entrar. Lá dentro recebem uma carta enrolada por uma fita azul contendo uma mensagem que deve ser entregue ao noivo.

Os noivos por sua vez, ficam do lado de fora. Enquanto esperam para entrar na sala também recebem mensagens em papel enrolados em fita, mas de cor vermelha, além de uma rosa vermelha que deve ser entregue a noiva. Membros da pastoral ficam responsáveis por instruir-lhes quanto à atividade. Encerrados os preparativos, os noivos são autorizados a entrar e lá permanecem por cerca de 5 minutos. Passado este período os membros da pastoral entram e pedem que os noivos se distribuam no espaço formando um círculo. Na oportunidade, os noivos são convidados a expressar suas impressões do encontro e avaliar o significado do que lhes fora apresentado.

²⁸¹ Tais desentendimentos são provocados, principalmente, por diferenças baseadas nas relações de gênero, conforme nota-se nas cenas que retratam o espanto do marido ao se deparar com a esposa utilizando máscara facial antes de dormir, o inconformismo da esposa com a deformação da pasta de dente causada pelo marido e o fato do mesmo escolher passar as noites com os amigos no bar ao invés de jantar com ela.

Imagem 32 – Noivos de posse das rosas recebendo instruções antes de iniciar a atividade “namoro a dois”. Encontro de Preparação para o Matrimônio, Paróquia de Fátima (Teresina, 25/08/2016).



Fonte: Arquivo do autor

Durante essa avaliação é possível notar muitos noivos com a face vermelha e olhos marejados, denunciando que a dinâmica foi emocionalmente intensa. Alguns deles aproveitam para expressar sua gratidão com o aprendizado obtido, acenando com a ideia de que sem o curso não saberiam como lidar diante de escolhas e situações que acreditam serem típicas do relacionamento conjugal. Outros ressaltam que o curso foi responsável por mudar sua opinião em torno do casamento, lembrando, às vezes entre lágrimas, que foram despertados para o seu significado espiritual.

Na Trindade, onde a sociabilidade é mais estimulada, os noivos encontram pelo menos três momentos diferentes para expressar que a relação é um encontro com o sagrado. O primeiro deles ocorre na apresentação, quando, por ocasião dos questionamentos de Augusto sobre os motivos para realizar o casamento religioso, muitos noivos ensaiam a crença de que estão juntos por obra do sobrenatural. A maneira como dois casais se conheceram, coincidentemente relatadas no 303 Encontro, por exemplo, chama a atenção a esse respeito.

No primeiro deles, Noeme relata sua experiência como noiva em um relacionamento que durou 7 anos, mas que terminou, segundo ela, porque "não era para ser,

o meu ex não era a pessoa certa". Com a voz embargada, ela lembra que após o fim do relacionamento estava muito triste e durante a transladação de Nossa Senhora, em frente ao Colégio Nazaré, fez uma oração pedindo à santa que lhe apresentasse "um homem bom, que goste de mim e que eu goste dele e que juntos possamos construir a nossa família; eu não quero luxo, não quero riqueza, só quero ter uma família". Noeme afirma que, após fazer este pedido o telefone tocou. Era Maurício, àquela altura somente uma paquera. No entanto, Noeme afirma ver naquilo um sinal, e que inúmeros eventos posteriores a fizeram crer que a história do casal é um milagre.

Roberto, por sua vez, conta que conheceu sua noiva, Priscila, na academia de ginástica que ambos frequentavam. À procura de um motivo para convidá-la a sair, perguntou se era católica e obtendo sim como resposta, resolveu convidá-la para participar da adoração ao Santíssimo na Basílica de Nazaré. Tomando a palavra, a noiva considerou que, apesar de inusitado, o convite fora bastante original. Ela, no entanto, recusou, mas pediu o número de Roberto e disse que se tivesse interesse ligaria para ele. Ao longo dos dias pensou melhor sobre o assunto, imaginando que seria necessário a interlocução com alguém que gostasse de igreja, pois ela própria havia sido "criada na igreja", em São Paulo, de onde havia migrado em razão do trabalho. Com isso, iniciaram uma aproximação, conversando e trocando mensagens de celular sobre assuntos religiosos e, na semana seguinte, ela aceitou o convite para ir à adoração. Roberto, no entanto, confessou pela primeira vez que ao ver Priscila à sua frente no momento em que o santíssimo passava pelo corredor da igreja falou em voz baixa "Senhor, se for ela que seja". Ao concluir este relato, Roberto se via entre lágrimas e enquanto os presentes no curso o aplaudiam, ele se dirigiu à Priscila e disse "É ela".

Estes relatos chamaram a minha atenção por que, ao lado de outros que possuíam o mesmo conteúdo e foram expostos nos encontros seguintes, ressaltavam o caráter hierofânico do relacionamento amoroso. Por essa razão, eram assimilados como prova de que o casamento é um milagre ou um acontecimento de fé que deve ser encarado com responsabilidade pelos noivos.

Durante o curso, porém, esta "prova" de que os casais estavam prontos para assimilar o significado sagrado do relacionamento, revelou ser também um instrumento de persuasão utilizado para familiarizar os noivos com o imaginário e o vocabulário católico. Como consequência, o casal apresentador e os palestrantes, não só lembravam dos noivos que "davam exemplo", como procuravam apontar as distorções

na motivação para o casamento daqueles noivos pouco familiarizados com a linguagem religiosa²⁸².

Nota-se o estímulo à expressão da relação entre o noivado e o sagrado também na dinâmica que ocorre antes da palestra sobre “A família no mundo de hoje”, ainda no primeiro dia. Chamada “Dinâmica de grupo”, a mesma tem como objetivo descontrair os casais²⁸³. Trata-se de uma brincadeira estilo batata-quente em que 5 casais são convidados a subir no palco quando a bola que circula ao som de uma música regional para em suas mãos. A passagem da bola é realizada entre os noivos e deveria seguir a ordem em que eles se encontram sentados. Porém, à medida que ela circula e a música toca, a tendência é que os casais fiquem mais eufóricos e temerosos de serem “convidados” a subir ao palco. Como resultado, em algumas ocasiões os noivos jogam a bola para o alto, para os lados ou empurram com a ponta dos dedos para a frente, sendo logo em seguida advertidos por Augusto que os ameaça, chamando aqueles que não realizam a atividade da maneira correta. Essa tentativa de evitar a bola, expressa a vontade dos noivos em não serem vistos, pois a condição para a realização da dinâmica é que eles exponham suas experiências mais íntimas.

No palco, eles são obrigados a responder uma das seguintes perguntas: a) como se conheceram? b) qual o fato mais pitoresco do relacionamento? c) como foi o pedido de casamento? d) vocês já brigaram após o noivado? Se sim, conte para nós; e) qual a música que mais lembra o amor de vocês?

Durante as respostas dadas pelos casais, o casal apresentador realiza perguntas que estimulam os noivos a se aprofundarem na reflexão sobre suas motivações e intenções ou mesmo com o propósito de revelar detalhes ocultos no processo de socialização nupcial. Curiosamente, os noivos tendem a “confessar” o que fizeram para estar juntos ou mesmo para justificar a união, como no caso de noivas que forçaram o parceiro a tomar a decisão de casar sob a ameaça de romperem o relacionamento.

²⁸² Muitas das vezes esses apontamentos são feitos de maneira jocosa, o que pode gerar risos, mas também constrangimentos. Durante a apresentação, quando os noivos ficam de pé, o constrangimento se exprime através de olhares furtivos e em direção ao solo, sorrisos breves e contidos, contração corporal em direção ao parceiro, fala baixa e engasgada, aproximação constante e repetitiva das mãos ao rosto. Quando os noivos estão sentados eles tendem a cruzar os braços e balançar, suave, mas negativamente a cabeça.

²⁸³ Esta brincadeira não se encontra no Manual. Foi criado por Hélio e Gerson na metade da década de 1990.

Em alguns casos confessam também que estão sofrendo oposição da família por ter tomado a decisão de casar.

No curso da pesquisa notei, ainda, que em três vezes a escolha do casal que responde a terceira pergunta (“como foi feito o pedido de casamento”) foi manipulada pelos membros da pastoral. Isso acontece quando o responsável por pela brincadeira com a bola, para a canção no momento em que a bola se encontra na mão do casal que durante a apresentação revela que não houve o pedido de casamento. Embora não seja uma coincidência, nestas ocasiões, em virtude do casal que responde ficar no centro do palco e à frente do crucifixo utilizado por ocasião das celebrações litúrgicas, Augusto aproveita para chamar atenção dos presentes de que aquilo foi uma escolha de Deus, que colocou o casal para responder essa pergunta “na frente do seu filho mostrando que o espírito santo quer abençoar essa união”. Os casais terminam por trocar aliança e sob aplausos, fotos e filmagens expressam sua comoção revelando que aquela experiência demonstra o quanto seu relacionamento é sagrado. A sensação parece ser compartilhada pelos demais noivos, que ao fim da dinâmica encontram-se contagiados fazendo declarações, abraçando o companheiro ou beijando-se entre lágrimas.

Ao final da dinâmica, o casal que despertou maior comoção ou arrancou mais gargalhadas é convidado pelo casal apresentador a substituí-lo no anúncio da próxima palestra.

Imagem 33 – Casais selecionados para a dinâmica realizada durante o 302º encontro (Belém, 22.08.2015).



Fonte: Arquivo do autor

Imagem 34 – Pedido de casamento durante dinâmica realizada no 306º encontro (Belém, 12.12.2015).



Fonte: Arquivo do autor

O terceiro e último momento em que a hierofania nupcial pode ser identificada no curso ocorre durante o encerramento, quando o casal apresentador convida os noivos a compartilhar o significado da experiência que viveram ao longo dos dois dias.

No decorrer da pesquisa, observei que este era um momento muito importante para a pastoral que avaliava a eficácia do curso contabilizando o número de casais dispostos a darem seu testemunho, identificando o nível de assimilação do conteúdo, seu efeito sobre a conversão dos noivos e a performance emocional expressa pelos mesmos.

Isto significa que quando um ou nenhum casal aceitava o convite para expor seu testemunho era sinal de que o curso não havia causado boa impressão, ao passo que quando três ou mais casais o aceitavam, a tendência era considerar que o curso atingiu as expectativas da pastoral²⁸⁴. Essa avaliação, no entanto, também levava em conta a opinião dos noivos sobre o significado do casamento, pois caso fossem capazes de estabelecer conexões entre o conteúdo do curso e seu próprio relacionamento demonstravam que o sentido da religiosidade e os conceitos apresentados pelos palestrantes foram satisfatoriamente assimilados.

A eficácia do curso também é avaliada quando os noivos expressam em seus testemunhos e registros no questionário “Avaliação de assimilação” (ANEXO A) a intenção de converter-se²⁸⁵. Neste caso, reconhecem que, em virtude do individualismo e do “mundo de hoje”, ignoravam a importância da relação entre casamento e religiosidade, mas que face ao modelo conjugal apresentado pela pastoral passariam a adotar um comportamento que reduz os riscos sobre o relacionamento. Cabe destacar, contudo, que as noivas tendem a tomar a iniciativa do testemunho e, por mais que sejam as que mais expressem seus sentimentos, os presentes sentem-se mais emocionalmente afetados quando são os noivos que protagonizam, ainda que de forma contida, a performance emocional descrita.

²⁸⁴ Em apenas uma oportunidade registrei uma crítica direta ao encontro. Quando isso aconteceu, porém, encontrei-me totalmente mergulhado na experiência de sujeito da pesquisa. Isso ocorreu no encontro de maio de 2015 quando uma das noivas manifestou sua frustração com a ausência de casais com pouco tempo de casamento e que pudessem relatar sua experiência como noivos. Pretendendo atender o desejo da noiva, Augusto convidou eu e Alice para dar o nosso testemunho, uma vez que estávamos próximo de completar dois anos de casado no religioso. Nesse momento fui tomado pela dúvida em saber que tipo de linguagem deveria usar. Após o ritual de apresentação relatei a feliz coincidência de eu estar ali como colaborador e ser um pesquisador interessado pelo tema do noivado. Disse-lhes que era muito importante que cada um dos noivos tirasse o melhor proveito do conteúdo pois cada uma das palavras que generosamente haviam ouvido durante o encontro faria grande diferença em seu cotidiano conjugal. Concluí relatando minha gratidão pela acolhida dos membros da pastoral e admiração pelo trabalho desempenhado pelos mesmos.

²⁸⁵ Estas fichas foram objeto de análise no APÊNDICE B.

CONCLUSÃO: O NOIVADO COMO UNIDADE CULTURAL

A questão sobre a qual me debrucei ao longo dos quatro anos em que realizei a pesquisa que resultou neste trabalho foi bastante simples: o que é o noivado? Como decorrência disso me dediquei a explorar, o mais exaustivamente possível, as nuances que fazem dele uma unidade cultural. Meu principal intuito foi aperfeiçoar o estudo dos rituais, vinculando-o a teoria do parentesco, com especial atenção para a compreensão dos processos de aliança.

Preocupado em demonstrar que o noivado não se destina exclusivamente a preparar os sujeitos para o casamento e a vida conjugal, conforme sugere parte da literatura sobre os rituais, sua análise requereu a sistematização do vocabulário que define seu estatuto conceitual, o que permitiu explorar um leque mais amplo de recortes interpretativos.

O primeiro deles foi discutido ao longo do capítulo 1, onde procurei abordar a ideia de que os ritos tradicionalmente associados ao noivado se encontrariam em extinção. A principal fonte para essa abordagem foram as teses levantadas por Segalen (2002) e Coulmont (1999), segundo as quais há uma tendência do mesmo em ceder às transformações modernas tornando-se plástico e maleável. Por meio da revisão historiográfica e sócio-antropológica procurei deixar claro que estas características resultam da ambiguidade de sua ritualização (se por etapas ou em um único ato), da disputa entre diferentes atores pelos símbolos que definem sua eficácia social (particularmente o consentimento), da natureza polissêmica de sua etimologia, da pluralidade de arranjos conjugais, das normas da sociedade de consumo e do simbolismo da aliança em sociedades individualistas.

Procurei mostrar ainda que, desde o final do século XIX, o noivado tem atraído a atenção de juristas, teólogos, educadores e, mais recentemente, especialistas ligados ao mercado de casamentos, que, sob influência de diferentes, valores buscam disciplinar o comportamento dos noivos. Entre os recursos utilizados por esses atores, o principal deles são os manuais destinados a prescrever o tipo de conduta socialmente aceitável em relação ao casamento. Contudo, estudos mais recentes, incluindo pesquisas realizadas no Brasil, passaram a dar ênfase à interpretação de estratégias individuais, seja para manipular os códigos de conduta que normatizam a ação dos noivos, seja para incorporar nesses mesmos códigos, às intersecções de classe,

gênero e renda, o que justifica, por exemplo, a emergência dos chamados “casamentos espetáculo”.

O restante do capítulo foi uma tentativa de situar o noivado no campo da ação propriamente dita, tomando como base o vocabulário responsável por defini-lo enquanto um tipo de relacionamento. Para isso me dediquei a situar o noivado no âmbito do parentesco, demonstrando que o que está em curso durante sua ritualização é a negociação em torno dos significados que suas práticas produzem no conjunto das relações que cercam o processo de aliança, não sendo possível, portanto, abordá-lo apenas como um prelúdio ou uma passagem como sugere o esquema apontado por Arnold Van Gennep. Chamando atenção para o sistema de contraprestações presente nas trocas matrimoniais, as descrições etnográficas analisadas apontam para a existência de três formas principais do noivado: pelo rapto ou roubo da noiva, por acordos familiares (forma arranjada) e por livre iniciativa dos interessados (forma livre), esta última predominante no mundo ocidental em virtude do processo de urbanização e do avanço do individualismo como ideologia.

Levando-se em conta a literatura recente e o noivado por livre iniciativa como um modelo pelo qual poderia explorar sua prática no contexto sociocultural brasileiro, procurei, ao longo do capítulo 2, identificar os valores, crenças e símbolos que regulam sua escolha como um tipo de relacionamento no mundo urbano. Para realizar esta tarefa apoiei-me, inicialmente, nas contribuições de Thales de Azevedo, cuja descrição acerca das regras de conduta relativas ao namoro e ao noivado na passagem do século XIX e início do XX, tornaram possível dialogar com os significados e práticas nupciais que emergiram, variaram ou alcançaram o imaginário e a experiência atual. Recorri também a dados censitários para retratar as transformações demográficas que esse processo acompanha.

No âmbito do imaginário, procurei, no mesmo capítulo, chamar a atenção para o vocabulário que permeia os significados da ritualização nupcial, como uma linguagem cultural, no mundo contemporâneo. Isso permitiu identificar a relevância das redes sociais como reprodutoras do sentido e potencializadoras da eficácia simbólica contidos em determinadas práticas, como o pedido de casamento; a recorrência da categoria “sonho” na imprensa como implicação das tensas relações existentes entre os noivos e o mercado; e, por fim, o papel do cinema que, a pretexto de servir de inspiração a partir das listas de filmes sobre o noivado elaborados por sites de internet

dedicados a preparação do casamento, é responsável por formular, atualizar e manipular os símbolos e as condutas que cercam a subjetividade e a experiência dos noivos.

A questão da experiência nupcial foi abordada na segunda parte do trabalho, em quatro capítulos, sendo o primeiro deles dedicado a descrição da metodologia empregada e suas nuances. Entendendo este recorte como uma fórmula utilizada para explorar o “reino prático da ação”, no capítulo 4 me dediquei a compreender a identidade dos interlocutores entrevistados em três cidades brasileiras (Belém, Teresina e Brasília), chamando atenção para a escolha do noivado como estilo de vida, os conflitos e as negociações em torno das relações de gênero e os significados da afinidade e dos sentimentos na construção do self em camadas médias. O capítulo 5, por sua vez foi dedicado a decompor e interpretar a gramática da ritualização nupcial mostrando as fases que participam do processo de formação do novo casal, entre eles o pedido de casamento e sua antítese, o “empatar”, e a preparação para o casamento, seja ele “no civil”, “no religioso” ou como relacionamento conjugal. Por fim, o capítulo 6 aborda a relevância do parentesco e do sentimento de família na configuração do modelo de relacionamento a ser vivido pelo casal, as estratégias de sociabilidade e o valor da intimidade na construção dos laços que transformam o noivo em um parente, e o papel da moradia como marcador simbólico da constituição de um novo casal.

Em linhas gerais, procurei retratar nesta segunda parte do trabalho a maneira pela qual os códigos relacionados ao simbolismo do noivado repercutem na socialização dos sujeitos, nas ideologias que atualizam sua eficácia como rito social e no idioma que caracteriza o sistema de alianças no contexto das camadas médias urbanas. Acredito que por meio dele foi possível constatar, em conformidade com o que escrevera Van Gennep (2011), a presença de “fases invariantes” no processo de ritualização nupcial. Estas, contudo, demonstram variar em função das próprias mudanças que acompanham o significado da aliança e dos arranjos familiares no decorrer do tempo. Isto permite, por exemplo, chamar a atenção para o pedido de casamento que, enquanto num passado recente era uma iniciativa exclusivamente masculina, controlada e condicionada pelas negociações de terceiros, além de ser dotada de poucas referências sentimentais, nas últimas décadas se tornou um rito cada vez mais íntimo, orientado por expectativas e performances emocionais, além de oferecer campo para as experiências afetivo-sexuais típicas do que social e historicamente se considerou

pertinente à conjugalidade. Isto não impede, porém, que os aspectos socioeconômicos, como instrução, renda e moradia, continuem determinando a decisão de casar e o próprio consentimento, ou que a aprovação e assimilação por parte dos parentes continue tendo um peso significativo na formação da nova unidade doméstica.

Considero que o mesmo também vale para as relações de gênero, que apesar de seguir sendo uma fonte de reflexão sobre a persistência de assimetrias, em termos de valores e direitos, expressa um maior protagonismo feminino, seja na condução das negociações que cercam as diferenças de conduta sexual, seja na mobilização de parentes e recursos para realizar o que em seu imaginário constitui-se como “sonho”. Os homens, que não deixam de recorrer a valores e símbolos associados a uma identidade patriarcal ou a uma cultura que se pretende predominantemente masculina, por sua vez, expressam resistência, e no intuito de fazerem valer suas crenças e ideologias empregam o discurso econômico e o simbolismo da moradia, para ficar em dois exemplos, como formas de codificação da ritualização nupcial.

Em comparação com a primeira parte do trabalho, a segunda, portanto, expressa como os sujeitos assimilam, manipulam e/ou reproduzem os códigos que estão disponíveis na cosmologia – para empregar uma concepção cara a Tambiah (2018) – do universo em que ritualizam o noivado.

A atitude dos sujeitos diante deste universo, contudo, é mediada por outros atores, entre eles a família, que, conforme expus, é a referência originária na adoção de suas condutas, mas também o mercado e as igrejas, que procurei analisar na terceira e última parte do trabalho, a partir da pesquisa etnográfica.

Reconhecendo nestes atores um papel institucional, isto é, o poder para modelar e uniformizar a ação, estabelecendo os termos, das divisões e posteriores classificações da realidade, assim como para o autoconhecimento e a fixação de identidades, abordei, no capítulo 7, a “indústria do casamento”, com especial atenção para as feiras de noivas. No decorrer do texto expus as dimensões de gênero que orientam o imaginário do casamento enquanto “sonho”, demonstrando que a emergência desta categoria se dá em um processo de valorização do protagonismo feminino, mas também da atuação de agentes que, em benefício do consumo conspícuo, cultivam a crença na eficácia do ritual de casamento como forma de torná-lo uma escolha e uma experiência extraordinária.

Nos capítulos 8 e 9 procurei expor a atuação da igreja católica no âmbito do noivado. Primeiro, descrevendo minha iniciação como observador e participante e a estrutura dos cursos de noivos realizados pelas pastorais familiares das paróquias da Santíssima Trindade, em Belém, e Nossa Senhora de Fátima, em Teresina. Depois, analisando a construção da identidade conjugal católica por meio da codificação protagonizada através de palestras e testemunhos. Meu objetivo ao longo destes textos foi retratar o modo como os membros da igreja operam, a partir de noções relativas ao sagrado, os significados de um casamento bem-sucedido, disciplinando os noivos que frequentam seus cursos, a assimilá-los como valor e modelos de conduta.

A fim de retratar o modo como o processo de assimilação destes códigos é estimulado pela pastoral familiar, apresentei dados relativos às técnicas utilizadas para produzir, entre os noivos, estados de encontro com o sagrado, o que chamo de “hierofania nupcial”. Por meio delas notei o incentivo para que os casais se exponham uns aos outros do ponto de vista emocional e expressem, para os demais, a dimensão miracular do relacionamento. Em torno disso, está a tentativa da igreja católica em romper com o que acredita ser um contexto disfuncional (favorecido pela modernidade e o etos individualista), competindo com outros atores na cena cultural – entre eles o mercado – para definir o verdadeiro sentido da conjugalidade no mundo contemporâneo. O noivado torna-se, assim, um campo de batalha institucional em que o trabalho de sacralização passa pela renúncia ao imaginário corrente e a prescrição das práticas que favorecem um casamento duradouro e “bem-sucedido”.

Em vista do roteiro utilizado para construir esta tese, posso afirmar que a ordem de fatos sobre a qual me debrucei ao longo da pesquisa não permitem isolar o noivado como fenômeno circunscrito aos ritos de passagem, pois ele próprio constitui-se como um domínio polissêmico, cujo significado varia em função das experiências dos atores e dos interesses que as instituições têm sobre ele. Da mesma forma, os códigos que compõem o noivado são expressões de uma combinação entre invariâncias e ajustes às transformações que acompanham a mudança sociocultural. Desta forma, a ação performática presente na ritualização nupcial demonstra que, ao contrário do que se poderia imaginar, a tendência dos valores considerados “mais tradicionais” não é se extinguir com o agudo senso de modernização e individualismo que cerca o mundo contemporâneo ou as camadas médias, para ser mais preciso, mas se combinar à uma moralidade flexível, em que se alterna o apego à reprodução de valores e

padrões sociais com as estratégias oferecidas pelo contexto da situação – para usar uma expressão cara à Malinowski (1935) – e a eficácia simbólica que o ritual exerce no imaginário coletivo.

Os pesquisadores recentes acertam, portanto, ao retratar sua ritualização como um fenômeno plástico e polissêmico, mas esta é uma inerência que por muito tempo foi relegada por predominar sobre o mesmo uma interpretação funcional e estrutural, na qual lhe era atribuído o papel de fim, quando, na verdade, o noivado e os ritos pré-nupciais podem ser tanto meio como um fim em si mesmo, visto as experiências em que casais transformam “teste drives” em relacionamentos conjugais de fato – às vezes indefinidamente, como é o caso das uniões consensuais – e os litígios judiciais em torno de seu rompimento (fato que ainda merece a atenção dos pesquisadores interessados pela temática).

Acrescento a isso, a própria impressão obtida antes e durante a realização da pesquisa, quando mudanças econômicas e suas reverberações geopolíticas desencadearam alterações de âmbito cultural. A ascensão de lideranças reacionárias em nações como a norte-americana, filipina, húngara, austríaca e, mais recentemente no Brasil, somadas às rupturas institucionais verificadas na zona do Euro, são representativas desse processo, tendo dado uma importante injeção de confiança entre aqueles que usam da “pós-verdade”, isto é, de narrativas sem amparo na realidade, para atualizar crenças e modelos tradicionais de relacionamento e sociabilidade. Assim nasceram, entre 2015 e o momento em que escrevo esta conclusão, agendas pautadas no revigoramento de uma ordem social hierárquica e assimétrica, seja através da revisão de papéis nas relações de gênero e de geração, seja através do enfrentamento aos direitos civis, o que inclui a supressão da sexualidade como expressão cultural e a criminalização dos arranjos afetivo-conjugais não-heterossexuais e não-cisgênero.

Tendo feito coro entre alguns dos interlocutores e sendo predominante no universo do catolicismo (conforme demonstrado no APÊNDICE B), essas narrativas expressam as tensões que o mundo contemporâneo lança sobre o processo de aliança, mostrando que a ritualização nupcial está imbuída de um diálogo com o meio social e as simbolizações que acompanham sua inevitável transformação.

Encerro definindo o noivado, em sua forma livre, como uma unidade cultural que integra o sistema de aliança das sociedades individualistas. Neste sentido, salvo

melhor descrição, o mesmo corresponde geralmente a um tipo de relacionamento em que o casal torna pública e notória, seja por meio da exibição pública de um anel no dedo anelar da mão direita, seja adotando comportamentos característicos, a intenção de estabelecer entre si um vínculo duradouro e socialmente reconhecido. Intercala-se, assim, entre o namoro, quando conveniência e as condições materiais favorecem um pedido ou anúncio de casamento seguido de consentimento, e a coabitação, podendo esta transição ser ou não solenizada através de uma cerimônia de casamento civil ou religiosa. Por fim, sua ritualização é mediada por instituições, cujos interesses se desdobram entre disciplinar significados e práticas e garantir a manutenção de um relacionamento bem-sucedido.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. O. **Infidelidades: representações femininas e masculinas**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
- ADORNO, T. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGUIAR, K. S. **Quando é da família, é melhor!: família e casamento entre cearenses em Santarém-Pará**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
- ALENCAR, B. R. O. **Matrimônio, migração e homogamia na Belém do entre - séculos (1995-2006)**. 2008. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.
- ALENCAR, B. R. O. **Entre a regra e as estratégias: uma abordagem antropológica do processo de escolha do cônjuge**. 2011. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
- ALENCAR, B. R. O. "A Gente Escolhe Amar": o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 3, p. 53-81, jan./jun., 2013.
- ALENCAR, B. R. O. Tradição e modernidade: o noivado como rito de passagem em Belém do Pará. **Margens**, Abaetetuba, v. 11, n. 8, p. 27-48, 2014.
- ALENCAR, B. R. O.; RODRIGUES, C. I. Entre o sagrado e o profano: a perspectiva ritual de noivos e pastorais familiares sobre o noivado em Belém do Pará. In: **Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal, 2014.
- ALENCAR, B. R. O. Entre o sagrado e o profano: a ritualização do noivado em uma sociedade em transformação. In. IV Congreso Latinoamericano de Antropología. **Programa General del...** Cidade do México: Instituto de Investigaciones Antropológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, 7 a 10 de novembro de 2015 (a).
- ALENCAR, B. R. O. A evangelização da conjugalidade: a construção da identidade conjugal católica em cursos de preparação para a vida matrimonial. In. XI Reunión de Antropología del Mercosur. In. **Actas de la...** Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 30 de novembro a 4 de dezembro de 2015 (b). Disponível em: <http://xiram.com.uy/actas-del-congreso/grupos-de-trabajo/ponencias-grupo-de-trabajo-61>
- ALENCAR, B.; MARES, L. (Orgs.). **Etnografias do afeto: construindo relações de parentesco, aliança e sexualidade em sociedades em transformação**. Belém: Ed-FPA, 2018.

- ANDRADA, D. P. **Casamento Perfeito**. Lisboa: Sá da Costa, 1944 [1630].
- ARIÈS, P. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARSENEAULT, C; ROBERGE, M. **Réflexion sur le rite contemporain des fiançailles: vers une hybridation des rites**. *Ethnologies*, vol. 28, n° 2, 2006, p. 29-51. Disponível em <http://www.erudit.org/revue/ethno/2006/v28/n2/014982ar.pdf>
- AUGÉ, M. **Os domínios do parentesco**. Lisboa: Edições 70, 1978.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon, 1962
- AZEVEDO, T. **As regras do namoro à antiga: aproximações socioculturais**. São Paulo: Ática, 1986.
- AZEVEDO, T. Fazer a corte, no Brasil: o namoro e a paquera. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n. 30, pp. 117-126, 1978.
- BACHOFEN J. J. **Myth, Religion, and Mother Right: Selection Writings of J.J. Bachofen**. New York: Princeton University Press, 1967.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BARROS, J. **Espelho de casados**. Porto: Oficina Vasco Diaz Tanco de Frexenal, 1540. Disponível em <http://purl.pt/15191>
- BECKER, H. S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BENVENISTE, É. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**. Paris: Minuit, 1969.
- BERGER, P. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERQUÓ, E. S.; GARCIA, S. M. Brasil em transição demográfica. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, p. 76 - 81, 15 fev. 2012.
- BLANK, M. **A princesa, a gata e a borralheira: imaginários, construções e desconstruções de casamentos**. 222f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- BODEN, Sharon. **Consumerism, romance, and the wedding experience**. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2003.
- BOURDIEU, P. Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. **Annales**, Paris, v. 4-5, 1972.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983, p. 82-12.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Difel: Lisboa, 1989.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996, pp. 74-82.

BOURDIEU, P. Codificação. In. _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 96-107.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. “Os ritos de instituição”. In. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 97-106.

BOZON, M.; HÉRAN, F. La découverte du conjoint. Évolution et morphologie des scènes de rencontre, **Population**, n. 6, p. 943-984, 1987.

BOZON, M.; HÉRAN, F. La découverte du conjoint. Les scènes de rencontre de la vie conjugale, **Population**, n. 1, p. 121-151, 1988.

BURGESS, E., HARVEY, J. L. **The Family: from institution to companionship**. New York: American Book Company, 1945.

CAMPOS, I. D. Casamento, custos e religiosidade: Belém, século XX (1916 - 1940). **Fronteiras**, v. 12, n. 21, p. 179-201, jan./jun. 2010.

CAMPOS, I. D. **Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais (Belém, 1916-1940)**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

CAMURÇA, M. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos, **BIB**, São Paulo, n. 56, 2003, p. 55-69.

CANCELA, C. D. **Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX**. (Dissertação). Mestrado em Antropologia. Campinas: UNICAMP, 1997.

CANCELA, C. D. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém, 1870-1920)**. (Tese de Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Edusp, 2017.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. **Série Antropologia**, n. 413, 19p., 2007.

CARDOSO, E. B. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)**. (Tese). Doutorado em História, Niterói: PPGH/UFF, 2010.

CARDOSO, R. **Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CARSTEN, J. **Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship**. Cambridge University Press, 2000.

CARSTEN, J. A matéria do parentesco. R@U - Revista de Antropologia da UFSCar, São Carlos, v. 6, n.2, jul./dez., pp. 103-118, 2014.

CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S. (Eds.). **About the house. Levi-Strauss and beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Eugenia e casamento. **História, Ciências, Saúde - Manuais**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, dez. 2003.

CAULFIELD, S. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Editora Unicamp, 2000.

CAVALCANTI, M. "Cultura e ritual: trajetórias e passagens." In: Everardo Guimarães Rocha (Org.). **Cultura e imaginário. Interpretação de filmes e pesquisa de ideias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 59-68.

CERBASI, G. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

CHARBONNEAU, P-E. **Noivado**. São Paulo: Editora Herder. 1968.

CHARBONNEAU, P-E. **Curso de preparação ao casamento**. São Paulo: Editora Herder, 1971.

CHERLIN, A. J. The deinstitutionalization of American marriage. **Journal of marriage and family**, v. 66, n. 4, p. 848-861, 2004.

CHERLIN, A. J. American marriage in the early twenty-first century. **The future of children**, v. 15, n. 2, p. 33-55, 2005.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Writting Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. California: University of California Press, 1986.

CNBB. **Orientações pastorais sobre o matrimônio. Documentos da CNBB, nº 12**. São Paulo: Paulinas, 1978.

CNBB. **Guia de Preparação para a Vida Matrimonial: Encontro para Noivos**. Brasília: CNPF, 2013.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Preparação para o sacramento do matrimônio**. Vaticano, 1996. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_13051996_preparation-for-marriage_po.html

CORBETT, P. E. **The Roman law of marriage**. Oxford: Clarendon Press, 1930.

COULMONT, B. **Des promesses, toujours des promesses... Les constructions sociales des fiançailles catholiques au XXe siècle**. 1999. 94f. Mémoire de Diplôme d'Études approfondies - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

COULMONT, B. Les plis de la morale: sociologie des fiançailles catholiques. **Labyrinthe**, n. 8, p. 47-64, 2001.

COULMONT, B. Politiques de l'alliance: les créations d'un rite des fiançailles catholiques. **Archives de sciences sociales des religions**, Paris, n. 119, p. 5-27, 2002.

COULMONT, B. Les fiançailles catholiques: étude d'un "rite mou", **Colloque AFSR**, 2003.

DAMATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, p.1-12, mai. 1978.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

DAMATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DORNAS FILHO, J. **O padroado e a igreja brasileira**. São Paulo: Nacional, 1938.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo: ensaios sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa: Edições, 70, 1991.

DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: Edusp, 2007.

DUARTE, J. P.; ROCHA-COUTINHO, M. L. "Namorido": a contemporary type of conjugal relationship? **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 2, p. 117-135, 2011

DUBY, G.; BARTHÉLEMY, D. "Quadros". In. DUBY, G. (org.). **História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 51-312.

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, É. & MAUSS, M. "Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas". In. MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURHAN, E. (1982), "Família e casamento". **Anais do III Encontro Nacional de Estudos da População**. Vitória: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1982, p. 31-49.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador, v. 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENGELS, F.; MARX, K **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

ESCARD F. **Des Fiancailles et de la nécessité de les faire intervenir dans la loi du mariage**. Paris: Société d'Économie Sociale, 1901.

ESCOURA, M. Veu e grinalda de um lado a outro da ponte: relações sociais e dinâmicas de mercado na organização de casamentos em São Paulo. In. **Anais da I Jornada de Antropologia da USP**, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2016.

ESCOURA, Michele. Formal attire from one side of the “bridge” to the other: the wedding market and class and gender relations inscribed in the territory of the city. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 14, n. 3, p. 238-256, 2017.

ESCOURA, M. **Fazer festa é uma guerra: relações entre vestidos, noivas, anfitriões e convidados na organização de casamentos**. 2019. 243f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ESTUMANO, E. **Uma vida, duas vidas, muitas vidas: diferenciações de gênero no cotidiano familiar e profissional de camadas médias urbanas**. (Dissertação). Mesurado em Antropologia. Belém: UFPA/PPGCS, 2004.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. **Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, n. 8. pp. 3-9, 1990.

FERNANDES, L. P. “O noivo é só um detalhe”: gênero e consumo na produção de casamento. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013.

FIANÇAILLES: Quelques coutumes et traditions du mariage à travers les ages. Paris (editora desconhecida), 1924. Disponível em: <https://archive.org/download/fiancailles-quelq00na/fiancaillesquelq00na.pdf>

FIRTH, R. (Ed.). **Two studies of kinship in London**. University of London: Athlone Press, 1956.

FIRTH, R. **Nós, os tikopia**. Rio de Janeiro: Edusp, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOWLER, S. **Manual do noivo - um guia prático para sobreviver e até se divertir no dia mais importante da vida**. São Paulo: Gente, 2011.

- FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.
- FUKUI, L. F. G. Estudos e Pesquisas sobre Família no Brasil. **BIB**, n. 10, p. 13-23, 1980.
- GAUDEMET, Jean. **El matrimonio en Occidente**. Madrid: Taurus, 1993.
- GAY, P. **Guerras do prazer: a experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GEERTZ, C. "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico. In. _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEFFRÉ, C. L'homme, une histoire sacrée, In. GEFFRÉ, C. **Dieux en sociétés: le religieux et le politique**. Paris: Autrement, 1992.
- GIDDENS, A. **The constitution of society: Outline of the theory of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.
- GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIRARD, A. Le choix du conjoint: une enquête psycho-sociologique en France. **Population**, Paris, v. 19, n. 4, p. 727-732, 1964.
- GLASSON, E. **Du consentement des époux au mariage, d'après le droit romain, le droit canonique, l'ancien droit français, le Code Napoléon et les législations étrangères**. Paris: A. Durand, 1866.
- GLUCKMAN, M. Les rites de passage. In. GLUCKMAN, M. (edit). **Essays on the ritual of social relations**. Manchester: Manchester University Press, 1966, pp. 1-52.
- GONÇALVES, T. A. **E o casamento, como vai? Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas**. 1999. 223f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.
- GONÇALVES, T. A. **Falando de amor: discursos sobre o amor e as práticas amorosas na contemporaneidade**. 2011. 311f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.
- GOODY, J. **La evolución de la familia y del matrimonio em Europa**. Barcelona: Herder, 1986, pp. 46-49.
- GOODY, J. **O oriental, o antigo e o primitivo**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- HAROCHE, C. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. **Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. VII, p. 221-234, dez. 2004.
- HEILBORN, M. L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, M. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HENRY, L. Perturbations de la nuptialité résultant de la guerre 1914-1918. **Population**, Paris, v. 21, n. 2, p. 273-332, 1966.

HENRY, L. Problèmes de la nuptialité. Considérations de méthode. **Population**, Paris, v. 23, n. 5, p. 835-844, 1968.

HENRY, L. Schémas de nuptialité: déséquilibre des sexes et âge au mariage. **Population**, Paris, v. 24, n. 6, p. 1067-1122, 1969.

HERMAN, S. Loving Courtship or the Marriage Market? The Ideal and its Critics 1871-1911. **American Quarterly**, Los Angeles, v. 25, n. 2, p. 235-52, 1973.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012, p. 7-25.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

HOWARD, G. E. **A History of Matrimonial Institutions**. Chicago: The University Of Chicago Press; London: Callaghan & Company, 1904.

IBGE. **Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do censo demográfico de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015**, n. 35, 2015.

ITABORAÍ, N. R. **Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012): Uma perspectiva de classe e gênero**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JARDIM, R. Sistemas rituais do processo matrimonial no medievo europeu ou sistemas gentrificados de controle social. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 11, n. 14, 2010.

JEAFFRESON, J. C. **Brides and bridals**. Vol. 1. London: Hurst and Blackett, 1872.

JEFFREY, D. Critique de la modernité et religion personnelle. In OUELLET, B.; BERGERON, R. (Dir.). **Croyances et sociétés: Communications présentés au dixième colloque international sur les nouveaux mouvements religieux**. Montréal: Fides, 1998b.

JEFFREY, D. Jeunes de la rue et conduites extremes. **Filigrane**, n. 7, v. 1., 1998a.

JEFFREY, D. Les ritualités contemporaines. L'étude de la religion au Québec, **Bilan et prospective**, p. 251-263, 2001.

KEHL, R. **Como escolher uma boa esposa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

KEHL, R. **Como escolher um bom marido**. Rio de Janeiro: Ariel, 1935.

KORPIOLA, Mia. **Between betrothal and bedding: marriage formation in Sweden 1200-1600**. Boston: Brill, 2009.

KUHL, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LAGO, S. P. **Namoro pra casar? Namoro pra escolher (com quem casar)**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

LARAIA, R. B.; MELLO, M. Z. B. Chá-de-panela, análise de um rito social. **Anuário Antropológico** 78, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp 140-55, 1978.

LEACH, E. R. **Cultura y comunicacion: la logica de la connexion de los simbolos: Una introducción al uso del análisis estructuralista en la antropología social**. Madrid: Siglo XXI, 1989.

LEACH, E. R. "Cabelo mágico". In. _____ **Edmund Ronald Leach: antropologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 139-169.

LEACH, E. R. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

LEGROS, P. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEMIEUX, D.; MERCIER, L. La formation du couple et ses rituels. **Actes du 1er symposium québécois de recherche sur la famille**, 1991, p.53-69.

LEONARDO, M. The female world of cards and holidays: Women, families, and the work of kinship, **Signs**, v. 12, n. 3, p. 440-453, 1987.

LEPLAE, Claire. **Les fiançailles: étude sociologique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

LEVY, M. S. A escolha do cônjuge, **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, jan./jun, 2009.

LIMA, E. C. de. Nosso conhecimento vale ouro: sobre o valor do trabalho de campo. Brasília, **Anuário Antropológico**, n. 1, p. 73-98, 2014.

LOBATO, D. A. Instrução feminina: "O livro das noivas", de Júlia Lopes de Almeida. XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. **Anais eletrônicos...** Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456146838.pdf

LORDELLO, J. M. **Entre o reino de Deus e o dos homens: a secularização do casamento no Brasil do século XIX**. Brasília: EdUNB, 2002.

MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor: Inglaterra, 1300-1840**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MACHADO, I. J. **A antropologia de Schneider: pequena introdução**. São Carlos: E-dUFSCar, 2013.

MACHADO, L. Z. Família e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil, **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.4 , n.8, p.11-26, 2001.

MAILLOCHON, F. Le mariage est mort, vive le mariage! Quand le rituel du mariage vient au secours de l'institution. **Enfances Familles Générations**, n. 9, p. 1-18, 2008.

MAIOR, H. P. S. Durkheim e a família: da "introdução à sociologia da família" à "família conjugal". **Revista Antropológicas**, v. 16, n. 1, 2011.

MALCHER, L. F. S. **Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém**. 2002, 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MALINOWSKI, B. **Coral gardens and their magic: a study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the trobriand islands**. Vol. 2. London: George Allen & Unwin, 1935.

MALINOWSKI, B. **Magic, Science and Religion and Other Essays**. Glencoe: The Free Press, 1948.

MALINOWSKI, B. **A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MARCUS, G. Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: Requisitos para Etnografias sobre a Modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista Brasileira de Antropologia**, São Paulo, v. 34, p. 197-221, 1991.

MARINS, C. Algumas reflexões preliminares sobre permanências e transformações dos ritos matrimoniais. In. ALENCAR, B.; MARES, L. (Org.) **Etnografias do afeto: construindo relações de parentesco, aliança e sexualidade em sociedades em transformação**. Belém: EdIFPA, 2019.

MARINS, C. **Quando o céu é o limite: um olhar antropológico sobre o universo dos casamentos e dos cerimonialistas**. Niterói: Eduff, 2016.

MARINS, C. T. Com açúcar, com afeto: um olhar antropológico sobre rituais matrimoniais a partir de suas mesas de doces. **Mana**, v. 23, n. 2, p. 401-426, 2017.

MATARAZZO, C. **Casar sem frescura**. São Paulo: Planeta, 2015.

MATOS, M. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MATRIX, S; GREENHILL, P. The rules have changed... and they haven't... **Ethnologies**, v. 28, n. 2, p. 5-28, 2006.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, R. Movimentos eclesiais católicos e modernidade: uma igreja em transformação. São Paulo, **Revista de Antropologia**, v. 55, n. 2, jul. 2013.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerário australianos). In: MAUSS, M. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 325-331.

MAUSS, M; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAUSS, M.; DURKHEIM, É. Algumas formas primitivas de classificação. _____. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 399-455.

MCLENNAN, J. F. **Primitive Marriage. An Inquiry into the Origin of the Form of Capture in Marriage Ceremonies**. Chicago: Chicago & London Press, 1970.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MEAD, M. **Adolescência, sexo y cultura em Samoa**. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

MELO, F. M. **Carta de guia de casados**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.

MELLO, L. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil, **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 197-225, jun. 2005.

MENDONÇA, A. G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 29-46, 2004.

MILLER, D. What is a relationship? Is kinship negotiated experience? **Ethnos**, v. 72, n. 4, p. 535-554, 2007.

MIRANDA, H. S. **Aliança partida: um estudo da dissolução do casamento**. (Dissertação Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, 1982.

MONTEIRO, P. Ensaio crítico sobre o estudo de “A origem dos poderes mágicos” de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **A origem dos poderes mágicos nas sociedades australianas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MONTES, M. L. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MORGAN, L. **Systems of consanguinity and affinity of the human family**. Washington: Smithsonian Institution, 1871.

MURDOCK, G. P. Nuestros contemporáneos primitivos. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

NADEL, S. F. **Fundamentos de antropología social**. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955.

NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OTNES, C.; PLECK, E. **Cinderella dreams: the allure of the lavish wedding**. Berkeley: University of California Press, 2003.

OTTO, R. **O sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.

PANTOJA, A. L. N. **Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre adolescentes de grupos populares**. (Tese). Doutorado em Antropologia, Belém: UFPA/PPGCS, 2007.

PANTOJA, V. **Santos e Espírito Santo, ou católicos e evangélicos na Amazônia marajoara**. 223 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011.

PARKER, C. La sociologia de la region y la modernidad: por una revisión crítica de las categorías durkheimianas desde América Latina. **Sociedad y religión**, n. 13, 1995, p. 120-151.

PEIRANO, M. A análise antropológica de rituais. **Série Antropológica**, n. 270, 2000, 8p.

PEIRANO, M. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PINHO, E. **"Um sonho não tem preço": uma etnografia do mercado de casamentos no Brasil**. 2017. 403f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PISCITELLI, A. **Joias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora. UFRJ, 2006.

PUGEAULT, C. Les fiançailles : affaires conjugales, affaires familiales. In. DAUPHIN, S. **Actes du colloque Les transformations de la conjugalité: Configurations et parcours**. PARIS: Caisse d'Allocations Familiales (CAF), n. 127, p. 11-21, 2010.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **The Andaman Islanders: a study in social anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1922.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Sistemas africanos de parentesco e casamento**. In: MELATTI, J. C. (Org.). Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo: Ática, 1995.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

RAULT, W. Les fiançailles au début du XXIe siècle. Entre survivance et renouveau, **Recherches familiales**, v. 1 n. 15, p. 27-40, 2018.

RÊGO, M. **Preparação pré-matrimonial e mudanças de valores e atitudes em relação ao casamento**. (Dissertação) Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea/Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2005.

RIBORDY, G. Les fiançailles dans le rituel matrimonial de la noblesse française à la fin du Moyen Âge: tradition laïque ou création ecclésiastique? **Revue historique**, 2001/4, n° 620, p. 885-911.

RIVERA, O. Matrimonio y sexualidade conyugal: princípios éticos, reformas jurídicas y modelos ejemplares. **L'erudict franco-espanhol**, v. 5, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4757726.pdf> Acesso em: 22/09/2017.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROUCHE, M. "Alta Idade Média Ocidental". In. VEYNE, P. (org.). **História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 403-532.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SAHLINS, M. **What kinship is-and is not**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

SALEM, T. A "desposseção subjetiva": Dos paradoxos do individualismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.7, n.18, Rio de Janeiro, fev. 1992.

SALEM, T. A. **O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SALEM, T. A. Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 21, pp. 25-39, set., 1986.

SAMARA, E. M. Estratégias Matrimoniais no Brasil do Século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 91-105, 1987/88.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHECHNER, R. Ritual. In. LIGIÉRO, Z. **Performance e antropologia de Richard Schchner**. Trad. Aressa Rios. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 49-89.

SCHECHNER, R. **Performance studies: an introduction**. Routledge: New York, 2013.

SCHNEIDER, D. **Parentesco americano: uma exposição cultural**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCLIAR, Moacyr. O exame pré-nupcial: um rito de passagem da Saúde Pública. **CADERNOS de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 527-530, set. 1997.

SCOLA, A. **O Mistério Nupcial**. São Paulo: EDUSC, 2003.

SEED, Patricia. **To Love, Honor, and Obey in Colonial Mexico**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

SEGALEN, M. **Mari et femme dans la société paysanne**. Paris: Flammarion, 1980

SEGALEN, M. Comment se marier en 1995? Nouveaux rituels et choix sociaux. In: BOU-CHARD, G.; SEGALEN, M. (dir.). **Une langue, deux cultures. Rites et symboles en France et au Québec**. Paris, La Découverte/Québec, Presses de l'Université Laval, 1997, p. 149-166.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SEGALEN, Martine. **Éloge du mariage**. Gallimard, 2003.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIMMEL, G. Cultura feminina (1902). In: ____ **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 67-91.

SIMMEL, G. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé e OËLZE, B. (Org.). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Editora UNB, 1998, pp. 109 a 117.

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Mana, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>>

SMET. **Les fiançailles et le mariage: traité canonique et théologique avec aperçus historiques et juridique-civilis**. Bruges: Beyaert, 1912.

SONEIRA, A. J. **Sociología de los Nuevos Movimientos Religiosos en Argentina**. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2005.

SOUZA, C. A. M. **Quando a “Santa Terezinha” é o ponto de encontro: sociabilidade, amor e família na paróquia do Jurunas, Belém-PA**. (Dissertação) Mestrado em Ciências Sociais, Belém: IFCH/UFPA, 2002.

SOUZA, C. M. Preparando para o matrimônio: curso de noivos e noivado em uma paróquia de Belém, **Revista EDUCamazônia**, Manaus, n. 2, v. IX, pp. 126-142, jul./dez., 2012.

STAMATTO, M. I. S. Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil:1549-1910). In: **História e Memória da educação Brasileira**, II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>.

STRATHERN, M. **After nature: English kinship in the late twentieth century**. Cambridge University Press, 1992.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

STRATHERN, M. What is a parent?. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 1, n. 1, p. 245-278, 2011.

TAMBIAH, S. **Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica**. Petrópolis: Vozes, 2018.

TESTART, A.; GOVOROFF, N.; LÉCRIVAIN, V. Les prestations matrimoniales. **L'Homme**, v. 161, pp. 165-196, 2002.

TREMBLAY, S. Les dimensions collectives d'une demande individualisée: l'exemple du baptême des enfants. In. KAEMPF, B. (Dir.). **Rites et ritualité**. Paris: Cerf, 1999, p.67-82.

TURNER, V. Symbolic studies. **Annual review of anthropology**, v. 4, n. 1, p. 145-161, 1975.

TURNER, V. **The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia**. Nova York: Cornell University Press, 1981.

TURNER, V. **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

TURNER, V. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UCHÔA, Miguel. **Diga sim com convicção: O que você precisa saber antes de se casar**. São Paulo: Mundo Cristão, 2014.

UNITED NATIONS. **The Population Division: World Population Prospects**. Department of Economic and Social Affairs, 2013.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades complexas**. São Paulo: Zahar, 1999.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: zahar, 1994.

VELHO, G. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, abr. 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto. **Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 130-169, 1977.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: EdUNB, 2012.

WERNZ, F. X. Jus Decretalium. In. **Jus matrimoniale Ecclesiae catholicae**. Roma 1904, t. IV.

WESTERMARCK, E. **Marriage ceremonies in Morocco**. London: Macmillan, 1914.

WESTERMARCK, E. **The History of Human Marriage**. New York: The Allerton Book Company, 1922.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Zahar, 2005.

WILLAIME, J-P. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Unesp, 2012.

WILLEMS, E. Cunha. **Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947.

WOORTMANN, K. Reconsiderando o parentesco, **Anuário Antropológico**, v. 76, p. 149-186, 1977.

ZUMWALT, R. Arnold van Gennep: The Hermit of Bourg-la-Reine. **American Anthropologist**, v. 84, n. 2, p. 299-313, 1982.

FONTES PRIMÁRIAS

A) JORNAIS IMPRESSOS E/OU DIGITALIZADOS

A Cruz (1946)

A Imprensa (1933)

Correio da Tarde (1856)

Correio Paraense (1893)

Diário de Belém (1888)

Diário de Pernambuco (1868)

Diário de São Paulo (1877); (1878)

Estado de São Paulo (1875-2009)

Estado do Pará (1911)

Folha de São Paulo (1921-2009).

Jornal da Tarde (1956)

Jornal do Brasil (1966)

Jornal do Comércio (1838); (1839)

Jornal O Globo (1925-2009)

Museo Universal: jornal das famílias brasileiras (1843)

O Liberal (2015)

B) JORNAIS ON-LINE

Correio Braziliense (2017)

Diário on-line (2016)

Metro (2016)

FILMOGRAFIA

A FAMÍLIA da noiva. Direção: Kevin Rodney Sullivan. Estados Unidos: Sony Pictures, 2005. 1 DVD (105 min). Título original: Guess who.

A SOGRA. Direção: Robert Luketic. Estados Unidos/Alemanha: New Line Cinema, 2005. 1 DVD (101 min). Título original: Monster-in-Law.

CASAMENTO Grego. Direção: Joel Zwick. Canadá/Estados Unidos: Europa Filmes, 2002. 1 DVD (95 min). Título original: My Big Fat Greek Wedding.

MAMMA Mia! Direção: Phyllida Lloyd. Estados Unidos/Alemanha/Inglaterra: Relativity Media, Littlestar Productions Playtone, 2008. 1 DVD (109 min). Título original: Mamma Mia! The movie.

MISSÃO Madrinha de Casamento. Direção: Paul Feig. Estados Unidos: Relativity Media, Apatow Productions, 2011. 1 DVD (125 min). Título original: Bridesmaids.

NOIVAS em guerra. Direção: Gary Winick. EUA: Fox Film do Brasil, 2009. 1 DVD (100 min). Título original: Bride wars.

O CASAMENTO do meu ex. Direção: Galt Niederhoffer. Estados Unidos: Four of a Kind Productions, 10th Hole Productions, 2010. 1 DVD (95 min). Título original: The romantics

O CASAMENTO do meu melhor amigo. Direção: Paul John Hogan. Estados Unidos: Zucker Brothers Productions, 1997. 1 DVD (104 min). Título original: My Best Friend's Wedding.

O MELHOR amigo da noiva. Direção: Paul Weiland. EUA/ Reino Unido: Sony Pictures, 2008. 1 DVD (101 min). Título original: Made of honor.

O PAI da noiva. Direção: Charles Shyer. EUA: Disney/Buena Vista, 1991. 1 DVD (105 min). Título original: Father of the bride.

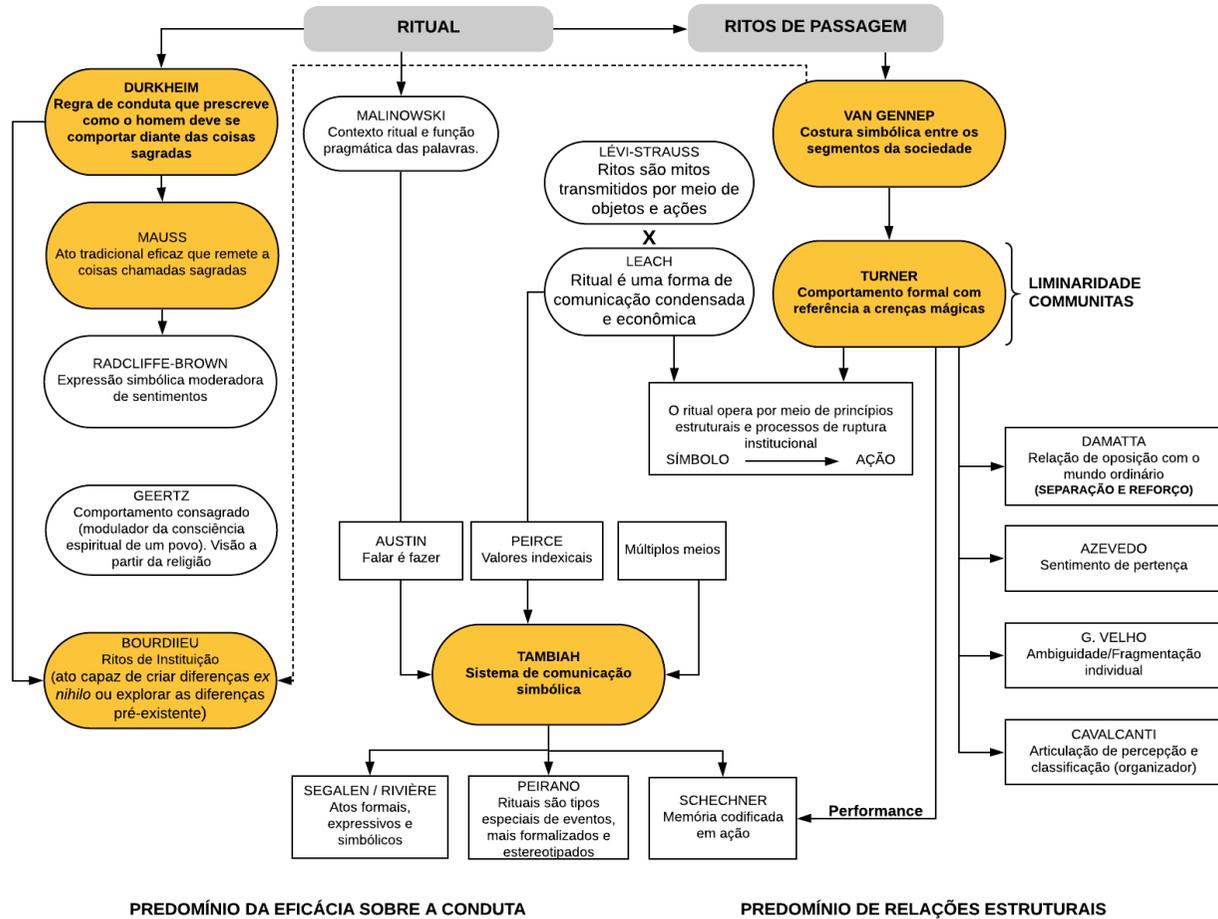
SEX and the city. Direção: Michael Patrick King. Estados Unidos: Silvercup Studios, 2008. 1 DVD (145 min). Título original: Sex and the city.

VESTIDA para casar. Direção: Anne Fletcher. Estados Unidos: Fox 2000 Pictures, Spyglass Entertainment, Dune Entertainment III, LLC., 2008. 1 DVD (111 min). Título original: 27 Dresses.

APÊNDICES

APÊNDICE A

FLUXOGRAMA DAS LINHAGENS NOS ESTUDOS RITUAIS (UM ESBOÇO)



APÊNDICE B

ASSIMILAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL: AVALIANDO A EFICÁCIA DOS CURSOS DE NOIVOS

Conforme demonstrei no capítulo 8 meu trânsito no interior dos grupos variou em razão da complexidade dos mesmos. Em relação ao curso de Fátima foi favorecido pela relação direta com o casal coordenador, que, além de me permitir acessar os poucos documentos existentes, me convidou para atuar como um dos palestrantes.

Na Trindade, por outro lado, esse trânsito foi negociado e meu ingresso esteve condicionado à expectativa de me tornar um membro do grupo. Isto foi incentivado pelo casal coordenador que, em minha primeira participação no curso, instruiu-me a observar e imitar o que os membros da pastoral estavam fazendo, atitude que depois notei ser recomendada a todos os interessados em participar da pastoral familiar. A partir do segundo encontro, porém, fui designado, juntamente com minha esposa, a atuar no que é chamado pelo grupo de “minimercado”, uma mesa localizada nos fundos do auditório destinada a venda de itens alimentícios e artigos religiosos²⁸⁶. Foi a partir deste local que identifiquei o conteúdo abordado pelos palestrantes e a relação dos noivos com os membros da pastoral descritas no capítulo anterior.

O tempo vivido no minimercado também me proporcionou interação com os palestrantes e demais membros do grupo que aproveitavam seu tempo livre para sentar ao nosso lado e conversar. Foi através dessas conversas que Nair me apresentou a Hélio Azevedo, um senhor de 76 anos de idade que, à época, era responsável pela palestra sobre “Administração do lar e planejamento

²⁸⁶ Nossa função no minimercado era a de organizar os itens que seriam postos à venda, fixar preços, separar e preparar os brindes que seriam entregues aos noivos e realizar a contabilidade. A receita obtida era entregue aos coordenadores que o depositavam na conta corrente da pastoral. Tínhamos também a responsabilidade de catalogar os itens mais procurados e elaborar a lista daqueles que deveriam ser comprados. Durante o tempo em que passei no minimercado tomei a iniciativa de listar alguns livros que considerava mais atualizados sobre relacionamento, casamento e família. Segundo meu julgamento, estes livros dialogavam com a religiosidade e poderiam interessar aos noivos. A lista que fiz foi aceita e os livros comprados por Rosinha, da equipe secretária.

familiar” e era considerado ao lado Maria do Carmo como um dos últimos remanescentes da pastoral que fundou o curso na paróquia.

Vendo neste contato a possibilidade de avançar terreno sobre fontes que me permitissem explorar a dinâmica da pastoral familiar e do curso de noivos, optei por recorrer às memórias, interlocuções e documentos que Hélio compartilhou comigo nos meses em que frequentei a paróquia da Trindade. Sua ajuda foi de especial importância para compreender o desenvolvimento do espírito pedagógico que caracteriza este evento, identificar o perfil dos noivos que frequentaram o mesmo bem como a avaliar eficácia de sua proposta considerando a dinâmica dos valores e significados observada ao longo de sua existência.

O desenvolvimento do espírito pedagógico²⁸⁷

Conforme antecipou Souza (2002), o que mais caracteriza o curso de noivos é o seu espírito pedagógico. Nas duas pastorais em que realizei minha pesquisa de campo este espírito encontrava-se presente. Contudo, em virtude da diferença de interesse dos seus organizadores em realizar o registro e arquivamento de seus dados, apenas o curso de noivos da Trindade permite uma compreensão mais precisa de seu desenvolvimento.

Por meio de entrevistas realizadas com ex-membros da pastoral, pode-se afirmar que o curso de noivos na paróquia da Trindade nasceu por obra do então pároco Geraldo Menezes²⁸⁸, que aproveitando-se dos movimentos pós-Concílio Vaticano²⁸⁹ reuniu o chamado "Grupo dos Cinco", formado por casais que haviam participado do primeiro ECC na arquidiocese de Belém entre 16 e 19 de setembro de 1976, para fundar o curso em abril de 1984.

²⁸⁷ As descrições contidas neste tópico referem-se a informações obtidos por meio de entrevistas diretas e semiestruturadas nas residências dos fundadores da pastoral familiar da paróquia da Trindade. Em 19 de agosto de 2015 junto ao casal Antônio e Margarida Barata e em 17 de setembro de 2015 junto ao Mons. Geraldo Menezes. A descrição também conta com relatos do de Hélio, que à época era um dos palestrantes do curso, e Ermita, sua esposa.

²⁸⁸ Monsenhor Geraldo Menezes faleceu em 30 de março de 2018 aos 95 anos. Realizei uma entrevista com ele em sua residência, no bairro da Cidade Velha no dia 17 de setembro de 2015 ocasião em que descobri que o mesmo era Filho de Bruno de Menezes um iminente escritor local.

²⁸⁹ Entre 1984 e o início dos anos 2000 o curso fora realizado no salão paroquial Dom Zico, situado nos fundos da Igreja. Desde então o curso passou a ser realizado no último final de semana de cada mês no Auditório São Pedro, localizado no primeiro andar da Casa Paroquial Mons. Geraldo Menezes, situado na Rua Presidente Pernambuco no centro do quarteirão lateral à igreja da Santíssima Trindade.

A ideia de fundar o curso, no entanto, havia surgido anos antes quando o pároco havia reconhecido que estes casais possuíam a experiência necessária para organizar um encontro onde tivessem a oportunidade de compartilhar a importância do sacramento do matrimônio e as dificuldades que existem na vida matrimonial. Segundo Geraldo Menezes, a experiência à qual se refere foi adquirida nas “escolas conciliares”, movimento da igreja católica cujo propósito era divulgar os resultados do Concílio Vaticano II por meio da ênfase ao papel da família e da ação do leigo no interior das paróquias.

Ao falar desse movimento, Margarida Barata recorda que fez dois anos de Escola Conciliar, no colégio Gentil Bittencourt, onde ela, o marido e os demais casais eram instruídos a estudar o novo código canônico, publicado em 1983, a visitar e pesquisar a organização de pastorais em Belém, São Paulo e Araguaína e a selecionar "a dedo" os membros que iriam compor o novo grupo. Geraldo Menezes também ressalta a coragem do Pe. Giovanni Encampo que organizou o primeiro ECC na arquidiocese de Belém e o papel de D. Alberto Ramos, à época, que via nesse movimento a possibilidade de incentivar a ação dos leigos na igreja.

Segundo Hélio, ao contrário do que normalmente acontecia em outras paróquias, o curso de noivos foi a base na qual se estruturou tanto o ECC como a pastoral familiar que só viriam a surgir nos meses seguintes a realização do primeiro encontro²⁹⁰. Como resultado a forma e organização assumidas tanto pelo curso como pelo ECC acabam compartilhando semelhanças, o que justifica para Barata o “sucesso” alcançado por ambos na arquidiocese. Isto porque além do curso ser um dos poucos ser oferecido ininterruptamente desde 1984 e ter “preparado” mais de 6 mil casais ao longo de sua existência, goza do mesmo prestígio que o ECC em termos da seleção de seus membros, da divisão de tarefas e do conteúdo das palestras²⁹¹. corresponde a atenção que os casais à época davam a espiritualidade, a disciplina para a leitura, a oração e a meditação do evangelho.

²⁹⁰ A pastoral familiar só viria a existir após o segundo Curso de Noivos quando Barata e Margarida levaram a proposta o pároco Geraldo e aos outros membros do grupo.

²⁹¹ Esse sucesso é recorrentemente lembrado pelos coordenadores que ressaltam a o grande número de ligações para a secretaria da paróquia em busca de vaga para fazer o “o melhor curso de noivos de Belém”.

Antônio Barata ressalta ainda que a popularidade do curso se deve a constante atualização do conteúdo, à renovação dos membros e à qualificação dos palestrantes. Ao comparar o período de fundação com o momento atual, porém, lembra que os noivos de hoje são mais heterogêneos e possuem mais informações que os daquela época:

BRENO: E nesse período que vocês passaram à frente da pastoral ou como membros, houve alguma mudança na composição do grupo e na organização do encontro?

BARATA: Hoje eu acho que tem uma turma mais jovem.

MARGARIDA: Acho que se atualizou. Houve uma atualização. E também eu acho que as palestras não eram muito únicas. As pessoas que hoje dão palestras estão muito bem preparadas. Eu acho. Às vezes quando eu vou lá, fico avaliando, fico satisfeita de ver como cresceu os assuntos. Eles atualizaram os assuntos. Está muito bom. Porque a realidade quando começou era uma e hoje a realidade é outra. É muito bom quando a gente consegue ver uma atualização.

BRENO: Houve uma atualização em que sentido?

MARGARIDA: Eu noto que cresceu. Evoluiu. As pessoas se prepararam. Leram novos documentos.

BARATA: Houve uma abertura. A preparação ficou ecumênica e aberta a qualquer religião.

BRENO: e antes não era aberto?

BARATA: Nós não tínhamos muito essa noção. Depois passamos a perceber essa necessidade que era preciso abrir. Começou a aparecer casais evangélicos, que não era católico ou coisa nenhuma.

HELIO: Era o caso de Danilo e da mulher. Eles eram judeus e foram fazer o curso com a gente lá pelo final dos anos noventa.

Os entrevistados também ressaltaram que, se no presente os noivos se veem obrigados a se matricular, no passado eles eram convidados, razão pela qual o curso era um evento “mais informal e espontâneo”, afinal entre os convidados estavam familiares e amigos. Da mesma forma, ao compararem o conteúdo e a vocação do curso com o passar dos anos, os casais e Monsenhor Geraldo ressaltam que tanto a obrigatoriedade de certificação como a matrícula de noivos pertencentes a outras paróquias ou arquidioceses levou o curso a adotar um caráter teológico se tornando instrumento de conversão dos noivos, enquanto no passado representava nada mais que uma troca de experiências onde os casais seriam expostos às vantagens e desvantagens do casamento:

Eu não ia lá pregar a teologia do matrimônio, não! Deixava os casais falarem da vida deles. E eles falavam então com pessoas experts sobre o assunto; pessoas casadas, e conseqüentemente sabia praticamente as dificuldades do matrimônio e como se deve enfrentar todas essas dificuldades intrínsecas a vida em comum.

Os casais e o ex-pároco, porém, reconhecem que na atualidade é preciso um "trabalho de conversão", uma vez que, enquanto no passado os homens eram os provedores e as mulheres as donas-de-casa, hoje o casal compete no mercado de trabalho e os conflitos decorrentes disso se tornaram cada vez mais comuns. Segundo Hélio, isso acontece porque "hoje é o casal que faz o casamento. Os dois dividem as despesas, as responsabilidades. Naquele tempo não era bem assim".

Ressaltando a profanação do sagrado (PARKER, 1995), os casais lembram que essa transformação levou a exclusão da família do ritual nupcial, o que transformou o casamento em um empreendimento e o casal no administrador de um evento de caráter mais econômico do que religioso. Em parte, isso é creditado à exclusão de casais cujo testemunho estava em descompasso com as questões e problemas enfrentados pelos casais atuais. Isso se expressa no interesse dos atuais coordenadores em convidar palestrantes que possuam uma "linguagem mais acessível para os noivos" o que concorre para o progressivo isolamento de casais com mais de 60 anos e cerca de 30 ou 40 anos de casados.

Ciente de que são acusados de marginalizar os casais mais antigos, os coordenadores da pastoral familiar argumentam que sua exclusão como palestrantes se deve a baixa assiduidade dos mesmos nas reuniões de preparação do encontro – o que era de esperar em considerando a dificuldade de alguns deles para se deslocar até a paróquia. Eles também lembram que, em virtude da diferença de gerações, é necessário compatibilizar o imaginário dos palestrantes ao imaginário dos noivos que, conforme notar-se-á abaixo, encontram-se por volta dos 28 anos de idade²⁹².

²⁹² Em vista desse isolamento a interlocução com Hélio ao longo da pesquisa não foi totalmente tranquila, uma vez que após indicá-lo como fonte testemunhal, Nair considerou inoportuna a nossa relação, sobretudo quando percebeu que a palestra e o material da apresentação de Hélio haviam sido reformulados com a minha colaboração. Segundo ela, o uso de minhas habilidades com o computador combinadas ao acesso que tínhamos sobre a diferentes contextos históricos da paróquia levantavam a suspeita de que poderíamos nos intrometer nas atividades da pastoral. Como consequência, e o inevitável receio de que esse mal-entendido pudesse comprometer a

Com efeito, os traços que o curso havia adquirido ao longo do tempo resultavam tanto das ações implementadas por seus fundadores, como também dos coordenadores que lhes sucederam. À época da elaboração do projeto que transformou o curso de noivos em uma etapa de minha pesquisa, havia entrado em contato com as informações disponibilizadas pelo casal Márcia e Gilberto, cujas entrevistas demonstraram que o formato e o conteúdo do curso, que posteriormente iria conhecer, estavam baseadas nos ordenamentos da Comissão de Pastoral Paroquial, realizadas no fim da década de 2000 sob a coordenação do padre Ronaldo Menezes. Segundo o casal, foi com base nesses ordenamentos que os temas do Guia do Preparação para a vida Matrimonial foram escolhidos e adaptados para a “realidade” da paróquia, ou seja, para o perfil dos noivos que se matriculam no curso.

Para identificar esse perfil, considerando a proposta original e as características do curso à época de minha pesquisa, foi necessário recorrer a sua documentação. Para isso contei com a colaboração de Hélio que havia arquivado, entre outros documentos, fichas de inscrição no curso, o que me permite traçar o perfil socioeconômico dos noivos, as sínteses de avaliação do conteúdo (ANEXO B), o que me permite avaliar a eficácia das narrativas e enunciados elaborados pela pastoral, e planilhas chamadas por Hélio de “quadrante” (ANEXO C) cuja principal função é servir de memória dos encontros²⁹³.

A análise destes documentos teve um duplo objetivo: por um lado possibilitar ao grupo que conhecesse melhor a história do curso, correspondendo assim às próprias expectativas dos coordenadores que haviam me dado autorização para vasculhar os documentos na esperança de obter um retrato mais fiel de sua evolução e características (o que para mim favorecia o interesse em “dar retorno” de minhas atividades); e por outro compreender a dinâmica social envolvendo os noivos que frequentaram o curso. Para isso relaciono o perfil

interlocução com ambos, passei a evitar comentários sobre a pesquisa e o contato com Hélio, apesar do mesmo ter se preservado clandestinamente.

²⁹³ A obtenção destes dados não se deu desinteressadamente, uma vez que Hélio, aproveitando-se da oportunidade pediu-me para digitalizar estes documentos bem como sistematizar os dados existentes em planilhas próprias. Seu objetivo era utilizar esses recursos para aprimorar a apresentação de sua palestra. Os mesmos também foram apresentados aos coordenadores do curso durante as reuniões de preparação dos encontros.

socioeconômico dos mesmos obtidas por meio das fichas de inscrição com os valores, crenças e ideologias predominantes observadas junto às fichas de avaliação.

Dinâmica socioeconômica no curso de noivos da Trindade

Para compreender a dinâmica envolvendo os noivos que participaram do curso de noivos da Trindade recorri inicialmente as fichas de inscrição, o que exigiu certo imprevisto. Isto porque, apesar do curso ter nascido em 1984 e não ter sofrido descontinuidade até o momento de minha pesquisa, as fichas existentes se dividiam em dois períodos: 1984-1989 e 2005-2015. Segundo Hélio, responsável por arquivar os documentos da pastoral até 2012, as fichas ausentes foram perdidas durante a mudança da secretaria do prédio anexo à igreja para o Centro Social onde o curso é realizado atualmente.

Restou-me, portanto, a comparação, o que fiz adotando amostras proporcionais para ambos os períodos²⁹⁴. Tal imprevisto não parece ter comprometido a interpretação dos dados, pois a metodologia utilizada acabou por favorecer tanto a generalização do perfil dos noivos que passaram pelo curso nos dois períodos como a identificação das variações e continuidades existentes no âmbito dos marcadores sociais que os mesmos apresentaram.

Como consequência, a primeira descoberta foi a de que o curso é um evento regular, confirmando assim a informação colhida através das entrevistas. Até o período de minha pesquisa foram realizados 306 encontros e certificados 5497 casais. A cada ano foram realizados em média de 9 a 10 encontros. Nos seus 31 anos de realização a média de participantes variou. Entre 1984 e 1989 o curso era frequentado em média por cerca de 17 casais²⁹⁵. Já no período 2005-2010 o mesmo foi frequentado por cerca de 21 casais a cada encontro e ao longo de 2015, quando foi realizada a pesquisa de campo, contabilizou-se uma média

²⁹⁴ Utilizei como metodologia a seleção de 20% do total de fichas para os dois períodos analisados. Além disso escolhi as fichas mais legíveis e que fornecessem a maior quantidade de informações solicitadas.

²⁹⁵ Os dados relativos a este período têm início em abril de 1984. Hélio, no entanto, informou durante sua catalogação que havia perdido documentos, incluindo o da própria filha o qual muito se ressentia. Felizmente parte do que ele julgava ter perdido foi encontrada por mim enquanto vasculhava um dos armários da pastoral em busca de documentos. Entre os documentos encontrados estavam: fichas de avaliação de 1987, um perfil do grupo de 1984, fichas de inscrição de 1985, 1986, 1989 e entre os anos de 2005 a 2012, álbuns com fotos do encontro e quadrantes de 2009 a 2012.

de 25 casais por encontro, o que sugere um aumento no número de frequentadores ao longo do tempo²⁹⁶.

Tabela – Registro nominal dos participantes no curso de noivos da pastoral familiar da igreja da Santíssima Trindade por ano e número do encontro (1984-2015). Versão atualizada.

ANOS	PREPARAÇÕES				CASAS PARTICIPANTES	
	NÚMERO DE ORDEM	QUANTIDADE RELATIVA	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	SUBTOTAL	TOTAL ACUMULADO
1984-1999	001-152	152	-	-	2499	2499
2000	153-161	9	59	31	90	2589
2001	162-171	10	46	73	119	2708
2002	172-180	9	53	67	120	2828
2003	180-189	9	63	83	146	2974
2004	190-199	10	78	89	167	3141
2005	200-209	10	83	84	167	3308
2006	210-219	10	85	102	187	3495
2007	220-229	10	76	114	190	3685
2008	230-239	10	108	132	240	3925
2009	240-249	10	101	108	209	4134
2010	250-258	9	91	124	215	4349
2011	259-268	10	105	124	229	4578
2012	269-278	10	117	126	243	4821
2013	279-288	10	97	141	238	5059
2014	289-297	9	93	124	217	5276
2015	298-306	9	117	104	221	5497

Fonte: “Quadrante das preparações” (adaptado do arquivo pessoal de Hélio Azevedo).

Esse aumento, contudo, não corresponde necessariamente a um crescimento na demanda pelo casamento religioso, pois conforme apontei em estudo anterior (ALENCAR, 2008) o número de casamentos em Belém vem declinando nas últimas décadas. O que se observa, na verdade, é uma atração protagonizada pelo aumento na demanda pelo curso, o que leva os casais, por exemplo, a antecipar sua realização em cerca de dois meses em relação a cerimônia entre 2005 e 2010, enquanto no período de 1985 a 1989 a matrícula se dava com um mês de antecedência para cerimônia. Segundo os coordenadores e os próprios noivos com quem estabeleci interlocução durante a pesquisa essa demanda é fruto da regularidade e do prestígio do curso na arquidiocese, pois conforme se

²⁹⁶ É importante observar que a variação abaixo dessa média é uma das razões para a não realização do curso. Na única vez em que o curso foi cancelado no ano de 2015 participei ativamente da missão de comunicar – por telefone – a um dos nove casais que tinham se matriculado no curso a procurar outra paróquia, pois o número de inscritos era insuficiente para a realização do curso naquele mês.

sabe são poucas as paróquias que conseguem formar uma "turma" e oferecer o curso²⁹⁷.

A demanda pelo curso também leva em conta a ideia dos noivos de que ele é considerado mais "progressista", uma vez que a linguagem apresentada pela pastoral é considerada menos normativa e mais voltada para a "realidade do casamento". No caso da Trindade pesa ainda o fato dele ser realizado em dois dias (sábado à tarde e domingo de manhã) o que é considerado mais rápido em relação aos outros cursos.

As fichas de avaliação também apontam uma mudança significativa no que diz respeito a idade em que os noivos frequentaram o curso. De acordo com os dados representados na tabela abaixo, enquanto a maior parte dos noivos entre 1984-1989 pertencia a faixa etária de 20 e 24 anos, no período 2005-2010 observa-se uma proporção maior de noivos entre os 25 e 29 anos com tendência para a matrícula no curso entre 30 a 34 anos. Seguindo a mesma comparação, a idade média dos noivos ao participar do curso retrata um adiamento de cerca de 4 anos e meio. Para os homens isso significa que se antes eles frequentavam o curso aos 25 anos mais recentemente passaram a frequentar o mesmo aos 30 anos. Enquanto isso as mulheres que antes frequentavam o curso aos 23 anos passaram a frequentá-lo aos 27.

Tabela: Percentual de noivos que frequentaram o curso de noivos da Santíssima Trindade em Belém nos períodos de 1984 a 1989 e 2005 a 2010 segundo o gênero e a faixa etária.

Gênero Faixa Etária /Período	Noiva		Noivo	
	1984-1989	2005-2010	1984-1989	2005-2010
15-19	18,0	2,2	2,7	0,4
20-24	50,3	20,1	39,0	9,3
25-29	23,9	49,1	41,4	42,8
30-34	4,8	17,4	11,8	28,3
35-39	0,5	4,8	3,2	8,6
40-44	0,3	1,8	0,3	4,4
45-49	0,0	0,3	0,0	1,3

²⁹⁷ Ao lado da Trindade o casal responsável pelas pastorais familiares na arquidiocese de Belém, Aloísio e Ane, afirmara em entrevista que as paróquias de Capuchinhos, Santo Antônio de Lisboa e Nazaré são muito recomendados para a realização do curso. Devo ressaltar que este mesmo procedimento de coleta de dados foi adotado na paróquia de Fátima. Lá, assim como também ocorre nas paróquias de Belém, o prestígio do curso favorece um maior número de frequentadores que é em média de 13 casais por encontro. Apesar do pouco interesse pela pastoral em arquivar os documentos relativos ao curso pude constatar que entre fevereiro de 2004 e junho de 2017, ano de minha pesquisa de campo no local, passaram pelo curso 1645 casais.

50 OU MAIS	0,3	0,3	0,3	0,6
N/I	1,9	4,1	1,3	4,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ficha de inscrição do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Pastoral Familiar da Santíssima Trindade).

Com base na pesquisa realizada com os noivos e nas estatísticas do registro civil brasileiro (IBGE, 2010) esta variação sugere que o adiamento para a realização do curso se deve, em primeiro lugar, a tendência dos noivos em se preocupar cada vez menos com a celebração religiosa como meio de entrada na vida conjugal²⁹⁸, assim como a um maior tempo de dedicação dos mesmos em obter as condições necessárias para que a cerimônia religiosa celebre a realização de um projeto.

Ressaltando as observações de Itaboraí (2017) sobre as dinâmicas de gênero nas famílias brasileiras, vale lembrar ainda que essas variações apontam uma mudança significativa na relação das mulheres com o casamento. De acordo com os dados analisados no período 1984-1989 esse segmento representava a principal parcela da população que havia realizado o curso na faixa etária de 15 a 19 anos de idade, correspondendo a 18% do total. Enquanto isso no período 2005-2010 essa proporção foi reduzida a 2,2%. No mesmo período a proporção e mulheres que se matricularam para fazer o curso entre 25 a 29 anos chegou a representar quase metade da população, um crescimento bastante acima do observado entre os homens na mesma faixa etária. Embora essa variação não tenha impedido que os homens ainda sejam o membro do casal com maior idade, uma vez que a diferença em relação a mulher variou de 2,7 anos entre 1984 e 1989 para 2,5 anos entre 2005 e 2010, essa mudança retrata um maior controle por parte das mulheres de sua entrada na vida conjugal.

Para compreender a tendência dos casais em adiar sua matrícula no curso é necessário relacionar estes dados a outras variáveis. Neste caso a escolarização e a ocupação dos noivos tem uma importância significativa.

Em relação a escolarização 8,1% dos homens e 12,9% das mulheres com ensino fundamental, completo ou incompleto, se matriculavam no curso entre

²⁹⁸ Para isto basta saber que de acordo com os dados obtidos junto ao IBGE (2004; 2010) para as Estatísticas do Registro Civil que entre 1974 e 2010 observou-se em Belém uma redução no número de casamentos na ordem de 62,8%.

1984-1989. Os noivos com formação em nível médio, completo ou incompleto, representavam 45,4% da população masculina, enquanto as noivas com o mesmo nível de instrução representavam 44,6% da população feminina. O mesmo percentual de noivos apresentava o nível superior, completo ou incompleto, na ocasião do preenchimento da ficha de inscrição (45,4%), enquanto as noivas representavam 41,4% da população feminina²⁹⁹.

A análise dos dados relativos ao período entre 2005 a 2010, por sua vez, revela que a maioria dos casais que participaram do curso o fizeram com um maior nível de escolarização. Entre os noivos 85,5% estavam cursando ou possuíam um diploma do ensino superior enquanto o mesmo ocorreu com 78% das noivas. O restante estava cursando ou possuía diploma de ensino médio ou fundamental em 18,8% e 12,3% dos casos, respectivamente.

Tabela: Nível de instrução dos noivos que frequentaram o Curso de Noivos da Santíssima Trindade em Belém nos períodos 1984-1989 e 2005-2010 segundo o gênero (valores percentuais).

Gênero	Noiva		Noivo	
	1984-1989	2005-2014	1984-1989	2005-2014
Nível de instrução / Período				
Ensino Fundamental Incompleto	1,3	0,6	1,6	0,0
Ensino Fundamental Completo	11,6	0,9	6,5	0,9
Ensino Médio Incompleto	3,5	0,3	4,6	1,2
Ensino Médio Completo	41,1	17,1	40,9	10,2
Ensino Superior Incompleto	9,7	6,7	11,3	8,5
Ensino Superior Completo	31,7	68,6	34,1	73,9
Pós-graduação	0,0	2,9	0,0	3,2
Sem Informação	1,1	2,9	1,1	2,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ficha de inscrição do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Pastoral Familiar da Santíssima Trindade).

Quanto à ocupação a da tabela abaixo mostra que no período, entre 1984 a 1989, a maioria dos homens desempenhavam suas atividades no setor fabril ou na prestação de serviços (16,7%), como bancários (11,3%), profissionais liberais com ensino superior (professores, advogados, médicos, engenheiros) (23,1%) e empresários ou comerciantes (13,7%)³⁰⁰. A maioria das mulheres, por

²⁹⁹ É importante perceber que a diferença entre o nível de instrução de noivos e noivas se inverte no período analisado. Isto porque a medida em que cada um deles se distribuem nos diferentes estratos da formação escolar, as mulheres ocupam os níveis mais inferiores ao passo que os noivos os níveis mais superiores proporcionalmente.

³⁰⁰ Para analisar os dados sobre a ocupação dei preferência aos critérios estabelecidos por Pierre Bourdieu (2008), uma vez que sua metodologia permite classificar as ocupações não apenas

sua vez, se identificava como estudantes ou donas-de-casa em 46% dos casos enquanto uma 27,7% se dedicava a atividades liberais como professoras, pedagogas, contadoras, etc.

Tabela: Ocupação dos noivos que frequentaram o Curso de Noivos da Santíssima Trindade em Belém nos períodos 1984-1989 e 2005-2010 segundo o gênero (valores percentuais).

Gênero Ocupação / Período	Noiva		Noivo	
	1984-89	2005-10	1984-89	2005-10
Aposentado/ Dona-de-casa ("Do Lar")/ Estudante	46,0	8,8	4,6	1,6
Operários (nível fundamental)	2,7	3,6	16,7	8,2
Militar	0,0	0,1	8,6	2,8
Quadro técnico do setor público (nível médio)	7,0	3,4	5,6	1,2
Profissional Liberal (nível médio)	1,6	3,4	9,4	5,3
Trabalhador do setor privado (nível mé- dio)	3,5	1,9	11,3	7,0
Profissional liberar com nível superior	27,7	67,2	23,1	55,2
Profissionais do setor público (nível supe- rior)	2,7	5,1	5,6	6,6
Empresário	4,8	3,1	13,7	9,9
Sem informação	4,0	3,5	1,3	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ficha de inscrição do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Pastoral Familiar da Santíssima Trindade)

Ao se comparar esse quadro com o período entre 2005 e 2010 nota-se uma mudança significativa. Primeiro porque a proporção de noivos que estavam desempenhando atividades liberais com formação superior saltou de 23,1% para 55,2% entre os homens e de 27,7% para 67,2% entre as mulheres. Segundo porque observa-se uma maior variabilidade de atividades profissionais desempenhadas pelas mulheres que deixaram de se matricular no curso enquanto eram estudantes ou donas-de-casa para fazê-lo em diferentes ocupações. Com efeito, os dados demonstram que as mulheres tendem a adiar o casamento exatamente porque reivindicam para si autonomia e independência em relação aos seus parceiros, o que pode ser eventualmente conquistado com uma formação que as habilite para uma ocupação bem remunerada.

em função da renda, mas dos gostos e estilos de vida, o que é muito próprio a este contexto onde o casamento religioso é uma escolha cuja variedade de motivações é caracterizada principalmente pelo reprodução de valores distribuídos heterogeneamente no conjunto da sociedade.

Ao se relacionar esta informação com os dados sobre faixa etária e escolaridade, é possível deduzir que os casais não só têm cada vez mais adiado a cerimônia religiosa, como também procurado fazê-lo com melhor nível de instrução e, conseqüentemente, maior poder aquisitivo. No caso das mulheres, recorte no qual essas mudanças são mais notórias, isso revela, tanto sua emancipação pessoal, como seu protagonismo em direção a uma maior autonomia econômica e familiar.

Além das mudanças observadas no segmento ocupacional ao longo dos dois períodos, a análise das fichas de inscrição também permitiu refletir sobre o deslocamento e o arranjo socioespacial dos noivos. Assim, enquanto o período 1984-1989 aponta uma maior concentração dos noivos na região central e mais urbanizada da cidade à época, com destaque para os bairros da Cidade Velha, Campina, Nazaré e Umarizal, o período 2005-2010 expõe a maior concentração de noivos morando em bairros mais afastados e/ou considerados “periféricos” pelos moradores locais, como Marco, Canudos, Fátima, Telégrafo e Terra-Firme.

Este dado, no entanto, deve ser complementado pelo significado da neolocalidade e uma de suas principais nuances: o gênero. Neste sentido, enquanto no período 1984-1989 54,4% dos noivos se uniam e formavam uma unidade doméstica independente, entre 2005 e 2010 esse percentual saltou para 72,7%, sobretudo porque houve uma redução significativa na proporção de casais em que futura residência seria, na verdade, a moradia do noivo ou de seus parentes.

Tabela: Mobilidade socioespacial dos noivos que frequentaram o Curso de Noivos da Santíssima Trindade em Belém nos períodos 1984-1989 e 2005-2010 (valores percentuais)

Mobilidade Socioespacial	1984-1989	2005-2010
Neolocal	54,4	72,7
Moradia do noivo ou seus parentes	27,2	10,8
Moradia da noiva ou seus parentes	16,4	8,4
Continuação “morando juntos”	1,5	7,0
Indefinido	0,5	1,0
TOTAL	100,0	100,0

Fonte: Ficha de inscrição do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Pastoral Familiar da Santíssima Trindade)

A mobilidade socioespacial dos noivos também indica que ao longo do período estudado houve variação na composição do arranjo conjugal. Neste caso, observou-se que a proporção de noivos que pertenciam à mesma

vizinhança ou bairro entre 1984 e 1989 correspondia a 37,2,8% do total. No período 2005-2009 este percentual reduziu para 13,1%. Coincidentemente, o percentual de noivos que já coabitavam antes do casamento à época e que realizaram o curso saltou de 5,8 para 27,6%, o que torna possível indagar não apenas as mudanças nos padrões de neolocalidade e sociabilidade dos noivos, como também o significado da coabitação antes do casamento³⁰¹.

Homogamia socioespacial	1984-1985	2005-2010
Moram junto	5,8	27,6
Vizinhos ou moram no mesmo bairro	37,2	13,1
Moram em bairros vizinhos ou na mesma cidade	42,2	44,1
Moram em cidades da região metropolitana	8,5	8,3
Moram em outras cidades do Estado, fora do Estado ou em outros países	6,3	6,9
TOTAL	100,0	100,0

Fonte: Ficha de inscrição do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Pastoral Familiar da Santíssima Trindade)

Conforme apontado no capítulo 3 isso significa que a coabitação antes de oficializada a união tem progressivamente ocupado o lugar do ritual de casamento como ato de entrada no mesmo. Este dado também mostra que a formação dos casais é cada vez menos dependente das redes de parentesco local, correspondendo assim a maior circularidade dos sujeitos no espaço social.

Dinâmica dos valores: assimilação do modelo de casamento católico Trindade, Belém

Os resultados obtidos com a análise das fichas de inscrição não parecem deixar dúvida quanto às mudanças observadas em relação ao perfil socioeconômico dos noivos. Porém, quando analisadas isoladamente, isto é, no contexto de uma instituição que procura normatizar práticas sociais convencendo os sujeitos

³⁰¹ Em comparação com os noivos de Fátima, os dados sobre a moradia (único recorte que os dados disponíveis permitem analisar) retratam dados parecidos em relação ao segundo período o que sugere semelhanças no tipo de dinâmica social entre os dois grupos. Assim, entre 2004 e 2016 o número de noivos que moravam juntos à época do curso correspondeu a 17,7% de um total de 876 casais inscritos. No mesmo período, o percentual de noivos que eram vizinhos ou moravam no mesmo bairro correspondeu a 11,3%. Enquanto isso os casais que moravam em bairros diferentes da mesma cidade ou em cidades, estados ou países diferentes correspondeu, respectivamente, a 47,1% e 15,2%.

a adotarem-nas através de um curso de preparação para o casamento, restam incertezas em relação às consequências que, por um lado, afetam as estratégias de convencimento da pastoral, e, por outro, os efeitos que essas mudanças produzem na assimilação do conteúdo contido nestas estratégias. Em outras palavras, seria necessária uma ferramenta que permitisse avaliar qualitativamente a apreensão que os noivos fizeram do conteúdo oferecido pela pastoral ao longo do tempo.

Com base na documentação existente no curso de noivos da Trindade essa ferramenta corresponde ao questionário “Avaliação de Assimilação” (ANEXO A), questionários utilizados pela pastoral desde o seu início no intuito de identificar a interpretação que os noivos fazem do conteúdo apresentado pelos palestrantes. Para reunir e analisar as informações contidas nestes documentos dividi meu trabalho em duas etapas. A primeira delas envolveu as “Sínteses de Avaliação” (ANEXO B), registros encontrados em meio aos arquivos catalogados por Hélio. Estas sínteses eram uma forma sistematizada de reunir as respostas dadas pelos “círculos”, termo incorporado do ECC e que correspondia ao nome dado pelos coordenadores ao grupo de cinco ou seis casais formados por membros da pastoral. Estes grupos são instigados a refletir sobre questões previamente definidas devendo chegar a um consenso sobre as respostas a serem dadas. As mesmas são posteriormente compartilhadas durante o curso, reproduzindo, assim, o que se faz no ECC até os dias atuais.

As sínteses encontradas nos arquivos de Hélio revelaram também que além das respostas às questões propostas, solicitava-se aos noivos uma avaliação qualitativa das equipes de trabalho, dos próprios noivos e das palestras, que na época versavam sobre “Casamento: encontro de duas vidas”, “Aspectos biológicos do casamento”, “Paternidade responsável”, “Família no mundo de hoje”, “Administração do lar” e “Direito na vida conjugal”. Esta avaliação era baseada em cinco conceitos: regular, bom, ótimo e excelente.

Porém, ao contrário do cuidado dispensado por Hélio em relação as informações das fichas de inscrição, as fichas de assimilação não tiveram a mesma sorte. A maior parte delas se perdeu com o tempo além do que não parece ter sido objeto de interesse dos coordenadores, conforme demonstrou Nair ao sugerir que as fichas que havia encontrado no armário da pastoral fossem

descartadas³⁰². Com isso, o material consultado resultou do acesso às sínteses de avaliação de seis encontros (10º e 11º encontro, realizados no ano de 1985, e do 29º, 30º, 31º e 37º encontro, estes realizados no ano de 1987), bem como às 169 fichas de “Avaliação de Assimilação” (ANEXO A)³⁰³ preenchidas entre 2010 a 2015, no intervalo entre o 250º e 306º encontro.

Os resultados obtidos com as sínteses de avaliação referentes aos anos de 1985 e 1987 foram sistematizados em um quadro contendo o resumo dos principais argumentos fornecidos pelos noivos:

Quadro: Síntese das respostas dos círculos às questões levantadas pela pastoral familiar da Santíssima Trindade em 1985 e 1987 (Encontro n. 10, 11, 29, 30, 31 e 37)

<p>A partir da pergunta "O GRUPO ENTENDE QUE O DIÁLOGO É INDISPENSÁVEL PARA A FELICIDADE DO CASAL? PORQUE?" os noivos argumentam que o diálogo é a base do relacionamento, permitindo-lhes que se aprofundem no conhecimento mútuo atenuando conflitos e garantindo a manutenção do casal.</p>
<p>A partir da pergunta "CONSIDERANDO AS DIFICULDADES DA VIDA MODERNA, QUAIS AS CONDIÇÕES QUE CONSIDERAM FUNDAMENTAIS PARA A CHEGADA DO 1º FILHO?" os noivos apontam a necessidade de adaptação em que a aquisição de estabilidade econômica e emocional são condições indispensáveis para a chegada do primeiro filho. Do lado econômico, o emprego e o planejamento financeiro respondem pelas condições materiais de cuidado e educação do filho. Do lado emocional, espera-se que os futuros cônjuges possuam uma boa convivência, desenvolvam sua espiritualidade e adquiram maturidade para saber lidar com a criação dos filhos.</p>
<p>A partir da pergunta "QUAL A OPINIÃO DO GRUPO A RESPEITO DO EXAME PRÉ-NUPCIAL?" os noivos aprovam seu uso e argumentam que o mesmo se faz necessário em virtude da identificação de problemas de saúde que previnam a transmissão de doenças venéreas e garantam o nascimento seguro dos filhos.</p>
<p>A partir da pergunta "NO SEU ENTENDER QUAIS OS REFLEXOS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA, RÁDIO, JORNAIS, REVISTAS, TV, ETC. SOBRE A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA MODERNA?" os noivos consideram que os meios de comunicação têm muita influência na vida moderna, sobretudo na família, uma vez que são identificados como a principal causa da desagregação familiar e do desinteresse das crianças pela escola e a igreja.</p>

³⁰² A partir desse evento, Nair sugeriu à pastoral que estas fichas deveriam ser adotadas como fonte de avaliação dos encontros e serem descartadas após 1 ano.

³⁰³ Diferentemente da “Síntese de Avaliação” a “Avaliação de Assimilação” é um questionário entregue aleatoriamente aos noivos no intervalo das palestras, o que não permite identificar quem redigiu as respostas encontradas nas mesmas.

Os noivos, no entanto, também consideram que esta influência é irreversível dado o avanço tecnológico e a manipulação econômica nesta área, exigindo das famílias um melhor aproveitamento de suas inovações.

A partir da pergunta "QUAL A IMPORTÂNCIA DO SEXO (NO CASAMENTO)?" os noivos ressaltam a relação do sexo com o amor, o carinho, a confiança e o respeito. Para eles a relação sexual permite aos cônjuges se conhecer mutuamente além de garantir a manutenção do casamento.

A partir da pergunta "NA OCORRÊNCIA DE UMA GRAVIDEZ INDESEJADA, O CASAL OPTARIA POR UMA SOLUÇÃO CIRÚRGICA OU ASSUMIRIA O FILHO? PORQUE?" os noivos afirmam que assumiram o filho por se tratar de uma responsabilidade inerente a vida conjugal, mas advertem que poderiam interromper caso não possuíssem condições econômicas para criá-lo.

Fonte: Síntese das Avaliações (adaptada pelo autor).

Neste quadro é possível perceber que os principais tópicos das questões levantadas pela pastoral ressaltavam a importância do diálogo e da sexualidade para o relacionamento, o nascimento do primeiro filho e uma crítica velada aos meios de comunicação, vistas como produto da modernidade. As respostas dos noivos, por sua vez, denotavam maior condescendência com o ponto de vista da pastoral, sobretudo em relação a adaptação a uma certa ordem normativa em que prevaleciam as expectativas da igreja católica quanto a indissolubilidade do relacionamento, seja pela valorização do diálogo, da prevenção simbolizada pelo exame pré-nupcial ou no cuidado que se devia se ter com a relação sexual.

Essa condescendência, no entanto, não é capaz de ocultar a inclinação dos noivos em romper com o discurso normativo, pois é possível perceber que embora reconheçam problemas também apontam virtudes na modernidade, como os avanços tecnológicos. Da mesma forma, sugerem a possibilidade de realização do aborto quando as condições econômicas do casal assim determinassem.

Ainda que tímido, esse desvio, se posso dizer assim, sinaliza que a expectativa de assimilação do conteúdo não parece ter sido totalmente eficaz, o que obrigatoriamente sugere duas hipóteses: primeiro, a maior condescendência dos noivos é um reflexo do perfil socioeconômico do grupo analisado, levando-se em conta o resultado obtido com a análise das fichas de inscrição; segundo, partindo-se da reflexão sobre os mesmos dados, a manifestação de oposição ao discurso normativo indica a presença de variáveis no perfil do grupo que são

incompatíveis com a expectativa de assimilação do conteúdo pela pastoral. Como consequência, foi necessário indagar se no período em que realizei minha pesquisa de campo predominaria a condescendência ou a ruptura dos noivos com o discurso normativo da pastoral ou se, na verdade, em vista das demandas ideológicas produzidas com a mudança no perfil socioeconômico dos mesmos a pastoral teria adaptado sua proposta aos novos significados do casamento que disso resultou.

A fim de refletir sobre estas indagações adotei como fonte de análise uma amostra contendo 169 registros realizados por noivos que preencheram o questionário "avaliação de assimilação" entre o 250º encontro (ocorrido em fevereiro de 2010) e o 294º encontro (ocorrido em agosto de 2014). Os mesmos foram produzidos tendo como base os temas apresentados pelos palestrantes durante o curso, o que permite avaliar e comparar a reação/interpretação dos noivos aos conteúdos expostos.

Em relação à pergunta "O que vocês entenderam sobre a palestra Amor Conjugal", por exemplo, as respostas dos noivos identificadas na avaliação demonstram que, pela ordem, respeito, equilíbrio, compreensão, companheirismo, união, renúncia, cumplicidade e solidariedade são as principais características do amor conjugal.

Dando eco aos valores e crenças da pastoral, a maioria dos noivos reconhece ainda que o amor é um sentimento dividido em três tipos: o amor Eros, caracterizado como um sentimento individualista e baseado na atração física e sexual; o amor Filos, representado pelas ideias de amizade e companheirismo e associado com as relações de parentesco; e o amor ágape, majoritariamente visto como um sentimento de escolha, renúncia e doação mútua, próprio do casamento.

O amor conjugal é o sentimento que une 2 pessoas e que compreende 3 tipos de amor, o Eros, filo e ágape, que se refere ao amor carnal, amizade e a doação, respectivamente. Elementos primordiais para a vida a dois. (Avaliação de Assimilação, encontro 250).

O amor conjugal tem por base três pilares: o amor físico, vale dizer, o amor decorrente da nossa condição humana; o amor amizade consiste no compartilhamento de experiências com a pessoa amada; e o amor "ágape", tido como o amor em outro, ou seja o amor em que um se doa para o outro. (Avaliação de Assimilação, encontro 269).

Tecnicamente existem 3 tipos de amor: o amor Eros, o amor filis e o amor ágape, eles devem coexistir em harmonia, sem que um se sobreponha ao outro. O amor Eros e o amor filis são os mais egoístas. O amor ágape é doação, entre tanto deve ter retorno/ser recíproco, evitando que um só casal se doe o tempo inteiro. O amor Eros é sobre o físico e o amor filis sobre a amizade. (Avaliação de Assimilação, encontro 278).

O amor conjugal deve ser apoiado em 3 pilares sólidos: o amor Eros, o amor filis e o amor ágape. O amor Eros é o que apresenta-se fisicamente, o que nos torna atrativos uns aos outros, o amor filis e o amor que sentimos por outra pessoa, como pai e mãe. É o primeiro contato de amor que sentimos e o amor ágape é o amor que se apresenta em forma de doação ou negação de sua vontade para o bem do casal. (Avaliação de Assimilação, encontro 284).

Além de demonstrar que os noivos assimilam o que em tese reflete o próprio imaginário social em torno da diferenciação do sentimento amoroso, esta tipificação também sugere que o mesmo é interpretado como um processo, pois as dimensões Eros-Filis-Ágape também representa a passagem ideológica do individualismo ao altruísmo. Isto fica melhor compreendido pela recorrência como que os noivos usam o argumento de que o amor ágape ou conjugal é o tipo de amor capaz de lidar com as diferenças e deve reunir aprendizado e refinamento dos outros dois tipos, que neste sentido expressam formas naturalizadas do sentimento amoroso. O amor conjugal, porém, deve sua eficácia a dois fatores: a capacidade dos noivos em equilibrar essas dimensões e incorporar o divino no relacionamento, o que o faz ser chamado também de "amor divino".

Segundo os noivos, equilibrar a composição Eros-Filis-Ágape é um exercício diário e rotineiro que deve ser feito por meio de práticas virtuosas que tem por objetivo "fazer o outro feliz". A incorporação do divino no relacionamento, por sua vez, torna esse equilíbrio duradouro, mas que só pode ser feita em parceria com a igreja e seus agentes religiosos, a exemplo da pastoral familiar.

Quanto a pergunta "O que vocês entenderam sobre a palestra Conhecimento de si mesmo e do outro" a maioria dos casais compreende o seu conteúdo como dirigido a convivência harmoniosa e duradoura do futuro casal apontando que o respeito, os limites, a convivência, o amor, a harmonia, a compreensão, o diálogo e a paciência são as principais características de um casamento bem-sucedido. Com isso, expressam o mesmo entendimento dos noivos pertencentes

ao grupo que participou do curso no período 1985-87 onde a manutenção do casal era um tema recorrentemente perseguido. Este entendimento, no entanto, assimila a proposta de reconhecer que o relacionamento é formado pela união de dois sujeitos com biografias distintas, cujas diferenças não devem ser tratadas como defeitos, mas como traços individuais com as quais os noivos devem aprender a lidar ao longo do relacionamento se quiserem ter um casamento bem-sucedido.

É fundamental em um matrimônio que a pessoa conheça a si mesmo, suas fraquezas e necessidades e que saiba que a pessoa que escolheu corresponde ao que deseja. Da mesma forma, é importante, conhecer esta pessoa escolhida, respeitando suas diferenças e procurar uma convivência saudável. (Avaliação de Assimilação, encontro 245).

Saber que somos diferentes e não que temos defeitos e que precisamos aprender a respeitar e aceitar o outro como ele é. (Avaliação de Assimilação, encontro 254).

O conhecimento de si e do outro é importante na convivência do casal, sabendo conviver com as diferenças e manias dos dois. (Avaliação de Assimilação, encontro 254).

Para isto é necessário que o indivíduo renuncie o seu individualismo e se lance num processo de autoconhecimento em que conhecer as razões que justificam as próprias motivações e comportamentos deve preceder o desejo de mudar os valores, os comportamentos e desejos do outro. Uma vez que este processo reflete a expectativa de convergência em torno do mesmo projeto conjugal, o mesmo se dá recíproca, contínua e evolutivamente por meio do diálogo, vigilância e respeito aos limites que individualidade do outro impõe.

Na prática, isso significa que para que os noivos se tornem uma unidade devem conhecer o universo de hábitos, emoções e pensamento que constituem a persona do parceiro o que permite a cada um dos membros do casal antecipar mudanças prevendo ações e reações em relação as situações que permeiam o relacionamento conjugal:

O casamento é a união ente duas pessoas que antes eram desconhecidos um para o outro mais que a partir do matrimônio passam a conviver e compartilhar uma mesma vida e para isso necessário conhecermos um ao outro sem individualismo. (Avaliação de Assimilação, encontro 274).

O conhecimento do casal é uma descoberta diária, apesar de conviverem, independentemente do tempo de união somente com respeito, amor e compreensão o casal pode buscar o caminho do conhecer e exercitá-lo diariamente respeitando a individualidade um do outro. (Avaliação de Assimilação, encontro 259).

Já em relação ao tema "Diálogo" as respostas destes noivos são muito semelhantes com o que fora identificado nas "Sínteses de Avaliação" do período 1985-87. Nelas se compreende que o conteúdo acerca do diálogo é a base do amor conjugal, sendo o principal elemento da manutenção de um relacionamento saudável e harmônico. Isso porque o conteúdo em torno do tema é visto como um recurso a que se deve lançar mão para conhecer as vontades, desejos e poder compreender a necessidade do parceiro. Com isso enfatizam a assimilação da função conciliatória expressa pela palestra, demonstrando que recorrem ao diálogo como solução para as contradições e conflitos que as diferenças de socialização produzem ao longo do relacionamento:

O amor conjugal se alicerça no diálogo; logo é preciso demonstrar e expressar o amor e os sentimentos com sinceridade e desprendimento. (Avaliação de Assimilação, encontro 226).

É o instrumento mediante o qual o casal objetiva conhecer uma ao outro para atingir o bem comum. (Avaliação de Assimilação, encontro 234).

O diálogo é um dos pilares de um casamento feliz. É através dele que entendemos o outro e que também expressamos nossos sentimentos. Se feito com respeito, amor e compreensão, o diálogo pode ser a chave para muitos dos problemas conjugais que existem hoje. (Avaliação de Assimilação, encontro 258).

O diálogo é muito importante em qualquer relação interpessoal, principalmente nas relações a dois. É o diálogo que proporciona um relacionamento saudável. Como foi dito pelos palestrantes a importância de se casar com quem se goste de conversar, pois no final é o que vai ficar. (Avaliação de Assimilação, encontro 280).

Os noivos também assimilam a ideia de que o diálogo se constitui em uma troca de experiências e sentimentos, cuja ocorrência deve se basear em quatro fundamentos (ou pilares, conforme frequentemente redigem), cuja composição pode variar de um encontro a outro em razão do casal de palestrantes. Pela

ordem, oportunidade, sinceridade, maturidade, solidariedade e autenticidade são os fundamentos mais associados ao diálogo³⁰⁴. Estes fundamentos têm como finalidade tornar o diálogo uma troca igualitária incentivando os noivos a superar, progressivamente, suas diferenças a fim de tornarem-se unidade conjugal.

Os noivos reconhecem ainda que o diálogo não se dá exclusivamente pela comunicação verbal, mas também pela comunicação corporal, demonstrando que o mesmo reúne diferentes meios de codificação.

Em relação à pergunta "O que vocês entenderam sobre a palestra Exercício da Sexualidade Humana" os casais chamam atenção para a distinção entre sexualidade e sexo. Para eles a sexualidade é uma forma planejada, saudável e responsável de expressar amor conjugal. Sua finalidade é garantir a unidade e procriação do casal. O sexo, por sua vez, é descrito como uma prática promíscua e banalizada pela sociedade atual em que a "cultura do genitalismo" estimula os indivíduos a buscar um prazer egoísta visando atender exclusivamente suas necessidades fisiológicas:

É preciso saber diferenciar sexualidade de genitalismo. Tendo esses conceitos claramente definidos, é possível conhecer melhor a si mesmo e a respeitar os sentimentos e comportamentos psicológicos e sexuais do parceiro. (Avaliação de Assimilação, encontro 226).

Entendemos que a sexualidade não está ligada aos prazeres mundanos. Entendemos que é importante para procriação e para o fortalecimento da união do casal. (Avaliação de Assimilação, encontro 270).

Entendemos que Deus fez o homem e a mulher para exercer uma sexualidade que une amor e procriação e não para a promiscuidade. (Avaliação de Assimilação, encontro 270).

Nesse aspecto nota-se uma diferença significativa em relação aos noivos de 1985-87 que viam no sexo uma fórmula para alcançarem intimidade e se conhecerem melhor. Essa distinção demonstra que os noivos do período 2010-14 assimilam o argumento de que a sexualidade é um dom de Deus, ou seja, um conjunto mais amplo e socialmente aprovado de saberes e habilidades em torno do corpo humano e que, por essa razão, é hierarquicamente superior ao sexo ao

³⁰⁴ Em 6 avaliações os noivos incluem também a lucidez como um desses pilares).

mesmo tempo que o engloba. Os saberes e habilidades correspondentes a essa hierarquia/englobamento da sexualidade são associados com virtude da mesma em permitir aos sujeitos identificar o momento certo para manter a relação sexual, o que se dá procurando conhecer as peculiaridades fisiológicas e comportamentais do corpo humano. O corpo feminino é o principal objeto de atenção dos noivos, uma vez que eles enfatizam a necessidade de "aprender a lidar" com a mulher nos períodos da "tpm" e da menstruação, descobrir áreas do seu corpo capazes de produzir prazer e reconhecer os sinais de aprovação para a prática sexual:

Sexualidade não se confunde com o sexo, este é apenas um elemento daquela que envolve carinho, respeito, cuidado etc. Os métodos contraceptivos ou aumento a probabilidade de se desenvolver câncer ou são abortivos a igreja é a favor da vida e o controle quanto ao ciclo menstrual é a forma indicada para o planejamento familiar, além da abstinência. (Avaliação de Assimilação, encontro 274).

A importância do homem conhecer o ciclo da mulher. A palestra mostrou o ciclo da menstruação o período da tpm, o período fértil, falando logo após a menopausa, onde a mulher perde um pouco o libido. (Avaliação de Assimilação, encontro 273).

A respeito da sexualidade, os noivos também se manifestam a respeito da geração e criação dos filhos e assim como os noivos de 1985-87 ressaltam que prudência, amor e responsabilidade são elementos a serem considerados na formação de uma nova família.

A partir da pergunta "O que vocês entenderam sobre a palestra Planejamento Familiar" os noivos argumentam que a formação da família, assim como a manutenção do relacionamento, deve ser planejada considerando dois aspectos, mutuamente dependentes:

a) apesar da procriação ser uma das finalidades do casamento, o futuro casal deve identificar o melhor momento para ter filhos e utilizar os meios adequados para isso;

b) a fim de evitar conflitos, o casal deve agir com prudência em seu planejamento financeiro e doméstico.

Levando-se em conta o método Billings como método anticoncepcional aprovado pela igreja católica, os noivos argumentam que assimilaram a ideia de que os outros métodos oferecidos pela igreja são abortivos e, portanto, atentam

contra a vida. A utilização deste método, porém, é considerada um sacrifício pois além de exigir o aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre a fisiologia do sistema reprodutivo feminino também exige o autocontrole sexual dos parceiros – o que nem sempre é acolhido sem ponderações e críticas:

Entendemos que o casal deverá realizar o planejamento familiar respeitando os princípios da igreja e seu próprio corpo não fazendo uso de métodos abortivos e drogas e sim utilizando-se de métodos naturais e do sacrifício. (Avaliação de Assimilação, encontro 282).

Apesar da igreja católica entender que o planejamento familiar deve ser feito sem a presença de métodos anticoncepcionais. Entendo que essa posição não é a mais correta, pelo fato que no mundo de hoje temos que ter cuidado o número de filhos. (Avaliação de Assimilação, encontro 257).

Para a igreja o melhor e único método de planejamento aceitável é o método Billings baseado na tabela (avaliar o período fértil da mulher). Porém para planejamento familiar na visão médica é um método falho já que o ciclo menstrual de mais de 90% das mulheres não é igual. (Avaliação de Assimilação, encontro 276).

Estas críticas reforçam o posicionamento dos noivos nos dois períodos analisados, uma vez que explicitam a recorrente oposição dos mesmos a interferência da igreja em assuntos que toquem sua sexualidade.

Os noivos também ressaltam que o momento do nascimento e a quantidade de filhos que podem ter são determinados pela renda, razão pela qual assimilam como necessário aprender a se educar financeiramente. Para isso devem exercitar a prudência, evitando temperamentos compulsivos na hora de suas compras, tomando decisões financeiras em conjunto e tornando transparentes suas finanças. Segundo os noivos, essas atitudes evitariam desentendimentos e possíveis rupturas do relacionamento. Ainda que isso assemelhe a visão destes noivos ao que expressavam os noivos do período 1985-87 eles diferem em sua preocupação com a necessidade de estabilidade emocional como condição para o nascimento e criação dos filhos e na proposta de recorrer ao aborto como alternativa diante de uma gravidez indesejada.

Sobre o tema "A família no mundo de hoje", os noivos reproduzem o mesmo entendimento dos noivos do período 1985-87 apontando a distinção

entre os valores que caracterizam o modelo de família idealizado pela igreja e aquele que, a partir do conteúdo assimilado, resulta dos desvios protagonizados pela emergência do binômio individualismo-modernidade. Assim como em Rêgo (2005), a família é vista pelos casais como um valor (positivo), como grupo de referência para a vivência (contínua, duradoura e indissolúvel) de valores, realização afetiva e psíquica e aquisição de atitudes compatíveis com o ideal de família.

No modelo idealizado, também chamado de tradicional, a família é sagrada uma vez que além de ser uma criação divina é a base da sociedade. Na mesma, os filhos honram os pais e a mulher está submetida ao marido. Em ambos os casos os indivíduos estão submetidos a uma autoridade assentada no costume e baseada em mandamentos bíblicos. Segundo os noivos, este modelo encontrar-se-ia em processo de desagregação face aos avanços científico-tecnológicos e as transformações sociais que alteraram as relações familiares em tempos recentes. Entre essas transformações encontram-se enumeradas: o aparecimento das pílulas anticoncepcionais, a tolerância com a homossexualidade, a disseminação dos meios de comunicação e das redes sociais, a competição entre homens e mulheres por postos de trabalho, a substituição dos pais no cuidado dos filhos por babás e o afastamento da igreja.

Argumentando que essas transformações seriam o resultado dos efeitos negativos do individualismo e da modernidade sobre a família, os noivos consideram que a família no mundo de hoje enfrenta o desafio de resgatar os valores tradicionais combinando-os as virtudes e prejuízos protagonizados pelo mundo moderno:

É importante resgatar aspectos das famílias de antigamente sabendo utilizá-los no mundo de hoje, pois o que está ocorrendo é uma desvalorização das famílias que vêm afetando toda a sociedade. (Avaliação de Assimilação, encontro 262).

A vida agitada e os compromissos diários, de trabalho, comprometem a via familiar, nos dias em que o individualismo e a tecnologia imperam, as famílias estão cada vez mais distanciadas e desunidas se tornando assim um desafio cada vez maior ser família nos dias atuais. (Avaliação de Assimilação, encontro 263).

Valores de antigamente como a honra da palavra por exemplo estão se perdendo a medida que valores modernos como o individualismo, a valorização do "ter" estão ganhando mais espaços na sociedade. Com isso está cada vez mais difícil ser família no mundo de hoje. Por isso é tão importante manter a fé e partilhar a crença em Deus. (Avaliação de Assimilação, encontro 266).

Alguns princípios hoje estão com seus valores invertidos. As famílias, cada vez mais em função do consumismo propagado pela mídia, estão na busca do "ter", do "possuir" e não estão dando ênfase na formação, na educação familiar de seus filhos, deixando de lado a estrutura espiritual e valores. (Avaliação de Assimilação, encontro 266).

As famílias atuais estão vivendo de forma individualista, perdendo a essência e os sentidos do que é família. Nossa missão é resgatar o amor, companheirismo e a colaboração entre as pessoas que amamos. (Avaliação de Assimilação, encontro 274).

Por fim, os noivos demonstram que assimilaram o significado do casamento religioso como sinal sensível e eficaz da graça de deus em suas respostas a pergunta "O que vocês entenderam sobre a palestra Sacramento do Matrimônio".

Este entendimento reflete a crença de que tal graça – que também é chamada de bênção – é responsável por transformar os noivos em "uma só carne" (unidade) e impedir a ruptura do relacionamento (indissolubilidade). Estas propriedades levam os noivos a considerar a cerimônia religiosa como uma escolha livre e espontânea, mas cercada de responsabilidades exigindo que os sujeitos tenham consciência e convicção do que estão fazendo, pois além não de se repetir – no caso de um eventual término do relacionamento –, marca a renúncia definitiva da vida individual em função do núcleo conjugal (tornar o cônjuge feliz) e familiar (procriação e educação dos filhos).

Sacramento é um sinal sensível e eficaz da graça de Deus que se apresenta na vida de duas pessoas que passam a ser uma só carne através do matrimônio. O sacramento do matrimônio acontece entre um casal católico e é uma comunhão para a vida toda. (Avaliação de Assimilação, encontro 225).

É a união eficaz pela graça de deus e que precisa ser muito bem pensada antes de se concretizar para que não haja arrependimento. (Avaliação de Assimilação, encontro 289).

Entendemos que é o sinal de deus nos abençoando e nos satisfazendo para que possamos vencer todas as dificuldades e os desafios da vida matrimonial. (Avaliação de Assimilação, encontro 261).

Os noivos também argumentam que a celebração do casamento religioso não é um contrato ou rito social, pois sendo protagonizada pelos noivos e tendo a igreja e os convidados como testemunha, torna-se uma comunhão do futuro casal com Deus. O sentido dado a esta comunhão reflete a expectativa de que ao incorporar o religioso na relação, os noivos aumentam a eficácia do compromisso e reduzem os riscos protagonizados pela imprevisibilidade do comportamento humano.

Fátima, Teresina

Como se pode notar a preocupação dos coordenadores da pastoral da Trindade e sobretudo de Hélio com a preservação de documentos e o registro de dados favoreceu a análise da recepção e assimilação do conteúdo exposto neste curso. Apesar de não ter tido a mesma sorte na paróquia de Fátima procurei meios para realizar o mesmo estudo.

A alternativa que encontrei para realizar essa tarefa se deu recorrendo às fichas de inscrição encontradas nos arquivos da pastoral. Como em algumas delas havia o registro referente ao contato dos noivos busquei a aprovação do casal coordenador para enviar-lhes um formulário eletrônico (APÊNDICE D) contendo questões relativas ao estado civil, ao nascimento de filhos, a atualização do endereço, ao status da moradia, ao engajamento religioso, a avaliação das palestras e da influência do conteúdo exposto na vida conjugal dos noivos que haviam participado do curso. As questões deste formulário foram elaboradas com base na ferramenta “Google Docs” e aplicadas com a aprovação dos coordenadores da pastoral, Manuela e Osvaldo, entre julho e outubro de 2017 aos casais que frequentaram o curso no período entre maio de 2011 e novembro de 2016. Ao final deste processo constatou-se que o formulário foi preenchido por 56 (cinquenta e seis) pessoas, das quais 33 eram mulheres e 23 eram homens, o que corresponde a um percentual de 10,21% dos 548 formulários enviados.

Em relação ao estado civil notou-se que a maioria dos respondentes continua casado com o mesmo cônjuge com quem contraiu matrimônio após

participar do curso de noivos. Quanto aos filhos, as informações obtidas permitem constar que metade dos respondentes não tinham filho até a época do preenchimento do formulário. Após o casamento 45 % dos casais tiveram apenas 1 filho, enquanto 7% tiveram 2 filhos. Cerca da metade dos filhos destes casais nasceram entre o primeiro e o segundo ano do casamento.

Tabela – Estado civil dos respondentes que participaram do curso de noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016.

Estado civil	Quantidade	Frequência
Casado (a)	52	93%
Divorciado (a)	4	7%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Tabela – Presença de filhos entre os casais que frequentaram o curso de noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016

Presença de filhos	Quantidade	Frequência
Sim	28	50%
Não	23	43%
Indefinido	4	7%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Tabela – Número de filhos entre os casais que frequentaram o Curso de Noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016.

Número de filhos	Quantidade	Frequência
Nenhum	27	48%
1 filho	25	45%
2 ou mais filhos	4	7%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Tabela – Tempo entre o casamento e o nascimento do primeiro filho entre os casais que frequentaram o Curso de Noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016.

Tempo entre o casamento e o nascimento do primeiro filho	Quantidade	Frequência
Antes do casamento	3	10%
Menos de 12 meses	10	32%
12 a 23 meses	5	16%
24 meses a 35 meses	6	19%
36 meses a 47 meses	2	6%
Mais de 48 meses	5	16%
Total	31	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Os dados obtidos também revelaram que, na maioria dos casos (58%), houve mudança de endereço após o casamento e que a moradia dos respondentes tende a ser própria.

Tabela – Endereço do casal após o casamento entre os casais que frequentaram o Curso de Noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016.

Endereço do casal após o casamento	Quantidade	Frequência
Houve mudança de endereço	31	55%
Mesmo endereço	23	41%
Indefinido	2	4%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Tabela – Status da moradia entre os casais que frequentaram o Curso de Noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016.

Status da moradia	Quantidade	Frequência
Própria	24	43%
Alugada	11	20%
Reside com parentes	3	5%
Indefinido	18	32%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

As respostas ao formulário mostraram ainda que após o casamento, mesmo tendo sido sensibilizados durante o curso de noivos a frequentar e contribuir com as ações paroquiais, mais da metade não frequenta a igreja ou se frequenta o faz esporadicamente.

Tabela – Frequência à igreja entre os casais que frequentaram o Curso de Noivos em Fátima entre maio de 2011 e novembro de 2016

Frequência à igreja	Quantidade	Frequência
Frequenta regularmente e contribui com as atividades da paróquia	20	36%
Vai à missa toda semana	1	2%
Mensalmente	20	36%
Não frequenta	13	23%
Indefinido	2	4%
Total	56	100%

Fonte: Formulário de avaliação

Em relação a avaliação do curso os dados fornecidos sugerem que o evento foi uma experiência agradável, uma vez que as atividades das quais participaram foram, comparativamente, positivamente mais bem avaliadas do que negativamente, na razão de 6 para 1. Também chamou a atenção a avaliação positiva do “Testemunho do Casal” e da palestra “Psicodinâmica do relacionamento amoroso”. A palestra denominada “Os aspectos biológicos do casamento”, por sua vez, concentrou as avaliações negativas.

Em relação a importância ou influência do curso no relacionamento dos casais após o casamento as respostas fornecidas demonstram que o curso de noivos é um evento “importante”, um “momento de preparação”, onde se tem a oportunidade de obter “conselhos” e “ensinamentos” por meio das “experiências repassadas” por casais que, opondo-se ao mito do “conto de fadas”, “conhecem a realidade do casamento”. O curso exerce ainda uma função de “alertar”, “esclarecer”, “elucidar” e “ajudar a refletir” sobre o casamento favorecendo o “amadurecimento”, o “fortalecimento”, o “aprendizado” e o aumento da “cumplicidade, intimidade e religiosidade” daqueles que se habilitam a este ritual. Com base nisso os respondentes afirmam que o curso foi responsável por ajuda-los a “saber como tratar” o parceiro ou a “se portar” diante dele, bem como a “superar” e a “dialogar” em “momentos de adversidade”, “complicações” e dificuldades”. Para os mesmos a virtude do curso de noivos é favorecer o estreitamento de laços entre os parceiros garantindo a manutenção do vínculo matrimonial por meio da valorização de atitudes como paciência, cumplicidade, respeito, humildade, compreensão, resiliência, abdicção mútua e responsabilidade.

Notou-se ainda que o “Testemunho do casal” foi apontado como a situação que mais chamou atenção dos respondentes, tendo sido citado 17 vezes nas respostas livres, seguido da exibição do vídeo (6 vezes), “entrega das rosas” ou “surpresa do noivo”, ocasião em que o casal fica a sós para avaliarem a relação (4 vezes). A disposição dos membros da pastoral (“voluntariado”) e as palestras sobre sexualidade e planejamento familiar também foram citadas, com a ressalva de um dos respondentes que se tivesse prestado mais atenção nesta última “talvez teria desistido do meu matrimônio que fracassou muito cedo”. Por outro lado, a falta de interação entre os noivos durante o curso – “deixada apenas

para o encerramento do curso” –, foi citada como uma situação que chamou a atenção negativamente para 2 (dois) respondentes.

Em relação ao contexto dos casamentos atuais, o Curso de Noivos é considerado um evento importante para a maioria dos respondentes. Dentre estes houve quem recomendasse sua obrigatoriedade por se tratar de uma oportunidade na qual os casais tem acesso a experiências que os ajudam a refletir sobre “o enfrentamento das dificuldades da vida matrimonial”, “o exercício da espiritualidade” e o “papel da família”, prevenindo-lhes de situações que são vistas como inevitáveis ao longo do relacionamento e que podem comprometer a harmonia do casal. Com isso procura-se argumentar que o curso é ou foi responsável por proporcionar “entendimento” e “compreensão” acerca das “responsabilidades” e/ou do significado do “compromisso” e da “decisão”/“escolha” em casar, retratando tanto a expectativa de melhoramento ou manutenção do vínculo como o reconhecimento de uma “comunidade cristã” responsável por oferecer apoio e orientar sobre o “significado cristão” ao casamento na atualidade. Alguns respondentes advertem, no entanto, que a forma do curso – três dias – é “insuficiente”, sugerindo que o mesmo seja mais longo, intenso e que houvesse “acompanhamento dos casais”, o que impediria, conforme exemplo dado por uma respondente, o afastamento da igreja e o término prematuro do casamento.

Em termos gerais, o quadro obtido com as informações fornecidas com a aplicação do formulário junto aos casais que frequentaram o curso entre 2011 e 2016 permite concluir que os mesmos se encontram majoritariamente casados, tendo mudado de endereço após o casamento e habitando em residência própria, sem predomínio entre quem teve ou não filhos. Ainda assim, entre os casais que tiveram filhos predominam aqueles que tiveram um único filho, tendo este nascido entre o primeiro e o segundo ano do casamento.

Quanto ao curso propriamente dito, os casais demonstram que o testemunho dos casais bem como a palestras sobre a “psicodinâmica das relações amorosas” foi a que mais lhes chamou atenção tendo favorecido sua avaliação positiva do evento. Isto, porém, não foi suficiente para integrar os casais às atividades religiosas que justificam a proposta da pastoral com a realização do curso, uma vez que pode ser constatada um baixo engajamento em pastorais ou frequência à igreja. Ainda assim, o Encontro de Preparação para a Vida

Matrimonial é considerado importante no contexto da preparação para o casamento religioso, pois assim como fornecem informações que dão sentido a ação que estão realizando, orientam os casais no uso de técnicas de convivência que garantem a manutenção do vínculo conjugal. Segundo os noivos, é por meio deste evento – por vezes a única oportunidade que terão ao longo da vida – que tomam conhecimento dos valores religiosos que cercam o relacionamento conjugal. O Encontro também permite aos sujeitos identificar nos testemunhos e experiências dos casais, bem como nas palestras temáticas, estratégias que os previnem e devem ser adotadas em situações de conflito, consideradas inevitáveis ao longo do casamento.

APÊNDICE C

FORMULÁRIO APLICADO DURANTE A PESQUISA

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: PRÁTICAS RITUAIS CONTEMPORÂNEAS EM CONTEXTOS DE SOCIALIZAÇÃO PRÉ-NUPCIAL

O objetivo com a aplicação deste formulário é reunir dados que permitam analisar o significado da prática do noivado na sociedade brasileira contemporânea. OBJETIVO GERAL: Compreender o significado cultural dos ritos pré-nupciais contemporâneos e os elementos simbólicos que estão presentes no processo de construção da identidade conjugal. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: (1) Identificar o perfil social dos casais; (2) analisar as motivações dos casais para noivar.

*Obrigatório

Ir para a pergunta 17.

1ª PARTE - PERFIL SOCIAL

1. 1. NOME COMPLETO

2. 2. IDADE

Marcar apenas uma oval.

- MENOS DE 15 ANOS
- 15-19 ANOS
- 20-24 ANOS
- 25-29 ANOS
- 30-34 ANOS
- 35-39 ANOS
- 40-44 ANOS
- 45-49 ANOS
- 50 ANOS OU MAIS

3. 3. SEXO

Marcar apenas uma oval.

- FEMININO
- MASCULINO

4. 4. LOCAL DE NASCIMENTO *

CIDADE, ESTADO/PROVÍNCIA, PAÍS

5. 5. ENDEREÇO

(QUANDO CONHECEU O PARCEIRO)

6. 6. ENDEREÇO ATUAL

SE FOR IGUAL AO ANTERIOR PASSE PARA O ITEM SEGUINTE

7. 7. ESTADO CIVIL

QUANDO CONHECEU O(A) PARCEIRO(A)
Marcar apenas uma oval.

- SOLTEIRO(A)
 CASADO(A)
 DIVORCIADO(A)
 VIÚVO(A)

8. 8. ESCOLARIDADE

QUANDO CONHECEU O(A) PARCEIRO(A)
Marcar apenas uma oval.

- SEM INSTRUÇÃO
 ENSINO FUNDAMENTAL
 ENSINO MÉDIO
 ENSINO SUPERIOR

9. 9. ESCOLARIDADE

QUANTO AO NÍVEL (QUANDO CONHECEU O PARCEIRO)
Marcar apenas uma oval.

- COMPLETO
 INCOMPLETO

10. 10. ESCOLARIDADE ATUAL

Marcar apenas uma oval.

- SEM INSTRUÇÃO
 ENSINO FUNDAMENTAL
 ENSINO MÉDIO
 ENSINO SUPERIOR

11. 11. ESCOLARIDADE ATUAL

QUANTO AO NÍVEL
Marcar apenas uma oval.

- COMPLETO
 INCOMPLETO

12. 12. PROFISSÃO

QUANDO CONHECEU O(A) PARCEIRO(A)

13. 13. PROFISSÃO ATUAL

SE FOR IGUAL AO ANTERIOR PASSE AO ITEM
SEGUINTE

14. 14. RENDA SALARIAL INDIVIDUAL *

EM REAIS
Marcar apenas uma oval.

- ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO
 DE 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
 DE 3 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS
 DE 5 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS
 MAIOR QUE 10 SALÁRIOS MÍNIMOS

15. 15. QUANTO A COR DA PELE VOCE SE AUTO-DECLARA:

Marcar apenas uma oval.

- BRANCO(A)
 AMARELO(A)
 PARDO(A)
 PRETO(A)

16. 16. QUANTO A COR DE SEU/SUA PARCEIRO(A), VOCÊ O(A) CONSIDERA

Marcar apenas uma oval.

- BRANCO(A)
 AMARELO(A)
 PARDO(A)
 PRETO(A)

2ª PARTE - PROCESSO DE RELACIONAMENTO**17. 17. COM QUE IDADE VOCE CONHECEU O(A) SEU/SUA PARCEIRO(A) ***

EM ANOS

18. 18. IDENTIFIQUE O LOCAL ONDE VOCÊS SE CONHECERAM

ATENÇÃO: POR CONHECER VOCÊ DEVE CONSIDERAR O MOMENTO EM QUE VOCÊS TROCARAM AS PRIMEIRAS PALAVRAS E SE APRESENTARAM OU FORAM APRESENTADOS UM AO OUTRO

19. 19. DESCREVA O CONTEXTO EM QUE SE DEU A INTERAÇÃO COM O(A) SEU/SUA PARCEIRO(A)

ATENÇÃO: POR CONTEXTO VOCÊ DEVE CONSIDERAR O MOMENTO PESSOAL DA SUA VIDA QUE FAVORECEU O ENVOLVIMENTO AFETIVO COM O(A) SEU/SUA PARCEIRO(A)

20. 20. QUANTO TEMPO APÓS SE CONHECEREM VOCÊ E SEU/SUA PARCEIRO(A) COMEÇARAM A FICAR

Marcar apenas uma oval.

- NO PRIMEIRO ENCONTRO
 MENOS DE 1 MÊS
 DE 1 A 6 MESES
 DE 6 MESES A 1 ANO
 DE 1 A 2 ANOS
 DE 3 A 5 ANOS
 MAIS DE 5 ANOS

21. 21. QUAL A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO QUE LEVOU VOCÊ A FICAR COM SEU/SUA PARCEIRO(A)

22. 22. QUANTO TEMPO APÓS ASSUMIREM QUE ESTAVAM FICANDO VOCÊ E SEU/SUA PARCEIRO(A) DECIDIRAM NAMORAR? *

Marcar apenas uma oval.

- MENOS DE 1 MÊS
- DE 1 A 6 MESES
- DE 6 MESES A 1 ANO
- DE 1 A 3 ANOS
- DE 3 A 5 ANOS
- MAIS DE 5 ANOS

23. 23. QUEM TOMOU A INICIATIVA DE NAMORAR?

Marcar apenas uma oval.

- EU
- O(A) PARCEIRO(A)
- AMBOS

24. 24. QUAL A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO QUE LEVOU VOCÊ A NAMORAR COM SEU/SUA PARCEIRO(A) *

25. 25. HOUVE TROCA DE ALIANÇAS OU ANÉIS DE COMPROMISSO NO PEDIDO DE NAMORO? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

26. 26. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, DE QUE TIPO DE MATERIAL ERA CONSTITUÍDO A ALIANÇA OU ANEL?

Marcar apenas uma oval.

- METAL
- PLÁSTICO
- ORGÂNICO
- Outro: _____

27. 27. O(A) PARCEIRO(A) FOI O(A) PRIMEIRO(A) NAMORADO(A)?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

28. **SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI NÃO, INFORME QUANTOS(AS) NAMORADOS(AS) VOCÊ JÁ TEVE?**

Marcar apenas uma oval.

- NENHUM(A)
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- MAIS DE 10

29. **DURANTE O NAMORO HOUVE PROMESSA DE NOIVADO? ***

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

30. **SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUEM FEZ A PROMESSA?**

Marcar apenas uma oval.

- EU
- O(A) PARCEIRO(A)
- OS PAIS OU PARENTES DOS NAMORADOS

31. **HOUE INFLUÊNCIA DOS PAIS OU PARENTES EM SUA ESCOLHA DO PARCEIRO PARA NAMORAR? ***

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO
- PARCIALMENTE

32. **QUANTO TEMPO APÓS O INÍCIO DO NAMORO O CASAL DECIDIU NOIVAR? ***

Marcar apenas uma oval.

- MENOS DE 1 MÊS
- DE 1 A 6 MESES
- DE 6 MESES A 1 ANO
- DE 1 A 2 ANOS
- DE 3 A 5 ANOS
- MAIS DE 5 ANOS

33. **QUEM TOMOU A INICIATIVA DE NOIVAR? ***

Marcar apenas uma oval.

- EU
- O(A) PARCEIRO(A)
- AMBOS

34. 34. QUAL A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO QUE LEVOU VOCÊ A NOIVAR COM SEU/SUA PARCEIRO(A)? *

35. 35. HOUVE FESTA DE NOIVADO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

36. 36. EM QUE LOCAL FOI REALIZADO O PEDIDO DE NOIVADO OU A FESTA DE NOIVADO?

37. 37. HOUVE PROMESSA DE CASAMENTO NO PEDIDO DE NOIVADO OU NA FESTA DE NOIVADO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

38. 38. SE A RESPOSTAS AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUEM FEZ A PROMESSA?

Marcar apenas uma oval.

- EU
 O(A) PARCEIRO(A)
 OS PAIS OU PARENTES

39. 39. NO NOIVADO HOUVE O PEDIDO DA MÃO DA NOIVA EM CASAMENTO? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

40. 40. HOUVE TROCA DE ALIANÇAS OU ENTREGA DE ANEL NO PEDIDO DE NOIVADO OU NA FESTA DE NOIVADO? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

41. 41. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, DE QUE TIPO DE MATERIAL ERA CONSTITUÍDO A ALIANÇA OU ANEL?

Marcar apenas uma oval.

- METAL
 PLÁSTICO
 ORGÂNICO
 Outro: _____

42. 42. HOUVE TROCA DE PRESENTE DE NOIVADO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

43. 43. HOUVE APROVAÇÃO DOS PAIS OU PARENTES SOBRE A DECISÃO DE NOIVAR

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO
 PARCIALMENTE
 NÃO FORAM CONSULTADOS

44. 44. O(A) PARCEIRO(A) FOI O(A) PRIMEIRO NOIVO(A)

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

45. 45. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI NÃO, INFORME QUANTOS(AS) NOIVOS(AS) VOCÊ JÁ TEVE?

Marcar apenas uma oval.

- 1
 2
 3
 4
 5 OU MAIS

46. 46. QUANTO À FREQUÊNCIA À RESIDÊNCIA DO(A) PARCEIRO(A) *

PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA

Marque todas que se aplicam.

- FREQUENTO A RESIDÊNCIA DO(A) PARCEIRO(A)
 O(A) PARCEIRO(A) FREQUENTA MINHA RESIDÊNCIA
 NÃO FREQUENTAMOS A RESIDÊNCIA UM DO OUTRO
 UM DOS PARCEIROS DORME NA RESIDÊNCIA DO OUTRO E OS PAIS OU PARENTES APROVAM PARCIAL OU INTEGRALMENTE
 UM DOS PARCEIROS DORME NA RESIDÊNCIA DO OUTRO E OS PAIS OU PARENTES DESAPROVAM INTEGRALMENTE

47. 47. VOCÊ E SEU PARCEIRO MANTÊM RELAÇÕES SEXUAIS?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

48. 48. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUANDO AS RELAÇÕES COMEÇARAM?

Marcar apenas uma oval.

- ANTES DO NAMORO
 APÓS O NAMORO
 APÓS O NOIVADO

49. 49. SE A RESPOSTA AO ITEM 47 FOI SIM, AS RELAÇÕES TIVERAM INÍCIO

ATENÇÃO: PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA
Marque todas que se aplicam.

- NA RESIDÊNCIA DO NOIVO
- NA RESIDÊNCIA DA NOIVA
- NA CASA DE AMIGOS OU CONHECIDOS
- EM LOCAIS PRIVADOS NÃO RESIDENCIAIS
- COM O CONSENTIMENTO DOS PAIS OU PARENTES
- SEM O CONSENTIMENTO DOS PAIS OU PARENTES

50. 50. SE A RESPOSTA AO ITEM 47 FOI NÃO, O CASAL NÃO MANTÉM RELAÇÕES SEXUAIS POR

Marque todas que se aplicam.

- RAZÕES PESSOAIS DO(A) PARCEIRO(A)
- RAZÕES FAMILIARES
- RAZÕES RELIGIOSAS

51. 51. HOUVE TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS (CARTA, E-MAIL, MENSAGENS, ETC.) AO LONGO DO RELACIONAMENTO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

52. 52. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊS TROCAM CORRESPONDÊNCIA?

Marcar apenas uma oval.

- DIARIAMENTE
- SEMANALMENTE
- MENSALMENTE
- ANUALMENTE

53. 53. SE A RESPOSTA AO ITEM 51 FOI SIM, VOCÊ CONSIDERA QUE A TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS

ATENÇÃO: PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA
Marque todas que se aplicam.

- TEM MAIS INICIATIVA MINHA
- TEM MAIS INICIATIVA DO(A) PARCEIRO(A)
- AMBOS TEM A INICIATIVA
- MANTEVE-SE ESTÁVEL AO LONGO DO RELACIONAMENTO
- DIMINUIU AO LONGO DO RELACIONAMENTO
- AUMENTOU AO LONGO DO RELACIONAMENTO
- MAIS REGULAR NO NAMORO
- MAIS REGULAR NO NOIVADO

3ª PARTE - RELIGIOSIDADE, NOIVADO E PLANEJAMENTO DO CASAMENTO

54. 54. QUANTO A RELIGIÃO VOCÊ SE AUTO DECLARA

Marcar apenas uma oval.

- SEM RELIGIÃO
- CRISTÃO CATÓLICO
- CRISTÃO EVANGÉLICO/PROTESTANTE
- Outro: _____

55. 55. QUANTO AO SEU ENVOLVIMENTO OU ENGAJAMENTO EM ATIVIDADES RELIGIOSAS OU ESPIRITUAIS VOCÊ SE CONSIDERA

ATENÇÃO: POR ATIVIDADES RELIGIOSAS OU ESPIRITUAIS VOCÊ DEVE ENTENDER A FREQUÊNCIA A TEMPLOS RELIGIOSOS, PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS RELIGIOSOS, MANIFESTAÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

Marcar apenas uma oval.

- NÃO PARTICIPATIVO
- POUCO PARTICIPATIVO
- PARTICIPO IRREGULARMENTE
- PARTICIPO REGULARMENTE MAS NÃO SOU ENGAJADO
- PARTICIPO REGULARMENTE E SOU ENGAJADO

56. 56. QUANTO A CELEBRAÇÃO DO CASAMENTO, O CASAL TEM PREFERÊNCIA PELA CERIMÔNIA

Marcar apenas uma oval.

- RELIGIOSA
- CIVIL
- POR AMBAS
- POR NENHUMA

57. 57. EM QUE CASAL VOCÊ SE ESPELHOU OU TOMOU COMO REFERÊNCIA PARA PENSAR EM SE CASAR *

Marcar apenas uma oval.

- NENHUM, É UMA ESCOLHA PESSOAL
- PAIS
- PARENTES ASCENDENTES (AVÓS, TIOS)
- PARENTES COLATERAIS (PRIMOS)
- AMIGOS OU CONHECIDOS
- CELEBRIDADES

58. 58. A DATA DO CASAMENTO JÁ FOI MARCADA?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

59. 59. O LOCAL DA CERIMÔNIA DE CASAMENTO JÁ FOI RESERVADO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

60. SE A RESPOSTA AO ITEM 58 FOI SIM, QUAL A MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DA DATA DE CASAMENTO?

Marcar apenas uma oval.

- DISPONIBILIDADE DA(O) IGREJA/CARTÓRIO
- ESCOLHA DO NOIVO
- ESCOLHA DA NOIVA
- ACORDO ENTRE O CASAL
- ESCOLHA DOS PAIS OU PARENTES
- SUGESTÃO DE AMIGOS OU CONHECIDOS
- SIMBOLISMO/TRADIÇÃO DA DATA

61. SE A RESPOSTA AO ITEM 59 FOI SIM, QUAL A MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DO LOCAL ONDE SERÁ REALIZADA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO?

Marque todas que se aplicam.

- DISPONIBILIDADE DA(O) IGREJA/CARTÓRIO
- ESCOLHA DO NOIVO
- ESCOLHA DA NOIVA
- ACORDO ENTRE O CASAL
- ESCOLHA DOS PAIS OU PARENTES
- PROXIMIDADE COM A RESIDÊNCIA DE UM DOS PARCEIROS
- SUGESTÃO DE AMIGOS OU CONHECIDOS
- SIMBOLISMO/TRADIÇÃO DO LOCAL
- VANTAGEM FINANCEIRA

62. VOCÊ CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR DO CURSO DE NOIVOS OU DO CURSO PREPARATÓRIO PARA O MATRIMÔNIO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

63. OS CURSOS DE NOIVOS ABORDAM TEMAS RELACIONADOS AO CASAMENTO E À VIDA CONJUGAL. VOCÊ ACHA QUE NOIVOS EM PROCESSO DE CASAMENTO PRECISAM PASSAR POR ESTE TIPO DE CURSO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

64. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUE TIPO DE ASSUNTO VOCÊ GOSTARIA DE DISCUTIR EM UM CURSO DE NOIVOS?

65. **SE SUA RESPOSTA AO ITEM 62 FOI NÃO, O QUE VOCÊ ACHA SOBRE A PROPOSTA DAS IGREJAS CRISTÃS EM REALIZAR CURSOS DE NOIVOS?**

66. **O CASAL ESCOLHEU PADRINHO E MADRINHAS DE CASAMENTO?**

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

67. **SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, O CASAL TEM PREFERÊNCIA POR PADRINHOS E MADRINHAS**

Marcar apenas uma oval.

- PERTENCENTES AO CÍRCULO SOCIAL DO CASAL (AMIGOS E CONHECIDOS)
 PERTENCENTES AO CÍRCULO FAMILIAR DO CASAL

68. **AS DESPESAS COM A CERIMÔNIA DE CASAMENTO FORAM/SERÃO/ESTÃO SOB A RESPONSABILIDADE DO(A) ***

ATENÇÃO: PODE MARCAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA

Marque todas que se aplicam.

- DO NOIVO
 DA NOIVA
 DE AMBOS
 FAMÍLIA DO NOIVO
 FAMÍLIA DA NOIVA
 AMIGOS E CONHECIDOS

69. **QUANTO A ORGANIZAÇÃO DA CERIMÔNIA DE CASAMENTO ***

Marcar apenas uma oval.

- O CASAL CELEBROU CONTRATO COM EMPRESA ESPECIALIZADA
 O CASAL DEIXOU A ORGANIZAÇÃO A CARGO DE PARENTES E/OU AMIGOS
 O NOIVO REALIZOU/REALIZARÁ POR CONTA PRÓPRIA
 A NOIVA REALIZOU/REALIZARÁ POR CONTA PRÓPRIA
 O CASAL ORGANIZOU/ORGANIZARÁ JUNTO

70. **O CASAL PRETENDE REALIZAR LUA-DE-MEL?**

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

71. 71. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUANTO AO PLANEJAMENTO E AS DESPESAS DA LUA-DE-MEL

Marcar apenas uma oval.

- O CASAL CELEBROU/CELEBRARÁ CONTRATO COM EMPRESA ESPECIALIZADA PARA A PRESTAÇÃO DO SERVIÇO
- O CASAL DEIXOU O PLANEJAMENTO E AS DESPESAS A CARGO DE PARENTES E/OU AMIGOS
- O PLANEJAMENTO E AS DESPESAS FICARÃO POR CONTA DO NOIVO
- O PLANEJAMENTO E AS DESPESAS FICARÃO POR CONTA DA NOIVA
- O PLANEJAMENTO E AS DESPESAS FICARÃO POR CONTA DO CASAL

72. 72. QUANTO A RESIDÊNCIA O CASAL

Marque todas que se aplicam.

- MORA EM RESIDÊNCIAS SEPARADAS
- MORA JUNTO

73. 73. CASO O CASAL MORE EM RESIDÊNCIAS SEPARADAS, APÓS O CASAMENTO O CASAL PRETENDE

Marcar apenas uma oval.

- CONTINUAR MORANDO EM RESIDÊNCIAS SEPARADAS
- MORAR EM RESIDÊNCIA PRÓPRIA
- MORAR EM RESIDÊNCIA ALUGADA
- MORAR NA RESIDÊNCIA DO NOIVO
- MORAR NA RESIDÊNCIA DA NOIVA
- MORAR NA RESIDÊNCIA DOS PAIS OU PARENTES DO NOIVO
- MORAR NA RESIDÊNCIA DOS PAIS OU PARENTES DA NOIVA

74. 74. O CASAL JÁ POSSUI FILHOS

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

75. 75. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI NÃO, O CASAL PLANEJA TER FILHOS

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

76. 76. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, QUE MOTIVAÇÃO LEVOU O CASAL A QUERER TER FILHOS? *

Marque todas que se aplicam.

- INTERESSE PESSOAL
- INTERESSE DO PARCEIRO
- INTERESSE DO CASAL
- EXPECTATIVA DOS PAIS OU PARENTES
- INFLUÊNCIA RELIGIOSA

77. 77. SE A RESPOSTA AO ITEM 74 FOI SIM, O CASAL PRETENDE PLANEJAR O NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

78. SE A RESPOSTA AO ITEM ANTERIOR FOI SIM, EM QUE MOMENTO O CASAL PRETENDE TER O PRIMEIRO FILHO?

ATENÇÃO: PODE SELECIONAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA

Marque todas que se aplicam.

- ANTES DO CASAMENTO
- APÓS O CASAMENTO
- ANTES DE HABITAR A MESMA RESIDÊNCIA
- APÓS HABITAR A MESMA RESIDÊNCIA
- ANTES DE CONSEGUIR EMPREGO
- APÓS CONSEGUIR EMPREGO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa cujo título é ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: PRÁTICAS RITUAIS CONTEMPORÂNEAS EM CONTEXTOS DE SOCIALIZAÇÃO PRÉ-NUPCIAL vem sendo coordenada pelo pesquisador Breno Rodrigo de Oliveira Alencar, devidamente habilitado pelo Edital 01/2014 do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará e pelo comitê de ética da Associação Brasileira de Antropologia, o qual é registrado com o n° 1874. A pesquisa em tela pretende contribuir para o estudo antropológico dos ritos que antecedem o noivado e as informações aqui declaradas serão exclusivamente utilizadas para fins acadêmicas estando vedada qualquer utilização por terceiros ou interesses escusos àqueles informado pelo pesquisador em sua abordagem e presentes neste Termo.

79. Declaro que sou participante voluntário(a) e concordo com as divulgações dos dados pelo pesquisador.

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

80. Autorizo que meu nome, as suas iniciais ou codinome seja divulgado nos resultados deste estudo em eventos, livros e/ou revista científica, comprometendo-se, o pesquisador, a utilizar as informações que prestarei somente para os propósitos da pesquisa. O pesquisador assegura que minha identidade será mantida sob o mais rigoroso sigilo profissional, sendo omitidas todas as informações pessoais que permitam identificar-me.

Marcar apenas uma oval.

- SIM
- NÃO

DADOS PARA CONTATO

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo ou quiser acompanhar o andamento da pesquisa, favor entrar em contato com Breno Rodrigo de Oliveira Alencar através dos telefones (91) 993639981/ (91) 981742301/ (91) 33470530 ou pelos e-mails breno.alencar@ifpa.edu.br ou bralencar@gmail.com

81. SE VOCÊ PRETENDE RECEBER INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA DEIXE SEU CONTATO TELEFÔNICO OU E-MAIL

APÊNDICE D

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE NOIVOS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial/Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, Teresina

O preenchimento deste formulário é voluntário. Por meio dele se pretende identificar a importância e influência das atividades do setor de matrimônio no seio da comunidade arquidiocesana se dirigindo especificamente aos noivos e noivas que participaram do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Curso de Noivos) da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Teresina, entre os anos de 2011 e 2017.

*Obrigatório

1. NOME *

2. 1. Você continua casado(a) com o mesmo cônjuge que participou com você do Curso de Noivos? *

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

3. 1.1 Se a resposta ao item for NÃO, quanto tempo após o casamento ocorreu a separação ou divórcio?

4. 2. Possui filho(s)?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

5. 2.1 Se a resposta ao item for SIM quantos filhos você possui?

Marcar apenas uma oval.

- 1
 2
 3
 MAIS DE 3

6. 2.2 Se a resposta ao item for SIM quanto tempo antes ou após o casamento nasceu o primeiro filho?

7. 3. Houve mudança de endereço após o casamento?

Marcar apenas uma oval.

- SIM
 NÃO

8. 3.1 Se a resposta ao item for SIM qual o atual endereço?

9. 3.2 Se a resposta ao item foi SIM qual o status da nova moradia?

Marcar apenas uma oval.

- ALUGADA
- PRÓPRIA
- RESIDE COM PARENTES/FAMILIARES

10. 4. Qual paróquia que você frequenta?

11. 5. Com qual regularidade você frequenta sua paróquia?

Marcar apenas uma oval.

- FREQUENTA REGULARMENTE E CONTRIBUI COM AS ATIVIDADES DA PARÓQUIA
- VAI À MISSA TODA SEMANA
- MENSALMENTE
- NÃO FREQUENTA

12. 6. Como você avalia a influência do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Curso de Noivos) em sua relação conjugal?

13. 7. Dentre as palestras que ocorreram no Encontro/Curso de Noivos qual ou quais mais lhe agradou/agradaram? (Pode escolher mais de uma)

Marque todas que se aplicam.

- SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO
- ASPECTOS JURÍDICOS DO CASAMENTO
- ASPECTOS BIOLÓGICOS DO CASAMENTO
- PSICODINÂMICA DAS RELAÇÕES CONJUGAIS
- PLANEJAMENTO FAMILIAR
- TESTEMUNHO DO CASAL

14. 8. Dentre as palestras que ocorreram no Encontro/Curso de Noivos qual ou quais mais lhe desagradou/desagradaram? (Pode escolher mais de uma)

Marque todas que se aplicam.

- SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO
- ASPECTOS JURÍDICOS DO CASAMENTO
- ASPECTOS BIOLÓGICOS DO CASAMENTO
- PSICODINÂMICA DAS RELAÇÕES CONJUGAIS
- PLANEJAMENTO FAMILIAR
- TESTEMUNHO DO CASAL

15. 9. Qual foi a situação do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Curso de Noivos) do qual você participou que mais chamou sua atenção?

16. 10. Como você avalia a importância do Encontro de Preparação para a Vida Matrimonial (Curso de Noivos) para os casamentos na atualidade?

ANEXOS

ANEXO A
 AVALIAÇÃO DE ASSIMILAÇÃO



PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE
 PASTORAL FAMILIAR
 EQUIPE DE ENCONTRO DE PREPARAÇÃO À VIDA MATRIMONIAL
 (E.E.P.V.M)

ENCONTRO Nº: 870^o

AVALIAÇÃO DE ASSIMILAÇÃO

(PREENCHER USANDO LETRA DE FORMA)

- 2ª Avaliação respondam o que entenderam dos 3 (três) últimos temas ouvidos:

5º) O Exercício da Sexualidade Humana:

A relação conjugal deve ser considerada
 como uma harmonia de um e outro
 conjugal, e não um ato de amor
 e não um casamento.

6º) Planejamento Familiar:

temos a opção de planejar a formação
 da nossa família, mas que além das
 questões físicas, isto é, físicas de Deus, mas
 também, valores que podemos usar de
 planejamento de uma família (como
 o lar) para planejar a criação de
 um filho, sempre de maneira, que não seja
 métodos abortivo.

7º) Ser Família no Mundo de Hoje:

A formação da família no
 mundo atual, está mudando em con-
 sequência a tempos modernos e que
 mudanças de valores e modernidades
 (tecnologias) mudam as estruturas familiares.

ANEXO B
SÍNTESE DAS AVALIAÇÕES

PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE
 CÍRCULO DOS NOIVOS
 ..10.^{as} PREPARAÇÃO AO MATRIMÔNIO
 DIA ..3. DE Fevereiro DE 1985
 LOCAL : CENTRO COMUNITÁRIO DA PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

CÍRCULO DE ESTUDOS
 PARTICIPANTES DO CÍRCULO

1º CASAL - Alfredo	:	e	Regina
2º CASAL - Adonias	:	e
3º CASAL - Benedito	:	e
4º CASAL - Bráulio	:	e
5º CASAL - Maria	:	e	Guacira
6º CASAL - Rosamundo	:	e	Rosário
7º CASAL -	:	e
8º CASAL -	:	e
9º CASAL -	:	e
10º CASAL -	:	e

ORIENTADORES DO CÍRCULO
 CASAL BARATA e MARGARIDA

COR () :: VERDE
 (X) :: AZUL
 () :: VERMELHO
 () :: ROSA

TEMPO MINUTOS

PERGUNTAS :

1ª) Considerando as dificuldades da vida moderna, quais as condições que consideram fundamentais para a chegada do primeiro filho?

2ª)

RESPOSTAS :

1ª) - Que o filho seja desejado
 - Que haja as condições mínimas socio-econômicas para a chegada da criança
 - Que haja condições favoráveis para a educação da criança atencioso com
 2ª) - nho e equilíbrio familiar

Modelo de Quadrante elaborado pela pastoral familiar da paróquia da Santíssima Trindade encontrado durante a pesquisa de campo



PARÓQUIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE
PASTORAL FAMILIAR – EEPVM

283ª PREPARAÇÃO AO MATRIMÔNIO

Local: Auditório do Ed. Monsenhor Geral Belém(Pa), 15 e 16/06/2013.

PÁROCO: Pe. Ronaldo Menezes Prç Barão do Rio Branco, N° 71 3242-4917
CASAL COORDENADOR: Gilson e Carla Rua João Balbi, N°138, Apt°801 3225-0989
Boa e Quintino 9 7752-3136

EQUIPE DE TRABALHO

SALA
Casal Apresentador César e Sandra Tv. Padre Eutiquio, N° 2596, Apt° 1101 3272-3151

BOA VONTADE
Membros Rodrigo Rua Riachuelo, 138 9162-6394

SECRETARIA
Membros André e Rosa Tv. São Francisco, N° 246 Apt° 601 3222-9126
Membros Aroldo e Aurea Rod. Augusto M. Negro, 5955, Cond Cid 3248-3428

PALESTRA
Membros Antônio e Simone Rua Senador Manoel Barata, 1254\302 3212-8182
Sérgio e Elodye Rua Gurupá, 376 3352-8244

LANCHE
Membros Alexandre e Marlene Rua João Balbi, 200, Apt. 202 3241-9657
Maria do Carmo Trav. Campos Sales, Pass. Fiúza, 26 3223-6485
Esmelinda Av. Alte. Tamandaré, N° 137 3223-7191
Francy Av. 16 de Novembro, N° 809 3222-9673
Danilo e Francy Rua dos Caripunas, 1849 3222-9904

MINI-MERCADO
Membros Marcelo e Alice Av. Conselheiro Furtado, 3539, apto 902 8121-9112

LITURGIA
Membros Gilson e Carla Rua João Balbi, N°138, Apt° 801 3225-0989

FINANÇAS
Componentes André e Rosa Tv. São Francisco, n°: 246, Apt°. 601 3222-9126

1

		<u>NOIVOS PARTICIPANTES</u>		
	Allan Tadeu Barros da Costa Lucileide da Silva Amorim	Trav. Vileta, casa 12, Vila SÃO José	92158789 94986777	X
	André Augusto Costa Seabra Ivy Patricia Ferreira Leal	Rua da Olaria, 62	88223364 88143919	X
	Antonio Carlos Amin de Moura Edileuza Maria Mesquita de Moura	Rua Presidente Perna, 168, apt. 601	81230486 81248003	X
	Bernardo Gomes de Souza de Tommaso Thielly Cristiann C. de Andrade	Av. Augusto Montenegro, Cond. Vila Laguna	80868773 81167898	
	Bernardo Altieri Anglada de Oliveira Ludmyla Cunha Nascimento	Rua João Balbi, 1219	84142525 82337875	
	Fábio Maia Oliveira Melissa de Fátima de M Teixeira	Rua Prof. Amaro, 145-C	88346662 88711043	X
	Feliciano Marques Filho Luiza Monteiro e Souza	Rua Benal do Coufo, 1045, apt. 404 bl. B,	83381118 83381117	X
	Filipe Alves Sanches Célia Fernanda Trindade Lima	Rua Açores, Conj. Tapajós, casa 43	83008469 81217875	X
	Iunes Jaime Sousa Mariah Barbosa Furtado Belém	Av. Gov. José Malcher, 1970, casa 12,	92033942 80900841	X
	Leonardo Riodades Daher Santos Paola Cals de Albuquerque	Trav. Rui Barbosa, 656, apt. 802	82004400 88772887	X